

Amicus in ...

Tom ...

MEMORIAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

PRIMEIRA CLASSE

DE

SCIENCIAS MATHEMATICAS, PHYSICAS E NATURAES.

§. 1051. D. 18.

MEMORIAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

CLASSE DE SCIENCIAS MATHEMATICAS, PHYSICAS E NATURAES.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

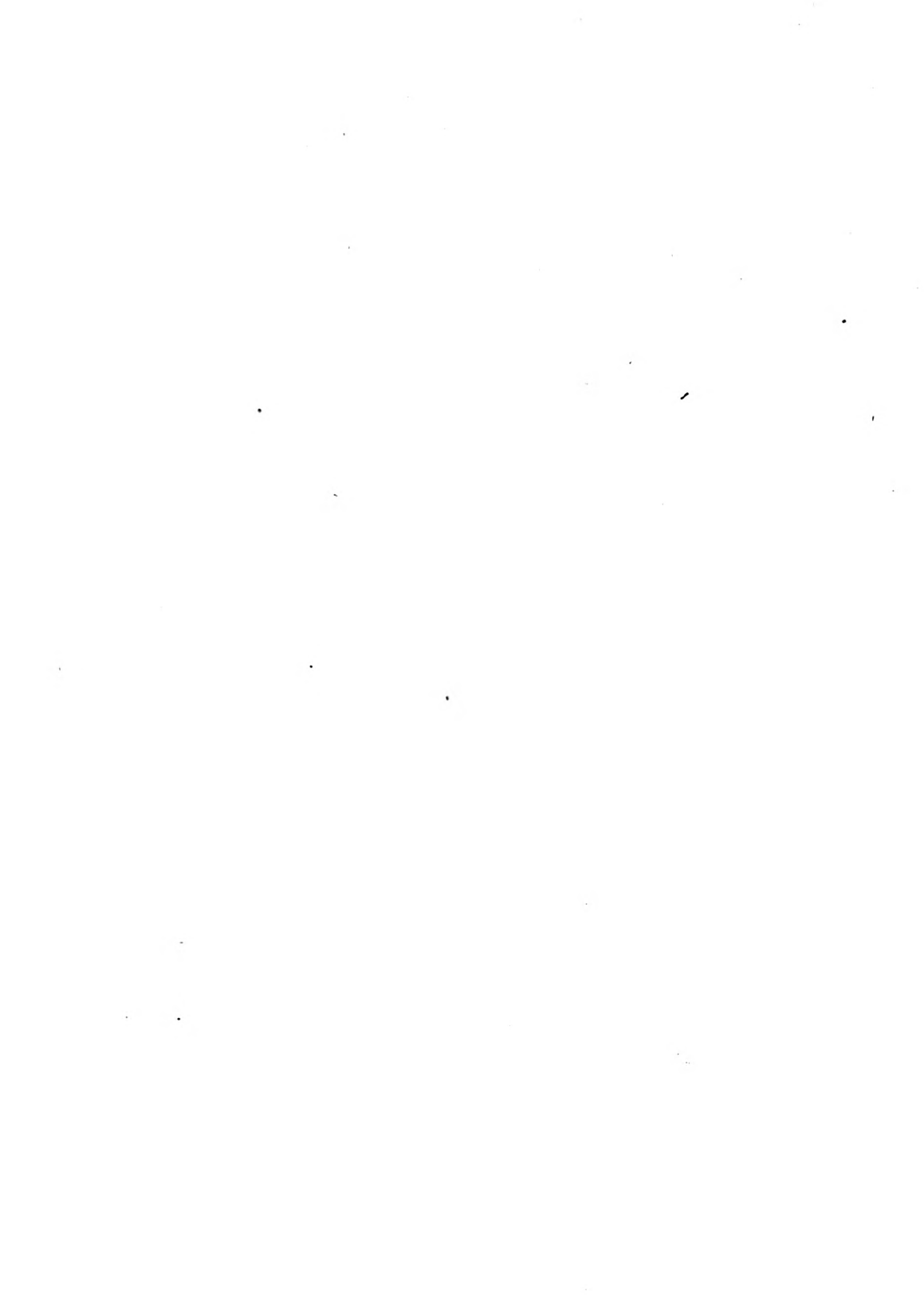
NOVA SERIE — TOMO II. PARTE I.



LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA

1857



ELOGIO HISTORICO
DO SOCIO EFFECTIVO
LUIZ DA SILVA MOUSINHO D'ALBUQUERQUE
RECITADO NA SESSÃO PUBLICA
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
EM 19 DE NOVEMBRO DE 1856
PELO SOCIO EFFECTIVO
JULIO MAXIMO D'OLIVEIRA PIMENTEL.

SENHORES.

A biographia dos homens de sciencia, que viveram em tempos normaes, em que o interior dos Estados se conserva pacífico, quasi que se limita á narrativa dos progressos da sua educação durante a juventude, e á dos serviços feitos á sciencia e á humanidade pelos seus trabalhos e com os seus descobrimentos, durante o periodo mais ou menos longo da sua existencia productiva. Mas a biographia do sabio que viveu e floresceu no meio das perturbações politicas, como aquellas de que, ha mais de meio seculo, temos sido testemunhas, e que nellas tomou parte activa, tem campo mais variado, horisonte mais largo, relações mais complexas, e é por isso mais difficil de tratar.

Se muitas vezes a diversidade de opiniões em pura materia de

sciencia suscita rivalidades que influem poderosamente no juizo que formamos dos sabios, que será quando as paixões politicas, quasi sempre facciosas, interesseiras, mesquinhas e turbulentas, vem perturbar a atmospheria a través da qual temos de observar os caracteres dos homens eminentes, que pela sua posição, pelo seu talento e saber influiram nos negocios publicos?

Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque (cujo elogio me incumbistes) foi um dos ornamentos d'esta Academia, que passou a existencia entre a cultura das sciencias e das letras, os cuidados da vida domestica, os perigos da guerra, e os trabalhos arduos e ingratos do homem de Estado n'uma epocha de completa revolução. Apostolo e martyr da grande transformação politica, que em nossos dias se effectuou, largamente concorreu com a espada e com o talento para a conquista da liberdade; mas, collocado pelas idéas e sentimentos entre os extremos do partido constitucional, as suas grandes qualidades civicas foram muitas vezes mal apreciadas: como ao grande Albuquerque ser-lhe-ia permittido dizer em muitas circumstancias da sua vida publica = *mal com o Rei por causa dos homens; mal com os homens por causa do Rei.* =

Tão prêso andou, em grande parte da sua existencia, com os acontecimentos da sua epocha, que será difficil traçar o quadro da sua vida, sem que as côres da politica transpareçam n'uma ou n'outra parte da sua biographia.

Comtudo, não pertendo tecer aqui o elogio do homem de Estado, que me não encarregastes d'essa missão, nem era eu por certo o competente para trabalho de tal natureza: é do homem de sciencia, do Academico illustre que me cumpre falar-vos. A quem, no futuro, escrever a historia politica da nossa revolução, compete desenhlar o vulto notavel de Mousinho d'Albuquerque nas diversas posições que occupou nos altos cargos do Estado, no parlamento, na administração publica, e no exercito durante as nossas deploraveis luctas civis. Falar-vos-hei principalmente do poeta, do chymico, do professor, do engenheiro, do agricultor, e finalmente do homem de intelligencia e de coração, que amou a Deus e a verdade, a sua familia e a sua patria, á qual sacrificou o repouso, a felicidade e a vida, como verdadeiro cidadão que era, e esforçado cavalleiro de antiga tempera.

Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque nasceu no dia 16 de Junho de 1792 em Lisboa na casa da Cruz de Santa Helena, que era a da sua familia. Foram seus paes João Pedro Mousinho d'Albuquerque e D. Luiza da Silva Gothieres e Atayde, oriundos ambos de familias nobres e antigas d'este reino. Seu pae tinha seguido a carreira illustre da magistratura, e falleceu aposentado no Desembargo do Paço. Magistrado integro e honesto, morreu pobre, como se (por uma condição inexplicavel da nossa organização social) os homens que julgam com probidade e justiça da fazenda alheia, a não devessem ter propria.

Luiz Mousinho foi de tenra idade destinado a servir na ordem militar de S. João de Jerusalem, á qual a familia de sua mãe havia dado muitos cavalleiros illustres. Mais tarde abandonou o instituto desta ordem, quando, com o crescer dos annos, reconheceram que a sua vocação o chamava para outros destinos. Homem, que nascêra ao despontar da grande revolução Europea, que devia transformar, regenerando-a, a ordem social do mundo, não podia de boa fé entrar no gremio de uma velha instituição, que era uma anomalia no presente seculo, existindo apenas pelas suas gloriosas recordações, depois de haver cumprido a grande missão de reconquistar, pela espada e pela oração, para a fé de Christo, as terras e os povos que o alfange musulmano lhe havia roubado.

Desde os seus mais verdes annos começou Luiz Mousinho a dar provas de talento superior e de character probo. Applicado e assiduo nos seus estudos, puro e innocente nos seus costumes, alegre e jovial no seu trato, por momentos arrebatado e impetuoso, como acontece aos jovens de coração generoso e de imaginação impressionavel, captivava irresistivelmente o interesse de todos os que o conheciã e com elle tratavam. Cedo mostrou inclinação para a poesia, gosto pelas artes do desenho e talento para as sciencias physicas e naturaes. Creança ainda, compunha idyllios e outros breves poemas que faziam já as delicias dos seus parentes: aos 14 annos fez uma traducção em verso da *Andromaca* de Racine, e escreveu uma comedia em prosa. Revelava tendencia irresistivel para o estudo da philosophia natural pela preferencia que dava á leitura dos livros d'aquella sciencia, e pelo gosto e cuidado com que se entretinha em formar collecções de insectos, de mineraes, e de productos chymicos. Os poucos meios de que podiam dispor seus paes para a sua educação não lhe permittiram acce-

lerar a sua instrução, aproveitando a disposição natural do seu talento, e por isso até aos 16 annos não teve curso regular de estudos além das primeiras letras, da grammatica latina, da lingua franceza e dos primeiros rudimentos da philosophia racional.

Mas era já tempo de escolher uma profissão em que fosse util á republica. Quiz entrar no serviço da marinha real, carreira a mais seductora para os jovens de verdadeira coragem e de imaginação poetica, porque a vida do mar é aventureosa, e o marinheiro, na sua larga peregrinação sobre o Oceano, tem sempre por cima da cabeça a immensidade dos céos, por debaixo dos pés o abysmo, e em torno de si as tormentas; e, cercado de todo este grandioso espectáculo da natureza, parece caminhar impavido, correndo no espaço infinito em procura do que ainda é desconhecido aos outros homens. Nada estimula tanto os espiritos arrojados como o desejo de novos descobrimentos, quer seja no mundo physico, quer seja na ordem moral, e é aos navegantes audaciosos que a fortuna patenteia com maior generosidade o inexgotavel thesouro dos mundos desconhecidos.

Encontrou porém Luiz Mousinho difficuldades na realisação do seu intento, mas para della se aproximar assentou praça na Brigada de Marinha onde foi reconhecido cadete.

Principiou os seus estudos mathematicos em 1809 na Academia Real da Marinha. Estava então este estabelecimento scientifico em todo o vigor de uma verdadeira escola; porque os poucos professores que a compunham se distinguiam pelo seu verdadeiro saber, e pela independencia que só pode dar a convicção do merecimento real e a consciencia do rigoroso cumprimento dos sagrados deveres que impõe uma das mais civilisadoras e elevadas missões da sociedade, a de educar os homens que tem de servir e sustentar o Estado. Basta citar os nomes de Villela Barbosa, Travassos, Margioeli, Torriani e Valente do Couto, todos membros desta nossa Academia, para reconhecer quanto era digna de respeito a instituição em que elles eram professores. A historia da Academia de Marinha prova bem claramente que não são as tradições de antiga data, que não são as leis nem os minuciosos regulamentos que fazem as escolas respeitaveis, mas sim o talento, a consciencia, e a boa vontade dos homens, a cujo saber se commette o ensino. Naquelle escola Luiz Mousinho foi sempre premiado, porque a cursou com grande distincção. Praticou tambem no Observatorio Real de Marinha, e em 1813 foi despachado partidista do mesmo estabelecimento; e neste logar serviu até 1814.

Em quanto frequentou a Academia de Marinha e serviu no Ob-

servatorio, mostrou sempre a mais seria applicação aos estudos, a mais rigorosa observancia no cumprimento dos seus deveres, aquelle amor do trabalho nunca ao depois desmentido em toda a sua agitada e tormentosa carreira publica, e aquella honestidade e singeleza de costumes, aquella sobriedade tão pasmosa, com que ao depois soube triumphar dos passos mais difficeis da sua vida, sem deslizar um só momento no caminho da honra. Parecia que Mousinho de Albuquerque modelava o seu character e os seus habitos pelos da antiga Sparta. Os que lhe não eram affeiçãoados diziam que por mero orgulho elle affectava de lacedemonio; mas os que de perto o conheciam e entravam no seu trato familiar faziam inteira justiça á pureza dos seus costumes, á nobreza dos seus sentimentos, e á probidade do seu proceder.

O joven spartiata, o moço estudioso e abstinente, que desconhecia ou desprezava os commodos e confortos da vida elegante, não era destituido das qualidades de coração, nem era indifferente aos gozos que derivam do sentimento e dos intimos affectos. Sua prima D. Anna Mascarenhas de Atayde soube inspirar-lhe uma dessas affeições verdadeiras e profundas de que são susceptiveis só os homens de coração e de intelligencia; de coração porque amam, de intelligencia porque apreciam; affeições, que duram a vida inteira, e com as quaes o Creador recompensa a virtude e a probidade, para as indemnizar das injustiças com que, de ordinario, a sociedade paga aos que melhor a servem. Luiz Mousinho escolheu aquella virtuosa senhora para companheira da sua vida, mas como a sorte lhe houvesse negado os cabedaes indispensaveis para sustentar uma familia, tentou creal-os pelo trabalho: era-lhe necessario adquirir uma pequena e modesta fortuna, que o tornasse independente e lhe proporcionasse os meios de effectuar o seu consorcio. A sua indole, as suas inclinações singelas e poeticas determinaram nelle a escolha desses meios. Viu na terra a mãe generosa dos homens, lançou as suas vistas para o campo e decidiu-se pela agricultura. Do projecto á execução não medeou largo espaço: tentou logo, de concerto com um amigo seu, uma pequena exploração agricola nas proximidades de Santarem. Entregou-se inteiramente ao estudo e praticas da agricultura; passava os dias nos trabalhos do campo, e as noites na cultura do espirito. Foi nessa epocha que elle, entre outras obras poeticas de menos vulto, delineou os primeiros traços do seu poema das Georgicas.

Passou depois á provincia da Beira com o intuito de emprender lavoura mais importante. Uns parentes seus, Tudelas de Castilho, que residiam na villa do Fundão, levados de intima sympathia

pelo seu caracter e qualidades, prestaram-lhe valioso auxilio, e por sua intervenção poude realisar o mais vivo empenho do seu coração, o casamento com sua prima, que veio a effectuar-se em Lisboa aos 14 de Outubro de 1816. Voltou depois para o Fundão com sua mulher, e ali viven até 1820, entregue á felicidade domestica e ao estudo das bellas lettras e das sciencias.

Neste periodo compoz varios poemas, e entre elles uma tragedia intitulada *o Duque de Coimbra*. Terminou e deu o ultimo polimento ás *Georgicas Portuguezas*, que offereceu aos Redactores do celebre jornal portuguez = *Os Annaes das Sciencias e das Artes* = que então se publicava em Paris, e que foi incontestavelmente uma das mais brillhantes e uteis publicações periodicas que tem honrado a imprensa portugueza.

As *Georgicas Portuguezas*, poema do genero didatico o mais perfeito e completo, modeladas sobre as immortaes *Georgicas* de Virgilio, mais ricas de preceitos do que as latinas, não são menos brillhantes do que ellas pela riqueza e variedade das descrições, pelo esmaltado das côres, pela harmonia suave do estylo, pela vivacidade das imagens e pelo respeito da verdade. As *Georgicas Portuguezas* são ao mesmo tempo um poema e um tratado de agricultura. Não me compete a mim, pouco versado na analyse das obras litterarias, fazer neste lugar a critica do primeiro poema de Mousinho d'Albuquerque: talvez que entre as suas innumeraveis bellezas se possam encontrar alguns defeitos ou leves incorrecções, que até podem ser estranhas ao auctor, longe de quem se fez a impressão; mas para mim são as *Georgicas Portuguezas* um livro precioso, porque fazem amar a singeleza da vida campestre, ennobrecem o trabalho rural, e convidam o agricultor a aperleioar a sua arte. ¿Não seria muito util que as *Georgicas* fossem lidas em todas as nossas escolas de instrucção primaria?

Era em 1820 um dos mais distinctos colaboradores dos *Annaes das Sciencias e Artes* o Desembargador José Diogo de Mascarenhas Neto, tio e sogro do nosso consocio, que um pungente desgosto e uma atrocidade politica haviam exilado da sua patria, e que longe della, em terra estranha, a tinha sempre presente, e empregava todos os seus esforços para a illustrar, lançando sobre o solo deste paiz, ainda tão inculto, as preciosas sementes dos conhecimentos uteis. Não podia este distincto escriptor deixar de conhecer o talento e disposições naturaes do author das *Georgicas*: viu nelle um excellente auxiliar para a empreza, em que estava empenhado, e por isso o convidou pa-

ra ir a Paris coadjuval-o na redacção dos *Annaes*. Luiz Mousinho accitou gostoso este convite.

Paris é, desde longo tempo, o centro da illustração do mundo, a moderna Athenas, onde vão reunir-se, e se vivificam todas as forças productivas que geram as mais espantosas creações da intelligencia, e d'onde se espalham sobre todos os pontos do globo torrentes de luz, de sciencia e de gosto. Cidade maravilhosa, onde se criam os prodigios do genio, onde se geram as mais brilhantes riquezas do entendimento, ao passo que nella se dissipam em frivolos prazeres as fortunas accumuladas pelo trabalho de muitas gerações. Cidade das sciencias, das artes, da industria, da elegancia e dos prazeres, todos a desejam conhecer. Luiz Mousinho, ainda moço, cheio de talento e de entusiasmo pelo progresso das sciencias, não podia deixar de aproveitar a oportuna occasião que se lhe offerencia de visitar Paris; não o Paris elegante e dissipado, mas o Paris estudioso, a escola mais activa do saber humano.

Deu-se ali inteiramente ao estudo da physica e da chymica, frequentando os laboratorios e os cursos publicos, que daquellas sciencias faziam os homens mais eminentes. Estudou particularmente a chymica no laboratorio do illustre Vauqlin com o seu preparador Mr. Dubois, e em pouco tempo lhe poudo prestar valioso auxilio nos mais delicados trabalhos, que se faziam no laboratorio do Jardim das Plantas; e tal era a sua aptidão que Mr. Dubois o encarregava muitas vezes de leccionar os seus proprios alumnos, havendo-se elle nesse encargo com grande mestria e consumada habilidade. Offereceu por esse tempo ao Instituto de França um quadro, em que se representavam as acções reciprocas das diversas combinações inorganicas, uma verdadeira taboa synoptica de reacções, cujo uso é tão commodo para os que principiam a estudar e praticar a analyse. Este trabalho mereceu a honra de um relatorio apresentado por Chaptal e Gay-Lussac, cujas conclusões foram adoptadas pelo Instituto, sendo o author convidado a continual-o.

Em quanto se entregava, com tão bom resultado, aos trabalhos da chymica, não deixava por outro lado de ser um dos mais activos colaboradores dos *Annaes das Sciencias*, cujos volumes enriqueceu com varias memorias e artigos de grande interesse, principalmente para a agricultura portugueza.

No tomo XI d'aquella preciosa collecção encontra-se um notavel e bem elaborado artigo sobre a conveniencia e vantagens do estabelecimento das sociedades agricolas em Portugal.

Para diffundir os conhecimentos praticos , para estimular os investigadores progressistas em qualquer ramo de industria, para esclarecer todas as questões que se ligam com o trabalho dos povos, as discussões pela imprensa, as grandes exposições de productos, e, mais que tudo, a leitura das noticias e os debates no seio das sociedades especiaes, são indubitavelmente os meios mais poderosos e proficuos. Pelo contrario, nada é mais prejudicial ao progresso de qualquer arte ou sciencia do que o isolamento desconfiado, e a separação temerosa de toda a communicação.

O nosso consocio propõe, no artigo a que me refiro, a criação das sociedades agricolas como um dos meios mais efficazes e poderosos para instruir os nossos lavradores, para vulgarisar os bons systemas de agricultura, para generalisar os melhores processos, e fazer conhecidos de todos os aperfeiçoamentos e descobertas que, nos paizes mais adiantados na sciencia e pratica agraria, teem produzido resultados incontestaveis. Este artigo é cheio de idéas eminentemente praticas, e a sua leitura revela-nos um espirito observador, um homeni sabido nas praticas do campo, e que, tendo vivido e trabalhado entre os nossos lavradores, poude por si mesmo avaliar, com justa medida, os inconvenientes de muitos processos viciosos da velha rotina. Se neste artigo não ha originalidade e invenção, ha todavia demonstração clara das proposições, verdade na citação dos exemplos, intelligencia nas observações, e, em tudo e mais que tudo, amor da patria.

No mesmo volume inseriu o nosso consocio outro artigo sobre a importancia da escripturação rural, no qual fixa com clareza e precisão as principaes bases, em que deve assentar a contabilidade agricola para ser rigorosa, mostrando, ao mesmo tempo, como esta se prende, em intima ligação, com a estatistica, e os serviços que, debaixo deste ponto de vista, deve prestar á sociedade. É da exacta escripturação rural, que ha de sahir um dia a verdadeira estatistica da nossa producção agricola. Ha mais de trinta annos que Luiz Mousinho publicou este artigo, e ainda hoje a grande maioria dos nossos lavradores desconhece a importancia e a necessidade de adoptar um bom systema de escripturação rural que lhe forneça a relação exacta entre o trabalho e o rendimento. Custa na verdade a acreditar que as idéas mais elementares da economia encontrem tanta resistencia, e tão grande negligencia da parte d'aquelles cujo principal interesse os devia instigar á sua adopção e rigorosa observancia.

No tomo XII dos Annaes começou o nosso consocio a publicação

de uma memoria, ou, para melhor dizer, de um tratado sobre os adubos, e este importante trabalho, inteiramente dirigido ao aperfeiçoamento da agricultura, continúa nos tomos XIV e XV, completando-se no XVI com uma memoria especial sobre os afolhamentos e rotação das culturas.

Em agricultura nenhuma questão é mais importante que a dos adubos. *Sans fumier il n'y á pas de recolte* = diz Chaptal; e o auctor das Georgicas portuguezas, que não podia deixar de se compenetrar desta verdade, tratou-a tão magistralmente como ella se podia tratar na epocha em que elle escreveu. Chymico, e discipulo da escola mais progressista desse tempo, considerava já a agricultura simultaneamente uma arte e uma sciencia. Era forte e decisiva no seu espirito a convicção de que a agricultura, como sciencia, devia comprehender o conhecimento de todas as condições necessarias para a alimentação dos vegetaes e o da origem dos seus elementos constituintes. O principio immutavel e de eterna verdade, a que está sujeito o mundo physico desde os primeiros dias da creação, e que se resume nestas palavras memoraveis = *do nada nada se faz* = estava sempre presente ao seu entendimento, e é deste principio que derivam todos os excellentes preceitos consignados no seu bello tratado sobre os adubos.

Na exposição da doutrina seguiu o methodo mais natural, logico e concludente, considerando esta questão como um problema puramente chymico.

Fôra a chymica quem ensinára á agricultura a razão por que o solo mais fecundo se esterilisa com as colheitas successivamente repetidas da mesina planta, e como por meio dos adubos apropriados se pôde restituir ao solo exhausto a sua primitiva fertilidade: fôra a analyse comparada do solo e das plantas a que revelára estas verdades á chymica. Em 1821, epocha em que se imprimiu a primeira parte do trabalho do nosso consocio, muito poucos agricultores conheciam a necessidade de comparar a composição chymica das plantas com a do solo que as ha de produzir, para se guiarem no amanho das suas terras; hoje só os ignorantes, (que são infelizmente ainda muito numerosos) desconhecem estas verdades elementares. Davy em Inglaterra, Chaptal em França, ambos elles chymicos insignes, eram quasi os unicos que haviam indicado o verdadeiro caminho que devia conduzir a agricultura á resolução facil e racional do importante problema da conservação permanente da fertilidade do solo. Os preceitos empyricos dos antigos, as praticas mais ou menos aperfeiçoadas, que os melhores agricultores seguiam, se eram vantajosas para certas e determinadas lo-

calidades, não se podiam com segurança generalisar, porque se ignoravam as causas dos seus effeitos. No trabalho do nosso consocio a demonstração destas causas, ainda que rapida, e porisso menos completa, precede toda a outra exposição de doutrina.

Sendo a primeira necessidade do agricultor o conhecimento da composição da planta e do solo, é necessario habilital-o com os meios de analyse mais promptos e facéis para adquirir aquelle conhecimento. É pela exposição dos processos de analyse que o nosso consocio começa verdadeiramente a serie das suas memorias. Seguem-se depois os estudos especiaes sobre os diversos adubos vegetaes, animaes e mineraes, e sobre os methodos de os empregar nas diversas circumstancias e condições do solo e da cultura.

A sua memoria sobre os afolhamentos ou rotação das culturas, com a qual termina e completa o interessante trabalho, de que vos tenho occupado, é o desenvolvimento d'aquelle fecundo principio, que já os antigos agronomos conheciam por observação e experiencia, mas cuja pratica não era geralmente seguida pelos lavradores, e que Virgilio havia resumido nestes dois notaveis e elegantes versos

*Mutatis quoque requiescunt fructibus arva
Nec nulla interea est inaratae gratia terræ.*

A sciencia moderna restaurou este principio, demonstrando a razão da sua verdade, e a agricultura progressiva dos povos mais adiantados na civilisação, principalmente a agricultura ingleza, tem-o adoptado e fecundado com prospero resultado. É á adopção racional deste principio que a Escocia deve principalmente a sua actual prosperidade agricola. A grande maioria dos nossos lavradores parece ainda desconhecê-lo ou desprezal-o, e continúa as praticas viciosas dos tempos primitivos. Não posso resistir á tentação de vos citar aqui alguns trechos da memoria do nosso consocio, em que elle lastima o estado da nossa lavoura debaixo deste ponto de vista.

» Que objecto mais triste (diz elle) do que ver um paiz que carece de importar generos para o seu consumo ordinario, coberto de charnecas, de maninhos e de baldios, raro em bosques, escasso em prados, e pobre em terras destinadas ao cultivo dos cereaes, e, por cumulo de desgraça, destas mesmas terras em effectiva cultura observar, ao menos, dois terços abandonados sem producção, ou dando um insignificante producto, com o pretexto de um descanso tão prejudicial á massa das produções, como inutil ao terreno que delle goza. »

» Este mal é tão geral e tão profundamente arreigado, e susten-
 » tado em certas localidades por leis tão viciosas e oppressivas, nasci-
 » das nos seculos da ignorancia, e perpetuadas pelo desleixo e interes-
 » ses privados, que assás conhecemos ser bem fraca a força dos nossos
 » escriptos para poder desarreigal-o.»

Dez annos depois que Mousinho d'Albuquerque soltava estes a-
 margos queixumes, outro Mousinho traçava com singular audacia e
 desassombro os notaveis decretos que haviam de realisar em grande
 parte a liberdade da terra, pela qual o primeiro suspirava. Mas a li-
 berdade da terra não é tudo; a felicidade de um povo e a sua pros-
 peridade dependem mais da sua educação do que das instituições po-
 liticas que o regem.

Escriptos, como aquelles que Luiz Mousinho publicou nos *An-
 nacs das Sciencias e das Artes*, são eminentemente proprios para e-
 ducar e instruir o povo, mas é necessario que o povo saiba e queira
 ler; — e que teem feito os governos, e que temos nós feito para ins-
 truir e educar o povo? A exiguidade dos resultados obtidos mostra
 bem claramente que nem os esforços teem sido consideraveis, nem a
 sua direcção a mais conveniente.

No XII volume da citada collecção tambem se encontra uma
 breve mas clara noticia sobre a applicação do vapor da agua ao aque-
 cimento, e sobre as vantagens que della podem tirar as artes indus-
 triaes e a economia domestica. Black, Watt e principalmente Rum-
 ford tinham demonstrado que a agua, passando do estado de liquido
 ao de vapor, adquire cinco vezes e meia tanto calorico como aquel-
 le que é necessario para elevar a temperatura do mesmo pêso de a-
 gua liquida de 0° a 100°, isto é, á temperatura da sua ebulição, e
 que, por consequinte, o calorico emittido por um certo e determina-
 do pêso de vapor, no acto da sua condensação, é sufficiente para fa-
 zer ferver um pêso de agua cinco vezes e meia superior ao seu, ain-
 da que esta agua esteja a zero. A sciencia tinha conquistado esta ver-
 dade, mas em 1821 a industria não havia ainda tirado della um gran-
 de partido, apezar da simplicidade e economia da applicação. No nos-
 so paiz nenhuma fabrica o utilisava, e Luiz Mousinho já então o re-
 commendava principalmente aos fabricantes da Covilhã.

No mesino volume se encontra a preciosa analyse de uma me-
 moria do general Van den Bosch, traduzida pelo barão de Keverberg,
 sobre a colonia de Frederik-oord, e sobre os meios de prover ás ne-
 cessidades dos indigentes pelo arroteamento das terras incultas. O nos-
 so consocio não desprezava nenhuma questão que podesse interessar o

aperfeiçoamento social e a felicidade do povo. Este trabalho é cheio de acertadas reflexões, e hoje que a questão do pauperismo começa a inquietar seriamente os homens de estado e de sciencia, merece elle ser lido e meditado.

Nos tomos XIV e XV inseriu tambem o nosso consocio um trabalho sobre a theoria da electricidade e suas applicações, não só á explicação dos phenomenos naturaes, mas tambem á construcção das maquinas eapparelhos electricos. Este escripto é o resumo do que n'aquelle tempo se conhecia de maior importancia neste ramo da physica dos imponderaveis; mas a sciencia da electricidade tem feito taes progressos em nossos dias, que hoje só aos trabalhos originaes dos homens, que crearam e adiantaram a sciencia, se dá algum valor, sem com isto querermos escurecer o merito dos que concorreram unicamente para a sua propagação como escriptores ou professores.

Muitas outras noticias e artigos sobre objectos de sciencia se encontram na mesma colleção, todos elles caracterisados pelo intuito pratico do nosso consocio, que tinha sempre em vista ser util á sua terra, diffundindo e amenizando a instrucção.

De Paris escreveu elle ainda uma carta ao corpo legislativo de Portugal sobre a ipstrucção publica. Esta carta foi impressa n'aquella cidade em 1823 com o titulo de = *Idéas sobre o estabelecimento da instrucção publica.*

O pensamento dominante neste escripto é amplamente liberal, e a reforma que n'elle se propõe é completamente radical, e abrange todo o systema do ensino publico.

Eis-aqui algumas phrases das que elle dirige, na sua dedicatória, ao corpo legislativo = » Não espereis, senhores, regenerar a instrucção publica com medidas e providenejas parciaes que, sem atacar os « vicios radicaes, serão mais cedo ou mais tarde suffocadas pelos rebentões estereis que brotarão continuamente de uma raiz corrompida. Quando o edificio péca nos alicerces, em vão se lhe reparam os « cumes. Convem só demolil-o, e, aproveitando os materiaes, se os ha « bons, coordenal-os debaixo de um plano regular, isento dos vicios « radicaes dos primeiros fundamentos. »

Esta doutrina, no meu entender, é completamente verdadeira, todos o sentem, e a nossa triste experiencia o está demonstrando. Ha muitos annos que se pretende fazer obra no grande edificio da instrucção publica: porém os architectos não tem comprehendido senão pequenos concertos e reparações, e quando muito alguns acrescentamentos fóra do plano primitivo. Todos reconhecem que o systema

actual é máo, e que não satisfaz ás necessidades da epocha. Temos nós a instrucção e educação que faz dos homens cidadãos uteis, cada qual na sua especialidade? Se exceptuarmos uma ou duas profissões, onde temos nós os homens especiaes para o serviço do estado? Entre nós os homens de talento e de aptidão encetam diversas carreiras e não completam a sua educação em nenhuma. A par da instrucção geral, que deve ser commum a todos, cada grupo deve ter a sua instrucção especial e professional para que a sociedade seja bem servida. Uma sociedade não se póde reputar bem organizada, em quanto todos os seus membros se não occuparem no exercicio de alguma profissão util. Só os invalidos podem ser dispensados de produzir. Estes resultados não se podem alcançar sem reformar profundamente a instrucção publica, e esta reforma não deve nem pode ser lenta. Ha reformas que a prudencia e bom juizo aconselham que se façam vagarosa e pausadamente, e que só deste modo são proficuas e seguras, porque de outra sorte poderiam occasionar convulsões profundas e perigosas; mas outras ha que se não devem emprehender senão de um só jacto, porque, quando se trata de transformar uma organização decrepita e corrompida em outra viçosa e sadia, se se conserva o fermento do mal, os vicios continuam, propaga-se a gangrena e acaba esta por suffocar todo o bem que se pertende fazer. E' por isso necessario attender muito á indole das instituições que se pertendem regenerar: para umas, a reforma lenta e gradual; para outras, a restauração prompta e segura. Neste ultimo caso está a instrucção publica, e eu folgo de ver, neste ponto, as minhas idéas em completo acôrdo com as que o nosso consocio manifestou na sua carta ao corpo legislativo. Mas é para mim inexplicavel que Luiz Mousinho, sendo depois tantas vezes chamado ao poder, e gerindo quasi sempre, quando entrava nos conselhos do soberano, os negocios do reino, não podesse achar uma occasião oportuna para pôr em pratica o seu primeiro e lucido pensamento. Porque não aproveitaria elle, durante a regencia dictatorial da Ilha Terceira, a sua grande influencia para fazer, neste ramo da publica administração, uma reforma radical e analoga áquella que o outro Mousinho realisou em instituições mais complexas, e cuja transformação era ainda mais arriscada? Porque razão derribou elle com as suas proprias mãos o nascente Instituto das Sciencias, creado em 1835, e cujo pensamento estava em completa harmonia com as idéas expendidas na publicação de que vos fallo? Dizem os contemporaneos que Luiz Mousinho cedêra então a uma exigencia politica dos amigos da velha Universidade. Triste e desgraçada politica é aquella que exige

que um homem de bem seja o inimigo das suas proprias idéas!!

Na sessão legislativa de 1843, discutindo-se um projecto de reforma de instrucção publica, completamente universitario, o nosso consocio apresentou-se em campo para o combater, e, n'um discurso singelo, e moderado, mas cheio de bom senso e rico de idéas luminosas, elle proprio confessou que nada havia feito neste ramo, quando ministro, porque lhe fallecêra o tempo.

Seja como fôr, o que é verdade é que o plano apresentado por elle, na sua carta, ás côrtes de 1823, ali está para dar testemunho das suas idéas, e que este plano encerra o germen de uma grande reforma, abrangendo toda a provincia da instrucção publica.

Nelle estabelece quatro cathogorias de escolas: as *primarias* em todas as freguezias, e duplicadas para os dois sexos; as *secundarias*, de ensino mais extenso, nas cabeças de comarca; os *lyceus* nas capitães das provincias; e finalmente as *academias* de ensino superior em Lisboa, Porto e Coimbra.

Nestas diversas escolas os estudos são perfeitamente graduados e os mais convenientes á população que as deve frequentar. O seu regimen e successivo aperfeiçoamento é confiado a conselhos, compostos dos mais habéis professores, e a sociedades livres, formadas pelos cidadãos illustrados e philantropicos que mais se interessão no progresso da instrucção; concatenando finalmente todo este systema com a auctoridade publica por via do ministerio do reino, ao qual compete a suprema inspecção do ensino publico.

Na organisação das academias opta pelo ensino livre, como convem á qualidade dos alumnos que as devem frequentar. A disciplina rigorosa, escudada por minuciosos e impertinentes regulamentos, como se observa nas nossas escolas superiores, é, no meu entender, um grande obstaculo ao progresso e geral diffusão das sciencias. Neste pessimo systema as escolas superiores são apenas frequentadas pelos jovens, que pertendem a carta de um curso para exercerem uma profissão, e por isso em Portugal os professores não tem por ouvintes senão alumnos pela maior parte anciosos por ver terminar a lição, o anno, e o curso, para se libertarem da sujeição a que os força a necessidade. Não é com auditorios destes que se pôde estimular o talento dos professores, e desta circumstancia nasce que raros são os homens de sciencia que as nossas escolas produzem. Ainda neste ponto me li-songeio de ter as minhas idéas em perfeita harmonia com as do nosso illustre consocio, e, como elle, desejo ver, nos estabelecimentos de instrucção superior, substituir ao rigor da frequencia o rigor do exame.

Não contém o trabalho, de que vos tenho fallado, todos os desenvolvimentos necessarios para organisar uma boa lei de instrucção publica : não considerou tambem o auctor em particular o ensino profissional, aquelle ensino das sciencias applicadas ao exercicio dos officios e artes industriaes, e ás profissões technicas para serviço do estado, que hoje reconhecemos ser de natureza particular e da primeira necessidade, mas na carta ao corpo legislativo encontram-se as principaes bases de uma boa reforma, que tem o grande merito da unidade de pensamento.

Taes são os principaes trabalhos que Luiz Mousinho publicou antes de regressar a Portugal em 1823.

Em 1822 fez uma viagem de instrucção á Suissa na companhia dos Srs. D. Francisco d'Almeida (hoje conde do Lavradio) e Bernardo de Sá Nogueira, hoje visconde de Sá da Bandeira. Foi assim que o nosso consocio completou a sua educação scientifica e se habilitou para illustrar a sua patria e ser nella um dos mais fervorosos apóstolos da civilisação e do progresso.

Corria o anno de 1823. A reacção absolutista havia começado na Peninsula a sua obra de destruição contra as instituições liberaes de 1820. O governo francez tomava, como todos sabem, parte demasiadamente activa nesta nefasta campanha, e, ainda que parecia limitar a sua acção apparente unicamente á Hespanha, reccaram contudo alguns que as tropas francezas calcassem novamente o solo portuguez, sob o commando do duque d'Angouleme. Parece que Luiz Mousinho, movido deste receio, se decidira a voltar á sua patria: o que é certo é que nesta conjunctura regressou a Portugal.

Mas a lucta havia já terminado com a celebre jornada de Villa-Franca, e a reacção triumphante fora neutralizada pela moderação e bom conselho d'Elrei. Ao conde de Palmella, que fazia então parte do ministerio, foi apresentado o nosso consocio por seu sogro, e aquelle ministro, que durante toda a sua vida se distinguiu entre todos os nossos homens publicos pela sua grande intelligencia, pelo verdadeiro amor do progresso e illustração da sua patria, e pela affeição cordeal que tinha para com os homens de verdadeiro talento, promoveu logo a nomeação de Luiz Mousinho para o lugar de Provedor na Casa da Moeda.

Esta nomeação honra tanto o agraciado como o ministro que a promoveu. O lugar de Provedor da Casa da Moeda era um cargo scientifico, para o qual o nosso consocio estava plenamente habilitado pelos seus conhecimentos nas sciencias physicas, e particularmente na

chymica, com a qual a economia das casas da moeda tem as mais intimas relações. A fabricação da moeda é essencialmente dependente da chymica metallurgica: a apartação dos metaes preciosos, a composição das ligas, a sua affinação e ensaios, são operações chymicas, que se aperfeiçãoam constantemente, e que não podem ser dirigidas senão por homens de consumada sciencia. Na Inglaterra vemos figurar na lista dos directores da Casa da Moeda de Londres os Newtons, os Davys, os Graahms e outros sabios da primeira ordem. Em França, entre o pessoal tecnico d'aquelles estabelecimentos, encontrâmos os nomes de Gay-Lussac, de Pelouse, de Peligot, de Kuhlman, isto é, os nomes dos primeiros chymicos da Europa. O conde de Palmella, promovendo a nomeação de Luiz Mousinho para Provedor da nossa Casa da Moeda, seguiu os bons exemplos dos paizes, que marcham á frente da civilisação, porque elle, sem querermos offender nenhum dos nossos homens de estado, foi seguramente no presente seculo um dos ministros mais esclarecidos.

Luiz Mousinho entrou no exercicio do seu novo lugar em junho de 1823, e aqui principia verdadeiramente a sua carreira publica. O decreto, em virtude do qual havia sido nomeado Provedor da Casa da Moeda, impunha-lhe a obrigação de reger a cadeira de physica e de chymica, que para o ensino havia sido creada pelo decreto de 12 de novembro de 1801 no laboratorio d'aquelle estabelecimento, mas que nunca se abriu á frequencia do publico.

Depois que as sciencias physicas, e principalmente a chymica, haviam tomado uma fôrma inteiramente nova com a grande revolução, que n'aquellas sciencias fizeram os sabios immortaes, que illustraram os ultimos annos do seculo passado, Lisboa, a capital do reino, e ainda então de um vasto imperio, estava privada do ensino das sciencias de que depende o grande progresso material dos povos. Foi por tanto o nosso consocio o primeiro a quem coube a gloria de crear este ensino tão util como necessario.

A maneira auspiciosa e brilhante com que enectou as suas lições logo lhe alcançou grande reputação, e attrahiu aos bancos do amphitheatro da Casa da Moeda numerosos ouvintes; uns illustrados já pelo seu muito saber, outros apenas curiosos, e todos desejando ouvir o eloquente professor. As suas lições eram escutadas com avidéz pela mais escolhida sociedade de Lisboa. Senhoras da primeira nobreza não desdenhavam de ir iniciar-se nos principios das sciencias physicas. Era porque o nosso illustre consocio, sabio e poeta ao mesmo tempo, possuia o inimitavel talento de descrever os curiosos phenomenos da

natureza com todos os atavios e flores que lhe ministravam a sua creadora imaginativa e brilhante erudição, ornando os factos sem mentir á sciencia.

O methodo com que expunha as suas lições era novo em Portugal. O discurso corria livre e fluente sem prisão a texto escripto; as experiencias e demonstrações acompanhavam a locução. A doutrina, que sahia melodiosa pelos labios do professor, coava docemente pelos ouvidos dos alumnos, ao passo que os factos a confirmavam, delectando a vista.

N'aquella epocha, em que as distracções eram raras em Lisboa, as lições da Casa da Moeda procuravam-se até como espectaculo curioso e instructivo. É assim que se fórma o gosto pelas sciencias, é assim que ellas se vulgarizam, que se despertam muitas vocações adormecidas, que se activam e fecundam muitos talentos, e se procura honesta occupação a muitos ocios desceuidados. Os governos, que sabem comprehender a sua missão, nunca deixam de promover cursos d'aquella ordem, que tem indole muito diversa da dos cursos escolares, mas que nem por isso são menos proveitosos, porque tendem, não só a instruir, mas até a moralisar a sociedade.

Entretanto a ignorancia desse tempo fez guerra surda e covarde á frequencia d'aquelle curso. Ainda ha pouco tempo um digno ecclesiastico desta capital, que era um dos mais assíduos ouvintes das lições de Luiz Mousinho, me contou, que tivera prohibição expressa do Prelado da Diocese de frequentar o curso de physica e chymica, porque estas sciencias, no conceito do insigne Prelado, tendiam a desmentir os dogmas da religião. . . . A physica e a chymica, que patenteiam as maravilhas da creação, que revelam o poder da Suprema Intelligencia; que são as primeiras testemunhas da immensa sabedoria do Creador, que reconhecem, mais do que nenhuma outra sciencia, o seu infinito poder, porque de mais perto examinam os grandes phenomenos da natureza, que são obra sua, foram aleivosamente calumniadas como contrarias á religião, e pela boca de um Prelado, a quem, pela sua elevada jerarchia, não podia a ignorancia servir de desculpa. Felizmente esses tempos vão longe, para nunca mais voltarem, e hoje todos reconhecem que a sciencia da natureza é a sciencia de Deus e das suas obras magnificas.

Ao mesmo tempo que o nosso consociò fazia o seu curso de physica e chymica com tanto credito seu e da sciencia, e por um modo tão novo entre nós e tão digno de ser imitado, amestrava elle os preparadores que o auxiliavam nas demonstrações praticas, e compunha

um tratado d'aquellas sciencias, para deixar aos seus ouvintes o vestigio permanente das suas lições. Este tratado, que se imprimia á medida que era escripto, apesar de não ter o cunho de uma perfeita originalidade, que raras vezes podem ter obras desta natureza, porque são unicamente destinadas a compendiar systematica ou methodicamente os factos e os principios que constituem a doutrina principal da sciencia, tem comtudo o merito da escolha e concisão com que foi composto e modelado sobre os melhores tratados de physica e chymica que a França possuia — a physica experimental de Mr. Biot, e a chymica de Mr. Thenard. Escrevendo em linguagem vulgar um tratado d'aquellas sciencias a par dos conhecimentos da epocha, fez o illustre professor um valioso serviço ao seu paiz, e deu um bom exemplo que, nos ramos que explicava, ninguem havia enectado. Nesse tempo a faculdade de philosophia de Coimbra explicava a physica pela obra de Dalla Bella, e a chymica pelo livro obsoleto e incompletissimo de Joaquim!!! Triste e vergonhoso exemplo do vicioso systema de adoptar para texto das lições, no ensino superior, o que em as nossas velhas escolas se chama um compendio — systema que converte a explicação dos principios em discussão das opiniões de um auctor, em critica de um livro, ou (o que frequentes vezes acontece) em repetição servil e fastidiosa do que se acha escripto, e que de ordinario está já mais ou menos affastado d'aquillo que se deve ensinar, principalmente nas sciencias de observação, que os recentes descobrimentos e as novas doutrinas vão successivamente enriquecendo.

O difficil e laborioso encargo do professorado não impedia Mousinho d'Albuquerque do serviço permanente a que o obrigava o seu logar de Provedor da Casa da Moeda. O tempo e a vontade sobravau-lhe para tão multiplicadas occupações.

A Academia nesta epocha recrutava os seus socios entre os homens que mais se distinguiam nas sciencias e nas letras, independentemente de trabalhos que lhe fossem expressamente offerecidos como titulos de admissão. A reputação, que Luiz Mousinho havia adquirido, e o conceito, que merecia aos homens illustrados, justificavam plenamente a sua entrada nesta sociedade, enjas portas lhe foram abertas no principio de 1824. Desde então foi elle una das mais brillantes illustrações desta Academia.

Tendo sido encarregado da analyse das aguas mineraes das celebres Furnas de S. Miguel, fez em 1825 uma viagem de estudo áquella ilha, e no seu regresso apresentou ao governo um excellentre relatório, que foi impresso com o titulo de = *Observações sobre a Ilha*

de *S. Miguel*. — Este trabalho abunda em noticias e conceitos do mais subido interesse, não só debaixo do ponto de vista physico, mas principalmente como estudo economico e estatistico d'aquella interessante parte do archipelago dos Açores.

O auctor, depois de fazer a historia do descobrimento da ilha de *S. Miguel*, apresenta resumidamente a sua descripção geologica e a noticia das varias convulsões volcanicas, que ella tem soffrido desde que os homens a conhecem.

Esta parte do seu trabalho não se pode considerar um verdadeiro e completo estudo geologico das formações que constituem aquella ilha, nem o auctor o pertende dar como tal. É apenas uma descripção verdadeira e exacta da constituição physica do solo, seguida de algumas considerações theoricas que, para a epocha em que foram escriptas, tem verdadeiro merecimento, se attendermos principalmente a que não era a geologia a especialidade do nosso consocio.

Ao estudo geologico segue-se o estudo estatistico, rico de factos e observações de interesse capital. São extremamente judiciosas as observações que faz sobre o lastimoso estado em que achava n'aquelle tempo a agricultura da ilha, em consequencia dos erros barbaros das primeiras gerações de habitantes e da incuria das modernas. Ali faz elle ver bem claramente o immenso damno que fizeram os primeiros cultivadores á futura prosperidade da ilha, devastando os bosques que a povoavam, d'onde resultou o desnudamento das terras, a formação de profundos barrancos, e a falta absoluta de abrigos contra a ímpetuosa acção dos ventos.

No capitulo consagrado á navegação e commercio da ilha prova com toda a evidencia a necessidade da construcção de um abrigo ou porto artificial; obra que elle considera de facil execução e pouco dispendiosa.

São de pungente verdade as reflexões que o auctor faz sobre a viciosa constituição da propriedade na ilha de *S. Miguel*. Angustiam o coração as côres com que desereve o miseravel estado da população dos campos, que contrasta eseandalosamente com a opulencia dos morgados. — A propriedade (diz elle) e a riqueza tomaram em *S. Miguel* o mesmo curso das aguas: em vez de, derramadas em arroyos, fertilisarem o solo d'aquella ilha, accumularam-se, pouco a pouco, em torrentes, que diminuem a sua fertilidade, ameaçando esterilisa-la um dia. —

Todo este trabalho do nosso consocio é cheio de observações e reflexões judiciosas, principalmente na parte economica; e, não só o

auctor faz a critica severa, mas justa, do estado da ilha, porém até propõe os alvitreos que entendia adequados para o melhorar.

Depois de haver tratado da ilha em geral, debaixo dos pontos de vista physico e economico, consagra o auctor um pequeno capitulo á geologia particular do valle das Furnas, e á composição chymica das aguas mineraes que n'elle rebentam. É verdadeiramente para sentir que o nosso consocio apresentasse o resultado das suas analyses inteiramente desacompanhado das observações e descrições que são indispensaveis em trabalhos desta natureza para se lhes poder dar o verdadeiro valor.

La deste modo Luiz Mousinho propagando a sciencia pelo ensino, e enriquecendo-a de valiosos trabalhos, nascidos do seu proprio estudo e investigações, e bem se podia esperar que fosse elle em Portugal o restaurador das sciencias physicas, quando as perturbações politicas o vieram arrancar do seu laboratorio para o arrojarem ao campo das contendas civis.

O regimen constitucional, que se havia instaurado nestes reinos pela dadia generosa do immortal successor do Sr. D. João 6.^o estava prestes a succumbir debaixo do peso de uma reacção poderosa. Luiz Mousinho não quiz presenciarem a victoria do absolutismo, e pediu licença ao governo para ir a França tratar dos seus negocios particulares. Pouco tempo depois fazia parte dessa corajosa e heroica phalange de emigrados, que fez da ilha Terceira o baluarte da liberdade portugueza, e formou o nucleo do exercito libertador, que, sob o commando do Augusto Chefe da Casa de Bragança, veio plantar nas praias do Mindello o estandarte da restauração constitucional.

Veda-me a estreiteza do tempo, e a natureza desta biographia, fazer-vos agora a descripção dos actos de valor e dedicacão civica praticados por Mousinho d'Albuquerque durante as nossas tão prolongadas luctas civis. Illustraram elles por certo o cidadão e o soldado, mas pouco podiam acrescentar á gloria do sabio. Porém pede a justiça que eu proclame aqui bem alto o que nenhum dos contemporaneos de Mousinho d'Albuquerque ignora, que neste periodo glorioso e difficil o nosso consocio exerceu com dignidade, pericia e consummado desinteresse os elevados empregos e as honrosas e arriscadas missões de que foi encarregado. Basta dizer-vos que, Ministro e Secretario d'Estado de todas as repartições junto á Regencia na ilha Terceira, Capitão-General nomeado para a ilha da Madeira, e depois Ministro do Reino junto ao Imperador no sitio do Porto, nunca teve outro vencimento mais do que o subsidio mensal de 12\$000, co-

mo qualquer official subalterno, e com estes escassos meios, porque outros não possuía, sustentava a sua familia, vivendo com uma frugalidade pasmosa, que seria inerivel hoje, se della não vivessem ainda entre nós testemunhas insuspeitas.

Permitti-me que me affaste um pouco do meu plano neste elogiio para vos mencionar, como prova da sua coragem e abnegação da sua pessoa, a memoravel expedição de que foi encarregado pelo Imperador para ir libertar a ilha da Madeira, empreza que constituiu um dos mais notaveis episodios desta celebre campanha. Tinha voltado para a Terceira depois dessa heroica e quasi milagrosa conquista da ilha de S. Miguel, quando o Regente o encarregou de ir tentar fortuna á ilha da Madeira, dando-lhe apenas para tão ardua tentativa 40 soldados e um fraco navio de guerra; porque o Imperador esperava trazer o povo d'aquella ilha a um pronunciamento em favor dos direitos da Rainha só com fazer tremular defronte do Funchal o pavilhão bicolor.

Luiz Mousinho, como soldado obediente e brioso, partiu para tão aventureosa e imprudente empreza, sem desconhecer os riscos a que se expunha. Eram estes imminentes, e nada mais possivel do que cair nas mãos dos inimigos para subir ao patíbulo. Felizmente o governo de Lisboa não tinha então força alguma naval nos mares da Madeira; mas tambem os madeirenses não podiam facilmente libertar-se do jugo que lhes impunha a força de terra, que ali estava acantonada. Vendo frustradas as esperanças do immortal Duque de Bragança, foi com os seus poucos companheiros demandar a ilha de Porto-Sancto, para d'ali aguardar os acontecimentos; entrou nella, apossou-se da fortaleza, estabelecendo-se ali com um punhado de valentes debaixo de instante risco, sendo-lhe necessario velar constantemente contra os ataques que de fóra lhe podiam dirigir, e contra a imminente sublevação da gente que havia ficado na ilha. Naquella isolação, longe dos seus companheiros d'armas da Terceira, no meio do mar, com uma unica e fraca embarcação de guerra, em presença das forças inimigas, que estavam na Madeira, e que de um momento para outro podiam dar um golpe de mão sobre Porto-Sancto, sem munições de guerra sufficientes para a defeza, quasi sem viveres para se sustentar, Luiz Mousinho não hesitou um só momento em fazer o sacrificio da sua pessoa á obediencia militar, e á causa que defendia; mas, conhecedor da falsa e arriscada posição em que estava, pediu aos officiaes, que o haviam acompanhado, que voltassem para a Terceira, porque desejava ser elle a unica victima, no caso de algum desastre. Nenhum

delles o abandonou; e o nosso consocio, sempre alegre e jovial, sustentou o animo dos seus companheiros, recreando-os com a sua espi-rituosa e animada conversação, inventando aneddotas, e recitando poesias para os divertir e para occupar as longas e nocturnas vigílias de uma posição tão perigosa, compoz o seu poema de *Ruy o Escudiro*, notavel por conter toda a especie de metrificação, de que é susceptivel a nossa tão poetica linguagem.

D'aquella singular situação foi tirado Luiz Mousinho por uma das embarrações de guerra da Terceira para vir pelejar nas não menos arriscadas e mais tormentosas campanhas que se seguiram ao desembarque do exercito libertador nas praias do Mindelo.

No sitio do Porto, quando, depois de nove mezes de incessantes combates e soffrimentos, nos achavamos reduzidos quasi á ultima extremidade, e não tinhamos adiante de nós senão um futuro muito incerto, baseado sobre tentativas desesperadas, cercados de todos os lados por forças muito superiores ás nossas, sem munições de guerra, sem viveres, e sem dinheiro, na volta de uma commissão, que fôra a Londres tratar dos meios de nos tirar desta difficil posição, appareceu o plano de uma expedição ás costas do Algarve, que posto logo em execução debaixo do commando do illustre marechal Duque da Terceira, fez mudar a nossa fortuna, e deu principio á serie de victorias que conquistaram o throno da Rainha, e asseguraram o triumpho á causa da liberdade. Quem foi o auctor deste plano? A historia imparcial responderá, quando, nos tempos que tem de vir, alguma habil penna a escrever sobre os documentos incontestaveis, que devem deixar os homens que trabalharam nesta lucta gloriosa. Mas na minha mão esteve um documento, que eu não devo passar em silencio, porque parece demonstrar que a idéa d'aquella expedição, se não partiu exclusivamente do nosso consocio, foi por elle ao mesmo tempo concebida e communicada ao Imperador; não assevero se directa ou indirectamente. Este documento, a que me refiro, é uma carta escripta a S. M. Imperial, em que Luiz Mousinho, depois de ponderar o estado e situação do exercito libertador no sitio do Porto, indica os unicos meios de tomar, com vantagem, a offensiva, para salvar a causa da Rainha e da liberdade, e entre elles aponta como unico seguro e vantajoso o de uma expedição de 2:000 homens lançada sobre as costas do Algarve. Neste documento, cuja copia existe em poder da illustre viuva do nosso consocio, e que tem a data de 23 d'Abril de 1833, não se allude a nenhum outro plano ou projecto, apresentado por outra qualquer pessoa. Seja como fôr, o facto é que

Luiz Mousinho fez parte desta celebre expedição, junto ao bravo Marechal que a commandou, e que soube avaliar os seus importantes serviços.

Tinha acabado no reino, com a celebre convenção d'Evora-Monte, esta lucta formidavel entre a liberdade e o governo absoluto; mas na ilha da Madeira reinava grande anarchia, porque a oppressão e as crueldades de tantos annos haviam sobremaneira irritado os animos, e não estavam ainda satisfeitas as vinganças particulares. Luiz Mousinho é então nomeado Prefeito d'aquella ilha e encarregado de restabelecer a ordem nesta parte da monarchia. A força publica, que se achava acantonada na Madeira, subia a tres mil homens que na sua grande maioria haviam pertencido ás tropas vencidas na ilha de S. Miguel, e destes alguns estavam já em completa revolta na freguezia da Galleta. Do continente não levava comsigo o novo Prefeito mais de sessenta homens de artilheria. A missão era arriscada, porque a conjunctura era difficil, mas no seu cumprimento houve-se com grande talento, maior prudencia e bom juizo. Reprimiu, sem nunca empregar a força armada, as demasias dos vencedores, levando-os pela persuasão; fez acalmar as paixões, e, ao mesmo tempo justo e humano para com todos, mitigou a desgraça das vietimas; soccorreu aos que estavam presos e privados de todo o auxilio; nos primeiros tempos á sua custa, e ao depois por meio de uma subscripção, que promoveu entre as pessoas abastadas do Funchal. A' distribuição do jantar, que mandava repartir por estes infelizes, presidia sua propria mulher, companheira sempre fiel dos seus trabalhos e das suas virtudes.

Todos os actos da sua administração, durante aquella difficil epocha, honram sobremaneira o seu talento e o seu character. Abriu uma escola de instrucção primaria, e como não estivesse ainda auctorizada pelo governo a despeza necessaria para sustentar aquelle estabelecimento, tomou a seu cargo, durante os primeiros seis mezes, a remuneração do professor. Instituiu um asylo para a infancia desvalida, cedendo para esse effeito parte da casa que habitava, e facultando até o seu proprio jardim para recreio das creanças. Por esta occasião alguém lhe perguntou se queria sacrificar as suas flores ao folgado dos rapazes, ao que elle respondeu = que o seu jardim não podia ter mais bellas flores do que eram as pobres creancinhas =; resposta que revela a candura do seu coração, e o amor e intelligencia com que se interessava pela educação da infancia. Não se assemelhava nisto, por certo, (e ainda bem para elle e para a humanidade) a esses directores de estabelecimentos pios, que, debaixo do estúpido

pretexto de fazerem adquirir ás creanças o que elles chamam *propósito*, lhes tolhem a expansão jovial, propria das teuras idades, e, verdadeiros infantecidas, forçando-as a penosa quietação, lhes anniquilam a intelligencia destruindo-lhes a saúde.

Os melhoramentos materiaes do districto que governava mereceram-lhe tambem muito seria attenção e cuidados. Deu principio a uma estrada que devia circumdar a ilha. Lançou os primeiros fundamentos de uma ponte suspensa. Projectou o celebre aqueducto ou levada do Rabaçal, uma das mais uteis obras, que se tem comprehendido na Madeira; delineou e executou ainda outros trabalhos de publica utilidade: finalmente o seu governo foi sollicito, paternal e justo. Tendo sido chamado para ir governar a India, deixou a ilha e o lugar de Prefeito, e partiu acompanhado das benções e saudades de todos os madeirenses. O dia do seu embarque foi para o Funchal um verdadeiro dia de lucto.

A sua estada na Madeira não foi esteril para a sciencia. Esta Academia recebeu do nosso consocio uma breve, mas excellente memoria com o titulo modesto de = *Observações para servirem á historia geologica das ilhas da Madeira, Porto-Saneto e Desertas.* = Esta memoria foi impressa entre as da Academia na 1.^a parte do 12.^o tomo da nossa collecção, e pode considerar-se uma exacta descripção physica do solo d'aquelle archipelago.

Ao entrar a foz do Tejo, na sua volta do Funchal soube que havia sido nomeado Ministro do Reino: parece que accetára então com repugnancia esse honroso mas difficil encargo, e só por condescender com a vontade da Soberana, e com o desejo dos seus amigos. Pouco duradouro foi o ministerio de Mousinho d'Albuquerque, que terminou em 21 d'Abril de 1836. Não seguiam nesta epocha os negocios publicos um caminho fácil: começavamos o tirocinio do governo constitucional, e, não sei porque, começavamos mal; ninguem estava satisfeito, a atmosphera via-se constantemente annueada e procellosa, sopravam rijo as paixões politicas e era difficil encontrar quem soubesse guiar com segurança a náó do Estado.

Deixando a scena politica Luiz Mousinho retirou-se para Leiria, onde adquiriu uma pequena propriedade, e nella se estabeleceu com a sua familia, entregando-se aos cuidados da agricultura. Foi nesta epocha encarregado da divisão central das obras publicas do Reino; na qualidade de official engenheiro. Nesta posição e neste tempo pouco podia fazer, porque bem frouxa attenção prestava o governo aos melhoramentos materiaes e ao desenvolvimento das obras publicas.

As agitações estereis de uma politica falsa e abstracta absorviam toda a attenção e actividade dos homens publicos. Nessas epochas improductivas de idéas e de coisas uteis consumia-se o tempo em combates pertinazes de principios sem alcance, em intrigas mesquinhas, em esforços impotentes sem pensamento nem direcção. Epochas de mediocridade, de ignorancia, de tumulto e desordem, em que o paiz se afadigou sem dar um passo no caminho do progresso, em que o verdadeiro merecimento se myrrhava ou desaparecia, em que os homens de talento ou eram affastados da arena politica, ou cruzavam os braços e se deixavam levar pela torrente, e nella andavam perdidos. Foi o que aconteceu ao nosso consocio; porisso nós o vimos no Chão da Feira envolto nessa desgraçada lucta, onde viu cahir ferido a seu lado um de seus filhos, tendo de passar pelo duro trance de o deixar em campo inimigo, para seguir a sorte dos seus companheiros d'armas, e ir outra vez, longe dos seus, esconder-se no espesso e frio nevoeiro de uma emigração em terra estranha.

Restabelecida a paz e firmada a constituição de 1838, voltou o nosso consocio ao Reino, e, sendo eleito deputado e depois senador, recusou as cadeiras, que a eleição popular lhe offerecia, em ambas as casas do parlamento. Foi pelo governo nomeado Inspector das Obras Publicas e encarregado de fazer a reforma d'aquella repartição. Em quanto ali permaneceu compoz o seu *Guia do Engenheiro na construcção das pontes de pedra*, obra que offereceu a esta Academia, e mereceu as honras de ser impressa com sua auctorisação.

Era este trabalho a primeira parte de uma collecção de publicações analogas que o seu auctor pretendia escrever sobre construcções civis. Elle proprio confessa que esta obra não tem por objecto, nem o adiantamento das sciencias, que servem de base ás applicações architectonicas, nem o dos processos até agora descobertos e executados na edificação das pontes, porém unicamente é destinada a vulgarisar entre nós, compilando-os, e expondo-os por um modo resumido e claro e na nossa linguagem materna, os principaes preceitos theoreticos, e praticos, que regulam esta especie de construcções. É por conseguinte obra muito util no seu genero, e na qual os nossos engenheiros, educados, pela maior parte, em escolas estrangeiras, podem encontrar a nomenclatura tecnica portugueza, sancionada por uma auctoridade competente, pondo assim um razoavel limite á invasão dos termos estranhos, e quasi sempre inuteis, que ultimamente se tem introduzido na nossa linguagem das construcções.

Correram pacificamente durante algum tempo os negocios publi-

cos, mas em fevereiro de 1842 surdem novas desordens politicas. Luiz Mousinho apparece novamente no ministerio do Reino, mas ali foi então quasi ephemera a sua apparição. Um anno depois é dimittido do seu lugar de Inspector das Obras Publicas.

A vida parlamentar do nosso consocio teve o seu apogéo no periodo que decorre de 1842 a 1844, e é exactamente na sessão legislativa de 1843, na camara dos deputados, como membro da opposição, que elle proferiu os seus mais brilliantes e bellos improvisos. Quando a palavra cabia a Luiz Mousinho, o susurro, quasi habitual da camara dos deputados, cessava repentinamente, a attenção era geral, e, por um movimento espontaneo, todos se aproximavam da cadeira que occupava o illustre deputado; não era só um eloquente orador que se levantava, era mais do que isso, era um homem de elevado conceito e probidade que todos queriam ouvir: o seu aspecto grave e magestoso, a sua physionomia nobre e serena, o seu ar quasi inspirado reclamava a attenção e prendia instinctivamente todo o auditorio. Os seus discursos eram breves, mas conceituosos; o verbo elegante e conciso; as imagens proprias e elevadas; e a sua voz, grave e um pouco rouca, tiuha alguma cousa de marcial, que, infundindo o respeito, captivava e persuadia. No ataque era forte e severo, sem ser violento nem descomedido; na defeza seguro, na opposição claro, e na argumentação logico e persuasivo: ninguem movia melhor do que elle os affectos nobres e os sentimentos elevados, e, para convencer os que o não ouviram nem leram os seus discursos, citar-vos-hei um trecho do que elle pronunciou na sessão de 10 de junho de 1843 sobre o imposto da pesca, respondendo ao Ministro da Fazenda.

Depois de ter combatido eloquente e victoriosamente as asserções do Ministro, que, na defeza do seu projecto, havia feito uma exaggerada apologia do imposto, sustentando que todo o povo, que não era opprimido por contribuições pesadas, que recalhassem sobre os seus haveres, era indolente e inerte, e se deixava languir na inacção, continuou deste modo:

» Sr. Presidente: todo o legislador deve ter um conhecimento » profundo não só das circumstancias do paiz para que legisla, mas sobre tudo do coração humano, porque somente o conhecimento do » coração humano dá razão das acções e paixões dos homens. Só elle » conduz a tirar do que ellas apresentam os verdadeiros corolarios e » a rigorosa significação. Disse-se nesta camara que a classe dos pescadores não era pobre e miseravel como a pintavamos, porque o pescador, na presença de uma colheita abundante, distribuia com mão

» larga a sua prêza; dava ás irmandades, offerecia aos santos, e liberalisava com amigos e visinhos.»

» Sr. Presidente: e querer-se-ha ver neste facto um symptoma de abastança? e poderá concluir assim quem tiver conhecimento do coração do homem? Esta forte intenção votiva, esta tendencia altamente religiosa, supersticiosa mesmo se assim quizerem chamar-lhe, esta liberalidade compassiva, talvez imprudente, demonstrará ella que a vida do pescador seja doce, suave, ou abastada? Não, Sr. Presidente, quanto menos attrahida é a vista do homem para os objectos que o cercam na terra, mais facilmente a eleva para uma região superior. A presença continua do perigo, do desamparo e da morte attrahe o sentimento humano para alguma coisa mais elevada e mais benefica do que a furia das vagas e os escolhos da costa. O que soffre acode mais facilmente aos que soffrem, e, quem não viu todos os dias com quanto mais promptidão reparte o desgraçado com outro desgraçado a escassa fatia de pão que lhe é necessaria, do que o opulento desfranze os cordões da bolsa para tirar della a centessima, ou a centessimamilleesima parte do que lhe sobra; quem não viu o jornaleiro, a cuja familia escassea o pão da semana, pesar a trigo, por uma intenção votiva, o filho que a Providencia lhe arranca das mãos da morte? A caridade com o desgraçado, a generosidade quasi prodiga do voto nunca foram distinctivo da opulencia, são os caracteres inseparaveis de uma vida aventureosa, audaz e arriscada, em que o homem, em lucta continua com as privações e os perigos, se eleva instinctivamente a alguma coisa mais sublime do que os objectos que o rodeiam, e attende a uma voz mais forte, que lhe falla ao coração.»

Transparece neste discurso, e em outros muitos do nosso respeitavel consocio, toda a generosidade e grandeza d'alma de um caracter nobre e elevado; brillam mais do que as suas palavras eloquentes e que as suas imagens de poeta, os sentimentos christãos e puros de um coração, cheio de caridade e amor, sentimentos que não excluem a justiça, antes a fortalecem, como nos preceitos do evangelho.

Mas Luiz Mousinho fazia opposição ao governo, que tinha uma grande maioria, e o seu bello discurso não ganhou talvez um só voto a favor dos pobres pescadores, e o imposto, que os devia opprimir, segundo uns, e estimular segundo outros, foi votado — e é quasi sempre assim que acontece nestas luctas mysteriosas, que a virtude e a sabedoria travam constantemente contra a força das coisas, sendo por ella vencidas sem nunca desanimar. Diz um celebre escriptor francez,

fallando de Malesherbes, que nada prova com mais evidencia que as grandes qualidades do homem procedem de Deus, do que esta perpetua derrota da virtude e da sabedoria na sua lucta, cá na terra, contra os acontecimentos, e a sua continua resistencia = ha muito tempo, diz elle, que a virtude e a sabedoria, se fossem puramente humanas, ter-se-hiam já cansado de luctar =.

Entretanto os homens mais corajosos não podem sempre offerrecer essa resistencia permanente ao poder dos acontecimentos e á pertinacia incançavel das mediocridades ambiciosas, e sentem por isso muitas vezes a necessidade do repouso para retomar vigor com que possam depois voltar á peleja. N'um destes momentos de quasi desalento, Luiz Mousinho recolhe-se novamente á vida domestica, e, no seio da sua familia, procura descansar das fadigas e desgostos da vida publica.

Offerecem-lhe então a direcção das obras da barra do Porto, que uma companhia empreheceu melhorar: accita elle este encargo, porque os seus poucos meios lhe não permittiam viver com o producto da lavoura da sua pequena casa: fez os estudos e planos necessarios para as obras da foz do Douro; mas a empreza projectada não chegou a constituir-se. Passou depois a tomar a direcção das obras do canal da Azambuja. Dirigiu, durante algum tempo, aquelles trabalhos com grande pericia e assiduidade; porém, suseitando-se desintelligencias entre o illustre engenheiro e os directores da companhia, abandonou aquellas obras e novamente se recolheu a sua casa, preferindo viver contente com a sua parca fortuna, como verdadeiro philosopho que era, aos lueros de uma posição, com que soffria o seu pundonor.

Aquelle, que ha pouco vimos na côrte, como Ministro d'Estado, que seguimos depois como homem de sciencia, dirigindo os trabalhos publicos, é hoje um simples e pouco abastado cultivador. E não devemos admirar este varão respeitavel, que passava, sem difficuldade nem repugnancia, das mais elevadas posições do Estado para os aridos trabalhos de engenharia, e d'ali para o trato e lavor de uma pequena terra?

Moderno Cincinnato, á voz da Patria, largava a rabiça do arado, já para desembainhar a espada e correr aos combates em defeza da liberdade, já para nivelar um terreno e traçar pacificamente uma estrada ou um canal; já para tomar conta de uma pasta, estudar e resolver os negocios mais graves do Estado; já para entrar nas salas do parlamento e lançar-se desassombrado nas pelejas oratorias, em que se

discutiam as mais importantes e arriscadas questões politicas, e voltar de novo, quando as circumstancias o exigiam, á vida privada, sem levar para o seio da sua honesta familia uma unica mancha na sua probidade, um unico remorso no seu coração.

Quem visse aquelle homem, grande e singelo, no inverno de 1845 a 1846, na sua quinta de Leiria, passar todos os serões entre sua mulher e suas filhas, fazendo-lhes leituras instructivas e amenas, explicando-lhes os principios elementares da Physica, e divertindo-as até com a invenção de engraçadas comédias, que representava com ellas, tendo por unico espectador sua mulher, não diria por certo estar ali o mesmo homem que havia já representado no drama politico de Portugal um dos primeiros papeis, e a quem ainda nesse drama estava reservada, e bem proximo, a scena mais violenta em que havia de ser uma das mais nobres victimas.

Era porque o seu coração generoso e grande, a sua alma bella e pura nunca fôra excitada pela ambição louca e desregrada, que a vaidade gera, nem a turvára a sombra de um remorso. Era um cidadão probó e satisfeito do seu procedimento. Era um philosopho contente com a sua sorte.

Accusam muitos Mousinho d'Albuquerque de extremo orgulho. Estes são os invejosos, e destes muitos ha na nossa terra, que não podem tolerar a luz de uma superioridade. A accusação é injusta. Luiz Mousinho conhecia a preeminencia do seu merecimento, tinha a consciencia de que era credor do respeito dos outros homens, pela pureza dos seus costumes, pela integridade do seu procedimento, e pela independencia do seu character; e, como lhe repugnasse a hypocrisia, a sua nimia franqueza deixava entrever aos outros o juizo que de si formava. Não era orgulho, menos ainda vaidade: era justiça da sua propria consciencia, era a segurança da estimação que se devia ás suas virtudes e talentos.

Desprezava profundamente os homens que na vida publica ou privada não tinham por timbre a honra e a honestidade; não transigia com os seus defeitos, não lisongeava os grandes nem os pequenos, não era cortezão, nem queria parecer tribuno. Para a mediocridade pertenciosa e intromettida é synonymo de orgulho a independencia e austeridade de character que a repelle ou despreza. Eis a razão por que, no mundo politico, Luiz Mousinho passava por orgulhoso.

Em quanto se achava retirado da scena politica, escreveu a *Memoria sobre o mosteiro monumental da Batalha*, que deixou inedita, e que, depois da sua morte, a sua illustre e respeitavel viuva offereceu,

em 1854, ao Centro Promotor da Instrução Primaria do districto de Leiria. A esta benemerita associação devemos a publicação de trabalho tão importante.

Muito se tem escripto sobre a historia d'aquelle precioso monumento da nossa independencia e das artes portuguezas nos tempos heroicos da monarchia, mas a memoria do nosso consocio, elaborada cuidadosamente e debaixo de aspecto inteiramente novo, veio completar os escriptos justamente celebres de Fr. Luiz de Souza, de James Murphy, do Cardeal Saraiva, e do nosso illustre collega Alexandre Herculano.

O objecto era digno do escriptor, e ninguem mais competente do que elle para o tratar debaixo do seu ponto de vista scientifico, pois que desde 1840 a 1843 havia sido, elle proprio, encarregado da conservação e restauração do mosteiro da Batalha, no que se houve com grande intelligencia e discernimento.

O nosso Augusto Presidente, Sua Magestade ElRei o Senhor D. Fernando, havia visitado, em 1836, aquelle celebre monumento. Penetrado de admiração pelas bellezas da fabrica, mas condoído do estado de abandono e degradação em que o achára, e levado pelo seu decidido amor pelas artes, resolveu salvar da ruina tão formoso templo, e empenhar o Governo na sua restauração. Os seus reaes esforços não foram baldados, e pouco tempo depois votaram as Côrtes um subsidio para aquelle effeito.

A reparação e conservação do mosteiro da Batalha foram cometidas á Direcção das Obras Publicas, e coube então ao auctor da memoria a ventura de restaurar aquelle padrão glorioso, aquella joia artistica, que, ainda depois de haver a nação portugueza desaparecido da superficie da terra, será documento permanente não só de que soubemos defender no campo da batalha as nossas liberdades, mas tambem de que aos filhos desta terra poude o genio inspirar os grandes pensamentos d'arte, que fazem a gloria das nações mais celebradas.

No 1.º capitulo da memoria, de que vos fallo, discute o auctor uma importante questão architectonica, que o proprio Murphy, apesar do seu grande saber e muito gosto pela architectura, parece não haver comprehendido. Versa esta questão sobre a completa independencia que deve existir entre o monumento principal e a parte das capellas chamadas imperfeitas, por não estarem acabadas. Esta parte do edificio é, sem duvida alguma, o acrescmentamento posterior de um monumento sepulchral de genero diverso, e que não tem, nem póde ter, relação alguma com o templo primitivo, nem com elle se póde ligar sem

destruir a unidade do pensamento primordial, completo, unico e grandioso por si mesmo como a idéa que representa — *a nação portugueza agradecida ao Deus das victorias pela conservação da sua independencia* —. Luiz Mousinho torna palpaveis estas verdades, e as suas judiciosas observações devem sempre estar presentes a todo e qualquer architecto que fôr encarregado de continuar a restauração do monumento da Batalha.

No 2.º capitulo, consagrado á descripção do estado em que o monumento se achava em 1840, e das reparações que nelle emprehenheu, castiga severa, mas justamente, a ignorancia e máo gosto, com que os frades, que foram durante longo tempo possuidores e guardas d'aquelle monumento, o mutilaram e mascararam com ignobeis e absurdas construcções, e o desleixo com que abandonaram as suas mais nobres partes á destruição dos agentes atmosphericos, não só deixando-as converter em ruínas, mas privando-as do aspecto severo e grandioso que imprime o tempo ás obras da sua destruição, para as tornarem ridiculas com ornatos grosseiros do gosto mais estulto e absurdo que pôde conceber a ignorancia em materia d'arte.

Desde a extincção das ordens monasticas, a cujo cuidado estavam entregues muitos dos nossos mais preciosos monumentos architectonicos, até o começo da restauração das artes, de que o nosso Augusto Presidente tomou a iniciativa, correu um periodo de desleixo e abandono, ao qual geralmente se attribuem todos os estragos e prejuizos que soffreram as nossas obras d'arte. Mas nós, que podemos ainda ver o estado em que se achavam os templos e os mosteiros no momento em que os monges sahiram delles para o seculo, sabemos que nos ultimos periodos da sua existencia, apesar do seu muito poderio, bem pouco lhes deveram as artes, e ainda ali existem por muita parte as provas materiaes e insuspeitas da sua falta de cuidado, ignorancia e máo gosto. Por isso eu acho justa e bem merecida a severidade com que Luiz Mousinho trata na sua memoria aquelles a quem o edificio da Batalha deve mais ultrages do que á voracidade do tempo.

Para quem prezar as artes e a gloria nacional, os serviços, feitos por Luiz Mousinho na restauração do monumento da Batalha, devem contar-se entre os mais valiosos que aquelle varão respeitavel fez ao seu paiz. Permitta Deus que sempre encontre o Governo, para missões simillhantes, homens tão aptos como elle era, e que não abandone os monumentos, que nos restam ainda para attestar o nosso glorioso passado, ás forças destruidoras do tempo ou á ignorancia e incuria de homens incompetentes.

Hoje, que a sciencia moderna tem posto á disposiçãõ da arte tantos e tão efficaizes meios de preservar da acção dos agentes atmosphericos os materiaes menos resistentes, era já tempo de obstar á ruina imminente a que está exposta a delicada fabrica das capellas imperfeitas da Batalha, sem a adulterar com coberturas provisórias, sempre ridiculas e mesquinhas, conservando-as com a apparencia actual, no seu estado incompleto, que realça o seu mimo e lhe dá tanta poesia, para servirem de specimen da rica e luxuosa architectura Emanueлина; specimen que será sempre joia preciosa para os portuguezes, curioso objecto de estudo para os homens da arte, de enlevo para os poetas, e de admiração para todos os que amam o bello.

A memoria, de que vos tenho fallado, foi, por certo, o ultimo trabalho scientifico de que o nosso consocio se occupou, aproveitando, para a escrever, os dias do seu ultimo descanso no seio da sua familia.

Não poudo o nosso consocio gozar por muito tempo do repouso domestico a que se havia recolhido. A primavera de 1846 ouviu o grito popular que se levantou nas provincias do Norte, e este grito veio arrancar novamente Mousinho d'Albuquerque dos braços da sua familia, para o lançar no turbilhão das revoluções.

Não me pertence fazer-vos aqui a historia politica d'aquella epocha, em que o nosso consocio teve tão grande parte, influindo poderosamente na direcção dos acontecimentos. Na biographia de um Academico os successos politicos, em que elle se achou envolvido, não podem nem devem ser tratados, como os costumam tratar os que escrevem a historia contemporanea. Podem elles apenas formar o fundo do quadro, a atmospheria em que o homem de sciencia respirou, e que influio, por certo, de modo mais ou menos pronunciado sobre a direcção dos seus estudos e dos seus trabalhos, mas nunca podem entrar como parte principal no plano do seu elogio. O sabio, que abandona o campo da sciencia pelo da politica, deixará de ser nosso, em quanto a politica fôr o que até agora tem sido, e não se transformar no que deve ser, isto é, na sciencia applicada á boa administração do Estado.

Deixemos pois Luiz Mousinho fazer-se em Leiria órgão dos populares, e dirigir, em seu nome, uma respeitosa mensagem á Rainha, expondo-lhe a justiça da sua causa; deixemol-o accetar a pasta de Ministro da Marinha, que conservou até ao dia 6 de Outubro, em que os negocios publicos tomaram uma nova e inesperada direcção; deixemol-o, que nos é vedado seguil-o nesse mar tormentoso da poli-

tica, no meio da agitação dos partidos, envolto já no turbilhão da guerra civil, a mais desastrosa das calamidades publicas, de que está prestes a ser uma das mais nobres victimas.

Ao dia 6 de Outubro sabeis que se seguiu outro movimento popular na cidade do Porto; que o incendio lavrou por todo o Reino até ás portas da capital, e que Luiz Mousinho, indo novamente alistar-se nas phalanges populares, tomou parte muito activa na primeira phase da campanha que terminou com a batalha de Torres-Vedras.

É em Torres-Vedras, dentro dos muros derrocados do velho castello que vae apagar-se a vida preciosa d'aquelle varão respeitavel, que tanto trabalhou pelo bem da sua terra; vida, que, em todo o vigor da sua intelligencia, cortou um pelouro despedido de um arcabuz portuguez, e por não portugueza!

Era na tarde do dia 22 de dezembro de 1846; estava proxima a noite, e o céo triste e carregado; uma nevoa humida assombreava a paizagem; os poetas diriam que a propria natureza trajava um severo lucto. A batalha começára a travar-se pelas 10 horas e meia da manhã; as forças populares haviam perdido o forte de S. Vicente, que, fazendo parte da celebre linha de Torres-Vedras, coroa uma das eminencias que cercam aquella villa, e tentavam reconquistal-o. Ardia ali o combate, que a espessa nebrina e as nuvens de fumo não deixavam ver de longe, senão pelo repetido fulgurar das ameudadas descargas, cujo estampido continuo augmentava o horror do espectáculo. Em uma das pontes, que sobre o rio Sisandro dão passagem para a villa, alguns cavalleiros combatiam ainda valorosamente, e aos golpes repetidos das espadas se viam cahir ameudadas victimas.

A maior parte das forças populares, acossadas de outros pontos, haviam recolhido ao velho castello, cuja defenza fôra confiada a Mousinho d'Albuquerque. Estava neste momento o nosso consocio encostado ao parapeito, observando o combate que se feria sobre a ponte. A sua physionomia austera, mas serena e melancolica, denunciava a profunda impressão que os tristes acontecimentos do dia haviam feito no seu espirito animoso e forte, e parecia premeditar os meios de obstar ás funestas consequencias que á perda da batalha se deviam seguir para o partido em cujas fileiras combatia.

O seu aspecto era grave e magestoso como o de um bravo que assistira a muitas pejeas, sem tremer nem descorar, e que sente em si força bastante para supportar a responsabilidade do commando nestas luctas sanguinolentas e fraticidas, onde desesperadamente se joga

a vida de tantos homens, a propriedade de tantas familias e a honra de um paiz.

Era um quadro solenne e magestoso aquelle em que se via este homem, que tantos laços prendiam á sua familia e á sua terra pelo coração e pela intelligencia, desprezando a vida e parecendo insensível ás scenas de horror que estava presenciando, ao chuveiro das balas que em torno delle sibilavam, aos alaridos dos combatentes, aos gemidos dos feridos, aos ultimos arrancos dos que se finavam, ao estrondo dos canhões, ao estampido successivo das repetidas descargas, a toda essa tormenta que levanta o furor da guerra; era um quadro solenne ver esse homem, sem que no rosto denunciasse a menor sombra de terror, mas parecendo comprehender a grave situação em que o collocára a sorte das armas, e pedir ao seu talento e á sua experiencia um conselho para obstar ou dar remedio a tantos males.

Estava pois nesta meditação, quando de repente vacilla, estende o braço esquerdo para se apoiar sobre um de seus filhos, que estava proximo, acode com a mão direita ao peito e diz com toda a tranquillidade = estou ferido, leva-me ao hospital de sangue =; uma bala o havia atravessado.

Deu ainda alguns passos com firmeza e segurança, encostado a seu filho, até ao lugar em que se achava o General Conde do Bomfim; ali os cirurgiões tomaram conta delle, e, deitado n'um desses esquifes de lona, ou macas, em que se transportam os feridos, com a cabeça recostada sobre a machila de um soldado, foi conduzido para a igreja, onde se havia estabelecido o hospital de sangue. Collocaram-o em uma pequena casa terrea, baixa e humida, que fica subposta ao altar-mor, unico lugar que n'aquelle sitio havia livre de feridos e moribundos. Ali passou a noite, e uma noite de dezembro, sem reparos, nem agasalho, sem outro conforto mais do que o cuidado e amor com que o tratavam seu filho e um sobrinho seu, que tambem ali estava ferido. Terrivel noite devia ser esta para o nosso consocio, que, apesar da gravidade do seu ferimento, tinha ainda toda a sua intelligencia para avaliar a situação em que se achava. Sabia que os restos das forças populares, que haviam escapado á desastrosa batalha, estavam encerrados dentro dos muros desmantelados do castello, sem alento, já sem esperanza de auxilio externo, e tendo só diante de si a perspectiva de um terrivel bombardeamento, se persistissem na resistencia, ou a de uma capitulação pouco vantajosa, que os podia conduzir de tão desesperada situação para os presidios d' Africa ou para os calaboucos de alguma fortaleza. Aos sitiados era bem natural o re-

ceio de que pela madrugada rompesse o fogo da artilheria, que se postára nas alturas a cavalleiro do castello, e que, aos primeiros tiros, os muros da igreja desabassem, sepultando nas suas ruínas todos os feridos que ali jaziam. A situação era solemne e temerosa, mas Luiz Mousinho calculava friamente, e a sua coragem nunca o abandonava.

De madrugada não se realizou o bombardeamento, porém a fome e o desalento dos sitiados começava já a romper os laços da disciplina, e, quando um emissario do Marechal Saldanha veio intimar a praça para se render á discricção, um tumulto espantoso lavrou por toda a parte. Do seu leito de dor o nosso consocio poude ouvir os alaridos da soldadesca insubordinada, o estrondo das armas, que com desespero despedaçava, e que se ia misturar com os funebres gemidos dos feridos e com os ultimos arrancos dos moribundos.

O castello foi occupado finalmente pelos vencedores, e, pela tarde, veio o proprio Marechal visitar o nosso consocio, que ainda estava no mesmo logar e na mesma situação em que o haviam collocado no dia antecedente.

Seria, por certo, objecto digno de exercitar o pincel de um grande mestre o quadro que representasse esta visita do Marechal vencedor a Luiz Mousinho vencido, moribundo e jazendo sobre a terra, debaixo da abobada humida e baixa de um subterraneo, e tão baixa que o vencedor se via obrigado a curvar a cabeça diante do vencido.

O que então se passou na mente e no coração d'aquelles dois homens, só elles o souberam e Deus o presenciou. — *Fatalidade* — foi quasi a unica palavra que o nosso consocio pronunciou; mas que multidão de idéas e de sentimentos não encerra ella? Aquelles dois homens, que haviam ambos tomado parte tão distincta nas glorias da nossa restauração politica, que figuraram depois juntos nas tristes dissensões do partido liberal, combatendo pelas mesmas idéas, que, poucas horas antes, batalhavam como inimigos em campo contrario, viam-se agora juntos pela derradeira vez, porque um delles ia deixar esta terra e esta vida para passar á morada dos justos. Alguem virá um dia que escreva a historia destes dois grandes homens; mas ainda é cedo, porque essa historia goteja sangue; o sangue inflamma as paixões humanas, e com a luz, que estas derramam, não se podem escrever os fastos das nações.

O Marechal facilitou o transporte do illustre ferido para uma casa da villa onde elle podesse ser tratado. Sua virtuosa e inconsolavel mulher, uma de suas filhas, e o nosso consocio, o Dr. Barjal, foram

ainda de Lisboa para lhe assistir; mas o seu estado successivamente se havia aggravado; sobreveio a febre e o delirio, e finalmente ás 7 horas da tarde do dia 27 de dezembro aquelle soldado valoroso tinha deixado de existir.

A sua familia ficou n'uma consternação difficil de descrever; todos os que se aproximaram do seu cadaver se encheram de profunda magoa; o Marechal Saldanha veio ainda derramar sobre elle lagrimas de dor.

Portugal perden em Luiz Mousinho d'Albuquerque um cidadão probo, virtuoso e trabalhador infatigavel; a Rainha um subdito fiel; o partido liberal um defensor estrenuo; o parlamento um orador fecundo e eloquente, e a Academia um dos seus mais nobres ornamentos.

NOTICIA

DA

VIDA E TRABALHOS SCIENTIFICOS

DO

MEDICO

BERNARDINO ANTONIO GOMES.

NOTICIA
DA
VIDA E TRABALHOS SCIENTIFICOS
DO
MEDICO
BERNARDINO ANTONIO GOMES.

TRAZER á lembrança a vida dos homens, que se distinguiram pelos actos que praticaram e serviços que fizeram, é pagar um tributo que se lhes deve, e ser util a todos aquelles, a quem um bom exemplo póde aproveitar. A biographia do medico Bernardino Antonio Gomes é uma das que, neste sentido, não podiam, sem grave damno, ficar no esquecimento. E ainda que esse esquecimento não era já de receiar, pois que, além de não o permittirem os muitos documentos impressos e bem conhecidos que deixou o distincto medico, um seu particular amigo, que o acompanhou nos ultimos instantes da vida, teve, pouco depois de a ver terminar, o cuidado de reunir em quadro biographico a noticia dos actos principaes, que distinguiram o finado, como homem de sciencia e como homem publico. * Este quadro porém foi rapidamente traçado, e a occasião não permittia ao generoso

* Este amigo é o Sr. João Joaquim de Andrade, actualmente conego da Sé d'Elvas. A biographia por elle publicada appareceu na Gazeta Universal de Lisboa do 1.º de Fevereiro de 1823.

amigo dar-lhe o devido desinvolvimento. Para que o tivesse, quanto o podiamos fazer, e permitem os documentos que possuímos, é que hoje vamos cumprir o que para nós é tanto mais um dever, quanto tivemos a fortuna de herdar a memoria de um nome, que ficou respeitosa e impresso na lembrança de quantos conheceram o varão que o transmittiu.

O Dr. Bernardino Antonio Gomes nasceu a 29 de Outubro de 1768 na Freguezia de S.^{ta} Maria de Paredes, pertencente á Villa dos Arcos na Provincia do Minho. Seus paes, o Dr. José Manoel Gomes e D. Josephina Maria Clara de Sousa, seus avós, tanto paternos como maternos, recordam uma ascendencia modesta toda por sua posição, mas honrada. Destinando-se á profissão medica, habilitou-se para seguir na Universidade de Coimbra os estudos da Faculdade respectiva. Ali os fez, e com tanta distincção que foi sempre premiado em todos os annos do curso medico, o qual concluiu alcançando a carta de formatura em 18 de Junho de 1793.

No mez de Setembro desse mesmo anno começou logo o Dr. Gomes o exercicio de medico clinico na Comarca de Aveiro, onde foi provido com um partido de medicina pela Camara Municipal da Cidade. Poucos annos ali permaneceu; os creditos que alcançára na Universidade como estudante, e os que ia adquirindo como clinico, chamavam-n'o a theatro mais vasto. Além disso para quem, como o Dr. Gomes, desde o principio deu mostras de presar mais na medicina o culto da sciencia, do que o simples exercicio de uma profissão, a vida de provincia devia de necessidade parecer um campo acanhado para semelhante vocação. Impulso bem natural o chamava á primeira cidade do reino, onde o maior commercio com os homens de sciencia e de letras, além de outras circumstancias, favorecem mais aquella vocação. Não diremos todavia, que não influisse tambem no espirito do Dr. Gomes a ambição de posição melhor, tão natural aliás em uma idade, em que sentimos a energia toda das nossas faculdades, e tão legitima quando a promovemos por esforços honestos, que para isso empregâmos. É certo que resolveu vir para a Capital, onde, pouco depois de chegar, e em 9 de Janeiro de 1797, foi nomeado medico da Armada com a graduação de Capitão de Fragata.

Pouco depois, a 16 do mesmo mez e anno, embarcava já o Dr. Gomes na náó Conde D. Henrique, Capitania de uma esquadra composta de cinco náos, duas fragatas e dois brigues, que se fez de vela para o Rio de Janeiro, commandada pelo Chefe de Esquadra Antonio Januario do Valle.

Esta primeira commissão de serviço medico naval durou cinco annos, terminando a 21 de Outubro de 1801, época na qual se verificou o desembarque em Lisboa. Foi o melhor periodo da vida do Dr. Gomes, como homem de sciencia. Livre de outros cuidados que não fossem os do seu cargo, com um numero limitado de occupações officiaes que lhe deixavam tempo bastante para o estudo, amando este por inclinação natural, bem preparado com estudos medicos e de sciencias accessorias, como se faziam n'aquella época florecente da Universidade de Coimbra, lançado sobre um mundo novo como o Brazil, então quasi virgem de explorações, e onde a natureza, vasta e immensamente variada nas suas produções, offerecia tanto que explorar; tudo se reunia para convidar ás indagações um espirito naturalmente investigador como o do Dr. Gomes.

Não foram effectivamente perdidas para a sua satisfação propria e para a sciencia tão favoraveis circumstancias; as investigações feitas no Brazil durante este periodo produzirão os seguintes trabalhos.

Memoria sobre a Ipecacuanha fusca do Brasil, ou cipo das nossas boticas. Impressa em Lisboa no anno de 1801, por ordem de S. A. R. o Principe Regente, na typographia do Arco do Cego.

Observações botanico-medicas sobre algumas plantas do Brazil, escriptas em latim e portuguez, offerecidas á Academia Real das Sciencias. Impressas nas Memorias da Academia t. 3.º p.º 1.ª no anno de 1812.

Ensaio sobre as boubas. Impresso nas Memorias da Academia t. 4.º, p.º 2.º.

Observações sobre a canela do Rio de Janeiro, escriptas a rogo do Senado da Camara da mesma Cidade, em 8 de Maio de 1798, e ultimamente retificadas, addicionadas e offerecidas ao mesmo Senado. Manuscripto que nunca se imprimiu.

Diremos destes escriptos o que baste para recordar o serviço, que por elles prestou á sciencia o seu author.

A raiz de ipecacuanha era desde muito empregada e conhecida na Europa por suas virtudes medicamentosas. Pison a havia mencionado, e já tinha distinguido a variedade branca e a cinzenta ou fusca, mas a respeito das especies botanicas que as forneciam, nada se sabia certo. Pensou-se pertencerem aos generos *Lonicera*, *Euphorbia*, *Viola* e *Psycotria*, e um tempo se acreditou que a *Viola ipecacuanha* Linn. dava a ipecacuanha branca, e a *Psycotria emetica* Linn. a cinzenta.

Tal era o estado duvidoso dos conhecimentos até os trabalhos do

author, o qual, na sua viagem ao Brazil, aproveitou a primeira occasião que teve para fazer a diligencia de resolver as duvidas. Achou no principio difficuldade de encontrar as plantas; a perseguição que ellas soffriam, e o methodo vicioso empregado na sua colheita pelos habitantes do Rio de Janeiro tinham-n'as feito menos vulgares, especialmente nas visinhanças da cidade. O author começou por encontrar plantas da ipecacuanha do outro lado da bahia, no campo de S. Lourenço, primeiramente sem flor, depois floridas. Examinou cuidadosamente as plantas nos sitios da sua naturalidade; descreveu tanto a que fornece a ipecacuanha cinzenta como a que dá a branca, e trouxe para a Europa, com as estampas e exemplares seccos, todas as noticias que podiam servir a esclarecer completamente a questão.

Uma das especies botanicas, a que fornece a ipecacuanha branca, ou a poaia do campo dos brazileiros, foi reduzida pelo author ao genero *Richardsonia*, e ficou sendo conhecida pelo nome de *Richardsonia braziliensis* Gomes. A outra especie não pôde ser determinada do mesmo modo pelo author, por não achar os caracteres genericos que observava, entre os de todos os generos descriptos na 13.^a edição do *Systema plantarum* de Linneo, que era a ultima ou mais recente edição que o author pôde consultar, quando estudou a planta no Brazil. Mas a impossibilidade, que elle encontrou de reduzir aos generos conhecidos o da planta que examinava, devia existir, porque de facto não só a especie mas o genero a que esta pertencia eram até então desconhecidos, como depois se verificou.

Chegando a Lisboa deu-se pressa o Dr. Gomes em consultar o Dr. Brotero sobre o objecto das suas indagações. Foi para isso a Coimbra, e lhe confiou todas as noticias que possuia, os desenhos e exemplares seccos das plantas. O Dr. Brotero tudo examinou attentamente, e não tardou em reconhecer, que a planta da ipecacuanha fusca ou a poaia do mato dos brazileiros era uma *Calicoeca*, genero que começou a apparecer descripto na edição de Gmelin do *Systema plantarum*, posterior á 13.^a edição de que fallámos. Ficou pois sendo a nova especie a *Calicoeca ipecacuanha* Brotero. Com as duas determinações especificas a questão da origem botanica das ipecacuanhas foi definitivamente resolvida para a sciencia. Junto porém á satisfação de ter para isso concorrido do modo efficaz porque o fez o author, não deixou elle de encontrar tambem algum dissabor.

O Dr. Brotero, logo que teve conhecimento do objecto, communicou-o em Memoria sua á Sociedade Linneana de Londres, e a essa Memoria juntou copia da estampa que o Dr. Gomes lhe confiára.

Deste modo o nome do Dr. Brotero, eminente como era entre os botânicos, absorveu o do Dr. Gomes, e por fórma tal, que este não se accommodou depois facilmente com a obscuridade a que o condemnavam em um objecto, para esclarecer o qual tão efficaçmente contribuíra. Por mais infelicidade succedeu que o Dr. Gomes, reconhecendo por menos perfeitas as estampas que confiára ao Dr. Brotero, reformou-as e mandou exemplares das estampas reformadas ao mesmo Dr. Brotero, o qual muito as gabou, e teve logo o cuidado de as remetter aos botânicos com quem estava em relação. Trouxe isto ainda ao Dr. Gomes a pequena contrariedade de ler no Diccionario grande das sciencias medicas, que o Dr. Brotero reformára as estampas da ipecacuanha á vista dos exemplares da planta, que lhe haviam sido remettidos pelo Dr. Gomes; quando o caso aconteceu do modo que referimos. No mesmo Diccionario igualmente se engana o Sr. Merat attribuindo a certo author, por nome Colomb, as primeiras noticias ácerca da cultura da ipecacuanha, quando já antes o Dr. Gomes de-ra disso noticia na sua Memoria sobre a raiz.

De tudo isto se queixou elle para Paris aos professores Virey e Chaumeton, com os quaes se correspondia; mas por fim a todos se fez justiça completa, dando-se á Memoria dos Drs. Brotero e Gomes o que de direito pertencia a cada um. O Jornal complementar do Diccionario das sciencias medicas, no seu numero 45, foi o primeiro escripto onde começou a fazer-se essa justiça, da qual nunca mais se duvidou em escripto algum ulterior.

O que dissemos como historiadores fieis para honrar a memoria do Dr. Gomes, de modo nenhum se entenda alcançado á custa de outra memoria illustre, e que muito respeitâmos, a do Dr. Brotero. Nunea podiamos suppor, que o character honesto deste insigne professor coneorresse com acto algum de menos lealdade para o que occorreu; não o podendo nós attribuir senão a desintelligencias involuntarias e ao modo imperfeito, por que geralmente se sabe fóra do nosso paiz o que nelle se passa. Alem de tudo estas questões de prioridade entre homens de sciencia não devem surprehender quando lembre quanto custa qualquer passo alcançado no progresso dos conhecimentos humanos. Para quem o consegue dar não ha quasi nunca muita mais satisfação do que a de vir a ter na historia da sciencia o logar que por isso lhe compete.

As — Observações botânico-medicas sobre plantas do Brazil — foi o trabalho do author, que mais conhecido o fez entre os botânicos, e que deu ao seu nome direito de domicilio no grande catalogo dos con-

tribuiutes para este interessante ramo de historia natural. Foram publicadas em dous fasciculos, contendo ambos a descripção em latim e portuguez de quinze especies de plantas, quasi todas mal conhecidas antes ou de todo desconhecidas. O author não só fez assim conhecer outras tantas especies, algumas inteiramente novas, mas achou mesmo entre ellas generos igualmente novos, como são os dous a que deu o nome de Guapeba e Hancornia, ambos tão bem estabelecidos que foram assim recebidos, especialmente o ultimo, por todos os botanicos. O genero Hancornia recorda um Chefe de Divisão inglez ao nosso serviço, que foi particular amigo do author, navegou com elle, e mostrava especial interesse pelos estudos de historia natural, sendo isso motivo de lhe ser dedicado pelo Dr. Gomes o novo genero.

Foi tão cuidadosamente elaborado este trabalho, as descripções botanicas feitas com tal arte, que um celebre botanico inglez, Robert Brown, fallando a seu respeito, chama-lhe « a respectable work. » O mesmo botanico, dando noticia de uma nova orchidea do Brazil, descripta por elle e estampada no vol. 41 do Botanical Magazine de Curtis, pag. 1748, e reconhecendo na planta um genero novo, dedicou-a ao Dr. Gomes, pelo serviço que prestára com as suas observações botanico-medicas, especialmente na parte phytografica. A bella orchidea brazileira ficou sendo a *Gomesia recurva* R. Br.

Entre as doenças proprias aos habitantes do Brazil feriu especialmente a attenção do Dr. Gomes a das boubas. É o yaws, o pian, a framboesia dos authlores, que Hume começou por observar e descrever na Jamaica em 1744, e que para o Brazil, onde a doença tem physionomia especial, havia sido apenas indicada por Pison na sua medicina braziliense. O Dr. Gomes, aproveitando pois a occasião que se offerecia de examinar nos engenhos de assucar e mais estabelecimentos de escravos esta doença ali muito frequente, pôde assim estudala e fazer a sua descripção. O resultado foi a publicação do seu — Ensaio sobre as boubas — no qual apparece pela primeira vez a noticia circumstanciada do que se observa no Brazil a respeito de uma doença, que se suppõe originaria da Africa, levada á America pelo trafico da escravatura, quasi exclusiva da raça preta, e que nas suas fórmas mais genuinas o author não pensa, como outros medicos, que seja uma simples manifestação da infecção syphilitica, mas sim uma doença de natureza especial, e como a syphilis tambem essencialmente contagiosa.

As observações sobre a canela do Rio de Janeiro foram encarregadas ao author pela Camara Municipal d'aquella cidade. Na Memo-

ria escripta a este respeito, e que nunca se publicou, ¹ o author começa dando conta da introdução da canelaira no Rio de Janeiro, a qual elle attribue aos Jesuitas; compara depois o clima e o solo do Rio aos de Ceylão, a patria por excellencia da canelaira; e mostra não se reunirem no Rio todas as condições de boa aclimação e cultura da arvore. Comtudo não deixa por isso de indicar o que lhe parece mais conveniente a seguir para alcançar a melhor cultura da planta, a separação da casca, o modo mais conveniente de a seccar, de a acondicionar, e de a fazer transportar. Igualmente trata dos outros productos que se podem aproveitar da planta, como são a canfora que se extrahê da raiz, a essencia da casca, e assim alguns outros.

O author, na mesma Memoria e em appendice, occupa-se igualmente da introdução e cultura no Brazil das arvores da pimenta, do cravo e da noz moscada.

O Senado do Rio de Janeiro, em officio de 9 de Maio e de 21 de Novembro de 1798, agradeceu em termos obsequiosos o esmerado trabalho do author, prometteu leva-lo ao conhecimento do Vice-Rei no Rio de Janeiro e do Principe Regente, e mandou-o guardar no seu archivo.

No anno immediato áquelle em que terminava a commissão dos cinco annos no Brazil, outra, importante tambem, se preparava ao Dr. Gomes. Em 1802 por causa dos Argelinos cruzava no estreito de Gibraltar uma esquadra portugueza composta de uma náó, tres fragatas e tres bergantins. ² Assaltada de uma epidemia de typhos, foi por elles terrivelmente maltratada. Attribuiu-se aos seus effeitos a facilidade com que fóra prêza dos Argelinos a fragata Cisne, commandada por um official francez ao serviço portuguez, por nome Deshon, e que andava a corso separada da vista da esquadra. ³ Os outros navios que a compunham, surtos na bahia de Gibraltar, não ousavam sair a navegar pelo lastimoso estado das suas tripulações, e só dous, uma fragata e um brigue, foram mandados para Lisboa carregados de

¹ Devemos rectificar o que fizemos imprimir. Soubemos depois que a Memoria sobre a canelaira fóra impressa no Rio de Janeiro por conta do governo.

² Eram a náó Affonso d'Albuquerque, as fragatas Cisne, Phenis e Ulisses, os bergantins Voador, Real João e Gaiivota. Commandava a esquadra do Estreito o Chefe de Esquadra Diogo José de Paiva e Silva.

³ Parece que não fóra só o máo estado da tripulação a causa do desastre da Fragata Cisne: consta que a surprehendêra o inimigo. O desgosto do brioso Commandante foi tal que preferiu a sobreviver o suicidar-se; o que fez arremecendo-se sobre a ponta de uma espada.

doentes. ¹ Nestas circumstancias o Visconde d'Anadia, então ministro da marinha, recorreu ao conselho do Dr. Gomes, o qual propoz todas as medidas de policia sanitaria que julgou convenientes, e entre ellas a de mandar um navio hospital, onde fossem recebidos e tratados todos os doentes da esquadra.

O ministro accitou os conselhos do Dr. Gomes, cuidou de os pôr logo por obra; mas alem disso entendeu que o melhor modo de lhes segurar o effeito era mandar, para tratar os doentes e dirigir todas as outras medidas sanitarias, o que tinha sido o author d'ellas.

A 2 de Abril de 1802 partiu com effeito o Dr. Gomes na fragata *Thetis* que se destinou para hospital da esquadra, e foi cumprir a sua nova missão. Com tanta felicidade o fez, que no fim de dous mezes e meio estava a epidemia completamente extincta na esquadra; conseguindo restitui-la á actividade, pô-la ao abrigo de novos insultos, como o que soffreu em um de seus navios; ou concorrendo de modo immediato e directo para que a bandeira portugueza continuasse segura a percorrer aquelles mares, onde fôra sempre temida e respeitada de todos.

As observações feitas por esta occasião a respeito do typho e do seu tratamento foram motivo de mais uma publicação, a que deu o titulo de — *Methodo de curar o typho ou as febres malignas contagiosas pela effusão da agua fria.*

O uso interno da agua fria nas febres é, pelo menos, tão antigo como Hippocrates; da applicação externa e por effusão é que na antiguidade não são do mesmo modo claras as noticias. Em 1797 appareceu publicado em Edinbourg um escripto do Dr. Currie, com o titulo de — *Medical reports on the effects of water cold and warm as a remedy on fever and other diseases* — do qual escripto sahiram mais duas edições até 1804. Esta obra, de que o nosso author teve noticia no anno de 1800, foi o incentivo para elle fazer ensaios sobre as effusões frias no tratamento das febres graves; ensaios para que muito authorisavam os bons resultados desta pratica, annunciados na obra do Dr. Currie. A occasião que se offereceu para isso na epidemia de Gibraltar era a melhor, o author não podia deixar pois de a aproveitar. É o que fez, e com a satisfação de obter effeitos correspondentes á sua expectativa. Estes bons resultados constaram ao Dr. Currie, o

¹ A impossibilidade de navegar a que chegou a esquadra pelos desastrosos effeitos da epidemia foi mesmo julgada em conselho militar dos officiaes commandantes, um dos quaes era o Conde de Vianna, que então commandava o bergantim *Voador*.

qual escreveu ao Dr. Baeta, com quem tinha relações, para deste modo obter do author as informações desejadas. Isto foi motivo de uma extensa carta ao Dr. Currie, na qual elle dava miuda conta do que observou. Esta carta foi depois impressa pelo Dr. Currie na ultima edição da obra citada (t. 2, pag. 531), e ali exprime o medico inglez o grande apreço em que teve as observações do nosso author, e o seu especial merecimento.

É curioso ver nos escriptos desse tempo tão bem formulados alguns dos principios das actuaes doutrinas da hydro-sudo-therapia, que para alguns são reputados como uma novidade nascida dessas doutrinas. As effusões frias sobre a pelle quente e mesmo coberta de suor é ali objecto claramente expresso; mas alem disso são cuidadosamente indicadas as circumstancias em que essas applicações são innocentes ou proveitosas, assim como aquellas em que podem ser muito prejudiciaes. As doutrinas zoonomicas de Darwin estavam então em certo gráo de favor na opinião dos medicos, e ao nosso author forneceram maneira de explicar os factos de toda esta observação, e de os ligar pela fórma que julgou melhor; mas com o bom senso que o distinguia em tudo que escreveu, como medico, não usou elle dessas doutrinas, conforme o seu proprio dito, senão até o ponto em que se pôde confiar de todas as theorias em medicina.

Não obstante o achar-se extincta a epidemia, o Dr. Gomes continuou a permanecer na esquadra de Gibraltar até 31 de Março de 1803 em que desembarcou, tendo empregado quasi um anno nesta commissão. Em attenção ao seu máo estado de saude e aos serviços prestados, pôde isentar-se do serviço de embarque, e por aviso de 6 de Abril de 1804 veio fazer serviço no hospital da marinha. Em Setembro do anno seguinte recebeu, alem disso, a nomeação de primeiro medico do hospital militar da Córte.

Por este tempo haviam sido remettidas do Brazil diversas qualidades de cascas, que vieram lisongear a esperanza de poderem supprir a quina peruviana. O Governo remetteu estas cascas para os diferentes hospitaes de Lisboa e Coimbra, convidando os praticos a estudal-as e a determinar o seu verdadeiro valor. Occupou-se immediatamente deste objecto o Dr. Gomes, e, segundo o seu costume, empenhando todas as diligencias para alcançar um resultado util, o que veio a conseguir, e de modo assignalado. Foi com effeito consequencia de todo este trabalho a sua descoberta do chinchonino, cuja primeira noticia appareceu na publicação que fez com o titulo de — Ensaio sobre o cinchonino, e sobre a sua influencia na virtude da quina

e de outras cascas. — Este escripto foi impresso nas — Memorias da Academia, t. 3, anno 1812.

As cascas da supposta quina, vindas do Brazil e submettidas ao exame do author, foram as de Pernambuco e Piahy, as do Rio de Janeiro, e as de Camamú, povoação ao sul da Bahia. Estas cascas são mencionadas na Quinographia de Velloso. Julgou-se que as de Camamú pertenciam á Plumeria obtusa, as de Pernambuco e Piahy á Portlandia hexandra, e as do Rio de Janeiro á Buena hexandra Pohl. No exame destas ultimas occupou-se uma commissão da Academia, composta dos socios José Bonifacio de Andrade e Silva, Sebastião Francisco de Mendo Trigoso e Bernardino Antonio Gomes, os quaes deram conta do seu trabalho n'uma Memoria publicada em 1811 no t. 3.º p. 2.ª das — Memorias de Mathematica e Physica da Academia.

Os estudos feitos a este respeito constaram de ensaios clinicos e exames chymicos. Os ensaios clinicos davam para todas estas cascas qualidades mais ou menos antiperiodicas. Os exames chymicos derivaram principalmente do modo de analyse proposto e seguido por Vauquelin para as cascas de quina, as quaes elle classificou como é sabido em tres grupos, a saber: — as que precipitam pela gelatina, e não o fazem pelo tanino, nem pelo emetico; — as que precipitam pelo tanino, mas não pela gelatina; — as que precipitam pela gelatina, pelo tanino e pelo emetico.

Por este trabalho de Vauquelin, que foi o mais notavel na historia das analyses da quina antes da descoberta dos seus alcaloides, ficou-se acreditando, com o celebre chymico francez, que as melhores quininas erão as da terceira classe; que as outras deviam considerar-se tanto mais inferiores, quanto menor fosse o numero dos tres reagentes, gelatina, tanino e emetico, que produzissem precipitado nas suas dissoluções; e que ás cascas, cujos solutos não precipitassem por nenhum dos tres reagentes, se devia negar a qualidade de verdadeiras quininas. Guiados por estes principios, e em virtude dos resultados obtidos a respeito da quina do Rio de Janeiro, concluíram os commissarios da Academia, que a casca do Rio de Janeiro devia ser uma verdadeira quina, precipitando o seu decocto, como o fez, não só com o soluto de gelatina, mas tambem com o de tanino.

É o que se podia fazer e concluir com os dados que a sciencia então subministrava. Tudo levou, porém, o espirito do Dr. Gomes a não se contentar com este estado de conhecimentos, e proseguindo nas suas indagações, acabou por achar o verdadeiro modo de resolver esta e outras importantes questões da quinologia. Reconheceu que o dis-

tinctivo das quinas era a existencia de certos principios immediatos, especiaes á sua composição; separou um destes principios, o cinchonino; e mostrou que o melhor modo de determinar o valor destas cascas devia estar naturalmente nesta separação, e na apreciação quantitativa do producto separado.

Para bem avaliar a descoberta do Dr. Gomes devemos lembrar, que o factio chymico, que mais depressa a preparou, foi a reacção achada pelo Dr. Maton, o qual foi o primeiro a notar, que as dissoluções de quina precipitam pelo tanino. D'aqui seguiu-se o erro de Seguin, o qual suppoz por isso que as quinas continham gelatina. Veiu depois o Dr. Duncan fazendo ver que o precipitado obtido das quinas por meio do tanino era solúvel no alcool, como não succedia com o da gelatina. Mas nem Duncan, nem depois Vauquelin haviam conseguido separar o principio ou principios especiaes, que nas quinas são a causa desse precipitado. É isto o que pela primeira vez conseguiu o nosso author, e o que lhe deu as honras de descobridor de um dos alcaloides da quina; descoberta que contribuiu a pôr depois outros chymicos no caminho não só de achar os demais alcaloides das quinas, mas, além disso, estes e outros principios activos, que ulteriormente se foram descobrindo nas differentes substancias vegetaes.

O modo por que o Dr. Gomes conseguiu isolar o cinchonino foi o seguinte. Dissolveu n'agua o extracto alcoolico da quina cinzenta, e tratou a dissolução pela potassa; obteve assim um cinchonino impuro, resultado da decomposição, feita pelo alcali no sal de cinchonino naturalmente existente na casca; a purificação do alcaloide e a sua regular crystallisação, conseguiu-as dissolvendo no alcool o cinchonino impuro, e tratando depois a tintura por meio da agua.

O que levou o author a tratar assim pela potassa o extracto de quina não foi o suspeitar, que o cinchonino estivesse na casca unido a um acido, o que aliás depois reconheceu ou entreviu; mas foi o ter observado que os solutos de quina em geral precipitam pelos alcalis, e que nestes precipitados a potassa, por exemplo, dissolve a parte, que elle suppunha constituida pela materia extractiva oxygenada, e que se tornára por isso insolúvel, ficando não dissolvida na mesma potassa uma outra parte, que o author logo suspeitou ser formada principalmente pelo cinchonino.

O author depois deste primeiro e mais importante resultado dos seus ensaios, fez o exame comparado das quinas vermelha, amarella ou calyssaia, e huanuco ou cinzenta, e notou as differenças: entre estas, por exemplo, que a quina calyssaia não dá os crystaes do cincho-

nino que as outras separam; facto em harmonia com o que hoje se sabe melhor a respeito da composição destas cascas, e em especial das amarellas, que contem pouco ou nenhum cinchonino, abundando aliás em quinino. Outro facto verificado pelo author, e que julgamos importante, é o de certas crystallisações confusamente formadas, que observou nas paredes dos vasos em que obtinha os crystaes de cinchonino; crystallisações confusas ou incrustações, que elle diz serem constituidas por materia alcaloide mais ou menos impura. Não é muito provavel que estas incrustações fossem formadas principalmente de quinino, o qual teria sido separado das quinas do mesmo modo que e o cinchonino, e que no processo do author teria crystallisado nessa fórma de incrustações depois do cinchonino, por ser o quinino, como é, mais solúvel do que o outro alcaloide? Tudo o faz crer. E sendo assim, não poderemos dizer, que o Dr. Gomes teve na mão com a descoberta do cinchonino quasi tambem a do quinino, a qual ficou sendo todavia depois a dos celebres chymicos francezes, Pelletier e Caventon?

Outro facto chymico, que o author observou tambem, mas que só muito depois pôde ser bem avaliado, é o da reacção da potassa sobre os alcaloides da quina, e a formação consecutiva do que se veiu a chamar o cincholino ou quinolino. O author notou com effeito nos seus ensaios sobre a quina amarella, que pela acção da potassa sobre o extracto, em vez de crystaes filiformes de cinchonino se separava uma materia de apparencia oleosa, que é de facto a fórma por que se mostra o quinolino, o qual por conseguinte foi nesses ensaios provavelmente formado por meio da reacção referida.

Consequindo ter assim um dos mais importantes principios das quinas, verificando nelle todas as propriedades physicas e chymicas, pelas quaes ainda hoje o reconhecemos, e admittindo alem disso dever ser o cinchonino um principio activo das cascas, pôde o author perceber ainda que não devia elle ser o unico. Se não descobriu pois quinino, previu a sua existencia, e preparou muito immediatamente a sua descoberta: diremos mesmo, se se attender a tudo que referimos, que até o teria tido debaixo da vista quasi isolado.

O — Eusaio sobre o cinchonino — foi em inglez reproduzido no Edinbourg Med. and Cir. Journal, vol. 7.º, pag. 120, e no Med. and Phys. Journal vol. 27. O Investigador portuguez, no n.º de Novembro de 1811, pag. 297; e no vol. de 1812, pag. 36, dá noticia da mesma obra. Os resultados obtidos pelo Dr. Gomes foram geralmente recebidos como bem provados: na parte historica da analyse das

quinas o seu nome nunca mais deixou de figurar a par da descoberta do cinchonino. Um fado máo, porém, permittiu, que fosse no seu proprio paiz, e no unico jornal de medicina portugueza então existente, onde apparecesse opposição ás idéas do author. A descoberta do cinchonino foi ali posta em duvida, as razões de sciencia para isso produzidas foram dadas por insufficientes e especiosas, e até de erros de sciencia o author foi accusado. Debalde mostrou elle os dos seus antagonistas, e lhes pedia que repetissem as suas experiencias, e por observação propria mostrassem a falsidade da sua; não o conseguiu, mas nem por isso continuou menos a opposição que lhe fizeram. Infelizmente não permittiu o seu temperamento conservar-lhe o sangue frio, que devia fazer facil a excellente posição em que se achava nesta questão, a qual não deixou com tudo isso de lhe causar bastante e não merecido desgosto. Mas não revolvamos mais sobre este assumpto as cinzas dos que descançam, e contentemo-nos de notar em satisfação á memoria do author, que nos contemporaneos e nos que vieram depois elle achou inteira justiça feita a um trabalho, que na historia da analyse das quinas, e mesmo na das analyses vegetaes em geral, pôde dizer-se que marcou época; bastando lembrar para isso que a descoberta do cinchonino precedeu a da maior parte dos outros alcaloides, e alem disso preparou a de quasi todos elles de modo immediato; porque o processo para os obter geralmente é fundado nas mesmas reacções, que serviram para a separação do cinchonino, isto é, nas que resultam principalmente da acção dos alcalis sobre os solutos vegetaes feitos com as substancias que contem os ditos alcaloides. ¹

O ultimo serviço feito pelo Dr. Gomes, como medico militar, foi no lazareto de Lisboa tratando do typho 445 doentes mandados da esquadra que tinhamos cruzando em Gibraltar. ² Foi mais uma oc-

¹ A desgraçada polemica, a que nos referimos, pôde ver-se nos N.º S. pg. 90; 10, pg. 291; 11, pg. 370; 12, pg. 447 e 449; 20, pg. 277; 35, pg. 202; 36, pg. 296 do Jornal de Coimbra: e no Investigador de Abril 1813, pg. 206.

² Os accidentes dessa ordem a bordo das esquadras portuguezas parece que eram então frequentes, o que não abona o estado da sua policia sanitaria. Alem do que já referimos de outra esquadra, na qual o Dr. Gomes teve a combater igual calamidade, tambem em 1794 a mesma epidemia de typhos assaltou uma terceira esquadra, que nos portos da Inglaterra só por isso fez a despeza de 800:000 cruzados, não tendo custado menos de 12:000 cruzados a gratificação dada a um medico inglez, que foi convidado pelo embaixador portuguez em Londres para se encarregar do tratamento dos doentes a bordo. Custou alem disso este desastre o desaire de se ter precisado para socorrer a esquadra mendigar o auxilio da sciencia estrangeira, o que lamenta com tanta razão o Dr. Gomes, dando conta deste facto. Este desaire e avultada despeza não tiveram logar com as duas esquadras, soccorridas pelos cuidados do Dr. Gomes.

casião de empregar as abluções frias, e de obter as vantagens que havia já alcançado por este tratamento. O modo, porém, por que o Dr. Gomes se encarregou desta commissão, por que a executou e deu lugar á sua exoneração do serviço militar, pôde servir para mostrar a feição especial do character que o distinguia, e não é menos um exemplo do modo injusto e ingrato, por que são avaliados tantas vezes os bons serviços, e por igual fórma apreciados os que os prestam.

Fazia então as vezes do Intendente de Marinha um Contador da mesma, por nome Fonseca. Sendo pelos regulamentos do tempo subordinados á Intendencia de Marinha os empregados de saúde do hospital naval, ¹ succedeu receber o Dr. Gomes d'aquelle empregado uma ordem concebida em termos pouco discretos, na qual o mandava entrar no lazareto e tratar os doentes de que fallámos. ² Esta ordem, alem do que tinha de inconsiderada na fórma, obrigava o Dr. Gomes a um serviço penoso e arriscado, que mais naturalmente pertencia aos medicos do lazareto, subordinados á Junta de Saude, e que eram assim poupados com sacrificio allicio. Uma semelhante ordem era pois a mais propria para ferir a sua susceptibilidade, e para não passar sem alguma manifestação da sua parte. Como porém a executaria? Regeitar a commissão, peusou elle, não o podia como subordinado que era e em quanto fosse empregado; pedir a sua demissão immediatamente, pareceria querer evitar o risco e a difficuldade da commissão. Não adoptou pois nem um nem outro arbitrio: a sua resolução foi entrar immediatamente e deixar-se fechar no lazareto, tratar os doentes o melhor que podesse, e levar assim até o fim a sua commissão. Acabada, porém, assentou pedir a sua demissão de todo o serviço militar de que se achava encarregado. Neste pedido houve-se ainda com tanta moderação, que nenhuma queixa lhe serviu de funda-

¹ Este estado e modo de serviço não cessou de todo senão mais tarde em 1833, sendo Director do Hospital de marinha um dos filhos do Dr. Gomes, o qual no reinado da Snr.^a D. Maria II pôde conseguir livrar desta subordinação o serviço do hospital, e mesmo a direcção de todo o serviço de saúde naval, os quaes só ficaram na immediata dependencia da Secretaria de Estado dos negocios da Marinha e Ultramar. Notavel coincidência de acontecimentos, puramente casual na verdade, mas que deu occasião ao filho de concorrer para emendar um mal, que fôra em parte a causa da injustiça feita a seu pai.

² Esta ordem, como poderia ser para o empregado menos considerado, era assim redigida:

«O medico do hospital real da Marinha Bernardino Antonio Gomes se apresentará ao Commandante do Presidio da Trafaria para o *coadjuvar no curativo dos doentes*, que desembarcaram da fragata Carlota, na conformidade das ordens que recebi a este respeito. — Lisboa 26 de Julho de 1810. Fonseca.»

mento; allegou só o seu máo estado de saude e a precisão de attender, melhor do que até ali lh'o permittira o serviço publico, aos interesses da sua familia.

Como seria attendido similhante pedido de um medico, que havia servido duraute treze annos na Armada e nos hospitaes do modo distincto que temos referido; e que tinha alem disso adquirido dentro e fóra do paiz um nome como homem de sciencia? Foi recebendo do Conselho da Regencia, que então dirigia os negocios publicos em Lisboa, a simples demissão que pedira, concebida nos termos seguintes e firmada em 22 de Setembro de 1810:

« O Principe Regente nosso Senhor, attendendo á impossibilidade em que se acha por suas molestias para continuar o seu Real serviço o medico da Armada Bernardino Antonio Gomes, foi servido, por Portaria de 6 do corrente mez expedida a esta Real Junta da Fazenda da Marinha, acceitar-lhe a demissão que pede.»

Com algumas linhas pois de uma simples Portaria se passou assim uma esponja sobre os serviços do Dr. Gomes, se lançou no esquecimento o zelo que nelles empregou, o desinteresse e patriotismo com que até cedeu em beneficio do Estado duraute a guerra com a França, da importancia de mais de dous annos de seus vencimentos como medico da Armada, offerecimento que lhe havia sido acceito por Aviso de 11 de Novembro de 1809.

O favor, porém, que o Dr. Gomes não pôde alcançar na opiuião dos que governavam, teve-o ao menos, e amplo, na confiança do publico. Dependente desde então e exclusivamente do exercicio da clinica civil, achou nella toda a compensação que podia desejar. A sua posição como medico civil immediatamente ou em pouco tempo teve todo o desinvolvimento de consideração e de interesses, a que se podia aspirar na Capital. Nunca, porém, as occupaões e o attractivo de una brillante clientella poderam diminuir no Dr. Gomes as suas tendencias essencialmente estudiosas, e o desejo de aproveitar todas as occasiões que se lhe offereciam para promover quanto podia os progressos da sciencia, e sobre tudo aproveitar o que ella tem de util na sua applicação.

Entrou como socio da Academia Real das Sciencias em 19 de Janeiro de 1810, e passou a effectivo no mez seguinte. Já fizemos menção de alguns dos trabalhos, pelos quaes o Dr. Gomes contribuiu como academico; não foram porém os uricos; teve outros, e entre elles figuram de modo especial os vaccinicos.

O beneficio da vaccina foi aproveitado em Portugal pouco depois

da sua descoberta. A primeira publicação do Dr. Jenner appareceu em 1798, e já no anno seguinte medicos portuguezes vaccinaram no hospital de vaccinação então existente em Lisboa. ¹ Em 1801 appareceu o primeiro impresso sobre vaccina que se escreveu em Portugal: é do Dr. Domeier que pertendeu ser o primeiro que introduziu a vaccina em Lisboa, o que não é exacto, porque houve antes, como vimos, quem o fizesse. Seguiu-se a esta publicação a do Dr. Manoel Joaquim Henriques de Paiva, com o titulo de — Preservativo das beixigas ou historia da vaccina etc. — impressa por ordem do Governo. Muitos artigos foram ainda apparecendo sobre o mesmo objecto no Investigador e Bibliotheca Universal. Em 1804, por diligencia do Vice Reitor da Universidade, José Monteiro da Rocha, creou-se em Coimbra um Instituto vaccinico. Em 1805 vaccinaram-se pela primeira vez dous Principes Portuguezes, e foram Suas Altezas a Snr.^a Infanta D. Isabel Maria e o Snr. Infante D. Miguel. Na India Portugueza vaccinava-se em 1806 e 1807.

Se deste modo, porém, foi prosperando em Portugal a grande descoberta de Jenner, não deixou ella tambem de passar por algumas provas. O succedido com um filho do Duque de Lafões, que pouco depois de vaccinado fôra atacado de convulsões e morrêra, fez bastante sensação no publico e por algum tempo contribuiu para paralyzar a vaccinação, sem que a isso obstasse o bom senso e illustração do Duque, a quem a magoa de perder o filho não apaixonou de modo que não reconhecesse ter sido a morte accidental e não devida á vaccinação, perseverando por isso em favorecer esta practica com a sua influencia.

Mais soffreu o progresso das vaccinações com a publicação feita em Londres no anno de 1808 pelo Dr. Heliodoro Jacintho de Araujo Carneiro, depois traduzida em portuguez com o titulo de — Reflexões e observações sobre a practica da inoculação da vaccina e dos seus funestos effeitos. — A respeito deste escripto disse o Dr. Gomes: «esta obra é tal, que o seu author parece ter tido em a fazer o mesmo intuito de Erostrato, quando queimou o templo de Diana em Epheso; isto é, quiz-se fazer celebre por uma singularidade, pela qual merecia soffrer realmente a mesma pena que se impoz ao seu prototypo.» ²

¹ V. Bibliotheca Universal N.º 3, art. 4.º, e Investigador Portuguez Jan. 1812.

² Vide — Collecção de opusculos sobre a vaccina N.º 2, pg. 23. Sobre a obra do Dr. Heliodoro pôde ver-se uma analyse feita no Investigador Portuguez, Dezembro 1811, pag. 173, e Janeiro 1812, pag. 352.

Finalmente veio interromper e quasi de todo fazer esquecer os trabalhos vaccinicos, o que devia realmente absorver todas as attenções, a invasão franceza de 1808. Passada esta crise politica e em 8 de Abril de 1812 o Dr. Gomes por meio de uma nota dirigida á Academia chamou de novo a attenção sobre este importante objecto. O resultado foi a creação do Instituto vaccinico, organizado no seio mesmo da Academia.

O serviço da Instituição vaccinica, todo gratuito, foi feito por oito membros da Academia. Compuzeram em principio esta commissão os Drs. Francisco Elias Rodrigues da Silveira, José Feliciano de Castilho, José Pinheiro de Freitas, José Maria Soares, José Martins da Cunha, Francisco Soares Franco, Francisco de Mello Franco, e Bernardino Antonio Gomes. As vaccinações faziam-se duas vezes por semana. No fim de cada anno um relatorio dava conta á Academia da estatistica das vaccinações, e de tudo o mais quanto a observação tinha mostrado que merecesse ser referido sobre tão interessante objecto. Coube ao Dr. Gomes fazer alguns dos primeiros relatorios, os os quaes existem impressos nas Memorias da Academia, t. 3.º, p.º 2.ª, pag. 46 e 72, e nos opusculos vaccinicos da mesma Academia.

No primeiro anno da Instituição vaccinica o numero dos vaccinados foi pouco mais de 3:000, nos seguintes foi augmentando successivamente até chegar em 1817 a 19:000. Teve pois o Dr. Gomes a satisfação uma vez mais de concorrer para um serviço util, empenhando para isso, juntamente com os seus collegas, o zelo, sciencia e amor do paiz que o distinguia.

Mais um cargo publico, o de membro da Junta de Saude, para que foi nomeado em Agosto de 1813, deu logar a outro trabalho, que publicou com o titulo de — Memoria sobre o modo de desinfecar as cartas. — A precisão de esclarecer o Governo sobre este objecto foi o motivo que teve o author de emprehender similhante publicação.

O author tentou uma serie de experiencias com o fim de determinar o poder desinfecante dos principaes agentes que se usa empregar. como são o vinagre, o acido sulphuroso, e o chloro; alem disso fez por provar, que era possivel levar a desinfecção ao interior das cartas sem as abrir nem golpear.

Para resolver similhantes questões em relação ás infecções verdadeiramente miasmaticas, o objecto não era facil, como não é quanto prende na sciencia com a supposta existencia dos principios miasmaticos. que até hoje não se poderam ainda isolar e reconhecer por observação directa. Uma analogia, porém, se admittiu sempre, e é a

desses principios miasmaticos com as emanações putridas. Foi conduzido por ella que o author dirigiu as suas experiencias, chegando a deduzir de tudo, que a desinfecção das cartas pôde fazer-se ao abrigo de toda a suspeita, expondo-as ás fumigações sem as abrir nem golpear; e em segundo lugar julgou ter provado que dos tres agentes fumigadores apontados o acido sulphuroso é o mais energico, depois o chloro, e em ultimo lugar os vapores de vinagre. Esta Memoria foi traduzida em inglez e lida na Sociedade Real de Londres no anno de 1815, e alem disso o seu resumo publicado no vol. 36, pag. 253 do *Medical and Physical Journal*.

Pouco tempo depois, e no meio das numerosas occupações clinicas que muito se lhe multiplicavam, começou a attenção do Dr. Gomes a dirigir-se de modo particular para o estudo das doenças de pelle. A elephantiasse entre todas foi a que lhe excitou mais estudo. Para isso colligiu todos os esclarecimentos que pôde alcançar relativamente á historia da doença no nosso paiz, onde foi antigamente ainda mais commun do que é hoje; e tambem a respeito dos hospitales de Lazaros ou das Gafarias, então espalhadas em numero notavel pelo reino: finalmente pediu e obteve observar seguidamente a doença no hospital de S. Lazaro em Lisboa, o que só pôde utilizar por espaço de cinco mezes no anno de 1817.

No meio de todas estas occupações uma commissão nova e extraordinaria veiu surprehender o Dr. Gomes. Havia sido designada para esposa do Principe Real, o Snr. D. Pedro de Bragança, uma Princeza d'Austria, Sua Alteza a Snr.^a D. Leopoldina Carolina Josepha. O Governo devia mandar, para a fazer conduzir de Leorne ao Rio de Janeiro, duas náos; e com todos os outros officiaes da Casa Real, que foram nomeados para fazer o serviço da Princeza, deviam ir dous medicos e um cirurgião da Camara, para isso especialmente nomeados. Foram escolhidos para esta commissão extraordinaria os Drs. Francisco de Mello Franco e Bernardino Antonio Gomes, e o distincto e bem conhecido cirurgião Almeida. Estas commissões, que não se sollicitam e a que ninguém se pôde recusar, são por extremo honrosas. Com a distincção que dá a escolha do Soberano vai involvida a da consideração e opinião publica que se alcançou antes, e deve ser uma das causas dessa escolha e confiança Real. Aceitton pois, e sem hesitar, o Dr. Gomes a commissão honrosa para que foi nomeado, e até o fim a executou com o zelo que sempre costumava, e alem disso com a maior abnegação de interesses pessoaes.

Partiu para Leorne, e d'ahi acompanhou a Princeza até o Rio de

Janeiro, onde só esteve seis mezes. No fim delles veiu de novo a Leorne, encarregado ainda de acompanhar as damas da Princeza, e por fim regressou a Lisboa. Em toda esta commissão não faltaram ao Dr. Gomes testemunhos de apreço da parte da Princeza e das suas damas, do Imperador d'Austria, e do Grão Duque da Toscana, com o qual tratou largamente em Florença, e a cuja meza teve a honra de ser particularmente convidado. ¹ Do Imperador d'Austria recebeu valio-

¹ A seguinte carta, escripta de Leorne pela Condessa de Kunburg, que era a Camareira Mór da Princeza, é mais um documento do que asseveramos, e serve para mostrar o genero de impressão que deixou o Dr. Gomes no animo das angustas personagens que teve a honra de acompanhar. É um documento a este respeito tanto mais significativo quanto se vê ser dictado por uma senhora de elevado espirito e educação; e ninguem como as senhoras dessa condição sabe tão bem ser grato e exprimir os sentimentos delicados que mais capazes são de lisongear o amor proprio do medico e compensar-lhe os cuidados e desvelos proprios do exercicio da sua laboriosa profissão. Transcrevemos a dita carta no idioma e do modo por que foi escripta.

« Rade de Livourne, à bord du St. Sébastien le 20 Septembre 1818. — Permettez, Monsieur, que je remplisse ici un devoir de la reconnaissance encore avant de quitter ce Vaisseau, qui nous ramene vers notre patrie, celui de vous tracer ici l'assurance de nos remerciemens et de notre gratitude éternelle pour vos soins envers nous, et votre complaisance incomparable à notre égard. Jamais, cher Monsieur Bernardino, nous n'oublierons la maniere si délicate avec laquelle vous nous avez traité, votre patience et indulgence, votre zèle, votre activité pour soulager jusqu'au dernier des malades, jusqu'à la plus petite indisposition; l'intérêt si amical que vous avez bien voulu témoigner à chacun de nous, étoit par lui même déjà un remède bien efficace, mais je dois ajouter que la plupart de nous devons à vos soins la conservation ou le retour de notre santé, et que nous vous estimons autant comme médecin habile que comme ami parfait, qui a voulu sacrifier de si bon coeur le bonheur de rester dans sa famille qu'il venoit de retrouver à Lisbonne, pour accompagner des étrangers josques dans leur pays: aussi tous ces étrangers sont devenus vos amis bien sinceres, il n'y a pas un de nous qui ne vous soit attaché de coeur et d'ame, qui n'ait la plus grande confiance en vous, et qui ne fût prête à vous servir en tout ce qui dépendroit de lui. Nous devions beaucoup de reconnaissance à sa Majesté le Roi d'avoir bien voulu nous destiner un médecin pour nous accompagner, mais nous lui en devons doublement de vous avoir désigné, vous, Monsieur Bernardino; j'ai dit cela déjà à notre Princesse dans une lettre de Lisbonne, et je le lui répéterai de Livourne, en mêtant nos actions de graces aux pieds de sa Majesté le Roi. Ce n'est pas seulement sur le Vaisseau que vous nous avez prodigué vos soins, mais c'étoit encore bien plus méritoire de les étendre sur notre séjour à Lisbonne, où vous retrouviéz votre épouse, vos enfans, où chaque moment de votre petit séjour parmi eux et vos amis devoit vous être précieux; vous vous en arrachâtes pour venir malgré la distance trouver nos malades, une ou deux fois tous les jours, vous leurs rendites la santé, et voulûtes ensuite vous arracher pour quelque temps encore à votre famille, pour nous accompagner jusqu'au haut. Cher Monsieur Bernardino, tout ce que nous pourrions faire, ne seroit jamais en état de donner une idée de la reconnaissance que nous vous devons, votre souvenir reste pour toujours empreint dans nos coeurs, puisse le ciel vos bénir, vous ramener bientôt et heureusement dans votre beau pays, et vous donner à vous et aux vôtres tout le bonheur que vous méritéz si bien. Se sont les sentimens de tous mes compatriotes, nous sommes les echos les uns des autres en parlant de vous. Recevz, Monsieur, l'assurance de la plus

sos presentes. O governo portuguez, querendo recompensar o Dr. Gomes pelos serviços que assim prestou, galardoou-o com distincções honoríficas; ¹ de nenhum outro modo, porém, se attendeu ao sacrificio de um medico, collocado na posição clinica que elle occupava em Lisboa, e que tudo abandonou para satisfazer uma missão que se tinha muito de honrosa, tambem tinha bastante de difficil, delicada, e não pouco dispendiosa. Effectivamente não recebeu o Dr. Gomes por toda esta commissão gratificação ou indemnisação alguma pecuniaria. O transtorno que assim experimentou com tão longa interrupção das occupações que eram o principal recurso seu e da sua familia, nunca pôde depois de todo repara-lo; o que soffreu todavia com a mesma estoica resignação que n'outras occasiões havia já mostrado.

Não perdendo nunca occasião opportuna de estudo, e como a bordo, durante as dilatadas viagens que fez nesta commissão, lhe sobrasse tempo para esse estudo, escreveu então a sua *Dermosographia*. Nos seis mezes que esteve no Rio de Janeiro observou a elephantíase, muito frequente no Brazil, e as outras doenças de pelle que ali o são tambem e offerecem especialidade. De todo este estudo resultaram, alem da *Dermosographia*, os seguintes opusculos.

Carta aos medicos portuguezes sobre a elephantíase, noticiando um novo remedio para a cura desta enfermidade. Impressa em 1820.

Memoria sobre os meios de diminuir a elephantíase em Portugal, e de aperfeiçoar o conhecimento e cura das doenças cutaneas. Impressa em 1821.

Nestes escriptos o author dá uma noticia historica da elephantíase e das gafarias ou hospitaes de Lazaros em Portugal, comparando o seu estado com o de outros paizes. Propõe converter todos estes estabelecimentos, espalhados pelo reino, em tres hospitaes de doenças de pelle, que deveriam ser situados em Lisboa, Coimbra e Porto; e nos quaes, alem de serem recebidos e tratados os doentes, deveria instituir-se o estudo e o ensino desta especialidade de doenças. O author vai mesmo até lembrar os recursos, que poderiam aproveitar-se para sustentar estes estabelecimentos, como seriam os rendimentos das

parfaite estime et considération, avec la quelle j'ai l'honneur d'etre. — Votre servante — La Comtesse de Kunburg.

¹ Os titulos honoríficos conferidos ao Dr. Gomes em toda a sua vida foram, alem dos scientificos, o de Cavalleiro da Ordem de Christo concedido em 12 de Dezembro de 1812, o de Medico Honorario da Camara em 8 de Julho de 1813, o de Cavalleiro Fidalgo em 7 de Março de 1815, e o de Fidalgo Cavalleiro, no qual foi agraciado, elle e pouco depois os seus tres filhos, em 18 de Abril de 1818.

gafarias existentes e os das Merceerias instituidas por alguns dos nossos Monarchas e Infantes, nas quaes entende, e bem, que não se fallaria em nada ás intenções dos instituidores, provendo os logares de merceeiros ou merceiras em doentes gafos, em vez de o fazer em individuos validos; parecendo certo que as orações destes ultimos pelas almas dos fundadores das Merceerias não seriam mais attendidas pela Divindade, do que as dos pobres doentes. Um recurso apontado ainda pelo author, de certo muito valioso, e cuja lembrança se resente da época em que foi proposto, ¹ é o da conversão da Patriarchal de Lisboa em Arcebispado, e o aproveitamento para estes hospitaes da economia resultante de similhante reforma.

O author tratando alem disso das differentes questões da etiologia, da pathologia e da therapeutica da elephantiasis, quanto ao tratamento cita exemplos, nos quaes lhe pareceu ter particularmente aproveitado o hydrochlorato de cal, administrado internamente.

Foi tal o interesse que o Dr. Gomes tomou pelos pobres gafos, que não se contentou de contribuir para o seu allivio com os esforços da sua intelligencia; alem disso promoveu em Lisboa uma grande subscrição a favor dos que existiam asyados no hospital de S. Lazaro. O que mais alcançou, porém, com isso foi ter o desgosto de ver distrahir para outros objectos o producto da subscrição, e de ser de outros modos ainda contrariado pelos que eram então os administradores do estabelecimento.

O livro publicado em 1820 na typographia da Academia com o titulo de — Ensaio dermosographico ou succinta e systematica descripção das doenças cutaneas — é um compendio das melhozes doutrinas do tempo sobre estas doenças, e a expressão da practica e conhecimento especial alcançados pelo author sobre este ramo da pathologia. Então davam nelle a lei os celebres dermosographos William e Bateman. Foi seguindo principalmente as suas doutrinas e methodo de classificação, que o nosso author coordenou o seu compendio. Alem de tudo fez elle o serviço de regular nesta parte toda a nomenclatura medica portugueza, e não é esse um dos menores merecimentos de similhante escripto, até hoje o unico deste genero publicado na nossa linguagem, e livro indispensavel na bibliotheca de qualquer medico portuguez.

O ultimo trabalho do Dr. Gomes foi a — Memoria sobre a casca da raiz da romeira — impressa em 1822. Esta data confrontada

¹ Era em 1821.

com a da sua morte, que se verificou no anno seguinte, attesta que até quasi o ultimo instante da vida, não deixou elle de se empenhar em ser tão util, quanto lh'o permittiam seus recursos de medico experiente e de homem de muito estudo e sciencia que era.

A virtude anthelmintica da romeira, apesar de conhecida na antiguidade, havia de todo esquecido na medicina europea, sem que desse esquecimento a tivesse podido livrar a expressa menção de semelhante virtude, feita em um livro de medicina tão classico e conhecido como o de Celso. Foi preciso para restabelecer na Europa o uso deste proveitoso remedio, ir buscar de novo o seu conhecimento á medicina indiana. Os primeiros que deram noticia deste objecto em Inglaterra foram os Drs. Breton e Buchanan. O Dr. Gomes, a quem não escapava facilmente noticia medica estrangeira digna de se aproveitar, apressou-se em experimentar o novo remedio, e não lhe faltaram occasiões de poder logo verificar seus bons effeitos. A Memoria, que delles dá conta, reúne quatorze casos de tenias que foram facilmente expulsas pelo cosimento da casca da raiz da romeira; alem disso expoz o modo de tratamento, que foi empregado nesses casos, e que depois tem sido geralmente adoptado na practica; e por fim refere as experiencias que fez para poder explicar a acção do cozimento da casca sobre a tenia e sobre os seus articulos isolados, ou o que o author chama vermes cucurbitinos.

O Snr. Merat em Paris publicou esta Memoria traduzida em francez, e foi por ella que em França se começou a conhecer e usar a casca da raiz da romeira como anthelmintico e o melhor dos tenifugos conhecidos.

Assim terminou a laboriosa carreira scientifica do Dr. Gomes, e com ella pouco depois a vida. A sua organisação, aliás delicada, começava a abalar-se e a desfallecer talvez com o peso de tanta occupação; a doença em breve ganhou terreno, até que exaustas na luta as forças, a morte poz termo a uma existencia tão curta como bem empregada, em 13 de Janeiro de 1823, contando apenas 54 annos de idade.

O Dr. Gomes foi casado 22 annos. ¹ Deixou viuva e quatro filhos. Apesar de tão curta vida e dos contratempos que nella experimentou, ainda o seu trabalho pôde grangear aos filhos o pequeno patrimonio, que lhes deu meios de completar uma educação, pela qual

¹ Casou em 13 de Outubro de 1801 na Parochia de Nossa Senhora da Encarnação em Lisboa com D. Leonor Violante Roza Mourão.

deviam depois saber achar no mundo posição honesta e decente ; mas com isso lhes deixou sobre tudo a grande herança de um nome, que sempre repetiram e tiveram a satisfação de ouvir repetir com respeito e honrosa recordação.

Alguna cousa havia no modo de sentir do Dr. Gomes, que contribuiu para que não fosse sempre tão feliz como merecia : o seu character, porém, era essencialmente probó e mesmo austero ; muitas vezes seus filhos lhe ouviram repetir : « Façam principalmente por ser homens de bem. » Em todos os actos da sua vida dominou certo espirito de independencia que o caracterisava, um desinteresse que, nos cargos publicos especialmente, chegou mesmo a excessiva abnegação e não preciso sacrificio ; desinteresse, porém, e sacrificio que nem sempre foram avaliados ou reconhecidos. Não foi certamente nas suas mãos que a profissão desceu em consideração : antes nas suas relações com os doentes e com os collegas concorreu muito para a sustentar na devida elevação ; porque a exerceu sempre com a dignidade, que lhe inspirava uma profissão considerada por elle mais o sacerdocio do homem de sciencia, do que uma simples profissão luerativa.

Na consideração publica, que alcançou por este exercicio dentro do paiz ; na opinião que lhe deram dentro e fóra d'elle os seus trabalhos e publicações ; e sobre tudo na satisfação que teem as almas bem formadas de deixar neste mundo a lembrança de uma existencia util, é que o Dr. Gomes devia ter encontrado principalmente a compensação de todas as suas fadigas.



NOTA

SOBRE A APPLICAÇÃO

DO

SUBAZOTATO DE BISMUTHO EM ALTA DOSE

LIDA NA SESSÃO DA PRIMEIRA CLASSE

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

EM 1 DE MARÇO DE 1855

PELO DR. FRANCISCO ANTONIO BARRAL

SOCIO DA MESMA ACADEMIA.

NOTA

SOBRE A APPLICAÇÃO

DO

SUBAZOTATO DE BISMUTHO EM ALTA DÓSE.

DEPOIS que em Agosto de 1852 apresentámos á Academia uma Memoria sobre a applicação do subazotato de bismutho em alta dóse. tem occorrido um bom numero de factos d'esta applicação que merecem ser notados, e que confirmam e amplificam algumas das proposições que então estabelecemos.

Antes de tudo cumpre dizer, que em consequencia da reputação de Mr. Monneret, pela leitura muito geral que entre nós se faz hoje de obras e jornaes francezes de Medicina, e pela grande quantidade de molestias chronicas do apparelho digestivo que somos chamados a remediar e para que ás vezes achâmos insufficientes os meios mais geralmente adoptados, o subazotato de bismutho começou a ser largamente empregado na pratica; e bem pôde ser que para esta voga não fosse inteiramente estranha a approvação que a Academia se dignou dar ao nosso escripto.

O uso desta substancia tornou-se muito geral na pratica civil e dos hospitaes, e não se limitou a Lisboa ou ás Cidades mais populosas. mas tem chegado a toda a parte. O publico mesmo, até sem conselho de facultativo, já começa a fazer uso desta droga quando sente des-

arranjo de funcções digestivas que suppõe ser do numero daquellas que ella pode remediar.

De tão extensa applicação que entre nós se tem feito d'este medicamento nos ultimos dous annos, julgámos poder deduzir alguns collarios, em parte tirados da nossa pratica, mas amplamente confirmados pelo que sabemos da pratica geral, e pelas informações que temos da clinica de alguns collegas que maior emprego tem feito d'esta substancia e que nol-as quizeram communicar.

Em primeiro logar podemos dizer que tendo sido applicado o subazotato de bismutho em alta dóse em tão grande numero de casos, e algumas vezes pelo publico sem grande discernimento e sem conselho medico, contam-se muito poucos em que elle pareceesse nocivo. Só temos noticia de um caso acontecido em Coimbra em que o subazotato de bismutho produziu effeitos que se assimilhavam aos de um envenenamento pouco grave pelos venenos irritantes. Os symptomas foram promptamente debellados, e o doente, pessoa intelligente da profissão, pôde d'ali a poucos dias fazer uso d'esta mesma substancia sem inconveniente e com decidida vantagem. Este facto teve logar quando se começava a estabelecer o uso do subazotato de bismutho, e nós attribuímos á má qualidade da droga, em cuja preparação não havia ainda as devidas cautelas, os máos effeitos então observados. Em outros casos, não muitos, pareceu que o subazotato de bismutho produzira irritação do estomago ou dos intestinos; mas em alguns d'estes casos já havia anteriormente irritação gastro-intestinal em que seria melhor não ter usado d'este medicamento, ou ter esperado que o elemento phlegmasico perdesse a sua agudeza. A historia de alguns d'estes factos não é bastante clara e desenvolvida para que se possa seguramente avaliar qual foi a parte que o medicamento tomou na exacerbação dos symptomas, e se outras circumstancias estranhas ao remedio, ou mesmo a sua má preparação concorreram para o menos bom resultado da applicação. Fica porê m fóra de duvida que da extensa applicação que ultimamente se tem feito d'esta substancia entre nós não se tem seguido inconveniente notavel, e sobretudo não se tem seguido os grandes males que se poderiam receiar de taes applicações, se as apprehensões que havia ainda ha poucos annos a respeito d'esta substancia fossem bem fundadas. E não podemos deixar de acresentar que não só o publico já faz uso d'este medicamento, sem tomar para isso conselho medico, o que não approvamos, mas até alguns facultativos o empregam sem aquellas precauções e recommendações que costumam ter com substancias medi-

camentosas toxicas ou suspeitas: tão seguros se julgam elles já da sua acção sobre a economia. Pela nossa parte podemos asseverar que tendo tido na enfermaria de S. José constantemente, desde que começámos a applicação do subazotato de bismutho em alta dóse, doentes neste uso, ajuda ali não tivemos um só em que elle produzisse incommodo de cuidado ou gravidade.

A segunda consideração ou corollario, que temos sido levados a tirar de tudo o que sobre este assumpto havemos observado, é que nas officinas pharmaceuticas de Lisboa existe hoje subazotato de bismutho bem preparado de que os facultativos podem lançar mão com segurança, na certeza de que o bom ou máo effeito que se possa seguir da sua administração deve ser procurado em outras condições que não são a preparação da droga. Consta-nos que mesmo fóra de Lisboa em muitas officinas se encontra este medicamento fabricado com igual perfeição. Tudo isto não deve dispensar o facultativo de se assegurar previamente da natureza da droga e de a começar a applicar em doses mais fracas, augmentando depois gradualmente. Contámos aqui já tanto com a qualidade da droga em muitas officinas, que começámos ás vezes logo por doses de meia oitava e uma oitava.

Em uma analyse ultimamente feita em diversas amostras d'esta droga, achou-se em um caso o medicamento falsificado com o amido, mas esta falsificação que não prova nem grande intelligencia na maldade nem grande probidade no exercicio da profissão da parte de quem a praticou, não pôde ter grande inconveniente na pratica pelo lado do perigo toxico. A mistura com o amido diminuindo a quantidade do subazotato no mesmo peso, attenua por consequente a acção que se deveria esperar sobre a economia, se toda a quantidade fosse da droga medicamentosa.

A terceira consideração que temos a fazer é que pelas informações que alcançámos a respeito do modo como esta substancia tem sido applicada, ainda se não pôde dizer que ella fosse levada ás doses fortes em que Mr. Monneret a administra. As doses que os nossos praticos em geral tem applicado são um escropulo tres vezes ao dia, meia oitava até uma oitava por dóse tres vezes ao dia, e duas oitavas por dóse tres vezes ao dia, como maximo. Estas doses tem sido raras vezes excedidas; o que está ainda longe de 30, 40 e 60 grammas que Mr. Monneret tem empregado. Nós mesmos que muito uso temos feito d'este medicamento começámos geralmente por doses de meia oitava e chegámos a duas oitavas tres vezes ao dia. Poucas vezes excedemos esta dóse; mas temos já dado doses de meia onça tres vezes ao dia

sem inconveniente; tendo começado sempre por doses menores. Havendo tirado bom resultado na maior parte dos casos com a administração de doses menores, temo-nos conservado no seu uso.

De tudo isto se segue que apesar dos bons efeitos que entre nós se tem obtido do emprego therapeutico d'esta substancia, não nos podemos lisongear de ter tirado d'ella todo o partido que é possível alcançar quando levada a dose superior. Longe porém de estranhar a cautela adoptada pelos praticos n'esta applicação, julgámos antes a sua reserva prudente e nós mesmos a seguimos, não perdendo contudo a intensão de empregar mais frequentemente doses fortes quando estivermos mais experimentados nos seus efeitos.

Nos padecimentos de estomago o subazotato de bismutho tem tido muito extensa e mui util applicação, que confirma o que tínhamos dito na nossa Memoria. Nas nervoses do estomago, em dyspepsias de differentes fórmas, em gastroreas, em certas digestões trabalhosas, cuja causa ás vezes não é facil, ou mesmo não é possível determinar, o subazotato de bismutho em alta dose tem-se mostrado muitas vezes efficaç. E não só os doentes tem soffrido menos incommodos, ou tem ficado completamente curados, mas até alguns tem podido alargar a sua antiga dieta, e usar de alimentos, cuja qualidade antes do uso d'esse medicamento não podiam supportar sem grave incommodo.

É preciso porém confessar que a utilidade que se tira do emprego do bismutho não se sente algumas vezes logo no primeiro dia ou mesmo nos primeiros dias da sua applicação. Em certos casos é só depois de quatro, seis ou mais dias do seu uso, que se começam a sentir bem os seus efeitos salutaes.

Doentes ha que em affecções d'esta natureza usaram do subazotato durante mezes com o conselho de facultativo ou sem elle, e não só tiraram decidido beneficio d'esta longa applicação, mas não se seguiram depois d'ella effeitos toxicos ou suspeitos. Temos visto e acompanhado doentes que fizeram este longo uso, e tambem não observámos durante elle ou depois d'elle symptoma algum que nos induzisse a crer que esta applicação tão prolongada produza alguma alteração no sangue que se assemelhe á que tem logar no escorbuto ou que se manifeste pelos symptomas particulares d'esta affecção, ou por aquelles que o uso de ontras substancias metallicas produz na economia.

Algumas affecções de estomago tem uma natural tendencia para as recidivas, talvez porque os doentes tambem mui frequentes vezes se expõem ás mesmas causas que a primeira vez as fizeram desenvolver, e não nos tem parecido que os doentes tratados pelo uso do bismutho

fiquem por isso mais isentos de vêr repetir a sua molestia, passado algum tempo, do que aquelles que foram tratados por outro processo. Algumas vezes as recidivas cedem igualmente ao bismutho do mesmo modo que na primeira affecção; mas casos temos observado em que foi preciso variar de medicamento, sendo o bismutho completamente inutil.

O numero de pessoas que fazem hoje em Lisboa uso do subazotato de bismutho quando veem apparecer symptomas digestivos que elles já curaram com esta substancia, e que d'isso tiram vantagem, é muito grande. E o consumo d'esta droga actualmente, comparado com o que era ha cinco ou seis annos é immenso; não só porque as doses são hoje incomparavelmente mais elevadas, mas muito principalmente porque o numero das pessoas que d'ella fazem uso é muito maior.

Em affecções dos intestinos tambem o subazotato de bismutho tem sido usado largamente e com vantagem. Assim tem acontecido nas colites chronicas e ainda mesmo na terminação das colites agudas prolongadas, quando a dôr e symptomas phlegmasicos já teem desaparecido e só fica o fluxo alvino. Tambem tem aproveitado em fluxos mucosos alvins, principalmente chronicos, e sem symptomas phlegmasicos, em que a molestia parece essencialmente constituída pela hypercrinia, *enterorhea*. Então a sua acção muitas vezes é prompta e efficaz; mas assim mesmo não temos chegado a adquirir a convicção de que este medicamento seja mais prompto e seguro do que o opio; e se ha casos d'estes em que elle tem sido mais proficuo do que o opio, tambem sabemos de outros em que o opio teve a vantagem. Prever de antemão quaes são as circumstancias em que um convem mais do que o outro, ainda a pratica muito recente do bismutho em alta dose não ensinou. É comtudo bom que tenhamos mais esse meio efficaz não só para aquelles casos em que o opio não aproveita, mas tambem para outros em que o não ousâmos empregar por contraindicações que póde ter.

Muitas vezes temos applicado o subazotato de bismutho em dose forte conjunctamente com o extracto gommoso de opio, ou com o laudano, e encontrámos n'esta mistura um remedio efficaz e mais seguro do que quando as duas substancias se applicam separadamente. Tambem julgâmos que depois da administração do subazotato de bismutho só, não se seguem aquellas teimosas prisões de ventre que o opio muitas vezes produz. No uso do subazotato, ainda mesmo nas affecções nervosas do estomago o ventre não se prende muito, sómente as dejecções se fazem mais duras e sêccas; as secreções do

tubo intestinal diminuem, mas a acção peristáltica dos intestinos não fica entorpecida como ás vezes acontece com o uso do opio. E se alguns doentes sentem difficuldade na excreção das fezes, quando fazem uso daquelle medicamento, é mais pela consistencia e secura d'ellas do que pela falta de acção no intestino recto. Convem lembrar que de certa altura do canal intestinal para baixo o subazotato de bismutho em todo ou em parte é decomposto, formando-se o sulfureto de bismutho que dá a côr negra ás fezes, e esta reacção deve fazer desaparecer uma parte, pelo menos, dos gazes intestinaes que em alguns casos dão grande incommodo e dôres aos doentes.

Em diarrheas chronicas que terminam algumas molestias e alguns estados de cachexia, tomando frequentes vezes o nome de diarrheas colliquativas, ensaiámos o subazotato de bismutho, mas não temos tido com este remedio mais fortuna do que com o opio e alguns adstringentes: suspendem-se os primeiros insultos por algum tempo, porem a final estabelece-se a diarrhea por tal modo que resiste a toda a medicação.

No hospital de S. José reina uma especie de diarrhea dos cachecticos, que tem provavelmente a sua causa nas más condições hygienicas do estabelecimento. Não é uma molestia particular a este hospital, temol-a visto descripta em varios outros. É como os edemas, anasarcas, escorbuto, gangrenas de hospital etc.: diminue ou augmenta conforme as condições mais ou menos favoraveis do estabelecimento, e sobretudo conforme a accumulacão dos doentes. Tem parecido a alguns praticos além de endemica, contagiosa, e por isso aconselham que o vaso que serve ao doente d'ella affectado não sirva ao doente vizinho como é uso geral. Quando começa esta terrivel complicação os doentes abatem-se e empallidecem, as fezes são liquidas, mucosas, e ás vezes sanguinolentas, e tem um máo cheiro tão particular que as pessoas costumadas a frequentar os hospitaes logo por elle designam os doentes affectados d'esta molestia. É aos doentes que se demoram por muito tempo no hospital, e sobretudo aos velhos, e ás pessoas affectadas de padecimentos chronicos graves que ella mais persegue. Começa ás vezes com tenesmo, dôres, e algum sangue como a dyssentéria, e passa depois a dejeccões mucosas mais ou menos abundantes, e sem tenesmo nem dôres, como na diarrhea chronica, e casos ha em que no mesmo doente estes dois estados se repetem e alternam por tal modo, que umas vezes se diria que elle está soffrendo dyssenteria chronica e outras diarrhea chronica.

A lesão anatomica nesta affecção passa-se principalmente no in-

testino colon, e algumas vezes chega até ao recto. Ha uma côr arroxada, avermelhada, ou escura em porções da mucosa intestinal, outras vezes a côr não differe da que geralmente se costuma encontrar. Em muitas partes a membrana está amollecida; em casos de anasarca encontra-se edema no colon, ou serosidade derramada entre as membranas que o compõe e infiltrada no tecido cellular submucoso e subseroso. A lesão porém mais commum e que poucas vezes falta quando esta complicação tem durado algumas semanas é a ulceração da mucosa: sem vermelhidão notavel acha-se a membrana perfurada com os bordos da ulcera cortados ao alto, como se o foram com um vasador. Estas ulcerações variam muito em numero e grandeza; sendo as mais communs da grandeza de um centimetro pouco mais ou menos; algumas vezes as temos observado mais pequenas, e em quantidade tão grande, que em alguns logares formam como uma especie de renda. Em geral a ulceração e destruição existe só na membrana mucosa, mas em alguns casos a ulceração perfurou mais profundamente, e o fundo da ulcera é formado pela serosa. Tambem convem dizer, que em casos desta molestia os intestinos apparecem com um muito notavel adelgaçamento geral nas suas paredes.

Esta affecção reinava ainda ha poucos annos com muita frequencia no Hospital de S. José, causando a morte a muitos doentes, e anticipando-a a outros. Depois que as condições sanitarias daquelle estabelecimento tem melhorado, esta frequencia diminuiu muito, e tem havido longos prazos sem um só doente com esta affecção na enfermaria que dirigimos. Facto que antigamente nunca se dava.

Uma molestia desta malignidade, e desta frequencia não podia deixar de ter chamado a attenção dos praticos, e é certo que muitos medicamentos e tratamento: se empregaram contra ella, e pôde dizer-se que não se encontrou um, que parecesse efficaz; algumas vezes conseguia-se debellar a diarrhea no principio, porém se o doente se conservava no hospital, mais cedo ou mais tarde ella repetia, e depois de uma ou mais destas recahidas succumbia, fallhando os mesmos medicamentos que no principio pareciam ter sido proveitosos. Esta era a sorte que esperavam os doentes fracos e deteriorados que permaneciam por muito tempo no hospital. Contavam-se porém, entre os habitantes deste estabelecimento alguns, que tinham podido atravessar bastante tempo expostos ás mesmas causas de insalubridade, e gozando comtudo de uma inexplicavel immunidade. Esta affecção cansou o zelo e perseverança dos facultativos do hospital, e o remedio mais efficaz que encontraram contra ella era demorar pouco

tempo os doentes dentro no estabelecimento, ou quando era possível, faze-los dali sahir apenas ella apontava. A accumulção dos doentes tinha uma decidida e bem provada influencia não só no apparecimento da molestia, mas ainda no resultado do tratamento, e nós não estamos fóra de acreditar que, além das causas geraes que este estabelecimento e outros desta ordem apresentavam para favorecer o desenvolvimento desta enfermidade, os tratamentos nimiamente debilitantes aconselhados pelas doutrinas do tempo, as dietas péquenas em harmonia com essas idéas, e muito conformes com as posses muito moderadas do hospital, tivessem tido em certa época decidida influencia na grande frequencia dessa fórma de cachexias. Mas é preciso tambem confessar, que alguns de nós entre os meios mui variados que experimentámos nesta molestia, bastantes vezes entregámos os doentes a uma alimentação analeptica, réstaurante e substancial acompanhada ou não de outros remedios, e o resultado não pareceu ser mais feliz.

No verão e outono de 1853 e de 1854, com a accumulção dos doentes, tornaram a apresentar-se casos destas diarrheas, que nunca tinham abandonado completamente o hospital, mas que na enfermaria de S. José e em outras tinham chegado a desapparecer. Nestes casos foi experimentado o subazotato de bismutho em alta dóse, e o resultado foi que nos doentes em que a molestia começava, elle era util, mas da mesma fórma que o são o opio, a ratania, o tanino, ou alguns outros adstringentes; mas em casos em que a diarrhea estava já bem estabelecida, e o doente deteriorado, o medicamento ainda levado a doses fortes era completamente inutil para obter a cura.

Nas diarrheas que appareceram no verão e outono de 1854, e que tinham o character de prodromios de epidemia cholericã, applicámos por muitas vezes o subazotato de bismutho com vantagem; mas não tivemos motivo sufficiente para acreditar, que nessas affecções elle fosse mais effcaz do que o laudano de Sydenham, o extracto gommoso d'opio etc.; e muitas dessas affecções vimos nós curadas pela dieta e pelos antiphlogisticos. É para notar que tendo sido a Memoria de Mr. Monneret sobre a applicação do bismutho em alta dóse, publicada em 1849, e fallando-se ali com muita vantagem desta applicação nas affecções gastro-intestinaes e na cholericã, não conste pela leitura das obras e jornaes da época, que maior uso se fizesse deste medicamento no tratamento das diarrheas premonitorias e mesmo do cholera morbus; o que induz a acreditar que este medicamento pelo menos não foi considerado pelos praticos como mais effcaz do que o

opio e outros meios, que tambem foram aconselhados; antes parece que foi muito menos usado, e muito menos proveitoso do que o opio.

Nas diarrheas dos tísicos temos em geral encontrado o mesino resultado deste medicamento, que nas diarrheas do hospital: suspendem-se bastantes vezes no principio; porê m depois, quando tem tomado o verdadeiro caracter de diarrheas colliquativas bem estabelecidas, o remedio modera e diminue o numero das dejecções e a quantidade dellas, mas não as faz parar. E nesta affecção tambem não vimos, que tenha mais vantagem do que outros remedios para esse fim aconselhados.

Nas diarrheas das creanças o subazotato de bismutho tem tambem já sido applicado entre nós com proveito, e na Misericordia de Lisboa já se tem collido um bom numero de observações, que merecem tanto mais ser mencionadas quanto esta affecção é ali cruelmente fatal. Devemos estas informações ao nosso habil collega e amigo o Sr. Doutor Manoel Nicoláo de Bittencourt Pitta. A applicação dos laxantes constituia o principio do tratamento e com isso se curavam um certo numero de diarrheas. Se ellas continuavam recorria-se aos outros agentes therapeuticos conforme os symptomas e condições dos individuos.

O subazotato de bismutho sem addição de outro tratamento foi applicado em dezeseis casos. A formula era, agua seis onças, subazotato de bismutho meia onça, xarope de gomma uma onça. Uma colher de sopa seis vezes no dia. O resultado foi: quatorze creanças curadas, das quaes cinco expostas e nove repostas, e duas creanças repostas mortas. Cumpre notar que as creanças repostas, ou que as amas vem entregar, entram communmente em pessimo estado.

O subazotato de bismutho foi empregado conjunctamente com o opio em treze casos, e a formula era a seguinte: Agua seis onças, subazotato de bismutho meia onça, laudano liquido de Sydenham vinte gotas, xarope de gomma uma onça. O resultado foi: doze creanças curadas; quatro expostas, oito repostas, e uma exposta da roda, morta.

Em casos muito graves e tenazes ainda se ajuntou a esta medicação os elisteres de solução de nitrato de prata. As creanças em que se empregou este tratamento foram oitenta e duas, e o resultado foi o seguinte: Expostos curados dezeseis, repostos curados vinte e tres; expostos mortos dezoito; repostos mortos vinte e cinco. Esta estatística é sem duvida alguma muito vantajosa, não só em attenção á gravidade da molestia e ás condições particulares dos individuos affecta-

dos, como tambem em comparação com o que tem acontecido em algumas outras occasiões, e em outros estabelecimentos desta ordem.

De todas estas applicações que se tem feito nestes ultimos dois annos nós podemos concluir, que a introdução na pratica da medicina deste medicamento em alta dóse é uma excellente aquisição para a cura de algumas molestias, ainda mesmo quando se queira affastar tudo o que possa ter havido de exagerado nos louvores que lhe tem tributado alguns espiritos mais fervorosos e acalorados.

Na maior parte dos casos em que temos administrado o subzotato de bismutho em alta dóse, tem sido conjunctamente com a comida; mas tambem bastantes vezes o temos empregado em alta dóse antes ou depois della: o que prova, que a acção innocente do remedio não é devida a ir envolvido ou neutralizado pelos alimentos; esta mistura poderia attenuar algum tanto a sua acção, mas sempre lhe deixaria bastante energia para patentear a sua indole toxica, se elle a tivesse.

Em consequencia do emprego vantajoso desta substancia em clisteres, feito em França por Mr. Lasseque e Trousseau, e consignado na *União Medica*, e em outros jornaes, experimentou-se aqui tambem o subzotato de bismutho em clisteres. O Sr. Doutor Cunha Vianna, que tem deste medicamento bastante pratica, applicou-o em clister em nove casos. A dóse foi de uma onça em dois clisteres, suspendido em pequena quantidade de infusão de sementes de linho de modo que ficou a mistura em consistencia de papa molle. Em quatro casos de diarrhea simples as evaeuações pararam logo; a dejeccão que se seguiu depois da applicação dos dois clisteres foi consistente e os doentes curaram-se. Os casos não eram graves, e os doentes ter-se-iam curado por outro qualquer processo dos aconselhados. Nos outros cinco casos a soltura diminuiu logo, mas depois augmentou e continuou, sendo preciso recorrer a outros meios para a debellar. Nos expostos da Misericordia este methodo tambem foi applicado, mas em pequeno numero de casos e na declinação da epidemia. Fica pois o nosso juizo por em quanto suspenso a respeito deste modo de administração.

Depois que se emprega o subzotato de bismutho em alta dóse, a sua mais extensa applicação tem sido só e sem mistura com alguma outra substancia medicinal, de modo que não póde ficar duvida a respeito da sua efficaia nos casos em que elle foi proveitoso. Mas é muito provavel que ainda se possa tirar bom partido desta applicação em alta dóse combinado com outras substancias medicinaes. A idéa desta combinação não é nova, a sua união com o opio, e com a magnesia

encontra-se aconselhada pelos autores; mas então era em dose mais tenue. Agora porém resta estudar estas combinações, e outras novas, e que podem ser mui variadas, em que entre o subazotato de bismutho em dose forte. Pela nossa parte podemos dizer ter já administrado bastantes vezes este medicamento em dose forte conjuntamente com o extracto gommoso de opio, com o xarope de opio, e com o laudano de Sydenham; a maior parte dellas em diarrheas, mas tambem algumas em affecções de estomago; e tem-nos parecido esta união constituir um meio muito mais poderoso, e de que se pôde tirar mais proveito, do que de cada uma das substancias separadas. E o que dissemos a respeito das creanças da Misericordia confirma esta nossa asserção.

Tambem a união do subazotato com magnesia, que antigamente se fazia em pequena dose, tem já sido experimentada em maiores doses e com vantagem: é uma formula de que provavelmente se virá a tirar muito partido em algumas affecções chronicas do estomago. A magnesia podendo servir para corrigir a prisão de ventre, que o subazotato produz ás vezes. As pastilhas do doutor Paterson usadas na America como muito uteis nas dispepsias, nevroses do estomago etc. são uma mistura de subazotato de bismutho, de magnesia calcinada e assucar.

É provavel que da união com outros medicamentos absorventes, com os adstringentes e com os antispasmodicos, entrando o subazotato de bismutho em alta dose se tire grande proveito. O estudo destas combinações ainda está por fazer.

Dever-se-hia esperar que de tão extensa applicação, que nestes ultimos annos se tem feito do bismutho resultasse o mais perfeito conhecimento do seu modo de acção sobre o organismo; porém é preciso confessar, que os praticos ainda hoje não podem dar desta acção uma explicação satisfactoria, e até hesitam sobre o logar que este medicamento deve occupar no quadro pharmacologico. Nunca a medicação produzida por esta substancia foi bem definida: adstringente, alterante, antispasmodica, foram as denominações genericas que mais particularmente mereceu, e sobre tudo achava-se nos livros de toxicologia collocada entre os venenos irritantes conjuntamente com o cobre, o zinco, o chumbo, o estanho, o antimonio etc. Hoje sabemos que esta substancia não é venenosa mesmo em alta dose, e que por este lado a sua acção é muito differente das outras com que andava unida; porém é muito necessario ter em vista, que o que se diz do subazotato de bismutho pôde muito bem ser differente do que se de-

verá dizer de outros preparados deste metal, principalmente dos que forem mais solúveis; e a sciencia e observação nesta parte ainda é deficiente.

A acção do subzotato de bismutho não é irritante ou estimulante sobre o estomago são; mas sobre o estomago e intestinos inflamados augmenta ás vezes muito notavelmente esta inflammação, e é preciso não o applicar em casos desta ordem.

Alguns tem comparado o modo de obrar desta substancia com o das substancias chamadas absorventes: combinando-se com os acidos do estomago em todo ou em parte, dando lugar a productos innocentes para esta viscera, e evitando a acção que esses succos fortemente acidos e irritantes poderiam ter sobre a mucosa digestiva. Autores ha que tem querido ainda explicar esta acção protectora pela camada de pó que esta substancia insolúvel depõe sobre a superficie da mucosa, e que impede o contacto dos liquidos gastricos.

A propriedade tonica e adstringente tem sido admittida por outros, querendo que a sua acção sobre a mucosa diminua as secreções e assim os liquidos que irritam a mucosa gastrica e intestinal: no primeiro caso remediando muitos dos incommodos que acompanham a digestão, e no segundo dando ás fezes maior consistencia e curando as diarrheas. É certo que o modo por que algumas gastrorreas e muitas enterorreas se tem curado abona esta fórmula de explicação. Nestes ultimos tempos tem-se feito bastante uso externo de preparações de bismutho, e o resultado destas applicações tambem confirma este modo de ver. Jonathas Pereira falla do seu emprego em pommada nas ulceras do interior das fossas nasaes e molestias de pelle chronicas. A pommada aconselhada por elle compõe-se de uma oitava de subzotato de bismutho e meia onça de linimento de espermacete. Casenave no seu tratado de molestias do coiro cabelludo, aconselha no eezema impetiginoso una pommada composta de duas grammas de subzotato de bismutho e trinta de banha. Mr. Monneret tem applicado ultimamente o subzotato de bismutho externamente, apolvilhando com elle ulceras de diversa natureza, mas principalmente ulceras escrofulosas; e nestes casos a acção adstringente ou secante do medicamento tem sido evidente. Mr. Caby tem tambem empregado esta substancia em injeccão nas blemorragias, com proveito, ainda mesmo em algumas que tinham resistido a outros tratamentos. Em fluxos vaginaes agudos e chronicos simples e com ulcerações tambem tem feito applicação delle com decidida e rapida vantagem: a diminuição da secreção tem sido prompta e evidente.

Tudo isto confirma a acção adstringente da substancia e a sua virtude para diminuir as secreções das partes com que se põe em contacto.

A acção antispasmodica e calmante do bismutho foi admittida pelos seus effeitos curativos em nevroses do estomago, em neuralgias de diferentes órgãos, na asthma etc. As suas qualidades sensiveis não poderiam fazer suppôr uma forte acção sobre o systema nervoso, entretanto quasi todos ou todos os pharmacologistas lhe concedem esta propriedade.

Alguns praticos, e sobre tudo praticos inglezes, consideram certas nevroses do estomago como o resultado de uma secreção viciosa ou augmentada dos succos gastricos, e daqui tiram a indicação de moderar e corrigir a secreção desses liquidos e de a neutralizar pelas substancias chamadas absorventes. Nesta hypothese o subazotato de bismutho sem ter uma acção especial sobre o systema nervoso poderia moderar ou curar um certo numero de nevroses do estomago corrigindo as suas secreções. E como algumas neuralgias de outros órgãos estão ás vezes na dependencia dos trabalhos da digestão, e das más alimentações, ainda o subazotato de bismutho poderia ir influir nessas nevroses por um modo vantajoso ainda que indirecto. Não está demonstrado que o subazotato de bismutho seja absorvido e levado na torrente da circulação aos órgãos. Algumas vezes que o temos procurado nas ourinas de doentes que fazem delle uso habitual e externo não o temos encontrado; mas por estas poucas experiencias não nos atrevemos a affirmar a sua não absorpção.

O subazotato de bismutho melhorando a acção dos órgãos digestivos, fazendo supportar e elaborar melhor os alimentos, pôde ter, e tem effectivamente uma virtude restaurante das forças e da nutrição geral, e daqui tambem pôde seguir-se uma composição mais vantajosa do sangue, e uma influencia benefica no systema nervoso. Assim pôde ser util na chlorose e nos estados anemicos acompanhados de nevroses do estomago e de outros órgãos. Mas esta acção tendo alguns pontos de contacto com a do ferro, ou mesmo com a do manganés, differe muito; pois que o bismutho não concorre nesse caso para a cura como os outros metaes, que constituem um dos elementos do sangue.

As substancias muito pouco soluceis, que se introduzem no canal intestinal em grandes doses fazem sempre reccar a accumulção, que encontrando nucleos ou sem elles possa dar lugar a essas concreções chamadas enterolithes, egaropilas etc.; menos frequentes no homem do que em alguns animaes, mas de que a historia faz por ve-

zes menção. Ainda tem decorrido pouco tempo depois que esta substancia é applicada em alta dóse para que se possam já ter encontrado algumas dessas concreções, se é que ellas assim se podem formar. Uma boa parte do subazotato de bismutho sem duvida alguma sahe com as dejeções alvinas. O cuidado em ter o canal intestinal desembaraçado poderá prevenir esse inconveniente se o tempo e a observação vierem a demonstrar a sua possibilidade, como tem demonstrado com outros medicamentos.

Qualquer porém que seja o modo de acção, que o subazotato de bismutho tenha sobre os nossos orgãos, é hoje fóra de toda a duvida que as suas propriedades beneficas nas molestias em que se emprega não dependem do arsenico que o inquina, nem poderão ser por esse modo explicadas. O grande uso que se continúa a fazer deste medicamento nos irá dando occasião de ir estudando, e provavelmente de ir descobrindo o seu modo mais particular de obrar sobre a economia.

DISCUSSÃO

DOS

CARACTERES DISTINCTIVOS

DA

FAMILIA DAS PARONYCHIACEAS;

CLASSIFICAÇÃO E DIAGNOSE DOS GENEROS QUE A COMPOEM.

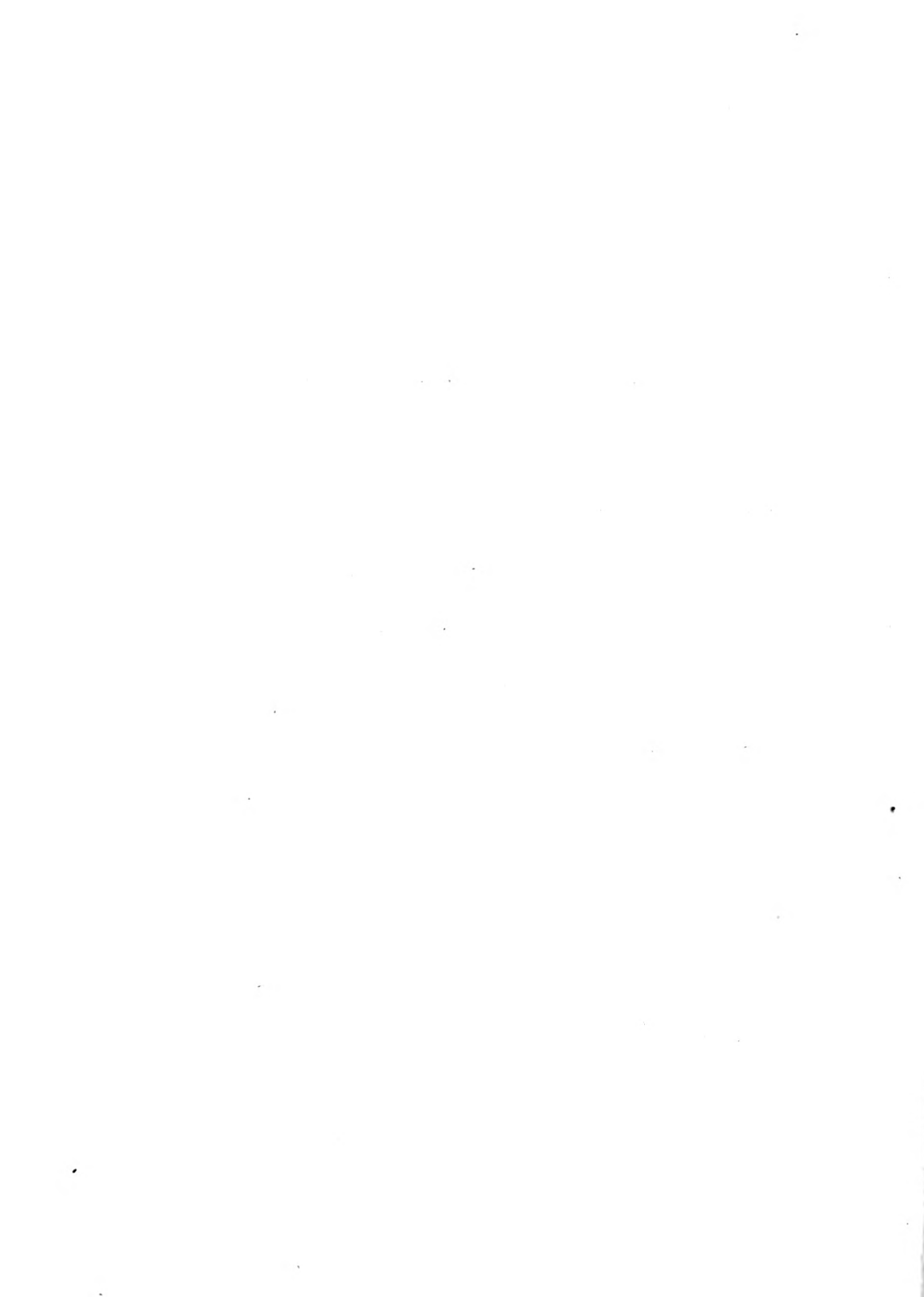
MEMORIA APRESENTADA Á PRIMEIRA CLASSE

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA,

POR

ISIDORO EMILIO BAPTISTA

SOCIO EFFECTIVO



DISCUSSÃO

DOS

CARACTERES DISTINCTIVOS

DA

FAMILIA DAS PARONYCHIACEAS;

CLASSIFICAÇÃO E DIAGNOSE DOS GENEROS QUE A COMPOEM.

A FAMILIA das Paronychiaceas fundada, ha quarenta annos, pelos Srs. Robert Brown e Auguste de Saint-Hilaire, é um dos grupos mais naturaes que nos apresenta o reino vegetal. O porte externo destas plantas, a disposição dos seus orgãos appendiculares, o seu typo floral, a constituição anatomica e chimica das suas diversas partes, a estrutura do seu fructo e da semente, se offerecem em toda esta familia, composta hoje de trinta generos, como para nos repetir a cada instante o grande principio da unidade na variedade, que é a expressão resumida dos fundamentos do methodo natural.

As affinidades estreitas que ligam esta familia a outras tem feito por muito tempo que se deixe de traçar linhas de demarcação que as devem distinguir, e consequentemente que se não possuua uma definição bem formulada de nenhuma dellas. Um grande numero de generos e de especies tem sido collocados ja n'uma ja n'outra familia, conforme as analogias apresentadas por taes ou taes orgãos a que os botanicos deram mais importancia. Esta divergencia d'opiniões, com quanto retardou o estudo regular dessas familias, teve todavia a vantagem de fazer analysar a natureza e o valor dos caracteres, e de nos levar ao conhecimento de novas fontes em que se devem ir colher os

*

princípios da classificação. Ellas confirmaram o facto das afinidades que se repetem em diversos sentidos, e que se multiplicam nos diversos periodos da vida vegetal.

No meio desta apparente complicação de associações e dissociações que tinham sido feitas pelos primeiros botanicos, a nova direcção que se tem dado em nossos tempos ao estudo das afinidades, fundado no exame anatomico e embryologico de cada um dosapparelhos organicos, veio-nos convencer que os caracteres que se empregavam ordinariamente nas descripções botanicas, taes como as fórmãs do fructo, o numero e a situação dos ovulos, as divisões do ovario e do estylete, o numero e a inserção dos estames, a presença ou ausencia das petalas, de bracteas e de estipulas, a fórmula do calice, a disposição das folhas, a inflorescencia, a ramificação, as articulações do caule, são todos caracteres sojeitos a variar nas diferentes phases do desenvolvimento da planta, e que no meio da diversidade das fórmãs que resultam destas modificações, reina uma unidade fundamental de composição organica, seja no botão floral, seja no eixo caulinar quando começa a cobrir-se das follias primordiaes e a lançar os primeiros gomos.

Os caracteres da symetria floral e do porte externo eram ja apreciados no seu devido valor pelos primeiros botanicos que procuraram realisar e desenvolver a grande obra de Jussieu. O nosso Corrêa da Serra dizia a proposito d'uma outra familia ¹: «*Les caractères qui peuvent faire de plusieurs genres et de leurs espèces une association ou famille naturelle, ne peuvent être que la symétrie commune des parties de la fructification de ces genres, et le port commun de l'ensemble de la végétation, et de ses parties, dans leurs espèces.*»—Robert Brown havia distinguido e separado das familias das Amarantaceas e das Chenopodiaceas de Jussieu os typos de composição floral que caracterisam os grupos das Illecebreas ² e das Phytolaccaceas ³, e Auguste de Saint-Hilaire reunindo ao primeiro destes grupos outros generos que separou das Caryophylleas e das Portulacaceas, compoz a familia das Paronychiaceas que foi logo sancionada e formulada pelo proprio fundador do methodo natural ⁴. Os caracteres que motivaram esta distincção se reduzem á inserção dos estames geralmente peri-

¹ Annales du Muséum, vol. 6, p. 377 e 378; (1805).

² Prodrômus floræ Novæ Hollandiæ (1810), p. 412—Annales des Sciences Naturelles, 2.º série, t. 8, p. 287.

³ Observ. plant. Congo, coll. Smith, in Beechey expedition, 1818.

⁴ Mémoires du Muséum (1813), t. 2, p. 276 e 386.

gynos e uniseriados, á estrutura do ovario unilocular com a placenta central livre, á opposição das folhas, e ao serem estas munidas de estipulas escariosas. A tribu das Telephias que differe do resto das Paronychiaceas pela fôrma alterna das folhas, e a das Selerantheas que se distingue pela ausencia das estipulas, foram separadas desta familia por diversos autores, alguns dos quaes lhe reuniram a tribu das Mollugineas que differe della pelo typo floral. Entre os autores classicos que fizeram estas alterações eu citarei principalmente Link, Bartling, Lindley, Reichenbach e Nees d'Esenbeck. Emfim, entre os trabalhos mais recommendaveis da nossa epocha encontram-se alguns em que esta familia é considerada como um grupo secundario: assim é ella incorporada nas Amarantaceas por Esenbeck, nas Caryophylleas por Fenzl, nas Portulaceas e Ficoides por Robert Wight. Nós veremos logo, que sómente a symetria floral basta para distinguir estas familias.

O conhecimento de muitos generos novos de que tem sido enriquecida esta familia e as suas alliadas, nos permite hoje comprehender que os caracteres, em que se fundavam estes diversos modos de encarar o grupo das Paronychiaceas, passam por transições graduas d'uns a outros, sem que se possa achar uma raia bem fixada entre os grupos que elles distinguem, e que em quanto dous caracteres contrastantes parecem separar algumas destas plantas, todos os outros concordam para nos obrigar a associar-as. Para dar alguns exemplos desta passagem insensivel de uns caracteres a outros que á primeira vista parecem inteiramente contrarios, eu vou examinar a série dos generos desta familia em relação aos principaes caracteres cuja importancia é geralmente reconhecida, e por um exame mais minucioso se poderia mostrar que certos generos apresentam mesmo estas transições d'uma especie a outra.

A inserção dos estames se effectua n'um grande numero dos generos directamente sobre o receptaculo, e sem cohesão dos filetes, que o seu numero seja de cinco ou de quatro (*Illecebrum*, *Polycarpa*, *Cardionema*, *Lithophila*), de tres ou menos (*Stipulicida*, *Ortegia*, *Cordia*). Outras vezes estes filetes se reúnem pela parte mais infima da sua base, formando um anel apenas sensivel (*Telephium*, *Drymaria*; ou sua connexão se eleva mais alto em fôrma d'uma cúpula assaz prolongada (*Cometes*, *Pteranthus*); ou elles assentam sobre um disco hypogyno bem caracterizado (*Dicheranthus*). Destas diversas fôrmas d'inserção *hypogyna* se passa insensivelmente aos grãos menos elevados da *perigynia*: a differença é pouco apparente entre os generos prece-

dentos e os que tem os estames inseridos no fundo do tubo calicinal (*Aylmeria*, *Arversia*). Deste ponto os filetes se elevam mais ou menos ao longo da parede do tubo (*Lacfflingia*), e chegam até á parte superior, de modo que vão coroar a fauce do calice á base das divisões do seu limbo (*Paronychia*, *Sclecranthus*, *Guilleminia*, *Mniarum*). Em alguns generos, a inserção na parte inferior do calice accompanha uma elevação do ovario sobre o gynophoro (*Polycarpon*, *Pentacæna*); n'outros, a base dos filetes fórma pela sua reunião um anel perigyno (*Spergula*, *Spergularia*) ou um disco que reveste a parede do tubo (*Corrigiola*, *Habrosia*). Em fim, este anel ou uma coròe de glandulas, ou um disco carnoso mais espesso, vai coroar a fauce do tubo calicinal, e ser a base de todas as inserções, que se apresentam entre as divisões do limbo (*Herniaria*) ou mesmo n'uma parte mais elevada destes lóbos (*Winterlia*, *Gymnocarpus*). Destas fórmas perigynas resulta a inserção *epigyna*, sem que se opere a mais leve mudança na posição relativa das partes, mas pela simples interposição do disco que vai fazer a adherencia do ovario ao calice coroadado de estames (*Pollichia*, *Sclerocephalus*).

É evidente que a inserção hypogyna, perigyna ou epigyna, não póde servir para caracterisar a familia, nem nenhuma das suas secções, pois que os diversos termos desta serie de transições se apresentam de genero a genero, e mesmo d'especie a especie.

As diversas fórmas do fructo não são menos sujeitas a uma serie de modificações que as conduzem igualmente de umas para as outras. Em regra, os generos caracterisados pelo ovario polyspermo, o são ao mesmo tempo por um fructo *capsular* com dehiscencia loculicida, e geralmente nestas plantas o numero das folhas carpellares, das valvas da capsula e dos ramos estigmaticos é de tres. As paredes desta capsula são de consistencia membranosa, e as suas valvas deixam intacta a placenta central (*Lacfflingia*, *Drymaria*), ou estas valvas são seminíferas, dividindo entre si as placentas basillares (*Polycarpon*, *Arversia*, *Ortegia*). Outras vezes a capsula é de consistencia cartacea e se divide do mesmo modo em valvas seminíferas ou aspermas (*Aylmeria*, *Polycarpha*, *Stipulicida*). As mesmas modificações se encontram nos generos em que o pistillo é composto de cinco ou de quatro partes (*Spergula*, *Spergularia*, *Telephium*).

Os generos monospermos tem em geral por fructo um *utriculo* membranoso ou cartaceo, e o seu pistillo é sempre composto de dous elementos estylares ou estigmaticos. O utriculo é encerrado no calice persistente que conserva algumas vezes a sua fórma primitiva (*Her-*

niaria, *Guilleminia*), outras vezes adquire um crescimento e appendices novos em fôrma d'escamas, d'arestas espinhosas, denticuladas ou plumosas (*Dichranthus*, *Cardionema*, *Pteranthus*). N'outros generos é o tubo calicinal que augmenta de volume, d'espessura e de consistencia pela maturação, e o utrículo fica encerrado neste tubo que adquire uma induração lenhosa, e cuja fauce se estreita de mais a mais, até fechar-se completamente sobre o fructo membranoso (*Scleranthus*, *Pentacana*, *Cometes*, *Gymnocarpus*, *Mniarum*).

Entre estas duas fôrmas habituaes, capsular e utricular, do fructo das Paronychiaceas, encontram-se alguns termos intermediarios que fazem a passagem d'uma á outra. Ha generos monospermos que apresentam no fructo a dehiscencia por valvas bem caracterisadas (*Winterlia*), e outros cujo fructo membranoso fica umas vezes indehiscente, e outras se abre por ligeiras fendas basilares em numero que não corresponde ao das divisões estylares, e, á maneira dos utriculos, este fructo fica encerrado no calice indurado e accrescente (*Illecebrum*, *Paronychia*).

Alguns outros generos, de ovario uni ou biovulado, apresentam no fructo fôrmas excepçoes que parecem os termos extremos desta serie de modificações. Em lugar do calice, que se conserva membranoso, é o ovario que pela maturação adquire consistencia e dureza, e chega a formar um achenio crustaceo (*Corrigiola*). Ou é o calice que em lugar de se tornar lignescente passa a tomar uma consistencia carnosa, e pela sua adherencia com o utrículo constitue um pericarpo unico (*Pollichia*). A adherencia é umas vezes limitada á parte inferior do fructo, e tem lugar ao mesmo tempo com o calice e com o involuero, em quanto a parte superior se abre por fendas estrelladas (*Sclerocephalus*); outras vezes esta fusão é tão completa, que o ovario soldado d'uma parte com o tegumento da semente, e constituindo assim uma caryopse, se reune pela sua parte exterior com os estyletes e com as petalas que persistem, assim como com o calice e com as bractees que se reúnem em uma só massa commum (*Habrosia*).

O ovario destas plantas, como o das Portulaceas e das Caryophylleas, é polyméro e unilocular, com placenta simples ou multipla sobre a base. Mas é essa a constituição primordial deste orgão? É frequente observar-se nestas duas familias a existencia de dissepimentos incompletos mais ou menos consideraveis ou os indicios da sua destruição; este facto é porém mais raro nas Paronychiaceas (*Telephium*).

A placenta central livre das Caryophylleas provém do resto d'uma collumella que na primeira idade do ovario occupava todo o

seu eixo, e cuja parte superior se destróe depois da fecundação. Nas Portulacaeas e nas Paronychiás este órgão é formado por elementos pouco desenvolvidos em grandeza e em numero; elementos, que, de baixo de fôrma mais simples, são de natureza identica aos que Corrêa da Serra tinha chamado *cordões pistillares*, e aos quaes Mirbel deu mais tarde o nome de *nervulos*. Se estes elementos se conservam dissociados, a placenta composta de outros tantos funiculos isolados que occupam maior ou menor extensão da base do ovario, formando uma placenta *basilar* multipla (*Aylmeria*, *Polycarpea*, *Polycarpon*, *Arversia*, *Ortegia*, *Stipulicida*). Se elles se reúnem pela base em um cordão commum que se ramifica em outros tantos funiculos, resulta dahi a placenta *central* livre (*Spergula*, *Spergularia*, *Drymaria*, *Læfflingia*) occupando o eixo dos septos incompletos quando elles persistem (*Tephium*).

Nos generos que não tem mais do que dous ovulos, observa-se tambem a mesma differença: os dous funiculos ora são distinctos até á base (*Pollichia*), ora se reúnem em um cordão bifido (*Habrosia*) no qual um dos ovulos aborta algumas vezes (*Mniarum*). Quando o ovulo é solitario e sustido por um funiculo curto, essa posição *erecta* e a sua fôrma amphitropa fazem dirigir o micropyllo para a parte inferior da flôr (*Illecebrum*, *Herniaria*, *Pentacena*); se o funiculo é mais allongado, o ovulo torna-se *reclinado*, com o micropyllo infero encostado á parte terminal deste cordão. Esta posição se conserva na semente d'alguns generos durante a maturação (*Guilleminia*, *Scleranthus*, *Sclerocephalus*); mas n'outros, á proporção que o cordão se allonga, sua parte terminal se encurva, a semente se abaixa, e o micropyllo chega a tomar a direcção supera (*Paronychia*, *Gymnocarpus*). A fôrma da semente é geralmente amphitropa; mas ella é algumas vezes hemianatropa ou mesmo anatropa, seja na posição *erecta* (*Cometes*, *Pteranthus*) seja na *reclinada* (*Corrigiola*, *Dicheranthus*), sem que o embrião deixe de ser peripherico; algumas vezes porém este embrião passa a ser mais ou menos interior no perisperma (*Arversia*). Vê-se pois que as diversas fôrmas e posições da placenta, da semente e do embrião, não são mais constantes nesta familia do que os outros caracteres, e que todas ellas estão dependentes do gráo de desenvolvimento mais ou menos avançado dos mesmos órgãos fundamentaes, que com tudo não deixam de ser identicos em sua natureza, apesar da variação apparente destes caracteres.

Tem-se dito que a liberdade ou desagregação dos estyletes é um dos caracteres da familia das Paronychiaceas; mas este facto não

é mais constante nem mais definido que os precedentes. Com effeito, os estyletes elementares são nesta familia em numero de 5, de 3 ou de 2. No 1.º caso que é o mais raro, estes orgãos são distinctos (*Spergula*), ou mais ou menos coherentes (*Spergularia*), principalmente quando elles se não desenvolvem todos igualmente. Na grande maioria dos generos, os estyletes se reúnem entre si sobre uma porção mais ou menos consideravel do seu comprimento, e formam um estylo trifido (*Polycarpon*, *Drymaria*, etc.) ou bifido (*Paronychia*, *Herniaria*, etc.) Mas esta adhesão é umas vezes extremamente fraca e se limita apenas á base dos estyletes (*Stipulicida*), ou estes são inteiramente livres e distinctos (*Telephium*, *Scleranthus*, *Cardionema*, *Habrosia*). Outras vezes é o inverso: a cohesão se prolonga mais alto e constitue um estylo tridentado (*Polycarpha*, *Lafflingia*, *Ortegia*), ou apenas bilobado (*Illecebrum*, *Pentactena*) ou trilobado (*Aylmeria*, *Gymnocarpus*); ou enfim a adhesão ganha até os estigmas, em que apenas se distingue uma fôrma emarginada (*Lithophila*, *Guilleminia*), ou mesmo as divisões desaparecem inteiramente e se vê um estylo obtuso (*Winterlia*).

As modificações que sobrevêm pela maturação ao perianthio e aos seus appendices externos ou internos, e mesmo as fôrmas que apresentam na flôr as bractéas e o involucro, a corôa de nectarios e o disco que resulta destes orgãos, podem tambem ser consideradas em toda a serie desta familia, e convencer-nos que não ha linha alguma de demarcação, relativamente a elles, nem entre esta familia e as outras, nem entre os grupos de generos que a constituem. Da existencia para a ausencia das pétalas se passa insensivelmente por meio de orgãos appendiculares que acompanham os estames, ja em fôrma d'escamas petaloides, ja de filetes estereis; ou pelo aborto de antheras nos estames, que conservam de resto o numero, a fôrma e a posição que elles devem ter normalmente.

Seria impossivel achar um caracter geral da familia no numero das partes componentes de qualquer dos verticillos floraes, e mesmo no numero destes verticillos. N'uma grande parte da familia os estames são cinco, dispostos em um só circulo, alternando com outras tantas pétalas (*Guilleminia*, *Dicheranthus*, *Sclerocephalus*). As pétalas apparecem ás vezes com dimensões extremamente pequenas, e são persistentes no fructo (*Habrosia*, *Lafflingia*), ou seu logar é occupado por um circulo de filetes estereis exterior ao dos estames (*Scleranthus*). Outras vezes as pétalas e os estames ferteis são bem caracterisados, e os appendices squammiformes se apresentam entre estes dous verticillos, mas defronte das pétalas (*Aylmeria*); n'outros generos

este novo circulo, situado fóra ou dentro dos estames principaes, é composto de filetes mais curtos, que todos ou parte são antheríferos (*Spergula*, *Spergularia*).

Em muitos generos, os estames variam d'uma especie a outra entre os numeros cinco e dous, e a corolla conserva então o seu typo quinario normal (*Paronychia*, *Polycarpon*, etc.), ou apresenta uma variação correspondente, em quanto o calice se conserva quinario (*Arversia*, *Lacfflingia*, *Ortegia*, etc.) Outras vezes a diminuição do numero dos estames constitue um caracter generico, e pôde chegar até ao ponto de os reduzir a um só (*Dicheranthus*, *Pollichia*, *Cerdia*, *Mniarum*); e todas estas variações podem igualmente existir em flores apetalas, assim como nas flores constituídas sobre o typo quaternario ou ternario (*Pteranthus*, *Mniarum*, *Lithophila*).

O calice é formado de elementos cuja evolução e prefloação são alternativas, e se torna quineuncial quando estes elementos são em numero quinario. Se as folhas carpellares chegam a este numero, ellas são oppostas ás pétalas, e consequentemente as valvas da capsula correspondem aos lóbos calicinaes (*Spergula*).

Qualquer que seja o typo numerico da flor, os estames todos (ou os do verticillo principal) são sempre oppostos ás sépalas, e todos os órgãos accessorios e accidentaes correspondem ás pétalas, seja qual fór a sua fórma. Assim os caracteres tirados da symetria floral são os unicos que subsistem constantes nesta familia.

Os caracteres da composição e da symetria floral nos obrigam a excluir da familia das Paronychiaceas todo o grupo das Mollugiaceas, que a esse respeito se liga ás Ficoides, e um grande numero de generos das Portulacaceas e das Phytolacaceas que outr'ora estavam confundidos com esta familia (*Adenogramma*, *Polpoda*, *Cypselea*, etc.), assim como elles fazem restabelecer entre as Paronychiaceas alguns generos que tinham sido collocados em ontras familias (*Aylmeria*, *Gymnocarpus*, etc.). Elles mostram ao mesmo tempo as analogias desta familia com as das Amarantaceas, Chenopodeas e Caryophylleas, que, como as precedentes, se lhe associam pelo caracter da estrutura da semente.

Quasi todas as plantas desta familia são herbaceas; é raro encontrar-se nellas um porte frutescente (*Gymnocarpus*, *Dicheranthus*). As articulações do caule, em fórma de nodosidades ou de sulcos transversaes, a opposição das folhas, a presença das estipulas e das bractéas, a inflorescencia em glomerulos axillares, a ramificação bilateral, com diversos grãos de preponderancia, são caracteres menos uniformes nesta familia que na das Caryophyllaceas.

As fórmãs foliares alternas (*Corrigiola*, *Telephium*, *Pentacena*) são todas do genero das que resultam da dissociação das follhas opostas, e as fórmãs aparentemente anomalas da ramificação e da inflorescencia se ligam igualmente a este typo. O encurtamento dos merithallos ou o desenvolvimento das estipulas fazem que as follhas pareçam fasciculadas e se tornem pseudoverticillares (*Spergula*, *Spergularia*, *Polycarpon*, *Paronychia*, *Pollichia*), amplexicaules (*Stipulicida*, *Lithophila*, *Dichanthus*), ou connadas (*Scleranthus*, *Guilleminia*, *Sclerocephalus*). Outras vezes as estipulas são escariosas e imitam as mesmas fórmãs que as bractees e as sepalas, ou ellas se atrophiã e se reduzem á fórmã de simples pêlos glandulosos (*Lactingia*) ou á d'uma commissura transversal, que fórmã o cossinete da articulação e que se oppõe á dissociação das follhas, como já se tinha notado nas Labiadas e nas Rubiaceas, depois das observações de Mirbel e de Steinhil. Os fasciculos fibrovaseculares do caule conservam a sua symetria nos merithallos, mas, em chegando aos nós, elles se associam em grupos bilateraes, em quanto as fibras intermedias se dirigem nesse nivel para um e outro lado formando a commissura, ou se elevam cobrindo-se do parenchyma cortical, e formando as nervuras d'outras tantas estipulas. Deixarei de entrar aqui no exame destes caracteres que não são exclusivos á familia das Paronychiaeas, e que não poderiam ser bem analysados senão pela comparação com a estrutura de muitos outros vegetaes; e de todos os caracteres que eu acabo d'enumerar, vou indicar o partido que se póde tirar na classificação e na determinação dos generos desta familia.

A *symetria* dos elementos da flôr, sendo o caracter dominante que pela sua constancia caracteriza estas plantas, deve ser tomada por base primaria da sua classificação; ella é tanto mais manifesta quanto mais completos são os verticillos floraes. Subordinando a este caracter os outros, vemos que o principio das *conexões* dos órgãos, seja com os seus collateraes, seja d'um verticillo a outro, nos dá a divisão mais natural dos primeiros grupos. E na enumeração dos generos que eu tenho feito atéqui, a respeito dos outros caracteres, póde-se vêr até que ponto esta divisão coincide com as que seriam fundadas em cada um delles. Tomaremos successivamente, em cada um dos grupos, os generos mais regulares em quanto ás fórmãs floraes e foliares, e os que apresentam as fórmãs de mais a mais anomalas em relação a cada um dos órgãos importantes. Assim, examinando successivamente o numero quinario, ternario ou binario dos carpellos e dos estames, a cohesão e a inserção hypogyna ou perigyna destes órgãos, as fórmãs do

fructo, e as dos órgãos da vegetação, nós temos, nestes poucos caracteres da primeira inspecção, os dados praticos sufficientes para chegar a reconhecer os trinta generos que compoem esta familia, e que se podem distinguir do modo seguinte.

Pelas relações da corolla com o androceo ou com o calice, isto é, pelo estado completo ou incompleto dos tres verticillos externos, e pela composição do ovario, podemos estabelecer primeiramente estas quatro tribus:

Corolla e Estames symmetricos com o Calice.

Ovario polyspermo. Fructo capsular *Sperguleas*

Ovario monospermo. Fructo ordinariamente utricular *Illecebreas*

Corolla symmetrica sómente com os estames ou com o ca-

lice. Ovario polyspermo. *Ortegias*

Corolla nulla. Ovario ordinariamente monospermo. . . . *Scleranthous*

1.º — TRIBU DAS SPERGULEAS.

Nesta tribu temos em primeira linha os generos cujos verticillos floras são os mais completos e os mais numerosos. A symetria quinaria persiste em alguns delles até no verticillo pistillar, e affecta as divisões do estigma e da capsula. Nos outros generos, as divisões do gynoeceo são geralmente tres, raras vezes quatro (*Telephium*), mas nunca descem a baixo deste numero. A cohesão e a inserção dos estames bastam para distinguir os generos, que se reuñem naturalmente em dous grupos ou subtribus, segundo que estes estames são biseriados ou uniseriados; e os elementos estylares são tanto mais unidos quanto menor é o seu numero.

Estames	{	biseriados. Car-	{	symetricos. Esta-	{	todos ferteis . . .	<i>Spergula</i> , Linn.
		pellos		mes perigynos, } em parte estereis.		<i>Spergularia</i> , Pers.	
				tres. Estames hypogynos, os inter-		nos estereis	<i>Aylmeria</i> , Mart.
		uniseriados. Car-	{	livres, simples, e	{	hypogynos, todos	<i>Polycarpha</i> , Lam.
		pellos tres. Esta-				ferteis. Estipulas	<i>Polyarpon</i> , Lam.
		mes		coherentes, hypo-		perigynos, parte	<i>Drymaria</i> , Willd.
				gynos. Folhas		estereis. Bracteas	<i>Telephium</i> , Diosc.
				opostas		alternas	

2.º — TRIBU DAS ILLECEBREAS.

Encontram-se aqui os typos principaes da familia. Nos primeiros generos, a dehiscencia do fructo por cinco valvas basilares parece in-

dicar que a symetria persiste até o ovario; mas essas valvas são o mais das vezes irregulares, e as outras partes do pistillo são de composição binaria; nos outros generos o gynceco é todo binario ou ternario. A cohesão destes elementos occupa uma extensão mais consideravel que na 1.ª tribu, e a inserção dos estames passa a um gráo mais elevado de perigynia. O calice e o involucro são geralmente accrescentes no fructo, que é raras vezes delhiscente.

}	Estyleto	{	binario. Fructo	{	capsular com valvas symetricas, basi- lares. Estames	{	hypogynos. Cali- ce accrescente . . .	{	<i>Miscebrum</i> , Rupp.
{	utricular. Estames perigynos, inse- rtidos sobre o	{	tubo calicinal. Folhas alter- nas. Bracteas.	{	<i>Pentacæna</i> , Bartl.				
						{	disco. Fo- lhas op- postas. { Petalas {	{	(bem desenvolvi- das, deciduas . . . rudimentares, per- sistentes
{	ternario. Estames	{	hypogynos, coherentes. Utriculo . . .	{	<i>Cometes</i> , Burm.				
						{	perigynos, insetidos sobre o	{	tubo cali- cinal, e { disco. Achenio. Calice accres- cente. Folhas alternas.

3.º — TRIBU DAS ORTEGIAS.

A falta de symetria que caracteriza esta tribu n'um dos tres verticillos externos, se liga á desigualdade que apresentam os lóbos calicinaes; e quando a redução affecta todos os orgãos destes tres verticillos, a flôr perde o typo quinario. Os estames diminuem successivamente em numero; os elementos stylares apresentam a mesma composição ternaria ou binaria, e o mesmo gráo elevado de cohesão que no grupo precedente.

}	Corolla symetrica	{	com os estames. Estyleto ternario. Estames perigy- nos, em numero de	{	cinco a tres. Pétalas	{	bem desenvolvi- das. Bracteas. . .	{	<i>Arversia</i> , Camb.
{	ternario. Estames tres, hypogynos. Fo- lhas radicaes.	{	(perigynos. Ovario dispermo, adherente. Bracteas	{	<i>Stipulicida</i> , Rich. <i>Pollichia</i> , Sol.				
						{	binario. Es- tames menos de tres, {	{	hypogynos, alternos com 2 parastemones. Flôr ternaria. Folhas amplexicaules.

4.º — TRIBU DAS SCLERANTHEAS.

Ao grupo fundado primitivamente debaixo deste nome, e caracterizado pela flôr apetalá e perigyna, fructo monospermo lignescente pelo tubo calicinal persistente, e folhas connadas sem estipulas, se reúnem aqui os outros generos apetalos cuja hypogynia é inseparavel dos diversos grãos de perigynia como nos grupos precedentes, e cujas folhas oppostas, por vezes carnosas ou amplexicaules, são munidas de estipulas rudimentares, representando assim todos os grãos do desenvolvimento destes orgãos. O estylete é sempre de composição binaria, e os seus elementos apresentam os mesmos grãos de cohesão que se acabam de vêr nos outros generos. Em ultimo logar se lhes associa um genero polyspermo e capsular que poderia talvez entrar na 1.ª tribu, mas em que a falta da corolla parece ser caracter d'algum valor porque ella se reúne á reduçãõ dos estames a um só. Esta reduçãõ accompanha, n'outros generos, a transformaçãõ d'alguns d'elles em appendices petaloides, e a passagem da flôr ao typo quaternario.

Estames	}	symetricos, Ovario monospermo.	Estames	hypogynos, coherentes. Flor quaternaria. Bracteas e estipulas rudimentares	<i>Pteranthus</i> , Forsk.		
				perigynos. Ovario	livre. Folhas { alternos com cinco connadas, } parastemones. sem estipulas. Estames { sem parastemones. } Bracteas.	<i>Scleranthus</i> , Linn. <i>Guilleminia</i> , Kunth	
		nãõ symetricos, tres ou menos,	}	perigynos. Folhas nãõ estipuladas, e	}	adherente. Fructo dehiscente por valvas terminaes. Bracteas adherentes; estipulas.	<i>Sclerocephalus</i> , Boiss.
						connadas. Ovario mono-dispermo. Flor quaternaria, bracteolada	<i>Mniarum</i> , Forst.
}	}	hypogynos,	}	amplexicaules. Ovario monospermo. Bracteas.	<i>Dicheranthus</i> , Webb		
				com dous parastemones. Ovario monospermo. Bracteas; folhas nãõ estipuladas.	<i>Cardionema</i> , Cand.		
				sem parastemones. Ovario polyspermo. Bracteas e estipulas.	<i>Cordia</i> , M. & Sess.		

Das consideraçõs precedentes podemos concluir:

1.º Que, na família das Paronychiaceas, os mais constantes de todos os caracteres são os que se fundam na *symetria floral*; que esta symetria (depois do caracter da estrutura da semente, que é relativo a um grupo mais elevado) domina sobre todos os outros caracteres internos e externos, que não são nem assaz fixos nem assaz limitados para poderem constituir uma definição regular desta família.

2.º Que os caracteres da flôr e dos órgãos *externos* são sufficientes para a determinação pratica dos generos desta família e para os coordenar do modo mais natural que é possível; que é consequentemente inutil empregar para este fim caracteres tirados das partes de menos facil observação, taes como as divisões do fructo, a placentação, a direcção do embrião, etc., caracteres que em nada são mais preciosos que os externos, pois que todos elles são sojeitos a variações e a transições insensíveis d'uns para os outros,

Estas considerações podem ser applicadas a um grande numero, se não á maior parte, das famílias vegetaes; e se em logar das famílias tomarmos as allianças, as classes naturaes ou outros grupos mais elevados, pôde-se mostrar que a *lei das posições relativas* dos órgãos elementares se manifesta ainda nos apparelhos da germinação e nos da nutrição, de maneira que ella vem a ser uma das bases fundamentaes da classificação natural. Este principio que enriqueceu as sciencias naturaes das bellas theorias de Gœthe e de Geoffroy Saint-Hilaire, é hoje o ponto de partida dos progressos que vemos todos os dias fazer a organographia e a morphologia vegetal; elle nos promette que a botanica será em nossos dias uma sciencia rigorosa, como a zoologia o tem sido nestes ultimos tempos.

MEMORIA

SOBRE

A PRODUÇÃO DO SULFATO DE SODA

NO VOLCÃO DA ILHA DO FOGO

NO

ARCHIPELAGO DE CABO-VERDE.



POR

JULIO MAXIMO DE OLIVEIRA PIMENTEL,

SOCIO EFFECTIVO DA A. R. DAS SCIENCIAS.

MEMORIA

SOBRE A PRODUCCÃO DO SULFATO DE SODA

NO VOLCÃO DA ILHA DO FOGO

NO ARCHIPELAGO DE CABO-VERDE.

QUANDO, em 1838, organisava o Laboratorio da Escola Polytechnica, cuja direcção me havia sido confiada com a regencia da Cadeira de Chymica, foram-me remettidas pelo Sr. Visconde de Sá, então Ministro da Marinha e Ultramar, algumas amostras de varios productos naturaes, provenientes das nossas Possessões d'Africa, para serem por mim examinadas. Entre ellas notei com particularidade uma, que vinha com o nome de *Salitre da Ilha do Fogo*, mas que não apresentava nenhum dos caracteres do azotato de potassa. Fiz então o ensaio d'aquelle producto e reconheci que era o *sulfato de soda*. A amostra era em pequena quantidade e não vinha acompanhada de esclarecimento algum que podesse servir para formar um juizo seguro sobre a importancia do deposito, se deposito havia; mas entrevi logo a possibilidade da produccão permanente e successiva d'aquelle sal, tão util e tão importante para a industria, debaixo da poderosa influencia das reacções que tem lugar na emissão do fogo subterraneo.

Respondendo então ás perguntas que o Ministro me dirigia sobre a natureza e importancia das materias, cujas amostras me con-

fiára, escrevi o seguinte: «O mais interessante destes productos é o sulfato de soda que veio remettido debaixo do nome de *salitre da Ilha do Fogo*. Se elle existe no estado que o exemplar inculca, muito facil é de purificar e poderá ter grande consumo, e será especialmente de grande vantagem para a fabricação da soda artificial, que pôde constituir um ramo de industria muito importante, sendo esta soda introduzida no commercio por um preço muito mais commodo do que o de todas as especies deste genero que hoje se fabricam. . . . Para reconhecer a utilidade desta fabricação, basta só lembrar que os Francezes e Inglezes sustentam consideraveis estabelecimentos em que fabricam a soda artificial, tendo primeiro de transformar o sal marinho em sulfato de soda por meio do acido sulfurico; operação incommoda e despendiosa, que se dispensaria nas Ilhas de Cabo-Verde, por se encontrar ali o sulfato de soda naturalmente formado. O que neste caso é necessario saber, é se este producto existe ali em grande quantidade, porque então poderiam as fabricas de vidro e as saboarias do reino tirar de lá toda a soda de que carecem.»

Esta communicação official ficou, creio eu, sem resultado, como tem acontecido a muitas outras, mais auctorizadas do que a minha e que jazem sepultadas e fosseis, permita-se-me a expressão, na poeira das nossas Secretarias de Estado.

No primeiro livro que escrevi para auxiliar os alumnos da Escola Polytechnica no estudo da chymica, e que foi impresso em 1839, falando do sulfato de soda, indiquei, de passagem, que este sal se encontrava nas Ilhas de Cabo-Verde. Nos ensaios sobre a statistica das Possessões Portuguezas no Ultramar, no Livro 1.º, que trata das Ilhas de Cabo-Verde, e que foi impresso em 1844, o Sr. Lopes de Lima, a paginas 30 da 2.ª Parte, falando dos productos naturaes da Ilha do Fogo, cita já a existencia daquelle notavel producto, o que me auctorisa a suppôr que teve conhecimento delle pelo que eu havia escrito ou dito a tal respeito no meu curso de chymica.

Em todas as occasiões, que se me offereceram desde 1838, nunca deixei de pedir ás pessoas que eu via se interessavam pela prosperidade do archipelago de Cabo-Verde, que tratassem de indagar as circumstancias locais e condiçõs naturaes da existencia do sulfato de soda na Ilha do Fogo, recommendando-lhes ao mesmo tempo que tivessem a bondade de mas communicar e de remetter-me porção sufficiente do mesmo sal, para sobre elle fazer um estudo

mais completo, habilitando-me assim para poder suscitar a ideia de uma exploração, que eu presumia ser de tanta vantagem para a industria em geral, e muito particularmente para a prosperidade d'aquella ilha, que, desde longo tempo, cahio em grande estado de penuria, e cujos habitantes, entregues a uma miseravel indolencia, passam a vida a esperar que a mão da Providencia verta sobre os seus campos, tão sequiosos como férteis, as bemfazejas chuvas do estio.

Só no fim de dezete annos foram os meus desejos satisfeitos, e ainda assim de um modo bem incompleto.

No mez de Janeiro deste anno mandou o Conselho Ultramarino pôr á minha disposição as amostras dos productos naturaes que ultimamente recebêra de Cabo-Verde, e entre ellas achei a do sulfato de soda, em quantidade bastante para o estudo, mas desacompanhado das informações indispensaveis para poder formar um juizo bem seguro sobre as vantagens industriaes que a sua exploração e colheita podem trazer á nossa industria e ao commercio de Cabo-Verde.

Um officio do Administrador da Ilha do Fogo, dirigido ao Governador das Ilhas de Cabo-Verde, contendo apenas a relação ou lista dos productos remettidos, é o unico documento official que possuo sobre este objecto. Todavia creio haver adiantado alguma cousa na importante questão de que passo a dar conta á Academia, tanto debaixo do ponto de vista puramente scientifico, como industrial; convencido, como estou, de que ella merece a attenção desta illustre sociedade, que consagra os seus esforços não só ao adiantamento das sciencias especulativas, mas tambem ao progresso e aperfeiçoamento do trabalho util que é a origem da riqueza das nações.

Neuhuma das noticias scientificas, que se teem publicado sobre a Ilha do Fogo, contém documento algum bem claro e authentico da existencia e formação do sulfato de soda entre os productos das erupções volcanicas, que em épocas diversas se teem manifestado naquella ilha. Uma unica memoria inedita de João da Silva Feijó, naturalista a quem, no fim do seculo passado, o Governo incumbio o estudo das Ilhas de Cabo-Verde, e na qual descreve a erupção que teve lugar em 27 de Janeiro de 1785, menciona alguns productos, de cuja descripção, extremamente succinta e incompleta, se pôde sus-

peitar que já nessa época o sulfato de soda apparecia entre as materias de origem volcanica (a).

Confrontando a descripção de alguns desses productos (que elle observára e recolhêra na propria localidade, e diz haver remettido para a collecção do Museu da Academia), com a apparencia e caracteres das amostras que ultimamente recebi, encontro muitas analogias que me fazem suspeitar a identidade das substancias apesar da diversidade dos nomes. Examinando porém a collecção dos productos mineraes do archipelago de Cabo-Verde, que a Academia possui, não encontrei ali aquelles a que Feijó se refere na sua memoria, nem entre elles deparei com o sulfato de soda.

Mr. Charles Sainte-Claire Deville, distincto Geologo Francez, visitou em 1842 a Ilha do Fogo, e na sua Viagem Geologica ás Antilhas, Tenerife, e Ilha do Fogo, descreve larga e lucidamente as suas observações sobre o nosso volcão; porém tão curta e rapida foi a sua visita, que nem pôde entrar na cratera, nem descer ao exame minucioso de todos os productos curiosos e interessantes que necessariamente devem ter acompanhado as diversas erupções d'aquelle volcão: fóra das considerações puramente geologicas d'aquella formação volcanica cousa alguma se encontra na sua memoria que pudesse servir-me de guia.

Nos Ensaios sobre a statistica das Possessões Portuguezas do Ultramar, de Lopes de Lima, apenas se lê, a pag. 30 do 1.º Vol. que trata das Ilhas de Cabo-Verde, o seguinte: « Ha na Ilha (do « Fogo), como fica dito, muito *enxofre* e *pedra pomes*, e tambem « *sulfato de soda*, *sal ammoniaco* e boas *pedras de filtrar*. »

Nesta falta, quasi absoluta, de indicações precisas, não podemos senão aventurar conjecturas mais ou menos plausiveis, até que observações ultteriores, feitas por homens competentes nos proprios lugares, tragam luz sufficiente a uma questão, no meu entender, tão importante como é a da formação espontanea pela actividade das forças naturaes, e em quantidade exploravel, de um sal que nas artes chymicas representa funcções de primeira ordem debaixo do ponto de vista industrial.

O estudo que fiz sobre as amostras, que me enviou o Conselho Ultramarino, não me permite duvidar da existencia do sulfato de soda na Ilha do Fogo como producto das recentes erupções. O officio do Administrador, a que já me referi, diz que este sal provém da cratera formada pela erupção, que teve lugar em 1817; porém o exame, que eu fiz em 1838 sobre a amostra que então me remet-

teu o Sr. Visconde de Sá, mostra claramente que já nas erupções anteriores a mesma substancia apparecêra, e que por isso não é um producto privativo desta ultima erupção.

As amostras, mencionadas com os N.º 1 e 2, no officio do Administrador, são ambas ellas de sulfato de soda.

O producto, que tem o N.º 1, existe na cratera formada pela erupção de 1847 revestindo metade do muro da mesma cratera, e acha-se tambem accumulado em parte na sua base, como se delle se houvera destacado. E', como parece, uma verdadeira efflorescencia, que se manifesta naquella formação volcanica. Este producto parece ser o que existe em maior quantidade, e o local em que elle se encontra é accessivel sem o menor risco.

O producto N.º 2 foi colhido em uma pequena planicie, que existe no interior da cratera, e apparece em muito menos proporção do que o primeiro.

Apresentarei em primeiró lugar os resultados da analyse chymica destes dois productos, e farei depois algumas considerações theoricas para explicar a sua formação natural, e outras debaixo do ponto de vista utilitario para mostrar a conveniencia da sua exploração, no caso de poder extrahir-se quantidade avultada que entreteria um trabalho regular.

EXAME CHYMICO DO PRODUCTO N.º 1.

Este producto é uma substancia branca, ligeiramente suja, um pouco pulverulenta com apparencia salina, em crystaes extremamente miudos e desaggregados como os que resultam dos saes efflorescentes. O seu sabor é salgado e amargoso: a agua dissolve-o quasi completamente mesmo á temperatura ordinaria, deixando apenas um pequeno residuo terroso, correspondente a 19 por 10.000 do peso da materia: a sua dissolução mostra uma reacção ligeiramente acida sobre o papel azul de turnesol. Dissolvida a quente, e filtrada a dissolução, esta deposita pelo resfriamento os crystaes do sulfato de soda em tão grande quantidade que o crystallizador se enche completamente delles. As aguas mães, depois de novamente concentradas, depositam, ainda com alguns crystaes de sulfato de soda, os saes extranhos em miudos crystaes.

MEMORIA SOBRE A PRODUÇÃO

Eis aqui o resultado da analyse a que a materia foi submettida reduzido a partes centesimaes.

Sacs solveis.	90,81
Materia insoluel.	0,19
Agua	9,00
	<hr/>
	100,00

Os sacs solveis produziram

Acido sulfurico.	52,96
Chloro.	0,45
Alumina.	1,67
Cal.	0,14
Magnesia.	2,15
Soda.	30,96
Potassa.	4,48
	<hr/>
	92,81

Mostra esta analyse que o producto se póde considerar um sulfato de soda do titulo de 71 por 100 de sulfato puro, ou de 79 por 100 comprehendendo tambem como materia util o sulfato de potassa.

EXAME DO PRODUCTO N.º 2.

Este producto é uma substancia branca, crystalina, em massas agglomeradas e exteriormente irregulares, mas podendo facilmente dividir-se em pequenos crystaes transparentes, incolores e perfeitamente limpidos, apresentando apenas na superficie das massas o aspecto de um sal efflorescente. O seu sabor é evidentemente o do sulfato de soda; a sua reacção é acida; a agua dissolve-a completamente sem deixar residuo sensivel. Submettida á acção do fogo, esta substancia apresenta primeiramente a fusão aquosa, e depois a fusão ignea. Sendo calcinada ao rubro, perde, pela acção do fogo, proxima-mente 58 por 100 do seu peso e o residuo apresenta a seguinte composição.

Acido sulfurico.....	54,14
Chloro.....	0,23
Soda.....	42,20
Potassa.....	0,32
	<hr/>
	96,89

Fiz tambem a analyse da materia normal sem a secar nem calcinar, determinando o acido sulfurico, o chloro e os alkalis directamente e a agua por differença: o resultado desta analyse, reduzido a partes centesimaes, foi o seguinte:

Acido sulfurico.....	32,50
Chloro.....	0,11
Soda.....	13,75
Potassa.....	0,15
Agua.....	53,49
	<hr/>
	100,00

A primeira destas analyses mostra que a materia calcinada é o sulfato de soda de 96 por 100 de sulfato puro, e a segunda que a materia, tal como se encontra na cratera, é o sulfato hydratado, contendo grande excesso de acido, visto que, para neutralisar os 13,75 de soda, se requerem apenas 17,80 de acido sulfurico, restando por conseguinte dos 32,50, que pela analyse achei, 14,70 que constituem uma parte do sal no estado de bisulfato, como aquelle que se obtem na preparação do acido chlorhydrico, quando nas fabricas de productos chymicos se decompõe o sal marinho pelo acido sulfurico em cylindros ou retortas.

E' notavel a differença que existe entre o sal N.º 2, colhido na cratera, e o N.º 1 efflorescente sobre a rocha que constitue o muro, talvez exterior, da mesma cratera. Mas esta differença pôde bem explicar-se suppondo que o sal N.º 1, atravessando a rocha, em que existem a cal, a magnesia, e o oxido de ferro para vir efflorescer na sua face externa cedêra áquellas bases o excesso de acido que trazia.

Reconhecida assim a existencia do sulfato de soda quasi puro,
MEM. DA ACAD.—1.ª CLASSE—T. II. P. 1.

entre os productos do volcão da Ilha do Fogo, seja-me permittido aventurar algumas conjecturas para explicar a sua formação.

E' bem sabido que o sulfato de soda apparece em muitas localidades não só dissolvido nas aguas, principalmente naquellas que contem o chlorureto de sodio, mas tambem efflorescente sobre os terrenos ou sobre as rochas. Charles de Gimbernath encontrou-o nas galerias praticadas em um banco de gesso perto de Mublingen no Cantão d'Argovia na Suissa, estando os crystaes deste sal associados aos do sulfato de cal, e não em betas ou bancos intercalados com os do gesso, mostrando por isso serem os dois saes de formação contemporanea, e haverem sido depositos no meio da dissolução em que ambas simultaneamente se achavam. Cazaseca encontrou tambem o sulfato de soda em crystaes anhydros perto de Aranguez em Hespanha nas salinas de Espartines.

Não ha muito tempo foram descobertos jazigos importantes de sulfato de soda no Valle do Ebro, nos confins da Navarra e de Castella-Velha, principalmente perto de Lodosa, e hoje é já este sal explorado em Alcanadra e Andozilla. Porém nestas e em outras circumstancias, em que o sulfato de soda se tem encontrado, a sua formação parece ser devida a reacções pela via humida. Klaproth attribuia a existencia do sulfato de soda nas aguas mineraes e na de alguns lagos da Austria, da Hungria e da Siberia á decomposição do chlorureto de sodio pelo acido sulfurico emanado do interior da terra e proveniente da decomposição das pyrites ou da combustão do enxofre. Berselius reproduzio esta mesma hypothese nas suas interessantes observações sobre as aguas de Carlsbad.

Até agora não temos visto mencionado o apparecimento notavel e preponderante do sulfato de soda nos terrenos de origem ignea, nem mesmo entre os productos das erupções volcanicas. O Abbade Monticelli na sua monographia das especies volcanicas do Vesuvio diz que o sulfato de soda se não tem até agora encontrado isolado, nem em proporção predominante, nos productos salinos do Vesuvio. ¹ Assim a sua appareição em quantidade consideravel, e quasi no estado de pureza entre os productos do Volcão da Ilha do Fogo, é um facto novo para a sciencia e digno a muitos respeitoes da attenção dos sabios. Explicar as condições provaveis da sua formação não

¹ Soda solfata. — Non si è trovata finora isolata, o almeno in proporzione predominante né mesugli saline del Vesuvio. È per lo piu mescolata con imuriati e solfati de soda e di potassa.

me parece coisa muito difficil, nem é necessario recorrer a hypothesees que as circumstancias locais não possam justificar.

Em muitas das Ilhas do Archipelago de Cabo-Verde apparecem claros indicios da existencia de um grande deposito de sal gemma, que se manifesta principalmente pelas fontes salinas das ilhas de Maio, Boa-Vista e do Sal. Apesar de não haver um estudo completo da geologia do archipelago de Cabo-Verde, póde talvez suppor-se, sem grande temeridade, que esta formação do sal gemma se estende por debaixo da Ilha do Fogo, onde tem sido atravessada nas diversas épocas pelas erupções das materias abrasadas, que constituiram aquella formação volcanica. Nestas circumstancias o enxofre, que, arrendo, se converte em acido sulfurico em presença do oxigenio e da agua, póde converter o sal marinho em sulfato de soda, e este arrastado pelos vapores aquosos vem apparecer na cratera, ou atravessa as rochas para efflorescer á sua superficie.

E' esta uma hypothese que offereço á consideração dos Geologos para explicar a origem do sulfato de soda na cratera do volcão da Ilha do Fogo; hypothese concebida longe dos lugares em que o phenomeno se manifesta, e desprovida da observação rigorosa dos factos que a podiam authorisar. Assim não a quero dar senão pelo que ella vale, e espero que observações ultteriores a confirmem ou corrijam, porque a verdade está nas coisas e não nas opiniões. Todo o effeito tem a sua causa, e quanto mais notavel aquelle é, tanto maior e mais impaciente se mostra a nossa curiosidade em descobrir-lhe uma explicação que esteja em harmonia com os principios do que nós chamamos sciencia. Esta é a minha desculpa.

Do interior da mesma cratera fornada pela erupção de 1847 se extrahio outra substancia salina que veio com o N.º 3, que se encontra misturada com fragmentos do enxofre, e repousa sobre uma camada de cinzas volcanicas, que n'aquelle lugar parecem ainda estar no estado pastoso, e ainda quentes, e que pelo resfriamento endurecem sem se aglutinarem consideravelmente, o que me induz a acreditar que esse amollecimento é devido á penetração dos vapores da agua e não a um estado de semifusão.

A materia salina N.º 3 tem um sabor styptico como o do sulfato de ferro; apresenta uma reacção muito acida; e é solúvel em grande parte na agua mesmo á temperatura ordinaria. Aquecida sofre a fusão aquosa e emette os vapores do acido sulfurico e os do enxofre, que se sublima e póde recolher-se convenientemente. A dissolução desta substancia, sendo concentrada, deposita os crystaes de sulfato de cal,

entre os quaes se notam alguns, em pequena quantidade, que são evidentemente de alumen. Os ensaios qualitativos feitos sobre esta materia mostraram simplesmente a existencia do acido sulfurico e do ferro em grande quantidade, da alumina, da cal, da soda e vestigios de magnesia.

A analyse quantitativa deu-me os seguintes resultados, referidos a 100 partes.

Residuo insolvel na agua	{ solvel no H Cl. 3,72 insolvel no H Cl. 4,52 Enxofre 1,72 }	9,96
Acido sulfurico.	39,25	} 90,04
Alumina.	3,25	
Protoxido de ferro.	13,50	
Cal e magnesia.	2,00	
Soda.	9,75	
Agua e perdas.	22,29	
		100,00

Esta mistura de sulfatos não offerece grande interesse e por isso nos abtemos por em quanto de fazer a seu respeito mais amplas considerações.

Não diremos o mesmo do sulfato de soda, que se pôde tornar um objecto de importante exploração, se se verificar que a quantidade em que elle existe é consideravel, ou que pelo trabalho das forças subterraneas successivamente se produz, para vir apparecer efflorescente atravez das rochas que formam a cratera do volcan.

Depois que Leblanc creou o processo, justamente celebre, para a fabricação do carbonato de soda artificial, a producção do sulfato desta base, materia prima daquelle processo, ficou sendo uma das operações de maior importancia na chymica industrial.

É decompondo o sal marinho pelo acido sulfurico que este sulfato se obtem; mas esta decomposição, na grande escala em que a requer a fabricação da soda, é acompanhada de inconvenientes que difficilmente se vencem, quando se não seguem rigorosamente as boas praticas que a sciencia tem ultimamente aconselhado. Estes inconvenientes nascem principalmente do desenvolvimento do acido chlorhydrico, cuja condensação é dispendiosa e difficil, e requer apparelhos complicados, sempre sujeitos a deterioração em um trabalho per-

manente e que tem por fim produzir grandes massas de sulfato de soda. Por estas razões as fabricas de productos chymicos, em que se pratica o processo de Leblanc, não são toleradas nas visinhanças das povoações, e até são malquistas nos campos em que floresce a agricultura, porque, quando se deixa perder o acido chlorhydrico que se escapa dosapparelhos, impregna-se a atmosphera com os vapores corrosivos daquelle acido, e as plantas, que elle banha, desinham e acabam por morrer.

Outro inconveniente, que acompanha tambem a fabricação artificial do sulfato de soda, provém da necessidade de produzir quantidades enormes de acido sulfurico, que demandam a construcção de apparelhos colossaes, e conserva tributarios da Sicilia, pelo enxofre, os fabricantes de quasi todos os paizes industriaes da Europa.

Todas estas condições desfavoraveis á producção artificial do sulfato de soda despertaram desde longo tempo no animo de alguns chymicos o desejo de haver aquelle sal por meio de processos mais commodos e que não fossem acompanhados dos mesmos inconvenientes. Mr. Balard tentou extrahi-lo das aguas do mar, onde elle não existe formado, mas que encerram tudo quanto é necessario para o produzir, e já creou, e poz em pratica industrial um trabalho methodico de exploração das marinhas, que fornece quantidades avultadas de sulfato de soda crystallizado, e cujos resultados tendem a generalisar-se. Este trabalho requer condições especiaes de temperatura, e mais que tudo boa e intelligente direcção na applicação das regras, o que obsta até certo ponto á sua geral adopção por todos os possuidores de marinhas, que na maior parte dos casos, e principalmente no nosso paiz, não se acham habilitados para comprehender nem os processos novos nem as suas vantagens, e que por indolencia propria vivem aferrados ás velhas rotinas, com uma constancia digna de melhor causa.

O Sr. D. Ramon de Luna, joven professor de chymica em Madrid, tenta pela sua parte aproveitar o sulfato de magnesia, de que ha grandes depositos na parte central da nossa Peninsula, para o substituir ao acido sulfurico, decompondo por meio d'elle o sal marinho em presença de uma temperatura elevada, e obter assim por modico preço o sulfato de soda.

Por mais felizes e bem combinadas que sejam estas e outras tentativas tendentes todas ao mesmo fim, nunca ellas poderam lutar com a producção natural do sulfato de soda fabricado pelas forças gigantes que no interior da terra promovem as reacções mais pode-

rosas de que nascem ao mesmo tempo as rochas igneas que endurecem á superficie da terra, e os saes que a agua dissolve.

A produção do sulfato de soda no Volcão da Ilha do Fogo póde bem comparar-se ao trabalho de um gigantesco forno de sulfato alimentado e governado pela poderosa mão do Creador para facilitar aos homens a materia preciosa com que elles devem fabricar tantas cousas uteis e tantos prodigios d'arte.

Se a existencia ou formação successiva deste sal se realisa em grande quantidade no Volcão da Ilha de Fogo, o que muito bem póde acontecer, será esse, não só um factó novo para a sciencia, mas tambem uma origem de fortuna para os, até aqui deploraveis, habitantes daquella ilha, um grande alimento para o commercio de Cabo-Verde, um poderoso recurso para a nossa industria chymica, e para mim uma grande satisfação em haver concorrido para o fazer conhecido da Academia e do meu paiz.

Lisboa 20 de Março de 1856:

Julio Maximo de Oliveira Pimentel.

TERCEIRA COPIA

DO OFFICIO QUE ACOMPANHOU A REMESSA DOS PRODUCTOS VOLCANICOS
DA ILHA DO FOGO.

Administração do Concelho da Ilha do Fogo.—Ill.^{mo} Sr. Remetto a V. S.^a, para o fazer presente a S. Ex.^a o Sr. Conselheiro Governador Geral da Provincia, tres saquinhos e um pequeno embrulho de N.^o 1 a 4 com productos do volcão, que se me exigio em officio N.^o 63 de 27 de Abril ultimo.

O sacco N.^o 1 leva um sal que ha na cratera que formou a erupção de 1847, cuja metade da parede está rebocada com o dito sal, uma pequena porção depositada em baixo, que parece cai da parede, que terá de altura 80 a 100 palmos.

O N.^o 2 leva uma pequena porção de acido, producto que colheram dentro do volcão em uma pequena planicie, que ha dentro do mesmo volcão.

O N.^o 3 leva enxofre misturado com terra colhida igualmente no dita planicie, e debaixo do enxofre apparece uma lama negra e molle, quente, que depois de fria torna-se dura, cujo producto vai no embrulho debaixo do N.^o 4. O que se colhe dentro do volcão é tudo quente, e as paredes da grande cratera fumegam constantemente, e desce-se para baixo por ruins caminhos e com perigo de vida; e os productos em pequena porção, excepto o sitio onde produz o que vai no sacco N.^o 1: ali não ha perigo algum e segundo as informações que me deu o Regedor da respectiva parochia a quem mandei ao sitio, por ir; se se explorar, a quantidade será grande. Logo que possa, irei ao sitio ver, tanto para informar com conhecimento de causa como para vêr se ha mais alguns productos.

Deos Guarde a V. S.^a, Ilha do Fogo 23 de Maio de 1855.— Ill.^{mo} Sr: Secretario Geral do Governo da Provincia.— Assignado, o Administrador do Concelho, João Gomes Barbosa.— Está conforme.— Secretaria do Governo Geral na Villa da Praia 30 de Junho de

1855. — O segundo Official interino, servindo de Secretario Geral, Joaquim da Silva Mattos. — Está conforme. — Secretaria do Conselho Ultramarino em 18 de Janeiro de 1856. — José Narciso Ferreira de Passos, Chefe da 2.^a Repartição.

(a)

MEMORIA

SOBRE A ULTIMA ERUPÇÃO VOLCANICA DO PICO DA ILHA DO FOGO SUCCEDIDA EM 24 DE JANEIRO DO ANNO DE 1785, OBSERVADA E ESCRIPTA POR JOÃO DA SILVA FEIJÓ, NATURALISTA QUE FOI ENCARREGADO POR SUA Magestade DO EXAME PHILOSOPHICO DAS ILHAS DE CABO-VERDE. LISBOA 1797.

*Vidimus undantem ruptis fornacibus Ætæam,
Flammarum que globos, liquefacta rovere saxa.*
VIRG. GEORG. L. 1.º v. 472.

PREFACÃO.

PARECE que a Providencia, pela paixão que tenho ao estudo da Mineralogia, quiz benigna satisfazer a meus desejos, mostrando-me o horrivel espectaculo de uma erupção volcanica na continuação de minhas viagens philosophicas: até ali parecia-me que pela lição dos mais celebres contempladores da natureza tinha adquirido assás idéas para comprehender a theoria da Physica Subterranea, e discorrer sobre as differentes produções, que constituem o estudo da Mineralogia, particularmente a Volcanica; porém desvaneceram-se as minhas presumpções á vista do tocante quadro, que ella me fez vêr na ultima erupção do Pico da Ilha do Fogo, succedida em 24 de Janeiro de 1785.

Que pintura eu não traçaria hoje, se soubesse manejar o delicado, e subtil pincel de um Pindaro, ou de um Virgilio! os horrosos urros, e estampidos no interior das montanhas da Ilha, que ferindo os ares, faziam tremer toda a terra; as aberturas de multiplicadas bocas, que a cada passo se abriam vomitando com furia as mais vivas, e ardentes chammas, parecendo quererem incendiar todo o Universo; os corpos de differentes tamanhos, envolvidos em negro e espesso fumo, que expellidos do interior do Pico, e subindo ás nuvens, mostravam atacar os Ceos, e apagar a luz do Sol, calindo depois na

mesma fornalha subterranea ; os tocantes, e enternecidos clamores dos espavoridos habitantes , que pensavam ser o ultimo , e desgraçado termo de suas existencias ; o espanto dos outros animaes, que sem tino corriam precipitadamente a escapar á vida ; a diversidade em fim de produções, que depois se deixou vêr, servindo umas de ornamento o mais vistoso e mosaico, das grutas e cavernas, e outras de formalizar novos terrenos etc. ; dando nesta variedade de idéas vastissimo campo ás serias contemplações do Philosopho ; todas estas vistas, digo eu, seriam sem duvida sufficientes para o mais vistoso, e curioso quadro ; porém satisfeito em cumprir com os deveres de fiel observador, passo a relatar o mais claro que me for possível, quaes foram os phenomenos, e produções desta nova erupção, e qual seja a utilidade que dellas poder-se-hia tirar com vantagem do Estado e daquelles miseraveis insulares : tal é o objecto do seguinte discurso, a que chamo Memoria sobre a ultima erupção do Pico Volcanico da Ilha do Fogo, para servir de supplemento á historia philosophica da mesma Ilha, e de index á pequena collecção das amostras das mesmas produções, que eu tenho hoje a honra de offerecer para o Museu da Real Academia das Sciencias, como o mais diminuto signal de meu agradecimento, na certeza porém de merecer de tão sabio, illustre e respeitavel Congresso *Veniam pro Laude.*

MEMORIA

SOBRE A ULTIMA ERUPÇÃO VOLCANICA DO PICO DA ILHA DO FOGO.

§ 1.º

O Pico volcanico da Ilha do Fogo, que desde o anno de 1769 estava como extincto, acaba ultimamente de fazer uma nova erupção a 24 de Janeiro de 1785 pelas onze horas do dia.

§ 2.º

Uma grande commoção subterranea, que abalou, e se fez sentir por toda a Ilha, com fortissimos estrondos no interior do Pico, como trovões, foi o primeiro signal desta erupção.

§ 3.º

Depois do que (§ 2.º) abrio-se o Pico perpendicularmente, e lançando de si, em golfadas, torrentes de escoras, cinzas e pedras, tornou a fechar-se, no seu primeiro estado.

§ 4.º

Nesta situação, ou os combustiveis (como o enxofre, os pyrites e substancias calcareas) incendiados por effeito de uma fermentação

particular, ou os diferentes *gazes* dilatados (productos da decomposição do ar e da agua, por aquelle mecanismo natural pela absorvição de seus oxigeneos) circulando opprimidamente no centro daquella fornalha, e correndo por onde menos resistencia encontravam, foram abrindo por toda aquella montanha até ao mar, de espaço em espaço, da parte de L.N.E. diversos lombos, por onde sahiram torrentes de fogo, immensa quantidade de lavas, umas queimadas, e outras derretidas, cinzas e fumo, que levados ao ar faziam escorecer todo aquelle circuito, sendo para notar o não correrem estes fluidos para o lado opposto, onde se diz Monte d'Aipo, em que se encontram antigas *crateras*, que foram abertas na antecedente erupção do anno de 1769.

§ 5.º

Justamente na base do Pico da parte de leste, aonde chamamos naturaes Monte de Lorna (outro antigo monticulo, e cratera volcanica) se abriram as principaes, e as mais profundas bocas, pelas quaes sahio a maior força, e quantidade do incendio e de lavas, que deram origem a quatro novos montes immediatos uns aos outros junto ao Pico, e na mesma direcção.

§ 6.º

Estes novos montes (§ 5.º) tambem se abriram verticalmente, e lançaram de si immensa quantidade de lavas, as quaes descendo pelo lado de L.S.E. se dividiram em duas como ribeiras de fogo, das quaes foi uma entulhar um grande, e profundissimo valle chamado *Ribeira de Antoninha*, e outra passou a alagar um dilatado plano inclinado denominado *Relva*, onde haviam algumas casas e plantações de algodoeiros, vinhas etc., ficando a maior parte servindo de alicerce á mesma lava.

§ 7.º

As que foram expellidas das bocas, que se abriram da parte de L.N.E. desde o monte denominado de Domingos Fernandes, até outro junto ao mar, que se diz de João Martins, inundaram tambem muita

porção de terreno, e as que sahiram da ultima boca em João Martins, foram até entrar pelo mar dentro mais de vinte lanças, fazendo ali naquella costa, onde antes era uma enseada com o fundo de quatro para cinco braças, uma ponta de pedra queimada assás alta.

§ 8.º

Até aqui são os phenomenos observados nesta erupção, que durou até 25 de Fevereiro seguinte, sendo a sua maior violencia nos primeiros sete dias successivos, continuando com tudo o fogo, ainda que mais central, porém sempre bem sensivel, particularmente nos quatro novos montes (§ 5.º), em que é intensissimo o calor, na superficie do terreno, e nas suas bocas, as quaes são, como a do Pico, ellipticas, e terminadas inferiormente como um funil.

§ 9.º

A materia que geralmente tem sido expulsada, parte é uma lava preta, pezada e cheia de pequenos buracos, vitrificada, e com alguns cristaes de Schorls embutidos (amostra N.º 1) constituindo uma como pedra *agregada*; tal é a que tem corrido principalmente pelo sitio da Relva (§ 6.º), e que junto com outra sorte mais vitrosa, preta, pezada e sem cristaes de Schorls, tem entulhado a Ribeira de Antoninha (§ 6.º) em massas enormes (N.º 2): outra sorte de lava veio tambem em estado de fluidez, correndo porém lentamente, á maneira de metal derretido, formando no seu curso grossos bancos, em ondas, ôcos interiormente, constituindo dilatados canaes, e abobadas de seis até oito palmos de altura sobre dez para doze de largura; tal é a lava (N.º 3) que sahio dos montes, que correm de Domingos Fernandes até João Martins, a qual tanto mais central mais densa, compacta e dura se observa a sua massa.

§ 10.º

Por entre estas (§ 9.º) se encontra outra sorte de lava (N.º 4) como vidro fundido, semelhante na sua còr e grão, á do N.º 2; e

por cima de todas estas sortes ainda correo outra tambem preta, porém mais leve, espumosa, e em fórma de escora metallica (N.º 5), effeito, que parece provir da compressão do ar no seu interior, o qual constituindo no meio desta torrente de lava grossas bolhas, veio depois a fazer a sua superficie aspera, cavernosa, desigual, e a massa mais leve; esta lava, que á primeira vista se assemelha a materia dos cadilhos de Alemanha, foi formando no seu curso varias configurações curiosas.

§ 11.º

As bocas, que se abriram no Monte de Domingos Fernandes, são interiormente revestidas de vistosas configurações de lava tofacea vermelha e preta (N.º 6), effeito talvez procedido de haver ali sido o fogo mais activo, e mais duravel.

§ 12.º

As materias, que foram expellidas, quando o Pico se abriu (§ 3.º) são, parte uma escora preta, friavel e miuda (N.º 7), parte outra escora mais grossa e de diversas côres (N.º 8), parte finalmente umas pedras em grossos pedaços, leves, porosas; e no interior cheias de buracos á maneira de um favo de mel, e denegridas (N.º 9), que parecem ser uma especie de *pomes* extremamente alterada pela violencia do fogo.

§ 13.º

A lava, que formou os quatro novos montes (§ 5.º), é uma conglutinação de escoras mais ou menos grossas, e compactas, tintas de *oxide de ferro* como as *tofaccas* (§ 11.º N.º 6 e N.º 10): o primeiro destes montes, tem uma parte desta escora sustentada sobre grossos bancos da lava preta e pezada (§ 9.º N.º 3) que formam uma grande abobada, fendida por infinitas partes.

§ 14.º

Por todas as bocas destes novos montes sahiam de espaço em espaço golfadas de intensissimo calor e cheiro forte e suffocante de

enxofre, cristalizando-se este pelos buracos das pedras e cavernas, em finissimas agulhas (N.º 11).

§ 15.º

Toda a superficie do primeiro destes novos montes, o immediato ao Pico, é coberto de uma terra amarellada (N.º 12), que á primeira vista parece ser puro enxofre, a qual penso ser um sulfato calcarco com mistura de algumas particulas sulfureas.

§ 16.º

Nesta terra (§ 15.º) se encontram pedaços de pedra pomes brancos, amarellados e porosos como caramello (N.º 13), e outros de uma lava ou basalte, pezados, e de estructura lamellosa (N.º 14), em cujos intersticios se notam cristalizações de purissimo enxofre.

§ 17.º

Nas grntas e cavernas dos mesmos novos montes se nota este enxofre (§ 16.º) virgem em grossas massas, pendentes pelas abobadas e paredes, formado pela lenta sublimação dos vapores sulfureos (N.º 15), que por ser ali o calor mui forte soffre uma continuada alternativa de cristalização e dissolução.

§ 18.º

Por baixo da camada da terra amarellada (§ 15.º) na profundidade de dez para doze palmos corre um banco ou estrado de escoras conglutinadas, mais ou menos, com a mesma terra, e cinzas (N.º 16 e 10), em que tambem se observa muita porção de enxofre puro.

§ 19.º

Tambem se encontra pela superficie do terreno desses novos montes, e pelas fendas dos seus bancos de lava, immensa quantidade

de caparrosa (sulfato de ferro), (N.º 17), e a maior parte com mistura de pedra hume (sulfato de alumen).

§ 20.º

Em o primeiro daquelles novos montes se encontrara duas sortes deste sulfato (§ 19.º), uma em espumas pelas fendas das lavas (N.º 18), e outra como uma terra areenta e esverdinhada, a qual contém uma grande porção de sulfato aluminoso, que se manifesta em uma efflorescencia branca (N.º 19), notando-se pelo interior veios de oxido de ferro com sabor vitriolico (N.º 20).

§ 21.º

Esta mesma caparrosa se encontra em abundancia guarneccendo as bocas dos ultimos dois montes novos, e unida a uma incrustação calcarea, que em muitas partes se mostra revestir em grossas capas inspidas o interior das mesmas *crateras* (N.º 21).

§ 22.º

Entre as lavas, que foram inundar o sitio da Relva (§ 6.º), se observam pequenas poças de sal marinho coalhado (N.º 22) produzido sem duvida da agua do mar, que juntamente com ellas foi expulsada na erupção, o que faz persuadir da communicação do mar com este volcão.

§ 23.º

Finalmente outras substancias salinas ammoniacaes e mistas, se encontram pelas cavidades das lavas (N.ºs 23, 24 e 25) notando-se entre ellas um muriate ammoniacal de sabor mais urinoso com mistura de magnesia, o qual se sublima pelas abobadas, fendas e canaes subterraneos á proporção que o calor se extingue nas lavas (N.º 26), producto, ou (como se pensava ultimamente, antes da revolução chimica) da combinação do acido marinho, proveniente da decomposição do sal marinho, como alkali volatil, produzido da transmutação do alkali mineral pela união com o acido phosphorico do

fogo; ou (como se persuadem hoje os novos chimicos) da combinação do acido muriatico, ou marinho com o ammoniaco, resultado da união do hydrogeno de agua com o azote do ar, decompostos pela absorção de seus oxigenes pelos combustiveis incendiados no aeto da inflamação subterranea. A verdade porêem só Deos a sabe; visto que a Natureza sempre reservada em seus trabalhos, ordinariamente só nos mostra resultados, occultando-nos os meios e modos de os conseguir. Tanta é a incomprehensivel sabedoria do Grande Architecto do Universo, que obriga ao rebelde, pela contemplação de suas obras; a beijar a Mão que cria, ordena, e conserva toda esta Grande Machina, que se chama Mundo Physico.

§ 24.º

Todos sabem os usos que tem cada uma destas produções volcánicas nas Artes, e Manufacturas, particularmente o enxofre, a pedra hume, a caparrosa, e o salammoniaeo; o primeiro por ser o principal ingrediente da polvora, e o que por uma operação hoje mui simples, produz em abundancia o acido vitriolico de tanta importancia em muitas artes, e não sendo os tres ultimos de menos consequencia, e apesar da pouca que tem mercantil, comtudo não deveriam ser desprezadas, sendo indigenos, visto que, para a sua actual demanda, se faz sahir de Portugal a favor dos estrangeiros uma porção de dinheiro, quando a natureza providente, com mão liberal no-lo offerece em proveito geral da Nação, e particular de uma porção de homens, que nada tem de recurso em seu arido e secco paiz, que a esperança de opportunas chuvas para terem de que se sustentem, possuindo aliás este, em cujo proveito, quando menos, se occupariam lucrativamente augmentando assim o commercio nacional com mais um ramo activo em utilidade daquella desgraçada Colonia.

DISSE.

1000

MEMORIA

SOBRE A

CABRA-MONTEZ DA SERRA DO GEREZ

APRESENTADA E LIDA

À 1.^a CLASSE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

PELO SOCIO

J. V. BARBOZA DU BOCAGE.

Prof

NA SESSÃO DE 16 D'OUTUBRO DE 1856.

Section 15

MEMORIA

SOBRE UMA ESPECIE NOVA DO GENERO CAPRA. L. ,

A CABRA-MONTEZ DA SERRA DO GEREZ, EM PORTUGAL.



NA fauna da Europa figuram hoje, geralmente admittidas pelos naturalistas, tres especies authenticas de cabra-montez. São: 1.º a cabra-montez dos Alpes, *Capra ibex* Lin. et Erxl. , que o celebre Pallas confundia com a cabra da Siberia, *Capra Pallasii*, por não achar, na descripção incompleta então publicada por Daubenton, caracteres sufficientes de differenciação, mas que depois dos escriptos de Berthout van Berchem ¹ se considera, e com rasão, como uma especie distincta; 2.º a cabra-montez dos Pyreneos, *Capra pyrenaica* Schinz. , conhecida desde 1838 por uma memoria de Schinz ²; 3.º a cabra-montez das mantanhas da Andaluzia, *capra hispanica* Schimper, descoberta pelo illustre Conservador do Museu de Strasbourg na

¹ Histoire et Memoires de la Societé des Sciences Physiques de Lausanne, T. 2. 1789: — « Description et histoire naturelle du bouquetin des Alpes de Savoye par Berthout van Berchem. »

² Nouveaux memoires de la Societé helvetique d'histoire naturelle. Neuchatel 1838. A descripção publicada por Schinz é obra de Bruch, e feita sobre os exemplares que possui o Museo de Mayence.

sierra-nevada e *sierra-de-ronda*, durante a sua recente viagem pelo Sul de Hespanha. Esta ultima especie, conhecemos-a tão sómente pela descripção abbreviada que Duvernoy communicou em nome de Schimper á Academia das Sciencias de Pariz em sessão de 6 de Marco de 1848 ¹; nem nos consta que ácerca d'ella se tenha ulteriormente publicado noticia alguma mais circunstanciada. ²

Alguns naturalistas, cuja opinião é de muito peso na sciencia, teem apresentado a idea de que as cadeas de montanhas de certa elevação se hão de encontrar na generalidade habitadas por Cabras-montezes, e que estas, por um estudo attento e comparativo, virão a ser referidas a especies distinctas. Ora esta opinião, a que deram vulto as descobertas da *C. pyrenaica* e da *C. hispanica*, achará mais um argumento favoravel na Cabra-montez da serra do Gerez, se, como julgamos, esta se dever effectivamente admittir na Fauna da Europa com as honras de especie distincta.

No presente trabalho procurámos deixar pelo menos bem caracterisada a especie portugueza, por modo que fique sendo uma verdadeira aquisição para a sciencia. Para a nossa descripção consultámos attentamente cinco exemplares, um macho e quatro femêas, que pertencem ao Museu de Lisboa e á acanhada collecção zoologica da Eschoa Polytechnica. Estes exemplares capturados na serra do Gerez em 1852 por fins da primavera, segundo crêmos, foram offerecidos áquelles dois estabelecimentos por um Joven Monarcha, que pela cultura das sciencias naturaes illustraria o paiz, em que nasceu, se a Providencia lhe não reservasse, dando-lhe um throno, uma missão mais sublime e gloriosa.

Dos exemplares que possuímos, o macho sufficientemente adulto, de quatro annos completos, fornece uma caracteristica satisfactoria; as femêas são de differentes edades, de um, dois e tres annos. Com estes materiaes não nos reputamos habilitados para escrever a historia completa da especie, nem a isso nos abalaucamos; pretendemos tão sómente fazer admittir a existencia d'uma especie distincta

¹ Comptes rendus. T. XXVI. N.º 10, 1848.

² A cabra hispanica vive tambem na Castilla nas *sierras del Barco e de Gredos*. Encontramos esta indicação na parte zoologica da « memoria que comprende el resumen de los trabajos verificados en el año de 1851 por las diferentes secciones encargadas de formar el mappa geologico de la provincia de Madrid etc. » mas não achamos ali uma caracteristica mais perfeita desta especie, cuja descoberta o auctor desse trabalho D. Mariano de la Paz Graells attribue egualmente a Schimper.

das actualmente conhecidas, e esperamos que nos darão razão os naturalistas que nos fizerem a honra de lèr o trabalho modesto que sujeitamos ao seu exame.

Descrição do macho. A estatura e dimensões do macho tomadas no nosso exemplar são inferiores ás da *C. pyrenaica*, calculadas por Bruch sobre o exemplar mais adulto do Museu de Mayence. A cabra-montez de Portugal apresenta da extremidade do focinho á da cauda 142 centímetros, altura á cernella 73 centímetros, altura á garupa 78 centímetros; em quanto que a *C. pyrenaica*, o macho, tem da extremidade do focinho á da cauda 154 centímetros, altura á cernella 86 centímetros, altura á garupa 90 centímetros. A cabra-montez dos Alpes leva-lhe tambem decidida vantagem na corpulencia: só a capra hispanica, que Schimper compára vagamente na estatura e proporções ao *Beden* ou *C. sinaitica* Hempr. et Ehrenb., é que parece aproximar-se mais da nossa.

O corpo do animal mais elevado posterior do que anteriormente, caracter que lhe é commum com as outras especies, é esvelto e ao mesmo tempo robusto. Os membros são desenvolvidos e fortes. O pescoço, quanto é possível julgar por um exemplar mal empalhado, parece comprido e estreito. A cabeça é de mediana grandeza, mede 25 a 26 centímetros da extremidade do focinho á nuca, apresenta na face anterior uma convexidade bem pronunciada logo por diante dos chifres, e vae estreitando successivamente para o focinho. Os olhos, segundo nos affirma pessoa que examinou de perto o animal vivo, são volumosos, salientes e brilhantes, com a iris parda e a pupilla mais escura. Na parte superior e lateral do tronco, na face externa dos membros e nos lados do pescoço domina uma còr geral d'um pardo tinto de ruivo, mais carregado em tom no tronco e membros do que no pescoço. Os pêllos destas regiões são cinzentos até uma pequena distancia da extremidade, só nesta é que apresentam a còr pardo-arruivada que apparece.

Nem no exemplar do macho, nem nos das fêmeas achamos indicio algum das riscas negras, dorsal e lateraes, que veem indicadas nas descrições e figuras das outras especies europeas. Voltaremos ainda ao exame desta circumstancia.

Todo o ventre, o bordo inferior do pescoço, o peitoral e a parte interna dos membros são mais claros: com a differença porém que no ventre e parte interna dos membros se encontra uma còr uniforme d'um branco sujo amarellado, orlada de amarello quasi ruivo nos limites da còr pardo-ruiva do tronco, onde os pêllos se mostram

mais compridos; em quanto que nas outras regiões se junta á côr amarellada um toque mais ou menos carregado de pardo.

A cabeça é na face anterior d'um pardo arruivado mais escuro que o tronco, por effeito da mistura de alguns pêllos negros; estes são mais numerosos na parte superior, por diante e entre os cornos. A côr das faces lateraes da cabeça confunde-se com a das taboas do pescoço, á excepção d'um circulo completo em volta dos olhos, d'uma mancha irregular e extensa por baixo das orelhas, e da extremidade do focinho, que são de côr amarellada. São igualmente desta ultima côr os pêllos compridos, que guarnecem internamente as orelhas.

No occiput, logo atraz dos cornos, nota-se um redemoinho de pêllos mais compridos quasi inteiramente negros; e d'ali se estende até á cernelha, como acontece na *C. sinaitica*, uma crina bem apparente, formada de pêllos eguaes na côr aos do dorso, os quaes se inclinam um pouco para traz, e deixam em evidencia a porção tinta de cinzento, que, por occupar a maxima parte do pêllo, fica dando o tom dominante á crina. Os pêllos da crina augmentam em comprimento da nuca á cernelha; na sua ultima porção medem de 8 a 9 centímetros. Tanto pela direcção como pela côr dos pêllos, a crina destaca-se perfeitamente do bordo do pescoço onde está implantada.

A face anterior dos quatro membros é negra. Nos anteriores a côr negra começa do casco, estende-se aos machinhos, deixando por baixo destes um espaço de côr amarellada bem distincto, e vae depois estreitando suavemente para cima até pequena distancia do peito, aos tres quartos proxímanente da região do antebraço, onde termina formando ponta. Nos membros posteriores a côr negra fórma, inferiormente, um desenho absolutamente igual ao dos membros anteriores; termina porém mais cedo, logo acima da préga do curvillhão, sem se estreitar tanto.

Da distribuição das côres, bem como das proporções e dimensões das partes, far-se-ha uma idea exacta consultando-se a Est. 1, que representa o macho reduzido a $\frac{1}{2}$ do tamanho natural.

A barba, que julgamos privativa do sexo masculino, é no nosso exemplar curta, com alguma, pouca, mistura de pardo; nasce a 7 centímetros da extremidade do focinho, e mede apenas 28 millímetros de comprimento. ¹

Os cornos fornecem o caracter differencial de mais valia pela direcção, fórma e dimensões que apresentam.

¹ Vede — Est. 2.^a, fig. 3.^a

São na base quasi contiguos, e elevam-se quasi rectos sobre a cabeça; dirigem-se primeiro para cima inclinando-se ligeiramente, e ao mesmo tempo, para traz e para fóra; aos tres quartos, proxima-mente, do seu comprimento inclinam-se directamente um para o outro. D'aqui resulta que, examinando-se pela frente o animal, os dois cornos arremedam com bastante exactidão a figura de uma mitra collocada quasi verticalmente sobre a cabeça. ¹

Os cornos são triangulares na base, e ensiformes na extremidade; a fórma triangular conserva-se bem distincta até um pouco mais dos dois terços do corno. Na sua primeira e mais extensa porção contam-se portanto tres faces e tres bordos; e destes, dois são salientes, um rhombo e pouco pronunciado. As posições que occupam as faces e bordos, bem como a direcção do corno, dependem d'um movimento de torsão de dentro para fóra, que elle começa a experimentar desde a base, e que só acaba na parte onde ha a convergencia directa de um para o outro, isto é, onde começa tambem a porção ensiforme. Com effeito: das tres faces uma começa por ser interna inferiormente, vai-se tornando successivamente anterior, e é esta a posição que toma definitivamente na porção terminal do corno; deve chamar-se face *interna-anterior*. Outra, anterior na base, torna-se depois externa, e confunde-se na porção uniforme com o bordo externo desta parte do corno, será a face *anterior-externa*. Finalmente a terceira face, exclusivamente posterior na base, parece participar menos que as outras duas do movimento de torsão de que fallámos, contudo tambem se torna um pouco interna, e na parte ensiforme vae constituir, decompondo-se, o bordo interno e a face posterior; cabelhe a designação de face *posterior*. Destas faces a primeira, ou face interna-anterior, é concava, em fórma de telha, nos dois terços do corno; as outras duas são convexas em quanto o corno conserva a fórma triangular. ²

Entre as faces interna-anterior e anterior-externa fica um bordo saliente, que se pronuncia sobretudo do lado da primeira; é o *bordo anterior*. Os limites entre a face interna-anterior e a posterior, são tambem perfeitamente indicados por um filete elevado, o qual apresenta em toda a contiguidade com a ultima face um sulco longitudinal ou goteira funda e apparen-te. A fig. 2.^a da Est. 2.^a dá uma per-

¹ Vide Est. 1. — e Est. 2. fig. 3.

² Vide Est. 2. fig. 1. e 2.

feita idea desta disposição característica. Pela sua posição deve chamar-se a este *bordo-interno*.

Entre a face anterior-externa e a posterior não se encontra nenhuma aresta saliente que as extreme; todavia é possível pela inspecção do corno reconhecer os limites de cada uma d'ellas.

Tanto o bordo ou aresta anterior, como o filete interno vão morrer proximo da porção ensiforme. Nesta, as duas faces são rigorosamente uma anterior, outra posterior, ambas planas e paralelas: os bordos, um externo que se continua com a face anterior-externa, outro interno formado pela face posterior, são ambos largos e ligeiramente arredondados.

Os cornos não mostram, como os da *Capra ibex*, verdadeiros *bordelêtes* sobre as faces e bordos, fazendo lembrar vistos pela frente anneis enfiados a distancias mais ou menos regulares. Apenas nelles se nota, na porção triangular, sulcos transversaes brandamente ondulos, deseguaes na distancia reciproca, mas symmetricos nos dois appendices. Estes sulcos, mais pronunciados na face interna-anterior do que nas outras, estendem-se para os bordos anterior e interno, que a limitam, cavam-os e recortam-os. A porção ensiforme é lisa, tanto nas faces como nos bordos.

Falta-nos indicar as dimensões dos cornos. No nosso exemplar, que é como dissemos um macho de quatro annos, os cornos teem na maxima curvatura 36 centimetros de comprido; a altura é de 30 centimetros, a circumferencia na base de quasi 20 centimetros. As faces medem na base, a interna-anterior 68 millimetros, a anterior-externa quasi 40 millimetros, a posterior 78 millimetros. Finalmente a espessura do bordo anterior é de 16 millimetros, a do bordo interno de 1 centimetro.

Os cornos não são perfeitamente negros; a côr delles, difficil de indicar mesmo em figuras coloridas, participa do pardo e do azulado.

Descripção da femêa. A femêa é nesta, como nas outras especies de que temos conhecimento, ¹ inferior ao macho em grandeza:

¹ <i>Capra ibex</i> -Macho altura á cernelha.....	0, ^m 87
Femêa.....	0, ^m 54
<i>Capra pyrenaica</i> -Macho.....	0, ^m 86
Femêa.....	0, ^m 71
	(Roulin. Dicc. Univ. d'hist. nat. art.: chèvre.)
<i>Capra hispanica</i> — « La femelle est plus petite que le male».....	
	(Schimper. Comptes rendus.)

as dimensões tomadas no exemplar mais adulto que possuímos, de 3 annos, são as seguintes:

Da extremidade do focinho á da cauda 118 centímetros. Cabeça 21 centim. Altura á cernelha 66 centim. Altura á garupa 71 centim. As côres são na femêa idênticas ás do macho, e semelhantemente distribuidas. Só notaremos que é menos carregado o negro da face anterior da cabeça; no mais o tom e desenho são os mesmos, tanto no corpo como nas extremidades. Em exemplar algum encontramos riscas negras, dorsal ou lateraes, nem barba: na femêa de 3 annos, porém, e só nella achamos vestígios, mui pouco apparentes, de uma crina semelhante á do macho. Este mesmo exemplar offerece a singular excepção de quatro têtas, que parecem todas bem desenvolvidas. A femêa tem cornos, porém estes differem muitissimo dos do macho. São pouco divergentes, quasi parallelos, encurvam-se ligeiramente para traz e para fóra até aos tres quartos, donde começam a inclinar-se tambem ligeiramente um para o outro. Pelo que respeita á fórma, são nos tres quartos inferiores arredondados ou sub-triangulares sem bordos salientes, e por conseguinte sem faces bem limitadas; superiormente, no ponto em que começa a sua mutua convergencia, são comprimidos dos lados, de modo que se percebem claramente duas faces, uma externa, outra interna, e dois bordos um anterior e outro posterior. Por quasi toda a extensão do corno se notam sulcos transversaes completos, menos sinuosos e muito mais superficiaes que os do macho, e tambem mais regulares na profundidade e distribuição. *

O comprimento dos cornos é, no exemplar mais adulto, de 15 centímetros: os da femêa de dois annos tem 11 centímetros, e os da femêa d'um anno apenas 85 millímetros.

Para facilitar a confrontação da especie portugueza com as outras especies europeas, apresentámos reunidos n'um quadro junto os caracteres differenciaes de cada uma d'ellas.

Comparando a caracteristica da Cabra-montez do Gerez com as das outras especies da Europa, inclinamo-nos a considerá-la como uma especie distincta. Esta opinião, contudo, é apenas conjectural.

Com a *Capra ibex* é impossivel confundil-a; basta que se considere a fórma diversissima dos cornos, quadrangulares n'uma, triangulares na outra.

D'ella se distingue tambem perfeitamente a capra pyrenaica. A descripção publicada por Schinz, auxiliada e interpretada convenientemente,

* Consulte-se, para melhor intelligencia do texto, a fig. 4.^a da Est. 2.^a

temente pelo desenho, embora assás imperfeito, que a acompanha, não permite que as confundamos. A não ser a fôrma dos cornos, que é em ambas as especies triangular, todos os outros caracteres tirados destes appendices, e além d'isso a estatura do animal, o comprimento da barba e a distribuição das côres, tudo as distingue perfeitamente.

A descripção resumida da capra hispanica, que fielmente trasladamos para o nosso mappa, é de todas a menos satisfactoria, e tanto mais que não vem acompanhada de estampa por onde se possa precisar o vago de certas phrases descriptivas. Do que sabemos porém da cabra-montez do sul da Hespanha, parece-nos melhor conclusão que lhe não é idêntica a especie, que habita o norte de Portugal. Estas duas especies aproximam-se de certo bastante na estatura e proporções, e talvez mesmo na grandeza dos cornos; em ambas tem estes appendices a fôrma triangular, e mostram-se muí contiguos na base de implantação: contudo, apesar da descripção de Schimper ter principalmente em vista separar especificamente a cabra-montez das outras duas congeneres europeas já conhecidas, figura-se-nos que certos caracteres de mais relevo e importancia, que indicámos, entrariam, embora superabundantes, no esboço descriptivo de Schimper, se este naturalista distincto largamente versado na sciencia descriptiva, os houvesse encontrado na especie que introduzio na Fauna da Europa.

Não queremos dar importancia a certas differenças que podem ser mórmente devidas á estação, taes como a existencia e ausencia dos riscos negros dorsal e lateraes, a diversa distribuição da côr negra pelas extremidades, a crina &c.; mas se comparámos a direcção dos cornos da cabra do Gerez, a disposição de suas faces, e de seus bordos com o que nos diz Schimper ácerca da direcção e fôrma destes appendices na especie da Andaluzia¹², parece-nos descobrir differenças essenciaes bem sufficientes para extremar as duas especies. Assim: da descripção de Schimper, desacompanhada do desenho que a illustre e complete, não podêmos concluir que os cornos arremedem na C. hispanica, como na nossa, a figura d'uma mitra. Demais; nos cornos da cabra hispanica lêmos que existe uma aresta cortante que olha pa-

¹² Eit-a, textualmente, a descripção de Schimper:

» Les cornes s'élevent droites sur le front, et presque parallelement, pour alors s'éloigner brusquement l'une de l'autre, en décrivant un arc qui s'incline un peu sur l'horizon; vers l'extrémité elles reviennent vers l'axe, et se redressent en décrivant un demi-tour de spire. »

ra dentro,¹³ e vemos mencionada somente esta aresta, em quanto os da capra lusitânica tem dois bordos ou arestas salientes, e uma destas, a interna, é marginada por uma goteira longitudinal nos limites da face posterior¹⁴. Os cornos das duas espécies são de dupla curvatura, por effeito da torsão que soffrem; mas na especie de Portugal, e só nella talvez, a torsão começa a ter logar da base¹⁵, em quanto que na especie da Andaluzia, a julgar pela descripção, só proximo da ponta é que descrevem uma meia volta de espira.¹⁶

Poderíamos talvez tomar ainda por caracter distinctivo a existencia dos bordeletes transversaes, que Schimper menciona na descripção dos cornos da *C. hispanica*; porém nem crêmos necessario o auxilio d'esse caracter, nem nos parece que Schimper dê ao termo *bordeletes* (bourrelets) a accepção restricta em que outros AA. o empregam, e que tem verdadeira applicação aos cornos da capra ibex.

Os cornos das fêmeas parecem differir egualmente nas duas espécies.

Parece-nos por consequente, em quanto não obtemos uma descripção mais completa e minuciosa da *C. hispanica*, que ha vehementes razões para suppôr que nem com ella se deve confundir a cabra do Gerez.

Das espécies que habitam as montanhas d'Asia e d' Africa, e que a sciencia admittê hoje como sufficientemente caracterisadas, extrema-a egualmente a nossa descripção. Vamos dar a lista pouco extensa d'essas espécies, e acompanharemos o nome especifico da caracteristica differencial de cada uma d'ellas.

Temos: ¹⁷

1.º A cabra montez da Siberia (*Capra Pallasii*).

Caracteristica differencial: Cornos nos dois sexos. Os do macho de curvatura uniforme mui fechada junto á ponta; triangulares, e das 3 faces — uma anterior, convexa, com bordeletes mais pronunciados no meio do que nas extremidades, — as outras faces lateraes, unidas á primeira e entre si por bordos rhombos.

2.º Cabra-montez do Caucaso. (*Capra Caucasica*. Guld.)

¹³ Schimper — loc. cit. » Les cornes sont grandes, épaisses, presque contigues a la base, triangulaires, à arete tranchante dirigée vers le dedans. . . .

¹⁴ Vide Est. 2.ª fig. 2.ª

¹⁵ Vide Est. 2.ª fig. 1.ª

¹⁶ Schimper, loc. cit. . . . » vers l'extrémité elles se redressent en décrivant un demi-tour de spire. »

¹⁷ Veja-se no Dicc. universel d'histoire naturelle o artigo *Chèvre* de Roulin.

Car. diff.: Cornos nos dois sexos. Os do macho triangulares em toda a extensão; das faces, duas anteriores separadas por um bordo rhombo, a terceira posterior e larga. A face anterior-interna tem bordeletes volumosos, irregulares na fórma e posição; as outras mostram somente sulcos transversaes.

3.º O Beden. (*Capra sinaitica Chr.*).

Car. diff.: Cornos nos dois sexos. Os do macho são como os da *C. ibex*, quadrangulares na base, depois triangulares, depois ensiformes junto á extremidade; differem porém d'estes em que a secção transversal na base não representa um rectangulo, mas um quadrilatero, cujos angulos anterior-interno e posterior-externo são agudos.

4.º Cabra-montez Walie. (*Capra Walie Rupp.*)

Car. diff.: Cornos nos dois sexos. Os do macho extremamente semelhantes aos da *C. ibex*, da qual comtudo esta especie se distingue por uma grande eminencia eliptica na parte media da região frontal, e por ter o chanfro muito acarnicirado.

5.º A cabra-montez Ægagro. (*Capra Ægagrus. Pall.*)

Car. diff.: Cornos só no macho, ou então os da femea excessivamente pequenos (?). Os do macho descrevem um arco de circulo bastante regular, excepto na ponta, onde a curva se estreita mais. Quasi contiguos na base, divergem mui brandamente até aos tres quartos, donde convergem até á ponta. Podem-se-lhe distinguir tres faces; duas anteriores (a interna *plana*, a externa *convexa*) limitadas por um bordo estreito, o qual apresenta na sua metade inferior e na *contiguidade com a face externa uma goteira* bem pronunciada; a face posterior *estreita* (Pallas descreve-a como um bordo) e arredondada. Não teem bordeletes, mas simples rugas sinuosas, que de espaço a espaço engrossão mais e formam feixes, donde resultam nós ou dilatações mais ou menos visiveis e numerosas.

Existe *em ambos os sexos* barba, e uma risca negra dorsal, que começa larga do pescoço e vae estreitando para a cauda.

Antes de concluir este nosso trabalho, entendemos dever mencionar o que exista anteriormente escripto sobre o mesmo assumpto, tanto mais que não podémos encontrar, digno de menção e original,

senão uma noticia assás resumida e inexacta publicada pelos naturalistas alemães Link e Hoffmanssegg na sua viagem a Portugal ¹⁸, e que vamos extractar textualmente.

» L'animal le plus remarquable qu'on y rencontre (dans les montagnes du Gerez), est la chèvre sauvage, très rare dans les autres » montagnes de l'Europe (*Capra Ægagrus*. Pall.) Nous avons vu plusieurs peaux de ces animaux. On tua même un bouc de trois ans, » qui fut transporté á Caldas, ou le Comte d'Hoffmanssegg l'acheta, » et le conserve encore empaillé. L'animal est plus grand, plus musculeux, plus robuste que le bouc domestique, surtout les épaules et » les pieds de derrière; son front est élevé, ses cornes le sont aussi » d'une manière plus roide et se courbent en arrière; sa queue est » moins longue, le poil en est plus court, plus serré, entremêlé de » gris et de brun, et ressemble beaucoup à celui du cerf; une croix » noire s'étend sur le dos et sur les épaules. Le male est barbu comme le bouc domestique; la femelle *est sans cornes*. Nous avons pris » les dimensions exactes de l'animal, qui, du reste, est parfaitement » conforme aux descriptions faites par les auteurs de la *Capra Ægagrus*. On ne le trouve nulle part en Portugal excepté dans ces montagnes. *Je doute qu'il y en est en Espagne*. Il est impossible de dire avec certitude, si c'est la chèvre domestique dégénérée et devenue sauvage, ou si la chèvre domestique en est prévenue. Pour le » present elles sont très différentes. » ¹⁹

Como se vê, este esboço descriptivo não concorda absolutamente com a descripção que demos da cabra do Gerez; e mais diverso ainda o faz parecer a asserção decisiva que os AA. apresentam de que este animal é perfeitamente conforme ás descripções feitas pelos naturalistas da *Capra Ægagrus*.

Temos portanto de analysar as discordancias dos AA., e de discutir o fundamento da sua diagnose especifica.

As discordancias reduzem-se: 1.º a mencionarem a existencia d'uma cruz negra sobre o dorso e espadnas, caracter que não descobrimos em nenhum dos nossos exemplares; 2.º a affirmarem que a fema não tem cornos.

Quanto ao primeiro ponto achâmos na Memoria já citada de Ber-

¹⁸ Link et Hoffmanssegg, Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799 — Paris — 1808.

¹⁹ Link et Hoffmanssegg, Op. cit., T. 2.º, pag. 24. Hoje conhecem-se em Hespanha as duas especies: *C. pyrenaica* e *C. hispanica*, nenhuma das quaes se confunde com o *Ægagrus*.

thout van Berehem uma explicação plausível d'esta dissidência, que de resto versa sobre objecto de minima importancia; ali deparámos com o seguinte: » Na primavera todas as cabras-montezes dos Alpes mudam de pêllo; a muda começa pelo pêllo da espinha dorsal, o ultimo que cae é o das pernas; a risca dorsal negra desaparece durante a muda. » A' vista d'isto é plausível admittir, em quanto se não podér melhor verificar, que a risca negra dorsal pode tambem apparecer e desaparecer na especie do Gerez conforme a estação.

Quanto, porém, a não terem as fêmeas cornos, isso é absolutamente inadmissível. Possuimos exemplares de 3, de 2 e de 1 anno, e neste ultimo os cornos são bem apparentes e medem 85 millímetros de comprido. Como os AA. não dizem positivamente que viram a fêmea, acreditámos que escreveram por informação, e que talvez não perceberam bem o que lhes diriam as pessoas da localidade com quem se informaram.

A opinião de que á *Capra Ægagrus* se deve referir a cabra-montez do Gerez é perfeitamente insustentavel: as duas especies não podem de modo algum confundir-se, e para avaliar bem as differenças que as extremam basta confrontar com a nossa descrição da cabra do Gerez a característica resumida, que acima démos, do *Ægagrus*.

Não nos empenhámos por fórma alguma em irrogar censura aos naturalistas distinctos que acabámos de citar: no tempo em que elles escreveram, a diagnose das especies em zoologia era geralmente feita com menos escrupulo e mais ousadia; e demais não deve surpreender que admittissem, guiados por um exame superficial, o *Ægagrus* na fauna do Gerez, sabendo-se que, a exemplo do celebre zoologista Pallas, se acreditava então no quasi-cosmopolitismo da *Capra Ægagrus*, facto que a experiencia ulterior não tem confirmado.²⁰

Queremos mesmo, já que tivemos de citar as viagens de Link e Hoffmannsegg, manifestar aqui o respeito e reconhecimento que devemos á memoria d'esses honrados viajantes pela imparcialidade excepcional com que escreveram ácerca do nosso paiz e pela severidade com que castigaram, em nome da moralidade e da justiça, os calumniadores emeritos, que, sob o pretexto de publicarem relações de viagem, nos pagam com vituperios e affrontas immerecidas a hospitali-

²⁰ Não se conhece ainda hoje bem a circumscripção da patria do *Ægagrus*. Sabe-se, porém, com certeza que habita na proximidade da *Capra caucasica*, e que parece viver em montanhas menos elevadas do que esta. Em todo o caso considera-se muito duvidosa a existencia desta especie na ilha de Candia, e sabe-se que não vive nos Alpes helveticos e nos Pyreneos, como queria Pallas. (Roulin, loc. cit.)

dade sempre rasgada e generosa com que são acolhidos.²¹ Contra esses diffamadores sem consciencia, minados de spleen e inflados de ridicula vaidade, é de sobra o testemunho de Link e Hoffmannsegg; e aos que modernamente os imitarem, responderão por nós os grandes dotes do caracter nacional, que tantas e tão repetidas injustiças de estranhos não poderam ainda destruir!

Não pretendemos, como já dissemos, dar aqui a historia completa da cabra do Gerez. Faltam-nos muitas indicações indispensaveis relativamente aos costumes desta especie, como são: — a epocha da propagação, que apenas conjecturámos que deverá coincidir com a da *C. ibex*, — a duração provavel da vida, — as regiões da serra do Gerez, onde se encontram conforme as estações &c. Precisámos ainda rectificar e completar a caracteristica da especie pelo exame d'um maior numero de individuos em diversas edades, e principalmente do macho em idade mais avançada, e em diversas estações. Em quanto, porém, não podêmos emprehender por nós mesmos este interessante estudo, sempre diremos, muito em resumo, o que sabemos por informações da habitação e costumes da cabra do Gerez.

A serra do Gerez, unica no nosso paiz que é habitada de cabras montezes, situada, como todos sabem, na provincia do Minho, estende-se na direcção de leste a oeste ou proxinamente, mas lança diversas ramificações para o sul. O pico mais elevado d'ella, o môrro do Borrageiro, tem, segundo as avaliações de Balbi, 4800 pés acima do nivel do mar; observações posteriores dam-lhe, porém, uma elevação pouco inferior a 6000 pés, em quanto que Link apenas lhe suppunha 3 a 4000 pés: é verdade que esta ultima avaliação fôra feita simplesmente a olho, em consequencia dos frades do convento do Bouro, levados de indiscreta curiosidade, lhe haverem quebrado os barometros.

Segundo refere o mesmo Link é nas immedições do môrro do Borrageiro que durante o verão se mostram as cabras-montezes: nes-

²¹ Daremos só uma amostra da indignação com que Link protesta a cada passo contra as injustas aggressões de viajantes inglezes. Fallando dos habitantes do Gerez, exclama elle: » Que ne puis je recommander à la bienveillance publique ces aimables habitans, que le sot orgueil des anglais à couvert d'infamie! » (T. 2.º, pag. 31.)

nas localidades cae no inverno grande quantidade de neve, mas não persiste ali por muito tempo.

Como é geral em todas as especies de cabra-montez que tem sido devidamente estudadas, as fêmeas e os machos novos vivem em rebanhos mais ou menos numerosos: os machos adultos, porém, andam isolados, e mostram-se frequentemente sobre os picos mais elevados e inacessiveis da montanha, d'onde parecem contemplar, n'uma perfeita immobibilidade, os abysmos profundos que lhes ficam em baixo, ou a immensidade do espaço que os cerca n'um horizonte sem limites.

A caça d'esta especie é, como a de todas as cabras-montezes, mui difficil e perigosa, sobre tudo quando se trata de perseguir o macho adulto. Pertencem ao Villar da Veiga, a povoação permanente da serra do Gerez que fica mais proxima da região habitada pelas cabras-montezes, os caçadores amestrados nesta caça, que exige, a par da muita destreza, uma grande intrepidez. Cremos que, graças aos perigos e difficuldades que encontra, e á falta do incentivo d'uma remuneração sufficiente, se deve o não se achar consummado ainda o extermínio total da especie.

Dizem-nos que o macho adulto e solitario é designado pelos caçadores pelo nome de *Reixêlo*; sem comprehendermos a etymologia d'este vocabulo, vemos comtudo na primeira syllaba d'elle a pretensão de designar o animal como o *Rei* ou chefe do rebanho, do qual usa ausentar-se, logo que é passada a epocha da reproducção.

ADDITAMENTO

A' PRECEDENTE MEMORIA.

Depois de se achar no prélo a Memoria sobre a cabra do Gerez, constou-me que o museu de Coimbra possuia alguns exemplares desta interessante especie. Aproveitei, para os ir examinar, a primeira occasião que se me offereceu opportuna, e vou consignar aqui resumidamente os resultados d'esse exame.

São dois os exemplares, que encontrei no museu de Coimbra, ambos perfeitamente adultos e dos dois sexos. Foram capturados no Gerez em estação mais adiantada que os individuos que me serviram para a precedente descripção. Nos caracteres geraes são em tudo conformes a estes; só differem nas dimensões do corpo e dos cornos, que a idade faz variar, e na côr de algumas regiões que diversifica com a estação, como eu conjecturára. Tratarei de dar uma breve indicação dessas differenças, evitando repetições ociosas.

A estatura de um e outro individuo é maior que as do macho e femea mais adultos, que havia observado. O macho mede 76 centímetros de altura á cernelha e 81 centim. á garupa; a femea 65 centim. á cernelha e 71 á garupa. Estas dimensões, tomadas sobre individuos mal empalhados, devem-se ter comtudo simplesmente como approximadas. Os cornos do primeiro tem de altura 43 centímetros, e 48 centim. de comprimento, tomado na maxima incurvação: na base ficam contiguos pelos bordos internos. Os cornos da femea tem 18 centímetros de comprimento. Quanto á fórma e direcção destes appendices não ha nada a acrescentar de novo ao que fica dito, senão que os do macho me pareceram mais inclinados para fóra e para traz na sua metade superior, que os do individuo primeiramente observado.

A barba do macho, quasi inteiramente negra, é proximamente de 9 centim. de comprido.

Quanto á *pellagem*, eis o que me pareceu encontrar mais digno de referir-se:

O macho, morto em novembro, apresenta uma risca negra dorsal, que se estende desde a cernelha, onde termina a crina, até á cauda; a face anterior dos membros, tanto anteriores como posteriores, é inteiramente negra; da parte superior destes prolonga-se horisontalmente uma risca larga e bem distincta, da mesma côr, que vem acabar um pouco além do meio do tronco. Sobre a região da espadua vê-se uma grande malha arredondada tambem negra, que inferiormente se confunde com a extremidade da que reveste a face anterior dos membros de diante, e internamente se prolonga estreitando-se, e continúa pela frente do peitoral com a do lado opposto. A crina, ainda na maior parte cinzenta, apresenta de espaço em espaço largas zonas verticaes negras; e é muito de crêr que de inverno venha a tornar-se inteiramente desta ultima côr.

A femea foi capturada um mez, pouco mais ou menos, antes do macho; e por isso as alterações devidas á muda são nella menos pronunciadas. A risca dorsal existe já confusamente indicada sobre a garupa; porém das riscas horisontaes não existem ainda vestigios, e nas partes lateraes do peitoral, sobre a ponta da espadua, começam apenas a apparecer indicios da côr negra, que mais tarde ha-de dominar nestas regiões.

Em ambos os sexos a ponta do curvillão é negra.

Vê-se portanto do que fica dito que com razão deixei de dar importancia a certas differenças na côr do pêllo, attribuindo-as, como de feito se devem attribuir, ás mudas annuaes.

Na minha Memoria julguei não me dever pronunciar d'uma maneira decisiva sobre a questão — de ser ou não a cabra do Gerez uma especie nova, uma quarta especie europea. Applaudo-me hoje dessa prudente resêrvã.

Com duas das especies europeas, a *C. ibex* e a *C. pyrenaica*, fôra de certo impossivel confundil-a. ¹ Da *C. hispanica*, porém, não tinha eu conhecimento perfeito e minucioso; e sebem que uma boa parte dos caracteres, que achava indicados em brevissimas descrições ² desta especie, conviessem em geral á especie de Portugal, subsistia comtudo a incerteza ácêrca de muitos outros existentes nesta, e que não vinham mencionados com relação áquella. A falta destes caracteres n'uma, contraposta á sua presença na outra, bastava sem

¹ Vide o mappa comparativo das especies europeas com a da *C.* do Gerez na nossa Memoria a pag. 9.

² Schimper, *Compt. rendus. Schinz*, monographia dos *Iber.*

duvida para auctorisar a separação das duas especies; mas occorria tambem que tratando-se unicamente de distinguir a *C. hispanica* das duas outras especies europeas, podia-se mui bem, ao descrevel-a, ter omittido voluntariamente caracteres, nessa hypothese, superfluos. Seria apenas omitta a descripção de Schimper e a caracteristica que Schinz publicára na sua monographia dos *Ibex*; ou faltariam effectivamente á *C. hispanica* os caracteres que me haviam parecido privativos da cabra do Gerez? Eis o que cumpria averiguar.

Para ter decidida esta questão de facto, resolvi recorrer a naturalistas que conhecessem bem a *C. hispanica*, e podessem, ajudados da descripção da cabra do Gerez, resolver facilmente as minhas duvidas. Mr. Schimper, o celebre conservador do musen de Strasburg, e o Sr. Graells, o illustre director do museu de Madrid, deviam ser os primeiros consultados: a elles me dirigi com effeito, e acolheram-me com a cortezia e cordialidade que distinguem os verdadeiros sabios. Os esclarecimentos, que um e outro me prestaram, habilitam-me a acceptar com consciencia a opinião, por ambos unanimemente expressa, de que a cabra do Gerez se deve referir á *C. hispanica*.

Os caracteres em que se poderia basear toda a distincção especifica são, contra o que eu suppunha, communs á cabra da Andaluzia. A fórma e direcção dos cornos, a estatura, a côr do pêllo, a crina e a barba, tudo o que descrevemos na cabra do Gerez convem realmente, em identidade de circumstancias, áquella especie da fauna de Hespanha.

Não ha portanto motivo para acrescentar uma especie nova da cabra-montez ao catalogo actual das especies europeas: comtudo, o conhecimento exacto do que seja a cabra do Gerez parece-me um facto de alguma importancia para a zoologia de Portugal. Além d'isso convem notar que ao passo que a *C. ibex* e a *C. pyrenaica* vivem, a primeira nos Alpes e a segunda nos Pyreneos, ambas circumscriptas a uma pequena extensão de territorio, a *C. hispanica* mostra-se a um tempo nas serras da Andaluzia e da Castella, em Hespanha, e nas montanhas do Gerez, em Portugal. Esta disseminação, por logares tão distantes, de animaes que vivem exclusivamente nas grandes altitudes, deve interessar mais fortemente o zoologista, sob o ponto de vista da geographia zoologica, do que a descoberta de uma especie nova.

Lisboa 5 de Fevereiro de 1857.

EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS.

ESTAMPA 1.^a O macho adulto reduzido a $\frac{1}{9}$ do tamanho natural.

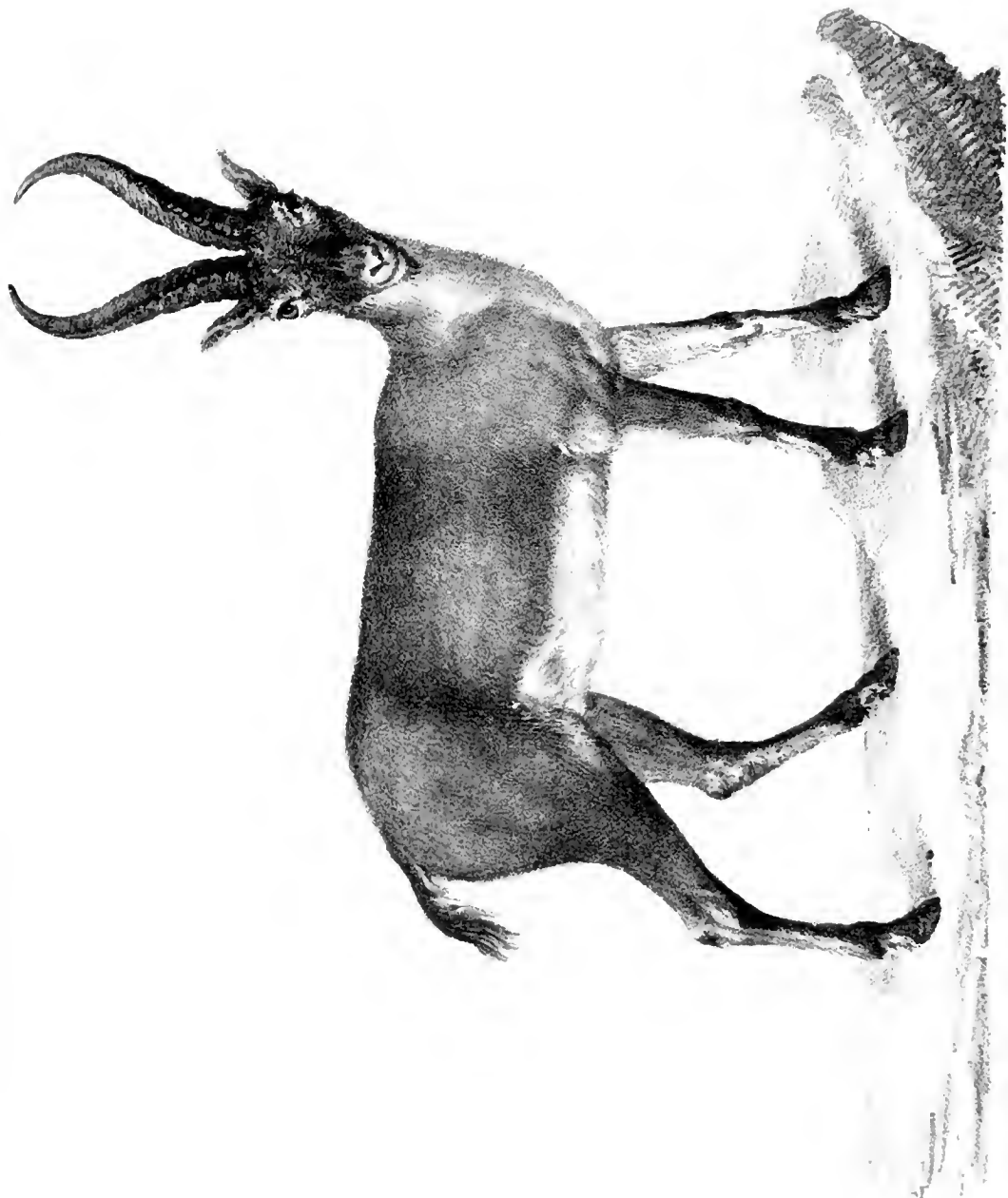
Est. 2.^a

fig. 1. Corno direito do macho visto por diante para mostrar a direcção do bordo anterior e as duas faces. $\frac{1}{3}$ do tamanho natural.

fig. 2. Corno esquerdo do macho visto por detraz para mostrar o bordo interno, e a gotteira profunda que o separa da face posterior. $\frac{1}{3}$.

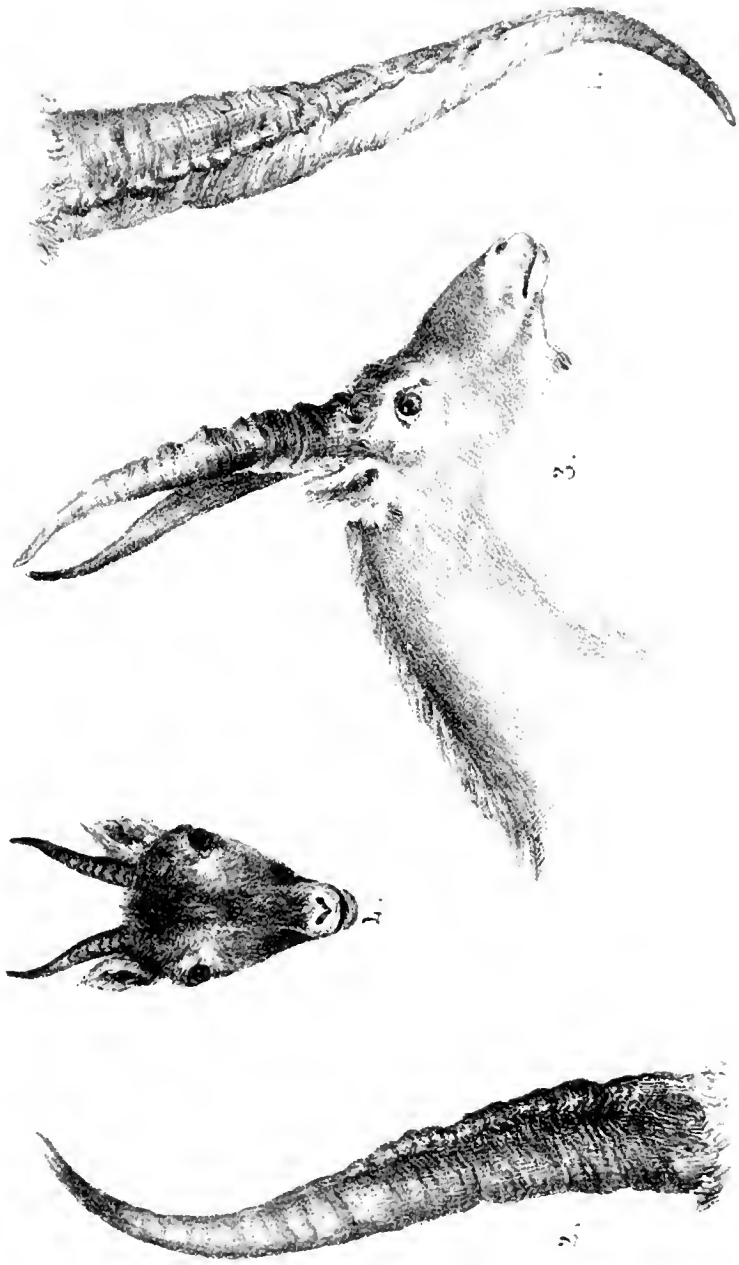
fig. 3. Cabeça do macho vista de perfil: vê-se distinctamente a crina. $\frac{1}{6}$ do tamanho natural.

fig. 4. Cabeça da femca vista de frente. $\frac{1}{7}$.



Capra-montes da serra do Gerês em Portugal. 1/2





II.



TEZ, E SUA CONFRONTAÇÃO COM A CABRA DO GEREZ.

ispanica, Schimper.¹¹
e proporções da *capra sinaitica* menor que o macho.

Ello. — Do occiput prolonga-se um gro, mais ou menos distincto, ao spinha até á cauda. A parte anterior dos quatro membros é negra; esta todo o espaço que fica entre os machinhos; nos membros alonga-se até ao peito, nos posteriores a linha negra que separa a dorsal escura da ventral esbran-

-privativa do macho, e curvada; apresenta-se sob a forma de uma linha trapezoidal negra com poucos indivíduos perfeitamente acurados no verão).
— nos dois sexos, diversos em

macho grandes, espessos, quasi na base. Nascem quasi rectos e depois afastam-se um do outro, em um arco que se inclina um pouco para o horizonte; junto da extremidade do eixo, e endireitam-se descrevendo uma espira. São de fórmula com uma aresta cortante para dentro. Apresentam bordos transversaes, confusos nos indivíduos, mas bem distinctos nos numeros de doze a quatorze.

Os da femêa são pequenos e comprimidos.

Capra do Gerez.

Altura á cernelha, o macho, de 4 annos, 0^m73
a femêa, de 3 annos, 0,66

Côr do pêllo. — Não mostra as linhas negras dorsal e lateraes. O desenho negro dos membros deixa entre o casco e os machinhos um espaço amarelado, e termina — anteriormente a uma certa distancia do peitoral (aos tres quartos proximo do antebraço), posteriormente um pouco acima da préga do curvilhão.

Barba — privativa do macho, curta, situada no meio do mento, truncada e negra; mede apenas 27 millimetros a de um exemplar adulto de 4 annos, que julgamos haver sido capturado por fins da primavera.

Cornos — nos dois sexos, diversos em cada um.

Os do macho — grandes (os d'um individuo de quatro annos tem 35 centimetros), quasi contiguos na base, e espessos. Inclina-se brandamente para traz, e para fóra, até proximo aos tres quartos do seu comprimento, e d'ahi convergem directamente um para o outro: arremedam nesta sua disposição a fórmula d'uma mitra. São triangulares da base até um pouco mais dos dois terços, e d'ahi á ponta ensiformes. Experimentam logo da base um movimento de torsão, de dentro para fóra, o qual cessa no ponto em que os cornos convergem directamente um para o outro. Das faces, uma pode dizer-se interna-anterior, outra anterior-externa, e a terceira posterior; a primeira é concava, as ultimas são convexas. Dos bordos, um deve considerar-se principalmente anterior, outro externo, e o terceiro interno; o primeiro e o ultimo são bem pronunciados, e o interno (o qual separa a face interna-anterior da posterior) apresenta em toda a sua extensão, nos limites da face posterior, uma goteira longitudinal mui distincta e caracteristica. — Na porção ensiforme ha duas faces — anterior e posterior, e dois bordos, um interno concavo, outro externo convexo. Não tem verdadeiros bordos lateraes, mas sulcos transversaes e sinuosos.

Os cornos da femêa são pequenos (os de uma femêa de 3 annos medem 15 centimetros). São sub-trianguulares na base, comprimidos lateralmente na extremidade, que se encurva para dentro, e sulcados menos profunda e mais regularmente que os do macho.

CARACTERÍSTICA DIFERENCIAL DAS ESPÉCIES EUROPEAS DE CABRA-MONTEZ, E SUA CONFRONTAÇÃO COM A CABRA DO GEREZ.

Capra ibex, Lin. et Erxl. ⁹
 Altura à cernelha, o macho 0.^m87
 a fêmea 0.54

Côr do pêllo. — Riscas negras dorsal e lateraes, a primeira estendendo-se do pescoço à cauda, as segundas extremada a côr escura dos lados do corpo da côr branca amarellada do ventre. Durante a muda da primavera a risca dorsal desaparece; as lateraes existem sempre, porém tornam-se mais escuras no outomno e inverno. ⁹

A parte anterior dos quatro membros negra.

Barba. — privativa do macho, e mostra-se tão somente do outomno ao fim do inverno; occupa a parte media do mento e mede 12 centimetros (n'um dos exemplares do museu de Paris—de 2 annos e meio).

Cornos — nos dous sexos, diversos em cada um.

Os do macho adulto muito grandes (podem chegar e até exceder a um metro de comprimento, de curvatura simples, divergentes desde a base e muito inclinados para traz. São quadrangulares na base e uma grande parte da sua extensão, depois triangulares, e finalmente ensiformes perto da ponta. Na porção quadrangular tem duas faces lateraes quasi parallelas e planas, uma face posterior arredondada, e uma face anterior plana no sentido transversal. As tres primeiras são apenas cotadas por sulcos transversaes pouco profundos; a ultima porém, que é limitada da externa por uma aresta viva e da interna por um filete saliente, apresenta de espaço a espaço bordeletes bem pronunciados, que morrem *ex abrupto* na aresta exterior e se continuam com tuberculos volumosos situados sobre o filete interno.

O corno passa da fórma quadrangular à triangular por effeito do estreitamento successivo da face anterior, a qual vem a confundir-se com o bordo ou filete interno; e junto à ponta torna-se ensiforme pelo estreitamento da face posterior.

Os cornos da fêmea são pequenos, chegam apenas a 14 ou 15 centimetros. São triangulares, e tem nos limites das faces anterior-externa e interna um bordo muito saliente, o qual apresenta de espaço a espaço nodosidades mais pronunciadas que as da cabra domestica.

⁹ Berthout van Berchen — Description et histoire naturelle du bouquetin des Alpes — loc. cit. — Roulin — loc. cit.

Capra pyrenaica, Schinz. ¹⁰
 Altura à cernelha, o macho 0.^m86
 a fêmea 0.71

Côr do pêllo. — Riscas pretas dorsal e lateraes. A parte anterior dos quatro membros tambem negra.

Barba — privativa do macho; estende-se até ao angulo da maxilla; a do exemplar mais adulto do museu de Mayence tem somente 6 centimetros de comprimento.

Cornos — nos dous sexos, diversos em cada um.

Os do macho adulto muito grandes (os do exemplar do museu de Mayence tem quasi 80 centimetros). São dentados para traz e divergentes até uma certa distancia da ponta, aos dois terços proximoamente do comprimento total; d'ahi comecam a convergir um para o outro por effeito d'um movimento de torsão que pareceo experimental, e em virtude do qual passa a dirigir-se para cima o bordo que primeiro ficava para traz. Cada um d'elles descreve pois uma curva de dupla curvatura. Quanto à fórma, podem dizer-se triangulares (a secção transversal na base tem a figura d'uma péra); das 3 faces, a anterior é arredondada e continua-se insensivelmente com as duas faces lateraes, que uma aresta ou bordo saliente une posteriormente. Não mostram verdadeiros bordeletes, mas sulcos flexuosos, que de espaço a espaço cavam mais profundamente o corno, deixam assignaladas elevações sem symetria, desiguales na grandeza, e irregulares na distancia, e recortam a aresta saliente com mais vigor e igual irregularidade.

Os cornos da fêmea tem 24 a 25 centimetros de comprimento. Curvam-se ligeiramente, logo da base, para cima e para fóra; são achatados anterior e posteriormente; apresentam sulcos transversaes pouco profundos.

¹⁰ Schinz — loc. cit. Roulin loc. cit.

Capra hispanica, Schimper. ¹¹
 Estatura e proporções da *capra sinaitica*. A fêmea menor que o macho.

Côr do pêllo. — Do occiput prolonga-se um traço negro, mais ou menos distincto, ao longo da espinha até à cauda. A parte anterior dos quatro membros é negra; esta côr occupa todo o espaço que fica entre os cascos e os machinhos; nos membros anteriores prolonga-se até ao peito, nos posteriores vai unir-se à linha negra que separa a região dorsal escura da ventral esbranquiçada.

Barba — privativa do macho, e curta, truncada; apresenta-se sob a fórma d'uma mancha trapézoidal negra com pouco relevo (em individuos perfectamente adultos capturados no verão).

Cornos — nos dous sexos, diversos em cada um.

Os do macho grandes, espessos, quasi contiguos na base. Nascem quasi rectos e parallelos, depois afastam-se um do outro, e descrevem um arco que se inclina um pouco ao horizonte; junto da extremidade voltam ao eixo, e endireitam-se descrevendo uma meia-volta de spira. São de fórma triangular com uma aresta cortante voltada para dentro. Apresentam bordeletes (?) transversaes, e confusos nos individuos velhos, mas bem distinctos nos novos, e em numero de doze a quatorze.

Os cornos da fêmea são pequenos e ligeiramente comprimidros.

¹¹ Comptes-rendus de l'Académie des Sciences de Paris. 1848. T. XXVI, n.º 10. pag.

Cabra do Gerez.
 Altura à cernelha, o macho, de 4 annos, 0.^m73
 a fêmea, de 3 annos, 0.66

Côr do pêllo. — Não mostra as hiasas negras dorsal e lateraes. O desenho negro dos membros deixa entre o casco e os machinhos um espaço amarellado, e termina — anteriormente a uma certa distancia do peitoril (aos tres quartos proximoamente do antebraço), posteriormente um pouco acima da préga do curvilhão.

Barba — privativa do macho, curta, situada no meio do mento, truncada e negra; mede apenas 27 millimetros a de um exemplar adulto de 4 annos, que julgámos haver sido capturado por fins da primavera.

Cornos — nos dous sexos, diversos em cada um.

Os do macho — grandes (os d'um individuo de quatro annos tem 35 centimetros), quasi contiguos na base, e espessos. Inclina-se brandemente para traz, e para fóra, até proximoamente aos tres quartos do seu comprimento, e d'ahi convergem directamente um para o outro: arredondam nesta sua disposição a fórma d'uma mitra. São triangulares da base até um pouco mais dos dois terços, e d'ahi à ponta ensiformes. Experimentam logo da base um movimento de torsão, de dentro para fóra, o qual cessa no ponto em que os cornos convergem directamente um para o outro. Das faces, uma pode dizer-se interno-anterior, outra anterior-externa, e a terceira posterior; a primeira é concava, as ultimas são convexas. Dos bordos, um deve considerar-se principalmente anterior, outro externo, e o terceiro interno; o primeiro e o ultimo são bem pronunciados, e o interno (o qual separa a face interna-anterior da posterior) apresenta em toda a sua extensão, nos limites da face posterior, uma goteira longitudinal mui distincta e caracteristica. — Na porção ensiforme ha duas faces — anterior e posterior, e dois bordos, um interno concavo, outro externo convexo. Não tem verdadeiros bordeletes, mas sulcos transversaes e sinuosos.

Os cornos da fêmea são pequenos (os de uma fêmea de 3 annos medem 15 centimetros). São sub-triangulares na base, comprimidros lateralmente na extremidade, que se curva para dentro, e sulcados menos profunda e mais regularmente que os do macho.

MEMORIA ACADEMICA.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A CERCA DAS RESTRICÇÕES, A QUE É NECESSARIO SUGEITAR A CULTURA DO ARROZ
EM PORTUGAL PARA CONCILIAR O MAXIMO PROVEITO DESTA INDUSTRIA
AGRICOLA COM O MENOR RISCO POSSIVEL DA SAUDE DOS POVOS.

LIDAS EM SESSÕES DA PRIMEIRA CLASSE

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA,

E MANDADAS IMPRIMIR EM 8 DE JANEIRO DE 1856.

PELO DOUTOR

CAETANO MARIA FERREIRA DA SILVA BEIRÃO.

SOCIO EFFECTIVO DA MESMA ACADEMIA.



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A CERCA

DAS RESTRICÇÕES, A QUE E' NECESSARIO SUGEITAR A CULTURA
DO ARROZ EM PORTUGAL.

COLLOCADO em circumstancias especiaes para poder examinar e interpôr a minha opinião acerca d'este objecto tão grave e momentoso; eu teria commettido uma ommissão imperdoavel se acaso não viesse apresentar á Academia Real das Sciencias de Lisboa o fructo do meu estudo acerca d'uma das mais graves questões administrativas, que hoje se podem agitar neste paiz; e fazer o juizo critico sobre todos os dados officiaes que hoje existem acerca do problema que se quer resolver; porque todos esses dados officiaes me tem passado pelas mãos, e a respeito de todos tenho emittido já a minha opinião officialmente. O trabalho pois que tenho hoje a honra de submitter á illustrada consideração da Academia não é mais do que a colleccção d'esses pareceres dispersos que tenho apresentado ao Governo por diversas vezes, quando os tenho examinado como membro de varias corporações a que me honro de pertencer.

O Governo querendo ha longo tempo colligir os dados statisticos indispensaveis para sobre elles assentar os principios de uma legislação esclarecida e justa, tinha ordenado por circular do Ministerio

das Obras Publicas de 15 de Fevereiro, e 1.º de Março de 1854 ¹ que se organisassem Commissões espezias não só junto aos Governos

¹ Circular n.º 40 — Illm.º e Exm.º Sr. O rapido incremento que ha poucos annos se observa na cultura do arroz, manifesta que o nosso solo contém em si condições favoraveis para a vegetação e fructificação d'esta util graminea; mas desgraçadamente a importancia deste facto é em grande parte diminuida pela quasi geral apprehensão de que este genero de cultura é prejudicial á salubridade das localidades, em que ella se pratica.

Estas considerações tornam obvia a necessidade de sujeitar a rigoroso exame um problema, de cuja resolução estão pendentes grandes interesses industriaes e humanitarios.

Para o fim indicado envio a V. Ex.ª as instruções juntas, em vista das quaes V. Ex.ª se servirá providenciar de modo que ellas tenham prompto, e inteiro cumprimento.

É pelo concurso de pessoas zelosas e intelligentes que se resolvem os problemas d'esta ordem, e eu por minha parte espero do zelo, e illustração de V. Ex.ª que saberá reunir todos os elementos necessarios a fim de que um assumpto de tanto valor seja devidamente tratado, e esclarecido.

Para o Governador Civil de.

Instruções para a nomeação d'uma Commissão creada nos Districtos productores de arroz encarregada de dar o seu parecer acerca da influencia da cultura do arroz na salubridade publica.

Art. 1.º Nos Districtos do Reino em que se produz arroz será nomeada pelo respectivo Governador Civil uma Commissão composta dos seguintes membros.

Art. 2.º Farão parte da Commissão os Medicos e Cirurgiões das Camaras — o Delegado do Conselho de Saude Publica do Reino — dous dos maiores cultivadores d'arroz — e mais tres proprietarios ou negociantes intelligentes.

Art. 3.º As Commissões que se renuirão nos dias e local designados pelos Governadores Civis, e debaixo da sua presidencia, nomearão d'entre seus membros secretario, e logo depois de installadas occupar-se-hão dos seguintes problemas.

1.º A cultura do arroz é prejudicial á salubridade publica?

2.º Em caso affirmativo.

(A) As molestias attribuidas á cultura do arroz são devidas á presença d'algum agente morbifico especial?

(B) Accomettem ellas sómente os individuos, que se occupam no grangeio dos arrozaes, ou transmittidas por qualquer vehiculo infeccionam as localidades em maior ou menor distancia?

(c) Qual é a feição caracteristica d'essas molestias?

(d) Que meios hygienicos se devem empregar para obstar ao seu desenvolvimento?

3.º Em caso duvidoso.

(A) Póde explicar-se por causas geraes a insalubridade dos terrenos em que se cultiva o arroz?

(B) Será ella devida á especialidade do trabalho, á mudança repentina das condições externas da vida, aos alimentos, ou ao máo abrigo que os trabalhadores teem durante a noite?

4.º Em caso negativo.

(A) Terrenos salubres não perdem esta qualidade reduzidos á cultura do arroz?

(B) Terrenos insalubres perdem esta qualidade reduzidos á dita cultura?

Art. 4.º As Commissões ouvirão por escripto quaesquer individuos, que os possam esclarecer, e com especialidade os Medicos e Cirurgiões que exercem a clinica nas localidades em que se cultiva o arroz.

Civis d'aquelles Districtos Administrativos, em que se dava a cultura do arroz, mas tambem naquellas localidades, em que esta industria agricola tivesse adquirido grande desenvolvimento; a fim de que com os trabalhos d'umas e d'outras, e por meio de seus relatorios elle se habilitasse para com todo o conhecimento de causa ¹

Art. 5.º As Commissões acompanharão a remessa dos seus trabalhos com um relatorio entregando tudo ao respectivo Governador Civil a fim d'elle o enviar ao Governo e ficarão dissolvidas.

15 de Fevereiro de 1854 — *Rodrigo de Moraes Soares.*

Circular n.º 41 — Ilm.º e Exm.º Sr. Em additamento á circular n.º 40 expedida por esta Direcção cumpre-me ponderar a V. Ex.ª o seguinte :

Póde acontecer que os centros de maior cultivação d'arroz estejam a grande distancia da Cabeça do Districto aonde se hão-de reunir as Commissões, a que V. Ex.ª deve presidir, e por conseguinte ser difficil encontrar pessoas experientes e aptas para resolver os problemas, a que se referem as Instrucções, que fazem parte da mencionada circular.

Verificando-se os inconvenientes indicados será necessario que V. Ex.ª nomeie Commissões filiaes nas localidades em que forem necessarias, a fim de que ellas regulando-se pelas Instrucções prescriptas para as Commissões centraes enviem a estas o resultado dos seus trabalhos. Neste caso as Commissões centraes recolhendo todos os esclarecimentos occupar-se-hão do assumpto, que lhes está incumbido com mais conhecimento da materia, e com aquella proficiencia, e zelo, que é de esperar das pessoas que merecerem a confiança de V. Ex.ª

Deus Guarde a V. Ex.ª Direcção Geral do Commercio e Industria 1 de Março de 1854. — *Joaquim Larcher.*

Ilm.º e Exm.º Sr. Governador Civil de.

¹ A Comissão central do Districto Administrativo de Lisboa, parecendo-lhe que os problemas apresentados na circular de 15 de Fevereiro, além de serem demasiadamente genericos, e alguns insolúveis, excediam muito a capacidade de varios membros das diversas Commissões, e quasi que de nada serviam para base de principios d'uma legislação restrictiva desta cultura : assentou formular outros quesitos mais praticos e mais uteis para as Commissões filiaes do seu Districto, que são os que se seguem :

- 1.º Ha que tempo se cultiva o arroz nas differentes localidades do Concelho?
- 2.º Que culturas existiam nessas localidades antes da cultura do arroz?
- 3.º Eram terrenos alagadiços, ou pantanos?
- 4.º Quaes eram as molestias mais frequentes nas immediações d'aquellas localidades antes da cultura do arroz?
- 5.º Quaes são as molestias mais frequentes depois da cultura do arroz?
- 6.º Até que extensão parece manifestar-se a acção morbifica dos pantanos, e dos arrozaes?
- 7.º Em que direcção ficam os arrozaes em relação ás maiores povoações do Concelho?
- 8.º D'essas povoações quaes são as menos salubres?
- 9.º Qual o numero de obitos por anno antes da cultura do arroz, e depois d'ella, calculado esse numero pelo termo medio de tres annos successivos?
- 10.º Qual a população em relação a cada um d'esses triennios?
- 11.º Qual o termo medio das vidas dos individuos que habitam localidades sujeitas ás influencias dos arrozaes?
- 12.º Qual o termo medio das vidas nos outros logares, onde não ha arrozaes?
- 13.º A cultura do arroz é contínua, ou por falhas?

resolvesse o que mais justo e mais util lhe parecesse. Foi na verdade uma especie de inquerito que por este meio o Governo fez por todo o paiz ácerca de um assumpto tão importante como difficil.

Como membro do Conselho Escolar do Instituto Agricola de Lisboa eu vi e examinei os relatorios elaborados pelas Commissões centraes dos Districtos Administrativos d'Aveiro, Coimbra, Leiria, Santarem, Evora, e Portalegre, que foram enviados áquelle Conselho para os examinar, e ácerca d'elles interpôr a sua opinião por Portaria do Ministerio das Obras Publicas de 26 de Abril do anno de 1855; e como vogal da Commissão central do Districto de Lisboa tive de examinar, e apresentar o relatorio geral deste Districto, depois de lêr, e me instruir com os excellentes relatorios parciaes das Commissões creadas nos Concelhos de S. Thiago do Cacem, de Sines, de Setubal, de Palmella, da Moita, de Cezimbra, de Alcoentre, de Grandola, de Azeitão, de Alemquer, de Alcochete, e de Alcacer do Sal, que todas remetteram o fructo de seus trabalhos, e de seus exames até principios de Julho de 1855.

Alguns destes trabalhos desejaría eu bastante apresenta-los na sua integra; porque elles se tornam dignos da publicidade pela sua exactidão, desenvolvimento, e esclarecimentos praticos, que é o que mais se necessita em assumptos desta ordem. Porém no decurso desta minha Memoria referirei o mais importante de cada um d'esses trabalhos declarando designadamente a qual d'essas Commissões pertence o esclarecimento de facto, os dados statisticos, ou outra qualquer circumstancia pela qual esse mesmo trabalho se recommende. Final-

14.º Qual é o systema d'irrigação adoptado? que altura tem os taboleiros ou alagamentos? e que altura tem a agua nelles contida?

15.º A agua é corrente ou encharcada?

16.º A terra em que assenta o arrozal é barro, arêa, ou terreno calcarco?

17.º A que horas principia e acaba o trabalho nos arrozaes?

18.º Qual é a sustentação dos trabalhadores?

19.º Sofrem mais os trabalhadores proprios da localidade, ou os de fóra?

20.º Bebem todos a agua da localidade dos arrozaes? e essa agua tem as condições d'agua potavel?

21.º Quaes são as horas do dia, em que mais frequentemente costumam adoecer os homens empregados nos trabalhos dos arrozaes?

22.º Tem-se por ventura reconhecido que a hygiene dos trabalhadores empregados no grangeio dos arrozaes os pôde prescvar da infecção paludosa?

23.º Em que época do anno costumam ser mais frequentes as febres ou outras molestias provenientes dos arrozaes?

24.º Em relação á cultura do arroz, durante que trabalho da mesma cultura costuma ser maior o numero de atacados?

mente tratarei de fazer com que esta minha Memoria seja uma especie de compendio de tudo quanto se tenha feito de maior importancia em Portugal para resolver um problema de tanta magnitude.

Nas considerações que tenciono apresentar acerca do assumpto, e na exhibição das opiniões dos homens mais competentes do paiz com relação á cultura do arroz, eu serei tão livre, como verdadeiro: não ommittirei circumstancia alguma de valor, mas apresental-as-hei pelo modo e fórma que mais commoda me fôr. Este modo de escrever e de expôr, se não é o mais rigoroso, e o mais util talvez; é com tudo o unico compativel com as minhas obrigações, e com a fórma interpolada, e intermitente que tenho de escrever. A vida do Medico clinico compadece-se pouco com as obrigações academicas; mas cumprir estas da maneira possivel e compativel com o exercicio clinico é mostrar os desejos, que me sobram de me tornar digno desta Illustre Corporação; e a Academia Real das Sciencias de Lisboa não pôde deixar de se mostrar indulgente á vista desta minha publica e sincera manifestação.

Quando porêem chegarmos ao epilogo da nossa Memoria então faremos todos os esforços para sermos francos na exposição das nossas convicções, logicos e rigorosos na apreciação dos factos, e independentes de quaesquer considerações, por mais fortes que pareçam, para declararmos com lealdade quaes são as unicas bases rasoaveis, justas, e uteis para assentar a legislação restrictiva d'uma cultura, acerca da qual existem d'um lado apprehensões medonhas e horrorosas, e do outro vantagens e lucros quasi fabulosos! De modo que achar no meio de interesses oppostos o caminho a seguir, que nem mate uma cultura nascente e tão vantajosa ao paiz, por medidas excessivamente restrictivas, nem facilite a intoxicação de povoações inteiras por facilidades mal intendidas, e sobre tudo absurdamente indiscretas, eis-aqui o utilissimo fim a que nos propomos no nosso trabalho, e sobre o qual não cessaremos de chamar a attenção desta Academia, como um dos assumptos mais dignos de occupar a sua meditação, e excitar o seu zelo por tudo quanto diz relação aos melhoramentos da nossa Patria.

No estudo de questões desta ordem é necessario que a pessoa que as trata se dispa de quaesquer opiniões anticipadas com que pretenda vêr e examinar os factos; por quanto, quando não existe esta falta de prevenção, observa-se que os mesmos factos são interpretados de modo opposto pelos diversos observadores conforme suas opiniões anteriores ao mesmo estudo; deste modo nós vimos por exem-

plo que a Commissão central do Districto Administrativo de Aveiro observa que os Concelhos de Aveiro, de Souza, e de Vagos teem melhorado em relação á salubridade publica, depois da cultura dos arrozacs, e que se nos Concelhos de Ilhavo, de Eixo, e de Ovar tem peiorado depois daquella cultura, não é isso devido a esta, mas sim a circumstancias especiaes destes Concelhos, sobre tudo á existencia de vastos pantanos: a Commissão central do Districto de Santarem pelo contrario attribue o maior numero de febres intermitentes dos Concelhos de Ulme, e Muge á cultura do arroz nestas localidades, e o beneficio que a salubridade publica tem alcançado em Alcaeer do Sal depois da cultura do arroz, attribue-o a dita Commissão, não á cultura daquella graminea, mas sim ao esgoto dos pantanos a que tem sido necessario proceder para o estabelecimento dos arrozacs. Uma e outra destas respeitaveis Commissões teem razão até certo ponto; mas numa e outra d'ellas tinham opiniões suas a este respeito anteriores ao exame dos factos.

As Commissões centraes dos Districtos Administrativos, e as filiaes dos diversos Concelhos não poderam satisfazer a alguns dos requisitos propostos, sobre tudo aos que versavam sobre statisticas de obitos, de nascimentos, e outros, por isso que lhes faltavam as bases necessarias e indispensaveis para a resolução de taes problemas; por exemplo em alguns Concelhos, como no de Alcaeer do Sal os livros findos relativos a obitos e nascimentos foram mandados recolher á Secretaria da Camara Ecclesiastica de Evora, e por consequencia ficou a Commissão daquelle Concelho na impossibilidade de comparar a mortalidade, e o augmento da população daquella localidade antes da cultura do arroz com a mortalidade e augmento da população posterior á mesma cultura. Com tudo ainda assim se essas Commissões não poderam responder a taes requisitos d'uma maneira precisa, e quasi mathematica; todavia fizeram-no do modo que lhes foi possivel respondendo d'uma maneira aproximada, e relativa, que para nós tem muita importancia porque é fundada sobre a opinião e testemunho de pessoas muito respeitaveis, e que vivem ha longo tempo naquellas localidades. Podem taes resultados statisticos ser menos precisos, mas de certo não são menos verdadeiros e exactos. Quando uma d'essas Commissões, cujos nomes temos tenção de referir nesta Memoria, asseverar que a população, por exemplo, d'uma dada localidade augmentou ou diminuiu depois da cultura do arroz, que a mortalidade d'essa localidade é maior ou menor, que as febres miasmaticas apparecem em progressão ascendente ou descendente, etc., quando

asseverar, dizemos nós, uma destas proposições; não ficaremos talvez nas circumstancias de reduzir a expressões numericas a relação d'esse augmento ou diminuição da população, da mortalidade, e da infecção miasmatica; mas nem por isso o facto será menos verdadeiro para nós; e recebê-lo-hemos com a mesma confiança, e como a expressão verdadeira d'uma statistica testemunhal, e oral; e para o fim, a que nos propomos quasi que é o mesmo.

Esta cultura tem tomado, ha annos a esta parte, no nosso Paiz porporções gigantescas; se lançarmos mão, por exemplo, do relatório apresentado pela Comissão de Alcaacer, nós vemos alli a demonstração da verdade, que acabamos de referir; diz a Illustre Commissão deste Concelho em sua resposta de 27 d'Abril de 1855 ¹ « Em Alcaacer o producto geral dos arrozaes é muito superior em alqueires ao das searas de trigo, ainda bastante superior ao das searas de trigo, milho, e cevada reunidas, e muito superior em producto pecuniario ao de todos os cereaes juntos trigo, milho, centeio, e cevada que produzem as ferteis herdades do Sado, e do resto do Concelho; o que tem feito augmentar extraordinariamente a povoação, e as commodidades a tal ponto que todos os habitantes de todas as classes, lavradores, negociantes, e treballadores desde os mais pobres até aos mais abastados se acham intimamente ligados a esta cultura como base fundamental da sua sustentação, e bem estar; de sorte que se offerecesse á assignatura de todos os habitantes do Concelho um requerimento para reprimir a dita cultura, nem uma só se obtinha, antes todos livre e espontaneamente assignavam o contrario. »

Relatório da
Comissão de
Alcaacer do Sal.

Este espantoso argumento da cultura do arroz, e os lucros excessivos provenientes d'esta industria agricola são um grande obstaculo, que se suppõe não só á franca e desinteressada opinião das Commissões consultadas ácerca da nocividade dos arrozaes sobre a salubridade publica, mas tambem á acção governativa para a repressão

¹ Esta Commissão foi composta dos seguintes membros :

José de Mello da Silva Lobo — Presidente.
 José do Carmo Fontes Serra.
 José da Silva Godinho.
 Antonio Feliciano Bruno.
 Antonio Maria de Carvatho.
 Domingos Manoel Salgado Vaz e Maldonado.
 Antonio Caetano de Figueiredo.
 Antonio Mendes d'Almeida — Secesario.

parcial desta cultura, se por ventura se chegar a perceber a necessidade de medidas restrictivas. E na verdade posto que o character, a intelligencia, e imparcialidade de todos os membros d'essas Commissões sejam fortes garantias do desinteresse das suas considerações; pôde com tudo suppôr-se que no meio d'um Concelho que tanto tem prosperado, financeiramente fallando, com a cultura do arroz, á qual se acham ligadas as fortunas de todas as classes, lavradores, negociantes, e trabalhadores desde os mais pobres até aos mais abastados; pôde por ventura suppôr-se que motivos tão fortes não influissem de alguma maneira sobre o espirito da Commissão para muito lealmente explicar os inconvenientes, que de tal cultura podessem provir á salubridade publica por causas alheias ás da dita cultura? suppomos que nem de leve offendemos as Commissões quando assim julgamos dellas, e que por isso tendo para nós muito valor e muito pezo as suas considerações, muito maior pezo, e valor tem as suas respostas laconicas e precisas aos quesitos statisticos da Commissão central do Districto; pois que taes respostas são a expressão fiel dos factos, que as Illustres Commissões, nem é licito imagina-lo, podiam alterar ou desfigurar.

Essas respostas, pelo que respeita á Commissão de Alcacer do Sal, são todas em abono da cultura do arroz, e dellas se não pôde deprehender que a salubridade publica naquelle Concelho tenha soffrido pela introdução, e desenvolvimento em larga escala daquella cultura; antes pelo contrario á vista dellas é licito concluir que a salubridade publica do Concelho de Alcacer do Sal é melhor e mais satisfactoria depois do grande incremento da cultura de tão proveitosa graminea: a Commissão intende que os damnos resultantes para a saude publica do grangeio do arroz são muito inferiores áquelles que provêm do trabalho das marinhas; e que se alguns inconvenientes apparecem com a cultura do arroz, esses inconvenientes são antes o resultado de praticas desastrosas, e empiricas introduzidas na cultura do arroz em muitos pontos do paiz, do que a consequencia necessaria de tal cultura quando dirigida com methodo e intelligencia; e como a dita Commissão assevera que os methodos praticos da cultura do arroz no Concelho de Alcacer do Sal não tem esses inconvenientes, que se encontram nos processos seguidos n'outras localidades, pareceu-nos por consequencia da mais alta importancia dar conhecimento aqui do modo pratico da cultura do arroz neste Concelho.

O terreno, quasi todo, de Alcacer do Sal, era antes da cultura do arroz, um vasto pantano, donde toda a gente, ainda a mais pobre e miseravel, fugia para evitar uma existencia insupportavel, uma velhice

prematura, e uma morte inevitavel! Depois da cultura do arroz a situação mudou completamente; as terras enxugaram-se, os miasmas desapareceram, a salubridade publica melhorou, e a par d'um clima doce, temperado, e sadio encontrou-se uma industria lucrativa e largamente compensadora do trabalho e da despeza do grangeio! Graças á agricultura em geral, e á cultura do arroz em especial! A` vista desta transformação espantosa de Alcacer do Sal quem ousará alli levantar um brado contra aquella cultura? mas porque não acontece o mesmo por todo o paiz? porque se elevam clamores contra os arrozaes em muitas localidades tanto de Portugal, como dos paizes estrangeiros? Porque o nosso methodo de cultura é o melhor, porque é o unico que não offerece inconvenientes para a salubridade publica: eis-aqui a resposta das pessoas mais competentes deste importante Concelho.

A` vista desta opinião para nós de tanta importancia, vejamos pois quaes são as modificações, que se tem introduzido na cultura do arroz no Concelho de Alcacer do Sal, modificações que importam nada menos do que tornar innocente uma cultura, ácerca da qual existem tantas, e tão assustadoras apprehensões. Em Alcacer do Sal, segundo o relatorio da Commissão daquelle Concelho não se tem buscado só o converter os antigos pantanos em vastos arrozaes, o que já era um grande beneficio, mas tem-se trabalhado constantemente para afastar da cultura do arroz todas as circumstancias que a podiam tornar nociva á salubridade publica.

O methodo da irrigação dos arrozaes no Concelho de Alcacer do Sal, é o chamado methodo da irrigação continua, ou perenne: neste methodo a rega é feita de modo tal que a agua é renovada constantemente em todos os alagamentos ¹, e em toda a extensão de cada alagamento: isto é, estão dispostas de tal modo as aberturas para a grandeza das suas superficies, a sua inclinação reciproca, e a altura da agua nelles contida, que na irrigação constante toda a agua dos alagamentos se renova com igualdade, não ficando n'uma especie de estagnação aquella que fica mais proxima dos angulos, e das paredes ou comoros dos mesmos alagamentos: circumstancia que infelizmente se não verifica n'outras localidades, onde se cultiva o arroz, e onde a irrigação tambem é continua e perenne. A altura da agua dentro dos alagamentos é sempre de palmo a palmo e meio; con-

¹ Nome que alli se dá aos canteiros, ou tableiros dos arrozaes.

dição, que também se não vê muito observada n'outros Concelhos dados a esta industria agricola.

Estas duas circumstancias são na verdade dignas de imitar-se e de se seguirem em toda a parte, onde se cultivar o arroz. Nós não lhe damos de certo menor importancia do que a Commissão de Alcaeer; quasi que avançaremos que é d'ellas, e de poucas mais que depende o segredo de tornar innocentes os arrozaes para a salubridade publica. Quem não vê que com agoa constantemente renovada, e com altura sufficiente dentro dos canteiros nunca os arrozaes poderão adquirir os caracteres dos verdadeiros pantanos? quem não vê que um tal processo de cultura é o mais analogo, senão identico aos dos millhaes, e aos das hortas, inoffensivas á saude dos que nellas trabalham, ou que habitam a uma pequena distancia? quem não vê finalmente pela statistica de Alcaeer que é do abuso e não do uso que se tem feito da cultura do arroz que provêm todos esses males inherentes a uma industria tão valiosa? O que parece inferir-se dos relatorios desta, e de todas as outras Comissões é que os effeitos da insalubridade dos arrozaes não provem da planta só, nem de circumstancia alguma essencialmente ligada ao seu desenvolvimento, e á sua cultura especial; mas sim do caracter pantanoso e paludoso que os arrozaes tomam pelos processos viciosos, e empiricos da irrigação destas searas.

Uma outra circumstancia observada religiosamente no amanho e cultura do arroz no Concelho de Alcaeer do Sal, e a que não podemos deixar de dar a maior importancia vem a ser a de se conservarem constantemente os alagamentos dos arrozaes com a mesma altura d'agua; ainda mesmo no tempo da sementeira, e da mouda; pratica que se não segue em todas as localidades, por isso que em muitas durante estes trabalhos, e mesmo na renovação da agua, chegam a ficar a descoberto os fundos lodosos dos alagamentos de baixo da acção intensissima d'um calor abrasador, e por conseguinte collocando os arrozaes nas circumstancias de deixarem evolver uma grande porção de principios gazosos resultantés da putrefacção das substancias animaes e vegetaes, evolução que não póde deixar de ter uma desastrosa influencia sobre a saude não só dos trabalhadores dos arrozaes, mas ainda sobre a de todas as pessoas, que habitarem até certa distancia o contorno dos mesmos arrozaes. Nesta parte a nossa opinião é absolutamente acorde com a da Illustre Commissão de Alcaeer do Sal.

Ha com tudo uma época da cultura do arroz, e um serviço especial á colheita desta graminea, que é o da ceifa, que se não póde

fazer sem que o fundo dos alagamentos se seque: em Alcaeer mesmo esta parte do trabalho dos arrozaes é assim executada; todavia não vejo referir effeitos de insalubridade que provenham desta pratica; vejo antes pelo contrario attribuir maiores damnos ao trabalho da monda, do que ao da ceifa; ainda que esses resultados da monda sobre a saude dos jornaleiros são reputados inferiores áquelles que proveem do trabalho das marinhãs do sal.

O relatório apresentado pela Commissão creada no Concelho de S. Thiago do Cacem ¹ torna-se mui digno de elogio pela maneira precisa e numerica por que satisfiz a alguns dos quesitos apresentados pela Commissão central do Districto, pelas judiciosas considerações que junta ás respostas dadas a outros, e finalmente porque abona as suas consequencias geraes com dados statisticos fornecidos antes e depois da cultura do arroz pela Freguezia de Santo André, e pela de Melides, localidades, onde esta cultura tem tomado um incremento espantoso ha vinte annos a esta parte: e as statisticas destas duas Freguezias são elaboradas sobre os respectivos livros desde o principio do seculo actual; e por isso já se póde comprehender a sua utilidade.

Esta Commissão insiste, e muito, com toda a razão no seguinte principio «que os arrozaes estabelecidos nos terrenos pantanosos, e ainda nos não pantanosos, mas muito abundantes em agua, não só não são nocivos á salubridade publica, mas podem melhora-la.» Em verdade que para nós a primeira parte desta proposição é de evidencia intuitiva; quanto á segunda a permissão dos arrozaes nos terrenos não paludosos, mas abundantes d'agua corrente, póde ser uma questão ollhada pelo lado administrativo, mas nunca o será pelo lado hygienico. Os terrenos fertéis de agua corrente são igualmente innocentes para a salubridade publica, quer se convertam em milheraes, quer em arrozaes, uma vez que estes sejam dirigidos nos seus trabalhos de entretenimento methodica e racionalmente. Não é assim administrativa-

Relatório da
Commissão de
S. Thiago do
Cacem.

¹ Pedro Joyce, Administrador do Concelho, Presidente.

Joaquim Jeronymo de Vilhena, Secretario da Commissão, infatigavel trabalhador para a organisação dos dados statisticos fornecidos pelo Relatório.

Jacinto Paes de Mattos Falcão.

Mathias da Costa Pereira Duarte.

Agostinho Pedro da Silva Vilhena.

Antonio Parreira Luseiro de Lacerda.

José Francisco Arraes Falcão Beja.

Cypriano Antonio d'Oliveira.

mente fallando, por quanto essa permissão da cultura do arroz nos terrenos apropriados para millio, para prados, etc., como por exemplo as varseas, pôde trazer consigo um desequilibrio tal na producção total dos diversos cereaes, que acarrete consigo difficuldades grandes quanto ás subsistencias dos povos das diversas provincias do Reino. Só o Governo por meio de statisticas exactas das producções e consummos relativos a cada especie de cereal é que poderá obter a base d'uma legislação liberal, mas previdente.

É com tudo muito conveniente estudar o que se passa em duas Freguezias deste Concelho, a saber a de Santo André, e a de Melides, onde ha mais de cincoenta annos se cultiva o arroz; ainda que na de Santo André esta cultura é mais recente. Nestas Freguezias existem duas lagôas, que durante o inverno cobrem a superficie de terrenos, que na estação propria se convertem em extensas searas de arroz. Estas lagôas no mez de Março são esgotadas quasi na sua totalidade em virtude de aberturas que lhe fazem, pelas quaes desagoam para o mar: estas aberturas custam n'alguns annos enormes despezas! Mas o que acontecia antes da cultura do arroz nestas duas Freguezias? o que acontecia era que as duas lagôas nunca se esgotavam, as suas margens no estio convertendo-se em largos pantanos, e os habitantes destas localidades inhospitas eram conhecidos pela sua miseria, por seu habito externo macilento e doentio, e por uma vida, cujo termo medio não excedia a 22 annos! E actualmente depois da cultura do arroz o que é que se observa nestas duas Freguezias? o contraste mais perfeito com o que tinha logar antes daquella cultura. A' miseria succedeu a abundancia: os commodos e os confortos da vida substituiram uma pobreza faminta; a apparencia desta gente mudou absolutamente; e só depois dos arrozaes é que percebem o que é viver, e gozar! Haverá, exclama a Commissão, na presença deste povo quem diga que os arrozaes hygienica e economicamente fallando são prejudiciaes? Ninguém se atreverá a tanto.

É notavel a statistica apresentada pela Commissão de Santiago do Cacem a respeito da Freguezia de Santo André no espaço de dez annos anteriores e cinco posteriores á cultura do arroz em grande escala naquella Freguezia. Eram trabalhos como este que a Commissão central do Districto de Lisboa desejava obter de todos os Concelhos do mesmo Districto, nos quaes se cultivasse o arroz; mas infelizmente muitas causas obstem por ora á completa resolução desta parte da statistica; essas causas, é tambem necessario confessal-o, são superiores á vontade, e aos esforços das mesmas Commissões creadas

nesses Concellhos, e que mostraram todas a maior dedicação ao trabalho de que foram incumbidas. Essa statistica é como se segue:

NASCIMENTOS

De 1800 a 1811	367
De 1832 a 1853	817

Donde se collige que a população augmentou em cada anno depois da cultura do arroz na proporção de 1:2,25; isto é mais do dobro.

OBITOS

De 1800 a 1811	505
De 1832 a 1853	730

Mas como a população era mais do dobro do que havia sido no primeiro decenio, segue-se que o numero dos obitos foi proporcionalmente menor na Freguezia de Santiago do Cacem depois da cultura do arroz em larga escala!

A' vista pois destas, e d'ontras muitas considerações dignas do maior apreço, apresentadas pela Commissão do Concelho de Santiago do Cacem, conclue ella 1.º «Que os arrozaes só devem ser permittidos nos terrenos paludosos, ou ainda nos terrenos não paludosos, mas « muito abundantes em agua. 2.º Que as regas sejam feitas por um « jacto constante, e é por isso que a Commissão julga condição *sine* « *qua non* a grande abundancia d'aguas. 3.º Que aos trabalhadores se « lhes forneça agua potavel para seu uso, e que o seu trabalho só co- « mece ás sete horas da manhã, e acabe meia hora antes do occaso « do sol. 4.º Que em todas as épocas, em que é necessario sugear « os arrozaes á acção atmospherica, seja o agricultor compellido a cor- « tar, quanto baste, os comoros mais baixos d'uns para outros laga- « mentos ¹, ou mesmo a abrir dentro destes pequenas valetas a fim de « ser prompto e rapido o seu dessecamento, e evitar a estagnação, que « precisamente tem lugar não se fazendo esta operação. Em todos os « terrenos seccos e pouco abundantes d'agua, julga a Commissão pre- « judicial a cultura dos arrozaes.»

Terminaremos estas nossas considerações quanto ao Concelho de Santiago do Cacem apresentando algumas notas sobre o termo me-

¹ Em Santiago chamam-se — lagamentos — ao que em Aleacer era designado pela palavra — alagamentos.

dio da existencia dos individuos, que habitam nestas localidades, onde os arrozaes são tantos, e tão extensos: em Melides e Santo André, que são as duas Freguezias, onde ha mais vasta cultura de arroz, o termo medio da duração das vidas nestas duas Freguezias é apenas de 24 annos! quando na Villa o termo medio é de 32 annos, e em S. Domingos que fica bastante distante dos arrozaes é de 25! mas cousa notavel na Abella localidade ao abrigo das influencias dos arrozaes, e a grande distancia dos mesmos, o termo medio das existencias é tambem de 22 annos, como nas Freguezias de Melides e Santo André n'um terreno quasi todo coberto de arrozaes! Estas contradicções statisticas invalidam bastante qualquer consequencia, que quizessemos, e devessemos tirar d'uma tão curta existencia, como a que se verifica nas Freguezias de Melides e Santo André.

Relatorio da
Commissão de
Sines.

A Commissão creada no Concelho de Sines ¹ n'um relatorio que tem tanto de simplicidade como de verdade, avança uma proposição, que merece ser meditada, e vem a ser que «o arrozal de alagamento «é um pantano traidor.» Somos levados a crer que esta proposição enunciada deste modo geral e absoluto é insustentavel; e as provas destas nossas asserções encontramos no proprio relatorio da Commissão de Sines. A Commissão respondendo ao quesito decimo quarto da Commissão central do Districto de Lisboa «Qual é o systema de «irrigação adoptado? que altura tem os taboleiros? e que altura tem «a agua nelles contida?» responde que o systema de irrigação é por alagamento, que a altura dos taboleiros é de palmo e meio, e que a altura da agua nelles contida é d'um palmo: e termina o seu relatorio declarando «que restringindo-se a Sines inclina-se a pensar «que a cultura do arroz do modo que é feita, e na escala em que «está não prejudica a salubridade do Concelho» já se vê que por esta confissão ingenua da Commissão de Sines os alagamentos não são pantanos traidores, visto que pantanos traidores não podem reputar-se innocentes e não prejudiciaes á salubridade publica da localidade!

¹ A Commissão foi composta de
Pedro Joyce, Presidente.
Francisco Luiz Lopes.
João Ferreira Veiga Palma.
Augusto de Jesus Estrella.
Antonio Maria de Sousa.
Francisco Maria Rapozo.
Miguel José de Campos Oliveira.
Agustinho dos Santos Ferreira, Secretario.

E com effeito o pensamento da Commissão central do Districto de Lisboa quando exarou o seu quesito decimo quarto foi justamente para saber se com uma dada inclinação do terreno, uma dada grandeza, e profundidade dos tableiros, com uma dada altura d'agua contida nos mesmos, e sobre tudo com bastante facilidade de transmissão d'agua de uns para outros tableiros, estes perdiam o caracter de pequenos pantanos, e aproximavam este processo do da irrigação permanente e continua; e eu supponho que havendo bastante agua e estando os alagamentos convenientemente dispostos isto se pôde obter, e já se obtem em algumas localidades cultoras de arroz, como no Concelho de Alcaer do Sal.

Irrigar, diz a Commissão de Sines, é o meio simples, economico, e racional de tornar innocentes os arrozaes: é necessario com tudo accrescentar a necessidade de definir, e descrever esse processo de irrigação, e tornar sobre tudo a agua da rega o menos estagnada que fôr possível; o que se não consegue sem agua sufficiente, e disposições artisticas dos alagamentos convenientemente dirigidas; porque no vicioso processo de irrigação por estagnação tambem se dá a irrigação; mas com todos os defeitos, ou grande parte daquelles inherentes aos charcos, e pantanos! e quando uma economia culpavel dirige assim as irrigações dos arrozaes com grave prejuizo da saude dos povos, o Governo não pôde, porque não deve, tolerar tão prejudicial abuso. Irrigar, portanto, *methodicamente*, diremos nós, é o unico meio de tornar os arrozaes innocentes, e algumas vezes uteis á saude dos povos.

Vejamos agora como a Commissão creada em Setubal encarou e resolveu a questão: a Commissão de Setubal pela importancia da localidade, e pela antiga data que a sementeira do arroz tem naquelle Concelho está muito no caso de nos merecer summa consideração, a sua opinião, e as razões em que a fundam. ¹ Ao nascente da Villa de Setubal existiam bastantes paúes e pantanos: focos permanentes de febres miasmaticas; os arrozaes, que substituiram estes charcos permanentes

Relatorio da
Commissão de
Setubal.

¹ Esta Commissão era composta dos Srs.
Severiano Silvestre Lapa,
Dyonizio Antonio de Freitas.
Manoel Avelino da Costa.
Manoel José d'Araujo.
José Antonio Gomes.
José Maria Pires.
José Ignacio d'Oliveira e Silva.
João Maria de Lima.

e nocivos á saude dos povos, que vivem mais ou menos proximos d'elles, se não acabaram totalmente com a insalubridade de taes localidades, diminuíram-na com tudo d'um modo muito sensivel: e eis-aqui o facto capital referido pela Commissão de Setubal; nem podia deixar de ser assim, as vallas, valletas, e sargetas que é necessario abrir para a construcção e entretenimento da cultura do arroz, fazem com que aquelles terrenos peream a sua qualidade paludosa, e adquiram a de um campo destinado para uma cultura regada. A parte do relatorio, a que nos referimos parece-nos digna de se copiar integralmente no contexto desta Memoria. « Bem sabido é, diz aquella Commissão, que « para a cultura do arroz nos sapacs, paúcs, ou esteiros se torna indispensavel preparar bem os terrenos, abrindo-lhes vallas e sargetas « para o perfeito escoamento das aguas, perdendo por isto a sua maior « insalubridade, pela razão de serem rasgadas e escoadas por meio das « sobreditas vallas e sargetas longitudinaes e transversaes, e outras « que a circundam (o que se renova todos os annos logo depois da colheita) fazendo com este preparo desaparecer d'alli todas as plantas « que vegetavam e apodreciam, deixando assim de serem pantanos « permanentes, substituindo-lhe a sementeira dos arrozaes (nem outra « alli produziria), a qual só precisa d'agua seis mezes no anno, renovando-lh'a de vez em quando, havendo todo o cuidado que esta agua « seja nativa no mesmo solo, ou corrente, de maneira que se conserve « nos reservatorios ou açudes fresca e sãa, e não passe ao estado miasmatico; porque não só assim o exige a boa cultura, mas se desvanecem quaesquer preoccupações, que por ventura possam haver sobre o importantissimo ramo de agricultura, que na nossa opinião em « nada prejudica a saude publica. »

Quanto ás represas e açudes para conter a agua, que deve servir á irrigação dos arrozaes é necessario como refere a Commissão de Setubal que ella não se demore por tanto tempo, ou os açudes não sejam construidos de maneira que os proprios reservatorios não se revistam das principaes circumstancias de pantanos, ou charcos. É esta uma das maiores difficuldades que se podem encontrar para a applicação da legislação que ha-de regular a cultura dos arrozaes.

Em verdade as represas, açudes, e reservatorios construidos com o fim de conservar a agua para a rega dos arrozaes, podem ser nocivos, e effectivamente o são por um de dous modos; ou porque taes reservatorios vão impedir, ou alterar o cursò das correntes fluviaes com grave prejuizo dos rios e das propriedades marginaes; ou porque esses reservatorios contendo agua estagnada, e com pequena profun-

didade adquirem, sobre tudo nos mezes do estio, que é quando elles são mais necessarios, todas as condições de verdadeiros charcos ou pantanos; e esse mal vem sommar-se a todos os outros, que a crença popular já attribua á cultura em grande dos arrozaes. Daqui se deixa ver com que reserva e com que meditação podem ser permittidos esses açudes e represas; especialmente n'um paiz, como o nosso, onde falta tudo quanto diz respeito á pratica das irrigações, e á distribuição racional e equitativa dos pequenos rios para servir a agricultura dos campos marginaes: este assumpto merece a maior attenção, e a applicação de principios technicos em todas as nações mais adiantadas no estudo da engenharia rural: estudo que só agora principia a fazer-se entre nós pela criação do Instituto Agricola de Lisboa, que espero marcará uma nova epoca para as sciencias de applicação entre nós.

Quanto a declarar a Commissão de Setubal que a estagnação, e mesmo um tal ou qual principio de putrefacção nos contentos das aguas destinadas á irrigação dos arrozaes serem condições desvantajosas para a cultura do arroz; bom é, e eu muito desejo que essa seja a crença geral das populações cultivadoras desta graminea, porque será mais uma razão que as obrigue a trabalhar para que a agua dos açudes não adquira as terriveis condições dos focos de infecção miasmatica; mas infelizmente a proposição não é verdadeira, e antes pelo contrario a agua com algumas d'essas qualidades altamente nocivas á salubridade dos povos, torna-se mais adequada e mais proveitosa para a rega dos arrozaes! (Gasparim.)

A Commissão creada no Concelho de Alcochete, que abrange as duas localidades, que talvez forneçam para o Hospital de S. José maior numero de doentes de febres intermittentes, que são Rilvas e Barroca d'Alva, deve ser ouvida por todos os motivos, e muito particularmente por esta circumstancia, com grande interesse. ¹ Esta Commissão apresenta factos statisticos do maior alcance. Alli no Concelho de Alcochete a cultura do arroz tem apenas dezeseis annos de duração: em

Relatorio da
Commissão de
Alcochete.

¹ Esta Commissão foi composta dos Srs.
Administrador do Concelho, Presidente, Estevão Antonio d'Oliveira.
Estevão Antonio d'Oliveira Junior.
José Luiz d'Oliveira.
Antonio José da Costa, Medico.
Joaquim Antonio Bernardino.
Francisco Diogo da Costa.
Manoel da Costa Alves.
José Germano Monteiro Grilo, Secretario.

1839 quando ainda se não cultivava o arroz em localidade alguma deste Concelho, haviam na Villa oitocentos e seis fogos com dois mil quinhetos e setenta e cinco habitantes; e hoje existem mil quatrocentos e noventa e sete fogos com quatro mil cento e noventa e sete habitantes; o que quer dizer que no decurso de dezeseis annos d'uma cultura, a que tantos males se attribuem, a população do Concelho tem quasi duplicado! é verdade que a Villa de Alcochete e o Samôco são as duas povoações que ficam mais distantes dos arrozaes, e por consequente aquellas para onde convergem em parte os lucros desta industria agricola sem que soffram tanto os effeitos nocivos do seu grangeio como os habitantes das Rilvas e Barroca de Alva que lhe ficam immediatas. As statisticas destas duas povoações é que seriam muito curiosas!

Mas ainda assim pelas respostas dadas pela Commissão de Alcochete aos diversos quesitos formulados pela Commissão central do Districto se deixa ver que nem o termo medio das vidas dos habitantes destas duas localidades é assustador, nem o numero de febres intermitentes e remittentes do alto verão, que se apresentam actualmente nas Rilvas e na Barroca de Alva é superior áquelle, que havia quando aquella industria agricola ainda não tinha logar naquella Concelho; o que auctorisa a acreditar que se aquella cultura não melhorou o estado da salubridade d'aquellas localidades, pelo menos não o aggravou. Além disto o numero de obitos annuaes em todo o Concelho é actualmente o mesmo que era antes da cultura do arroz, isto é, de 110 a 120 por anno; mas attendendo a que a população tem duplicado segue-se que o numero de obitos se tem reduzido a metade do que era antes da existencia dos arrozaes! e na verdade se antes da cultura do arroz morria annualmente um individuo por cada 21 habitantes, e depois desta cultura um por 34, como se poderá argumentar contra os arrozaes com estas statisticas á vista? É para lamentar que trabalhos como estes não existam feitos em todos os Concelhos, e em todas as Freguezias, e então se conheceria se os dados statisticos são ou não capazes de resolverem as questões mais espinhosas e mais difficeis!

No Concelho de Alcochete a direcção dos ventos em relação aos arrozaes parece ter pequena influencia na salubridade das povoações que ficam em diversas direcções dos arrozaes; ao menos a Commissão daquella Concelho não respondeu a este quesito; todavia o que se deprehende do relatorio é que as povoações soffrem tanto mais quanto mais proximas se acham das searas do arroz; de modo que as povoa-

ções das Rilvas, e da Barroca de Alva são por esta circumstancia aquellas, onde as febres miasmaticas fazem maiores estragos.

É notavel, e muito para aproveitar a observação que se tem feito em Alcochete com relação á preservação da infecção paludosa obtida pelas melhores condições hygienicas dos trabalhadores; assim tem-se alli verificado que os trabalhadores empregados no grangeio do arroz soffrem tanto menos das febres quanto melhor é a sua nutrição, e quanto mais bem reparados andam: e, ou seja por isso, ou seja pela falta de habito de viver n'uma atmospherá paludosa os trabalhadores estranhos áquelles sitios soffrem mais do que os que habitam as localidades proximas dos arrozaes.

Parece igualmente que o systema de irrigação adoptado nos arrozaes do Concelho de Alcochete, concorre tambem para que a salubridade publica das diversas localidades daquelle Concelho soffra tão pouco com esta cultura tão extensa, como alli ha. O systema de irrigação alli adoptado ou seja perenne, ou periodica é sempre feita com agua corrente, e que está muito longe de adquirir as pessimas qualidades da agua estagnada. É uma circumstancia, que temos constantemente observado que modifica a acção mais ou menos nociva desta cultura sobre a saude dos povos, e que não póde nem deve esquecer de modo algum n'um systema completo de medidas que regule a cultura desta importante graminea. Os tableiros são construidos no Concelho de Alcochete com mais de palmo de altura, e a agua nelles contida varia de profundidade conforme circumstancias especiaes da vegetação.

Finalmente uma outra circumstancia que se observa na cultura do arroz neste Concelho vem a ser o afolhamento que alli se adopta. Todas as vezes que a terra destinada á cultura do arroz é susceptivel d'outra semente, que alterne com o arrozal, nós intendemos que a salubridade publica lucra com este systema de cultura, não apparecendo a folha *arroz* senão n'um intervallo biennial, ou triennial segundo circumstancias especiaes do solo, ou outras, exigirem maiores, ou menores intervallos na rotação. Pelo lado economico o Governo não póde deixar de intervir no modo, e prazos destes afolhamentos; por quanto se o excessivo lucro dos arrozaes fôr convidando todos os colonos e proprietarios dos campos, das varzeas, e das veigas a substituir todas as outras culturas proprias destes terrenos pelo arroz, póde dar-se o caso de diminuirem tanto no mercado alguns cereaes, sobre tudo o milho, que d'ahi provenham graves embarços para a questão das subsistencias. As leis restrictivas da cultura do arroz nos outros paizes.

tiveram muito em vista este desequilíbrio possível entre as diversas produções.

Relatorio da
Commissão da
Moita e anne-
xos.

O relatorio apresentado por um dos membros da Commissão creada no Concelho da Moita e annexos ¹, e algumas reflexões do Administrador do mesmo Concelho tendentes a attenuar as apprehensões daquelle vogal da Commissão, e que é justamente Facultativo naquella localidade ha dois para tres annos, são dois documentos ambos importantes, e que passamos a extractar com fidelidade, porque n'um e n'outro ha muito a aproveitar para o fim, a que nos propomos neste nosso trabalho.

O Sr. Mattheus José Baptista, ou a Commissão do Concelho de Alhos Vedros, se assim se quizer, divide o seu trabalho em quatro partes: na primeira deseja enumerar os effeitos dos pantanos, ou charcos sobre a população: na segunda tenta demonstrar qual a influencia dos arrozaes sobre todos os seres da natureza, que se acham a uma certa distancia dos mesmos arrozaes: na terceira apresenta os resultados da comparação entre o pantano e o arrozal, quanto aos seus effeitos especialmente: e na quarta finalmente avalia o resultado, quanto á salubridade publica dos arrozaes no Concelho de Alhos Vedros.

Já se vê que n'um trabalho longo, como o relatorio da Commissão de Alhos Vedros, e além d'isso dirigido com bastante methodo, e pericia; não podiam deixar de apparecer extensas considerações doutrinaes, e amiudados resultados statisticos obtidos nos paizes estrangeiros onde se cultiva em grande o arroz; não é dessas considerações, nem desses resultados que nos havemos occupar nesta nossa Memoria, tudo isso tem bastante utilidade, mas tudo isso se encontra com facilidade em muitos escriptos, e sobre tudo nos artigos respectivos dos Diccionarios de Hygiene Publica; aquillo que

¹ Commissão da Moita { José Fortunato Monteiro.
Thomaz Rodrigues Duarte.
Manoel d'Almeida Pereira.
Antonio José d'Almeida.
José Francisco d'Almeida.
José Francisco da Silva.

Commissão de Alhos Vedros. { Mattheus José Baptista.
Christiano Rodrigues.
Joaquim Dias.

nos parece dever maior interesse é o fructo da observação e do estudo da referida Commissão no Concelho que habita, e que conhece ha tanto tempo.

A Commissão de Alhos Vedros mencionando os tres processos, pelos quaes se costuma fazer a rega dos arrozacs, que veem a ser o da irrigação contínua, o da infiltração, e o da estagnação, acrescenta «que este ultimo processo abrange definitivamente as condições d'um «pantano.» . . . o segundo processo, talvez melhor, não se usa entre «nós, e talvez seja impossivel.» Com o devido respeito devemos declarar que o processo de estagnação, posto que seja de todos o peor para a salubridade publica, com tudo como essa estagnação não costuma ser permanente, mas antes pelo contrario a agua sempre é renovada de tempo a tempo conforme a abundancia que o lavrador tem d'ella, e conforme as necessidades dos diversos trabalhos de entretenimento das searas de arroz o exigem, por isso este processo não costuma ainda assim ser tão nocivo á saude publica como o pantano propriamente dito. É com tudo necessario advertir que com esta nossa consideração não queremos de modo algum inculcar, ou justificar tal processo de irrigação, antes pelo contrario intendemos que deve ser rigorosamente prohibido.

A outra asserção da Commissão, a que nos referimos, não é exacta; em algumas localidades do Alemtejo este processo de irrigação é conhecido e usado. E quanto á possibilidade da sua execução a quinta experimental do Instituto Agricola de Lisboa responde d'uma maneira triumphante á supposta impossibilidade da Commissão de Alhos Vedros. Alli se pôde ver que este processo de irrigação por infiltração, depois de convenientemente dispostas as terras, é d'uma facilidade, e d'uma utilidade espantosa não só para esta cultura, como para outras muitas, especialmente para a praticultura. Com tudo este mesmo processo de irrigação não é isempto de inconvenientes para a salubridade publica, uma vez que não haja a devida attenção a uma circumstancia essencial, que vem a ser a de ter optima agua para esta rega; por quanto se a agua usada na rega por infiltração for encharcada e corrompida a infiltração dessa agua assim damnificada atravez do terreno não melhora as suas condições de insalubridade: a infecção paludosa da agua que corre por baixo da camada aravel é um facto reconhecido em todos os livros de Agricultura, que se chega a verificar a longas distancias tanto sobre os vegetaes como sobre os animaes.

Ha um facto consignado no relatorio da Commissão de Alhos

Vedros, que a não ser poderosamente attenuado pelas considerações feitas em officio annexo do Administrador do Concelho teria uma força immensa; e ainda assim depois mesmo dessas considerações não é para desprezar, antes pelo contrario merece detido exame, e serio estudo: eu quero fallar da progressiva e rapida diminuição da população da Villa de Coína depois da cultura do arroz em volta da mesma Villa. A respeito do estado actual da Villa de Coína diz o relatorio que estamos estudando e extractando « uma Villa que antigamente florescia quando « ainda alli não haviam arrozaes; hoje que todos os lugares paludosos « estão reduzidos á cultura do arroz, vê-se n'um quasi desamparo com « vinte fogos! . . . Se exceptuarmos dous ou tres dos moradores, que se « teem tornado refractarios á acção deleteria dos miasmas, todos mais « são o espelho do sofrimento pantanoso. Constituições marasmadas, « definhamentos compungentes, febres paludosas de todos os typos, ce- « dendo facilmente ao quinino para dias depois tornarem a mimoscar « o triste desvalido da fortuna! a pallidez, a magreza, os engorgitamen- « tos de baço e figado, as ascites, as anasareas, as faces vultuosas, as « febres gastricas e mesmo adynamicas tudo alli denuncia a influencia « malefica do arrozal, alli cultivado ha mais de quarenta annos, sem « que se possa attribuir a pantanos porque os não ha, propriamente « fallando.

« Haja embora quem possa defender a cultura, diga que antes « della começar haviam mais doenças. A objecção se fosse um facto « devia convencer.

« Coína antigamente era uma Villa populosa, hoje apenas tem oi- « tenta e tres habitantes! Se os arrozaes fossem innocentes, a posição « social e physica daquelles infelizes, com a extensão que hoje tem « tomado, e com a destruição dos focos de infecção a saude devia ter « melhorado na razão directa do seu augmento, não devia hoje appa- « recer essa ordem de molestias proprias de terrenos paludosos visto « que elles hoje não existem, no sentir dos que intendem que o arro- « zal é o antidoto do pantano. Mas o que vemos? É o que já disse- « mos que ainda não é tudo. Para alli vão os trabalhadores de fóra, « os quaes logo que adoecem vão recolher-se no Hospital, eijos as- « sentos mostram ao vivo o quadro bem triste e repugnante das in- « fluencias d'umas taes searas, e por isso a *posteriori* vemos realisa- « do o argumento que a *priori* já nos apoiava a nossa opinião. A agua « que inunda e fertiliza esta seara, além de pouca, é sempre a mesma « para todos os arrozaes, correndo d'uns para os outros: circumstan- « cia esta que por si basta para promover uma influencia deleteria.

« E' uma agua que infeccionada dos principios miasmaticos do primeiro
 « arrozal, na passagem pelos seguintes deve augmentar os seus effeitos
 « nocivos. O que acabo de dizer de Coima, poderia dizer de Alhos Ve-
 « dros, apesar da cultura d'aqui datar de pouco. »

Este mesmo relatorio ainda apresenta varias outras considerações,
 que eu julgo não dever ommittir para dar a todas as opiniões o ma-
 ximo grão de desenvolvimento. Acrescenta o relatorio: « Ainda não
 « pára aqui a malefica influencia dos arrozaes, temos ainda a demons-
 « tração dos trabalhadores, os quaes sendo uma classe pobre, e bus-
 « cando alli os meios de ganhar algum vintem para si e para suas fa-
 « milias, fazem toda a casta de economias sugeitando-se a toda a es-
 « pecie de alimentação nimamente privada de principios proteicos ou
 « azotados, sustentando-se ora de pão de milho ou centeio, poucas ve-
 « zes de trigo, batatas, raras vezes de peixe, e esse quasi sempre salgado,
 « algum feijão acompanhando tudo agua fresca, que em certos locaes
 « é a do proprio arrozal; e sendo preciso que usem d'uma alimenta-
 « ção imminantemente tonica, a qual só póde reagir contra esse princi-
 « pio destruidor e productor d'um estado nimamente atonico, não o
 « fazendo, daqui concluimos que de pressa se verá estampado nelles o
 « ferrete miasmatico. . . »

« Dizer que a cultura do arroz é prejudicial á saude publica,
 « quando aquella cultura fôr feita pelo processo = estagnação = com
 « agua mais ou menos permanente ninguem hoje o duvida, nem mes-
 « mo os apologistas da referida cultura: é ponto de doutrina assenta-
 « do na sciencia; a sua influencia é tão pernicioso, senão mais, do que
 « a do proprio pantano. O problema está no arroz cultivado pelo pro-
 « cesso = irrigação contínua = Esta é a verdadeira pedra de toque,
 « que tem despertado a sciencia do lethargo, em que tem jazido.
 « E' o problema que uns tecim resolvido votando contra a cultura do ar-
 « roz com enthusiasmo, ao passo que outros o tecim resolvido a favor
 « com enthusiasmo não menor. Donde virá esta differença? Sem duvida
 « do modo como se faz a irrigação, da quantidade da agua ne-
 « cessaria para essa mesma irrigação. Daqui é que nasce essa diver-
 « gencia de idéas. Nós intendemos pelo estudo pratico, observação,
 « e experiencia de dous annos, que para um arrozal estar debaixo
 « da tutella das sciencias hygienicas precisa que a agua, de que essa
 « planta é tão avida, e que sirva para fazer essa irrigação seja em
 « tanta copia, que com as correntes estabelecidas nas aberturas dos
 « comoros para sua entrada e sahida se ponha em movimento todo
 « o liquido contido nos alagamentos. Não se dá este phenomeno quando

« a agua é pouca, porque os angulos dos canteiros, onde não ha as sarge-
tas para as correntes da agua, não permittem esse movimento. »

« Dado este facto observado por mim, como é possível que depois
« da efflorescencia do arroz, cuja flôr cahe desfolhada sobre a superficie
« do liquido, não passando ás correntes, mas conservando-se nos angu-
« los dos alagamentos, e mesmo pegada em volta do caule, ou do col-
« mo, passando por consequente, como um ente organico ás vicissitudes
« da putrefacção, e por isso deixando evoluer esses principios morbificos
« destruidores da organisação, como é possível, digo, só por si, sem de-
« pendencia de mais causas, deixar de influir grandemente na salubri-
« dade publica d'um modo malefico? E se juntarmos a esta a provada
« estagnação nos referidos angulos, a morte de animaes que ali vivem, e
« mesmo d'alguns vegetaes como nos pantanos descriptos, tudo sujeito
« ás leis geraes da decomposição cadaverica, como se dirá que o arroz
« nestas circumstancias em logar de nocivo é favoravel á salubridade da
« população? Ainda muito mais, como se poderá explicar a innocencia
« d'uma tal cultura quando um aroma *sui generis* muito caracteristico
« e sensivel exalado nas horas de maior calor incommoda os visitantes
« dos arrozaes? »

« Dê-se ainda a arriscada e temeraria hypothese que nada d'isto
« prova a malefica influencia dos arrozaes; mas então como explicar a
« morte das rãs, cobras, infusorios e vegetaes, que tendo por muito
« tempo vivido nos alagamentos, no momento da desfloração tudo fene-
« ce? como explicar esses estiamentos vegetaes e animaes que obser-
« vamos nos lugares visinhos dos arrozaes? »

« Por tanto concluiremos que o arroz é nocivo á saude publica,
« e que os interesses commerciaes não podem compensar os estragos
« sociaes; não o será talvez tanto quando *essa irrigação continua seja*
« *abundantissima e sempre distante das povoações, ou ao menos seja*
« *uma irrigação periodica á maneira das feitas ao milho, e os proprie-*
« *tarios obrigados aos alimentos e ás despezas durante as enfermidades*
« *dos operarios; e só quando para a cultura se fazer fôr preciso arrotar*
« *pantanos, pois que parece que se melhora o terreno e a salubridade*
« *publica a par dos interesses da agricultura não esquecendo o terreno*
« *arenoso.* »

A quarta secção do relatorio da Comissão, a que nos referi-
mos, que se inscreve = *arroz no Concelho de Alhos Vedros* = merece
particular attenção pelos seguintes periodos: « Em dous pontos do
« Concelho se tem cultivado o arroz, na antiga Villa de Coiva e em
« Alhos Vedros. Alli em grande escala, e datando, segundo a res-

«posta de algumas pessoas de idade proveccta de mais de 40 annos, «aqui feita em maior vulto o anno passado, não valendo a pena men- «cionar-se a insignificancia de alguns lavradores, que deitaram á terra «semente para producção do consumo da casa. Em Alhos Ve- «dros fez-se a referida cultura da parte occidental da povoação a dis- «tancia de 100 passos da Igreja da Freguezia, que se acha na extre- «midade meridional da mesma Villa, sem montanha, outeiro ou ar- «voredo de permeio. Não posso avaliar a extensão do terreno culti- «vado, mas consta-me que a semente produziu quatro moios. O ter- «reno é summamente lamacento, é o que podemos chamar argiloso. «A semente lançada á terra foi de 17 alqueires.»

«A seara não tinha a agua necessaria para uma boa irrigação «contínua; por conseguinte estava sugeita a produzir os effeitos que «mencionamos, estava nas verdadeiras circumstancias d'um pantano, ou «terreno alagadiço, como d'antes era. Os alagamentos, além de irre- «gulares parallelogramos, eram grandes, e por isso a agua com duas «aberturas sómente de entrada e sahida não podia ter o movimento «necessario, o que effectivamente observei quando visitava o arrozal «para o estudar. Duas vezes encontrei os mondadores mettidos na «agua até ao joelho, tornando a agua suja pelo movimento que da- «vam ao terreno, e recebendo com mais facilidade pela respiração «e posição inclinada os miasmas, que por ventura naquella época «já se evoluessem. Chegou a época da florescencia, chegou tambem «o cheiro caracteristico mencionado. Foi então que observei a flôr «desfóllhar-se, e derramar-se no liquido sem movimento: foi então «que differentes especies de reptis e de infusorios começaram a ap- «parecer mortos; e foi então que a população começou a soffrer, «ou sentir os effeitos da desenvolução miasmatica apparecendo inter- «mittentes de todos os typos mais geraes, como quotidianas, terçãas, «poucas quartãas, doubles quotidianas, doubles terçãas, doubles quartãas, «algumas perniciosas, algumas anomalas, embaraços gastricos, splenites, «engorgitamentos chronicos do baço, gastrites, etc.»

«N'uma população que talvez não exceda a 400 habitantes, desde «27 de Agosto até aos fins de Novembro vi eu 250 casos morbidos «miasmaticos, sendo 147 de typo quotidiano, 79 terçãas, 16 quartãas, «7 perniciosas, 1 anomala. Entre as primeiras houveram duas do- «bles-quotidianas, das segundas cinco doubles-terçãas, e das terceiras «tres doubles-quartãas. Morreram cinco de perniciosas, tem havido «muitas recidivas sendo algumas terçãas, e quasi todas quartãas, «as que ainda hoje apparecem.»

« A par destas e d'outras molestias provenientes das mesmas causas é para notar que foram rarissimos os casos d'outras doenças que não tivessem uma tal ou qual relação com a desenvolvimento paludosa. »

« Em Coima onde ha 83 habitantes em 26 fogos, um ou outro apparece soffrivel de constituição, o resto manifesta quanto aquella terra é inhospita! apesar de toda ella estar cercada de arvozes pelo sul e oeste. E é para notar que vai sempre em decadencia. Logo se fosse verdade o que os apologistas da cultura do arroz asseguram, deveria ter-se extinguido a causa daquella inhospitalidade, porque esses lugares baixos e alagadiços acham-se hoje reduzidos áquella fe-cundissima cultura; mas não deixam de offerer as mesmas condições que a de Alhos Vedros. » Á vista pois do facto, que apresentamos ninguem deixará de dizer qual será a causa d'um tal desenvolvimento morbido. Para corroborar ainda o que acabamos de expôr basta ver a statistica de 1853. Neste anno e durante o outono e inverno e ainda mesmo na primavera appareceram 100 casos de diversos typos de intermitentes, e que nunca appareceram d'um modo intensamente epidemico invadindo mais o sul da Villa, entretanto que o norte foi respeitado. Advertindo porém este numero pertence a toda a povoação do Concelho que se compõe de 520 fogos, aproximadamente 2080 almas. Em 1854 as febres não res-peitaram nem norte, nem sul, nem o forte nem o fraco, nem o rico nem o pobre, nem a choupana nem o palacio, ellas mimosearam a todos sem distincção de classe, com o seu aspecto desagradavel. E' isto que se não deu em 1853. »

« Para terminar o nosso relatorio, diz a Commissão de Alhos Vedros, resta dizer a V. Ex.^a que do exposto se conclue que quem recebe mais a influencia paludosa são os trabalhadores, e por isso a esta classe convem uma hygiene rigorosa. Elles devem ter um systema de vida particular, porque tambem estão expostos a causas especiaes de insalubridade. Isto póde remediar-se do modo seguinte: começando os trabalhos depois de nascer o sol, acabando-os antes do seu occaso. Devem ter um repouso sufficiente para reparar suas fadigas, vestidos capazes de os preservar da humidade e do frio, uma alimentação nimiamente tonica e analeptyca, algumas bebidas alcoolicas, agua que seja potavel, boa, e transparente, e não a podendo alcançar, sendo da charneca, deve ser filtrada por carvão. Devem ter leitos para dormir, e esses acima do solo ao menos dous palmos, e tanto quanto fôr possivel desviados do arrozal, junto do qual nunca se devem deitar, principalmente depois do occaso. »

Depois de ter apresentado todas as considerações do relatório da Comissão de Alhos Vedros umas vezes contra a cultura do arroz, querendo demonstrar a sua quasi identidade com os pantanos, outras vezes mais contra o systema de rega applicado naquella Concelho do que contra o arrozal convenientemente tratado e irrigado; devemos, para ser imparciaes juntar agora outras considerações vindas da mesma localidade e feitas pelo Administrador do Concelho em sentido opposto para que á vista d'umas e d'outras o nosso juizo definitivo possa ser mais justo, e melhor fundamentado. E' verdade que pôde fazer-se o reparo que aquella auctoridade sendo estranha á sciencia pouco poderá invalidar a opinião d'um homem da profissão como o Relator da Comissão de Alhos Vedros, e que além d'isso exerce a clinica naquella localidade ha annos a esta parte; tudo isto é assim na verdade; mas o que não podem deixar de nos conceder tambem é que em objectos de facto estranho ao foro medico, o testemunho d'um não pôde reputar-se menos competente do que o do outro. Em todo o caso a importancia, e a gravidade do assumpto exigem que sejam ouvidas todas as opiniões, e escutados todos os depoimentos.

Um dos factos, que no relatório da Comissão creada em Alhos Vedros, avulta mais, e me fez maior impressão contra a cultura do arroz, foi a destruição quasi completa da Villa de Coima, que a dita Comissão attribue á influencia malefica da cultura do arroz sobre a salubridade não só dos trabalhadores empregados neste grangeio, mas ainda sobre a dos habitantes daquella localidade, que vivem a maior ou menor distancia dos arrozaes; este facto é grave, elle só por si constitue um argumento d'uma força immensa; vejamos porém como elle é attenuado por outro documento official proveniente da mesma localidade, qual é a opinião e o depoimento de facto do Administrador daquella mesmo Concelho: diz elle assim no seu officio de 14 de Junho de 1855.

« Se a destruição de Coima fosse devida á influencia da cultura do arroz já hoje não existiria uma só alma naquella Villa, porque esta influencia deveria crescer em proporção do augmento da cultura, que hoje é feita em muito maior escala do que nunca: E se os trabalhadores, que vem de fóra para alli compõe um quadro triste e repugnante das influencias d'uma tal seara, como se diz no relatório, pelos assentos do Hospital, onde se recolhem quando adocem, será isto uma prova da malefica influencia do arroz, e não poderão essas molestias attribuir-se a virem já contaminados d'esses lugares donde veem? Como ía já em decadencia quando alli se

« principiou a desenvolver este ramo de industria; a cultura do arroz
 « acabou alli com muitos pantanos, donde se exhalavam esses mias-
 « mas putridos que hoje se attribuem á mesma cultura, e não obstan-
 « te ainda hoje ha sitios onde a agua se conserva em estagnação. Alem
 « d'isso o antigo rio de Coima, que é banhado pelas aguas do Tejo
 « tambem fornece grande quantidade de miasmas, porque estando su-
 « geito a uma sêcca periodica pela vasante das marés, nella ficam ex-
 « postos ao ardor do sol toda a qualidade de seres organicos que alli
 « são arrojados quando a maré enche, o que se torna mais infeccioso
 « quanto as suas margens ficam no estado de humidade expostas ao
 « sol, sem agua alguma, que cubra a superficie. E por ventura não
 « serão estes lugares focos infecciosos? não poderão ser a causa d'essas
 « doenças que se attribuem ao arroz? é isso o que se não averiguou. »

« O mesmo em Alhos Vedros, onde apenas houve uma seara de
 « arroz o anno passado: Este Concelho abunda em salinas, nestas a
 « agua está estagnada, e por espaço de muitos mezes para se operar
 « a cristallisação do sal, são uns verdadeiros pantanos ou charcos onde
 « morrem milhares e milhares de seres organicos, que alli ficam em
 « estado de putrefacção. »

« Nellas não se opera a irrigação, que se dá na seara do arroz.
 « e com tudo o fabrico do sal não é fulminado de anathema! podendo
 « dizer-se sem medo de errar que nelle se dão mais condições insa-
 « lubres do que na cultura do arroz. Procurou-se achar na cultura
 « do arroz as causas das febres intermitentes, e não se buscou se
 « causas mais poderosas já existiam. »

« Não obstante em 1855 houveram intermitentes em Alhos
 « Vedros não se cultivando o arroz, em 1854 houveram intermit-
 « tentes porque se cultivou o arroz, e no corrente anno não houve esta
 « cultura, mas ha intermitentes. »

« Um outro argumento de que se serve o relatorio para mostrar
 « a influencia malefica da cultura do arroz é a falta de commodidades
 « dos trabalhadores, mas parece-me ser futil, porque se elles precisam
 « d'uma hygiene rigorosa como se diz no relatorio, a falta d'essa hy-
 « giene é que os torna molestos, e não a cultura do arroz. Sentem
 « privações como em geral sente a classe dos trabalhadores, mas essas
 « privações não são causadas por aquella cultura, antes pelo contrario
 « as deve minorar fornecendo-lhe trabalho. »

« Finalmente serve-se da opinião d'alguns hygienistas, e do pa-
 « recer da Commissão creada no Departamento de Girona segundo a
 « qual não ha inconveniente na cultura do arroz quando seja feita em

« terrenos arenosos, circumstancia esta, que se dá nos deste Concelho. »

A importancia das considerações, sobre tudo dos factos referidos nestes deus documentos das Commissões, e do Administrador do Concelho da Moita e annexos não pôde deixar de fazer a maior impressão no espirito desprevenido de todo aquelle que quizer resolver o problema d'uma maneira imparcial, e ao mesmo tempo do modo mais util para o paiz. Mas se bem reflectirmos no longo relatório da Comissão creada no Concelho de Alhos Vedros observa-se com facilidade que elle se dirige antes a mostrar os inconvenientes da cultura do arroz quando feita por methodos viciosos e contrarios a todos os preceitos de hygiene do que contra a propria cultura desta utilissima graminea.

É no periodo da vegetação, em que as petalas das flores do arroz cahem sobre a agua dos alagamentos, que a Comissão do Concelho de Alhos Vedros vê o maior perigo não só para a saude dos trabalhadores dos arrozaes, mas ainda mesmo para a dos habitantes das circumvisinhanças destas searas: mas qual é o motivo especial que essa commissão descubriu para declarar esse periodo como o mais arriescado de todos para a salubridade publica? a mesma Commissão no seu relatório o declara dizendo que a flôr cahie desfolhada sobre a superficie do liquido não passando ás correntes, mas conservando-se nos angulos dos alagamentos, e mesmo pegada em volta do canle, ou do colmo, passando por conseguinte, como um ente organico ás vicissitudes de putrefacção, e por isso deixando evolver esses principios morbificos destruidores da organisação. Ora daqui se conclue que segundo mesmo os principios da Commissão deste Concelho, ella não reputa que exista nas petalas das flores do arroz algum principio especifico capaz de produzir as febres miasmaticas, antes pelo contrario o que essa Commissão entende é que da estagnação total ou parcial da agua dos alagamentos resulta a putrefacção d'essas partes da planta, que pelo progresso da vegetação vão cahindo nos alagamentos; e que essas partes de planta entregues ao processo da putrefacção, como outro qualquer *ente organizado* necessariamente hão-de dar origem, e produzir o desenvolvimento dos principios morbificos, que vão depois atacar os trabalhadores empregados no grangeio dos arrozaes, e mesmo os habitantes das proximidades destas searas. Que é o mesmo que dizer que se por ventura a irrigação das searas do arroz fosse feita com uma quantidade de agua, e por um processo tal que corresse sempre ou quasi sempre de modo que essas petalas do arroz cahindo na superficie da agua dos alagamentos fossem immediatamente arras-

tadas pela corrente constante ou periodica da agua de irrigação para fóra dos alagamentos para localidades onde não achassem as condições mais favoraveis para uma prompta putrefacção ; essas petalas ou outras quaesquer partes desta planta que vai murchiando acontecer-lhe-hia o mesmo que acontece com as folhas e flores de todos os outros vegetaes que cahem periodicamente todos os annos sobre o solo, decompõe-se, e fertilisam admiravelmente o terreno sem o menor inconveniente para a saude dos trabalhadores, e muito menos para a dos habitantes dos campos. Chega-se por consequencia com toda a evidencia, pelos principios e observações da Commissão creada no Concelho de Alhos Vedros, ao corollario unico que avançámos se tirava do seu relatorio, isto é, que contra os processos viciosos de irrigação é que se elevam as considerações da dita Commissão e não contra a cultura bem dirigida desta utilissima planta.

Uma outra parte deste relatorio tem por fim demonstrar que o arrozal, e o pantano em nada differem quanto aos seus effeitos sobre a salubridade publica ; mas de que modo procede a Commissão de Alhos Vedros para chegar a esta demonstração ? Do mesmo modo que procedeu para demonstrar os effeitos da decomposição putrida das petalas do arroz sobre a saude dos trabalhadores dos arrozaes, isto é, comparando o pantano não com a seara do arroz conveniente, escientificamente dirigida, mas sim com pequenos charcos, onde a agua e os seres organicos nella contidos apodrecessem, que tal nome merecem esses canteiros d'um arrozal dirigido mesquinha, e ignorantemente, e a que não presidiram os principios nem os conselhos da sciencia esclarecida e desprevenida. A Commissão de Alhos Vedros pôde demonstrar com facilidade que um arrozal irrigado pelo processo da estagnação é um verdadeiro pantano : ha-de-lhe ser muito difficil, senão impossivel, fazer acreditar que tem iguaes inconvenientes o processo da irrigação por infiltração, como já notamos : mas o que a mesma Commissão, cujo relatorio analysamos, não pôde deixar de confessar é que seria um paradoxo affirmar que um arrozal irrigado pelo processo da irrigação contínua é um verdadeiro pantano ! senão ouçamos a mesma Commissão no seu relatorio : diz ella « O problema está no arroz cultivado pelo processo = irrigação continua = que uns tem condemnado e outros defendido com enthusiasmo. Donde virá esta differença de opiniões ? Sem duvida do modo como se faz a irrigação, e da quantidade de agua necessaria para essa irrigação : » e nós ainda acrescentaremos, da qualidade dessa mesma agua empregada nesta irrigação, isto é, que não seja agua que venha, posto que

na sufficiente quantidade, d'uma represa onde já ella tem adquirido todos os dotes d'agua estagnada, porque nesse caso não é o destino, que se lhe dá de vir irrigar o arrozal, que lhe faz perder essas qualidades nocivas, que traz consigo para dentro dos alagamentos.

Mas se a Commissão acredita que todas as vezes que a agua fôr bastante, e constantemente corrente se póde asseverar com *enthusiasmo* que o arrozal não é nocivo á salubridade publica; como póde ella avançar a proposição que o arrozal seja sempre um charco ou pantano com referencia á influencia miasmatica sobre os trabalhadores, e sobre os habitantes proximos do arrozal? Vê-se por conseguinte pela segunda vez que a Commissão de Allios Vedros não se refere, nem se póde referir ao arrozal cultivado e amanhado segundo os principios d'uma agricultura racional e esclarecida, mas sim contra o abuso na cultura desta graminea; e nesta parte a Commissão vai de acordo com todos os hygienistas ainda os mais affeiçãoos á opinião da innocencia dos arrozaes.

Finalmente o facto mais importante referido no relatorio da Commissão de Alhos Vedros, aquelle que merece detido exame é o da successiva decadencia, e despovoação da Villa de Coina. Esta Villa n'outro tempo florescente e populosa, hoje depois da conversão dos pantanos em arrozaes está pobre, miseravel, e reduzida apenas a vinte e tantos fogos! Seus habitantes, com rarissima excepção, são o vivo quadro dos estragos produzidos pela infecção paludosa: definhados, magros, cacheticos, com graves obstrucções de baço, velhos antes de tempo, finalmente apresentando o horroroso aspecto dos habitantes de Saulsaie nas circumvisinhanças de Leão, antes que a auctoridade e a intelligencia de Mr. Niviere, do celebre discipulo de Dombasle, fizesse desaparecer daquella localidade mais de mil pantanos, e por meio de uma cultura convenientemente dirigida exterminasse das portas de Leão o flagello da infecção paludosa. Mas como é possivel que a mesma sciencia, que os mesmos principios, que a mesma cultura faça milagres destes na França e aggrave d'uma maneira prodigiosa o flagello em Portugal? Não é possivel: o simples senso commun oppõe-se á admissão desta contradicção manifesta e evidente. Na Villa de Coina ha dous factos bem averiguados que attenuam d'uma maneira muito sensivel as considerações apresentadas no relatorio da Commissão de Alhos Vedros:—primeiro, que a decadencia da Villa de Coina é anterior á cultura do arroz naquelle Concelho—segundo, que apezar das searas do arroz terem convertido bastantes pantanos em arrozaes, todavia ainda ficaram subsistindo muitos, os quaes pelo pessimo esta-

do do Rio de Coina, durante o verão contém uma mistura d'agua doce e d'agua salgada, o que agrava d'uma maneira horrivel a influencia malefica pantanosa, segundo o attestam os factos mais bem averiguados no mundo todo. Se pois a Villa de Coina já antes da cultura do arroz naquelle Concelho caminhava para uma sensivel decadencia, se os arrozaes convertendo bastantes pantanos em ferteis searas d'arroz, deixaram com tudo alguns juntos da Villa contendo a mistura da agua salgada com a doce; como é possivel explicar o misero estado da Villa de Coina pela cultura do arroz quando ainda subsistem causas que só por si eram mais que sufficientes para dizimar e destruir sua população inteira? A boa logica oppõe-se á admissão das consequencias absolutas do relatorio da Commissão de Alhos Vedros; mas com isto não queremos significar que a cultura do arroz mal dirigida, com a irrigação por estagnação, e com todos os defeitos d'uma cultura empirica seja um beneficio para a saude publica dos habitantes de Coina, ou d'outra qualquer localidade; o que queremos, e não podemos deixar de concluir, é que todas as considerações do relatorio encaminham-se mais a demonstrar os inconvenientes dos abusos da cultura do arroz, do que os males que á salubridade publica pôde trazer a sua cultura methodica e esclarecida.

Esta é sem duvida a conclusão mais logica, e mais imparcial que se pôde tirar dos dous documentos officiaes remetidos do Concelho de Alhos Vedros: devendo ainda acrescentar que o relatorio deste Concelho nos serviu de muito, pois que foi elle quem despertou a nossa attenção sobre alguns pontos capitaes da cultura do arroz com referencia á saude publica.

Relatorio da
Commissão de
Palmella.

A Commissão creada no Concelho de Palmella ¹ posto que responde succintamente aos quesitos da circular do Governo Civil de 9 de Maio de 1854, com tudo ainda assim prestou um grande serviço para a resolução da questão que tratamos estudar e esclarecer por isso mesmo que as respostas são precisas e terminantes, e al-

¹ Esta Commissão foi composta pelos Srs.-
Manoel Pires Gonsalves.
Antonio Carlos dos Santos.
José de Sousa.
Francisco José Pardilha.
Custodio Lopes.
Manoel Cardoso.
Valentim Manoel de Paiva.

gumas d'ellas acompanhadas de circumstancias da maior importancia.

Em algumas localidades do Concelho de Palmella, como Aguas de Moura e Maratheca, a cultura do arroz tem mais d'um seculo; na Amieira cultivava-se o arroz ha vinte annos, e em Rio-frio apenas ha quatro: as terras destinadas para esta cultura, umas eram paúes e pantanos que taes, outras terras, onde se cultivavam os cereaes. E que influencia tem tido esta cultura com tão variado periodo de duração, na saude dos povos, no termo medio da sua existencia, e no incremento ou diminuição da população rural? eis-aqui o que a Commissão pôde verificar: antes da cultura do arroz no Concelho de Palmella não havia população rural, hoje essa população diz-se ser de duzentos e cincoenta individuos: depois da existencia dos arrozaes essa população não offerece, proporcionalmente, maior numero de obitos do que o da população da Villa, que fica ao abrigo das influencias miasmaticas das searas do arroz: finalmente o termo medio da vida daquelles habitantes do Concelho de Palmella que existem junto do arrozal é de 40 a 50 annos; quando esse terreno medio para os que existem fóra da acção dos mesmos arrozaes é de 50 a 60. Se pois a população rural nasce e cresce depois da cultura do arroz, se os obitos d'essa gente que vive no centro de tal cultura não é maior que o d'estoutra, que não recebe sua influencia malefica, se finalmente o termo medio das existencias regula com pequena differença pelo mesmo numero de annos para o que vive sujeito ás emanações dos arrozaes, e para o que vive ao abrigo d'ellas; a influencia dos arrozaes sobre a salubridade publica no Concelho de Palmella fica julgada por estes factos.

Mas o Relatorio da Commissão creada neste Concelho diz mais, porque nas respostas a outros quesitos, quasi que dá a razão por que as cousas se deviam passar assim naquellas localidades; e essa razão consiste principalmente em presidir aos trabalhos agrarios da cultura do arroz no Concelho de Palmella um certo numero daquellas condições, que attenuam, senão extinguem toda a influencia nociva do arrozal sobre a saude do trabalhador occupado neste grangeio, como sobre a daquelles individuos que habitam as proximidades das searas do arroz: essas circumstancias são *primò*, o tamanho dos alagamentos, a sua inclinação, e reciprocas aberturas, que estabelecem uma corrente constante em toda a agua do arrozal: *secundò*, o ser a rega feita por agua corrente, e agua que não vem de repreza ou charco, onde já tenha adquirido pessimas con-

dições para a salubridade publica: *tertio*, o principiar alli o trabalho dos arrozaes depois do sol nado, e terminar pelo seu occaso: e quarto finalmente o ser na generalidade dos casos o solo, sobre que assenta o arrozal calcareo; não devendo omittir que a agua de que fazem uso os trabalhadores, quasi sempre é de boa qualidade, porque existe assim junto dos arrozaes.

A monda é aquelle trabalho d'entretenimento das searas durante o qual parece que maior numero de trabalhadores é affectado das febres intermitentes; mas deve notar-se que, sem querer deixar de reconhecer quanto esse trabalho é penoso e insalubre, é justamente tambem essa a época do anno, em que se pratica a monda, aquella em que maior numero de pessoas é atacado das sezões mesmo nas localidades aonde se não cultiva o arroz, o que significa que essa coincidencia não póde explicar-se mais satisfactoriamente por causas locaes inherentes ao arrozal do que por causas geraes, que nessa época do anno, alto verão, influem sobre todos os habitantes destes Reinos.

Haja vista ao character endemico que as febres intermitentes teem assumido aqui em Lisboa ha tres annos a esta parte, sem que se possa dizer que cheguem a esta Cidade os effluvios miasmaticos dos arrozaes.

Relatorio da
Commissão de
Cezimbra.

¹ A Commissão filial creada no Concelho de Cezimbra é de opinião que «a cultura do arroz é prejudicial á salubridade publica» mas perdoe-nos a esclarecida Commissão de Cezimbra que respeitando muito as suas crenças, lhe digamos que o que se não observa no seu relatorio é a demonstração da sua opinião, ou a observação de factos que justifiquem esta conclusão tão genericamente estabelecida. Diz a illustre Commissão, a que nos referimos «muito embora se diga que ella (a cultura do arroz) obsta á inundação por meio dos valados, á estagnação com vallas e sargetas, á putrefacção com a viçosa

¹ Esta Commissão compunha-se dos Srs.

Affonso José Pires.

José Joaquim Alves,

Manoel Caldeira da Costa.

Antonio Filippe.

José Joaquim Ferreira Cerca.

Cosme José Rodrigues Costa.

João Rodrigues Curto.

Antonio Maria de Goes.

«vegetação, fornecendo o oxigenio, e assimilando o acido carbonico ;
« pois praticam-se sempre estas regras? »

« E do *abuso e desprezo* dellas não resulta a estagnação da agua
« que contém plantas nocivas em maceração e por isso mais putrefac-
« ção do que existia d'antes? Nivelá-se por ventura o terreno de
« modo, que não fique nelle, pelo menos em algumas partes, agua
« estagnada, ainda que se use das vallas e sargetas? »

« E supposto que podessem haver estes cuidados na cultura do ar-
« roz em pequena escala, succederia sempre assim na cultura em gran-
« de? Quem são as pessoas intendidas que se empregam nos arrozaes,
« e que conhecem o prejuizo, que lhes póde causar, e aos seus concida-
« dãos o desprezo das cautelas, que requer este genero de cultura? »

Depois accrescenta a Commissão em seu relatorio « estas moles-
« tias (as febres intermittentes) são aqui endemicas, e existiam muito
« antes da cultura do arroz ; não teem feições caracteristicas, que as
« façam discernir das outras epidemicas analogas ; não teem accommet-
« tido com preferencia os que se empregam na cultura do arroz. . . »

« Ha febres intermittentes ; porém estas tanto accommettem os
« que se empregam na cultura do arroz, como os dos lugares eleva-
« dos, os do campo, como os da Villa. E a sua causa explica-se por
« uma causa geral proveniente das emanções paludosas. »

« Exercendo-se a cultura do arroz nos logares baixos e paludosos
« encontra-se alli constantemente uma atmospherá humida, . . . e
« imprópria á vida. Estas circumstancias servem para explicar a insa-
« lubridade geral de todos os logares baixos, e terrenos alagadiços,
« independentemente de haver ou deixar de haver nelles cultura do
« arroz, sem recorrermos á especialidade do trabalho, ou á mudança
« repentina das condições externas da vida &c. no entretanto parece-
« nos que não deixa de contribuir tambem para a insalubridade ge-
« ral o methodo de rega dos terrenos, em que se cultiva o arroz, pois
« que inundando-os á vontade sempre contém plantas em maceração,
« e de mais a mais empregando-se na rega o lodo dos charcos, levan-
« do em mistura raizes em putrefacção, d'aqui resulta que na presença
« d'un forte calor se desenvolvem effluvios lodosos, que vão inquinár
« a atmospherá, bem como os miasmas isolados do corpo dos traba-
« lhadores, deteriorados já pela mudança repentina das condições ex-
« ternas da vida, já pelos alimentos grosseiros e insalubres de que usam,
« já finalmente pelo máo abrigo das noites, dormindo em uma casa
« terrea e humida, pouca espaçosa para conter grande numero de in-
« dividuos. »

É facil de concluir de todos estes argumentos e considerações que a cultura do arroz não é prejudicial á salubridade publica, e que quando parece concorrer para aggravar as consequencias d'uma circumfusa já viciada sobre a saude das pessoas, que são obrigadas a viver no centro della, é mais pelos abusos commettidos nessa cultura, e pelos desvios hygienicos e dieteticos do regimen da população agricola, do que pelos máos effeitos d'essa mesma cultura, quando dirigida conveniente e razoavelmente. De modo que parece impossivel que a Commissão do Concelho de Cezimbra tirasse como consequencia destas premissas que a cultura do arroz era prejudicial á saude publica! quando o que parece dever-se concluir logicamente era que essa cultura só por abuso, ou nos methodos de irrigação, ou no regimen dos trabalhadores poderia tornar-se nociva á saude das pessoas empregadas no seu grangeio, ou daquellas que vissem a uma curta distancia dos arzoacs.

A Commissão sentiu tanto o pezo destas considerações, e a força irresistivel desta argumentação, que continuando o seu relatorio, acrescenta.

« Na falta d'outros casos bem averiguados responderemos aos « quesitos deste artigo com o facto seguinte — No districto de Coim- « bra, e nas proximidades da Louzã existe uma povoação denominada « Serpins, onde os habitantes de mais adiantada idade não se lembram « de terem alli soffrido febres intermittentes; porém depois que na « quella localidade foi estabelecida a cultura do arroz pelo Sr. Antonio « Xavier de Barros Côte Real, logo este e sua familia foram affectados « de intermittentes tão rebeldes que se viu obrigado a mudar-se com « sua familia para Coimbra, a fim de que com a mudança de ares se « podessem melhor restabelecer. Eis-aquí uma povoação que de bem « salubre, que era, se tornou insalubre.»

Mas como póde a Commissão tirar d'um facto isolado, e ao qual podiamos oppôr outros muitos em sentido contrario consignados mesmo neste nosso trabalho uma consequencia geral e absoluta — logo os arzoacs são prejudiciaes á saude publica? Confesso que os factos para mim, e para toda a gente teem uma força immensa, e que é sobre tudo os factos bem averiguados e bem interpretados, que temos buscado sempre com avidéz em todos os relatorios que temos mencionado; mas é necessario tambem não querer que os factos signifiquem mais do que aquillo que elles podem exprimir. Sabe-se por ventura por que modo a cultura do arroz era dirigida em Serpins? qual era o processo de irrigação adoptado e seguido naquella localidade? era o

da estagnação? a agua da irrigação era encharcada? que tamanho, e que inclinação tinham os alagamentos? a agua que servia para a irrigação para onde era levada? ficava por ventura estagnada? eis-aqui outras tantas circumstancias que era necessario e indispensavel ponderar para se poder interpretar devidamente as consequencias tiradas d'um facto unico, e despido de todas as circumstancias que o deviam acompanhar; mas o relatorio infelizmente nada nos diz a tal respeito.

Mas a resposta mais convincente contra as consequencias que a Commissão quiz tirar do facto referido de Serpins, é o mesmo facto referido no relatorio pela mesma Commissão ácerca do que se passa actualmente no Concelho de Cezimbra, na sua propria localidade: a Commissão, perdôe que lh'o digamos, mandou no seu relatorio a statistica dos obitos, e da população do seu proprio Concelho de tres annos anteriores e tres posteriores ao estabelecimento da cultura do arroz naquelle mesmo Concelho, mas não comparou esses dados statisticos, e não viu que da sua comparação resultava o desmentido mais formal que é possível dar-se tanto á sua proposição genericamente temeraria, como á interpretação do facto de Serpins?

A população do Concelho de Cezimbra nos tres annos anteriores á cultura do arroz era de 11877 habitantes:

Esta mesma população no triennio posterior áquella cultura subiu a 13077 habitantes.

O termo medio dos obitos por anno antes da cultura do arroz era de 110 individuos,

E depois daquella cultura esse termo medio foi de 120 individuos por anno.

Pois saiba a Commissão que 120 obitos sobre uma população de 13077 individuos é menos do que 110 obitos n'uma população de 11877 habitantes ¹; e eis-aqui está como a statistica do Concelho de Cezimbra apresentada pela mesma Commissão desmente solennemente a sua proposição da influencia malefica dos arrozaes na saude publica, e está em pleno desaccordo com o facto de Serpins, buscando de tão longe, quando á sua porta mesma tinha a demonstração do principio opposto!

¹ Para a mortalidade ser a mesma proporcionalmente ás populações seria necessario que ou no triennio anterior á cultura do arroz o numero de obitos por anno fosse de 108, quando elle é de 110, ou que esse numero de obitos depois daquella cultura fosse de 121 por anno, quando é de 120; o que tudo é contra as consequencias apresentadas pela Commissão.

A Comissão notou que o termo medio da vida dos individuos que habitam as proximidades dos arrozaes é de 45 annos; em quanto que o das outras pessoas que estão isemptas da acção desta cultura costuma ser de 50 annos. Ainda é durante as mondas que a Comissão de Cezimbra nota que adoece um maior numero de trabalhadores: este serviço é na realidade pezado, e acompanhado de circumstancias bem proprias para alterar a saude de todos aquelles que se empregam nelle; todavia como esse trabalho tambem é feito durante aquella estação do anno, em que as febres intermittentes são mais frequentes em Portugal, mesmo naquellas localidades, onde o arroz se não cultiva, custa por consequencia a descriminar bem os effeitos, que a salubridade publica produz a estação e as causas geracs, ou o trabalho da monda e a influencia especial deste grangeio.

Relatorio da
Commissão do
Conceibo de A-
lemquer.

Posto que no Concelho de Alemquer a cultura do arroz tenha apenas onze para doze annos de duração; todavia a Commissão ¹ creada naquelle Concelho apresenta no seu relatorio dados statisticos com relação á Freguezia de Otta, unica onde existe tal cultura, de tanto valor, que não podemos deixar de declarar que satisfiz d'um modo muito regular á incumbencia, de que fôra encarregada pela auctoridade superior do Districto. A conclusão final que a dita Commissão tirou de suas investigações e exame tem tanto de pratica, que posto não partilhemos todas as suas idéas, ainda assim achamos util reproduzi-la aqui nesta nossa Memoria. Diz a Commissão em seu relatorio:

« A Commissão pois convieta da sua opinião consignada nas diferentes respostas de que = em summa a cultura do arroz não é « nociva á salubridade publica = applicados praticamente os principios « da sciencia: dá como materia destes principios as seguintes prescri- « peões, que devem formar a regra indispensavel nesta cultura. »

« 1.^a Planura do solo sem notaveis sinuosidades, e em geral can- « teiros nivelados com duas pollegadas d'agua d'altura, para, afôra « outras graves razões, não estorvarem o terreno do benefico contacto « atmosferico. »

« 2.^a Abertura perfeita, limpeza, e o conveniente escoante nas « vallas e canaes da agua em toda a extensão da corrente, para evi-

¹ Esta Commissão funcionou com os seguintes vogaes
Francisco Pimentel de Macedo, Presidente.
Thomaz Nunes da Serra e Moura.
Antonio Xavier da Motta.
Manoel Antonio Velho.
Duarte Egidio Vieira de Mendonça.

«tar os charcos, ou quaesquer reservatorios, além dos açudes indispensaveis para o equilibrio das aguas, e poderem estas ser exhaustas completamente em occasião opportuna.»

«3.^a Irrigação constante, e livre entrada e sahida da agua dos canteiros em direcção a um ponto dado, aonde seja o curso ordinario no canal da evasão geral.»

«4.^a Estabelecer rigorosamente que a gente das mondas conserve o calçado á sombra para o tornar fresco ao sair da agua, e não soffrer descalço um perigoso contraste no solo ardente, por ser em Agosto a força destes trabalhos indispensaveis com a agua nos canteiros para se poderem arrancar as fortes raizes das hervas es-tranhas.»

«5.^a Tirar inteiramente as aguas á seara oito, ou mais dias antes da ceifa, para o arroz amadurecer bem, e fazer-se a ceifa em terreno enxuto, no qual unicamente fique o rastolho como despojo em identico caso dos outros cereaes.»

«6.^a Arrazar os açudes, e desembaraçar plenamente o foco das nascentes, vallas, e canaes de toda e qualquer opposição á franchia das aguas para evitar toda a estagnação.»

«7.^a Levantar das eiras a palha do arroz antes da sua putrefacção amontoada. De fórma que sendo esta a especialidade da questão o reverso d'ella em qualquer dos pontos propostos, terá tam-bem consequencias inteiramente oppostas; e então por falta desta restricção, tornada a área da sementeira um pelago de substancias estranhas, e decompostas, de decidida influencia maligna no ambiente, terá injustamente a innocente sementeira do arroz de supportar a vulgar e erronea censura de muito doentia quando a estudada experiencia abona o juizo da Commissão. . . .»

Alora estes conselhos praticos que a Commissão de Alenquer apresenta como aquelles que podiam evitar os damnos produzidos na salubridade publica pelos abusos commettidos na cultura do arroz. o relatorio da mesma Commissão ainda se torna digno de ser lido pelos preciosos dados statisticos relativos á Freguezia de Otta. Poderão talvez dizer-nos, esses dados statisticos referem-se apenas a uma só Freguezia, abrangem simplesmente o curto espaço de dez annos, e por isso não podem fornecer a base de largas consequencias, que se applicam depois a todas as localidades do Reino, onde se cultive o arroz, localidades que não podem deixar de estar em circumstancias muito especiaes, e muito differentes das de Otta. Sem duvida: nós mesmos somos os primeiros que conhecemos o

pezo, e a verdade das reflexões apresentadas; mas como especialmente o que se desejava eram estes dados statisticos, eram os factos bem averiguados, e cuidadosamente colligidos em todas as localidades para sobre elles edificar a doutrina do que convinha ordenar em materia tão importante; não podemos por isso deixar de acollher muito satisfactoriamente todo o trabalho daquellas Commissões, que penetradas do fim da sua missão, concorreram para esse trabalho final, juntando o material, que lhe podia fornecer a localidade onde tinham de estudar e descrever os diversos factos. E é, nós o esperamos, sobre o complexo d'esses trabalhos parciaes e dispersos, que havemos de edificar e basear nossas conclusões finaes.

Mas voltando novamente ao estudo do relatorio da Comissão de Alemquer, vejamos o que elle nos diz sobre a mortalidade, e augmento da população da Freguezia de Otta, tomados os termos medios da mortalidade, e do incremento da população pelo espaço de seis annos, tres anteriores ao estabelecimento da cultura do arroz, e tres posteriores:

No triennio anterior á cultura do arroz o termo medio dos obitos era de 9 por anno; e no triennio posterior apenas de 7.

Note-se mais que no triennio anterior á dita cultura o termo medio da população era de 232 habitantes, e no triennio posterior de 249.

Logo depois da cultura do arroz na Freguezia de Otta deu-se o singular acontecimento de haver um menor numero de obitos sobre uma população que tinha augmentado! Estes resultados statisticos são por consequencia duplicadamente vantajosos á opinião da innocencia dos arrozaes sobre a salubridade publica. Vejamos agora como a mesma Comissão explica estes beneficios provenientes da cultura do arroz á saude publica contra a crença geral. « Com a extineção do antigo inutil, e prejudicialissimo paul pantanoso, em que quasi se tem feito effectivamente a sementeira do arroz na Freguezia de Otta, não só ficou apto para toda a cultura, mas cessaram as suas perigosas emanações; ficando porêm ainda a Freguezia sujeita ás notaveis sezões do seu rifão, pela existencia d'outro paul muito maior, e mais prejudicial denominado o « Bunhal » quasi limitrofe da povoação, e que não tem sido possivel extinguir apezar de instantes reclamações; de maneira que o beneficio adquirido pela dessecação do primeiro paul, ficou inteiramente absorvido pela malignidade do segundo. »

Ora este é que é na verdade o facto capital que se observa em todos os arrozaes, uma vez que elles vão substituir verdadeiros pan-

tauos, e que a cultura desta graminea se faça de modo que o arrozal pela sua direcção e pessimo systema de irrigação não venha continuar, e talvez aggravar, as condições da insalubridade do pantano pre-existente á seara. Os factos mais bem averiguados, o exame attento e desprevenido de todos os relatorios, e os principios da sciencia tudo nos leva a acreditar que a substituição d'um pantano por um arrozal convenientemente dirigido é um grande melhoramento para o paiz, quer se encare a questão industrialmente, quer debaixo do ponto de vista da saude publica. Mas se acaso, despresando-se todos os preceitos, que devem presidir á confecção e entretenimento dos arrozaes, estes não são mais do que verdadeiros charcos, onde annualmente se deixam apodrecer infinitos seres organicos; se no tempo da *chora*¹ época a mais doentia do arrozal, porque é aquella em que se fazem as mondas, as aguas dos alagamentos não são renovadas frequentes vezes; então nesse caso não só os trabalhadores empregados no grangeio do arroz, mas os habitantes das povoações que cercam os arrozaes serão victimas de taes abusos, que nmas vezes são a consequencia da ignorancia dos lavradores, outras d'uma ambição inqualificavel, e sempre do descuido e desprezo da Auctoridade Publica.

Do relatorio da Commissão de Alemquer se depreheende que a cultura do arroz na Freguezia de Otta se faz d'uma maneira muito regular, e sem aquelles abusos, que a torna tão nociva n'outras localidades. Alli as scaras do arroz foram substituir um verdadeiro pantano, alli a cultura do arroz fica a NE. das principaes povoações, alli adopta-se o systema alterno para o arrozal, alli o solo tem bastante de calcareo, alli finalmente a irrigação é perenne e feita com optima agua. Consequentemente no Concelho de Alemquer a cultura desta importante graminea deve compensar largamente as despezas do grangeio, e além d'isso veio converter um vasto pantano n'uma fertil seara; deste modo não haverá pessoa alguma que se atreva a asseverar que um arrozal é um vasto foco de infeccão que vai intoxicar povoações inteiras: é pela desgraçada confusão dos effeitos provenientes d'um arrozal que pouco differe d'um pantano com os d'um arrozal methodicamente dirigido, que tem nascido a crença geral e erronea dos inconvenientes das scaras do arroz sobre a salubridade publica. Mas en espero que este trabalho, consequencia legitima do inquerito a que se procedeu em todo o paiz, desvanecerá uma tal apprehensão, e

¹ Época em que as petalas do arrozal cahem sobre a agua dos taboleiros, ou alagamentos.

conterá as regras praticas da direcção d'esta importante cultura sem risco para a saude publica; mas ao mesmo tempo sem que favoreça especulações lucrativas a custo da vida, e da saude dos pobres trabalhadores.

Relatorio da
Commissão de
Azeitão.

As respostas aos quesitos dadas pela Commissão ¹ creada no Concelho de Azeitão, bem como as reflexões praticas por ella apresentadas tem a maior analogia com as da Commissão de Alemquer que acabamos de examinar; é porque os factos quando são bem observados, fielmente descriptos, e interpretados desprevenidamente apresentam as mesmas feições essenciaes em todas as localidades, em que possam ser examinadas: é uma das grandes vantagens destes inqueritos feitos em larga escala n'um paiz, porque elles veem a traduzir a maneira por que o problema é encarado e resolvido em todos os pontos; e é unicamente sobre uma base tão segura, e tão geralmente adoptada que se póde firmar o complexo de medidas restrictivas de uma cultura tão productiva, e que não podem por isso deixar de affectar alguns interesses creados, mas acima dos quaes existe o interesse maximo da saude publica.

Ainda observamos neste Concelho que a statistica da mortalidade tomada n'um triennio anterior á cultura do arroz e comparada com a do outro triennio posterior ao estabelecimento é favoravel para esta industria agricola; porque essa mortalidade, longe de augmentar, diminuiu depois da cultura do arroz; igualmente se observa pelos dados statisticos referidos no relatorio da Commissão creada no Concelho de Azeitão que a população do dito Concelho, posto que pouco, com tudo sempre augmentou depois que naquella localidade se principiou a cultivar o arroz. Não foi sem grande opposição e mesmo repugnancia dos habitantes de Azeitão que se enectou neste Concelho uma tal cultura, porque alli existia, como existe em quasi todo o paiz, a crença dos grandes males que á salubridade publica resultavam das searas do arroz; com tudo a experiencia de quatorze annos

¹ A Commissão especial creada em Azeitão era composta dos Srs.

Paulo de Jesus Burguete, Presidente.

Manoel Rodrigues Velloso.

José Pereira da Silva.

João Anastacio Vidal.

Romão José de Maya.

Joaquim Antonio Pascoal.

Agostinho Barreto Moraes de Oliveira.

Francisco Cardoso da Silva Campos, Secretario.

successivos, que tantos ha se cultiva o arroz no Concelho de Azeitão, tem feito destruir essas apprehensões na maior parte dos habitantes deste Concelho: e a sua Commissão, cujo relatorio vamos examinando, e que se compõe das pessoas mais illustradas, e mais competentes para avaliar a questão sugcita, é toda de opinião que a cultura do arroz é innocentissima para a saude dos treballadores, e dos habitantes mais proximos das searas do arroz, uma vez que ella seja dirigida segundo os dictames da sciencia esclarecida, e desprevenida.

Assim no triennio anterior ao estabelecimento da cultura do arroz no Concelho de Azeitão o termo medio da mortalidade era de 57 obitos, em quanto que esse termo medio baixou a 53 no triennio posterior á dita cultura.

Ainda mais, naquelle triennio a população deste Concelho compunha-se de 2:500 almas, e neste de 2:580. Donde se conclue que depois da cultura do arroz no Concelho de Azeitão diminue a mortalidade, e augmenta a população. Que nociva que é esta cultura á saude publica!

Consta igualmente do relatorio da Commissão creada no Concelho de Azeitão, que, geralmente fallando, naquella localidade a cultura do arroz se faz por folhas: esta boa pratica é umas vezes o resultado de empobrecimentos e esgotos do terreno produzido pela successiva sementeira da mesma planta, outras vezes é o fructo dos conhecimentos agronomicos dos proprietarios e colonos das diversas terras; mas seja como quer que fôr, o que a leitura destes relatorios demonstra evidentemente é que naquellas localidades, onde a cultura do arroz é feita por este methodo os resultados maleficos attribuidos á cultura do arroz quasi que desapparecem totalmente. Enão se supponha que esta consideração vem demonstrar indirectamente a influencia nociva dos arrozaes sobre a salubridade publica, sendo elles menos nocivos quando a sua cultura alterna com outras quaesquer; não é essa de certo a razão: o motivo vem a ser porque naquellas localidades onde se dá este giro de culturas chamado systema alterno, é necessario que depois da ceifa do arroz a terra soffra desde logo lavouras preparatorias (o alqueive) as quaes destroem necessariamente o estado alagadiço e pantanoso do solo, que foi arrosal, e que sem este trabalho posterior á ceifa, o que desgraçadamente acontece em muitas localidades, fica com os alagamentos formados, e por consequencia feitas a représas, que contendo pequenas porções de agua sem renovação alguma, e muito sobrearregadas dos despojos organicos da seara anterior, com os ardentes calores do verão, adquirem todas as

condições de verdadeiros pantanos, com todas as suas terríveis consequências.

Mas onde nós encontramos a principal razão da innocencia do arrozal no Concelho de Azeitão vem a ser na resposta ao decimo quinto quesito, a qual diz assim = A agua da rega é geralmente corrente, e de ribeiras que a conservam todo o anno = Todas as vezes que se der esta circumstancia, e as regas forem feitas segundo os principios d'uma sciencia esclarecida, haverá tanto perigo nas searas do arroz, como ha nas do milho, ou d'outra qualquer planta que exija regas amudadas, ou mesmo o terreno coberto d'agoa para se desenvolver. Mas infelizmente nem sempre se dá esta optima e vantajosa circumstancia: umas vezes porque a escasez da agua traz consigo a necessidade das represas e dos açudes, que quasi sempre são focos de infecção, outras vezes a falta d'agua obriga o lavrador do arroz a fazer a irrigação das suas searas pelo processo da estagnação muito prolongada, o que faz que cada alagamento seja um pequeno paul; outras vezes finalmente a crença, crença partilhada por mui distinctos Agronomos, de que a agua do arrozal quando apresenta um tal ou qual principio de fermentação putrida é que se torna mais util a esta gramínea, faz com que o seareiro de arroz muito de proposito deixe chegar a agua dos alagamentos a este estado de corrupção para maior lucro da sua industria agricola. Ainda que esta opinião seja seguida por celebres Agronomos, como já dissemos, todavia o Governo, como tutor da saude dos povos, não póde consentir n'uma pratica, que a troco de mais alguns alqueires de arroz póde infeccionar povoações inteiras, e é sempre prejudicial á saude dos trabalhadores empregados no grangeio desta gramínea.

A natureza do terreno, sobre o qual assenta o arrozal não é uma condição indifferente para a sua influencia sobre a salubridade publica: tem parecido geralmente que os solos calcareos são aquelles, que podem mais facilmente neutralisar os effeitos miasmaticos da agua estagnada dos alagamentos sobre a saude tanto dos trabalhadores empregados nos arrozaes, como sobre a das pessoas, que habitam localidades muito proximas dos mesmos arrozaes. As searas do arroz no Concelho de Azeitão são feitas sobre um solo argiloso, e um tanto ou quanto silicioso, o qual posto que não seja aquelle que melhores condições apresente para esta cultura, debaixo do ponto de vista hygienico, todavia aproxima-se d'elle mais ou menos.

A auctoridade publica não póde deixar de attender cuidadosamente a esta circumstancia para a permissão ou prohibição da cultura

do arroz, porque effectivamente o estudo, e a observação teem demonstrado evidentemente a sua importancia hygienica nos effectos dos arrozaes sobre a salubridade das povoações.

Finalmente no Concelho de Azeitão a agua de que usam os trabalhadores empregados nas searas do arroz, posto que alguma seja de poços, com tudo é sempre de excellente qualidade, o que tambem deve ter contribuido bastante para que os arrozaes alli não se tenham mostrado tão nefastos á saude dos mesmos trabalhadores. Em muitas localidades os trabalhadores não só do arroz, mas d'outras culturas bebem aguas estagnadas, salobras e impregnadas de muitas e variadas substancias organicas em começo de putrefacção; a sua saude altera-se profundamente, e a causa destas alterações é attribuida sem mais exame á influencia miasmatica do arrozal! É pois necessario reflectir que em todas as localidades, onde os trabalhadores dos arrozaes teem boa agua potavel para seu uso, as febres de infecção são muito menos graves, e n'uma escala muito mais pequena nessas localidades.

Com taes condições não admira que os arrozaes no Concelho de Azeitão não apresentem os effectos da insalubridade, que se lhes attribuem mais ou menos justamente n'outros Concelhos.

No Concelho de Alcoentre, diz a Commissão ¹ desta localidade, que se cultiva o arroz ha dez annos; e como antes da cultura do arroz naquelle Concelho as febres intermitentes não reinavam epidemicamente, fica muito facil no Concelho de Alcoentre verificar se os arrozaes produzem ou não febres miasmaticas. E o que é que a Commissão de Alcoentre nos diz a este respeito em seu relatorio? que antes da cultura do arroz naquelle Concelho nem haviam pantanos, nem molestias endemias, e que no decurso de dez annos, em que muitas varzeas se teem convertido em arrozaes, substituindo amplas searas de trigo, cevada, e milho, não tem igualmente apparecido nem febres intermitentes, nem molestia alguma endemica. Estas circumstancias especiaes do Concelho de Alcoentre não podem deixar de ter uma grande influencia na resolução d'alguns problemas, que desejamos esclarecer neste nosso trabalho. Nesta localidade a duvida tantas vezes acarretada da existencia dos pantanos, que podem ser reputados

Relatorio da
Commissão de
Alcoentre.

¹ Esta Commissão compunha-se dos Srs.
Domingos Pinheiro Augusto de Mello Brandão.
José Maria dos Santos.
José Joaquim Pinto.
Antonio Pinto Machado.
João Jacintho de Lima Mira.

os focos das endemias attribuidas ao arrozal, não existem : nesta localidade a cultura do arroz tendo dez annos de duração apresenta-nos uma época sufficiente para avaliar os seus effeitos sobre a salubridade publica, e ao mesmo tempo consente a facil comparação do que acontecia nessa localidade antes da cultura do arroz com o que se verifica actualmente no decurso de dez colheitas e d'outras tantas culturas de arroz : finalmente os trabalhadores, que teem vindo trabalhar nos arrozaes de Alcoentre não tendo chegado infeccionados de febres miasmaticas d'outras localidades, teem por conseguinte deixado avaliar do modo menos complicado que é possível, os effeitos desta cultura na salubridade publica.

Estas circumstancias, pois bem examinadas, e devidamente ponderadas, deixar-nos-hiam, se acaso a questão só devesse ser resolvida pelo que se passa no Concelho de Alcoentre, deixar-nos-hiam, dizemos nós, concluir pela absoluta innocuidade dos arrozaes sobre a salubridade dos trabalhadores empregados nesta cultura, e ainda mais sobre a das povoações immediatas aos arrozaes. Mas não é só pelos resultados obtidos n'uma dada localidade que nós desejamos apresentar conclusões geraes, que possam servir de norma para todo o paiz ; é simples e unicamente pela exposição e comparação minuciosa do que se tem observado em todos os pontos, que tem sido examinado e referido por muitas e diversas pessoas, e finalmente ponderado por Comissões com interesses e opiniões encontradas, que se pôde chegar a uma resolução geral, que tenha tanto de verdadeira, como de justa.

Vejamos porém agora se as circumstancias especiaes da localidade, e sobre tudo da cultura, que se dão no Concelho de Alcoentre, e que tornam as searas do arroz nesta localidade tão innocentes, são por ventura as mesmas, que se dão n'outras povoações onde temos observado igual innocuidade : e cousa admiravel, todos os pontos onde se cultiva o arroz, e onde a sua cultura se tem mostrado innocente, e inoffensiva, em todos esses pontos as condições do terreno tem bastante de analogia, e os processos de irrigação, sobre tudo, são os mais simples, e os mais salubres ! É porque a theoria, quando verdadeira, é a formula mais geral do que ha de common nos differentes factos, que tem servido de base a essa mesma formula ! E esta conformidade do solo do arrozal, e de cultura do arroz por um lado, e a sua absoluta innocencia por outro, são dous factos, que se ligam, como a causa com o seu effeito, e por isso não podem deixar de lançar a maior luz, que é possível, sobre a resolução deste grave assumpto administrativo.

Notaremos em primeiro lugar que a natureza calcarea do solo sobre que assenta o arrozal, tem sempre parecido, tanto nos paizes estrangeiros, como entre nós, uma circumstancia nimamente util para attenuar quaesquer máos effeitos das searas do arroz sobre a salubridade publica; e ainda é o elemento calcareo, aquelle que predomina nos solos consagrados á cultura do arroz no Concelho de Alcoentre.

Notaremos em segundo lugar que todas as vezes que a irrigação dos arrozaes é feita com agua corrente, que essa agua não está demorada em represas, ou charcos, e que a-inclinação do solo é tal que ella pouco se demora dentro dos alagamentos, essas searas do arroz são tão innocentes para a saude dos trabalhadores e dos habitantes da localidade, como outra qualquer cultura que careça de irrigação; e como no Concelho de Alcoentre os arrozaes são irrigados pelo systema de irrigação perenne, e a agua para essa irrigação não é encharcada; por isso a saude dos trabalhadores empregados nos arrozaes, ou a dos habitantes da Villa, ou de Aljuber, não é hoje peor do que na época em que o milho e o trigo occupavam os campos, que hoje se acham convertidos em férteis arrozaes.

Notaremos finalmente que do abuso que se commette em muitas localidades, como beberem os trabalhadores do arrozal aguas encharcadas e corrompidas, procedem molestias de máo character, que infundadamente se teem attribuido ás emanações do arrozal, e que pelo contrario quando esses mesmos trabalhadores teem a fortuna de beberem boa agua potavel, elles gozam de muito boa saude, e zombam das emanações do arrozal; e no Concelho de Alcoentre observamos que os trabalhadores empregados na cultura do arroz teem excellente agua para beberem, e por isso não ficam sujeitos a mais essa causa de insalubridade, a que desgraçadamente estão sujeitos os trabalhadores de outras localidades.

Com tão felizes condições não era possivel que as statisticas da mortalidade, e do incremento da população no Concelho de Alcoentre não viessem confirmar pelos numeros, o que a sciencia já previa pela rigorosa applicação de seus principios.

O numero de obitos no Concelho de Alcoentre, diz a Commissão alli creada, é o mesmo actualmente, que era antes da cultura do arroz, tomado o termo medio annual d'esses obitos pelo espaço de tres annos successivos antes dos arrozaes, e por outro triennio posterior ao daquella cultura.

Mas se reflectirmos que a dita Commissão quando responde ao quesito decimo ácerca da população do Concelho de Alcoentre nos diz

que essa população antes da cultura do arroz era de 2:916 almas, e depois da mesma cultura de 3:441, crescendo quasi 25 por $\frac{2}{3}$, então se deprehenderá facilmente que o mesmo numero de obitos sobre uma população de 3:441 individuos, que sobre outra de 2:916 significa que a mortalidade nessa povoação tem diminuido quasi $\frac{1}{5}$ do que era antes!

Grande é o serviço que as statisticas bem confeccionadas, e fielmente interpretadas podem prestar para a resolução das questões mais graves da Administração d'um paiz qualquer! Esperamos que este assumpto mereça para o futuro a maior sollicitude do Governo, e que se convença que com boas statisticas não ha duvida que se não resolva do modo o mais prompto, e com a maior vantagem dos povos.

Entre outros bons preceitos que se seguem na cultura do arroz no Concelho de Alcoentre, não deixaremos de mencionar um, a que damos o maior valor; esse preceito é o do systema alterno adoptado naquella localidade para a cultura do arroz. Este systema que está simplesmente julgado pelo lado agricola e economico, vem agora receber um novo triumpho pelo modo por que elle se torna eminentemente util pelo lado hygienico na cultura do arroz. Se o arroz deve ser considerado como uma planta semi-aquatica, se a demora da agua nos alagamentos é a principal causa da infeção paludosa dos arrozaes, se finalmente o estado em que fica a superficie do arrozal depois das ceifas produz fortes apprehensões ácerca da sua influencia sobre a salubridade publica; quem não vê que com a doutrina, e a pratica dos afolhamentos estes inconvenientes desapparecem, ou pelo menos não se verificam senão de tres a tres, ou de quatro a quatro annos, segundo a rotação da folha arrozal é triennial, ou quadriennial? Os trabalhos d'alqueive, que se tornam indispensaveis na cultura alterna, destroem os taboleiros, os comoros, e todas as desigualdades do solo do arrozal, com proveito da colheita do anno immediato, trabalho que havia todo ser lançado á conta da seara do arroz, se por ventura a legislação ordenar, como não pode deixar de o fazer, que o alqueive siga o mais de perto que poder a ceifa do arroz? Esta boa pratica, ainda muito pouco vulgarisada entre nós, dá os melhores resultados em todas as culturas, mas torna-se absolutamente indispensavel na do arroz.

Depois destas considerações passemos a examinar o relatório da Comissão creada no Concelho de Grandola, ultimo dos que pertencem ao Districto Administrativo de Lisboa.

A Comissão creada no Concelho de Grandola ¹ é de parecer que quando se observe um certo numero de preceitos na cultura do arroz, não só esta cultura é innocente para a saude publica, mas até ella pôde concorrer para tornar salubres localidades, que o não eram antes da mesma cultura; e isto se verifica especialmente sempre que a cultura do arroz vier substituir, e esgotar um pantano anteriormente existente; que foi o que aconteceu no Concelho de Grandola, principalmente desde 1834 para cá, época em que os arrozaes teem tomado maior incremento naquella localidade.

Relatorio da
Comissão de
Grandola.

E note-se ainda no Concelho de Grandola, como se tem notado nos outros, onde as respectivas Comissões teem chegado a iguaes resultados, que a cultura do arroz naquella localidade é feita debaixo de todas aquellas condições e circumstancias, que affastam o arrozal do pantano; donde se pôde colligir que a influencia morbifica, que por mais d'uma vez se tem visto exercer o arrozal sobre a salubridade publica, é antes o resultado da estagnação da agua corrompida nos alagamentos, do que da propria cultura do arroz. A analyse do methodo pratico da cultura do arroz no Concelho de Grandola nos fará convencer desta verdade.

Em primeiro lugar todos ou quasi todos os terrenos do Concelho de Grandola, que actualmente estão convertidos em bellas searas de arroz, eram terras incultas, alagadiças e pantanosas; e posto que as febres intermitentes, e suas mais naturaes consequencias ainda appareçam naquelle Concelho, como appareciam antes do estabelecimento dos arrozaes, todavia deve notar-se que a cultura do arroz neste Concelho é feita em pequena escala, como se deprehende do relatorio, que vamos analysando, e por isso não foram ainda alli extinetos todos esses focos de infecção anteriores á cultura do arroz; e basta que essas mesmas febres intermitentes não sejam em maior numero, nem de peor indole depois do estabelecimento dos arrozaes para devermos concluir que o Concelho lucrou, e lucrou muito convertendo algumas terras incultas, alguns paúes, e pantanos em searas productoras de arroz, sem ter ao mes-

¹ Esta Comissão foi composta dos seguintes vogaes: os Srs.

Jorge de Vasconcellos, Presidente.

Manoel de Sande Alves.

Antonio Gomes Pinheiro.

Miguel Antonio Candido dos Santos.

Jeronymo José Salgado.

Joaquim José Migueis, Secretario.

mo tempo peorado o estado sanitario daquella localidade. Mas se o relatorio nos não diz se por ventura o numero das febres intermitentes diminuiu no Concelho de Grandola depois da cultura do arroz, diz-nos com tudo bastante para podermos concluir com todo o rigor logico que a salubridade geral de seus moradores melhorou, e lucrrou bastante com o estabelecimento dos arrozaes; por quanto sendo o termo medio dos obitos por anno de noventa a cem antes da cultura do arroz; depois della tem baixado de oitenta a noventa; se pois com a mesma população morre menor numero de pessoas por anno, é evidente que a salubridade publica tem melhorado sensivelmente.

Em segundo lugar menciona-se no relatorio uma circumstancia, que posto seja de pequeno valor para alguns escriptores, com tudo outros lhe dão muita importancia; e no caso presente essa circumstancia é desvantajosa para a saude dos moradores da Villa de Grandola, e ainda assim, não se tem verificado naquella povoação a influencia morbifica, que alguns teem querido attribuir ao arrozal: essa circumstancia vem a ser a de ficarem no Concelho de Grandola os arrozaes a Norte e Leste da Villa, e por consequencia esta povoação na direcção da corrente mais constante dos ventos, que sopram naquella época do anno, e naquelles tempos dos trabalhos, e da vegetação dos arrozaes, que se teem supposto os mais nocivos á saude publica, isto é, de Agosto a Outubro, e no tempo das mondas, e das ceifas; e apesar de tudo isto o relatorio não nos diz que o estado sanitario da Villa de Grandola tenha peorado depois da cultura do arroz.

Terceira circumstancia, que tambem deve influir d'uma maneira vantajosa sobre a influencia dos arrozaes na salubridade publica, vem a ser a de se fazer no Concelho de Grandola a cultura do arroz por folhas. Já dissemos bastante na analyse dos relatorios de Azeitão, e Alcoentre sobre as vantagens agricolas e hygienicas deste methodo de cultura, que marca o periodo mais illustrado da agricultura d'um povo.

Mas a circumstancia mais vantajosa, a capital na verdade que deve extinguir a influencia morbifica dos arrozaes sobre a saude publica, é a do processo da sua irrigação, e a da quantidade, e qualidade da agua de que o lavrador dispõe para esse mister: boa agua, em grande abundancia e correndo perennemente, ou quasi perennemente pelos diversos alagamentos do arrozal, são circumstancias taes, que dadas ellas, quasi que se póde responder pela innocencia desta cultura; é o que temos observado nos relatorios todos que temos passado em revista, e que ainda se observa no da Commissão crea-

da no Concelho de Grandola, de que actualmente nos estamos occupando. Nesta localidade o processo da irrigação geralmente adoptado é o da agua corrente, a altura dos taboleiros é de dous palmos, e a altura media da agua nos alagamentos, costuma ser de palmo e meio; com estas circumstancias a agua nunca estagna, o principio de putrefacção não se manifesta, o arrozal não se converte n'um pantano, e a salubridade tanto do trabalhador empregado no grangeio do arroz, como a do habitante das immediacões do arrozal não soffre o menor incommodo, porque a volatilisação do principio miasmatico não existe.

Uma outra circumstancia, que tambem concorre para que as searas de arroz não sejam tão nocivas nesta localidade, como n'outras, vem a ser a da natureza do solo, sobre que assenta o arrozal, que é geralmente fallando no Concelho de Grandola silicio-calcareo; já por vezes nós temos repetido neste trabalho, e é doutrina corrente nos livros mais competentes da sciencia, que a influencia morbifica do arrozal é tanto menos sensivel quanto a natureza do solo, sobre o qual elle assenta, mais se aproxima do calcareo puro.

O trabalho dos arrozaes é dirigido no Concelho de Grandola de baixo das melhores indicações d'uma hygiene esclarecida; alli o trabalho nunca principia senão depois do nascimento do sol, e acaba sempre antes do seu occaso: esta subtracção dos trabalhadores aos effluvios dos arrozaes nas duas épocas do dia, em que elles costumam ser mais nocivos, não podia deixar de concorrer e muito, para preservar tanto quanto é possivel a vida desta profieua e desprezada classe dos males inherentes a esta industria agricola. Quando a temperatura da atmospheria é tal que os effluvios emanados de qualquer agua estagnada não podem subir muito alto na mesma atmospheria, o que acontece no principio e fim do dia agricola, os pobres trabalhadores veem-se nas circumstancias de respirarem um ar cheio d'esses effluvios, e a sua intoxicação paludosa é inevitavel; quando pelo contrario a acção solar tem já elevado esses effluvios a uma dada altura, os trabalhadores do arrozal respiram um ar menos nocivo, e subtrahem-se por consequencia á mais poderosa causa da influencia morbifica dos arrozaes. Se esta circumstancia é nimamente util na direcção do trabalho agricola de todos os arrozaes; ella é indispensavel naquelles onde as irrigações não são feitas pelo processo da agua corrente.

A alimentação dos trabalhadores dos arrozaes no Concelho de Grandola é sufficiente, e de boa qualidade, e esta circumstancia tam-

beni deve concorrer poderosamente para que esta desgraçada classe da sociedade soffra o menos que fôr possível. A hygiene do trabalhador tem sido constantemente despresada; a sua ignorancia e rudeza por uma parte, e a indifferença e abandono com que os proprietarios e senhores de terras tratam este importante assumpto, são as verdadeiras causas deste indesculpavel desprezo: debaixo deste ponto de vista, a sorte dos animaes empregados na agricultura é muito melhor do que a do jornaleiro: geralmente fallando, o penso do animal é muito preferivel á hygiene do trabalhador! Quem desconhece a miseria, o desalinho, a escuridão, o pouco reparo, e a falta absoluta de todos os commodos da vida dessas espeluncas, chamadas vulgarmente «casas de malta?» alli apenas o calor d'uma fogueira aquece, senão asphyxia, uma multidão de jornaleiros, que chegando á noite, na estação invernosa, cheios de frio e talvez de fome, apenas encontram uma pobre manta quasi diaphana para se cobrirem e agasalharem? alimentando-se mezes a fio apenas de sardinhas do tempo, em principio muitas vezes de corrupção, como acontece quasi sempre na Beira! E o arrozal carrega muitas vezes com a culpa de molestias, e febres, que são o resultado simples e exclusivo desta falta absoluta de todos os commodos da vida! A robustez desta gente, e o habito adquirido de viver na miseria, e na indigencia pôde preserva-los dessas molestias por mais tempo do que outro qualquer que não tivesse tanta força de resistencia; mas de certo não poderão fazer o milagre de os tornar constantemente superiores a tantas, e tão variadas causas de destruição. A hygiene do trabalhador, especialmente daquelle que se emprega no grangeio do arrozal, não pôde deixar de merecer a sollicitude de todo o Governo humano e illustrado.

Ainda deve fazer parte deste mesmo capitulo a qualidade da agua que bebem os trabalhadores do arrozal; esta é uma circumstancia altamente importante para a hygiene do trabalhador. Todos os relatorios, que temos visto e meditado são uniformes em declarar que quando os trabalhadores do arrozal tem a fortuna de terem á sua disposição boa agua potavel, os damnos, que se dizem, provenientes do arrozal, ou desapparecem de todo, ou apenas são sensiveis; e quando pelo contrario esses trabalhadores se veem na dura necessidade de beberem aguas encharcadas, e corrompidas, elles adquirem ordinariamente febres intermittentes mais ou menos graves, que são lançadas á conta do arrozal, e muitas vezes com bem fraca razão. Isto é tanto assim que todos os annos no tempo das ceifas dos pães

nas lezírias do Ribatejo adoece um immenso numero de trabalhadores com sezões, que nem avistaram os arrozaes; e os quaes são victimas d'uma insolação violentissima, e da intoxicação lenta produzida pelo uso de aguas encharcadas, immundas, e putridas! Aqui como não existe o arrozal, a febre é attribuida a quem de direito pertence; mas logo que na localidade sazónica existe uma seara de arroz, é esta exclusivamente que carrega com a responsabilidade de todas as molestias não só dos trabalhadores do arrozal, mas ainda dos habitantes mais proximos desta cultura!

Concorre igualmente para que os trabalhadores dos arrozaes não sofram tanto no Concelho de Grandola como n'outras localidades, a sua alimentação sufficiente, e de boa qualidade. Se a hygiene em geral, pôde concorrer para se obter a isenção do trabalhador do arrozal da influencia paludosa, a alimentação que constitue a mais importante circumstancia da hygiene não pôde deixar de contribuir d'um modo muito assignalado para este importante fim. E é para notar que esta alimentação naquelle Concelho raras vezes consiste em carnes, mas ordinariamente se compõe de legumes.

Igualmente se notou que a agua de que usam os trabalhadores dos arrozaes no Concelho de Grandola é de muito boa qualidade, e não é encharcada, e corrompida, como infelizmente acontece n'outras localidades, e por isso tambem se não verificam neste Concelho os casos de molestias miasmaticas, que se observam junto aos arrozaes de outros Concelhos, restando ali sempre a duvida se a molestia é produzida pelo arrozal, se pelo uso da pessima agua, que os trabalhadores bebem.

Depois de extractarmos, e juntarmos as nossas considerações ácerca dos relatorios das Commissões filiaes dos doze Concelhos do Districto Administrativo de Lisboa, em que se cultiva o arroz; confeccionamos o mappa annexo, no qual se podem observar rapidamente as respostas dadas pelas ditas Commissões aos vinte e quatro quesitos feitos pela Commissão central do Districto; e assim com summa facilidade se pôde ver nesta taboa synoptica qual o modo por que são consideradas no Districto de Lisboa as questões mais graves de hygiene publica que prendem immediatamente com a cultura do arroz.

Estas respostas tem para nós a maior força, porque aquellas

Commissões eram compostas não só das pessoas mais respeitáveis, e mais competentes das localidades; mas sobre tudo, porque essas pessoas tinham interesses encontrados na cultura do arroz, e por isso o seu voto deve ser considerado como a expressão da verdade, e não como a traducção de interesses mesquinhos, que prendessem absolutamente as resoluções d'essas Commissões. Deste modo os Facultativos das localidades tinham de olhar o assumpto pelo lado da hygiene, os lavradores pelo da producção, e as auctoridades administrativas, e os consumidores habitantes do Concelho pelo da saude, e da riqueza do municipio conjunctamente. E' assim que o parecer de cada uma destas Commissões representa fielmente a importancia da cultura do arroz já sobre a saude dos povos, já sobre a riqueza desta industria agricola: fim ultimo, a que nos propozemos neste nosso trabalho.

Vejamos agora muito resumidamente como esses quesitos foram respondidos pelas Commissões dos doze Concelhos do Districto Administrativo de Lisboa; a saber de « Alcacer » « S. Thiago do Cacem » « Sines » « Setubal » « Alcochete » « Moita e Alhos Vedros » « Palmella » « Cesimbra » « Alemquer » « Azeitão » « Alcoentre » « Grandola. »

1.º Quesito « Ha que tempo se cultiva o arroz nas diversas localidades do Concelho? »

O maximo espaço de tempo que se encontra de cultura de arroz no Districto de Lisboa é de cem annos; e por tão dilatado espaço de tempo apenas se encontra esta cultura nos Concelhos de Setubal, e Palmella; e a não ser no de Grandola, a cultura desta graminea data de vinte annos a esta parte em todos os outros Concelhos; sendo apenas introduzida no da Moita e Alhos Vedros ha muito poucos annos.

2.º Quesito « Que culturas tinham as terras convertidas em arvores antes da cultura do arroz? »

Em quatro destes Concelhos a saber « Alcacer » « Setubal » « Alemquer » e « Grandola » a cultura do arroz foi feita em terrenos totalmente incultos, quer fossem pantanosos, quer não: nestas localidades por tanto a cultura do arroz significa um grande progresso industrial, e mesmo hygienico; n'outros quatro a saber « S. Thiago do Cacem » « Alcochete » « Moita e Alhos Vedros » e « Palmella » parte do terreno convertido em arrozal já era cultivado, ordinariamente para cereaes, e parte eram pantanos e terrenos alagadiços, verdadeiros focos de infecção miasmatica; aqui se a salubridade publica lucrou, a industria agricola entrou igualmente por muito na transformação das culturas. Finalmente nos restantes quatro Concelhos « Sines » « Cesim-

bra» «Azeitão» e «Alcoentre» os lucros produzidos pelo arroz moveram os lavradores a substituir a cultura do trigo, das batatas e outras pela do arroz como mais lucrativa, ou talvez mais adequada ao seu solo, e ás condições climatericas da sua localidade: usaram d'um direito, que se lhe não póde contestar, salvas algumas circumstancias especiaes e ponderosas. Seria para desejar o saber que quantidade de arroz tenham produzido esses terrenos, que eram destinados a outras culturas? qual a differença de lucros produzidos pelo arroz em comparação dos provenientes das outras culturas? e que influencia terá produzido nos preços de uns e outros generos, essa variação de culturas feita ha vinte annos a esta parte? mas os nossos meios statisticos fallham-nos absolutamente a este respeito. Podemos com tudo asseverar que a produção do arroz em Portugal já é tal, que se tem chegado mesmo a exportar, e que nos temos emancipado, em grande parte, do tributo que pagavamos pela vasta importação, que faziamos, desta interessante graminea! A generalisação da sua cultura, terá feito diminuir o consumo do pão, e sobre tudo das batatas? parece-nos que sim.

3.º Quesito «Eram terrenos alagadiços ou pantanosos, esses que «se converteram em arrozaes?»»

As terras que se converteram em arrozaes nestes doze Concelhos eram totalmente pantanosas em quatro, Alcacer, Setubal, Alemquer, e Grandola; em parte pantanosas e parte já reduzidas a diversas culturas em cinco; e apenas nos restantes tres é que foram na totalidade mudadas outras culturas em arrozaes; mas a maior parte das searas de arroz, que hoje existem, são todas estabelecidas em terrenos alagadiços; e veremos além disso que nessas mesmas localidades onde não se converteram pantanos em arrozaes, mas sim terrenos que já eram cultivados para diversos fins; ainda assim nesses mesmos a salubridade publica não peorou. Pela resposta a este quesito se depreheende que a riqueza publica augmentou d'uma maneira espantosa pela conversão de vastas superficies do solo paludosas, encharcadas e por consequencia inuteis, em grandes searas de arroz, a mais productiva, e mais lucrativa de todas as gramineas; e em segundo logar constituindo localidades salubres e habitaveis, sobre terrenos mephiticos e inhospitos! O exemplo mais notavel a este respeito é sem duvida alguma o de Alcacer, cuja salubridade melhorou consideravelmente depois que os sapaes que orlavam o Sado foram convertidos em fertes searas d'arroz; e posto que o deploravel estado de Coima pareça fazer um contraste perfeito com o de Alcacer; todavia as reflexões, que

adduzimos, e os factos que referimos quando extractámos o trabalho da Comissão da Moita e Alhos Vedros, deixam-nos muitas duvidas acerca da verdadeira causa da decadencia, e da diminuição da população desta desgraçada Villa.

4.º Quesito « Quaes eram as molestias mais frequentes daquellas localidades antes da cultura do arroz? »

5.º Quesito « Quaes as mais frequentes depois da mesma cultura? »

Estes dous quesitos tem tanta connexão entre si, que nos pareceu deveriamos reunir n'um só artigo, tudo quanto a este respeito nos dizem as Comissões filiaes dos diversos Concelhos. Em todos os Concelhos, excepto um, o de Aleoentre, as febres intermitentes constituíam antes dos arrozaes, e constituem ainda depois d'elle a endemia destas localidades. Donde se póde concluir que a cultura do arroz não traz á localidade da seara, nem ás suas visinhanças uma molestia nova, que alli não fosse conhecida antes d'essa cultura, por isso mesmo que Aleoentre, onde se cultiva o arroz ha onze annos, e onde não haviam intermitentes, endemicamente, antes d'essa cultura; tambem ficou iscripta da mesma endemia, depois d'ella: e onze annos successivos já é um tempo sufficiente para se poder reconhecer essa tendencia morbida, caso ella fosse a consequencia necessaria dos arrozaes. A questão por consequencia não póde ser resolvida em relação a uma molestia nova, que os arrozaes tragam ás localidades onde essa cultura se emprenhe, e se continúa em larga escala; hade ser resolvida d'outro modo, isto é, em relação ao termo medio de obitos annuaes anteriores e posteriores á cultura do arroz, em relação ao augmento, ou diminuição de população nessas localidades depois da mesma cultura, e finalmente em relação ao termo medio das vidas dos habitantes dessas localidades sujeitas á influencia dos arrozaes, em comparação do mesmo termo medio de duração das vidas daquelles, que habitam localidades onde não existem arrozaes; e tudo isso faz objecto dos Quesitos 9.º, 10.º, 11.º, e 12.º.

6.º Quesito « Até que extensão parece manifestar-se a acção mortifica dos arrozaes? »

A este quesito não satisfizeram as diversas Comissões filiaes dos Concelhos, por diversos motivos: umas porque a sua observação, e os factos colligidos neste sentido as não habilitavam para dar uma resposta decisiva: outras porque reputando os arrozaes totalmente innocentes sobre a salubridade publica, consideraram este quesito como prejudicado: outras finalmente porque existindo os arrozaes alternada-

mente lançados n'uma vasta extensão com os pantanos e com as marinhas não podiam discriminar a acção destes da daquelles, e por isso ficavam na impossibilidade de avaliarem a extensão d'esse raio de acção morbifica.

7.º Quesito « Em que direcção ficam os arrozaes em relação ás « maiores povoações do Concelho? »

A razão deste quesito era a seguinte ; como pela leitura dos diversos Hygienistas, e pelas disposições restrictivas da cultura do arroz d'alguns Estados se deprehende que os habitantes daquellas povoações que ficam na direcção mais constante dos ventos reinantes com referencia ao foco de infecção parecem soffrer mais do que aquelles que pertencendo a povoações mais proximas do centro miasmatico ou infeccioso, ficam com tudo n'uma direcção tal que as correntes dos ventos não levam nessa direcção o principio morbifico : sabendo-se ainda mais a este respeito que quando se interpõe no meio da povoação e do foco de infecção um obstaculo consideravel, como uma floresta, uma montanha, etc. essa povoação fica abrigada da acção morbifica d'esse mesmo foco : e tendo mostrado finalmente a experiencia que a acção ascendente d'esse principio miasmatico tem um certo limite, e que não passa d'uma dada altura, como se observa em Vera-Cruz ; quiz a Commissão central do Districto Administrativo de Lisboa saber o que a observação, e as statisticas davam a este respeito em Portugal com referencia aos arrozaes ; mas a inspecção do nosso mappá debaixo deste ponto de vista parece indicar-nos que as diversas povoações estão lançadas sem grande differença em todas as direcções em volta dos arrozaes, sem que dessa circumstantancia de collocação topographica relativa se possa colligir serem mais ou menos salubres as povoações, que ficam nesta, ou naquella direcção do arrozal ; e a notar-se alguma differença vem a ser a de ficar o maior numero d'essas povoações a N. ou a N. E. dos arrozaes ; e sendo os ventos mais constantes de Julho a Outubro em Portugal do N. , e do N. E. talvez por essa circumstantancia, desaperecebida até hoje, a acção morbifica dos arrozaes seja quasi nulla entre nós ; pois que nos ditos mezes, é quando se diz ser mais nociva a acção dos arrozaes. Em todo o caso não nos parece inutil esta circumstantancia para a permissão ou prohibição da seara do arroz com relação á salubridade das povoações mais consideraveis das immediações do arrozal.

8.º Quesito « Dessas povoações, quaes são as menos salubres? »

Em quasi todos os Concelhos, onde existem arrozaes, algumas povoações são mais salubres do que outras ; assim no Concelho de Se-

tubal Montalvo é a povoação menos salubre, em S. Thiago do Cacem Santo André e Melides, em Sines as ribeiras da Junqueira e dos Moinhos, em Alcochete as Rilvas e Barroca d'Alva, na Moita Coina e Alhos Vedros, em Cezimbra Alfirim e Ayanna, em Alcoentre Aljuber, e em Grandola as Aldêas altas: mas que condições de localidade, que relação de distancia, e de direcção para com os arrozaes conservam todas estas povoações menos salubres? são ellas por ventura as mais proximas dos arrozaes? ficam todas a S. ou a S. O. dos mesmos arrozaes? haverá um consideravel numero de pantanos que as cercuem? estes pantanos serão d'agua doce, ou da mistura d'agua doce, e d'agua salgada? seus habitantes serão pobres, mal vestidos, e mal alimentados? Todas estas condições de insalubridade, e outras mais, se verificam nestas desgraçadas povoações, umas n'umas, e outras n'outras, sem que possamos attribuir sempre e exclusivamente á cultura do arroz o maior ou menor grau da sua insalubridade: e quasi todas ellas já gozavam desse terrivel privilegio de inhospitalidade muito antes da cultura do arroz nas suas proximidades, como se verificava sobre tudo em Coina, nas Rilvas, e na Barroca d'Alva.

9.º Quesito « Qual o numero de obitos por anno antes da cultura do arroz, e depois della? calculado pelo termo medio de tres « annos successivos? »

A este quesito, bem como aos seguintes, que eram na verdade os mais importantes para a resolução do nosso problema, nem todos os Concelhos responderam: não só porque n'algumas localidades não estavam habilitados para a resposta, como n'outras os livros de obitos, já findos, haviam sido remettidos para o archivo da Sé a que pertenciam, e por isso ficaram na impossibilidade de satisfazer convenientemente ao quesito; mas ainda assim pelas respostas obtidas se deprehende que geralmente fallando o numero de obitos de muitas povoações depois da cultura do arroz, se não diminuiu, pelo menos conservou-se estacionario: advertindo que n'algumas localidades, como já fizemos notar, o numero de obitos diminuiu consideravelmente, por isso que as populações augmentaram: assim no Concelho de S. Thiago do Cacem, em Santo André baixou o numero de obitos annuaes de 54 a 36, e posto que em Melides augmentasse de 46 a 59, todavia a somma das duas statisticas ainda é favoravel á cultura do arroz. Em Cezimbra antes da cultura do arroz o termo medio annual de obitos era de 110, e depois passou a 120; mas em Alemquer, Azeitão e Grandola morre muito menos gente depois do desenvolvimento dos arrozaes que antes d'elles. De modo que reduzindo a ci-

frase o resultado total das comparações de todos os Concelhos produtores d'arroz, podemos asseverar que o termo medio dos obitos annuaes antes da cultura do arroz está para esse mesmo termo medio posterior á dita cultura como 1,14:1.

10.º Quesito «Qual a população em relação a cada um destes «triennios?»»

A não ser no Concelho da Moita por causa da Villa de Coina, em todas as outras localidades a população tem augmentado depois do estabelecimento dos arrozaes: sendo este augmento muito sensivel em Alcoentre onde de 2:900 almas passou a 3400 no periodo apenas de tres annos!

11.º Quesito «Qual o termo medio das vidas nos logares sujeitos á influencia dos arrozaes?»

12.º Quesito. «Qual o termo medio das vidas nos outros logares?»

O termo medio da vida tanto dos habitantes sujeitos á influencia dos arrozaes, como daquelles que vivem a longa distancia desta cultura, não é uma circumstancia que deponha contra os arrozaes, pelo menos no Districto Administrativo de Lisboa; e assim o termo medio das vidas no Concelho de Palmella nas localidades onde não existem arrozaes é de 40 a 50 annos, em quanto que esse termo medio para aquelles que vivem sob a influencia dos mesmos arrozaes é de 50 a 60. O mesmo se observa em Cezimbra e Alemquer; sendo esse termo medio igual para uns e outros no Concelho de Alcoentre. O Concelho de S. Thiago do Cacem offerece debaixo deste ponto de vista factos curiosos. Em Melides e Santo André, que são duas Freguezias, que se podem considerar como um continuo arrozal, a duração media das vidas é apenas de 24 annos! e na Villa fóra do alcance dos arrozaes o termo medio das vidas é de 32 annos; o que parecia estar em harmonia com o que se lê em muitos hygienistas acerca da influencia dos arrozaes sobre a duração das vidas; mas no mesmo Concelho, e a longa distancia dos arrozaes, e subtrahidos seus habitantes a toda a acção desta cultura, encontram-se as Freguezias de S. Domingos, onde a duração media é de 25 annos; e na Abella apenas de 22 annos, como em Melides, collocados com tudo seus habitantes em circumstancias totalmente oppostas quanto aos arrozaes!

13.º Quesito «A cultura do arroz é contínua, ou por follas?»

A pratica dos afolhamentos marca a época mais illustrada, e mais aperfeçoada da agricultura d'um povo, como já tivemos occa-

são de dizer: sua influencia economica, sua racionalidade doutrinal eram vantagens, que se lhe reconheciam em toda a parte, e debaixo de circumstancias as menos favoraveis; mas era necessario tambem ver se debaixo do ponto de vista hygienico esta excellente pratica poderia igualmente considerar-se, como preferivel a outra qualquer. A cultura do arroz era na verdade a mais propria para avaliar a influencia desta pratica agricola sobre a saude tanto dos trabalhadores dos arrozaes, como dos habitantes das proximidades dos mesmos arrozaes, e effectivamente a leitura do que se passa a este respeito entre nós em todos os Concelhos productores de arroz, justifica a excellencia deste systema de cultura, ainda mesmo debaixo do ponto de vista da saude publica. Nem podia deixar de assim ser, por quanto concedendo a hypothese menos vantajosa para os arrozaes, isto é, que o arrozal em si, ou o seu grangeio constitua um foco de infecção para o trabalhador, e para o habitante das proximidades do arrozal: é evidente que o systema da cultura alterna, reproduzindo estas circumstancias desvantajosas só de annos a annos, segundo a folha fôr bi, tri, ou quadrienal, deixa um certo numero de annos intercalares, em que não se regenera esse foco de infecção; e como além disto neste systema a terra não descança, segue-se igualmente que naquelles annos, em que não tem lugar a folha = arrozal = o amanho, e os labores do solo necessarios e indispensaveis para est'outras culturas destruirão infallivelmente os canteiros e comoros que se haviam feito para o arrozal, e por consequencia todos os obstaculos, que se oppunham ao livre curso das aguas, e que tem sido constantemente reputados o maior dos inconvenientes das searas do arroz.

Dos doze Concelhos do Districto Administrativo de Lisboa, onde se lavra o arroz em larga escala, oito cultivam o arroz por folhas, e apenas em quatro essa cultura é continua, a saber S. Thiago do Cacem, Moita e Alhos Vedros, Palmella, e Cezimbra: e note-se com toda a consideração que é justamente nesses Concelhos, onde a cultura do arroz é continua, que se verificam esses factos desgraçados que ainda entre nós tanto parecem depôr contra esta importante cultura: assim nós vemos que é no Concelho de S. Thiago do Cacem, onde a cultura do arroz é continua que os desgraçados habitantes de Santo André attingem apenas 22 annos de idade! e no Concelho da Moita, onde a cultura do arroz é continua, que desappareceu quasi totalmente a Villa de Coima!

- Eu não posso affirmar que entre estes diversos factos exista uma relação exacta e constante de causa a effeito; só digo que é muito

para notar a coincidência de duas circumstancias tão importantes de baixo do ponto de vista hygienico, terem-se verificado justamente naquellas localidades onde a cultura do arroz é feita pelo systema continuo. Para attenuar a má impressão que este methodo de cultura pôde produzir no espirito de muita gente o nosso mappa tambem mostra que nos Concelhos de Palmella, e Cesimbra por exemplo, onde a cultura do arroz não é feita pelo systema alterno, as suas populações tem augmentado, e o termo medio das vidas não tem diminuido; ainda que nestes Concelhos a irrigação se faz por meio d'agua corrente, o que attenúa d'uma maneira espantosa a nocividade dos arrozaes, como passamos a ver.

14.º Quesito « Qual é o systema de irrigação adoptado? Que altura tem os taboleiros? e que altura tem a agua nelles contida? »

15.º Quesito « A agua é corrente, ou encharcada? »

A experiencia tem demonstrado que a irrigação dos arrozaes é a circumstancia mais attendivel desta cultura com respeito á salubridade publica. Se os taboleiros dos arrozaes são cheios d'agua até certa altura, se essa agua se deixa estagnar nos mesmos taboleiros por mais ou menos tempo, mas que seja o necessario para nella apodrecerem os detritos organicos, que sempre contém, se a irrigação das searas do arroz se faz periodicamente, mas se essa agua, que tem de servir ás irrigações é conservada em reprezas ou charcos mal construidos, e onde se verificam todas as circumstancias proprias para se estabelecer a putrefação das mesmas substancias organicas; em qualquer destes casos os alagamentos, ou a repreza tomarão o character de verdadeiros charcos ou paues, e por consequencia acarreterão consigo todos os effeitos nocivos dos focos d'infeccão altamente prejudiciaes á salubridade publica. Se pelo contrario a agua para as irrigações dos arrozaes fôr abundante, e se não soffrer demora alguma ou muita pouca quer nos alagamentos, quer nas reprezas, se se lhe der esgoto sufficiente, e depois de ter servido ás irrigações passar immediatamente para alguma ribeira ou canal, que lhe dê prompta sahida, nestes casos a experiencia demonstra que a acção dos arrozaes sobre a saude do traballador, ou dos habitantes proximos aos arrozaes em nada se assemelha á dos pantanos, charcos, e sapaes, como se observa nos Concelhos de Alcacer, Sines, Cezimbra, Alemquer e outros; chegando-se mais a perceber que a conversão dos pantanos, charcos, e sapaes em searas de arroz melhora consideravelmente a salubridade publica, como se notou em Alcacer, e Otta sobre tudo.

E quando se nota a grande divergencia, a até mesmo a opposi-

são statistica que reina entre os diversos observadores desta especialidade; essa divergencia e opposição vê-se que nasce ordinariamente do modo diverso por que se tem attendido, ou não, a esta importantissima circumstancia da cultura do arroz. Quando extensas e bellas varzeas, que eram destinadas a varias culturas saxadas, se convertem em arrozaes, e em virtude da escacez da agua corrente os proprietarios, ou cultivadores constituem dos alagamentos dos arrozaes pantanos continuos, ou constroem reprezas com todos os vicios e defeitos de verdadeiros charcos, sem duvida alguma a cultura do arroz nessa localidade, e estabelecida d'um tal modo, foi um grande erro, ou talvez um crime atroz! mas quando em virtude da abundancia d'agua corrente taes reprezas são desnecessarias, quando a irrigação dos arrozaes é perenne e continua, ou quando o arrozal substitue o charco, o sapal, ou o pantano, nesses casos a cultura desta utilissima graminea retribue largamente as despezas e os trabalhos do seu grangeio, não só por lucros consideraveis; mas, e sobre tudo, pelo melhoramento operado nas condições da salubridade d'esse povo, que se votou a este ramo de industria agricola. Eis-aqui pois como interpretamos a antinomia, que reina nos diversos escriptos ácerca da influencia malefica, ou vantajosa dos arrozaes sobre a salubridade das povoações circumvisinhas. De tudo isto temos exemplos concludentes em Portugal. A Lei por consequencia não póde deixar de attender a todas estas circumstancias, que devem presidir ás irrigações dos arrozaes, para assim permittir uns, e prohibir severamente outros.

16.º Quesito «A terra, em que assenta o arrozal, é barro, arêa, «ou terreno calcareo?»

Os agronomos mais respeitaveis tratando da influencia, que os arrozaes exerciam sobre a salubridade publica haviam notado que quando o arrozal assentava sobre um solo calcareo a influencia nociva dos arrozaes era menos sensivel: esta circumstancia não podia por consequencia deixar de ser investigada e apreciada para ver até que ponto a legislação restrictivá a devia tomar em linha de conta; mas o exame dos nossos relatorios, e a inspecção da tabella não nos auctorisava a confirmar ou invalidar a crença d'esses agronomos pelo que se passa em Portugal: quasi todos os arrozaes, pelo menos no Districto Administrativo de Lisboa, estão assentes em solos mistos, argilo-siliciosos, ou argilo-calcareos; n'um terreno salgado no Concelho de Alcochete e em solo calcareo apenas no Concelho de Palmella, onde na verdade a influencia nociva do arrozal não se chega a perceber; quer se queira avaliar pelo acrescimo da população, quer pelo numero de

obitos annuaes, quer finalmente pelo termo medio das vidas de seus habitantes.

17.º Quesito « A que horas principia e acaba o trabalho dos ar-rozaes? »

18.º Quesito « Qual é a sustentação dos trabalhadores? »

19.º Quesito « Sofrem mais os trabalhadores proprios da locali-dade, ou os de fóra? »

20.º Quesito « Bebem todos agua da localidade dos arrozaes? e « essa agua tem as condições de agua potavel? »

21.º Quesito « Quaes são as horas do dia, em que mais frequen-temente costumam adoecer os trabalhadores dos arrozaes? »

22.º Quesito « Tem-se por ventura reconhecido que a hygiene « dos trabalhadores dos arrozaes os preserva da infecção paludosa? »

Estes seis quesitos, e sobre tudo o ultimo, que é a recapitulação de todos os outros, são da maior importancia para a resolução do problema que tratamos esclarecer; por quanto se se demonstrar que as pessimas condições hygienicas, em que vivem os trabalhadores dos arrozaes, a comida insalubre e diminuta de que usam, a agua pessima que bebem, o pouco agasalho que teem durante a noite, e a cacimba, a que se expõem em certas horas do dia, são as causas de suas enfermidades, e das febres que os dizimam; daqui resultarão duas consequencias da maior transcendencia — primeira a de evitar essas molestias melhorando todas as condições hygienicas do trabalhador — segunda não lançar á conta da infecção do arrozal, o que é apenas consequencia necessaria de desvios hygienicos, que commettidos por trabalhadores d'outra qualquer cultura teriam os mesmos resultados.

Vejamos agora o que os relatorios que temos examinado dizem a respeito de objecto tão grave. Os trabalhadores dos arrozaes em grande numero de localidades pegam e largam o seu trabalho ás mesmas horas, em que elle principia, e acaba para todos os trabalhos agrarios; porém n'alguns Concelhos, como por exemplo no de S. Thiago do Cacem, no de Setubal, e no de Grandola talvez por terem observado que é pela manhã cedo, e depois do occaso do sol que tem logar o maior numero de invasões febris, nos logares onde as intermittentes são endemicas, fazem uma excepção relativamente ao trabalho das searas do arroz, não começando o trabalho senão depois do sol nado, e fazendo-o terminar algum tempo antes de se pôr. Esta pratica parece-nos a mais rasoavel, e a mais conforme aos principios da sciencia; seria uma pratica, que muito desejaríamos ver estabelecida como regra não só para este trabalho dos arrozaes, mas em ge-

ral para todo o trabalho do campo, onde hajam paúes, ou pantanos: acreditamos que com esta reserva, posto que diminuisse o numero das horas do trabalho, havia de lucrar muito a saude do trabalhador. E o que é uma ou duas horas de trabalho por dia em comparação da saude e da vida de um homem?

A sustentação dos trabalhadores tanto com relação á quantidade, como, e especialmente, com relação á qualidade em todo o nosso paiz é insufficiente e má: pão de toda a farinha, ou brôa (pão de milho) com algum bacalhau crú, ou apenas assado, sardinha assada ou cavalla, eis-aqui em que consiste quasi geralmente a sustentação do trabalhador em Portugal: raras vezes comem carne, e os legumes cozidos nem todos os teem algumas vezes por semana: observar o alforge do trabalhador da lesiria, em que leva o provimento para toda a semana, inspeccionar uma *casa de malta*, ou uma arribana no campo, é bastante para ter o quadro da miseria, da pobreza, da immundicie, e do desagasalho em que vive esta pobre gente: se pois a infecção paludosa não respeita o homem bem nutrido, e cereado de todos os commodos da vida, como ha-de o desgraçado trabalhador poder lutar contra tantas causas de destruição, que o cercam por todos os lados, e accommettem incessantemente sua saude, e sua vida? não é possível; nesta lucta tão desigual o trabalhador succumbe.

Mas se a tudo isto juntarmos os desvios, que elles commettem todos os dias com as bebidas alcoolicas, que hem dirigidas poderiam ser um forte meio preservativo contra a infecção paludosa, nós reconheceremos então que o que admira é que sua constituição seja assaz forte para resistir por tanto tempo a tantas causas de destruição. Quando chegará a época em que a hygiene publica possa dirigir, e proteger estes desgraçados, e fazer-lhe conhecer a utilidade e vantagens de seguir um certo numero de preccitos, que torne sua vida menos incommoda, e a sua saude menos arriscada? É para este fim altamente humanitario que devem convergir os esforços da philantropia, e sôbre tudo da caridade.

Apenas os relatorios nos dizem que a sustentação é boa para os trabalhadores dos arrozaes de Alcacer, S. Thiago do Cacem, e de Grandola, que é a ordinaria para os de Sines, Setubal, Alemquer, Azeitão, e Alcoentre, e má para os de Alcoentre, Moita, Palmella, e Cezimbra; e posto que não vejamos pelos mesimos relatorios que o numero das enfermidades e sua gravidade corresponda nas diversas localidades á melhor ou peor comida dos trabalhadores dos arrozaes, com tudo sempre notaremos que as Rilvas, Barroca d'Alva, Coia,

Alhos Vedros, Ribeira da Junqueira, e dos Moinhos, que são as localidades onde ha arrozaes menos salubres, pertencem igualmente áquelles Concelhos onde a sustentação do trabalhador não é a melhor, e a mais substancial.

Ainda que o inquerito feito por todo o paiz não justificasse a previsão medica, a doutrina é tão racional, e tão axiomática para todos os hygienistas, que nem por momentos se poderia duvidar que uma boa alimentação fosse um poderoso preservativo contra a acção morbífica de qualquer principio infeccioso, ou miasmático, e que nos regulamentos hygienicos, que devem presidir á alimentação, e mais cautélas com o fim de resguardar a saude e a vida do trabalhador do arrozal, a sua sustentação deve merecer o maior cuidado. Um celebre escriptor, o Conde Gasparim, intende que se os lavradores dos arrozaes fossem obrigados a nutrir, e nutrir bem os seus trabalhadores, e mesmo a dar-lhes vinho, ou alguma bebida espirituosa em certas épocas da cultura, se ministrassem uma dada quota para os hospitaes, onde se vão tratar os trabalhadores de seus arrozaes quando adoecem, e finalmente se prestacionassem por algum tempo as viúvas e as orphãs dos trabalhadores que falleceram em consequencia de molestias adquiridas durante o tempo da cultura do arroz: esses lucros excessivos, que proveem desta cultura não seriam por certo maiores do que aquelles que poderiam tirar d'outra cultura menos arriscada; ou então os mesmos lavradores ver-se-hiam obrigados a seguir practicas agricolas, mais dispendiosas talvez, mas totalmente innocentes para a vida e saude de seus trabalhadores. E se fossem obrigados a tudo isto, continúa o celebre Agronomo Francez, não se lhe faria injustiça ou vexame algum, mas simplesmente se lhe applicava o principio inconcusso de direito que aquelle que faz o mal é obrigado a resarei-lo. Mas em quanto por este, ou outro qualquer modo não se enfrear a descomedida ambição d'alguns proprietarios, a vida, e a saude do pobre trabalhador será sempre o ultimo assumpto a considerar-se nesta industria agricola.

Nos Concelhos de Alcochete, Moita, e Alhos Vedros, Palmella, Alemquer, e Grandola tem-se notado que são mais acommettidos das febres miasmáticas os trabalhadores dos arrozaes, que veem de fóra, do que os da localidade. Nem podia deixar de assim ser, a aclimação paga-se sempre, e sempre cara: as leis do habito fazem com que o homem que vive costumado a uma circumfusa viciosa por fim zombe d'esse principio infeccioso, que é um toxico poderoso para aquelle que o absorve pela primeira vez: os livros da sciencia estão cheios

de factos analogos, e Portugal não podia vir estabelecer uma excepção á regra geral, que é a formula synthetica de milhares de observações colligidas com o maior trabalho e desvelo possivel.

Já ponderamos no decurso deste nosso trabalho, e não nos cansaremos de o repetir que a pessima agoa de que fazem uso os trabalhadores dos arrozaes em muitas localidades concorre poderosamente, e algumas vezes talvez exclusivamente, para a producção das febres miasmaticas pantanosas, que vulgarmente se attribuem á acção dos arrozaes; isto é tanto assim que nos campos do Ribatejo em localidades onde se não cultiva o arroz, o uso das aguas estagnadas e corrompidas só por si costuma fazer bastantes vezes febres de mau caracter. Nos Concellios de S. Thiago do Cacem, e da Moita as proprias Commissões declararam em seus Relatorios não ser boa a agua de que fazem uso os trabalhadores dos arrozaes destes dous Concelhos.

Com relação ás horas do dia, em que ordinariamente costumam ser accommettidos das febres miasmaticas pantanosas os trabalhadores dos arrozaes, responde a Commissão de inquerito de Alcaer que até ás duas horas da tarde; a de Setubal que de madrugada; a de Alcochete que de manhã cedo e á noite; e a de Azeitão que tambem á noite, ou então debaixo de um sol intenso. As outras Commissões ou não responderam ao quesito, ou declararam não se ter notado periodo algum do dia em que parecesse que os trabalhadores dos arrozaes eram mais accommettidos; todavia o facto attestado pelas Commissões de Alcaer, Setubal, Alcochete, e Azeitão, e além d'isso as observações feitas em todos os paizes, onde existem as endemias das febres paludosas, inclusivamente nas nossas possessões africanas, auctorizam-nos a acreditar que as horas em que se corre maior risco de ser accommettido de taes febres, são as da madrugada até ao nascer do sol, e as de vespera depois do seu occaso; o que deve importar comsigo preceitos hygienicos quanto ás horas, em que deva principiar e acabar o trabalho na cultura do arroz.

O quesito n.º 22 é a conclusão ou epilogo de todos os outros que dizem relação á hygiene do trabalhador do arrozal; e depois de reflectir em todos elles será facil de deprehender que as condições hygienicas, em que se acharem os trabalhadores dos arrozaes serão a mais poderosa circumstancia para evitar a infecção paludosa, quando esses preceitos hygienicos forem religiosamente cumpridos; ou uma forte causa predisponente, e até occasional dessas mesmas febres quando desprezados em todo, ou em parte. Chegamos mesmo a acreditar mais que quando o trabalhador do arrozal desprezar, ou igno-

rar taes preceitos, não só esse seu estado de abandono o pôde pre-dispor para contrahir as febres paludosas, mas elle só por si poderá occasionar molestias, que erradamente se attribuem á infecção do arrozal: esta hypothese estamos persuadidos que se verifica immensas vezes, e que tem concorrido para augmentar o susto da infecção paludosa do arrozal, que muitas vezes não existirá.

Em todo o caso o Governo, a quem incumbe a suprema inspecção ácerca da vida e saude de todos os subditos do Estado, não pôde deixar de intervir neste assumpto regulando o modo por que a industria agricola do arrozal se deva dirigir sem que a vida e a saude do jornaleiro seja compromettida, ou posta em risco pelo desvio abusivo dos mais singelos preceitos de hygiene. Nós estamos plenamente convencidos que desde o momento em que o proprietario ou seareiro fôr obrigado a fazer cumprir um certo numero de preceitos hygienicos aos seus trabalhadores, a cultura do arrozal tornar-se-ha, quasi, tão innocente, como a de outra qualquer graminea; não tendo esta de particular senão a necessidade da irrigação perenne, cujos effeitos desastrosos, senão se podem evitar absolutamente, podem com tudo ser diminuidos ou annullados quasi totalmente. Todo o decurso desta Memoria comprova a verdade desta crença. E assim como sobre todas as industrias insalubres, e incommodas o Governo intervem com grande proveito da saude publica, não vemos motivo algum, pelo qual não se deva fazer outro tanto a respeito desta industria agricola?

23.º Quesito « Em que época do anno costumam ser mais frequentes as febres dos trabalhadores dos arrozaes? »

Em todas as localidades onde se cultiva o arroz em Portugal, a época do maior desenvolvimento das febres miasmaticas junto dos arrozaes coincide exactamente com aquella, em que essas mesmas febres reinam d'uma maneira assustadora nos logares onde a cultura do arroz é totalmente desconhecida: não será isto uma prova de que essas febres que a crença do vulgo tem attribuido á influencia desta cultura, seja antes o resultado de causas geraes inherentes a essas mesmas épocas do anno? sobre tudo a acção intensissima d'um calor albrador, sobre as aguas encharcadas? acreditamos que sim; mas redarguir-nos-hão, que como o arrozal alimenta pelo processo da sua cultura essas aguas encharcadas, o arrozal favorece por consequencia uma das circumstancias essenciaes da producção de taes febres: o argumento colheria se acaso nós concedessemos que o arrozal não poderia subsistir sem que os alagamentos necessarios para esta cultura se convertessem em verdadeiros pantanos; mas isso é, não só o que

absolutamente negamos, mas aquillo a que tende todo este nosso trabalho é justamente para evitar e prohibir que já mais o arrozal seja entretido de modo que possa assumir o caracter, e as condições dos verdadeiros pantanos.

24.º Quesito « Em relação á cultura do arroz, durante que trabalho da mesma cultura, costuma ser maior o numero dos accommettidos? »

Como se tenha asseverado umas vezes que o arrozal tinha em si um principio especial, que é capaz de intoxicar os trabalhadores do mesmo arrozal, e todos quantos o respirassem, independentemente das causas geraes de insalubridade provenientes das aguas encharcadas dos canteiros; outras vezes que na época da cultura do arroz, em que as corolas de suas flores cahiam na agua dos alagamentos eram estas que iam produzir esse principio infeccioso do arrozal: tornava-se por consequencia necessario avaliar estas diversas opiniões ou crenças pelo resultado apresentado pela observação e pela experiencia com relação a este quesito vigesimo quarto: e a resposta que se obteve de todos os pontos onde se cultiva o arroz, é que durante a *monda* e a *ceifa* é quando maior numero de trabalhadores costuma ser affectado das febres intermitentes; ora desta resolução do quesito resultam já duas grandes verdades — primeira que não provem a infecção da corola da planta, porque essa já não existe nem na flôr nem nos alagamentos no tempo da ceifa: — segunda que sendo estes trabalhos feitos, não só naquellas épocas do anno em que as sezões costumam ser muito frequentes naquellas localidades mesmo onde não existem arrozaes, como tambem debaixo de circunstancias as mais desvantajosas que é possivel para o trabalhador por existir mergulhado em agua e debaixo da acção abrasadora d'um sol intensissimo; custa na verdade a crer que não sejam estas as causas unicas da producção das febres intermitentes, sem estar a recorrer a um principio apenas imaginado, e talvez só creado, por esta tendencia ontologica tão propria do espirito humano!

As respostas dadas a estes vinte e quatro quesitos, e as considerações, que, em seus relatorios cada uma das Commissões dos Concelhos, onde existem arrozaes, apresentou ácerca desta grave questão já nos habilitam para apresentarmos algumas consequencias deduzidas de tantos e tão importantes factos, e que poderão talvez servir para bases d'uma legislação esclarecida e providencial ácerca do modo de limitar o uso do direito de propriedade individual em beneficio da communidade inteira.

Julgamos igualmente que neste nosso trabalho não se omittiu circumstancia alguma importante, que podesse servir para esclarecer e resolver o problema; por quanto nestes quesitos, e nos relatorios das Commissões, onde se encontram os fundamentos das respostas dadas, estão incluídas todas as considerações que se podiam e deviam fazer tanto ácerca da natureza do solo, e processo de cultura, como com relação á hygiene do trabalhador desprezada entre nós, não só com referencia a esta cultura, como tambem a todos os trabalhos e serviços agricolas. E na verdade se o arrozal pôde causar a insalubridade do local onde esta cultura tem logar, isto não pôde ser senão, ou porque as condições das localidades proprias para esta cultura não podem deixar de ser prejudiciaes á saude publica, ou porque o processo da cultura é vicioso e nocivo, ou porque a propria planta o é em algum dos periodos da sua vegetação, ou finalmente porque os trabalhadores dos arrozaes não teem em si todo o cuidado, que lhes cumpria ter, segundo os principios d'uma hygiene razoavel, e esclarecida: afóra isto só por causas geraes, e estranhas á cultura do arroz se poderá explicar a sua nocividade tanto para com os trabalhadores, como para com aquellas pessoas, que vivem a uma certa distancia do arrozal.

O inquerito, a que se procedeu por meio das Commissões creadas nos diversos Concelhos productores de arroz, podia ser substituído por outro meio, que vinha a ser o de crear uma Comissão especial, que fosse visitar essas localidades, e examinar por si mesma os resultados da cultura do arroz sobre a salubridade das diversas povoações, e sobre a dos proprios trabalhadores empregados no grangeio do arroz. Ha mesmo quem queira que este meio seja preferivel áquelle. Sem entrarmos agora no exame e apreciação das vantagens e desvantagens relativas dos dous systemas, apenas diremos que nós fizemos obra, por aquelle que se nos offereceu, e é o resultado desse nosso estudo, e d'esse nosso trabalho, que temos hoje a honra de apresentar a esta Academia. Não podemos com tudo deixar de acrescentar, e de repetir que o modo, por que essas Commissões foram creadas, e os variados elementos de que se compunham, dão fortes garantias ás suas opiniões, e que sempre que ellas sejam uniformes, teem para nós o maior valor, e importancia.

Para completarmos a noticia de todos os esclarecimentos de facto, que hoje existem ácerca desta importante questão, não só com relação á Provincia da Extremadura, como ás outras do Reino, onde se cultiva o arroz, juntaremos aqui como appendice o Relatorio do Con-

selho do Instituto Agricola de Lisboa com data de Maio de 1855, o qual foi elaborado sobre os Relatorios especiaes dos Districtos Administrativos de Aveiro, Coimbra, Evora, Leiria, Portalegre, e Santarem: e deste modo podemos considerar nas circumstancias de apresentarmos as nossas conclusões geraes baseadas sobre o maior e mais authenticico numero de factos, que existem ácerca deste assumpto no paiz.

Ordena o Governo de Sua Magestade em Officio de 26 de Abril ultimo, que o Conselho Escolar deste Instituto informe o que se offerecer ácerca dos relatorios das Commissões creadas nos Districtos Administrativos de Aveiro, Coimbra, Evora, Leiria, Portalegre, e Santarem para estudarem a influencia da cultura do arroz sobre a salubridade publica; declarando outro sim no mesmo Officio, que, se as opiniões dos membros do Conselho do Instituto não forem unanimes, subam ao referido Ministerio os votos particulares com os seus respectivos fundamentos. — O Conselho Escolar, prestando a assumpto tão importante toda a attenção de que é capaz, observa em primeiro lugar, que, tendo em vista o Governo, na sua Circular de 15 de Fevereiro de 1854, uma especie de inquerito ácerca dos factos, que era necessario estudar nos diversos Districtos Administrativos em que se cultiva o arroz, para com elles se poder chegar á resolução de problemas os mais importantes, não só sobre a saude publica, como sobre uma industria tão lucrativa, lamenta que todas as Commissões creadas, cujos relatorios teem á vista, tivessem podido obter tão poucos dados statisticos, que mal podem servir para assentar uma resolução definitiva: verdade é que as proprias Commissões creadas confessam unanimemente esta verdade em seus relatorios, chegando a Comissão de Coimbra a exprimir-se do seguinte modo — não é *a priori* que questões de tal natureza se devem decidir, mas sim e sómente por meio de factos bem averiguados deduzidos da observação e da experiencia — Não são menos significativas as palavras da Comissão creada no Districto de Aveiro, que diz assim — para avaliar devidamente a influencia que o progresso desta cultura tenha tido na salubridade publica, fõra mister comparar entre si as diversas statisticas pathologicas e necrologicas organisadas antes e depois da mesma cultura, mas estes dados falham absolutamente — Mas, ainda assim, o

Conselho Escolar entende que as ditas Commissões são dignas de elogio porque se não apresentaram statisticas rigorosas, colheram, todavia, os factos mais bem averiguados dos respectivos Districtos, e todas ellas estudaram a questão profundamente no campo da doutrina e da sciencia. O Conselho Escolar viu a par d'isto, que os mesmos factos observados em diversos Districtos Administrativos eram interpretados de modos oppostos pelas ditas Commissões, conforme as idéas doutrinarias e as apprehensões que dominavam as mesmas Commissões: por exemplo, a Commissão de Aveiro observa que os Concelhos de Aveiro, de Sousa, e de Vagos tem melhorado em relação á salubridade publica depois da cultura do arroz, e que se nos Concelhos de Ilhavo, de Eixo e de Ovar tem peorado depois da cultura, não é isso devido a esta, mas sim a circumstancias locais destes Concelhos, sobre tudo á existencia dos pantanos nos mesmos Concelhos: a Commissão de Santarem, pelo contrario, attribue o maior numero de febres intermitentes dos Concelhos de Ulme e Muge, á cultura do arroz nestas localidades, e o beneficio que a salubridade publica tem tirado em Alcaacer do Sal depois da cultura do arroz attribue-a a dita Commissão, não á cultura d'aquella graminea, mas sim ao esgoto dos pantanos, a que tem sido necessario proceder para o estabelecimento dos arrozaes. O Conselho Escolar no meio de tão encontradas opiniões, fará em primeiro lugar sobresair os factos mais bem averiguados, que se encontram nos seis relatorios, que lhe foram presentes, e depois emittirá com franqueza a sua opinião acerca de assumpto tão grave e ponderoso.

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE AVIERO = A cultura do arroz principiou neste Districto ha quinze annos; foi em 1840 que se fizeram as primeiras searas no Concelho de Oliveira do Bairro; hoje tem-se espalhado esta cultura por dezeseis Concelhos, e assevera a Commissão, que neste periodo não se tem notado que as molestias epidemicas tenham augmentado, nem mesmo tomado peor indole, antes pelo contrario o estado da salubridade publica tem melhorado depois da cultura do arroz nos Concelhos de Aveiro, Sousa, e Vagos, e posto que não se possa dizer outro tanto a respeito dos de Ilhavo, Eixo e Ovar, a Commissão entende que o peor estado da saude publica nestes Concelhos não é devido á cultura do arroz, mas a outras causas; por quanto nestes Concelhos é onde a dita cultura se faz em menor escala; além d'isso tanto soffrem os trabalhadores dos arrozaes, como as pessoas estranhas a este grangeio; por isso a dita Commissão conclue = 1.º que os arrozaes não são nocivos á saude publica, uma vez que

se adopte a rega continua, ou periodica = 2.º que os terrenos pantanosos tornam-se salubres pelos arrozaes convenientemente regados = 3.º que é necessario um regulamento especial, que evite os abusos que se podem fazer desta cultura.

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE COIMBRA = A Commissão central deste Districto nomeou Commissões filiaes nos Concelhos de Soure, Figueira, Monte-mór o Velho, Cantanhede, e Condeixa, que eram aquelles aonde se dava a cultura do arroz: todas estas Commissões, excepto a de Monte-mór o Velho, são de opinião que os arrozaes são innocentes, uma vez que sejam methodicamente regados, mas a Commissão de Monte-mór o Velho, não só quer que os arrozaes tenham sobre a saude publica todos os maus effectos dos pantanos, mas que a propria planta do arroz é dotada de um agente morbifero, que em certos periodos da vegetação ataca os individuos occupados nesta industria, e mesmo os outros que ficam dentro do raio da sua acção. A Commissão central do Districto não partilha estas idéas, mas tambem não refere no seu relatorio quaes foram as razões que levaram a Commissão de Monte-mór o Velho áquella conclusão. A Commissão de Coimbra entende que a cultura do arroz não é prejudicial á saude publica, com tanto que se façam observar rigorosamente as seguintes condições sobre o methodo desta cultura = 1.ª não permittir nos terrenos preparados para a sementeira do arroz a formação de taboleiros, canteiros, ou comoros para represar as aguas da rega = 2.ª prohibir expressamente o systema de regadura por estagnação d'agua, reduzindo por este modo os terrenos da cultura do arroz a especie de charcos, ou pantanos = 3.ª permittir sómente o systema de regadura periodica, como a que se costuma praticar nas searas do milho = 4.ª ou o systema de regadura perenne, ou continua, mas com agua sempre corrente dentro das searas = 5.ª obrigar os proprietarios, ou os colonos a alqueivar os terrenos das culturas logo depois da ceifa das searas = 6.ª e a dar vasão corrente ás aguas, depois da regadura.

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE EVORA = A opinião do Districto Administrativo de Evora, póde servir mais pelas considerações doutrinarias que encerra, e pelo estudo que revela do que se tem passado nos paizes estrangeiros, do que pelos factos verificados naquelle Districto, por quanto esta mesma Commissão declara que a cultura do arroz é alli ensaiada ha muito pouco tempo, e em tão pequena escala, que antes se póde considerar como um objecto de curiosidade do que como especulação agricola, ou economica. Em todo o caso a Commissão entende que a cultura do arroz não póde ser prejudicial senão quando

o methodo de irrigação adoptado fôr tal que os canteiros dos arrozaes se aproximem nas suas condições ás dos pantanos.

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE LEIRIA = A opinião da Commissão creada neste Districto, concebida em muito poucas palavras, é todavia de bastante pezo, porque assenta sobre informações obtidas das Camaras, e dos Medicos municipaes do Districto: ella conclue do seguinte modo = que a cultura do arroz será innocente todas as vezes que se derem as seguintes condições = 1.^a uma certa inclinação nos terrenos destinados ás searas do arroz = 2.^a que os canteiros sejam de uma limitada extensão = 3.^a que tenham marachões largos e firmes = 4.^a que sejam circumdados de uma valla com bastante declive = 5.^a finalmente, que logo depois da ceifa se destruam os comoros e se alqueive o terreno, como tambem o propoz a Commissão do Districto de Coimbra. Com estas condições a Commissão de Leiria entende que não só a cultura do arroz é innocente, mas que ella póde melhorar a salubridade das localidades proximas a sitios pantanosos, como aconteceu ao paul d'Aboboriz proximo á Freguezia da Amoreira no Concelho de Obidos.

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE PORTALEGRE = Do Districto de Portalegre vieram dous relatorios, que o Conselho Escolar reputa de grande valor, porque pertencem a duas localidades aonde a cultura do arroz tem tomado grande desenvolvimento, que são os Concelhos do Gavião, e Ponte de Sôr. A Commissão creada na Villa do Gavião emittindo a sua opinião, fundada simplesmente nas observações do que se passa naquelle Concelho, declara que não se póde convencer que as febres intermitentes que reinam em larga escala em volta dos arrozaes no tempo da sua cultura, sejam effeitos d'essa mesma cultura, por quanto essas mesmas molestias e com igual intensidade reinam nas outras localidades daquelle Concelho aonde não ha searas de arroz: além d'isso declara a mesma Commissão, que dous methodos de rega se usam naquelle Concelho, e vem a ser o de estagnação periodica, e o de irrigação continua, que este segundo methodo, sendo muito mais vantajoso que o primeiro, ainda tem alguns inconvenientes: taes são = 1.^o uma tal ou qual estagnação d'agua nos taboleiros, mormente na parte mais proxima aos comoros lateraes, inconveniente que será tanto maior, quanto maior fôr a sua superficie = 2.^o que no tempo da monda, da ceifa, etc. sendo necessario enxugar os canteiros evolve-se então grande quantidade de gases mephiticos pela putrefacção das materias organicas = 3.^o que seja qualquer o methodo de irrigação que se empregue, as arvores, ainda as mais avi-

das de humidade, que existem dentro, ou proximas dos arrozacs, morrem logo depois do estabelecimento d'estes, facto que já tinha sido notado pelo Conde Gasparin, e que elle attribuiu a uma especie de intoxicação vegetal devida á infiltração subterranea das aguas dos arrozacs. Todavia a Commissão querendo combinar o progresso d'uma cultura tão rendosa com as conveniencias da hygiene publica, lembra alguns meios, que quando não extingam, pelo menos possam reduzir ao menor grau possivel a influencia desfavoravel que os arrozacs possam ter sobre a salubridade publica: essas circumstancias são = 1.^a a inclinação dos terrenos dos arrozacs = 2.^a que a irrigação seja feita, ou pelo methodo contínuo periodico, ou pelo da infiltração = 3.^a que os taboleiros nunca tenham mais de dez palmos de comprimento sobre cinco de largura = 4.^a que a agua depois de servir ao arrozal não soffra embaraço, ou estagnação alguma no seu desaguardo = 5.^a que os diversos trabalhos da cultura do arroz posteriores á sementeira nunca principiem antes d'uma hora do sol nado, nem terminem depois d'uma hora antes do seu occaso = 6.^a que immediatamente depois da ceifa sejam arrazados os comoros, e o campo do arrozal. = O Conselho Escolar nota, que parte destas condições já se acham consignadas no trabalho d'um de seus membros impresso na Gazeta Medica de Lisboa de 16 de Maio de 1854. = A Commissão de Ponte de Sôr depois de ter visitado os terrenos aonde se cultiva o arroz pôde chegar á seguinte conclusão: que a cultura do arroz naquelle Concelho, em geral, não era prejudicial á saude publica = 1.^o porque se reconhece que a insalubridade publica de alguns pontos não provém da cultura do arroz, mas sim da estagnação das aguas nos terrenos dos arrozacs = 2.^o porque depois que se começou a cultivar o arroz, não se tem desenvolvido epidemia alguma, que se possa attribuir a similhante cultura = 3.^o porque as febres intermitentes, sendo alli endemicas, tem-se reconhecido, que ha certo numero de annos para cá tem diminuido muito a sua frequencia = 4.^o finalmente, porque comparando a statistica dos obitos nos annos anteriores á cultura do arroz com a dos annos posteriores á dita cultura, vê-se que a mortalidade actualmente não é tão grande como em outro tempo = Finalmente no Districto administrativo de Portalegre existem duas localidades, que são a Freguezia da Margem, e parte da Commenda, que sendo muito insalubres, quando estavam cobertas de paues e brejos, tem-se tornado muito melhores depois da cultura do arroz naquellas localidades.

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE SANTAREM = A Commissão deste Dis-

tricto depois de declarar que as searas de arroz podem ser entretidas por tres methodos de irrigação, a saber — O continuo, o da estagnação e o de infiltração, — vê em todos estes methodos de irrigação, ainda mesmo no de infiltração, bastantes condições dos pantanos, e por isso conclue, que, em these, a cultura do arroz é prejudicial á saude publica; para isto interpreta a seu modo o melhoramento que a Villa de Alcaer do Sal tem tirado quanto á salubridade publica, da cultura do arroz, e declara que as statisticas dos Concelhos de Ulme e Muge provam que o estabelecimento dos arrozaes nestes Concelhos não melhorou as suas condições de salubridade, contra a opinião do Medico daquellas localidades. Mas ainda assim, quando inculca os meios hygienicos que se devem empregar para obstar ao desenvolvimento das molestias que existem nas immediações dos arrozaes, não tem duvida de aconselhar ao Governo que « quando proximo de qualquer povoação existissem pantanos, a qualquer proprietario devia ser permittido o convertel-os em searas de arroz » Quanto porêm a todos os outros preccitos, que a Commissão propõe para attenuar os effeitos de insalubridade dos arrozaes, ella não faz mais do que lembrar a este respeito, o que tem sido ponderado e repetido por todas as outras Commissões e pelos livros de hygiene publica.

conclusão — O Conselho Escolar depois de examinar attentamente os seis relatorios que lhe foram presentes, e observando a escacez de factos, e de dados statisticos, que elles apresentam, lembra ao Governo, que poderia talvez ser util a nomeação d'uma Commissão especial, que fosse visitar as localidades aonde a cultura do arroz tem maior desenvolvimento, como se fez em 1852 para o Sudoeste da França, a fim de que obtidas statisticas rigorosas ácerca da salubridade d'essas localidades, e da mortalidade com relação á população anterior e posterior ao estabelecimento desta cultura, podesse depois sobre bases mais seguras determinar o que mais conviesse á saude dos povos, e ao desenvolvimento d'uma industria tão lucrativa. Todavia, como este assumpto se tem estudado profundamente naquelles paizes proprios para a produção do arroz, e como os diversos membros do Conselho tenham examinado esta questão individualmente, entende o mesmo Conselho que está nas circumstancias de offerer ao Governo de Sua Magestade as seguintes conclusões, que poderiam ser adoptadas como outras tantas bases da legislação que houver de regular o assumpto sem prejuizo d'esta industria agricola, e com muita vantagem da saude publica. Quasi todas estas regras se tem adoptado nos paizes estrangeiros, e são as que as

Commissões consultadas propõem quasi unanimemente em seus relatorios.

1.^a Permittir a cultura dos arrozacs = 1.^o nos terrenos pantanosos = 2.^o nos paues, ditos subterraneos, cujas aguas não se apresentam logo á superficie do solo = 3.^o nos brejos e nos terrenos litoraes dos rios e ribeiras nimiamente humidos.

2.^a Permittir tambem os arrozacs nos terrenos não pantanosos, una vez que sejam convenientemente regados com aguas provenientes de pantanos, de paues, ou de terrenos nimiamente aquosos, e cujas condições de salubridade possam melhorar com a subtracção das mesmas aguas.

3.^a Permittir igualmente os arrozacs como cultura de rotação quadriennal, triennal, ou mesmo biennal.

4.^a Permittir ainda os arrozacs quando regados pelo systema de irrigação por infiltração, com tanto que as aguas contidas nas regueiras marginaes dos taboleiros sejam frequentemente renovadas.

5.^a Permittir finalmente os arrozacs, quando regados pelo systema de inundaçào, ou de alagamento, sempre que as aguas possam ser contínuas, ou frequentemente renovadas, já na sua totalidade, já parcialmente.

6.^a Não permittir os arrozacs, quando o systema de irrigação atraz indicado não poder ser corrigido pela renovação geral, ou parcial das aguas, que estagnadas nos taboleiros adquirem então propriedades deleterias.

7.^a Não consentir na irrigação por alagamento, que as aguas estagnem além de oito dias nos taboleiros.

8.^a Prohibir as represas, ou outro qualquer meio de estagnação das aguas para entreter as irrigações dos arrozacs, sempre que estas não sejam renovadas por correntes sufficientemente copiosas para impedir a putrefacção de seus contentos.

9.^a Facilitar opportuna e convenientemente o esgoto das aguas das regas.

10.^a Determinar convenientemente a inclinação dos terrenos dos arrozacs, a grandeza dos taboleiros, a largura dos comoros e as aberturas para a saida das aguas.

11.^a Esgotar os taboleiros, arrazar os comoros, alqueivar os terrenos dos arrozacs, tão proximo como possa ser da ceifa dos mesmos arrozacs.

12.^a Estabelecer a distancia a que os arrozacs considerados como insalubres devem ficar das grandes povoações (mil metros?).

13.ª Ordenar a plantação de matas entre os arrozaes e as povoações.

14.ª Ordenar a adopção de todas as condições hygienicas, que devem presidir ao trabalho, e o modo de vida especial dos trabalhadores dos arrozaes.

Finalmente, explicar e desenvolver por meio de regulamentos a maneira por que devem ser executadas as antecedentes prescripções. E' o que o Conselho julgou levar ao conhecimento de V. Ex.ª para os effeitos convenientes.

Somos chegados á altura, e á mais importante parte do nosso trabalho; e tendo promettido no começo desta Memoria sermos logicos, e imparciaes nas nossas consequencias, esperamos cumprir religiosamente a nossa promessa. Faremos todas as diligencias possiveis para não estabelecer principio algum pratico, que não se deduza rigorosamente dos relatorios, que já temos estudado, e analysado: quando as nossas consequencias forem os corollarios da experiencia esclarecida e continuada d'algumas localidades faremos toda a diligencia para indicarmos quaes são essas localidades, que justificam tão exuberantemente a nossa opinião.

Se alguma vez um ou outro facto tambem referido nesta nossa Memoria parecer contrariar qualquer principio, que nos pareça ser a consequencia logica da experiencia d'outras muitas localidades, não ommittiremos essa circumstancia, e faremos todas as considerações, que a gravidade do assumpto exigirem que se façam.

Podemos declarar com toda a franqueza, de que somos dotados, que não temos motivo algum de interesse, ou de principios seientificos anteriormente professados, em virtude dos quaes sejamos partidarios exclusivos ou da maxima liberdade da cultura do arroz, ou da summa restricção desta industria agricola: amigos sinceros da prosperidade da nossa patria não desejamos pôr péas a uma fonte de riqueza tão productiva; mas desvelados defensores da saude dos povos, não concorreremos com a nossa opinião para lla' roubar a troco dos maiores lueros, que esta ou outra cultura lhe podesse ministrar. A nossa vida publica até hoje ali a apresentamos como uma forte garantia da pureza de nossas intenções.

A primeira circumstancia que julgamos dever examinar é se

convém marcar a distancia a que os arrozacs devem ser permittidos com relação ás povoações, que lhe ficam em volta. Nós entendemos que essa restricção é uma das clausulas essenciaes dos regulamentos, que se houverem de fazer, mas com algumas modificações. Todavia antes de apresentarmos essas modificações declararemos com toda a franqueza que aconsellhamos, e votamos por essa providencia restrictiva por estarmos plenamente convencidos de que não é possivel entre nós, como o não tem sido nos outros paizes, o estabelecer os arrozacs segundo todos os dictames e preceitos d'uma hygiene esclarecida, e d'uma agricultura illustrada; por quanto se assim fosse estamos convencidos que os arrozacs ainda estabelecidos no centro das povoações não produziram o menor inconveniente nem aos habitantes d'essas localidades, nem mesmo aos proprios trabalhadores empregados no seu grangeio; mas como taes circumstancias, senão são impossiveis, são pelo menos summamente difficeis de se obter ou praticar, por isso é que ainda aconsellhamos, e instamos por essa providencia restrictiva na cultura do arroz.

A distancia absoluta, que deve mediar entre o arrozal e a povoação, tem sido na legislação dos diversos paizes marcada de diferentes modos: umas vezes tendo relação á maior ou menor população da povoação, seguindo essa distancia a razão directa dessa população como no Piemonte; outras vezes essa distancia é calculada pelo resultado das experiencias ácerca do raio de influencia morbifica que se tem attribuido á cultura do arroz. Diremos com franqueza que a primeira base é destituida de toda a razão scientifica, e tem só a seu favor um motivo utilitario, que nos parece pouco conforme com o zelo e desvelo, que a todo o Governo compete ácerca da saude publica tanto das grandes como das pequenas povoações; a segunda base é summamente arbitraria, porque os factos observados devidamente ainda não provam até onde se estende o raio da acção malefica dos arrozacs. Por conseguinte a distancia absoluta que deve mediar do arrozal ao povoado, ou não se deve marcar, ou a marcar-se não passa de uma fixação dictada antes pela necessidade da criação de um minimo preciso e indispensavel, do que por força de razões hygienicas fortes e concludentes.

Mas algumas considerações locaes podem fazer com que essa distancia seja ainda menor do que aquella que geralmente se arbitrar para collocar as diversas povoações a abrigo da supposta acção infecciosa dos arrozacs. Se uma montanha, se uma flôresta se achar entreposta ao arrozal e o povoado, a cultura desta graminea póde

fazer-se muito proxima do centro da povoação sem risco algum; porque nesse caso o obstaculo mechanico mettido entre a seara do arroz e a povoação impedirá que as correntes do vento tragam do arrozal para os habitantes das povoações mais proximas os effluvios mephiticos nelle desenvolvidos. É o mesmo que se tem observado com os pantanos, e com outros focos infecciosos.

A direcção dos ventos nos mezes que decorrem de Agosto a Outubro. Se exceptuarmos a opinião singular e insustentavel de Parent-Duehâtelet sobre a innocencia da atmospherã dos pantanos e dos charcos, todos os outros auctores de hygiene publica desde Varrão, Columella, Vitruvio, e Lancisi até Rigaud de Lille, Moscati e Tardieu todos concordam que seja qualquer que fór a materia de natureza especial que pôde produzir o miasma, esta é sempre possível condensar-se mais ou menos e produzir seus terriveis effeitos com maior ou menor energia, bem como ser levada pelas correntes dos ventos a maiores ou menores distancias infeccionando, em quanto conserva certo grão de condensação os seres vivos que respiram esse ar assim empregnado, inclusivamente alguns vegetaes (C. Gasparin): esta doutrina, ou antes esta consequencia dos factos mais bem averiguados em todas as partes do mundo, trouxe consigo a designação de *arca captiva* áquella localidade até onde se estende o raio da acção malefica da atmospherã paludosa. Na Asia as margens do lago Elton, e do Aral; na Africa os pantanos do Senegal até á Cafraria, e o Delta do Nilo; na America a embocadura do Mississipi e os lagos dos Estados Unidos; e na Europa a Escossia, a Irlanda, São Petersburgo, Roma e Veneza confirmam desgraçadamente esta funesta verdade! A legislação por consequencia quando marcar a distancia a que os arrozaes podem ficar das diversas povoações, deve attender forçosamente a esta circumstancia; e por isso essa distancia deverá ser maior quando as povoações ficarem a S. e a O. dos arrozaes, e menor quando ficarem a N. e a E.; por isso que os ventos mais constantes em Portugal naquelles mezes são os do quadrante de N. a E. Aldeagalega, as Rilvas, Alcochete, e Barroca d'Alva são, entre outros, exemplos, que se podem adduzir.

Se por ventura qualquer lavrador quizer converter um pantano, um charco, um sapal n'uma seara de arroz, nesse caso a legislação deve até favorecer essa empreza agricola, ainda que o arrozal fique mesmo ás portas dos moradores do povoado; porque por muito vicioso que seja o methodo de cultura adoptado para o arroz em qualquer localidade, muito peor para a saude d'esse povo é o charco, o

pantano, e o sapal: Alcecer do Sal é um documento irrefragavel desta verdade: os pantanos, e sapaes das margens do Sado foram convertidos em searas de arroz por alguns lavradores daquella Villa, e desde logo o estado de salubridade da povoação foi outro absolutamente: o numero de sezões, e o dos obitos annuaes com relação á população baixou logo consideravelmente, e note-se que a cultura do arroz neste Concelho tem apenas dez annos de duração.

Mas no que será necessaria toda a vigilancia e imparcialidade da parte das auctoridades, é na confecção dos regulamentos, pelos quaes se hão de dirigir, é no modo de classificar bem e precisamente o charco, e o sapal; e que não vão por abuso, ou patronato permittir que se convertam em arrozacs não esses focos permanentes de infeção; mas sim varzeas, e campinas que poderiam servir para outras culturas innocentissimas, mas muito menos lucrativas do que os arrozacs. Esta ambição desenfreada de lucros espantosos, é que tem, por abuso ou desleixo das auctoridades, feito com que povoações salubres se tenham tornado inhospitas, e com que algumas vezes a população tenha feito justiça por suas proprias mãos: o que é sempre anarchico e horrivel.

O direito por tanto de propriedade, que tão ousadamente se invoca, não poderá ser exercido quanto a esta empreza agricola sem algumas reservas ou restricções feitas em beneficio da comunidade, e para manter o estado mais lisongeiro, que fôr possivel da salubridade dos povos; objecto este que não póde deixar de merecer a mais desvelada sollicitude da parte dos Governos, e ao qual devem ser sacrificados, dentro dos limites do justo, os lucros ainda os maiores, que possam provir da cultura do arroz; quer aos particulares, quer ao fisco. Seria mesmo facil demonstrar que uma industria qualquer por mais lucrativa que fosse, augmentando a insalubridade de um paiz, dizimando seus habitantes, e impossibilitando outros para o trabalho dentro em um curto espaço de tempo tornaria esse estado pobre, e miseravel; porque lhe roubava d'uma maneira singular a mais copiosa fonte da sua riqueza o agente do trabalho. E por isso não só os principios humanitarios, mas até os economicos dictam, e ordenam imperiosamente taes restricções.

Mas em verdade é sobre o modo das irrigações que a acção da auctoridade local deve ser exercida com a maior vigilancia, e com o mais energico rigor. É o processo da rega, a quantidade da agua, o seu esgoto, e renovamento o que influe decidida e exclusivamente sobre a salubridade ou insalubridade do arrozal. É esta uma convicção profun-

da, a que chegamos depois do estudo que havemos feito ácerca do objecto, e depois sobre tudo da leitura e meditação dos diversos relatorios parciaes, que fazem a parte mais importante desta Memoria.

Quanto mais o arrozal se aproxima das condições do pantano pelo vicioso methodo da sua irrigação, tanto mais nociva é á saude publica a cultura do arroz. O arrozal não se pôde considerar como foco de infecção senão quando a sua irrigação deixa de ser feita segundo os principios da sciencia. Diversas causas influem para que o arrozal se converta n'um foco de infecção paludosa; mas duas são, quanto a nós, as principaes: falta d'agua, e máo methodo no processo de irrigação; o máo methodo no processo de irrigação pôde provir ou da ignorancia do lavrador, ou da mesquinhez no grangeio da sua seara. Quando a vistoria demonstrasse que a agua de que o lavrador podesse dispôr para a irrigação do seu arrozal não fosse a sufficiente para o irrigar periodicamente, e que os alagamentos não podessem deixar de conservar sempre a mesma agua sem renovação, e de mais a mais com pequena altura (algumas polegadas), taes culturas d'arroz deveriam ser absolutamente prohibidas: mas quando o arrozal, tendo agua sufficiente, se tornasse um foco de infecção por negligencia, ignorancia, ou indesculpavel ambição do lavrador, elle deveria ser coagido a amanhlar o arrozal em conformidade com os preceitos de regulamentos policiaes, que previamente se lhe haviam de communicar.

O estudo desta importante questão torna evidente que as irrigações feitas por corrente continua, por corrente intermittente mas dentro em periodos certos e curtos, e por infiltração são innocentes para a saude publica; mas que a irrigação por estagnação é summamente nociva não só á saude dos trabalhadores empregados no grangeio do arroz, mas mesmo á dos habitantes mais proximos do arrozal. É necessario com tudo advertir que os primeiros tres processos de irrigação, posto que innocentes em si, podem tornar-se nocivos em virtude do desprezo, que pôde dar-se d'um certo numero de circumstancias, que os fazem aproximar da irrigação por estagnação; taes são por exemplo a má collocação e direcção dos alagamentos uns a respeito dos outros que pôde fazer com que a agua se não renove junto dos seus angulos, e só no meio, o que produz a putrefacção das substancias organicas nessas partes onde a agua se conserva estagnada: o não ter esgoto o deposito onde está a agua, que já serviu á irrigação, e ser muito proximo da seara, o que faz que esse deposito seja um verdadeiro pantano: a natureza do sub-solo nos arrozaes regados especialmente por infiltração, podendo fazer pela sua impermeabilidade com que a agua com

os detritos putridos seja conduzida por infiltração subterranea a longas distancias produzindo bastantes dos males das agoas encharcadas.

É tambem necessario advertir que a agua que tem de servir á rega dos arrozacs não seja uma mistura d'agua doce com agua salgada ; porque nesse caso o arrozal participará de toda a malignidade dos pantanos, que contêm a mistura das duas aguas, e que são os mais nocivos para a saude. Em Portugal dá-se este inconveniente n'alguns Concelhos cultivadores de arroz.

Quando o arrozal é regado por agua corrente periodicamente, os comoros devem ser mais altos, e a quantidade d'agua contida nos alagamentos deve chegar a uma altura muito maior do que aquella onde deve chegar quando o arrozal é regado por agua corrente ; pois que nas aguas estagnadas a acção do calor solar favorece a putrefacção das substancias organicas só até certa profundidade ; ora se a esta profundidade a acção solar encontra já o solo coberto de immensas substancias organicas, a putrefacção terá lugar n'uma maior escala, e a acção morbifica d'esse arrozal será muita analoga á dos sapaes : inconveniente que se não dá no methodo de irrigação continua, ou perenne.

Por incidente diremos, que á vista de todas estas reflexões e circumstancias, se deixa ver a utilidade e absoluta necessidade da instrucção agricola ; creando lavradores esclarecidos, que não só cultivem as suas terras sem prejuizo da saude publica, mas de quem o Governo se possa servir para a execução das suas ordens neste, e n'outros assumptos de policia agricola. Eu espero confiadamente que passados alguns annos quando o Instituto Agricola de Lisboa tiver dissiminado pelo paiz um avultado numero de seus alumnos, a cultura do arroz, bem como todas as praticas agricolas se executarão com tal gráo de perfeição, e com tanta racionalidade que a acção do Governo quasi que se poderá dispensar para este, como para outros muitos ramos de applicações ruraes. Não é esta de certo a menor vantagem alcançada por esta instituição que tantas difficuldades, e tantas contradicções tem vencido.

Depois de todas as considerações e restricções que devem ser feitas á cultura do arroz quanto á distancia em que o arrozal deve ficar do povoado, e quanto ás regras que se devem seguir no processo da irrigação ; deve depois d'isto a auctoridade por meio de vistorias de peritos conhecer qual é a natureza do solo e do sub-solo da localidade, onde tem de se estabelecer o arrozal ; a experiencia tem demonstrado, e a sciencia confirmado que os solos calcareos, com sub-

solos mais ou menos permeaveis, são aquelles, onde os arrozaes se podem estabelecer, e por consequencia permittir com menor risco para a salubridade publica: circumstancia esta, que pôde e deve modificar, até certo ponto, as restricções impostas e reclamadas pelas outras considerações.

A hora do dia em que o trabalho da cultura do arrozal, especialmente a monda, e a ceifa, deve principiar e acabar é um objecto de tanta importancia, que não deve esquecer nos regulamentos, que houverem de se fazer para a cultura do arroz. A experiencia tem demonstrado constantemente que o espaço do dia que decorre desde o começo do trabalho até que o sol nasça, e aquelle que vai desde o seu occaso até que o trabalhador largue o trabalho são as duas épocas do dia em que a infecção miasmatica do arrozal viciosamente construido se verifica com maior intensidade, e que ataca um maior numero de trabalhadores. Nas localidades nimamente sazonaticas as pessoas que pela sua posição social, ou pela sua prudencia não se expõem tanto nestas duas épocas do dia são tambem aquellas que são menos accommettidas das febres intermittentes paludosas. Esta circumstancia é evidentemente reconhecida nas nossas possessões africanas, onde reinam endemicamente estas febres. A sciencia tem-se encarregado de dar uma explicação satisfactoria deste facto. Sendo pois isto assim como o acabamos de referir; é da maior utilidade que os regulamentos, que houverem de se fazer para evitar os males provenientes da cultura do arroz previnam esta hypothese ordenando que os trabalhos de entretenimento das scaras de arroz só possam principiar uma hora depois do sol nascido, e acabar uma hora antes do seu occaso.

Mas relativamente á hygiene do trabalhador que se emprega na cultura do arroz nada ha que tenha uma influencia tão decidida sobre a sua saude como a qualidade da agua, que elle bebe. Muitas vezes se tem attribuido á influencia do arrozal o que é simples e unicamente effeito da pessima agua de que usam os desgraçados trabalhadores da cultura do arroz: esta circumstancia verifica-se não só com relação a esta cultura, mas a respeito de muitas, que tem lugar em algumas povoações do sul do Tejo, e com especialidade nas lezírias no tempo das ceifas. Deste modo nós vemos que nos Concellhos de S. Thiago do Cacem, de Cezimbra, e da Moita e Allios Vedros a má qualidade da agua que bebem os trabalhadores dos arrozaes concorre tão poderosamente para a manifestação das febres intermittentes de que estes desgraçados são victimas, como a propria infecção

paludosa dos alagamentos do arroz quando o processo de irrigação é vicioso, e feito contra todos os preceitos da sciencia. Nas lezirias do ribatejo tem-se observado milliares de vezes que os trabalhadores sujeitos ás mesmas causas infecciosas, são com tudo accommettidos, ou não accommettidos das febres intermitentes segundo elles fazem uso ou deixam de fazer da agua encharcada do campo para beberem! uma bilba de agua potavel trazida d'uma localidade diversa daquella onde tem lugar o trabalho basta muitas vezes para preservar estes desgraçados d'uma molestia, que trazendo apoz si a cachexia paludosa os impossibilite para sempre da adquisição dos meios da sua parca subsistencia! o trabalhador dos nossos campos, o maltez propriamente dito, é o homem mais infeliz e mais desconsiderado que se póde imaginar: trata-se com muito mais cuidado d'um boi, ou d'uma besta do que d'estes desgraçados, que por ignorancia propria e brutalidade indesculpavel dos proprietarios da terra raras vezes attingem a virilidade dotados de boa saude!

A ultima providencia, que lembraremos, como da maior importancia para tornar innocente a cultura do arroz, vem a ser a do cuidado na hygiene do trabalhador empregado no grangeio do arrozal; alguma cousa já dissemos a este respeito fallando da agua que bebem os trabalhadores do arrozal, e geralmente os das lezirias; mas é necessario cuidar de mais alguma cousa do que da agua que bebem estes desgraçados. Um grande numero de relatorios, que temos examinado são uniformes em declarar que a experiencia demonstra, que o trabalhador empregado na cultura do arroz está tanto mais abrigado da acção mephitica dos miasmas pantanosos quanto mais salubre e mais restaurante é a sua sustentação, quanto mais distante fica do arrozal, quanto mais bem reparado anda, e quantos mais commodos goza em sua casa no centro de sua pobre familia; e que pelo contrario o maltez que não está ainda aclimatado, que vive miseravelmente; que dorme na casa da malta mal coberto, e sem alinho ou conforto algum, passando mesmo algumas noites no tempo da ceifa no proprio campo exposto a todas as vicissitudes atmosphericas, esse infelizmente é preza das febres intermitentes e paludosas; as quaes chega a contrahir repetidas vezes no mesmo anno, acabando quasi sempre pela cachexia pantanosa tão conhecida nas margens do Tejo, do Sado, e do Mondego.

Se a legislação obrigasse a pagar maiores salarios aos trabalhadores do arrozal, ou se o dono da seara fosse obrigado a ministrar aos trabalhadores desta cultura, especialmente no tempo da monda e

da ceifa, uma boa alimentação e mesmo alguma bebida alcoolica, o vinho por exemplo, eu estou convencido que a saúde do trabalhador do arrozal não teria nada a soffrer, ou soffreria muito menos do que actualmente soffre. E os lueros da cultura do arroz são taes que podem muito bem com todas estas despezas. N'algumas localidades, onde a cultura do arroz é feita menos empiricamente, tem-se notado que os trabalhadores do campo gozam de melhor saúde, e de melhor apparencia depois da introdução desta cultura; e a razão é porque os desgraçados trabalhadores alcançando melhores salarios do que anteriormente tinham, ficam por isso nas circumstancias de soffrer menos privações do que soffriam antes da cultura do arroz. Tanto pôde a hygiene!

Taes são as considerações, que o estudo aturado desta questão, e o exame escrupuloso e desprevenido dos diversos relatorios feitos ácerca da cultura do arroz com referencia á saúde publica, me suscitaram; e que tenho o prazer de apresentar como base d'uma legislação racional e esclarecida ácerca d'um assumpto tão transcendente.

Ha dous objectos praticos na cultura do arroz de que a legislação, que deve regular esta industria se deve encarregar, e ordenar; e vem a ser o alqueive do arrozal depois da colheita, e a pratica dos afolhamentos na direcção desta cultura. Pelos relatorios, que extractamos, e commentámos nesta Memoria se deixa ver que em muitas localidades a época em que apparece maior numero de febres miasmaticas em volta dos arrozaes é logo depois da ceifa do arroz: duas razões explicam satisfactoriamente esta coincidência, e provam ao mesmo tempo que não é propriamente nesta planta, nem nesta cultura que existe algum *quid* especial, que desenvolva as febres; mas sim que as endemias das visinhanças dos arrozaes dependem simples e exclusivamente do mau methodo da cultura, e do pessimo systema de irrigação, que os fazem aproximar das circumstancias do pantano, e do charco: essas duas razões são, primeira, o ficarem os alagamentos do arrozal quasi em secco, e mesmo em secco, e por consequencia os detritos animaes e vegetaes que nelles existiam ficarem nas melhores circumstancias para apodrecerem; e isto nos mezes de Agosto e Setembro debaixo da acção d'um sol abrasador: segunda o sobrevirem as primeiras aguas do outono acharem os alagamentos feitos, e os comoros levantados, e por isso a agua estagnada produzir os mesmos effeitos dos charcos, e dos pantanos; e as febres chamadas autumnaes serem o resultado desta incuria, e des-

te de seixo agricola, e hygienico. Os regulamentos, por tanto, devem prevenir este grande mal, e esta poderosa causa de insalubridade publica, ordenando os alqueives seguidos o mais proximamente que for possível á ceifa dos arrozacs. Em alguns Concelhos productores d'arroz já se observa esta boa pratica, como em Alcaeer do Sal; porém como ella torna o amanho do arrozal mais despendioso é por isso que ella não tem sido segnida em toda a parte; mas logo que os lavradores se convencerem, o que é facil, que o alqueivar cedo é retribuido largamente pela colheita futura, elles por seu proprio interesse, e independentemente das considerações hygienicas, o farão. Este alqueive misturando com o solo o fundo dos alagamentos rios em materias organicas, e quasi turfosos serão um poderoso adubo para as terras; adubo que perderá toda a sua energia e fertilidade, deixando-o esterilisar por uma evaporação longa, e inutil; e além d'isso a camada mais profunda do solo terá mais tempo para se meteorisar, e por isso no anno seguinte não se encontrará crua, e como tal improductiva. Por outro lado se o alqueive não destroe logo depois da ceifa os alagamentos, estes com as primeiras aguas do outono enchem-se, e reassumem o character de verdadeiros charcos, os quaes tendo então, além de todas as outras substancias organicas, o rastolho que ficou da seara ceifada, dentro em pouco tempo se tornam um foco poderosissimo de infecção. Mas será sempre possível alqueivar logo depois da ceifa nos mezes d'Agosto e Setembro? a natureza do solo, o modo por que o anno correu, e a qualidade dos instrumentos agricolas adoptados pelo lavrador, é que hão-de resolver a duvida; com tudo esta ultima circumstancia, machinas aratorias aperfeçoadas, é um poderoso meio de resolver convenientemente não só esta, mas outras muitas difficuldades agricolas: oxalá que o seu conhecimento estivesse mais vulgarisado pelo paiz, onde resta a fazer tudo neste sentido.

Uma outra providencia que não deve esquecer na legislação, que tiver de regular a cultura do arroz, vem a ser a de obrigar o cultivador a fazer as searas do arroz por meio de folhas, ou pelo systema chamado alterno. Ligamos a esta disposição summa importancia. Se os nossos agricultores tivessem pleno conhecimento da sciencia que professam, e dos seus verdadeiros interesses a cultura do arroz estaria já ha muito sujeita ao systema alterno, independentemente das vantagens, que d'esse systema podem resultar para a saude publica: um systema de cultura, que não cansa já mais a terra, e que a fertilisa constantemente não póde ser regeitado, nem esquecido quando a

agricultura se considera economicamente; mas o nosso proposito é tratar deste systema de cultura com relação ao arroz pelo lado hygienico da salubridade publica. Se a cultura do arroz necessariamente hade fazer com que alguns mezes do anno o terreno continha os alagamentos com agua estagnada, especialmente quando a rega não é feita por agua corrente; é evidente que no systema de follas, ou seja bisannual, triennial, quadriennial a mesma superficie de terreno deixará de offerecer esta qualidade semipaludosa um anno, dous annos, ou tres annos conforme a alternção for de dous, tres, ou quatro annos; e por isso os inconvenientes que á saude publica causam os arrozaes verificar-se-hão menor numero de vezes n'um dado periodo. Mas redarguir-nos-hão dizendo: *primò*, alguns terrenos destinados para os arrozaes; os pantanos, os sapaes, não são proprios para outra cultura: *secundò*, e se nos annos, em que se não cultivar o arroz o terreno não deixar de ser um pantano a saude publica não só não melhorará, mas peorará segundo os nossos principios! Reflectiremos porê m que terrenos só proprios para uma especie de cultura não se couhecem: os melhoramentos feitos ao solo pelos diversos processos da sciencia criam aptidões para culturas até então desconhecidas; mas quando o sapal ou o pantano deixar de se fabricar para o arroz, para ficar de pousio como pantano, ou sapal, então com tal negligencia e desprezo de todos os bons principios, e uteis praticas, diremos que mais vale o arrozal constante do que esse systema d'albufeira. Mas quando a sciencia agricola estiver divulgada e generalizada pelo nosso paiz, quando o lavrador souber conciliar a pratica esclarecida de seus avós com os progressos seguros e firmes das doutrinas agronomicas, espero eu que então senão façam destas objecções filhas da insciencia e da ambição illimitada dos scareiros.

TIVO DE LISBOA.

OU

RECONHECIMENTO
GEOLOGICO E HYDROLOGICO

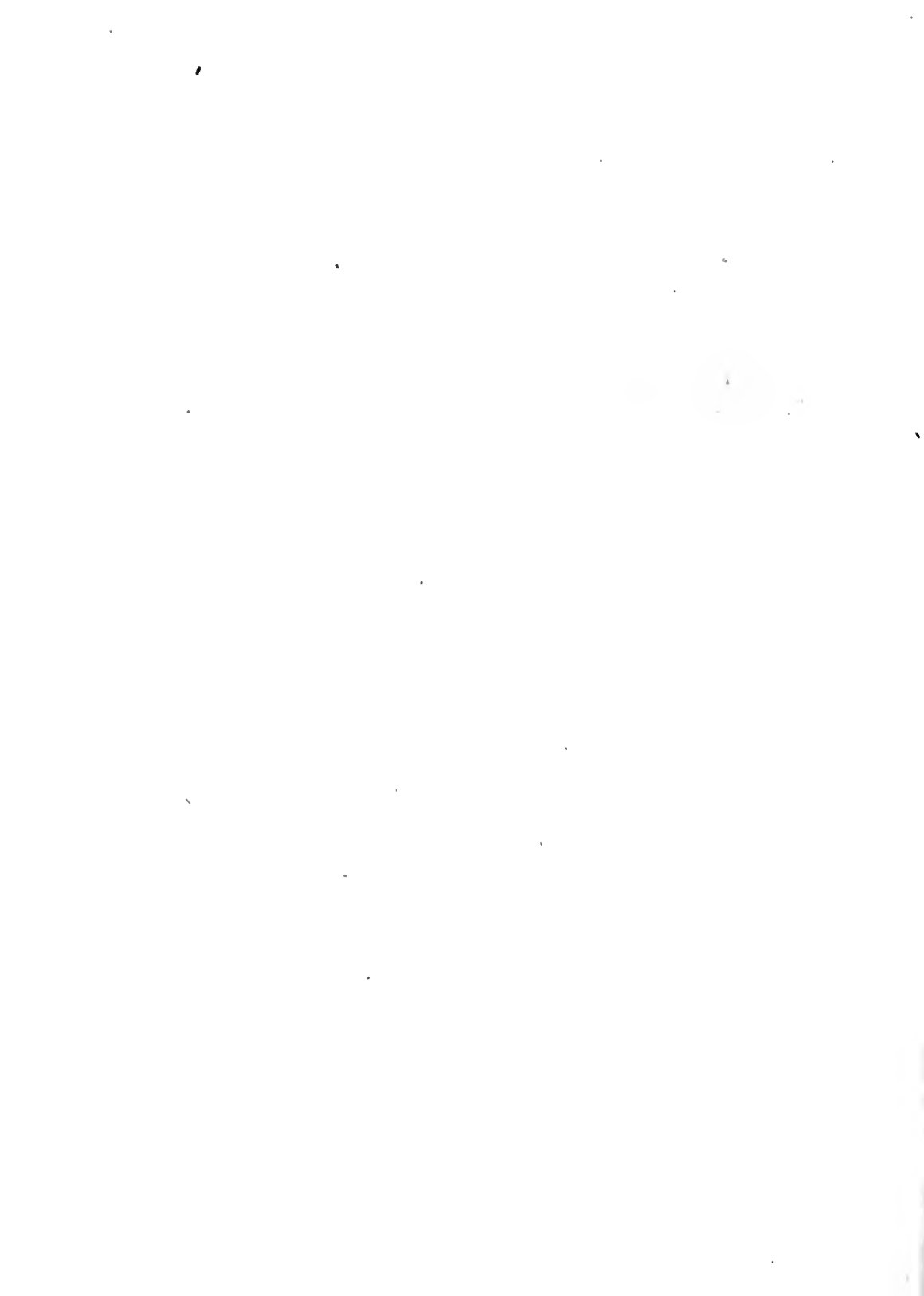
DOS

TERRENOS DAS VISINHANÇAS DE LISBOA COM RELAÇÃO AO
ABASTECIMENTO DAS AGUAS DESTA CIDADE.

POR

CARLOS RIBEIRO,

Prof
SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.



RECONHECIMENTO GEOLOGICO E HYDROLOGICO

DOS

TERRENOS DAS VISINHANÇAS DE LISBOA COM RELAÇÃO AO ABASTECIMENTO DAS
AGUAS DESTA CIDADE.

PRIMEIRA PARTE.

GEOLOGIA.

1.ª SECÇÃO.

CONFIGURAÇÃO PHYSICA DO SÓLO.

*D*escrição geral e divisão em dous massiços. — A cidade de Lisboa está edificada e distribuida sobre todas as desigualdades d'um grupo de collinas que occupam a margem direita do Tejo e se prolongam para o norte n'uma extensão de 1,5 a 3 kilometros, attingindo 100 a 120 metros de altitude sobre o nivel do mar, descalhando depois mais ou menos rapidamente para uma depressão, que fórma em parte o valle de Aleantara, e cerca a cidade na sua maior extensão. Para alem desta depressão todo o terreno que lhe fica adjacente torna a subir a diversas alturas, e estendendo-se pelos quadrantes de noroeste e nordeste, é dividido, pelo valle que vai de Carnide a Loures, em dous massiços de desigual forma e grandeza. Um destes occupa a parte oriental e nordeste, e o outro a parte occidental e noroeste da cidade de Lisboa, indo ligar-se proximo de Carnide por

um collo no qual se dividem as aguas que vertem sobre os ribeiros d'Alcantara e de Odivellas.

Massiço oriental. — O massiço oriental tem proximamente a fórma d'um losango muito alongado disposto de SSO a NNE occupando a zona que decorre de Bemfica, Palhavã, e Poço do Bispo até á margem direita da ribeira que vai de Friellas a Sacavem, tendo neste sentido 15,5 kilometros por 6 de largura media. É limitado a SE pelas escarpas abruptas que formam a margem direita do Tejo entre Lisboa e Sacavem, e indo igualmente formar a margem direita da ribeira que vem de Friellas, limitam este mesmo massiço pelo lado do norte, em quanto a sua superficie levantando-se de SE para NO ou desde a aresta superior da escarpa sobranceira ao Tejo uns 20^m, vai ganhar as maximas altitudes de 100 a 150^m sobre a aresta superior da escarpa que limita por NO o referido massiço, e que fórma a vertente oriental que borda o valle de Carnide a Loures.

Pelo S e SO estende-se toda esta parte do terreno pelo Lumiar, Carnide, e Poreallota, a formar o collo acima indicado, ficando limitado pelo valle de Alcantara que corre de NO a SE até Sete-rios, tomando neste ponto a direcção SSO até encontrar o Tejo em Alcantara, vindo assim todo o sólo de Lisboa a fazer parte integrante do massiço oriental.

Diversos valles, como o de Chellas e outros, produzem as maiores desigualdades que se observam nesta parte do sólo, devendo porém notar-se que sendo todos elles parallelos ao valle do Tejo, correndo por consequencia de SO para NE cortam o massiço perpendicularmente á sua inclinação geral, sem contudo o dividirem em outros massiços independentes. Todos os mais accidentes se reduzem a pequenos valleiros, sem importancia sensivel no relêvo, e ás corôas de algumas collinas mais elevadas, taes como a da Boa-vista, e da Ameixoeira, que attingem as altitudes de 160 a 162^m.

Massiço occidental. — Pelo que toca ao massiço occidental, que como disse está separado do precedente pelos valles de Alcantara e d'Odivellas, estende-se até ao oceano, indo formar a linha da costa desde o Cabo da Roca até á ponta mais meridional da mesma costa. Ao Sul é limitado pela margem direita da grande bahia do Tejo, que mais ou menos escarpada corre desde as proximidades de Cascaes até Alcantara, e d'ahi subindo o sólo successivamente para o lado do Norte, termina por uma importante linha divisoria d'aguas, que naturalmente separa este massiço do terreno adjacente. Esta linha divisoria que passa pelos pontos culminantes da serra de Cintra, na al-

tura de 300 a 500^m sobre o mar, e na direcção do Poente a Nascente, separa as aguas que vão directamente ao oceano das que desceem para o Tejo, depois inflecte-se para NE indo pelo Algueirão, onde desce á altura de 183^m, e tornando a subir na mesma direcção até aos altos da Piedade e da Tapada, junto ao Sabugo, onde tem 323^m de elevação, divide as aguas que vão á ribeira de Cheleiros, as que vão para a ribeira de Loures, e as que desceem pelo mesmo massiço para virem ao Tejo abaixo de Lisboa. Daquelle ponto descalhe para o SE, dirigindo-se pelas alturas de D. Maria e de Caneças com 290 e 231^m d'altitude, e tomando finalmente a direcção do sul vai pelas corôas das montanhas de Adabeja, e Villa Cbã até Falagueira, junto á Porcalhota, onde prende com o collo de Carnide, tendo neste ultimo trajecto as altitudes de 288 a 150^m, e separando as aguas para as ribeiras de Odivellas, Carenque, e Alcantara.

Este massiço apresenta a fôrma d'um pentagono irregular com os seus vertices apoiados no Cabo da Roca, Alto da Tapada perto do Sabugo, Caneças, Foz da Ribeira d'Alcantara, e extremo meridional da linha de costa junto a Cascaes.

Tomando as dimensões medias deste massiço sobre a excellente carta chorographica recentemente publicada pela nossa Commissão Geodesica ¹ achar-se-ha que elle occupa uma superficie de fôrma proxivamente rectangular com 28 kilometros de E a O e 13 kilometros de S a N, elevando-se em rampa, das aguas do Tejo para o N com 0^m,025 de inclinação por cada metro corrente.

Comparando as cotas de nivel dadas pela carta, reconhecer-se-ha, que a elevação desta grande linha divisoria d'aguas apresenta notaveis e successivas differenças sobre o terreno contiguo que descalhe para a parte septentrional ou opposta ao mesmo massiço: assim en-

¹ Não posso deixar de felicitar o paiz por começar a possuir uma Carta chorographica bem coordenada e precisa como esta, cujas vantagens para as sciencias e para a administração publica são obvias a toda a gente, e de que uma nação civilisada não pôde prescindir.

O reconhecimento que faz objecto desta Memoria foi feito sobre o terreno representado na primeira folha publicada da referida Carta, e devo confessar que achei rigorosa exactidão nos menores detalhes, o que muito honra os Officiaes que nella trabalharam.

Sem um tão poderoso auxiliar o estudo da Geographia physica, e da Geologia não se pôde fazer senão imperfeitissimamente. Recceba pois a Commissão Geodesica este pequeno testemunho de consideração, que não passa d'um tributo pago á verdade. A perseverança e sabedoria do seu digno Chefe o Ex.^{mo} Sr. Couseheiro Philippe Folque se deve o resultado já obtido. Que elle não desanime, e cremos que não desauimará, e que o Governo o auxiliará com os necessarios recursos, são os nossos ardentes votos.

tre os pontos culminantes da serra de Cintra e a ribeira de Collares que corre na fralda da serra ha 300, 400, e mais metros de differença de nivel, diminuindo depois, até certos limites, da margem direita desta ribeira para o lado do norte: de S. Pedro em Cintra ao Algueirão vão estas differenças até além de 100 metros, entre os pontos mais elevados da divisoria e a depressão adjacente para o lado do norte: a Tapada está 150^m sobre o campo contiguo ao Sabugo; e a parte NE e oriental da mesma linha offerece sobre as ribeiras de Loures e Odivellas altitudes relativas superiores a 200 e 250^m.

É desta grande linha divisoria que partem os valles mais importantes por onde correm as ribeiras de Queluz, Laveiras, Oeiras, Manique, e Cascaes, affluentes do Tejo, os quaes em harmonia com a fórma e disposição geral do relevo que acabei de indicar, cortam o massiço de N para S, apresentando cada um dos seus respectivos corregos (*thalweg*) em uma fractura profunda de margens abruptas ou alcantiladas, constituindo assim a parte mais notavel dos accidentes que affectam este mesmo massiço.

As montanhas que se erguem na parte mais septentrional desta zona, entre o Sabugo e Loures, e a montanhosa serra de Cintra a oeste, são a outra parte dos accidentes que mais sobresaem no relevo geral, e sobre os quaes se vai apoiar todo o massiço. As inflexões que se apresentam ao NE e SE da grande linha divisoria, são devidas á posição mais avançada dessas montanhas, o que concorre para dar maior superficie ao massiço e maior desenvolvimento ás ribeiras de Valle de Lobos, e de Queluz; donde resulta uma boa parte das condições favoraveis para a aquisição d'aguas, como mais tarde se verá.

Além destes accidentes mais pronunciados, apresenta-se toda a superficie coberta de collinas, mais ou menos altas e alongadas, dispostas de Nascente a Poente, cortando perpendicularmente as differentes linhas d'agua formando pela sua posição resaltos, com as escarpas mais rapidas voltadas para o N, taes como as que orlam o Tejo desde Aleantara até Oeiras, as que vão de Monsanto por Alfragide ao Manique, as que se estendem da Porcallhota por monte Abrahão a Vaz Marinho, e as que vão de Caneças ao Algueirão.

Por esta fórma o massiço occidental constitue uma elevada protuberancia, sobranceira a todo o terreno adjacente, que lhe serve de limite pelo N a Nascente; elevando-se similhantemente, na sua maxima extensão, tanto sobre o massiço oriental, como sobre todo o collo, onde está edificada Lisboa: de modo que toda a parte da ribeira, e todas as nascentes, comprehendidas pelo parallelo de Cacem e a gran-

de linha divisória d'aguas, tem uma altitude superior aos pontos mais culminantes da cidade.

Tal é o esboço geral da forma physica do terreno das visinhanças de Lisboa; mais adiante porém precisarei a descripção daquella parte que importa conhecer para o objecto principal desta Memoria.

2.ª SECÇÃO.

CONSTITUIÇÃO GEOLOGICA DO SÓLO.

Divisão dos terrenos — As formações que entram na composição geral do sólo de Lisboa, pertencem a tres grupos mui distinctos pela sua origem, caracter mineralogico, e posição, a saber: terreno terciario, terreno cretaceo, rochas eruptivas.

Terreno terciario. — O terreno terciario da bacia inferior do Tejo ¹ consta de duas formações diversas, uma superior e lacustre que se estende, aos lados do Tejo, até á Beira-baixa e Alto-Alemtejo, outra marinha, orlando apenas a margem direita do rio, desde Lisboa até ás visinhanças de Alhandra, com o seu maior desenvolvimento na margem opposta.

O massiço oriental consta, na sua quasi totalidade, das rochas desta ultima formação, as quaes terminam com os seus afloramentos na aresta superior, que fórma o labio que decorre de Friellas até defronte de Odivellas, comprehendendo as povoações de Carnide e Luz; e dirigindo-se para o SE pelas visinhanças do Pinheiro, e Quinta do Seabra, atravessando Lisboa, um pouco a E da Rua de S. Bento, e terminando na praia do Caes do Tojo.

Alguns retalhos desta mesma formação, muito insignificantes, deixados pela denudação, apparecem ainda á beira do Tejo abaixo de Lisboa, como por exemplo em Oeiras, em quanto que a margem escarpada, que lhe fica fronteira, desde a Trafaria até Cacilhas pertence toda áquella formação.

As areias amarellas, verdoengas e azuladas, alternando com camadas de calcareo mais ou menos arenoso, e encerrando na sua parte

¹ Ha outra bacia terciaria no Tejo em Castella a Nova, que se pôde denominar bacia superior do Tejo.

media leitões de argila e de marnes, são as rochas constituintes desta formação, cujos stratos inclinam regularmente 5° para o SE.

Os despojos animaes abundam em quasi todo este deposito e do seu exame se tem reconhecido que pertence ao terreno terciario medio ou miocene; entretanto o estudo dos fosseis, que se encontram em ambas as margens, e dos horizontes que elles estabelecem, está ainda muito atrazado para se poderem definir as relações stratigraficas do mesmo deposito n'um e outro lado do rio, e determinar a sua possança total. Em todo o caso, é evidente, que todas estas camadas terciarias pertencem ao mesmo periodo, e que foram deslocadas pela mesma fallia, que actualmente serve de leito ao rio Tejo.

Epocha da formação do conglomerado com fragmentos de basalto. — Em uma Memoria publicada por Daniel Sharpe nas *Transactions of the geological Society of London* (1841) sobre a geologia dos suburbios de Lisboa, dá-se como pertencente á formação terciaria um conglomerado vermelho que se vê coberto por diversos retalhos de camadas terciarias em S. José de Riba-mar e Santa Catharina, e sahe por debaixo da formação terciaria na Ameixoeira e Povoá de Santo Adrião; parece-me porém que o illustre geologo não teve occasião de seguir este conglomerado em toda a extensão em que elle apparece, e de examinar as suas relações com a formação cretacea, sobre que assentam os basaltos; neste caso encontraria grande difficuldade, senão uma verdadeira incompatibilidade, em referir ao periodo terciario as camadas de marmore associadas a este conglomerado, que se observam ao lado do caminho que vai da Porcalhota para Carnide.

O estado de metamorphismo destes conglomerados, e a sua associação com os basaltos, como se vê na Porcalhota, Queluz, Carnide, Tojal, e outros lugares, e a sua presença em Alfovar, e no Correio Mór, junto a Loures, assentando concordantemente sobre as camadas de marmore contendo caprinulas e spherulites, são uma prova clara de que esta formação de conglomerados pertence á parte superior do periodo cretaceo, e não fórma a base das camadas terciarias.

Indo do Carregado para Alemquer observei eu um conglomerado composto de seixos arredondados de quartzo, quartzites, e outras rochas, presos por um cimento bastante duro, argilo-ferruginoso, de cujo conglomerado vi tambem um affloramento na base do terreno terciario, defronte da Povoá de Santo Adrião na parede oriental do valle de Odivellas; porém estes conglomerados, que por em quanto reputarei subordinados ao terreno terciario marinho da bacia inferior do Tejo, são mui diversos daquelles de que falla Sharpe.

Por estes factos, e outros que podia adduzir para o objecto em questão, mas que omitto por não terem immediata relação com o assumpto principal desta Memoria, excluo do terreno terciario as referidas camadas de conglomerados, e as suas associadas; e posto que não possa, por ora, precisar o limite septentrional da bacia, onde teve logar o deposito das camadas terciarias nas visinhanças de Lisboa, ha com tudo factos que authorisam a ajuizar que esse limite pouco se affastará da linha que hoje seguem os respectivos affloramentos na margem direita do Tejo.

Terreno cretaceo. — As camadas terciarias de Lisboa segue-se o terreno cretaceo, e a formação trappica, que entram na constituição de todo o massiço occidental; na do collo que prende os dous massiços; e na do sólo do valle de Odivellas a Loures.

Limites. — O terreno cretaceo apresenta-se em uma grande extensão desde o Tejo até á margem direita do rio Vouga, posto que rôto nos districtos de Santarem, Leiria, Coimbra, e Aveiro por mui largos affloramentos de terrenos secundarios mais antigos. Na parte que respeita aos suburbios de Lisboa estende-se este terreno para o N interrompido sómente pelas rochas igneas, por um lado, até ás visinhanças de uma importante linha de falha que vem do Atlantico a Torres Vedras, que serve de leito ao rio Sizandro, e por outro até á linha de sublevação de Alhandra, afflorando em ambas estas linhas as camadas de terreno oolitico superior.

Se se percorrer porém toda a extensão occupada pelo terreno cretaceo no districto de Leiria, Coimbra, e Aveiro, reconhecer-se-ha que ao N daquella importante linha de sublevação tanto o numero das formações como a sua possança, se apresentam, comparativamente, mui limitadas, figurando sómente em quasi toda a extensão, a parte mais antiga equivalente ás formações *neocomiana*, e do *grés verde*, coberto immediatamente nas visinhanças de Leiria por alguns retalhos de camadas de calcareo, com caprinulas e spherulites do cretaceo superior. Outro tanto porém não acontece á parte comprehendida entre o Tejo, a referida linha de sublevação, e a costa correspondente: aqui teve o terreno cretaceo o seu maior desenvolvimento, offerecendo uma possança de muitos centenares de metros, e se pela falta de estudo se não acham ainda definidas as formações que o compoem, pôde com tudo esperar-se que venham a encontrar-se nelle os representantes de todos, ou da maior parte dos membros já conhecidos, e bem determinados das bacias cretaceas de Londres, e de Paris.

Divisão do terreno cretaceo. — No entanto baseado na sobreposi-

ção, no caracter mineralogico, e em parte no paleontologico, dividirei provisoriamente o nosso terreno cretaceo em quatro formações, abaixo enumeradas na ordem descendente, cada uma das quaes póde subdividir-se em andares, e em grupos :

1.ª Formação { 1.º andar — Conglomerado vermelho } { 1.º grupo — Rochas calcareas, e arenosas.
2.º grupo — Conglomerados, grés, e argilas formadas de fragmentos dos basaltos.
2.º andar — Calcareao hippuritico, contendo spherulites e caprinulas.

2.ª Formação { 1.º andar { Camadas de Bellas ou grupos mui possantes de camadas de calcareao, alternando com iguaes grupos de camadas de grés e argilas.
2.º andar { Camadas de calcareao da Ericcira com leitos de grés, e de marnes vermelhos com o pecten quinque-costatos.

3.ª Formação — Marnes de Safarujo.

4.ª Formação — Arenatas e calcareaos com a exogyra conica e ammonites.

1.ª Formação: 1.º andar: 1.º grupo. — O grupo superior do andar do conglomerado vermelho apresenta-se no valle de Loures, indo pelo Pinheiro até um pouco acima da povoação denominada A. dos Cães, onde um pouco mais para o O é completamente interrompido por uma grande deslocação, que separa um retalho destas rochas para além das montanhas do Almargem do Bispo em Alfovar: estende-se depois para ENE e Nascente pela margem esquerda da ribeira de Loures, occupando o terreno baixo de encostas basalticas e calcareas, que vão a Santo Antão do Tojal e Ponte nova sobre a ribeira do Trancão, indo da outra parte do valle penetrar, por baixo das camadas terciarias, de Friellas á Ameixocira: corre depois para o

SO pelo valle de Odivellas, occupando toda a sua largura, e vai decauçar juntamente com os stratos do grupo inferior, sobre a facha basaltica que vem do Mortal á Porcalhota, parecendo limitado ao Sul pela estrada de Palhavã a Bemfica, mas já para o Poente deste ultimo limite, e mesmo para o S muda o caracter mineralogico destes stratos, manifestando a transição para o grupo inferior que se apresenta muito retalhado, e dividido em massas de diferentes espessuras, e variada extensão, e em concorrência com os basaltos em toda a zona trappica que se estende para o S de Bellas, d'Agualva e de Manique, por tal fórma, que não é possível, ao menos por em quanto, assignar o espaço occupado pelo segundo grupo nem mesmo separar, ou definir quaes destas rochas pertencem ao andar dos conglomerados, e quaes as que resultaram, por metamorphismo da formação do calcareo de caprinulas, que lhe fica immediatamente inferior. E' em virtude do estado de metamorphismo, e da simillhança de côr deste grupo com a do basalto alterado, e da sua divisão em numerosos retalhos, que córei os lugares onde elles apparecem com a mesma tinta de que me servi para designar as rochas trappicas.

As rochas pertencentes ao primeiro grupo no valle de Odivellas são as seguintes, enumeradas na ordem descendente:

Arenatas de côr vermelha alaranjada com leitos de marne argiloso côr de rosa.

Calcareo molle, encerrando calhãos de pederneira e de calcareo duro.

Conglomerado calcareo, contendo fragmentos angulosos e calhãos de calcareo em pasta calcarea mais ou menos carregada de grãos de areã.

Leitos espessos de marmore branco, identico no caracter mineralogico ao marmore cretaceo de Pero Pinheiro e Alcantara: passa a

Calcareo branco duro e cristallino com abundantes grãos de quartzo vitreo.

Arenatas côr de laranja e vermelhas com leitos de argila e marnes da mesma côr.

Grés grosseiro passando a conglomerado com calhãos de quartzo de calcareo cristallino branco, e outras rochas, tendo uma côr clara rosada.

Este grupo terá uns 60 metros de possança.

Nesta localidade encontram-se todas estas camadas, regularmente sobrepostas com uma inclinação crescente, do Poente para o corrego do valle, de 30 a 50° para NE, diminuindo depois para o Nascente, indo

mais longe metter-se, discordantemente, por baixo da serie terciaria com angulos de 20° proximamente; em quanto que as camadas desta serie inclinam de 5 a 8° para SE.

Na encosta da serra de Monte-mór que desce para o lado de Loures, vê-se este grupo concordando com os leitos de marmore, com spherulites, com os quaes inclinam de 30 a 70° para NNE.

Do Almargem do Bispo para Alfovar encontrei ainda este mesmo grupo, jazendo concordantemente, sobre as camadas de calcareo cristallino com caprinulas e spherulites, inclinando em angulos variaveis de 50 a 10° para o SO, e para S 30° O.

1.^a *Formação*: 1.^o andar: 2.^o grupo. — No segundo grupo entram as seguintes rochas, parte dellas compostas de detritos de origem volcanica; não affirmo porem que a sua ordem stratigraphica seja rigorosamente a que abaixo se enumera, porque as repetidas soluções de continuidade não permittem o conhecimento rigoroso dessa ordem.

Entre a Porcalhota, Queluz, e Pendão encontra-se:

Leitos de argila molle cõr de sangue e rosados, alternando com:

Leitos de uma rocha tufacea arroxada composta de grãos e fragmentos de quartzo, de rochas basalticas e outros productos volcanicos, com pasta de basalto decomposto, e encerrando:

Leitos delgados de argila cinzenta e verdoenga.

Stratos de uma rocha homogenea verdoenga e acinzentada, parecendo ter sido calcareos e argilas infiltrados pela substancia basaltica.

Basalto em mantos, bolhoso; e wake com grãos de calcareo cristallino.

Leitos de argila molle, rôxa, acinzentada, e vermelha, passando a

Leitos de uma rocha grésiforme composta de detritos miudos de basalto decomposto, e de argila vermelha. ¹

Junto á margem direita do Tejo, em Carnaxide, Valejas e outros lugares, existem porções de stratos de conglomerados contendo fragmentos angulosos de calcareo branco cristallino, quartzo, basalto, e outras rochas, com pasta de tufo argiloso grésiforme, e passando a leitos possantes de grés de natureza da pasta do precedente conglomerado. Esta rocha passa a wake stratificado de cõr vermelha clara contendo nucleos de calcareo branco cristallizado. Entre estes stratos veem-se:

Leitos de argila fina vermelha, rôxa, e gredelim, com leitos

¹ Na ribeira de Queluz podem ver-se estes stratos, jazendo com pequenas inclinações sobre os basaltos.

de 0^m,01 de espessura de um calcareo marnoso duro esbranquiçado, e camadas de rocha homogenea averdoengada, parecendo calcareo e marnes infiltrados da substancia volcanica.

Este andar do terreno cretaceo superior não se encontra em mais parte alguma do paiz, alem dos suburbios de Lisboa. Na Porcalhota, em Queluz, e á beira do Tejo as suas inclinações são pequenas, e constantemente para o S, isto é, no sentido da geral inclinação do massiço occidental, e na dos stratos das formações medias e inferiores do terreno cretaceo.

1.^a *Formação*: 2.^o *andar*. — O segundo andar da primeira formação, ou o andar do calcareo hippurítico, não o tenho encontrado em todo o paiz ao N do paralelo de Alemquer senão no districto de Leiria, e separado em retalhos de diversas grandezas. Ao S daquella linha só o tenho reconhecido desde o Tejo até aos Negraes, uns 4 kilometros a ESE de Cheleiros; mas tão deslocado, e dividido em retalhos tão numerosos e com lacunas tão extensas, que não é facil, e chegaria mesmo a ser fastidioso, descrever o espaço occupado por cada um, podendo todavia formar-se idéa da sua distribuição pela Carta junta, onde vão marcados com a sua respectiva côr.

Observa-se porem na disposição geral deste andar nas visinhanças de Lisboa, que o limite occidental dos retalhos que estão mais avançados para o Poente se apresenta sobre uma linha proximamente parallela á direcção NNE a SSO que passa por Montelavar e Lourel, perto de Cintra e S. Julião da Barra na foz do Tejo, em quanto que as formações cretaceas, que lhe estão inferiores, formam a linha da costa até proximo á foz do Rio Sizandro, muito acima da Ericeira. Se a este facto juntarmos que a vasta formação basaltica das visinhanças de Lisboa se apresenta exclusivamente subordinada ao calcareo de caprinulas, e que este calcareo se mostra em alguns lugares, como entre Loures e Caneças, e entre Caneças e Adabeja, jazendo sobre os membros inferiores das formações mais antigas, isto é, sobre o quinto grupo do andar de Bellas, não haverá duvida em tomar o calcareo de Alcantara, ou de caprinulas, como uma formação diversa da das camadas de Bellas; tanto mais que em apoio desta distincção vem o caracter paleontologico demonstrar a separação que existe entre estas duas formações do terreno cretaceo; reduzindo por consequencia, e muito, a extensão do calcareo de caprinulas das visinhanças de Lisboa, assignada por Sharpe na sua já citada Memoria, onde as camadas destas duas formações estão confundidas sob a denominação geral de calcareo hippurítico.

Divisão do 2.º andar. — E' provavel, que quando este andar fôr melhor e mais detidamente estudado, venha a dividir-se em dous grupos mais ou menos naturaes, segundo os seus caracteres paleontologicos, pelo menos a grande possança que apresenta em differentes logares, e a differença de caracter mineralogico a certa altura da serie authorisam esta supposição.

1.ª *Parte ou superior.* — As camadas de Alcantara que formam a parte mais superior do andar, taes quaes as desereve Sharpe, constam do seguinte:

Calcereo argiloso molle, alternando com camadas delgadas de marne	13 ^m
Marne cinzento	2
Calcereo argiloso fracturado, contendo spherulites.	16
Calcereo contendo spherulites, e outras conchas pertencentes á familia dos Rudistas.	6
Calcereo argiloso molle	6
Calcereo branco duro compacto, com numerosas placas interstratificadas de pederneira	16
Calcereo compacto duro e branco	32

2.º *Andar: 2.ª parte ou inferior.* — A outra parte deste andar, que eu supponho ser a inferior, dever-se-ha estudar entre Santo Antão do Tojal e Bucellas, onde se vê uma bella secção nas margens da ribeira do Trancão; ao lado do caminho que vai de Terruje a Mem Martins, e tambem na Cavalleira, 3 kilometros a NE de Cintra.

Nesta ultima localidade, deixando duas falhas abertas em basaltos, por onde correm as aguas que vão do Ulmeiro á ribeira de Colares, e dirigindo um córte para o SE encontra-se a seguinte serie na ordem ascendente:

- Camadas de calcereo argiloso e marnes amarellados, alternando entre si, com leitos espessos de calcereo branco compacto e semi-cristallino, inclinando de 10º a 30º para S alguns grãos E.
- Marne calcereo vermelho rosado com camadas alternantes de marnes amarellados, e de calcereo argiloso molle muito celluloso.
- Camadas espessas de calcereo branco cristallino com nerineas, spherulites, restos de caprinulas, peetens, e outras conchas.
- Camadas de grés cõr de rosa, de calcereo fragmentar passando a conglomerado, de calcereo argiloso molle amarellado, e de marne cõr de rosa, alternando umas com outras.
- Camadas de calcereo branco compacto semi-cristallino com restos de caprinulas.

Estas ultimas camadas, as mais superiores da localidade, incli-

nam para uma falha que passa em Sacotes na direcção EO proxima-mente e vão encostar nos calcareos anegrados do 5.º grupo da segun-da formação, inclinando estes calcareos no sitio do Moinho do Caval-leiro 80º para ONO, e as camadas de caprinulas descahem neste mesmo ponto para o S em angulos de superior grandeza, manifestan-do-se este phenomeno até o Algueirão e Sacotes; mas já para NE deste ponto, em Maria Dias e Palmeiros, descansam estas ultimas camadas em pequenos angulos, tambem para o S, sobre o 4.º e 3.º grupo da indicada segunda formação, em quanto que as camadas da base da serie ultimamente enumerada, circumscrevendo pelo N e NO o affloramento basaltico, que indiquei, vão concordantemente assen-tar sobre as camadas de Villa Verde, pertencentes ao primeiro grupo da mesma segunda formação.

Esta serie, assim tão completa, proseguiu para o norte, cobrindo toda a veiga denominada Campo-raso e Granja do Marquez até Mon-telavar, assentando sobre as mesmas camadas de Villa Verde; porem como estas localidades assentam na parte mais abatida do sólo cir-cumscripto pelas montanhas de Cintra, Almargem do Bispo, e Che-leiros, apenas se vêem á flôr da terra os topes daquellas camadas mais duras, como as dos marmores; ao passo que as outras estão cober-tas pelos restos da sua propria desintegração, de envolta com a terra vegetal; de modo que o sólo fórma um campo, sensivelmente unido, coberto de uma terra amarella escura, sendo esta côr mais carregada em partes por causa dos basaltos em decomposição, como se vê nas immediações dos Palmeiros e de Morlena.

Se exceptuarmos os marnes amarellos e terrosos, os calcareos tambem amarellados e cavernosos; e as camadas de marmore com spherulites, que mais communmente se apresentam em todos os pon-tos onde existe esta formação, em nenhuma outra localidade a serie se mostra tão completa, nem com a reunião de caracteres mineralo-gicos, acima descriptos, como nos lugares indicados. Na ribeira do Trancão, e n'outra secção que se póde estudar nas visinhanças de Lou-res, desde o sitio do Correio-mór até á aldeia de Monte-mór, as rochas arenosas grosseiras, e as camadas de conglomerados, em geral de um vermelho rosado, são allí substituidas por camadas de grés fino amarel-lo com cimento calcareo ou argiloso, e por marnes tambem amarel-lados. Em todos os mais pontos, que visitei, a parte inferior deste an-dar está substituida pelas rochas basalticas, mostrando ser, uma par-te dellas, o resultado de uma intensa acção metamorphica sobre as ca-madas sedimentares preexistentes.

Passagem da 1.ª para a 2.ª formação. — Em muitos pontos do districto a passagem da primeira para a segunda formação faz-se insensivelmente pela concordancia dos seus stratos, simillhança de caracteres mineralogicos, e presença de uma parte dos mesmos restos organicos, como poderá verificar-se nas localidades acima recommendadas para o estudo das series da primeira formação. Mas outros factos, não menos importantes, auctorisam, e mesmo reclamam, a divisão desta parte do terreno cretaceo nas referidas duas formações: o primeiro é a completa ausencia de caprinulas e spherulites nas camadas de Bellas, Villa Verde, Ericceira, e Bucellas, e o apparecimento de um horizonte de terebratulas em concorrência com abundantes restos de polypeiros e grossos espinhos de *cchinus*: o segundo é a deslocação das camadas de Bellas antes do deposito das camadas de caprinulas, vindo estas assentar immediatamente sobre o quinto grupo do andar de Bellas sem a interposição dos membros intermedios, como se observa no Algueirão, e na Adabeja: o terceiro finalmente, derivando do precedente, é estender-se a segunda formação desde Lisboa até proximo de Torres Vedras onde pára, em quanto que o calcareo de caprinulas nas visinhanças de Leiria assenta immediatamente sobre as arenatas neocomianas.

Posição geographica da 2.ª formação. — A segunda formação começando entre a parte mais meridional da costa e o castello de S. Julião da Barra, estende-se ao Poente pela linha da costa até á foz do rio de Safarujo ao N da Ericceira, sendo apenas interrompida no Cabo da Roca pelos granitos da serra de Cintra, e dirigindo-se desde aquelle rio para ESE, entre a Azueira e Gradil, vai passar a Bucellas, e metter-se por baixo das formações superiores.

Andar superior da 2.ª formação — Camadas de Bellas. — O andar superior desta formação, bem desenvolvido entre o Cacem e valle de Nogueira, compõe-se de seis grupos alternantes de rochas calcareas com marnes, e de grés com argilas, inclinando geralmente para o Sul, e dispostos da maneira que se observa na Carta; porém, como mais adiante tem de ser investigado minuciosamente, por ser aquelle que abrange a superficie de apanhamento das aguas a aproveitar, não me demorarei agora com a sua descripção.

2.º Andar da 2.ª formação — Camadas da Ericceira. — O segundo andar ou o andar inferior compõe-se de uma possante assentada de camadas de calcareo argiloso amarello e cinzento, camadas de marnes amarellos, rôxos e cinzentos; camadas de grés finos trigueiros micaceos com restos vegetaes, e grés grosseiros de côres claras.

alternando umas com outras e tendo uma possança superior a 100^m. Póde estudar-se na linha de costa, e entre os rios de Cheleiros e Safarujo nas visinhanças da Ericcira.

A inclinação geral de todas estas camadas é para o S, metten-do-se debaixo das do primeiro andar, mas como são atravessadas por frequentes afloramentos de diorites e de basaltos na Terruje, Oldrinhas, Alvarinhos, e outras partes, essa inclinação muda occasionalmente para outros pontos do horizonte. Além destes afloramentos ha outros dikes, que atravessam e sobresaem ás camadas de Nascente a Poente e de NE a SO. Destes ha mui bellos exemplares em toda a linha da Costa, desde a Praia das Maças até á foz do Sizandro, e nestes mesmos lugares, e em concorrência com os dikes, podem tambem observar-se grandes massas de basaltos, de muitos metros cubicos, envolvidas nos calcareos, sem que todavia o metamorphismo se manifeste nestes além de dous a tres decimetros. Acima da Ericcira, junto á foz do rio Figueiredo, ha um destes exemplares, mui curioso.

Todas as linhas d'agua, que vão directamente ao Oceano entre Cintra e o rio Safarujo, cortam este andar de SE a NO seguindo outras tantas linhas de fallia, operando por consequencia nas camadas uma serie de depressões, variando com estes accidentes a grandeza do angulo de inclinação, sem com tudo affectar o sentido geral della. Estas fálhas são ainda atravessadas por outras, que, posto que de menor influencia para o relevo, não são de menor importancia, pela modificação que operam na estrutura particular do sólo. Vê-se um importante exemplar destas na margem esquerda do rio de Safarujo, junto á sua foz, no qual o plano da fallia inclina 55° para ESE.

3.^a *Formação — Marnes de Safarujo.* — A terceira formação dos marnes começa na margem esquerda do rio Safarujo, vai por O ao Oceano, estende-se pelo N até proximo de Muçafaneira, e passando entre Serra da Villa e Turcifal, desce para SE.

Descendo da Alagôa até ao povo de Safarujo, atravessa-se a parte superior desta formação composta de uma serie de camadas de grés, e de marnes argilosos vermelhos variegados, encerrando, mas accidentalmente, alguns leitos de calcareo, e offerecendo nesta descida uma possança de 80^m. A inclinação destas camadas é para o S e concorda com os stratos superiores, mas como ellas são accidentadas por fallias e injeções trappicas, e participam de outros movimentos do sólo, essa inclinação é modificada, especialmente na margem direita do rio, dirigindo-se para NO e outros pontos.

As repetidas camadas arenosas muito permeaveis alternando com

os marnes e argilas, dão a este grupo de rochas a qualidade de aquíferas, sendo elle o que alimenta em grande parte a ribeira de Salarujo, quasi desde a sua origem até á foz, por meio de copiosas nascentes que brotam das numerosas secções e fracturas que accidentam estas camadas.

Continuando a seguir esta formação para NNE encontra-se um conglomerado calcareo vermelho, e algumas camadas de calcareo argiloso amarello claro, e repetidas camadas de grés de côres claras alternando com outars de côres trigueiras. A inclinação destas camadas não excede 20°, e mais commumente varia entre 5 e 8°, dirigindo-se já para O já para NO em consequencia dos accidentes locais do sólo. A sua possança póle estimar-se em 50^m.

Descendo do Alto da Encarnação para a ribeira de Pallaes apparece outro grupo, ou uma grande successão de camadas de marnes vermelhos, contendo a diversas alturas algumas, mas poucas, camadas de grés trigueiros ferruginosos e micaceos, e alguns leitões de calcareo amarello arenoso fino; podendo contar-se a esta serie uma possança de 60^m proxivamente.

A maior parte das camadas desta ultima serie são impermeaveis, como é natural aos marnes e argilas, mas como as camadas de calcareo e de grés, que se acham interstratificadas naquellas rochas, são dotadas de permeabilidade, verificam a existencia de camadas aquíferas, que se denunciam pela presença de muitas nascentes que brotam destas rochas, e cuja riqueza não tive occasião de estimar.

Nesta formação que offerece a possança de perto de 200^m, é que reside a maior parte do districto vinhateiro de Torres Vedras. Os seus stratos inferiores assentam sobre a formação do oolite superior, que começa a afflorar na costa logo abaixo da foz do Sizandro estendendo-se para o N e NE.

Na margem direita do rio em Torres Vedras apresenta-se o phenomeno notavel das arenatas ferruginosas da formação neocomiana assentarem immediatamente sobre os stratos do oolite superior, faltando completamente toda a serie cretacea que se estende para o Sul deste mesmo rio; achando-se este phenomeno em concurrencia com a importante linha de falha (fig. 1) que deu lugar ao estabelecimento daquelle rio, e bem assim com a circumstancia, tambem muito notavel, do total desaparecimento das formações do cretaceo medio ao N do mesmo rio, na Extremadura e na Beira: em quanto que o calcareo de caprinulas apparece no districto de Leiria sobre stratos neocomianos, sem a interposição do cretaceo medio.

Deste modo as duas ultimas formações do terreno cretaceo medio tem um limite natural, seguindo a referida linha de falha, com o qual coincidem alguns factos geologicos muito importantes, em quanto que pelo SE é a falha do Tejo, com a formação terciaria, que limita aquellas formações, as quaes inteiramente desaparecem na sua margem esquerda.

Deposito terciario lacustre. — Para completar a enumeração das rochas sedimentares das visinhanças de Lisboa, e de algumas diluvianas que se encontram em diversos lugares, direi que na vertente septentrional da serra de Cintra, se vê, encostado a esta serra um deposito de argilas, marnes e grés verdoengos, avermelhados e variegados, com leitões e nodulos de calcareo branco lacustre, em partes terroso, passando a um calcareo duro, talvez magnesiano, e semi-cristalino. Este retalho, que se estende desde as visinhanças de Cintra por Collares até á Zibreira com inclinações de 10° (junto a Collares com a de 60°) para S alguns grãos O, vai assentar sobre as camadas da Praia das Maças e Zibreira pertencentes á formação do calcareo de Bellas.

Não possuo dados certos para poder affirmar a que época pertence este deposito; entretanto o caracter mineralogico dos seus marnes e calcareos brancos é tão igual, e o seu aspecto geral tão semelhante aos stratos marnosos e calcareos do terreno terciario lacustre do Tejo e Guadiana, que attenta a sua posição sobre os stratos cretaceos, não duvido aventurar a opinião de que este retalho pertence á bacia terciaria lacustre do Tejo.

Deposito alluvial antigo. — Outro deposito tambem digno de mencionar-se é o de numerosos calhãos de calcareo argiloso com as arestas quebradas, alguns com impressões de ammonites do terreno jurassico inferior ou do Lias; fragmentos de quartzite e de grés, tudo de evidente transporte, occupando uma faixa que vai de Collares até ás margens do Safarujo, mostrando-se em maior abundancia nas immedições da Zibreira, e no caminho do Casal do Piolho para o Safarujo. Esta faixa é toda litoral, e ainda não vi depositos semelhantes em outros pontos do districto.

Aréas da linha de Costa. — Finalmente as aréas soltas das visinhanças de Collares occupam na proxima linha de costa as alturas que vão a Almoçageme e a Mindeis, chegando ás altitudes de 100^m sobre a praia contigua; apresentando-se este phenomeno em relação com as aréas de Pataias, e Nazareth, e com as rochas argilosas vermelhas com detritos do calcareo subjacente, que se encontram na

aresta da linha de costa, desde Buarcos até ao Cabo Mondego, elevadas 15 a 50^m sobre as aguas do Oceano; factos estes que constituem a mais vehemente prova da elevação das nossas praias antes da época recente, no numero das quaes se devem contar a maior parte das áreas da nossa zona litoral.

Rochas igneas. — As rochas igneas constituem uma das mais importantes formações do districto que se considera. Ellas pertencem a tres cathogorias diversas: os granitos da serra de Cintra; as diorites de Montemór; e a formação basaltica propriamente dita, que se estende em largas faxas sobre o massiço occidental e terreno adjacente.

Granitos da serra de Cintra. — Os granitos estão exclusivamente limitados á cadêa de montes denominada serra de Cintra. Como não tive occasião de me demorar no exame desta serra o tempo necessario para poder fazer uma descripção propria, copiarei textualmente a descripção que vem na Memoria de Sharpe.

«A rocha predominante é o granito, formado de porções quasi iguaes de quartzo e feldspatho, com pouca mica; mas em algumas partes contém ferro magnetico, dissiminado em pequenos grãos. As partes centraes dos montes são, em toda a cadêa, formadas de granito de grão grosso, que se divide em fragmentos grandes irregulares, e as porções exteriores de um granito molle de grão fino com lascado schistoso. Em alguns lugares o grão é tão fino, e o lascado em losangos tão distincto, que a rocha poderia tomar-se erradamente como grés, se não se reconhecesse a passagem para um granito, que apresenta os seus caracteres ordinarios. Proximo de Cintra a espessura deste granito schistoso não é grande, mas perto do Farol é mais consideravel, e a particularidade do seu caracter mais pronunciada. Link ¹ descrevendo este sitio, parece estar em duvida a respeito da sua natureza, e chama-lhe granito passando a grés. Na estrada para o Farol ha muitos exemplos de véas de um granito duro de grão mais grosso no granito schistoso; mas as variedades passam umas ás outras, parecendo que foram formadas ao mesmo tempo.

«Para a extremidade O da cadêa apparecem rochas syeniticas, e porphiricas em muitos lugares, e a capella da Peninha assenta sobre a junção de uma massa de porphyro feldspathico decomposto com o granito.

¹ Geol. und Min. Bemerkungen auf einer Reise durch das südwestliche Europa p. 59.

« Proximo da Atalaya, colhi alguns fragmentos soltos de magnifico porphyro vermelho no leito de uma torrente. Não ha neste lugar secção que mostre as posições relativas do granito e do porphyro, mas por tudo que eu pude ver, considero-os como tendo sido formados contemporaneamente.

« O granito é em muitos lugares entrecortado de vêas, particularmente proximo da extremidade O da Cadêa.

« Perto da Atalaya é atravessado por uma vêa muito delgada de granito inteiramente distincto da massa da rocha, e em uma ravina proximo do mesmo lugar ha duas vêas que atravessam o granito, uma dellas horizontal de 2 pés de espessura, e de caracter syenitico, a outra perpendicular e de menor importancia. Ambas estas vêas passam tão gradualmente ao granito, que devem ter sido formadas contemporaneamente com elle. Perto de Cintra achei uma amostra de granito entrecortado de muitas vêas, algumas dellas não mais espessas do que uma folha de papel, e por tanto não devidas á injeccão da materia granitica em fendas. Proximo da Capella da Peninha, delgadas vêas de granito atravessam tambem o porphyro. »

Diorites de Monte-mór. — As diorites mostram-se em differentes pontos do massiço occidental, e na zona de terreno que corre até perto da Ericcira; porém o local onde estão mais desenvolvidas é na serra de Monte-mór entre Caneças e Loures, occupando com um largo affloramento a parte media e alta da montanha onde está o signal geodesico: aqui apresentam-se em massas spheroides até ao volume de 1^{mc}, dispostas umas sobre as outras, assimilhando-se no aspecto exterior ao granito globular da nossa península. São porphyroides, de grão grosso, e de côr amarella de tabaco pela alteração da amphibole.

As camadas de marnes e de calcarcos de Bellas, estão evidentemente alteradas por aquellas rochas a ponto de se confundirem com a mesma diorite alterada e terrosa, como pôde observar-se no caminho de Caneças para as Quintas da Torre e da Balêa.

A montanha de que fallei, que tem sobre o mar a altura de 354^m, deveu a sua elevação aos basaltos, que se vêem aflorar na meia encosta, insinuados na massa das diorites, e no meio das camadas cretaceas que se deslocaram e fracturaram em pequenas massas e retalhos, e não á injeccão das mesmas diorites, posto que occupem a parte mais elevada da montanha; parecendo, ao contrario, que tanto neste ponto como nos outros do districto onde estas ultimas rochas se mostram a sua acção dynamica foi mui pouco intensa. No sitio das Aguas-livres, acima de Carenque, nas Pedreiras do Castanheiro, e na

margem esquerda da ribeira de Valle de Lobos, entre as nascentes dos Loyos, e a margem esquerda do ribeiro de Molhapão, mostram-se pequenos, porém mui frequentes afloramentos de diorite porphyroide atravessando os stratos dos primeiros tres grupos do andar de Bellas, convertendo os grés e os calcareos, com que se acham em contacto, em rochas porphyroides, infiltradas da substancia da diorite. Alem destes ha outros afloramentos de diorite, concorrendo, parte delles, com os basaltos na margem esquerda da ribeira de Cheleiros sobre a estrada de Mafra, na Terruje, Odrinhas, Alvarinhos, no caminho de Bellas á Ericceira, nos granitos da serra de Cintra, e finalmente entre Rio de Mouro e S. Pedro atravessando os calcareos do quinto grupo do andar de Bellas.

Formação basaltica de Lisboa. — A formação basaltica occupa uma grande extensão superficial ao Norte de Lisboa, mas distribuida em zonas de fórmãs tão irregulares, que só a inspecção do mappa pôde dar uma idéa dellas: reconhece-se porém que ha duas bandas ou fachas principaes, dispostas proximamente de Poente a Nascente, das quaes uma se estende de Campolide até proximo de Talahide, e outra mais ao N que vem das margens da ribeira do Trancão, e Vialonga até ao Almargem do Bispo ou mais propriamente, até proximo de Pero Pinheiro, ligadas a E por outra de menor extensão, limitada pelos valles das ribeiras de Loures e de Odivellas.

Ainda, além destas, ha afloramentos de basalto, e de diorite muito menos extensos, em Montelavar na margem esquerda da ribeira de Cheleiros, no Alto do Cartaxo, no Ulmeiro 2,5 kilometros ao N de Cintra, no Suimo, na Fonteira, junto de Bellas e da Venda Secca, na Cabeça de Montachique, e outros nas visinhanças da Ericceira, Mafra e Azueira. Apesar da pouca extensão d'alguns, são todavia muito frequentes em toda a zona que se estende até ao Rio Sizandro.

Os caracteres destes basaltos são extremamente variaveis: em umas partes são cristallinos e porphyroides com grandes cristaes de pyroxene e de olivina, n'outras são duros e de textura compacta; n'outras são bolhosos passando a wake contendo nucleos de spatho calcareo; muitas vezes apresentam-se em massas espheroides de capas concentricas, mais compactas que cristallinas; outras finalmente tomam o caracter d'uma rocha terrosa endurecida, com apparente stratificação e laseado schistoso, mais ou menos perfeito; passando todas estas variedades umas ás outras por transições insensiveis.

Aspecto com que se apresentam os basaltos. — Esta grande formação basaltica apresenta-se de tres modos: 1.º rompendo as rochas

sedimentares: 2.º estendida em mantos: 3.º alterando os stratos aquosos, e communicando-lhes os seus proprios caracteres de uma maneira mais ou menos pronunciada.

Basaltos que rompem as rochas sedimentares. — Os basaltos da serra de Monte-mór, das Sardinhas, e do Almargem do Bispo, deslocaram evidentemente as camadas de calcareo, e de grés do 5.º e 6.º grupos do andar de Bellas, e as do calcareo de caprinulas entre Correió-Mór, serra das Sardinhas, e valle de Nogueira, levantando-os em angulos que chegam a 85º para N, e para N 15º E, indo os calcareos de Ollelas, que pertencem ao 5.º grupo até 60º para o S.

O affloramento basaltico do Ulmeiro ao N de Cintra deslocou similhantemente as camadas do 5.º grupo, que vão a Mem Martins e Algueirão, em angulos de 20 a 50º para o S, e só se exceptuarem alguns accidentes, de que mais adiante darei conta, todos os stratos do andar de Bellas; que correm do Algueirão a Caneças, comprehendidos pelos pontos de erupção de Monte-mór, serra das Sardinhas, Almargem do Bispo e do Norte de Cintra, inclinam para o Sul.

É ainda para o Sul que se vêem mergulhar os stratos nas margens da ribeira de Cheleiros, e no Monte do Cartaxo, entre a dita ribeira e a Igreja Nova; onde os basaltos fizeram erupção, deslocando fortemente as camadas do andar de Bellas.

Na zona basaltica mais meridional não se vêem centros eruptivos tão bem definidos como os precedentes; parecendo ter sido feita a injecção por fendas dirigidas de Nascente a Poente, por ser tambem para o Sul que se manifesta a inclinação geral dos stratos cretaceos da margem direita do Tejo. Em geral, todas as camadas cretaceas, não só do massiço occidental, mas ainda as que cobrem a zona que vai da serra de Cintra ao longo do Oceano até perto da foz do Sizandro, e terminam na linha que vem do Turcifal a Alhandra, teem salvas algumas excepções, a inclinação geral para S, ou proximo deste rumo, e em algumas partes para o N, precisamente a mesma que as erupções em questão deram ás camadas, que deslocaram.

Basaltos estendidos em mantos e alteração por elles produzidas nas rochas sedimentares. — A outra parte das rochas basalticas apresenta-se derramada por cima dos stratos mais modernos do andar de Bellas e dos calcareos de caprinulas e de spherulites. Na faxa mais septentrional começa o basalto a ver-se do fundo da grande depressão, que vai do Tojal para o Tojalinho, a O de Loures; expande-se, ascendendo, do S para o N pelas encostas das montanhas calcareas, que vão de Vialonga á Cabeça de Montachique, e que

guarnecem a margem esquerda da ribeira de Loures, e continuando depois pela serra dos Bolôres e Covas de ferro ao Almargem do Bispo, vai occupar as corôas destas alturas, como se fôra mais uma serie de stratos acrescentada á formação sedimentar, cobrindo constantemente o calcareo de caprinulas e de spherulites. Observa-se porém que em Fanhões, na margem do pequeno ribeiro que vem de Cazainhos, surgem do interior da terra massas prismaticas de basaltos cortadas a prumo, supportando camadas de marmore com spherulites, pelo modo que se vê representado na fig. 11 dando-se um phenomeno similhante na falha do Trancão, a juzante da ponte nova, quasi defronte da fabrica do papel do Tojal.

Ha tambem a notar nestas localidades a acção exercida pelos basaltos sobre os stratos do conglomerado do andar mais moderno do periodo cretaceo. Junto a S. Roque, no caminho de Loures para o Tojal, ha uma possante camada de calcareo cellular, com as cavidades cheias de massas basalticas até ao tamanho de maçãs, e os septos que as separam, formados de calcareo terroso e semi-cristallino, jazendo esta camada entre os grés grosseiros do conglomerado. Na continuação do mesmo caminho, antes de chegar á região dos calcareos do cretaceo medio ha uma alteração dos grés, das argilas, e das rochas calcareas do mesmo conglomerado, devida á penetração do basalto no meio da massa destas rochas, e á infiltração nellas da sua substancia.

Na zona basaltica meridional as camadas do marmore de caprinulas de Alcantara, serra de Monsanto, e de Barcarena, estão pela maior parte descobertas de rochas basalticas; em quanto que as injectões destas rochas se estendem desde o leito do Tejo para o Norte, e saindo por baixo, e dos lados dos retalhos daquellas camadas, vão assentar sobre os calcareos do primeiro grupo do andar de Bellas, apresentando o seu limite em Carenque, Bellas, Agualva, e Manique; apparecendo tambem nesta zona os grés e rochas grosseiras, da formação dos conglomerados, alterados pela presença e acção dos basaltos que se encontram entre Valejas e Carnide.

Estou porém longe de considerar a totalidade das rochas que occupam estas zonas, como sendo exclusivamente de origem ignea. As rochas basalticas de fractura terrosa com lascado schistoso, e cor cinzenta, mais ou menos carregada, passando a outras em stratos com aspecto de schisto argiloso fino verdeengo, é de crer que sejam antes rochas metamorphicas, do que de origem ignea; pelo menos as camadas metamorphicas e interstratificadas nos grés e argilas, que pou-

sam sobre os basaltos no sitio da Amadora, tem os mesmos caracteres das outras, que se acham mais longe e sem immediata relação com os stratos de evidente origem sedimentar.

Cumpra tambem notar que comparando o andar de calcareos de caprinulas, dos pontos proximos ás zonas basalticas, com a parte que se observa entre Lourel e Cavalleira ao N de Cintra, se vê consideravelmente reduzido em possança, na parte que corresponde ás ditas zonas, faltando os membros inferiores nos retalhos de Alcantara, Monsanto, e Barcarena, e os superiores na serra de Bolôres, Penedo do Gato, Salemas, Fanhões, e outros pontos: e como estas partes não podiam desaparecer totalmente por denudação, sem que desaparecessem tambem os conglomerados em uma parte, e os calcareos de Alcantara em outra, o que effectivamente não aconteceu; é claro que se os diversos membros da formação não apparecem, é porque mudaram de caracter mineralogico e de estructura, achando-se convertidos por metamorphismo na rocha de aspecto basaltico, e confundidos com o verdadeiro trappe, em ambas as zonas que se tem descripto. Assim este phenomeno pôde ser considerado como daquelles que se dão nos jazigos de contacto, não faltando, sequer, a esta paridade, um conglomerado ferruginoso, e diversas injeccões de oxido de ferro, mesmo no contacto com as rochas calcareas, em Villa Chã, por cima da Amadora, no Penedo do Gato, ao lado da Ponte de Louza, e em outros lugares.

Conclusão. — Da breve exposição dos factos e considerações que deixo feitas se conclue, que as bacias terciaria e cretacea das visinhanças de Lisboa não tem a fórma singela, a disposição e a continuidade physica de stratos, com que se apresentam, para além dos Pyreneos, as bacias typos da mesma idade, como por exemplo as de París.

As bacias terciaria e cretacea desta ultima região, pela uniformidade do caracter mineralogico dos seus differentes membros; pelos bem conservados e definidos horisontes geognosticos; e pela simplicidade de fórmas, e de condições do seu relevo orographico, prestam-se, digamo-lo assim, a um estudo regular e facil; ontro tanto porém não acontece ás das visinhanças de Lisboa, sobre as quaes as forças interiores do Globo exerceram duradoura acção metamorphica e dynamica; começando precisamente no mesmo periodo em que se depositaram os stratos, perturbaram o caracter mineralogico de algumas rochas, desarranjaram a continuidade e uniformidade das camadas, deslocando-as em differentes sentidos, e dando ao sólo um relevo complicado e variadissimo, como facilmente se deprehenderá do exame do

mappa e córtes juntos. Indicarei pois de um modo geral e breve, quaes foram os phenomenos mais principaes produzidos por essas forças interiores, ou qual foi o modo como o sólo cretaceo e terciario das visinhanças de Lisboa, reagiu contra ellas.

3.ª SECÇÃO.

CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE AS MUDANÇAS OCCORRIDAS A SUPERFICIE DO SÓLO DESDE A ÉPOCA DO TERRENO CRETACEO ATÉ Á ÉPOCA RECENTE.

Movimento do sólo no periodo dos grupos cretaceos inferior e medio. — Disse acima que os marnes de Safarujo assentam sobre a formação do oolite superior de Torres Vedras sem a interposição de outro qualquer membro do terreno cretaceo inferior, tendo por limite a linha que une Moçafaneira a Alhandra; em quanto que a formação neocomiana apparece na margem direita do Sizandro, e se estende para a parte N da Extremadura e da Beira: acrescentarei agora, que pela parte anterior daquella linha existe uma ruga montanhosa, formada de stratos do oolite superior, que corre desde a serra da Villa até Alhandra, sobre a qual, pela sua encosta SO, vão descansar as camadas dos marnes de Safarujo. Esta ruga, na posição que hoje tem, ou um pouco mais proximo da linha EO, com toda a extensão, que lhe fica a S, parece que preexistira aos depositos das arenatas e calcareos neocomianos, conservando-se emersa durante o periodo desta formação, que estendeu os seus stratos, desde as proximidades de Torres Vedras e Alcoentre, até entre o Vouga e o Douro: no fim porém desta época, uma oscillação do sólo submergiu toda a parte S da referida ruga, deixando-a coberta pelo mar do periodo cretaceo medio, que depositou as camadas de Safarujo e os andares da Ericcira e Bellas; erguendo-se do outro lado acima deste mar, e formando-lhe parte das costas, o sólo da nossa península com os stratos neocomianos que anteriormente tinham sido depositados.

Direcção em que obraram as diorites e seus effeitos geraes. — Se exceptuarmos o granito, é a diorite uma das rochas igneas, que se apresenta com mais frequencia em todo o Portugal, á qual deve o nosso sólo um grande numero das suas deslocações, e uma parte das fór-

mas do seu actual relevo. Começando a exercer a sua acção desde o periodo da hulla, veem-se modificar todas as rochas secundarias, chegando até ao andar de Bellas, onde, por seu turno, são tambem atravessadas pelos basaltos da serra de Monte-mór, que vieram á superficie do sólo, no mesmo periodo cretaceo. É ainda a estas rochas que o terreno oolítico portuguez deve muitos dos seus accidentes, mórmente a parte do oolite superior, que se estende desde Torres Vedras e Alhandra até Leiria e Cabo Mondego; não podendo, por consequencia, deixar tambem de desarranjar mais ou menos da sua posição normal, as camadas do cretaceo medio depositadas entre Torres Vedras e Lisboa. Cumpre agora examinar o sentido em que esta acção se exercou, e o gráo de deslocação que imprimiu a estas mesmas camadas.

Sem me fazer cargo de mostrar neste lugar quaes foram os diferentes sentidos em que as diorites romperam o nosso sólo, e os variados accidentes, que produziram no seu relevo, limitar-me-hei a dizer, que uma grande parte das deslocações EO, que se observam nos nossos terrenos schistosos e graniticos da Beira, são exclusivamente devidas á emersão das diorites; concordando com aquella direcção uma grande parte dos filões de cobre e de chumbo dos districtos de Castello-Branco e Aveiro. Estas deslocações reproduzidas nos terrenos secundarios da Beira e Extremadura, e subordinadas á posição dos afloramentos dioriticos, não só levantaram as camadas oolíticas de muitos pontos da nossa zona litoral, como as de Athougua e serra d'El-Rei, proxivamente na direcção EO, mas deslocaram no mesmo sentido a formação neocomiana, na Gançaria por exemplo, sobre o caminho de Rio Maior para Alcanede, onde tambem apparecem as diorites sobre a respectiva linha de sublevação: por tanto as diorites que perturbaram as camadas do oolite superior, e as neocomianas da Gançaria, Athougua, serra d'El-Rei, Obidos, Alcanede, e de outras localidades deviam forçosamente ter estendido a sua acção até ao cretaceo medio do Norte de Lisboa, no periodo em que estes stratos se depositavam ou no fim d'elle proxivamente.

Examinando-se a montanha que se levanta a E e ao S das Pontes grandes e de Caneças, e entre a Amoreira e Adabeja, encontram-se as camadas de caprinulas, e spherulites assentando sobre o calcareo do 5.º grupo do andar de Bellas, cujas camadas inclinam 5 a 10º para o S, quando o seu lugar devia ser sobre o primeiro grupo daquelle mesmo andar, se a passagem das formações do terreno cretaceo medio ás do superior, se tivesse feito sem deslocação do sólo. Este facto não se observa só neste ponto, encontra-se tambem tornean-

do a montanha de Monte-mór até ao Correio-mór, perto de Loures e na descida do Algueirão para o Campo, a uns 8 kilometros a NO de Bellas. Ora, como a deslocação naquelle sentido affecta todos os stratos das duas formações do cretaceo medio, entre Lisboa e Torres Vedras, claro está que este movimento se manifestou antes de se depositarem as camadas de caprinulas, ou do cretaceo superior. Esta deslocação não se fez porém sentir d'um modo tão pronunciado em toda a extensão onde estas duas formações estão sobrepostas, que não permittisse que em alguns lugares, como no caminho de Santo António do Tojal para Bucellas, todos os grupos dessas formações se achem representados; mas este facto e outros similliantes ¹ não podem pôr em duvida a perturbação que teve lugar entre ascitadas duas épocas, porque, longe de ser um phenomeno simples e local, correspondeu immediatamente a um abatimento geral do sólo, que levou o mar cretaceo a cobrir as arenatas e calcareos neocomianos da Beira e da Extremadura, sobre os quaes se depositaram as camadas de caprinulas e de spherulites que apparecem em Leiria, Opêa, Caranguejeira, Arnal, Rebolaria e outros sitios, identicas ás de Alcantara e Pero Pinheiro.

Erupção dos basaltos. — *Periodo provavel da sua elevação e seus effectos.* — Não foi de certo um periodo de tranquillidade nas visinhanças de Lisboa aquelle em que se depositaram as camadas do andar de caprinulas. Os bancos de calcareo fino, e as repetidas camadas de conglomerados calcareos, de grés grosseiros, argilas de diferentes côres, de calcareos celulosos e de marnes com que alternam; bem assim a desigualdade de numero e de caracter mineralogico de muitos destes membros, que se observa em diferentes pontos, são factos que attestam uma continuada oscillação do sólo, elevações e submersões, que trouxeram consigo a solução de continuidade de muitos stratos, e a ausencia de outros. Estas oscillações não foram comtudo devidas a causas geraes, ou que actuassem em grande escala, porque lá está em Opêa, Lapêdo, Leiria e outras partes, o andar onde apparecem só as camadas de marmore com spherulites e caprinulas acompanhadas de alguns marnes e argilas, faltando todas as rochas arenosas, que

¹ Os stratos mais superiores do 1.º grupo do andar de Bellas que formam a cornija mais meridional que vai de Villa Chã á Idanha, ao Papel, e Alfamil, são de marmore branco manchado de vermelho rosado simillante ao do calcareo de caprinulas; e em uma ultima visita que fiz a estas localidades, por alguns restos destes fusseis encontrados entre o Caem e Canena, reconheeí que estes stratos pertencem effectivamente á parte inferior do andar de Alcantara.

se veem em Alfovar, nas visinhanças de Lourel perto de Cintra e n'outros sitios.

Taes oscillações devem reputar-se como o prelude da grande erupção basaltica das visinhanças de Lisboa, e do transtorno produzido em todas as camadas das formações cretaceas deste districto.

Se por um lado a acção dinamica dos basaltos começou durante o periodo em que se depositaram as camadas de Alcantara e de Pedro Pinheiro, como parece provado por grande numero de factos, por outro o estado e composição mineralogica dessas mesmas camadas dizem, que a verdadeira e intensa erupção destas rochas só tivera lugar no fim daquelle periodo. Passarei por tanto a expôr os factos em que me fundo para apresentar este juizo.

Já acima notei que as camadas que formam o massiço occidental teem geralmente a direcção EO, e bem assim que as cretaceas que se estendem até ao oolite superior de Torres Vedras, inclinam para S em quasi toda a extensão da superficie que occupam; veremos agora, que este facto concorda evidentemente com a posição dos terrenos onde o basalto se apresenta.

A montanha do Cartaxo, acima de Chelleiros, e a Cabeça de Montachique, ambas com affloramentos de basalto; as colinas, tambem de basalto, que vão do Cacem á Porcalhota, e de Talaide a Queluz; a serra dos Bolôres e a das Sardinhas — teem a direcção EO, as camadas, que foram deslocadas pelos basaltos inclinam ao Sul ou ao Norte: conclue-se por tanto, que estas rochas igneas fizeram seguimento ás diorites, actuando na direcção preexistente das camadas do cretaceo medio, e manifestando a sua erupção geral parallelamente a essa mesma linha.

Observa-se por outra parte, que as camadas da formação terciaria miocene, que entram pela maior parte na composição do massiço oriental, teem uma inclinação constante para SE, e assentam sobre arenatas e conglomerados de um caracter especial, que em geral inclinam para o S, sem que os stratos daquelle formação apresentem o mais leve indicio de alteração pelas rochas trappicas: não se pôde por tanto pôr em duvida, que a erupção basaltica teve lugar antes do deposito desta formação terciaria.

Com effeito, interpretando attentamente todos os factos que dizem respeito áquellas camadas de conglomerados, e confrontando-os com os phenomenos acima indicados, revela-se-nos na sua composição mixta; na passagem dos seus stratos ao wake, e a outras rochas basalticas; na alteração metamorphica mais ou menos local desses mes-

mos stratos; na injeção do basalto no meio das suas camadas; na repetida mudança das suas arenatas, e dos marnes em conglomerados; na mudança de composição dos marmores brancos mui finos, que successivamente se foram carregando de arêas, e passando a conglomerados calcareos com grandes fragmentos de pederneira; e finalmente na concordancia de stratificação com as camadas de caprinulas — que a erupção basáltica teve lugar debaixo do oceano cretaceo, no fim do periodo destas ultimas camadas e durante a época do conglomerado superior.

A lava basáltica fez erupção á superficie do sólo por uma serie de pontos situados nas zonas, que se veem marcadas no mappa, e que circunscrevem a parte do massiço comprehendida entre valle de Nogueira, Sabugo, e Bellas. A acção volcanica fez derramar a lava basáltica em partes, e levou o seu poder e energia metamorphica aos stratos mais proximos das zonas eruptivas, modificou mais ou menos profundamente os calcareos, os marnes, as argilas e as rochas arenosas da formação do calcareo de caprinulas, e communicou-lhes pela infiltração caracteres mais ou menos similhantes aos da rocha basáltica, a ponto de se confundirem com esta rocha. Igual phenomeno se produziu nas camadas de conglomerados que se formaram proximo dos centros eruptivos ou dos mantos de lava, como se observa nos retalhos que estão á beira do Tejo abaixo de Lisboa, em Carnaxide, Vallejas, e em Queluz, Amadôra, Pinteus, e Santo Antão do Tojal; ao passo que as camadas, que por mais affastadas, ficaram fóra da esphera da acção volcanica, como as que se veem no valle da Porcalhota a Odivellas, e no de Loures, não soffreram alteração sensivel no seu caracter mineralogico.

Do exame de todos os factos ponderados resulta o reconhecimento de que a extincção da actividade volcanica dos basaltos, e a emersão de todo o massiço de rochas cretaceas ao Sul da ruga montanhosa, que passa pela serra da Villa junto de Torres Vedras, se completou correspondentemente ao fim do periodo cretaceo; sendo tambem provavel, que esta emersão correspondesse á elevação da grande cadêa dos Pyreneos.

Primeiro delincamento da linha divisoria das aguas. — Parece provavel que então fosse delineada a linha divisoria d'aguas do grande massiço occidental, dirigindo-se do alto da serra de Monte-mór pelas alturas de D. Maria, Sabugo, e Rollhados: esta linha determinada pelos dous centros eruptivos de Monte-mór ao Nascente e de S. Roque ao Poente, foi mais tarde perturbada pelos subseqüentes movimentos do sólo.

A acção dynamicamente dos basaltos produziu ainda o abatimento de todo o sólo ao Nascente e Sul das emersões basálticas, em que se comprehende actualmente o massiço oriental, o leito e a margem esquerda do Tejo; determinando tambem diversas linhas de sublevação, de importancia puramente local, taes como o valle de Alcantara, e a elevação da serra do Monsanto.

Emerção dos granitos da serra de Cintra. — Ergueram-se em seguida a estas oscillações, os granitos da serra de Cintra, deslocando todo o terreno eretaceo, entre o Oceano e S. Pedro, n'uma extensão superficial de perto de setenta kilometros quadrados, e destacando pequenos retalhos daquellas formações, cujos caracteres alteraram pela acção metamorphica, que sobre elles exerceram.

As camadas do lado N da serra pertencentes ao 1.º grupo do andar de Bellas, deslisaram, pelo plano de contacto ao longo dos granitos, até proximo do nivel do Oceano, succedendo o contrario ás do Sul, que cobrem a encosta granitica a mais de 100^m. Pelo Nordeste e Nascente abriu-se uma falha, na qual se levantaram até á vertical, os calcareos do 5.º grupo do mesmo andar, tendo abatido para o lado do Occidente todo o terreno adjacente á linha que vai do Algueirão ao Sabugo; linha que hoje serve de divisoria ás ribeiras de Rio de Mouro, Gargantada e valle de Lobos, para o Norte do Algueirão. As camadas deste grupo apresentam grandes inclinações entre Rio de Mouro e Cintra; alterando-se successivamente o seu caracter mineralogico nas immediações da serra até ao ponto de se converterem em schistos; e os grupos de Bellas, com a faixa basáltica que os garante pelo Sul, cedendo á pressão que sobre elles exerceu o levantamento da serra, não só augmentaram o angulo da sua inclinação mas mudaram gradualmente a sua direcção EO para NE SO, começando a inflexão no meridiano do Moinho da Matta por uma curva de grande raio, correspondendo aquella mudança á ponta mais oriental da serra.

Com estes movimentos do sólo, a grande linha divisoria modificou-se, recuando na parte occidental para as cumeadas da serra de Cintra, onde tomou a direcção NE que já indiquei.

Decorrido um lapso, mais ou menos longo, que corresponde talvez á época *eocene*, durante o qual parece ter estado emergido todo o terreno visinho de Lisboa, a ruga da formação do oolite superior, que se achava esboçada passando pelas visinhanças de Allhandra e da Serra da Villa, e que servira de limite aos depositos do cretaceo medio, levantou-se sobre o terreno contiguo, e formou a cordilheira de

montes, que corre de Alliandra para NO até perto do Oceano (sobre os quaes no principio deste seculo se estabeleceram as mui conhecidas linhas de Torres Vedras, que impediram o passo ao exercito de Massena). Mais ao Sul ergueu-se outra ruga nas formações do cretaceo medio e superior, que se estende de Vialonga pelas alturas de Fanhões, Cabeça de Montachique, Mafra e Safarujo, e serviu na mesma occasião de segunda linha de defeza.

Estas linhas de deslocação determinaram grandes abatimentos do sólo para NE, e abriram em todo o terreno cretaceo repetidas fallhas na direcção de SE a NO por onde correm as ribeiras de Chelleiros, do Figuciredo, de Safarujo, e todas as mais que vão ao Oceano entre a serra de Cintra e o rio Sizandro; modificando-se a direcção dos stratos cretaceos nas partes do sólo abatido, sem que comtudo essa alteração chegue a grandes distancias ou perturbe de um modo notavel a direcção geral preexistente EO.

Formação da bacia em que se depositaram as camadas terciarias. — Foi então que se formou a bacia terciaria marinha de Lisboa, onde se depositaram as camadas miocenes, occupando toda a parte abatida do sólo a S e ao Nascente das erupções basalticas; porém depois, em consequencia de novos movimentos do sólo, cerraram-se as communições desta bacia com o Oceano; cobriu-se de agua doce uma grande extensão de terreno que comprehende Niza e Idanha a Nova, Vendas Novas e Alcanede, formando um extenso lago, no qual se depositaram os calcareos lacustres de Santarem, Thomar, Rio Ponsul, e Bonavilla, e os marnes, argilas, e grés, que constituem a feição mais predominante deste deposito. Esta bacia, e outra semelhante na Castella Nova, tambem terciaria e lacustre occupam uma parte da superficie pertencente á bacia hydrographica do Tejo.

Mais tarde operou-se uma grande mudança no relevo orographico, de quasi todo o Portugal, com as vastas e energicas sublevações, que tiveram lugar na direcção proximamente parallelá á linha NNE SSO, levantando-se a maior parte da montanhosa serra da Estrella, e os calcareos do oolite medio que formam as serras, que vão de Montejunto até perto de Coimbra, e deslocando-se por meio de fallhas o terreno oolitico e a formação neocomiana em muitos centos de metros de profundidade, de que resultou o apparecimento á superficie do sólo das camadas da *gryphea incurva*, e do *ammonites bifrons*, como se vê nas visinhanças de Porto de Moz, e nos afloramentos liasicos, que vão de Maceira a Soure, e a Monte-mór o Velho.

Nesta grande commoção preludiou-se a linha da costa ao N do Cabo da Roca, e abriu-se uma larga fallia no Tejo, pela emersão da sua margem direita entre Lisboa e Santarem, como uma consequencia da elevação da cordilheira de Montejunto a Coimbra, fazendo descair para SE as camadas terciarias deste lado do rio, com cujo movimento ficou determinada a aresta da escarpa que corre de Friellas a Carnide, sobrauceira ao valle de Odivellas a Loures.

Formação de lagos de agua doce, e diversas deslocções pelas quaes o solo tomou a configuração que actualmente apresenta.— Passado este periodo de convulsão (ao qual talvez se deva a denuddação do calcareo de caprinulas, entre Leiria e Pero Pinheiro) estabeleceu-se em quasi todo o Portugal uma serie de pequenos lagos, nas localidades onde correm hoje os nossos principaes rios e seus mais importantes afluentes; estes lagos estão actualmente representados pelos numerosos depositos arenosos e de calcareo tufaceo, que se observam nos leitos e margens desses rios. Outra violenta commoção fez desaparecer todos estes lagos, completando a abertura dos leitos e as bacias hydrographicas dos mesmos rios, communicando-os mais immediatamente com o Oceano; levantou uma parte das serras da Beira Baixa, que vão prender com a cordilheira de Guadarrama; ergueu os calcareos oolíticos da serra de Aire, e produziu um grande numero de accidentes em todo o paiz. Esta perturbação, manifestada em uma direcção quasi parallelá á linha ENE OSO, acabou de desloccar as camadas terciarias entre Lisboa e Trafaria, abrindo a garganta do Tejo desde Lisboa até á sua foz em S. Julião da Barra; fez erguer em fortes angulos as camadas tambem terciarias das serras da Fagullha e de Palmella, deixando surgir os calcareos oolíticos das serras da Arabida e do Risco, cuja vertente meridional termina em escarpa abrupta sobre o Atlantico, delineando, na direcção indicada, a pequena porção de costa que se vê entre o Cabo de Espichel e Setubal. Passaram estes periodos de perturbação, e o nosso sólo recebeu ainda uma ultima modificação na zona occidental: as antigas praias ergueram-se lentamente até muitas dezenas de metros acima do nivel do mar, contribuindo talvez para isto, as mesmas causas geraes, que produziram a presença dos volcões do Etna e do Vesuvio.

Taes são, em resumido esboço, a constituição physica e a composição geologica do sólo das immediações de Lisboa, as vicissitudes a que tem estado sujeito, e as phases por que tem passado desde a época do terreno cretaceo até á actual. É a esta constituição physica e geologica que Lisboa deve as suas abundantes fontes do bairro

oriental, bem como a secura e esterilidade do seu sólo nas partes alta, media e occidental; resultando de uma semelhante desigualdade e escassez, ver-se a administração publica forçada a recorrer, no seculo passado, ás nascentes dos suburbios de Lisboa, para evitar o horror da sêde por que durante muitos seculos passaram os habitantes desta capital, recurso unico de que ainda agora se pôde lançar mão para abastecer a cidade da agna indispensavel, tanto para os principaes usos da vida, gozo e commodidade dos habitantes, como para satisfazer ás condições reclamadas pela hygiene, e mais necessidades de uma população numerosa, importante e civilizada, como é a de Lisboa.

Foi debaixo deste ponto de vista que, a pedido da Direcção Provisoria da Companhia encarregada de provêr ao abastecimento d'agua, fiz este reconhecimento geologico aos terrenos que cercam Lisboa, sem o qual não é possivel entrar na apreciação dos fundamentos em que se deve bascar a exploração e aquisição d'aguas potaveis, com o fim de conhecer e determinar a localidade ou localidades que maior quantidade dellas podem fornecer; tendo em attenção a sua altitude, para que possam, sem o auxilio de acção mechnica, attingir os pontos mais elevados da cidade; e a distancia a que existem, para que o custo provavel das obras necessarias á sua conducção seja compativel com os fins economicos da Empreza, e a colloquem, sem gravame, nas circunstancias de cumprir religiosamente todas as estipulações do seu contracto. Estas investigações farão o objecto da segunda parte desta Memoria.

SEGUNDA PARTE.

HYDROLOGIA.

4.ª SECÇÃO.

CONSIDERAÇÕES HYDROLOGICAS SOBRE O MASSIÇO ORIENTAL.

Aguas artesianas. — O massiço oriental ¹ resume em si as condições necessarias para fornecer não só aguas abundantes e perennes mas até aguas artesianas, tanto quanto pôde comportar a sua extensão, altitude das respectivas superficies de absorpção, e sua especial estructura. Para entrar porêem no exame destas condições cumpre lançar um golpe de vista sobre o mappa e córtes juntos a esta Memoria, e ter presente o que fica dito ácerca da constituição physica e mineralogica deste massiço.

Antes de passar adiante deve notar-se, que a falha por onde corre o rio de Sacavem, isola as camadas terciarias de modo que as aguas pluviaes, absorvidas em todo o pequeno tracto de terreno que corre para a Verdellia, não só não concorrem para a alimentação das fontes do massiço oriental, mas vertem todas para o Tejo, ou circulam em um nível inferior ás aguas deste rio, o que vem a ser o mesmo para a questão: por tanto todas as fontes conhecidas ou que de futuro venham a reconhecer-se, por exploração em qualquer ponto do referido massiço, pertencerão sempre a niveis com a superficie de apanhamento no espaço comprehendido pela margem direita do Tejo, falha de Sacavem, e linhas tiradas do alto de Friellas a Carnide e deste ponto á quinta do Seabra. Isto posto, se se examinar a escarpa que fórma a margem direita do valle de Odivellas desde

¹ Continuarei a designar por massiço oriental, e massiço occidental cada uma das partes dos suburbios de Lisboa separadas pelo valle de Carnide a Loures, que de baixo destas denominações estão descriptas na primeira parte desta Memoria.

Carnide até Friellas na direcção media de SO a NE reconhecer-se-ha que a barreira é formada, na sua maior altura, pelas arenatas, argilas vermelhas e marnes do andar dos conglomerados do cretaceo superior; que as camadas terciarias se mostram apenas nas alturas da Luz e Lumiar; e que do Lumiar a Sacavem se vão successivamente atravessando as camadas mais modernas da formação terciaria, ganhando por consequencia esta em espessura para os lados de Friellas e Sacavem, em quanto que aquellas se escondem abaixo do sólo. Ora, esta formação de conglomerados estende-se desde a indicada barreira por todo o valle ou depressão, por onde correm as ribeiras de Odivellas e Loures, indo os afloramentos das suas camadas assentar no pé das ladeiras basalticas, que guarnecem esta depressão, com inclinações para S e para o quadrante de SE, e em angulos variaveis de 8 a 30°, e mais communmente não excedendo a 12°. E como nesta formação entram bancos mui espessos de arenatas porosas, com leitos interstratificados de argila semi-plastica, succede que aquelles bancos estão saturados de agua, a ponto de fornecer ao sólo alluvial do valle, uma reserva que é aproveitada por um sem numero de poços para regas de hortas e de campos, cuja agua derramada na parte mais baixa do valle dá lugar á formação dos pantanos de Friellas, bem conhecidos pelos continuos estragos, que produzem na saude publica; sendo a conservação de taes pantanos, nas visinhanças de Lisboa, um documento que abona pouco a nossa civilização. Esta formação seria por consequencia eminentemente artesiana, e daria copiosas fontes, ainda que o valle de Loures estivesse dez ou trinta kilometros afastado de Lisboa, se a posição deste valle tivesse ao menos 100^m de altitude; porém como ella é apenas de 14^m em Odivellas, 13^m em Friellas, e 18^m em Loures, torna-se impossivel obter para a zona media de Lisboa as aguas desta formação por fontes artesianas, isto é, se se praticasse um furo em Chellas, Beato Antonio, ou Marvilla, ascenderia nelle a agua, quando muito de 3 a 5 metros acima das aguas do Tejo.

As camadas terciarias que descansam sobre a formação dos conglomerados estão longe de offerecer as melhores condições para a aquisição de aguas. Quem percorrer o massiço oriental em diversos sentidos verá, que todas estas camadas são cortadas por valles parallelos entre si e á margem direita do Tejo (em resultado de falhas dirigidas de SO a NE, como a de Chellas e a dos Olivae), apresentando-se as camadas, de um e outro lado, com a mesma inclinação de 5° a 8° para SE; e observará igualmente que a margem de cada um destes valles para o lado de NO fórma uma

explanada pouco inclinada, ao passo que a fronteira é escarpada e abrupta. Investigando, por outro lado, os leitos de todos os valles e pregas, por onde descem as aguas que vão immediatamente ao Tejo, reconhece-se que nenhum delles, passado o periodo das chuvas, conserva aguas superficiaes, nem tão pouco apresenta vestigios de alluvião, posto que a extensão que essas aguas tem de percorrer seja muito curta: de modo que em toda esta parte que fica entre Lisboa e Sacavem, não ha uma só ribeira que deva mencionar-se. Este phenomeno, que concorda com a structura especial do massiço, é sobre tudo devido á natureza absorvente das rochas terciarias, e ao modo por que as camadas do mesimo massiço se acham cortadas.

A agua, portanto, procurada nestes valles será abundante, porém os seus affloramentos só poderão mostrar-se em niveis muito baixos, não obstante terem as superficies de apanhamento altitudes de 50, 100 e 150^m como as do Lumiar e Charneca, da Boa vista, e Appellação, e de Camarate; porque a agua da chuva recolhida pelas camadas permeaveis, e que descem entre, as impermeaveis com inclinação de 5 a 8°, chegam aos pontos mais inferiores correspondentes aos corregos dos valles, que cortam o massiço, e como alli ha uma solução com desnivelamento nas camadas, e os stratos mais inferiores, que vão topar na parede SE do valle, devem estar saturados, aquellas aguas derramam-se, ascendendo, ao longo da superficie deixada pela solução, até encontrarem uma camada permeavel do lado da parede abrupta do valle ainda não saturada: insinuam-se por ella, descem novamente para o valle immediato, e assim successivamente até chegarem á parede ou escarpa da grande falha do Tejo, onde vertem em um affluxo continuado ao longo da margem direita, sendo na maré viaja aproveitadas pelas lavadeiras, que a reúnem em covas, abertas na arêa solta das praias. Por consequencia é impossivel obter a agua da chuva recebida pelas camadas terciarias do massiço oriental, em niveis mais altos do que os que accusam as fontes publicas, os pços do bairro oriental, e os dos corregos dos valles por onde ella circula.

Pelo que toca ás fontes e nascentes que se encontram nas partes elevadas do massiço, não podem offerecer duvida nem destruir o que fica dito; porque sendo apenas affluxos em secções existentes sobre a camada permeavel que escôa para o valle que fica a SE, não podem, pela sua distancia á superficie de apanhamento, dar aguas se não em muito pequena quantidade, que jámais avultarão na statistica das aguas aproveitaveis; quantidade que será tanto menor quanto maior fôr a altura dos pontos atacados e a sua proximidade da superficie de apanhamento.

Apreciação do volume de agua. — Não obstante esta desfavoravel condição, faremos um calculo das aguas que as camadas terciárias do massiço oriental podem fornecer, tomando para a apreciação da superficie do apanhamento a de 292 kilometros quadrados ou de duas terças partes da que realmente occupam estas camadas, deduzida sobre a *carte corographique des environs de Lisbonne dressée sous la Direction de Charles Picquet à Paris 1821.*

A quantidade media annual de agua da chuva em Lisboa é representada por 0^m,6; teremos pois que a agua cahida nesta superficie será 17.520:000 metros cubicos por anno: e suppondo que a agua que vai immediatamente para o Tejo é a quarta parte da que cahe, e que a evaporação corresponde a tres decimos dos tres quartos restantes, teremos que o total da agua que circula annualmente pelas referidas camadas é de 8.190:000 metros cubicos, ou 25:550^{mc} diarios.

O affluxo de aguas, de que acima fallei, nas praias da margem direita do rio, é muito abundante e continuo: ora tendo a margem comprehendida entre o Terreiro do Paço e a foz da ribeira de Sacavenem a extensão de 10 kilometros, e reduzindo este affluxo a uma serie de bicas espaçadas de quatro em quatro metros, vertendo cada bica uma penna; ter-se-ha que a agua perdida no rio pelo dito affluxo é de 2:500 pennas ou 8:520^{mc} diarios, que deduzidos do numero achado darão de resto 17:300^{mc} por dia. E separando ainda um terço deste volume para perdas não previstas, concluir-se-ha que todas as fontes, bicas e poços actualmente conhecidos tanto publicos como particulares, e que possam praticar-se no massiço oriental, representam um volume diario de 430 anneis ou 11:534^{mc}.

Todos os factos e considerações expendidas relativamente ás aguas da formação terciaria do massiço oriental, resumem-se nas seguintes conclusões:

1.^a Que o volume de aguas que realmente se pôde aproveitar das differentes camadas aquosas do massiço não será inferior a 11:000^{mc} diarios, e poderia chegar a 20:000^{mc}, aproveitando por uma galeria as aguas que se perdem no Tejo.

2.^a Que os niveis superiores ás bicas, fontes e poços do bairro oriental de Lisboa não podem fornecer aguas em abundancia.

3.^a Que postoque estas aguas tenham as condições de artesianas, não poderão contudo afilarar em jorro á superficie dos furos, que se fizerem ao longo da margem do Tejo, pela pequena differença de nivel que ha entre os diversos pontos desta margem e os correjos dos valles lateraes, em que se faz a absorpção.

4.ª Que em consequencia de se passar das camadas mais antigas para as mais modernas caminhando de SO para NE, resulta que as aguas das fontes e poços situados naquella linha pertencem a diferentes camadas aquosas.

5.ª Que sendo a temperatura superior que affecta parte destas aguas, devida á sua communicação com fontes quentes que vem do interior da terra misturar-se com as aguas que circulam nas camadas terciarias; é natural que as galerias filtrantes ou de recepção que se praticarem no sólo, encontrem outrás nascentes thermaes com as mesmas ou diferentes propriedades das aguas do tanque das lavadeiras e banhos das aleaçarías.

5.ª SECÇÃO.

RECONHECIMENTO HYDROLOGICO DO VALLE DE NOGUEIRA, E DAS QUATRO PRINCIPAES AFFLUENTES DA RIBEIRA DE SACAVEM.

Bacia hydrographica da ribeira de Sacavem. — Antes de entrar no exame e estudo do massiço occidental, convem dar uma idéa, ainda que abreviada, de todas as aguas que vão á ribeira de Sacavem; não só porque o reclamam o objecto do reconhecimento hydrologico que entra nesta segunda parte, como porque é util saber as condições em que aquellas aguas se acham, visto estarem tão proximas da capital.

A ribeira de Sacavem é, nos suburbios de Lisboa, o maior affluente do Tejo, em consequencia da extensão da sua bacia hydrographica e da abundancia d'aguas, que a ella concorre. A linha que limita esta bacia circunscribe pelo Poente todo o massiço occidental até ás alturas da montanha do Almargem do Bispo, donde dirigindo-se para o N pelo Paço de Belmonte e Asseiceira pequena, atravessa as montanhas de calcareo cretaceo, que vão da Cabeça de Montachique a Mafra, e prosegue depois para NNE até ganhar, nas alturas do Milharado ao Algueirão, a ruga montanhosa que vai de Torres a Alhandra; separa alli as aguas para o rio Sizandro, e correndo ao longo da cumiada desta ruga, até a altura de S. Thiago dos Velhos, separa tambem as aguas para a ribeira do Carregado, e desce para o S na direcção da Povoia de Santa Iria, onde termina junto ao Tejo, tendo em todo o espaço assim fechado 160 a 200 kilometros quadrados. To-

da a agua que cahe nesta superficie reparte-se pelas ribeiras de Odivellas, de Loures, do Trancão e da Granja; as quaes descendo todas para o espaçoso valle de Friellas, confluem mui proximo umas das outras, entre Friellas e S. João da Talha, e vão formar a ribeira de Sacavem, que apenas tem de comprimento até á sua foz 5,5 kilometros.

Todas aquellas ribeiras tem nas suas fozes altitudes inferiores a 10^m: por este facto estão sujeitas á influencia das marés, e ao accesso das aguas salgadas do Tejo, na extensão d'alguns metros; concorrendo tambem aquella circumstancia para o alagamento dos campos contiguos ás fozes daquellas ribeiras, a ponto de se estabelecer alli não pequeno numero de marinhas.

Ribeira de Odivellas. — A ribeira de Odivellas recebe aguas da formação basaltica que se estende desde a Porcalhota até ao Alto da Amoreira ao Nascente de Caneças, e da formação dos conglomerados, que, como fica dito em outro lugar, occupa todo o valle e parte da barreira que vai de Carnide a Friellas. As nascentes destes basaltos, consideradas cada uma em particular, são de pequeno cabedal, mas a sua frequencia em toda a encosta, que desce da parte da linha divisoria que vai do collo da Porcalhota á Adabeja e Caneças, dá um producto muito sensivel, a ponto de terem reunido em Dezembro de 1856 perto de 100 anneis ou 2:650^{mc} diarios no sitio do Pombal, proximo a Odivellas; volume que vai successivamente crescendo até Friellas onde na maior estiagem não seja talvez inferior a 10:000^{mc} diarios.

A formação dos conglomerados fornece proporcionalmente á sua extensão, muito menor quantidade de aguas a esta ribeira; mas como esta formação pelas condições da posição, natureza e estructura das suas camadas, se acha completamente saturada até quasi á superficie do sólo e se estende até ao subsolo da ribeira, não pôde exercer absorpção, e não ha por consequencia perdas notaveis nas aguas superficiaes que para ella correm. As altitudes porém desta ribeira, nos pontos onde as aguas tem um volume apreciavel, são inferiores a 40^m, o que torna impossivel aproveitar-as, introduzindo-as no aqueducto geral em Bemfica, e quando não houvesse este inconveniente, as muitas e ricas propriedades espalhadas no valle, que no estio empregam estas aguas nas irrigações, seriam um obstaculo poderoso e difficil de vencer, quando se lhes quizesse dar diversa applicação. Independentemente destas e d'outras considerações pareceria á primeira vista praticavel recoller uma parte destas aguas nas pro-

xinidades das suas respectivas nascentes, estabelecendo na encosta que desce do grande massiço para o valle um aqueducto de 6 kilometros de comprimento, pouco mais ou menos, que, partindo da Falagueira, pelas immedições dos Cazaes do Ouro e da Preza, fosse receber por cima de Odivellas as aguas que vem do ribeiro de Caneças, fazendo-as entrar no aqueducto junto á Porcallota. Não deve porém dissimular-se que semelhante obra, forçada a attingir tão alto nivel, só receberia as aguas das nascentes mais altas da encosta, pouco abundantes, pela sua proximidade á linha divisoria, que passa na Adabeja, e assim mais sujeitas ás contingencias da escassez pela cessação ou diminuição do seu volume.

Ribeira de Loures. — A ribeira de Loures compõe-se de dous ramos principaes, que são a ribeira de Loures propriamente dita, e a ribeira da Louza. A ribeira de Loures propriamente dita tem a sua origem na vertente oriental da montanha do Almargem do Bispo e corre para SSE na extensão de 7 a 8 kilometros, proximo á linha de contacto dos conglomerados cretaceos com as rochas basalticas. As aguas desta pequena ribeira, medidas junto á ponte do Tojalinho abaixo da confluencia da ribeira que vem do valle de Nogueira, onde tem a altitude de 46^m, deram em Novembro de 1856 um volume de 3:390^{mc} ou 128 anneis, e se se tomar em conta que havia algumas aguas represadas, talvez não seja exagerado se se contar naquelle ponto com um volume de 4:240^{mc} ou 160 anneis.

Uma parte desta ribeira é alimentada pelos sobejos das nascentes que brotam em diversas propriedades situadas desde a ponte do Tojalinho e Calvos até valle de Nogueira e a outra pelas aguas que affloram no leito e sopé das encostas ingremes das suas margens, e se destas aguas exceptuarmos 150 a 200^{mc} ou 6 a 8 anneis que vem dos grés de valle de Camarões, todas as mais sahem de rochas basalticas, e com especialidade das montanhas do Almargem do Bispo, serra das Sardinhas e de Monte-mór.

As nascentes com altitudes superiores a 108^m, que vertem para as pequenas ribeiras do valle de Nogueira e dos Cãos (que reunidas na ponte do Tojalinho formam a ribeira de Loures propriamente dita) deram pela medição feita no outono do anno findo um volume de 2:819^{mc} ou 106 anneis por dia. Com tudo esta cifra está longe de representar o volume diario debitado por todas as fontes e nascentes, que actualmente existem acima daquelle nivel dentro da bacia desta pequena ribeira, porque algumas deixaram de ser medidas por falta de oportunidade. E quando se façam trabalhos de explo-

ração nos valles de Nogueira e de Camarões e no valle que vai de Castello-Picão ás Alvogas, deverá encontrar-se maior quantidade de aguas, a julgar pela superficie de apanhamento e pela situação, forma e structura physica da porção do sólo comprehendida pelas margens oppostas daquelles valles e pelas alturas, que correm das Alvogas ao Almargem do Bispo, Almornos e Camarões: não devendo deixar de attender-se para este fim á parte da serra de Monte-mór que olha para valle de Nogueira, onde ha copiosas nascentes já conhecidas e vehementes indicios de outras novas de bastante importancia.

Todas as aguas que vertem para a ribeira de que acabei de falar são aproveitadas com grande cuidado para regas de muitas quintas, pomares e hortas, e para muitas azenhas; e por isso a sua aquisição deve offerecer grandes obstaculos, e exigir grandes sacrificios. Por outra parte as difficuldades da reunião e da conducção destas aguas ao aqueducto geral, não são menos serias, em consequencia do terreno ser muito aspero e quebrado: no entanto talvez o seguinte traçado fosse exequivel, para em caso extremo as aproveitar e introduzir no aqueducto geral. Depois de reunir acima de Paz Joannes as aguas de todas as localidades, por meio de aqueductos parciaes, cujo desenvolvimento orçaria por 6 kilometros, o aqueducto geral tornearia a serra de Monte-mór, passando entre a povoação deste nome e o Correio-Mór, e seguindo junto á Rainada, onde corre a ribeira de Caneças, iria pelas visinhanças dos Cazaes, da Preza, e do Ouro até á Falagueira, partindo deste ponto a entrar no aqueducto das Gallegas, ou mais abaixo junto á Porealhota. Este aqueducto geral, sujeitando o seu traçado a alguns subterraneos, poderá ter 12 kilometros que com 6 dos aqueductos parciaes elevam a 18 a extensão linear de todas as obras.

O traçado que acabei de indicar, e que julgo insusceptivel de soffrer grande alteração tem os seguintes inconvenientes: 1.º custosas expropriações: 2.º grande extensão de aqueducto sobre um terreno aspero, muito quebrado, e todo em rocha basaltica: 3.º multiplicidade de obras parciaes para reunir no aqueducto geral as aguas das diversas nascentes dispersas sobre uma grande área: 4.º a impossibilidade de se poder avaliar mesmo aproximadamente, o volume d'aguas que se obteria pelos novos trabalhos de exploração: 5.º pouca confiança na permanencia das fontes das rochas basalticas nos pontos mais altos das encostas e das montanhas quando a superficie de apanhamento não é muito extensa, e as massas são muito rôtas, como acontece na parte superior da serra de Monte-mór.

Poderia suscitar-se a lembrança de atravessar o collo de Montemór por um subterraneo, dirigindo o traçado por Caneças a entrar no aqueducto dos Carvalheiros, com o que se reduziriam consideravelmente as despezas de construcção; porém este alvitre é inadmissivel, porque, não podendo nem devendo ser transportadas as aguas em um nivel superior a 100 ou 110^m para se aproveitar o maior numero de nascentes, não poderia este traçado attingir o aqueducto dos Carvalheiros que tem perto de 200^m de altitude.

Ribeira da Louza. — A ribeira da Louza é formada por duas ribeiras principaes — a do Bocal, e a de Palhaes, que correm em geral de N para S. Teem as suas origens entre Malveira e Montachique proximas da linha culminante da grande ruga já descripta de montanhas do cretaceo medio, que vai de Vialonga a Mafra e Safarujó. Toda a sua superficie de apanhamento reside nas camadas que compõe os grupos da formação de Bellas, transitando as aguas que alimentam aquellas ribeiras pelas rochas calcareas, alternantes com camadas de grés e argilas, inclinando para o S e com altitudes de 150 a 200^m. Estas aguas vão lançar-se em duas profundas falhas, abertas naquella formação, que servem de leitos ás indicadas ribeiras, as quaes confluem na ponte da Louza, precisamente onde passa a linha que limita a formação basáltica, e vem de Fanhões para a serra dos Bolôres. Este ponto de confluencia tem 98^m de altitude; porém um kilometro mais acima já as aguas correm em altitudes de 110 a 120^m em um e outro ramal, de modo que sendo de 5 a 6 kilometros a distancia deste ponto de confluencia á divisoria, e de 170^m a differença media de nivel, apresentam estes ribeiros o consideravel declive medio de 0^m,03 por metro.

O massiço comprehendido por estas ribeiras e os que lhe ficam aos lados teem sobre os respectivos leitos as alturas de 150 a 200^m proximo ao seu ponto de junção; e o seu declive de N para S é consideravelmente menor que o dos alveos das ribeiras; ora como elles são cortados por frequentes falhas que accidentam muito o seu relevo, as aguas pluviaes affrouxam ahí o seu movimento, tornando-se assim mais lenta a sua diffusão pelo sólo; e apesar de ser o declive dos correços de 0^m,01 a 0^m,03 por metro, como as camadas inclinam no mesmo sentido em que a agua desce, segue-se que não obstante aquelle declive do alveo, as camadas receberão pelos seus topes maior copia de aguas do que se a sua inclinação fosse em sentido inverso.

Por outra parte a natureza permeavel das rochas arenosas alter-

nando com camadas de argilas, e a disposição das fendas dos calcareos impermeaveis, que alternam com camadas de marnes, favorecem a absorpção e difusão das aguas pluvias e das ribeiras; e se as nascentes que brotam nas encostas e altos dos massiços não são abundantes, as que correspondem aos leitos das ribeiras, devem ser-o, porque para elles inclinam todas as camadas, apresentando continuadas secções; e as explorações feitas em qualquer delles, devem forçosamente ministrar um grande volume de aguas. Com effeito os factos estão em harmonia com o raciocinio. Em 21 de Outubro de 1856 a ribeira de Palhaes, dava, perto da Louza, 3:390^{mc} ou 128 anneis de agua, sem contar a que estava derivada em represas para azenhas, e régas; e a do Bocal, que é mais consideravel, conduzia ainda maior volume. Por tanto seguindo os corregos destes dous ramos, com explorações bem conduzidas, poder-se-hia obter em altitudes superiores a 100^m, um volume d'aguas não inferior a 8 ou 10:000^{mc} diarios.

A conducção porêem destas aguas em tubos forçados seguindo pelo valle de Loures a Friellas e Sacavem e linha do caminho de ferro até Lisboa, é muito dispendiosa e difficil, tanto pela distancia de 25 kilometros que tem de percorrer, como por ter de atravessar o terreno alagadiço das Marnotas, na extensão de 3 kilometros.

Ribeira do Trancão — A ribeira do Trancão corre de NO a SE até Bucellas, e de N para S da ponte para baixo, indo cortar a ruga que vai de Vialonga a Fanhões. Consta esta ribeira de dous ramos principaes que se juntam acima de Bucellas, e são a ribeira do Trancão propriamente dita, e a ribeira do Boição. Toda a superficie hydrographica desta ribeira está na zona comprehendida entre as duas rugas montanhosas de Safarujo e Torres Vedras a Vialonga e Alhandra, sendo limitada pelo lado de SE pelas alturas de Montachique, Povoia da Gallega, Milharado, e S. Thiago dos Velhos. Todas as camadas desta bacia são calcareos, marnes, e grés do terreno cretaceo medio, e marnes, argilas, e calcareos do terreno oolítico superior, com a inclinação geral para S e SO.

As condições desta ribeira são em geral analogas ás da ribeira da Louza, com a differença do terreno adjacente abranger uma mais vasta superficie de apanhamento; e é para notar que todas as aguas desta bacia, reunidas em Bucellas tem uma altitude superior a 100^m, que a sua conducção para Lisboa parece offerecer as mesmas difficuldades que ponderei para a das aguas da ribeira da Louza, e que na ribeira do Boição, logo acima de Bucellas, ha mui copiosas nascentes, que reunidas dão perto de 3:000^{mc} de agua por dia.

Ribeira da Granja. — Finalmente a ribeira da Granja, á qual tem ter as copiosas nascentes de Alpiatre, Flamengas e Sardoal, tem uma bacia hydrographica mais circumscripta do que as outras afluentes da ribeira de Sacavem; sendo porém muito baixa a posição de nivel da maior parte das suas nascentes para poderem fornecer aguas ás zonas media e superior da Cidade de Lisboa, não me demorarei mais nos detalhes que lhe respeitam, pois que quando hajam de aproveitar-se aguas a niveis baixos seria mais conveniente lançar mão das do bairro oriental. Vid. Mappa n.º 4.

6.º SECÇÃO.

CONSIDERAÇÕES HYDROLOGICAS SOBRE AS AGUAS DO MASSIÇO OCCIDENTAL.

Aguas aproveitaveis para o abastecimento da Cidade. — De todas as aguas aproveitaveis nos suburbios de Lisboa para o abastecimento desta cidade, as que reunem maior somma de condições favoraveis são as da pequena bacia hydrographica das ribeiras de Queluz e de Laveiras, situadas no massiço occidental. Todas as outras ribeiras ao Poente destas, como a de Rio de Mouro, e de Oeiras, são menos abundantes, não contêm melhor qualidade de agua potavel, e acham-se muito mais afastadas de Lisboa, e com más condições para se fazer a derivação das suas aguas.

Inconveniencia de derivar as aguas da serra de Cintra. — A serra de Cintra, pela extensão da superficie de apanhamento na corôa das suas montanhas; pela immensa vegetação que a cobre, e continuados nevociros que sobre ellas demoram; pela sua constituição physica e natureza das massas que a compõem está como saturada de aguas, circulando no infinito numero de fendas, que formam uma especie de redenho no seu granito. É a estas vantajosas condições hydrologicas que Cintra deve a abundancia das suas aguas e fertilidade do seu solo que tão amena e aprazivel tornam aquella localidade.

Não obstante a abundancia de aguas, com que se poderia contar nesta serra para o abastecimento da capital, a sua aquisição e conducção exigiria grandes sacrificios; já porque as expropriações seriam custosissimas, pelo grande valor que alli tem as propriedades, e pe-

las contestações sem numero, que se offereceriam por parte de individuos poderosos, a quem não faltariam argumentos e influencia para obstar á derivação das aguas; já porque tendo a conducção de ser feita em uma extensão de perto de 14 kilometros, que tanto dista S. Pedro do Alto da Porcellhota, e atravez de terrenos mui acidentados, e de rochas de difficil desmonte; as despezas da construcção importariam em uma somma fóra de proporção com o resultado que se poderia obter, somma que se tornaria enorme com a multiplicidade de obras necessarias para a reunião das aguas das diversas partes da serra em um só lugar.!

Bacia hydrographica das ribeiras de valle de Lobos e de Queluz.

— As ribeiras de Queluz e de valle de Lobos ou de Laveiras, teem sido sempre lembradas desde Filippe III como as mais vantajosas, de baixo de todos os pontos de vista, para a solução do problema em questão, e já em partes aproveitadas desde o começo do seculo passado, para o que se construiu o nosso monumental aqueducto das aguas livres, e são aquellas que o estudo aponta como mais vantajosas, tanto pela abundancia, qualidade e altitude das suas aguas, como pela sua maior proximidade de Lisboa, e visinhança do aqueducto geral: por este motivo entrarei n'uma descripção mais detalhada, e ponderarei todos os factos e considerações que se devem ter em conta para o seu mais vantajoso aproveitamento.

A bacia hydrographica das ribeiras de Queluz e de Laveiras começa no Tejo, entre Paço de Arcos e Oeiras, dirige-se para NNO passando pelos altos de Talaide e Cacem, e vai ao Alto da Feira das Mercês, entre Meleças e Rinchoa; deste ponto toma para NO até ao Algueirão, ali muda rapidamente de direcção para NE indo ganhar o Alto da Piedade perto do Sabugo; e confunde-se deste ponto em diante para o Nascente com a grande linha divisoria d'aguas, descripta no principio desta Memoria.

Esta bacia abrange maior extensão de terreno ao N do parallello de Cintra do que as de Rio de Mouro, Oeiras e Manique, e eleva-se na sua parte septentrional a muito maior altura do que todo o resto do massiço com excepção da serra de Cintra; donde resulta para as ribeiras de Queluz e de Laveiras um avanço de 2 a 3 kilometros a N sobre as outras, podendo por consequencia as suas aguas ser aproveitadas em altitudes de 200^m e mais, como actualmente acontece no sitio de Aguas Livres, Pontes Grandes, e visinhanças de Caneças.

A ribeira de Laveiras corre, desde a sua origem, em um valle, aberto provavelmente na época em que se elevaram as camadas que

elle atravessa, modificado pelos movimentos posteriores, e pela acção incessante dos agentes externos. Tem a sua principal origem junto ao lugar da Tapada e dos Almornos, sobre a parte alta do flanco meridional da montanha do Almargem do Bispo na altitude de 300 e tantos metros, e proximo á junção do andar de Bellas com os basaltos; e recebe tambem aguas do sitio dos Gafanhotos, na plaga ¹ que está acima da quinta de D. Maria Luiza Caldas.

Estas aguas, que depois de reunidas tomam o nome de ribeira de Valle de Lobos, descem por um apertado valle de margens cortadas a prumo ou em ladeiras ingremes, sensivelmente paralelo á parte occidental da linha divisoria e mui pouco distante della, passando pelos povos da Matta, Meleças e Agualva, atravessando as camadas calcareas e arenosas do andar de Bellas. Na Agualva fórma o valle uma estreita garganta, pela qual a ribeira passa para a região dos basaltos, e seguindo com margens altas mas menos ingremes e mais alastadas, estreita novamente em Barcarena, onde atravessa os calcareos de caprinulas, indo até ao Tejo em que entra junto a Caxias, tendo percorrido uma extensão de 18 kilometros.

Esta ribeira não tem um só affluente de notavel extensão, apenas recebe aguas dos ribeiros de Mollhapão, Baratam e Grajal, os quaes tem os seus nascimentos mui perto do valle; mas em compensação é alimentada por copiosas nascentes que brotam dos seus flancos. Alguns barrancos desembocam no valle desta ribeira, e a ella conduzem as aguas pluviaes, mas passadas as chuvas cessa esta alimentação, reduzindo-se, em geral, aos recursos que lhes prestam as indicadas nascentes.

A ribeira de Queluz é formada pelas ribeiras do Jardim, e do Castanheiro, que se reúnem em Bellas na quinta do Conde do Redondo, e pela ribeira de Carenque, que se junta com as precedentes ao pé da Ponte de Queluz de Baixo.

As origens das ribeiras do Castanheiro e de Carenque são na vertente meridional das collinas que correm pelo N de Caneças e Logares de D. Maria até ao sitio dos Gafanhotos e na altitude de 250^m; em quanto que as do ribeiro do Jardim não passam do Casal da Carregueira um pouco ao N de Bellas, embora o valle receba aguas pluviaes de pontos mais alastados. Estas ribeiras lançam-se cada uma

¹ Sirvo-me da palavra *plaga* para designar o espaço aberto que termina a parte superior de um valle de maior ou menor extensão, ás vezes coberto de um pantano, mas onde tem sempre lugar as primeiras origens de um regato ou ribeira.

em sua prega bastante fundas e dirigidas de N a S. As margens são apertadas, quasi a prumo em partes, até chegarem á região dos basaltos, nos sitios do Pendão e de Ponte Pedrinha; deste ponto em diante as margens alargam e tornam-se menos asperas. De Queluz descem estas aguas para o S, por um só valle, cujas margens tornam a apertar, e vão entrar no Tejo no sitio da Cruz Quebrada, tendo feito um trajecto de 13 a 14 kilometros.

A quantidade de nascentes e fontes que vertem para a ribeira de Queluz no valle de cada um dos seus afluentes, é na verdade grande; não obstante o volume de aguas desta ribeira é proporcionalmente menor do que o da ribeira de Valle de Lobos cuja bacia de apanhamento é mais circumscripta: todavia se se advertir que os poços praticados nos leitos dos ribeiros do Castanheiro e do Jardim conservam as suas aguas na maior estiagem não poderá attribuir-se aquella differença se não á fórma, estrutura e divisão das massas que separam aquelles valles, e menor quantidade de rochas arenosas e argilosas que proporcionalmente encerram estas mesmas massas comparadas com aquellas das margens da ribeira de Valle de Lobos: resultando desta differença de condições que as nascentes e fontes estabelecidas nos flancos daquelles valles umas seccam, outras diminuem muito de volume na passagem do Verão para o Outono, sem que todavia os sub-leitos das ribeiras de Carenque, do Castanheiro e do Jardim deixem de estar saturados d'aguas nesta época.

Qual seja o volume das maximas, minimas, e medias aguas de cada uma destas ribeiras, com relação ás aguas pluviaes cahidas na respectiva bacia de apanhamento, é o que se ignora, porque semelhantes trabalhos hydrologicos ainda não começaram entre nós. O que se sabe pelo testemunho de toda a gente, e pela observação de muitos factos que o corroboram, é que na bacia hydrographica destas ribeiras se conservam a maior parte das nascentes todo o Verão e Outono, mais ou menos diminuidas, segundo a extensão da sêcca ou a duração do Inverno que precede um dado Estio, e com o producto destas nascentes se alimentam as povoações estabelecidas dentro da mesma bacia, se costêa a irrigação de um grande numero de propriedades, e se dá emprego a grande numero de lavadeiras.

Exame do sólo ao N do parallelo de Agualva, donde tem de se derivar as aguas.— A falta de calhaos voluminosos nos depositos alluviaes existentes nos leitos apertados de todas estas ribeiras, prova que as aguas que nellas correm são animadas de fraca velocidade e por tanto pouco volumosas, donde se póde inferir que uma gran-

de parte das aguas pluviaes é absorvida pelo sólo, e dali resulta a permanencia das fontes e nascentes que alimentam no Verão estas ribeiras. Mais tarde veremos que este facto está em relação com a natureza e estructura do terreno e com a fórma desta bacia.

Examinemos pois a natureza do sólo de toda a parte desta bacia ao N do paralelo de Aqualva, sua estructura, e bem assim as nascentes nella conhecidas.

Rochas basálticas, metamórficas, tufaceas e grésiformes. — O grupo de rochas, em que entram os basaltos, que se estende desde a Porcalhota por Bellas até ao Papel, comprehende: 1.º uma rocha compacta fendida, com os caracteres do verdadeiro basalto passando a outro bolhoso semelhante ao wake: 2.º as rochas constantes da secção (Fig. 7): a saber

- a* — Calcereo branco metamórfico do calcereo de caprinulas?
- a* — Conglomerado ferruginoso semelhante á brecha de um jazigo de contacto, com abundante ferro hidratado.
- m* — Basalto em mantos de estructura compacta.
- d* — Rocha metamórfica estratificada infiltrada de basalto e com cavidades revestidas de spatho calcereo.
- c* — Camadas de uma rocha homogenea verdoenga, semelhante aos marnes finos endurecidos.
- b-b'* — Camadas de grés tufaceos e argilas avermelhadas, em partes formadas de detritos basálticos.

Por em quanto estou convencido que quasi todas estas rochas, mesmo as compactas, como os basaltos, são de origem sedimentar pertencendo talvez, em grande parte á formação do calcereo de caprinulas, profundamente modificado, como já ponderei.

Como quer que seja, o que se observa é que estes stratos, uns bem, outros mal definidos, não tem continuidade; porque parte delles ou se convertem na rocha basáltica propriamente dita, ou são interrompidos pelas massas de basalto amygdaloide, como se vê no caminho da Amadora para o Pendão, e nas encostas do Monte do Abrahão por detrás de Bellas.

Observando porém a posição das diversas nascentes que existem na zona mais septentrional dos basaltos, desde a Porcalhota até ao Papel, vê-se, que estão, até certo ponto, subordinadas ás camadas que acabei de mencionar. Com effeito grande numero de poços abertos desde a Amadora até á Porcalhota tem as suas nascentes sobre estes

stratos, sendo os leitos de argila vermelha, os que mais contribuem para a conservação destas nascentes, evitando o derramamento da agua pelas fendas das rochas contiguas ou subjacentes.

As nascentes da Falagueira; as aguas da Rascoira; as nascentes do Almarjão; e as que pertencem ao Duque de Palmella, ao Conde de Porto Covo, e ao Conselheiro Felix Pereira de Magalhães, todas situadas ao N da estrada real, entre a Porcalhota e a Ponte de Carenque; os quatro poços das visinhanças da Gargantada; a fonte que se vê neste mesmo local; as nascentes do valle de Ponte Pedrinha, e da encosta do Monte de Abrahão e parte das quaes dão agua para o palacio de Queluz; as nascentes de Massamá e as que estão abaixo do Casal do Papel, formam um systema cujas aguas são situadas em uma estreita zona, quasi parallela á linha EO, brotando parte dellas d'entre as mencionadas rochas.

Não pretendo contudo indicar, que as reservas destas nascentes estejam exactamente nas mesmas condições das das aguas que brotam dos terrenos stratificados não metamorphicos; mas é certo que algumas participam do seu regimen, em tudo o que diz respeito ás aguas que descem dos mantos basalticos ou das camadas permeaveis situadas a maiores alturas, e que descansam com os retalhos dos grés, mais ou menos alterados, sobre os leitos de argila vermelha, como succede ás que ficam entre a ribeira de Carenque e a Porcalhota. Em todo o caso, se esta estructura influe na posição de parte das nascentes das localidades indicadas, não acontece outro tanto relativamente á abundancia das suas aguas; porque á estreiteza da zona situada ao N da estrada da Porcalhota ao Cacem accresce ser ella em fôrma de esplanada, interrompida apenas pelos valles das ribeiras de Carenque e de Valle de Lobos, e o seu sólo de estructura variada, em parte compacta e em outras fendida. Não devem por tanto fundar-se esperanças de aquisição de grande volume de aguas nesta zona, quaesquer que sejam os trabalhos de exploração que se tentem; apesar da frequencia de nascentes, que apparecem nestas rochas, porque além do seu pequeno producto, muitas dellas soffrem grande diminuição no Estio, ou seccam inteiramente. Podem porém aproveitar-se nascentes já conhecidas, ou serem pesquisadas, proximo ao aqueducto a construir, se elle houver de passar por esta zona, com especialidade no correjo da ribeira de Carenque, onde as nascentes que brotam da formação basaltica, são mais permanentes e copiosas, porque neste caso as despezas da aquisição devem, relativamente, ser pequenas.

Desde o Alto da Falagueira ao N da Porcalhota, até ao sitio do

Papel, as bem definidas camadas de calcareo, não apresentam a mais pequena perturbação no seu contacto com a formação basáltica; ao contrario, esta formação descança, como se fôra um grande strato sobre o primeiro grupo de calcareos do andar de Bellas, e só no plano de contacto é que se observa uma camada de conglomerado calcareo ferruginoso, passando a calcareo escoriaceo e metamorphico, e encerrando affloramentos de ferro oxihidratado, tambem escoriaceo e geodico, com o aspecto d'um verdadeiro jazigo de contacto, como se vê na planura de Villa Chã, em Alfamil, em todos os mais pontos da zona, e bem assim no Penedo do Gato, e Covas de Ferro no massiço ao N. da zona basáltica de Loures. Da natureza destas rochas de contacto se conclue, que além do metamorphismo, exercido pela temperatura do basalto derramado sobre as camadas preexistentes do primeiro grupo do andar de Bellas, houve effectivamente uma linha de ruptura, ou grande fenda parallelá a esta zona, por onde saíram as substancias que constituem os jazigos de contacto, sem fazer desarranjo, á superficie do sólo, no sentido da inclinação dos stratos da formação sedimentar.

É desta zona de contacto que brotam as aguas, no valle de Carrenque, junto á Gargantada; as que ficam ao S da quinta do Marquez de Bellas até Ponte Pedrinha; e as do Refervedouro e Rocanas na ribeira de Valle de Lobos, junto ao Papel; todas pertencentes a uma lamina aquosa, retida pela superficie dos stratos superiores do 1.º grupo do andar de Bellas.

1.º *grupo de calcareo do andar de Bellas.* — O primeiro grupo de Bellas compõe-se de uma possante assentada de camadas de calcareos argilosos, em geral duros, alternando com marnes mais ou menos amarellados, em parte oeraceos, e algumas formadas, quasi exclusivamente, de fragmentos de ostras. Encontram-se em toda a altura deste grupo, abundantes moldes de turritelas, tylostomas, nerineas, corbulas, arcas, ostras, echinos, e outros fosseis. ¹ Na parte inferior do grupo onde as camadas não teem sido alteradas pelos agentes externos, os marnes são cinzentos pouco schistoides, alternando com delgados leitões de argila, tambem cinzenta escura, e com um aspecto muito differente do que teem á superficie. O limite deste grupo começa ao Nascente dos campos de Villa Chã, dirige-se para O, passa proximo e ao N do Casal do Ribeiro de Sapos, e ao S da Venda Sêcca,

¹ Pela posição superior que occupam as camadas da praia das Maças sobre as de Villa Verde e Terruge, creio que pertencem ao 1.º grupo do andar de Bellas.

ao N de Agualva, atravessa a estrada de Cintra a meia distancia entre o Cacem e Rio de Mouro, e dali segue para SO passando proximo a Vaz Martins e Alfamil. Desde o extremo oriental deste grupo onde se acha a linha divisoria de aguas até ao outro extremo occidental no alto do Cacem e que reparte as aguas para as ribeiras de Valle de Lobos, e Rio de Mouro, ha uma distancia de 7 kilometros na qual a largura media occupada pelas camadas deste grupo é de 1,5 kilometro; donde resulta para a parte da bacia de apanhamento das duas ribeiras de Valle de Lobos e de Queluz occupada por estas mesmas camadas uma superficie de 10,5 kilometros quadrados. E se por outro lado notarmos que a inclinação mais commum destes stratos é de 5 a 10° para o S concluiremos tambem que a possança do 1.º grupo do andar de Bellas excede a 100^m.

Diversos afloramentos de diorites atravessam as camadas da parte media e inferiores deste grupo; um no sitio das Aguas-livres, na margem esquerda da ribeira de Carenque; outro entre o Casal de Rio de Sapos, e a ribeira do Castanheiro; outro ao S deste ponto; outro junto á copiosa nascente de Bellas, na lombra que vai para os moinhos do Jardim; e outro entre a Jarda e Agualva. Todos estes afloramentos são de curta extensão superficial, mas ainda assim alteraram profundamente as camadas de calcareo, infiltrando-os da substancia volcanica, e tornando-os verdoengos e porphyroides, ou amarellados e escoriaccos; e produziram algumas perturbações locais nas camadas deste grupo, e das do grupo immediato. Além destes desarranjos outros ha de maior importancia, que são as falhas, interrompendo a continuidade das camadas deste grupo.

As ribeiras do Jardim e Castanheiro correm cada uma por sua falha que vão juntar-se em Bellas na zona do 1.º grupo, correspondendo essa junção ao abatimento do sólo intermedio aos valles em que ellas correm; continúa com o nome de ribeira do Castanheiro nos calcareos superiores do grupo, até entrar na formação basaltica junto ao Pendão; e abaixo deste ponto renne-se com a correspondente á da ribeira de Carenque na parte que serve de leito á ribeira de Queluz.

A ribeira de Valle de Lobos segue uma outra linha de falha, onde alguns calcareos do 1.º grupo e parte dos grés do 2.º se levantam para formar a margem direita da mesma ribeira desde a Ponte de Agualva até á Jarda.

A solução de continuidade das camadas aquiferas, resultante d'estas falhas imprime no regimen das aguas subterraneas deste grupo

um caracter particular, cujas circumstancias mais importantes, para a questão que nos occupa, são as seguintes :

Em geral o grande acrescimo de superficies de vazão das camadas, occasionado pelas falhas, produz grande numero de nascentes sobre as ribeiras, por outro lado, os planos das mesmas falhas em contacto com as aguas correntes das ribeiras absorvem e difludem grande quantidade dellas. Em particular a fluxão para a ribeira do Castanheiro de uma porção de aguas consideravel é determinada pela disposição das camadas, que tocam na parede da fenda: estas camadas descaem para os planos das duas falhas de modo que as aguas, que chegam ás porções da sua superficie em que esta circumstancia se dá descarregam-se, seguindo as linhas de maior declive pelo plano de falha para a ribeira. Pelo contrario na parte da segunda falha correspondente ao Cacem, como as camadas neste ponto inclinam para SO, por causa de um dike trappico ali existente com a direcção proxivamente NO, deve naturalmente uma parte das aguas da ribeira correspondente de Valle de Lobos sumir-se pelos topos da margem elevada para ir apparecer em pontos mais baixos na ribeira de rio de Mouro; por outro lado como as camadas, que formam a margem fronteira entre a Jarda e Agualva tem proximo da parede que a limita uma inclinação mui pequena, as aguas que entre ellas se insinuam devem ali ser demoradas, e esta circumstancia faz crer que a exploração desta margem dará nascentes de maior ou menor importancia.

Ao que fica exposto deve acrescentar-se que os calcareos deste grupo na sua parte superior, estão cortados por juntas normaes aos planos de stratificação, como se observa em muitos pontos entre Bellas e Agualva, mormente na parte cortada pela ribeira de Valle de Lobos, e que na sua parte media, posto que offereçam menos, não deixam contudo de ter ainda frequentes soluções de continuidade: esta estructura por juntas produz tambem uma notavel diffusão das aguas pluvias, e das ribeiras, logo que chegam a estes stratos, sumindo-se e descendo por todas as fendas até encontrarem as camadas impermeaveis sobre que elles assentam.

Sobem ao numero de quarenta todos os poços, minas e fontes naturaes de que tivemos noticia e podemos reconhecer na parte deste grupo comprehendida entre as ribeiras de Carenque, e Valle de Lobos. A determinação da possança de cada um nas differentes estações, a sua posição topographica, e altitude, circumstancias necessarias para se definir a sua situação geologica, é trabalho que ainda não está feito nem pôde ser obra de um só anno: todavia o simples reconhecimento

destas origens mostrou a existencia de diferentes zonas d'agua, que passarei a mencionar.

Já acima indiquei que no contacto da formação basáltica com a parte superior deste grupo havia uma zona d'aguas á qual pertencem as nascentes da Gargantada, as de Rocanas e Refervedouro nas ribeiras de Carenque e de Valle de Lobos. Estas aguas por terem a sua séde principal nos stratos mais superiores do 1.º grupo não podem deixar de considerar-se como pertencentes a elle, embora mostrem alguns affluxos por entre as rochas basálticas que lhes são contiguas. Em consequencia da pouca largura que esta zona occupa dentro da bacia, não ha a esperar della grandes mananciaes; poderá contudo explorar-se com alguma vantagem proximo aos leitos das ribeiras, aonde necessariamente as aguas devem affluir em maior copia.

A outra zona que segue para o N, e na ordem descendente, é aquella onde estão situados: 1.º os poços entre a Gargantada e o povo de Carenque, cujas aguas são permanentes durante o Estio; o poço do pomar do Tenente e da azinhaga, que vai para o Olival; dous poços junto ao mesmo povo de Carenque, um poço nas terras do Luizinho, e o que está antes de chegar á ponte de D. Faustina, todos no valle de Carenque: 2.º o poço na quinta do Padre Brotero; dous na quinta de Gregorio Antunes; a nascente do portão de ferro no valle da ribeira do Castanheiro ao S da junecção com a ribeira do Jardim: 3.º a fonte dos Burros; a fonte da Idanha; a fonte da fazenda do Barros, e o poço do Leal, ao S da Idanha, 20^m acima das nascentes e poços estabelecidos nos dous precedentes valles.

A terecira zona passa acima da ponte e povoação de Carenque, entre esta povoação e a azenha do Filippinho, vem aos povos de Bellas e Agualva: nesta zona encontram-se: 1.º um poço junto á azenha do Filippinho, e dous outros mais a jusante no valle da ribeira de Carenque: 2.º a fonte da Panasca; o poço do Pomar da Chave; a nascente da Malé; o poço do Silva; a mina na quinta de Manoel Antonio; o poço na quinta de D. João de Castello Branco; a nascente do Casal do Miranda; a copiosa nascente de Bellas, todas situadas no valle do Castanheiro, e as duas ultimas no valle da ribeira do Jardim, sendo para notar que a nascente de Bellas e a da quinta de Manoel Antonio, tambem copiosa, brotam da zona de contacto com as diorites: 3.º a fonte no sitio da Bica; a das Eiras; o poço da quinta da Nora; e uma nascente no leito da ribeira, todos proximos ao poço da Agualva e no valle da ribeira de Valle de Lobos.

Ha além destas, uma quarta zona, na junecção com o 2.º grupo,

onde estão os poços do quintal do Prior, as nascentes do Casal de valle de Sapos; e as visinhas da quinta do Biester, e do Casal do Pelão.

Todas estas aguas tem os seus niveis nos massiços deste grupo que separam as ribeiras de Carenque, Castanheiro e Valle de Lobos, donde descaem, pela acção da gravidade e posição das camadas, para as secções de vasão praticadas, natural ou artificialmente, nos leitos daquellas ribeiras ou nos sopés das encostas, onde estão as nascentes, fontes, e poços enumerados.

Deste grupo do andar de Bellas só se aproveita para o aqueducto geral a agua que vem á linha de S. Braz; e pelo traçado do aqueducto da Matta ficam ainda excluidas todas as aguas que pôde fornecer, em consequencia de ser a altitude em que brotam inferior á do referido traçado.

2.º *Grupo do andar de Bellas.* — Por baixo do 1.º grupo do andar de Bellas sae concordantemente o 2.º grupo do mesmo andar, distincto do precedente pelo seu character arenoso. O seu limite septentrional começa nos basaltos que estão na divisoria das aguas das ribeiras de Carenque e de Odivellas; passa 200^m ao N de Adabeja, e dirige-se de E para O até á meia encosta N da montanha do Suimo, dali descae para o SO, e passando ao N do Casal das Pedras Vermelhas e do moinho do Victoriano, atravessa a ribeira de Valle de Lobos, dirigindo-se, afastado 300^m de Rio de Mouro, para Albarraque.

Este grupo pelas divisorias que separam a E as aguas para a ribeira de Odivellas, e a O as que vão á ribeira de Rio de Mouro, tem 8,5 kilometros de comprimento por 1 kilometro de largura media, ou uma superficie de 8,5 kilometros quadrados. A inclinação dos seus stratos é para S, em angulos variaveis de 4 a 20 e 30º; no entanto suppondo que a media seja de 5º sómente, conclue-se que tem uma possança superior a 80^m.

Este grupo compõe-se de camadas bem estratificadas de grés grosseiros, de grãos siliciosos e de outras rochas, com pasta argilosa, alternando com camadas molles e impermeaveis de grés finos cinzentos e variegados, com abundante pasta argilosa, passando a argila, com leitos de grés finos amarellados, micaceos duros, de que se fazem os bem conhecidos rebòlos de Bellas, empregados na cutelaria; na parte media e superior do grupo ha tambem leitos de marne cinzento carbonoso, acompanhado de insignificantes porções de lenhite.

Algumas camadas de marnes e argilas com bancos de calcareo silicioso muito duro, de côr vermelha acinzentada, estabeleceram a tran-

sição entre os dous grupos; e inferiormente a estas ha interstratificada nos grés uma pequena assentada de 18^m de possança se tanto, composta de delgados leitos de calcareo argiloso, amarello, fragmentar, alternando com leitos marnosos ocreos, envolvendo muitas ostras e moldes de outras conchas bivalves; estes leitos assentam sobre uma camada impermeavel de marne argiloso acinzentado, com 0,5^m de possança, e o grupo por elle formado passa ao N de Agualva, chega ao Alto da Charneca, e dirigindo-se pelo Casal das Pedras Vermelhas, ao N do Grajal, vai ao poço do Pimenta; e d'alli modificada nos seus caracteres pela acção metamorphica segue até ao Valle de Polvaraes, onde toma de novo os caracteres que lhe são proprios; atravessa a lomba dos moinhos do Jardim, e prosegue para o ribeiro de Sapos; corta o valle da ribeira de Carenque, proximo ao Casal do Pelão e continúa até ao Casal da Fonte Santa, donde sóbe ao alto da Adabeja para terminar em contacto com as rochas basalticas; tendo descripto uma linha sinuosa, determinada pelos accidentes das camadas contiguas do mesmo grupo.

O caracter mineralogico das rochas deste grupo é bastante alterado em diversos pontos, pela acção ignea. Na montanha do Suimo estão as camadas de grés rôtas por um affloramento de basalto, ¹ precisamente no contacto com o 3.º grupo de calcareos, de que adiante darei conta; porém a alteração ocoerida neste ponto, é de pouca importancia. Os pontos onde a alteração metamorphica é mais profunda e extensa são: 1.º Olival da Chamuscada a O da Venda Sêcca até ao valle de Polvaraes abaixo do poço do Lagar, occupando uma extensão longitudinal de E a O de perto de 500^m: 2.º Valle do ribeiro da Espinheira ao S do Grajal subindo para a encosta do Casal da Charneca: 3.º Alto da Ermida ao N do Casal do ribeiro de Sapos, até ao Casal do Pelão, proximo do contacto do 1.º com o 2.º grupo.

Esta alteração consiste na conversão das camadas arenosas, em massas fendidas ou globulares homogneas, côr de castanha ou rosada, parecendo diorites em decomposição, com pontos e mesmo cristaes brancos feldspathicos, passando no Casal de Pelão á diorite verdeonga. Na estrada da Idanha para a Venda Sêcca, a alteração manifesta-se apenas nos stratos superiores dos grés; as camadas subjacentes conservam os seus caracteres, inclusivamente as partes carbonosas, que a acção ignea não chegou a fazer evolver inteiramente (Fig. 13).

¹ É no basalto desta montanha onde se exploraram e ainda se encontram as granadas de que dão noticia alguns escriptores.

Alem destas modificações ha outras ocasionadas por dykes formados nos seus afloramentos por uma rocha de aspecto sinilliante ao das argilas metamorphicas, os quaes atravessam as camadas de grés em parte acompanhados de abundante ferro ocracco, geodico. Encontram-se muitos destes diques, inclinando 60 a 70° para E e para O, tendo de 0^m,5 a 1^m de possança. ¹ A' primeira vista parecem porções das rochas continentes introduzidas para o interior das fendas e alteradas pela acção ignea, tomando uma estructura schistoide e em partes porphyroide, mas a observação mais attenta mostra que modificaram as camadas em volta dos afloramentos respectivos, não só elevando-as mas alterando um pouco o seu character mineralogico.

Ha ainda outras modificações nas camadas deste grupo, com relação á sua continuidade, como a falha da ribeira do Jardim, que elevou uma porção das camadas da margem direita, sobre as suas correspondentes da esquerda; porém tanto este accidente, como todos os mais que deixei citados, relativamente ás rochas deste grupo, exerceram uma influencia puramente local, por causa da sua pequena extensão, e que em nada prejudica ao resultado de um systema geral de exploração d'aguas, executado nas linhas mais baixas do sólo.

O numero das nascentes, fontes, e poços estabelecidos neste grupo, sóbe a sessenta: determinar porém o numero e situação de todas as camadas aquosas nelle contidas pela posição que occupam estes poços e nascentes, é o que, por em quanto, não julgo possivel por diversas considerações: Em 1.º lugar porque o metamorphismo destes grés, posto que circumscripto, é todavia repetido, sobre uma certa zona desde Polvares, por Venda Sêcca, até á encosta da Charneca, tendo em partes uma largura superior a 100^m; este accidente perturba o regimen das aguas que residem na camada impermeavel que lhe serve de leito, pela mudança de natureza, e de estructura que soffreu nos sitios por onde passa a referida zona: Em 2.º lugar porque muitas camadas, impermeaveis em um certo local, deixam de o ser n'outro, pela diminuição da argila, e sua conversão em rocha arenosa: finalmente porque estas camadas se apresentam repetidas em toda a altura do grupo. Podem comtudo fixar-se desde já algumas das suas zonas aquosas situadas do modo seguinte: 1.ª na assentada de camadas de calcareo e de marnes interstratificados neste grupo, que acima mencionei; nesta zona estão abertos os poços da quinta do Pimenta,

¹ Mencionaremos os dikes dos Casaes da Ribeira e Fontcibreira, o das Pedreiras do Castanheiro, Pencos Pardos e o do Grajal

e os que ficam proximos e a O da mesma quinta, de cujas sobras se fôrma o regato denominado—rio da Espinheira—e bem assim o poço de Polvaraes, contiguo aos moinhos do Jardim. As aguas são sustentadas com permanencia nesta zona pela camada de marne argiloso já indicada; e ainda no fim de Novembro do anno passado antes das aguas do Outono, se abriram nesta ultima localidade vallas de escoamento para se poder cultivar o sólo: 2.^a nos pontos do 2.^o grupo, que foram, como já dissemos, profundamente alterados pela acção metamorphica: comprehende esta zona o poço do Lagar, e dezeseis poços e nascentes na Venda Sêcca: 3.^a em uma serie de camadas de grés grosseiros e finos sobreposta a uma camada de argila rosada existente na parte inferior deste grupo: nesta zona se abrange a nascente das Pedras Vermelhas, acima do povo do Grajal, e as da quinta do Grajal, e a dos Loyos sobre a ribeira de Valle de Lobos: 4.^a na base do grupo e inferior á precedente em grés grosseiros sobrepondo aos grés finos e argilas contendo mica: pertencem a esta zona as nascentes da quinta do Jardim, e as que lhe são contiguas, as dos flancos do Suimo, e as que vertem as camadas que afloram na encosta por baixo do moinho do Victoriano no valle da ribeira de Valle de Lobos, onde vi fazer o dessicamento das terras para a cultura. Além destas zonas bem definidas ha ainda uma camada de possança variavel, chegando em partes a 4^m, formada de grés grosseiro, muito permeavel, pousando sobre uma camada de argila cinzenta clara, que em todas as secções proximas aos leitos das ribeiras dá copiosos filetes d'agua. Vê-se esta camada na Fonte Santa, sobre a margem direita da ribeira de Carenque; na quinta do Biester; no valle de Figueira em Rio de Sapos; na ribeira do Castanheiro, a juzante da fonte deste nome; e entra, segundo creio, na zona dos grés alterados da Venda Sêcca.

Existem tambem diversas nascentes, vertendo da meia encosta da montanha do Suimo, e de outras partes, as quaes no futuro servirão de guia para a determinação de outras zonas aquosas deste grupo.

Convém dizer, que a observação, durante a sêcca do Outono de 1856, mostrou que não só os poços e fontes deste grupo conservaram aguas em abundancia, mas tambem as nascentes que rebentam nas plagas e aquellas que vertem de pontos fóra destas, por exemplo as nascentes da plaga dos Almarzes na vertente SE da montanha do Suimo, e as que brotam entre as Pedras Vermelhas e Grajal; na quinta deste nome; no Casal da Fonte Santa e n'outros pontos.

Deste grupo só recebe o aqueducto geral as nascentes da Clara-

boia, e da mina da Fonte Santa, pertencentes á 1.ª zona aquosa, dando de 18 a 30^{me} de agua diários desde Junho a Novembro. A primeira destas nascentes vem d'entre as camadas calcareas deste grupo, mas tendo sido ambas exploradas em um nivel muito superior e por tanto mui proximo dos afloramentos, e tendo sido além disso praticadas nos grés quasi parallelamente á direcção das suas camadas estão precisamente nas condições mais desfavoraveis para se obter um volume d'aguas proporcional ao custo desta obra.

Algumas explorações infructuosas se tem feito neste grupo em pesquisa de aguas, como por exemplo a que está n'um alto por cima da quinta do Bom Jardim: abriu-se allí um poço de 20^m ou mais de fundo, o qual não atravessou um só leito aquoso, não obstante ter encontrado camadas alternantes permeaveis e impermeaveis; este facto e outros semelhantes, são uma prova de que não é nos altos das collinas ou montanhas de rochas estratificadas, que as aguas devem apparecer, quando as camadas que nellas afloram não descem de pontos mais altos.

3.º *Grupo do andar de Bellas.*—Por baixo deste grupo de grés, surge, em stractificação concordante o 3.º grupo do andar de Bellas, formado exclusivamente de rochas calcareas, e caracterizado por abundantes terebratulas de pequena grandeza, e de differentes especies, acompanhadas de muitos restos de polypeiros, de eclinodermes e de pectens.

Este grupo tem o seu limite oriental uns 600^m a NNE de Adabeja e descendo ao valle de Carenque a montante da nascente da Mãe d'Agua Velha, dirige-se de E para O pelo sitio dos Penedos Pardos, Casal da Carregueira, Abetureira, e quinta de Mollhapão donde descahe para SO, atravessando a ribeira de Valle de Lobos, junto á quinta do Minhoto. A extensão longitudinal deste grupo entre as divisorias que se tem considerado, é de 8 kilometros; a sua largura média de 400^m; por consequencia a superficie é de 3,2 kilometros quadrados: e como a média inclinação das suas camadas se póde calcular em 5º para S, a possança do grupo será de 30 a 40^m.

Do outro lado da ribeira de Valle de Lobos, e para NO, apparece deslocada outra porção deste grupo, cujas camadas tomam inclinações que mudam rapidamente de 5 a 90º para os differentes pontos do quadrante de NO, variando tambem a direcção por tal modo que as camadas de calcareo se apresentam dobradas em curvas de mui pequeno raio. Estas camadas vem do sitio de Pechiligaes a Santa Cruz da Granja, defronte das copiosas nascentes da Matta, e daqui

se dirigem ao Sabugo, donde descahem com os grupos mais modernos para a falha, que occasiona a depressão, que corre de Sacotes a Pero Pinheiro (Fig. 1 e 4).

Compõe-se este grupo de camadas de calcareo, em geral pouco argiloso, de côres claras; sendo em partes vermelho escuro, silicioso, e talvez um pouco metamorphico nos stratos superiores em que se encontram os fosseis acima indicados; alterna repetidas vezes com camadas delgadas de marnes amarellados, molles e porosos, os quaes na base do grupo, se tornam arenosos, um pouco micaceos, e schistosos; fazendo a transição para o grupo arenoso immediato.

Diversos affloramentos de diorite porphyroide atravessam as camadas deste grupo, entre a quinta do Minhoto, o moinho do Carrascal, e o moinho do Victoriano (Fig. 14): entretanto afóra este desarranjo local, o grupo corre regularmente, dentro da área da bacia hydrographica, sendo sómente cortado pelos valles de Carenque e do Castanheiro, que interrompem a continuidade das suas camadas. O limite N das camadas deste grupo apresenta-se em escarpa abrupta, desde o Casal da Carregueira até perto do moinho do Carrascal do modo que mostra a figura, representando o labio da grande deslocação que separou a outra parte do grupo que está na margem direita da ribeira de Valle de Lobos para os lados do Sabugo e dos Pichiligaes.

Todas as camadas calcareas deste grupo estão muito retalhadas por numerosas fendas que cortam perpendicularmente os seus planos de stratificação, e encerram algares mais ou menos vastos e fundos, especialmente na parte que decorre do moinho do Carrascal para o valle de Carenque: as aguas pluvias que caem sobre este grupo insinuam-se por aquellas fendas e na sua maior parte vão recolher-se nos mencionados algares de modo que estas aguas iriam quasi todas e immediatamente aos correjos das ribeiras de Carenque, do Castanheiro, e de Valle de Lobos, se as secções de vasão de todos os depositos hydrostaticos que residem neste grupo tivessem grandes dimensões em relação ao volume de aguas recolhido, e se os planos das camadas se levantassem em grandes angulos. A esta estrutura e disposição das camadas do 3.º grupo, é que se deve a esterilidade apparente da zona que elle occupa, não se encontrando senão as nascentes da Agua-livre denominadas Mãe de Agua Nova e Mãe de Agua Velha; as duas nascentes do alveo da ribeira do Castanheiro, proximo ao Brouco; a fonte que fica quasi á entrada da quinta de Molhapão; as nascentes da Portella da Adabeja, a do Casal do Brouco; e um poço

na quinta de Sant'Anna, proximo á ribeira de Valle de Lobos sem importancia notavel.

A nascente da Mãe de Agua Velha é sem duvida a mais notavel deste grupo, e uma das mais importantes da bacia: a conserva natural desta copiosa e perecive nascente existe nas camadas do 3.º grupo da parte do massiço comprehendido pelas ribeiras de Carenque e Castanheiro, escôa a sua agua por cima da camada impermeavel que a demora nos algares, e vai brotar, repuxando um pouco na margem direita 1^m,5 proximo a cima do leito da ribeira: a communicação das aguas pluvias com a reserva, e a desta com a Mãe d'Agua Velha são tão directas, que apenas as chuvas cahem, logo se perturbam as aguas desta nascente.

Quasi em frente á distancia de 20^m, na margem opposta ha outra nascente, denominada Mãe de Agua Nova, aberta nos mesmos calcareos, em um nivel inferior de 8^m ao leito da ribeira; e no inverno tão copiosa como a primeira ou ainda mais: mas apesar da proximidade e identidade da origem das duas nascentes um phenomeno mui notavel as distingue, e torna evidente a sua absoluta independencia, e é — que a nascente da Mãe de Agua Nova estanca todos os annos no começo do Verão, em quanto que a nascente da Mãe de Agua Velha fornece sempre um volume consideravel de aguas, que varia entre 1000 e 300^m diarios não descendo abaixo deste limite nem mesmo nos annos de maior sécca.

Este phenomeno pouco vulgar tem origem nos seguintes factos:

A porção do massiço que se estende da margem direita da ribeira de Carenque até á ribeira do Castanheiro, formada pelas camadas do 3.º grupo do andar de Bellas com inclinações suaves de 4 a 10° S, chega apenas á altura de 40^m, se tanto, acima da nascente da Mãe de Agua Velha, ou do leito da ribeira de Carenque.

Estas camadas são interrompidas no valle por uma falha em que se estabeleceu o leito da referida ribeira, a partir da qual se levantam para a margem esquerda com inclinações de 20, 30 e 40° até ao cume da rapida encosta que está á altura de 100^m proximo a cima da ribeira. Destes factos conclue-se que o nivel hydrostatico da conserva da Mãe d'Agua Velha occupa uma posição pouco elevada sobre o leito da ribeira, e que os pontos de vasão que teria este deposito sobre a falha se acham completamente vedados: aliás a agua não repuxaria na nascente, ao contrario affluiria na mesma ribeira, e seria absorvida pelos topos das camadas na parede opposta, estabelecendo-se a um nivel igual na outra margem, e a nascente da

Mãe d'Agua Nova, ali existente em nivel mais baixo, deitaria ainda copiosas aguas muitos mezes depois de ter seccado a Mãe d'Agua Velha; mas como ha uma completa independencia entre as duas nascentes, as aguas pluvias caídas sobre o calcareo muito fendido que vai pela encosta até á Portella da Adabeja e cujas camadas são inclinadas em fortes angulos para S, hão de descer rapidamente para os pontos mais baixos do sólo, e como a grande divisoria está perto deste ponto a superficie de alimentação é mui limitada e a secção d'affluxo comparativamente grande, segue-se que a descarga destas aguas é prompta no inverno, affrouxa na primavera e cessa no começo do Estio, porque nesta estação já o nivel hydrostatico tem descido abaixo do orificio de vasão.

A permanencia das nascentes do valle de Castanheiro defronte do Casal do Brouco que brotam tambem dos calcareos do 3.º grupo do andar de Bellas, é devida á fraca inclinação das camadas em ambas as margens da ribeira e á extensão e situação do nivel hydrostatico das reservas que as alimentam.

4.º *Grupo do andar de Bellas.* — Continuando na ordem descendente succede-se em stratificação concordante o 4.º grupo, exclusivamente composto de rochas arenosas e argilosas. As camadas arenosas constam de grés mais ou menos porosos de graos siliciosos e feldspathicos e cimento argiloso ou argilo-ferruginoso. Entre estes grés mais ou menos grosseiros ha camadas de grés ferruginoso pouco micaceo de grao fino passando a bancos de ocre aproveitada para a pintura em Rinhôa e Baratam. As camadas de grés grosseiro são habitualmente aquiferas porque com ellas alternam em toda a espessura do grupo leitões de argila cinzenta mais ou menos arenosos e impermeaveis.

Este grupo estende-se com toda a regularidade de E a O, desde a divisoria d'aguas da ribeira de Odivellas até ao meridiano da montanha do Suimo; mas como para o Poente desta linha não chegasse a ser tão completamente deslocado, como outros grupos, cujas partes foram arrojadas alguns kilometros para além da grande linha divisoria d'aguas de todo o massiço, succede que o limite septentrional da zona, que vem do Nascente, dobra acima do barracão das mudas na estrada de Mafra, ou a um kilometro a NO do Casal da Carregueira, formando uma longa curva; e volvendo outra vez para o Nascente, vai ao Alto dos Gafanhotos, estendendo-se d'ahi até á povoação de D. Maria donde se dirige para os Almornos, e passando pela vertente N da montanha da Piedade, desce para o Sabugo; deste ponto segue

para SO pela Granja de Santa Cruz e Algueirão, daqui vai ao longo da margem esquerda da ribeira do Rio de Mouro, occupando todo o terreno desde esta ultima linha até ao limite N do 3.º grupo, que abrange Pechiligaes, Meleças, Talla, Molhapão e Casal da Carregueira. Desta fórma o 4.º grupo vem a comprehender uma grande parte dos flancos e bacia da ribeira de Valle de Lobos, desde as visinhanças do Casal de Santa Anna até ás suas mais altas nascentes na Tapada: occupando uma extensão superficial, dentro da bacia das tres ribeiras de quinze a dezeseis kilometros quadrados proxivamente e com uma possança que orça por 60^m.

Em toda a parte meridional deste grupo estão todas as camadas similhantemente dispostas como as dos grupos precedentes, e como elles inclinando 5 e 15° para S e para SSO; por consequencia em condições analogas sob o ponto de vista hydrologico; o que todavia não acontece na maior parte das outras localidades cobertas por estas camadas.

Em geral este grupo apresenta-se muito mais accidentado do que os dous primeiros: a Carta e perfis juntos alguma idéa dão do modo por que os seus stratos estão retalhados, mas percorrendo as localidades é que melhor se póde conhecer a extensão e circumstancias destes accidentes, dos quaes passarei a indicar alguns que parecem exercer mais influencia nas condições hydrologicas deste grupo.

Entre o Casal da Quintam e o sitio das Pontes Grandes onde as margens da ribeira de Carenque se elevam a grande altura sobre o seu respectivo leito estão as camadas dos grés divididas em grandes massas, umas em posição horisontal, outras inclinando em angulos de 5 a 50° para todos os pontos do horizonte, e mais commummente para os quadrantes de SE e SO; estas soluções e desarranjos são devidos á direcção tortuosa da falha da ribeira a juzante desta localidade, á falha que determinou a formação do valleiro da Quintam, pouco divergente da precedente, e ás erupções trappicas que se observam no caminho que conduz deste ultimo valle á povoação de D. Maria: e destes desarranjos resulta a penuria de nascentes nas camadas deste grupo em toda a porção do valle de Carenque já indicada. No Alto dos Gafanhotos, sobre a estrada de Bellas aos Almornos dobram-se as camadas de grés com os calcareos do 5.º grupo que lhes são inferiores formando uma linha anticlinica; esta linha separa as aguas das duas ribeiras de Valle de Lobos e do Castanheiro, mas achando-se denudadas inferiormente para o lado desta ultima ribeira deixa es-

capar pelo SE para os calcareos fendidos toda a agua pluvial que cahe sobre esta parte das camadas ficando assim esterilizada. Um pouco mais ao N daquella linha são as camadas deste grupo atravessadas por diversas massas de trappe que não só as retallaram e levantaram fazendo-as inclinar para diversos pontos do horizonte mas modificaram profundamente a natureza dos grés e das argilas em volta dos afloramentos, sendo do contacto destas rochas que brota uma parte das copiosas nascentes da plaga dos Gafanhotos na qual se comprehendem as da quinta de D. Luiza Caldas. Proseguindo ainda para o N e sobre o caminho da Tapada, as camadas de grés e argilas dobram deslocando-se repetidas vezes e levantando-se em angulos de 20 a 60° em consequencia da injeção de dikes de trappe porphyroide, brotando de todas estas fendas e deslocações outras copiosas nascentes que são as mais superiores da ribeira de Valle de Lobos.

Seguindo as margens desta ribeira por um lado desde o Alto da Tapada, Granja, Matta e Pechiligaes, e por outro desde o Alto dos Gafanhotos, valle de Urze, Moinho da Matta, até á quinta do Minhoto, encontrar-se-hão as camadas deste grupo espeecialmente na margem direita de Valle de Lobos levantadas em angulos de 5 a 90° para differentes pontos do horizonte. Na divisoria d'aguas no Alto da Tapada inclinam as camadas para pontos oppostos por causa da linha anticlinica que alli passa; mas seguindo a mesma divisoria para o Alto da Piedade vcm-se ali as camadas de grés com inclinações em grandes angulos para o leito da ribeira e deslocadas mui perto della na linha que fórma a grande divisoria, abrindo-se uma larga falha por onde rompem os calcareos de Olellas ficando occultas pelo lado do N e a profundidade desconhecida as camadas deste grupo. Desta disposição resulta a existencia de menor numero de nascentes na parte da margem direita da ribeira de Valle de Lobos nesta localidade do que na margem fronteira. Da encosta da Piedade e para o SO descem estas mesmas camadas pela referida margem direita inclinando para aquelle quadrante: mais para diante muda esta inclinação para o NO percorrendo os differentes pontos do horizonte entre aquelles dous quadrantes; e penetrando para o interior da terra em angulos de 30, 70, e 90° em consequencia da falha que um pouco mais a O se dirige das visinhanças do Sabugo ao sitio de Maria Dias e a qual aproxima tanto á divisoria d'aguas para o leito da ribeira de Valle de Lobos que no sitio de Santa Cruz junto á Matta de cima não chegará a estar afastada uns 100^m. Deste modo a margem direita da ribeira de Valle de Lobos desde as visinhanças da Piedade até á Matta continua

successivamente a ter uma quasi absoluta carencia de nascentes nos grés deste grupo, vendo-se apenas por este lado alguns delgados filetes d'aguas que brotam das paredes mais escarpadas. Na margem esquerda apresenta-se o 4.º grupo desde o Alto dos Gafanhotos até ao povo da Matta occupando uma depressão dos calcareos do 5.º grupo, cujas camadas afloram naquelles dous pontos: estendeem-se as camadas daquelle grupo sobre uma grande área para a Carregueira e Molhapão apresentando nesta margem a sua maxima possança, inclinando o sólo bem como as camadas em partes para o alveo da ribeira, no qual descarregam muitas e abundantes nascentes, fornecidas por frequentes e extensas camadas aquiferas alimentadas por uma grande superficie de absorpção.

Alem dos accidentes ponderados muitos outros se manifestam nas camadas deste grupo sem contudo affectarem grandes áreas e devidos á injeção de dikes de trappe como no Rocoveiro, Baratam, Meleças, Talha e Pechiligaes brotando de quasi todos nascentes mais ou menos copiosas.

Os outros pontos occupados pelas rochas deste grupo em que se manifesta maior abundancia de aguas, são desde o Casal da Carregueira até Molhapão e Matta; e desde os Pechiligaes e Algueirão até Meleças e quinta do Telhal. A camada de argila arenosa e impermeavel, cinzenta clara, manchada de vermelho e amarello, que está acima da parte media do grupo é que determina a zona aquifera mais superior deste mesmo grupo. Vê-se aflorar esta camada a montante da Mãe de Agua Velha; nas terras e Casal da Quintã; no valle da ribeira do Castanheiro, ao N do Casal do Brouco; na explanada que se estende do Casal da Carregueira para o lado do N, e que vai passar algumas dezenas de metros, acima do Tanquinho de Molhapão; no Sabugo e em Pechiligaes. Sobre esta camada impermeavel residem: 1.º as nascentes do valleiro acima da Mãe de Agua Velha; do valle da ribeira do Castanheiro, cada uma das quaes dá de 10 a 15^m diarios na maior estiagem: 2.º as nascentes da cêrca da Carregueira que affloram por baixo de um terreno alluvial um pouco argiloso, e formam as origens da ribeira do Jardim; estas nascentes mediram em Dezembro findo 130 a 140^m d'agua por dia. Uma parte destas aguas perde-se no sólo calcareo do grupo antecedente: 3.º as nascentes de Abetureira, e o terreno contiguo que se acha saturado de aguas na sua parte mais baixa, na extensão de muitos centos de metros quadrados: 4.º as aguas do Tanquinho de Molhapão, com as suas nascentes e encanamentos, que apesar de estarem em

parte desmoronados, e obstruidos, mediram em Dezembro passado, 300 a 400^{me} d'agua diarios: estas nascentes acham-se em uma préga do sólo, para a qual convergem as camadas, formando uma linha sinclinica offerecendo por tanto favoraveis condições para uma exploração vantajosa na camada aquífera. Cabe aqui dizer que as camadas desta localidade descahem fortemente para o correjo do ribeiro de Molhapão, que vai encostado á barreira quasi aprumada dos calcareos do grupo antecedente, os quaes devem por tanto dar grande quantidade d'aguas na ribeira de Valle de Lobos, quando sejam cortadas a jusante da foz do ribeiro: 5.º as nascentes de differentes camadas aquíferas taes como as do ribeiro das Enguias, e as d'entre a Baratam e Algueirão, que em Dezembro findo attingiram 100^{ma} diarios: as nascentes do valle da Urze, na margem esquerda de Valle de Lobos; e as mais nascentes desta ribeira a montante da povoação de Valle de Lobos, que na sua totalidade deram por estimativa, na maior escassez, 2000^{me} diarios.

Da parte inferior do grupo brotam outras nascentes, taes são a fonte de Meleças e a nascente da quinta do Visconde de Extremoz, ambas mui abundantes, não dando talvez menos de 200^{me} diarios; as nascentes da parte superior do ribeiro das Enguias; as do Povo de Pechiligaes; e as das quintas do Telhal, da Tala, e do Alto do Sabugo. Ha álem destas muitas outras nascentes e poços de particulares que fertilisam diversas extensões de terreno cultivado tanto na margem da ribeira de Valle Lobos, como em Pechiligaes. Finalmente este grupo presta-se á aquisição de novas aguas, álem das conhecidas em diversos pontos, como na ribeira do Castanheiro; na préga de Rio de Sapos; na quinta de Molhapão; e em Pechiligaes, por causa das fórmas particulares do sólo, e da posição das camadas: comtudo não se creia que o volume que se poderá obter seja cousa extraordinaria, porque de certo não póde exceder a capacidade de saturação das camadas aquíferas, até ao nivel em que forem atacadas pela exploração.

5.º *Grupo do andar de Bellas.* — O 5.º grupo do andar de Bellas é todo formado de rochas calcareas com possança superior a 100^m estimada na parte que está entre Algueirão e Mem Martins: em Cintra deve talvez ser muito superior a 200^m. É cuberto ao S, Poente e NO pelas rochas arenosas do grupo antecedente; mas nas alturas do Brejo e do povo de D. Maria mette uma nesga para o valle de Camarões passando junto áquelles sitios com os stratos verticaes, onde similhantemente é cuberto por aquellas mesinas rochas: alli reune-se ao retalho que resulton de uma deslocação e que está encostado á

serra das Sardinhas (Fig. 3), e torneando a parte occidental da montanha de Monte-mór, descansando sempre sobre os grés do 6.º grupo, vai ligar-se pelo Nascente com os stratos que atravessam as ribeiras de Carenque e do Castanheiro.

A ribeira de Valle de Lobos não bebe directamente das aguas pluviaes calidas sobre os calcareos do 5.º grupo que estão dentro da bacia respectiva: só entre a Matta e Meleças é que se vê orlada d'um estreito afloramento dos mesmos calcareos, que alli, e destacadamente, rompêra os grés do 4.º grupo, na extensão de 2,5 kilometros de comprimento por 100 a 200^m de largura media; achando-se a parte da bacia correspondente ás ribeiras de que se trata que é occupada pelas rochas do 5.º grupo, reduzida a 4 ou 5 kilometros quadrados sómente.

Os calcareos e marnes deste grupo são argilosos, amarellados, e em geral, absolutamente identicos, no seu character mineralogico, aos calcareos dos grupos antecedentes, observando-se na sua parte inferior repetidos stratos de marnes schistoides, e de argilas de côr cinzenta escura; todavia em algumas partes apresentam-se as suas camadas endurecidas de textura compacta, côr acinzentada, evidentemente alteradas por metamorphismo, e muito fendidas e rôtas, como se pôde ver no Brejo, e desde o sitio de D. Maria até ao Brouco pelo valle do Castanheiro; alteração certamente devida á presença dos trappes que, entre os Penedos Pardos e D. Maria e no cimo do valle de Fornos afloram em repetidos pontos.

É sobre os calcareos deste grupo que nascem os valles das ribeiras de Carenque, e do Castanheiro, confundindo-se as suas plagas com o valle que corre transversalmente de D. Maria a Caneças, e do qual partem as primeiras aguas destas duas ribeiras: a passagem porém destes valles é feita por uma deslocação nos stratos calcareos, que na ribeira do Castanheiro se repete por muitas vezes.

Nada ha mais esteril do que os calcareos deste grupo, com particularidade na parte que vem de D. Maria á Carregueira, ao Brouco, e ao valle de Fornos: a sua resistencia á acção dos agentes exteriores torna-os escalvados, o que junto á sua estructura nimamente fendida, que os inibe tambem de poderem reter as aguas, os torna aridos, e intrataveis para a agricultura: por tanto as aguas pluviaes cahidas sobre a superficie occupada pela parte deste grupo, comprehendida entre as ribeiras de Carenque e do Castanheiro, e ainda sobre o sólo adjacente ás suas margens do Nascente e do Poente, precipitam-se immediatamente pelas fendas e algares abertos no calcareo e vão

até ás regiões mais inferiores; porém logo que esses recipientes subterraneos estão cheios, toda a mais agua, que circula nos massiços superiores aos correjos destas ribeiras, se escapa, mais ou menos velozmente para os seus leitões, resultando destas desvantajosas condições, uma extrema carencia de nascentes em toda a zona indicada; e só do sitio das Pontes Grandes para o Casal do Bretão, onde começa a plaga da ribeira de Carenque, e sobre as indicadas camadas de marnes e argilas cinzentas, que estão na base do grupo, é que se demora uma camada aquifera coberta em partes pelo terreno detritico, e sobre a qual se vêem alguns poços de pouca profundidade.

Pelo que respeita á nascente da Quintã, que brota no tópo N da galeria filtrante deste nome, 15^m abaixo do sólo e que, na estação chuvosa, dá um prodigioso volume d'aguas, seccando completamente no Estio, não pôde deixar de ter a sua conserva na parte superior dos calcareos deste grupo (embora se não veja a natureza do sólo donde brota, por estarem revestidas as paredes da galeria neste sitio) porque é incompativel com a estructura, e natureza do grés do 4.º grupo estancar-se de todo nos mezes d'Agosto ou de Setembro, uma nascente como esta que chega a dar diariamente no Inverno 2000^{mc} de agua; em quanto que um tal volume e regimen quadra perfeitamente com a dureza, impermeabilidade, e com as numerosas fendas e vassios praticados em toda a massa dos calcareos do 5.º grupo. O certo é que percorrendo a parte deste grupo que fica ao longo da estrada de Bellas para os Almornos, isto é, desde o Alto dos Gafanhotos até ás visinhanças da serra da Carregueira, não se encontram, pelo menos que eu visse, nenhuma nascentes brotando destes calcareos.

A absoluta carencia, ou grande penuria d'aguas nas rochias do 5.º grupo não só deriva das causas que ficam ponderadas como tambem de outras peculiares ao relevo geral do sólo. Na verdade examinando a orographia do massiço occidental, e comparando as altitudes no sentido do Poente para o Nascente, reconhece-se que a superficie do sólo, além da sua geral inclinação de N para S, tem uma ligeira quèda para SO e que os pontos mais baixos na bacia hydrographica das tres ribeiras, correspondem ao correjo da ribeira de Valle de Lobos como adiante exporei mais detalhadamente: daqui, da fórma deste relevo e da situação das camadas do 5.º grupo, inclinando para S e para SO na parte oriental, conclue-se que as aguas deste grupo, recolhidas entre as ribeiras de Carenque e de Valle de Lobos, devem precipitar-se para as secções mais baixas, que as camadas aquosas offerecerem á superficie do sólo nas ribeiras de Valle

de Lobos, Rio de Mouro, Oeiras, etc.: ora é exactamente o que acontece no affloramento do calcareo do 5.º grupo, desde a Matta até ao Telhial, descarregando-se por elle parte das aguas pluvias, diffundidas no sólo calcareo deste grupo, desde a estrada dos Almornos até á ribeira de Carenque; circumstancia que dá origem ás copiosas nascentes da Matta, sobre a ribeira de Valle de Lobos, as quaes em Junho de 1856 mediram o enorme volume de 7314^{m^c} diarios, e em Dezembro do mesmo anno se reduziram á oitava parte deste volume. Por tanto as nascentes da Matta, e a da galeria filtrante da Quintã são as unicas aguas de consideração, que este grupo offerece em toda a bacia, restando poucas esperanças de achar outras agnas, por trabalhos de exploração praticados á superficie do sólo. Só o emprego de furos ou poços verticaes, que atravessem todo o grupo antecedente e quasi todas as camadas deste e em pontos mais baixos do sólo, é que poderão encontrar as aguas que devem fazer em abundancia nas camadas argilosas da sua base, que se veem a descoberto nas Pontes Grandes, e no Casal do Bretão.

Terminarei a descripção hydrologica deste grupo com algumas considerações sobre as importantes nascentes da Matta.

As quatro nascentes da Matta que affloram mui proximas umas das outras em uma extensão de 200^m, e com pequenas differenças de nivel, pertencem a tres differentes camadas aquosas. A nascente mais a jusante, situada na Matta debaixo, que em Junho de 1856 dava 2540^{m^c} diarios, seccou em Novembro do mesmo anno como costuma nos Outonos estios. A nascente da Matta de cima, que fica immediatamente a montante da precedente e brota 2^m acima do nivel della, dava na primeira época 4000^{m^c} e na segunda reduziu-se a pouco mais de 600^{m^c} diarios: a camada porê m donde esta afflora subjazendo áquella donde brota a primeira, mostra a independencia que existe entre ambas, e explica o paradoxo de seccar a do nivel mais inferior, conservando-se a mais alta. As duas nascentes a montante destas, pertencem a uma outra camada; a que fica mais proxima da nascente da Matta de cima está 0^m,6 mais alta do que esta, e brotava nas duas épocas de Junho e Dezembro 424 e 212^{m^c} de agua por dia; a outra 2^m mais elevada que a dita nascente da Matta, deu nas mesmas épocas 370 e 132^{m^c}. Comparadas as posições relativas destas tres ultimas nascentes, e os volumes de agua por ellas fornecidos; conclue-se ainda que as duas ultimas nascentes pertencem a uma mesma camada, mas differente daquellas em que as outras brotam; sendo este facto tambem confirmado pela observação directa.

Procurar por tanto a camada aquosa que alimenta a nascente da Matta de baixo, poderá ser vantajoso; pretender porém augmentar as nascentes da Matta de cima, será talvez arriscado e inconveniente, tanto porque se não podem prever as eventualidades de um trabalho de exploração, emprehendido nas visinhanças destas nascentes, que pôde comprometter o seu regimen, em consequencia da circulação das aguas se operar em camadas que além de fendidas estão contorcidas e com inclinações para diversos pontos do horizonte, e em angulos de varia grandeza; como porque, augmentando a secção de vasão, poderá crescer o producto dellas na estação chuvosa, porém mais escasso se tornará também no Estio, visto que o seu reservatorio se hade estancar com mais promptidão.

6.º *Grupo do andar de Bellas.* — Finalmente os calcareos do 5.º grupo são deslocados por um affloramento, de fôrma proxivamente elliptica, composto de rochas arenosas que constituem o 6.º grupo do andar de Bellas. As camadas deste grupo formam a grande divisoria de Caneças e D. Maria, na qual se elevam ás alturas já indicadas na primeira parte desta Memoria: descem desta linha para o N aos valles de Nogueira e Camarões até á serra das Sardinhas (Fig. 3); para o S ás visinhanças do Povo de Caneças e Casal do Bretão, mettendo-se por baixo das camadas do 5.º grupo, que se dirigem de Caneças ás Pontes Grandes; para Leste vão encostar á meia vertente da montanha de Monte-mór; e pelo Poente são cobertas pelos calcareos do 5.º grupo nas alturas do Brejo, e proximo ao ponto onde se repartem as aguas para as ribeiras de Valle de Lobos, Castanheiro e Camarões. Toda a superficie deste affloramento, pertencente á bacia hydrographica das duas ribeiras de Carenque e do Castanheiro, não excede um kilometro quadrado; comtudo é bastante accidentada, e encerra, proporcionalmente, tanta abundancia de agua como os terrenos do 4.º grupo.

O 6.º grupo em nada differe do 2.º e 4.º pelos caracteres mineralogicos das suas rochas, tendo mesmo de commum com o 2.º as camadas de grés finos micaceos proprios para a cutelaria na sua parte media, e as camadas de argila marno-carbonosas com restos vegetaes na sua parte inferior.

Toda a encosta que desce da grande linha divisoria d'aguas para o valle de Caneças e de D. Maria, é muito aquosa, do que são prova os numerosos poços e nascentes que se veem por todo este valle, na extensão de 3,5 kilometros. As aguas que os alimentam são fornecidas por uma camada argilosa cinzenta, que está na parte superior do grupo, cujo affloramento se encontra no Casal de Castello de Vide

descendo de valle de Nogueira para Caneças e ainda por outra superior á primeira, a qual passa pela povoação de Caneças e Casal do Bretão, fornecendo por infiltração aguas ao aqueducto dos Carvalheiros, e brotando-as tambem proximo á povoação de D. Maria, em pontos onde as camadas se acham desarranjadas pelas erupções trappicas. A encosta que descrevemos é accidentada por alguns barrancos mais ou menos rapidos, que começam proximo da divisoria, e separam diversas lombas, que atravessam o valle, e dividem as aguas para a ribeira de Caneças e para as ribeiras de Carenque, e Castanheiro. Nas secções destas lombas é que se mostram algumas outras nascentes, e mais designadamente nas origens destes barrancos, aonde não só nascem as primeiras aguas, que, ainda no fim do Outono, davam começo ás ribeiras de Carenque e de Caneças, com um volume diario de 150^{mc}; mas tambem as que alimentam os aqueductos das Aguas Livres denominados do Olival, do Poço das bombas, de valle de Mouro, e do Salgueiro, as quaes reunidas davam, em Novembro de 1856, 250^{mc} diarios. Todas as nascentes acima indicadas pertencem á parte media do grupo, mas correspondem talvez a diferentes camadas aquiferas.

Tal é, em geral, a natureza das rochas dos seis grupos do andar de Bellas, sua estrutura, situação, e condições hydrologicas em toda a parte da bacia hydrographica correspondente ás ribeiras de Carenque, do Castanheiro, e de Valle de Lobos ao N do paralelo de Aguálva.

7.ª SECÇÃO.

RELAÇÃO ENTRE A AGUA PLUVIAL E A FORNECIDA PELAS NASCENTES DA BACIA HYDROGRAPHICA DESCRIPTA.

Considerações geraes. — Passarei agora a calcular a quantidade de aguas pluviaes, que cabem dentro desta porção de bacia, e deduzidas as perdas, qual é a porção de aguas que se demora nos diferentes niveis e camadas aquosas para alimentarem as nascentes, que ficam acima dos correjos das tres ribeiras de que acabei de fallar.

É sabido que a temperatura media decresee do Equador para os Pólos, e com ella a proporção do vapor aquoso derramado na atmosphera; por tanto a quantidade de chuvas que cabe em cada região em um anno, deve similhantemente decrescer com o augmento da latitude do lugar, o que effectivamente é constatado pelos factos.

Por outro lado tambem a observação tem mostrado que o numero de dias chuvosos, na mesma unidade de tempo, augmenta com a latitude; donde se conclue que sendo as aguas pluvias das zonas temperadas e tropicas mais abundantes, e cahindo da atmosphera menor numero de vezes, a quantidade precipitada de cada vez deve crescer na razão inversa da latitude. Daqui resulta que o contacto das aguas pluvias com a superficie do sólo, é mais demorado nas grandes do que nas pequenas latitudes, e por tanto maior tambem a quantidade de agua absorvida; por consequencia o numero, e copia das nascentes, deve, em igualdade de condições, crescer do Equador para os Polos.

Comtudo, ha um certo numero de causas geraes e locaes, que influem sobremaneira nestas leis de proporção, e que occasionam grandes differenças nas quantidades de chuva cahidas em diversas regiões na mesma latitude. Assim a visinhança dos mares, onde a atmosphera pela quantidade de vapores que contêm se conserva sempre em um estado visinho da saturação, produz muito maior quantidade de chuvas sobre o litoral, que no interior do Continente debaixo do mesmo paralelo; a acção dos ventos mais dominantes em certas estações, em relação á posição dos mares, dá maior quantidade de chuvas, quando sopram do Oceano; o relevo da região, e sua altitude sobre o nivel do mar, accumula tanta maior massa de meteoros aquosos, quanto mais pronunciado é esse relevo; a constituição physica e mineralogica do sólo; a sua exposição; a quantidade de vegetação, que o cobre; a sua topographia, e um sem numero de outras causas em fim fazem variar a quantidade das chuvas n'uma vasta região, n'um limitado paiz, n'uma localidade, etc.

Espessura da lamina d'agua pluvial que cahc annualmente em Lisboa. — A cidade de Lisboa, e o terreno circumvisinho, attenta a sua latitude, não pôde em um anno ter um numero de dias chuvosos muito maior, que o dos Estios; ¹ mas esse numero diminuiria consi-

¹ Devo á benevolencia do Sr. Dr. Pegado o conhecimento do presente dado colligido no Observatorio Meteorologico do Infante D. Luiz o qual vai fóra do seu lugar por ter sido sollicitado depois da redacção desta Memoria.

ANNO METEOROLOGICO DE 1855,

Dezembro de 1854 a Novembro de 1855.

Numero de dias de chuva ou chuvisco.....	162
Numero de dias de chuva cuja agua se mediu.....	131

deravelmente se a posição litoral de Lisboa e seus suburbios, a frequencia dos ventos de SO e do NO em certas quadras, e a constituição especial do seu sólo, não favorecessem a accumulção das nuvens, e as descargas das aguas da atmosphera. Quaes sejam porém as medias annuaes dos phenomenos meteorologicos que constituem o clima de Lisboa, é o que por ora não está ainda devidamente averiguado. O Sr. Conselheiro Franzini, a quem o paiz deve muitas e interessantes investigações, achou que a media annual da chuva cahida em Lisboa era de 0^m,06. O Sr. Dr. Pegado, a cujos esforços, incansavel zelo e intelligencia se deve a existencia do primeiro gabinete meteorologico de Lisboa dá 0^m,0645 de espessura á lamina d'agua cahida nesta cidade; porém, sendo esta cifra a media dos dous ultimos annos sómente, aliás muito irregulares, no que respeita ao clima de Lisboa, tal resultado não pôde ainda representar este clima, como observa o mesmo Sr. Dr. Pegado. Entretanto se por um lado attendermos a que a media de 0^m,06, anteriormente obtida pelo Sr. Conselheiro Franzini, é muito inferior á do Sr. Dr. Pegado; e por outro nos lembrarmos, que á elevação de 100 a 300^m do massiço occidental sobre o nivel do Oceano, se juntam dentro deste massiço as fórmas pont'agudas dos pontos mais altos da serra de Cintra, 400 e 500^m sobranceiros ao mar, bem como os accidentes de todas as montanhas, que formam o seu limite septentrional, chegando ás altitudes de 350^m e fóra do mesmo massiço as montanhas que se desinvolvem para além, mas não longe desse limite, formando o accidentado relevo da ruga que vai de Vialonga a Safarujo (causas todas altamente favoraveis á repetida producção dos phenomenos pluviaes); não haverá receio de admittir a indicada media de 0^m,06 como representando a espessura da lamina de agua cahida annualmente em Lisboa, e seus arredores.

Volume medio das aguas pluviaes cahidas annualmente na bacia hydrographica dos ribeiros de Queluz e de Valle de Lobos. — Assim

ANNO METEOROLOGICO DE 1856.

Dezembro de 1855 a Novembro de 1856.

Numero de dias de chuva ou chuviscos.....	162
Numero de dias de chuva cuja agua se mediu.....	125

A differença do numero de dias chuvosos áquelle dos dias medidos resulta de que os chuviscos são muitas vezes taes que os instrumentos não accusam quantidade sensivel.

G. P.

sendo a superficie total de apanhamento da bacia das tres ribeiras de Valle de Lobos, Castanheiro, e Carenque ao N do 1.º grupo de calcareos do andar de Bellas, de 42,7 kilometros quadrados; será a quantidade media annual cahida nesta bacia de 25.620:000 metros cubicos. Uma parte das aguas pluviaes, recebidas na bacia de que se trata, é absorvida mais ou menos rapidamente pelo sólo, e a outra corre á superficie para ir ao Tejo; quaes sejam porém as quantidades, que tem cada um destes destinos, é o que se não tem podido fixar, nem é facil de determinar por em quanto: farei todavia sobre este objecto algumas considerações, tendentes a aproximar-nos de uma apreciação, que não diste muito da verdade.

Notarei em primeiro lugar que se a inclinação media do massiço occidental, representada por 0,025 por metro, affectasse a superficie do sólo de um modo regular; as aguas pluviaes correriam quasi impetuosamente para o Tejo, e a sua absorpção e diffusão pelo sólo não seria possivel, ou sel-o-hia em mui pequena quantidade; porém as cousas passam-se de modo que aquella grande inclinação, muito pouco affecta as condições da necessaria infiltração, e diffusão. Em segundo lugar como a extensão superficial da mesma bacia é mui limitada, como se viu, e o relevo accidentado do sólo por ella comprehendido, não é daquelles, que á simillhança das grandes serras, fazem descarregar das nuvens, dentro de muito pouco tempo e em pequenas áreas, enormes massas de agua, acontece que a quantidade absoluta dellas, que corre para cada uma das ribeiras de Valle de Lobos, Castanheiro, e Carenque é pequena; e tanto assim é, que não tem a força precisa para transportar detritos alluviaes aos leitos destas ribeiras em quantidade sufficiente para os revestir de uma camada continua de cascallio, como succede ao commum dos rios e ribeiras, que recebem regularmente um volume de aguas de certa ordem, vindo animado de grandes velocidades: ao contrario, na ribeira de Valle de Lobos e do Castanheiro vêem-se alguns atterros de pouca espessura, formados de aréas finas depositadas nas partes mais largos do leito, ou nas curvas dos valles e apenas alguns calhaus angulosos descidos immediatamente das encostas mais rapidas; e só a ribeira de Carenque é que apresenta um character mais torrencial, manifestado pelo numero e volume de calhaus que se acham espalhados no seu leito desde Ponte Pedrinha até perto das duas Mães d'Agua.

Isto posto, lembrei que sendo a inclinação geral das camadas, que entram na constituição desta bacia para S no mesmo sentido em que descem as aguas, e apresentando-se os seus topes á flôr da terra,

em quasi toda a extensão superficial da mesma bacia, é claro que as aguas pluviaes descendo têm de galgar os resaltos que lhes offerecem os referidos tópes, tanto mais difficilmente, quanto maior é a espessura das camadas. Destes successivos obstaculos resulta que as aguas em lugar de descerem immediatamente no sentido da inclinação geral do sólo, demoram-se mais tempo sobre as camadas, deslisando ao longo dos affloramentos das que lhes ficam subjacentes até chegarem ás ribeiras; deixando porém neste trajecto mais ou menos largo uma boa parte da sua massa. Com effeito, as numerosas camadas de grés grosseiros permeaveis dos 2.º, 4.º, e 6.º grupos, com uma possança total de 100^m e com uma superficie de apanhamento de 26 kilometros quadrados absorvem no trajecto destas aguas, uma grande quantidade dellas; e tanta quanto lhe permite o volume ainda não saturado, que fica superior aos correjos das mesmas ribeiras. Se possuíssemos uma tabella de medição de todas as nascentes, que se vêem espalhadas tão profusamente nestes grupos representando a media dos seus respectivos productos, achar-se-hia que o seu volume, não é uma fracção tão pequena do volume total das aguas calidas sobre as suas superficies de apanhamento, como á primeira vista parece.

Pelo que respeita aos calcareos do 1.º, 3.º, e 5.º grupos, se as suas camadas são, na generalidade, impermeaveis, o estado de divisão em que se acham, pelas suas numerosas fendas de retracção, compensa bem a ausencia daquella qualidade. Quem percorrer o terreno occupado pelo 5.º grupo, desde 500^m ao N da Carregueira até D. Maria, e daqui ao signal geodesico dos Penedos Pardos e ás Pontes Grandes, reconhecerá, nas repetidissimas soluções dos stratos, produzidas pelas fendas, que a acção do tempo converteu nas rupturas e algares, que atravessam as camadas em grande espessura, que as aguas pluviaes devem forçosamente sumir-se, em grande parte, por estas aberturas, e obedecendo á lei da gravidade precipitar-se de strato em strato até chegarem a uma camada impermeavel de argila ou marne, ou a uma camada de calcareo não fendido. Os calcareos do 3.º grupo, desde o Casal de Sant'Anna na ribeira de Valle de Lobos, a Molhapão, ao Brouco, e ao valle de Carenque, estão nas mesmas condições, que as do 1.º grupo, com especialidade desde Bellas e Idanha até ao Papel, onde estes ultimos se acham mais endurecidos pelo metamorphismo, tendo as fendas de retracção mais multiplicadas: entretanto o 1.º grupo encerra maior numero de stratos mais continuos de marne muito argiloso, e é a esta circumstancia que se deve a repetição frequente das zonas aquiferas que o distingue dos outros. As condições de absor-

peção e diffusão nestas rochas, são consideravelmente favorecidas pelas repetidas planuras, ligeiras depressões, e outras desigualdades, que existem nos massiços, que separam as tres ribeiras de Carenque, Castanheiro e Valle de Lobos, cujos accidentes concorrem tambem para a maior demora das aguas pluviaes sobre as superficies de absorpção. Se não fosse esta infinidade de rupturas, e de superficies de diffusão, a impermeabilidade dos calcareos destes grupos, faria precipitar immediatamente nas ribeiras toda a agua pluvial, e neste caso, não só não existiriam as nascentes da Quintã, Matta, Mãe d'Agua Velha e Nova, mas tambem os leitos e fozes dos barrancos das ribeiras conteriam calhaus, e detritos, arrastados pelas grandes massas d'agua, que forçosamente nelles se accumulariam na occasião das chuvas.

Estes phenomenos manifestados em ponto pequeno dentro desta bacia, vêm-se em grande escala n'outras localidades onde estes calcareos occupam grandes extensões. É realmente um facto providencial, uma causa de equilibrio na natureza, esta solução repetida dos stratos calcareos duros e impermeaveis: se assim não fosse, as chuvas cahidas sobre as superficies occupadas por semelhantes rochas sem a facultade da absorpção e diffusão, produziriam enormes estragos, esterilizando o sólo das vertentes e campos adjacentes aos massiços formados de taes rochas. É por esta causa que, nas regiões calcareas mais elevadas, as fontes e nascentes escasseam a ponto dos habitantes de taes regiões se verem obrigados a recolher as aguas pluviaes em cisternas, ou em grutas, para se alimentarem, e aos seus gados, durante o Estio, como acontece aos povos estabelecidos nas serras entre Alcanede e Porto de Moz; em quanto que nos pontos mais baixos aonde ha camadas impermeaveis continuas, e onde se depositam as aguas que de fenda em fenda, de algar em algar atravessaram a grande massa do calcareo, jorram, em raros pontos de vasão, enormes volumes de agua que dão origem e alimentam alguns rios notaveis, e consideraveis ribeiras, como por exemplo o Lena, e o Liz, as ribeiras do Nabão, e da Redinha; as prodigiosas nascentes que vão ter a Sarnache e Condeixa, as de Ançã, da Fervença proximo a Cantanhede, e outras.

Se a estas considerações juntarmos que a superficie occupada pelos tres grupos de calcareos, dentro da parte da bacia de que se trata é de 16,7 kilometros quadrados com uma possança de 400^m proximoamente não será fóra de proposito, se se reputar a quantidade de agua não absorvida e diffundida, como uma pequena fracção da totalidade cahida naquella superficie.

A falta, que já em outra parte notámos, de investigações sobre

as relações que existem entre a agua precipitada da atmospherá, e a que penetra o terreno nas diversas localidades inhi-be-nos de poder fazer uma apreciação mais directa do verdadeiro volume d'aguas com que se póde contar: na ausencia porém destes dados, recorreremos a uma hypothese, que se não merece toda a confiança para se poder applicar em todas as circumstancias, é todavia o resultado de observações feitas em paiz estranho, por individuos de innegavel competencia. Perrault, buscando a relação entre a quantidade de agua pluvial cahida em um anno na bacia hydrographica do Senna (seis legoas quadradas) desde a origem deste rio até Arnay-le-Duc na Bourgonlie, e a que se escóá pelo mesmo rio no limite inferior da mesma bacia, achou que era de 6 para 1. Sendo esta investigação repetida por Mariotte, tambem para a bacia do Senna-acima de Paris (3000 legoas quadradas), achou ainda a mesma relação de 6:1; devendo notar-se que estes dous sabios (com o fim de fazerem uma larga concessão para perdas, e não se poderem taxar de exaggerados os seus resultados) tomaram para media annual das aguas pluviaes cahidas, 15 pollegadas em lugar de 20, numero este mais proximo da verdade e que se fosse tomado, daria a relação de 8:1. Por tanto tendo em attenção a grande permeabilidade que possui todo o sólo da bacia das tres ribeiras, ao N do paralelo de Agualva; faculdade que de certo não possuem em maior gráo as camadas terciarias e cretaceas da bacia de Paris, nem os granitos e schistos do alto Senna, não esquecendo as outras ponderações feitas ácerca das aguas sobre o sólo, antes de se precipitarem nas ribeiras; parece-me que se poderia tomar para o nosso caso a relação de 6:1, isto é, que a media annual da agua que permeia o sólo das tres ribeiras é $\frac{2}{3}$ da agua pluvial cahida annualmente dentro da mesma bacia; como porém na nossa latitude ha um excesso de evaporação, por causa do maior numero de dias estios, e da mais elevada temperatura, posto que modificada com as repetidas brisas, que a nossa situação physica e litoral nos proporciona; longe de incorrer em erro que prejudique a questão, chegaremos a uma apreciação inferior á realidade, adoptando a relação de 4:1. Assim a quantidade de agua que permeia o sólo, deduzidas as perdas de evaporação e de alimentação vegetal, etc. será os $\frac{3}{4}$ da agua pluvial que nelle cahe, sendo o outro quarto correspondente á quantidade de aguas, que na occasião da queda das chuvas vai para o Tejo: portanto a totalidade da agua que deve suppor-se em toda a parte subterranea da bacia das tres ribeiras será, pelo menos de 19.215:000^{me}, da qual se alimentam todas as fontes e nascentes, que brotam nos seis

grupos indicados, e se alimentarão ainda parte das que resultarem da exploração. Não se julgue contudo que este volume de aguas esteja integralmente retido nas respectivas conservas, para alimentar as nascentes, e que pôde ser aproveitado á vontade acima dos correjos das ribeiras de Valle de Lobos, Castanheiro e Carenque. O sólo formado pelos grupos alternantes de calcareos e de grés do andar de Bellas, tem uma queda geral para SO, como fica observado em outro lugar, a qual não só a observação directa faz conhecer, mas que se mostra na simples inspecção da Carta Chorographica publicada pela Commissão Geodesica, (posto que ainda incompleta para o lado do Tejo) tanto pelas altitudes nella marcadas, como pela posição e extensão comparativas das linhas de agua, que vão á bahia do Tejo desde Lisboa até Oeiras, e ao Oceano desde Oeiras até Cascaes, cujas linhas cortam o sólo ou determinam correjos de posição successivamente mais baixa em relação ao nivel medio do mar; e como por outra parte os valles correspondentes a estas linhas são valles de denudação, não só cortam em muitos pontos parte dos grupos em porções consideraveis da sua espessura, mas como esses córtes, em relação a um dado strato, tem lugar em pontos successivamente mais baixos, a contar da ribeira de Carenque para o SO, resulta que as camadas aquiferas a um nivel inferior do correjo da ribeira de Carenque, devem descarregar para a ribeira do Castanheiro; as desta para a ribeira de Valle de Lobos; e assim por diante até ao Oceano. Por consequencia uma parte do volume das aguas, que acima se determinou, deve ter este destino, proporcionalmente á successiva differença do nivel das ribeiras, (tomada na linha NE—SO que é a seguida pelos primeiros quatro grupos do andar de Bellas), e á liberdade com que as aguas se movem nas diferentes camadas aquiferas, calcareas ou arenosas.

Para se tornar mais palpavel esta indução, cumpria que se examinassem as perdas que soffrem no seu trajecto as aguas correntes das tres ribeiras em questão, e por outra parte qual é o numero, força e posição das nascentes que se mostram nos respectivos alveos, ou junto delles; mas é o que ainda se não pôde fazer. Entretanto existem alguns factos, que corroboram aquella asserção, os quaes dizem respeito aos grupos calcareos; porque, movendo-se nestes a agua com mais liberdade do que nos dos grés, fornecem exemplos mais claros e accessiveis, que reforçarei na exposição que vou fazer delles, e com as ponderações que me parecerem mais a proposito.

As camadas calcareas do 1.º, 3.º e 5.º grupos na parte em que são cortadas pela ribeira de Carenque, como entre a Gargantada e a

povoação de Carenque, a jusante e a montante das Mães de Agua Velha e Nova, e a jusante das Pontes Grandes, deixam-se permear por causa das fendas e rupturas do seu leito pelas aguas da ribeira: as rupturas do calcareo do 5.º grupo no leito da ribeira do Castanheiro, absorvem quasi todas as aguas ordinarias, que ali chegam das vertentes do Brejo e de D. Maria, e se exceptuarmos a nascente da Quintã não tem descarga para os leitos das ribeiras de Carenque e do Castanheiro: as aguas da cêrca da Carregueira perdem-se nas fendas dos calcareos do 3.º grupo, que estão no alveo da ribeira do Jardim, e reaparecem mais abaixo, mas n'um volume inferior ao que tinham antes: na ribeira de Valle de Lobos, nas partes correspondentes ao 1.º e 3.º grupos, isto é, a jusante do Casal de Santa Anna, e entre a Jarda e Papel, observam-se diminuições sensiveis no volume das aguas correntes nestes sitios, e tanto que acima da primeira localidade nomeada desaparece quasi toda a agua da ribeira para vir rebentar parte della no moinho que está perto do mesmo Casal.

As aguas da nascente denominada o Refervedouro, na margem esquerda da ribeira de Valle de Lobos, junto ao Papel, pertencem á camada aquifera da Gargantada no valle de Carenque, que passa no valle do Castanheiro, perto do Pendão. O refervedouro não é portanto senão uma descarga das aguas absorvidas nos leitos das duas ribeiras e recollidas nesta camada, desde a ribeira de Carenque até este ponto. As nascentes da Matta que estão proximas ao leito da ribeira de Valle de Lobos, são evidentemente a descarga das aguas recebidas entre esta ribeira e a de Carenque. A mui copiosa nascente de Alfamil, que no Estio brota talvez mais de 1000 m³ de agua diarios, e que está situada 6^m acima do leito da ribeira de Oeiras tem a sua superficie de apanhamento nos calcareos do 1.º grupo que daquella margem se estendem para o nascente atravessando as ribeiras de Rio de Mouro, de Valle de Lobos, Castanheiro e Carenque, em pontos successivamente mais elevados.

Em fim se procurarmos quaes são as nascentes que se mostram nos calcareos do 3.º e 5.º grupos do andar de Bellas sobre as margens das ribeiras de Carenque, Castanheiro, e Valle de Lobos, só encontraremos dignas de registrar-se ¹ a fonte do Brouco, o lago e fonte de

¹ Não faço menção da nascente da Portela de Adabeja e de outras que se mostram nestes calcareos sobre a margem esquerda da ribeira de Carenque porque são factos que em nada influem sobre esta questão.

Molhapão; todas as outras, ou estão contiguas aos leitos das indicadas ribeiras ou seccam no fim da Primavera. Este facto e bem assim todos os que ficam expostos mostram evidentemente que algumas das aguas pluviaes absorvidas na superficie daquelles grupos, e uma parte das que correm nas ribeiras acima indicadas descem abaixo dos leitos destas mesmas ribeiras para se dirigirem a pontos de nivel mais inferior; e se não provam de um modo directo a inducção que deixamos estabelecida imprimem contudo no animo do observador a convicção de que as cousas se passam do modo que fica referido.

Em resumo admittidos os factos — que o correjo de cada uma das ribeiras do massiço occidental é mais baixo, que o da ribeira immediata que lhe fica ao Nascente; e que existe a communicação das camadas aquosas entre as duas margens de cada ribeira, é innegavel que as aguas subterraneas devem encaminhar-se de Nascente a Poente, ou de NE para SO desde a ribeira de Carenque até ao Oceano.

A tendencia geral que tem as aguas subterraneas para SO, como acabei de ponderar, não deve todavia infundir graves receios; não só porque a circulação das aguas nos grupos de grés se opera mui lentamente; mas porque achando-se as camadas aquiferas dos grupos calcareos, permanentemente saturadas, e sendo pequena a differença de nivel entre os correjos de cada par de ribeiras consecutivas, a descarga das aguas não se faz em tanta quantidade e com tamanha rapidez, que prejudique sensivelmente as nascentes estabelecidas nos valles a E de qualquer das duas ribeiras em questão; dando-se apenas estas perdas de um modo mais notavel nas camadas aquiferas da parte superior do 1.º grupo, em consequencia das faccis sahidas ou seccões que deixei indicadas. Esta asserção, no que respeita ao 1.º grupo de calcareos, está garantida pela grande quantidade de nascentes que nelle se encontram, desde a Gargantada e Carenque até Bellas, Idanha e Aguálva, quasi todas situadas, é verdade, sobre os leitos das ribeiras ou pouco acima delles: e pelo que toca ao 2.º, 4.º e 6.º grupos de grés está tambem garantida não só pelo grande numero como pela altitude e constancia de suas nascentes na parte da bacia que se considera.

Não é por tanto prudente contar com a cifra que acima deduzimos, como representante do volume real da agua retida nas conservas naturaes ou camadas aquiferas, que alimentam em cada anno todas as fontes e nascentes comprehendidas entre as ribeiras de Valle de Lobos e de Carenque, e que se descobrissem pela exploração; e assim, para maior segurança, deduzindo de 19:215000^m todo o vo-

lume de aguas que pôde ser recebido pelo 3.º e 5.º grupos, que corresponde a 3:465:000^m ficará reduzido a 15:750:000^m. A quantidade d'agua demorada, na bacia de que se trata, será por consequencia, termo medio, correspondente a 43:750^m diarios. Se porêm nos lembrarmos que todas as nascentes decrescem successivamente de Julho a Novembro, não poderemos ainda deixar de considerar este ultimo volume como excessivo em relação á época de maior estiagem: demais como simillhante volume é o integral da agua recolhida subterraneamente, e por outro lado é impraticavel esgotar todo o terreno, forçoso será ainda subtrahir-lhe uma certa quantidade. Supporremos por tanto que o volume total das aguas que se podem obter nesta bacia *acima dos correjos das ribeiras* se reduz a 20:000^m diarios.

TERCEIRA PARTE.

PROJECTOS DE ACQUIZIÇÃO DE AGUAS, E DA SUA CONDUÇÃO PARA O AQUEDUCTO GERAL DAS AGUAS LIVRES.

8.º SECCÃO.

AQUEDUCTOS, SYSTEMA DE ACQUIZIÇÃO DE AGUAS E OBRAS ACCESSORIAS.

Aqueducto da Matta — Descrição do seu traçado e considerações a elle relativos.—Quando Mr. Mary, distincto Engenheiro do Departamento do Senna, veio a Lisboa com o fim de examinar a questão do abastecimento de aguas desta Capital, accitou a hypothese da existencia de um certo volume dellas, em dada posição, e limitou-se a redigir o seu projecto em relação á condução e distribuição dessas aguas. O prazo marcado no Decreto da Concessão para a apresentação destes trabalhos estava definido, e por tanto Mr. Mary não podia, por falta de tempo, deixar de pôr de parte outras investigações, e de se restringir exclusivamente a preencher aquelles fins.

É o traçado indicado neste projecto, na parte que diz respeito á condução das aguas, entre as nascentes da Matta, e o aqueducto geral das Aguas Livres na ribeira de Carenque, que eu passo a examinar, em relação ao volume de aguas que para elle se podem derivar dos terrenos sobranceiros.

O traçado, de que se trata, começa na altitude de 175^m, 4 proximo ás nascentes da Matta de cima, na ribeira de Valle de Lobos, corre superiormente ao leito da ribeira ao longo da margem esquerda cerca de 1094^m sobre os topos do estreito afloramento de calcareos do 5.^o grupo, até ás visinhanças do forno da quinta do Telhãl; deste ponto, já allastado da ribeira, dirige-se para SE, atravessa a quinta do Minhoto, e desce em syphão ao fundo do estreito valle do ribeiro de Molhapão percorrendo 1008^m sobre os grés do 4.^o grupo. Da margem esquerda deste ribeiro, já nos calcareos do 3.^o grupo, segue pela Tapada dos Coelho, tornea a collina do moinho do Carrascal, e descrevendo uma linha sinuosa de 1598^m dirige-se para o Nascente, e vai entrar no 2.^o andar de grés, proximo á collina das Pedras Vermelhas; atravessa esta collina por um subterraneo de 700^m pouco mais ou menos, sahindo perto da fonte publica do Grajal; e percorrendo á flôr do sólo a pequena extensão de 216^m, 5, segue outra vez em subterraneo pelo espaço de 1100^m proximamente, dirigindo-se neste trajecto primeiro para ESE e depois para ENE, e passando junto aos poços da quinta do Pimenta, povoação da Venda Sêca e do Lagar rompe de novo á superficie perto do ribeiro deste ultimo nome. O aqueducto continúa deste ponto para E, atravessa a lomba dos moinhos do Jardim com a altitude de 170^m proximamente, desce em syphão com a cota de 151^m, 6 ao valle por onde corre a ribeira do Jardim, e ganhando a outra margem segue proximo ao Casal do Machado, onde atravessa em pequeno subterraneo a estrada de Mafra, tornando a descer em syphão ao valle do Castanheiro, onde tem a cota de 145^m, 5. Esta parte do traçado a começar do primeiro subterraneo, é feita sempre nos grés do 2.^o grupo, e na extensão de 3181^m; devendo advertir-se que tanto um como outro subterraneo não só atravessam grande extensão de rochas metamorphicas, e talvez igneas, como tambem a pequena serie de calcareos interstratificados neste 2.^o grupo de grés. Do valle do Castanheiro sobe o traçado á margem esquerda da ribeira do mesmo nome, entra no sólo calcareo do 1.^o grupo, e passando perto do Casal de Sapos, vai entroncar no aqueducto das Aguas Livres, na altitude de 159^m, 29: vindo por consequencia a ter 8224^m de extensão total, comprehendendo-se nella 1800^m de subter-

raneos; e conservando desde a Matta até á margem esquerda da ribeira do Castanheiro as altitudes de 175 a 170^m com o fim de evitar maior extensão de subterraneo.

Volume de aguas que pôde receber o aqueducto da Matta. — A superficie de apanhamento comprehendida pelo traçado do novo aqueducto geral e as linhas divisorias da bacia, tem proximamente 16 kilometros quadrados; e pelas considerações já expostas, o volume de aguas pluvias que pôde recolher o sólo correspondente áquella superficie é 7.200:000^{m³}. Este resultado está porém longe da verdade, não só porque a superficie abrangida tem grandes extensões de calcareos do 3.º e 5.º grupos, cujas condições hydrologicas são já conhecidas, como porque sendo o terreno a montante do aqueducto da Matta cortado por prégas e valles de varias profundidades, onde afforam todas as nascentes da bacia, correndo em direções proximamente perpendiculares ao traçado, deixa uma parte attendivel destas nascentes de poder ser aproveitada; isto é, não podem ser recolhidas no aqueducto da Matta todas as nascentes conhecidas (ou que podiam descobrir-se pela exploração) que brotam a montante do mesmo aqueducto em um nivel inferior aos planos que inclinando para ESE se fizessem passar; 1.º pelas nascentes da Matta na altitude de 174^m e a margem direita da ribeira do Castanheiro 4^m mais baixo; 2.º por este ultimo ponto e a calcera do actual aqueducto de Aguas Livres junto do ribeiro de Sapos na altitude de 159^m. Esta circumstancia não deve perder-se de vista, porque reduz consideravelmente o volume medio annual de agua deduzido com referencia á superficie de absorção existente ao Norte do aqueducto da Matta.

Por consequencia, a exemplo do que se praticou quando se fez o calculo precedente, deveriamos deduzir toda a parte da agua pluvial correspondente ao 3.º e 5.º grupos de calcareos, cuja superficie orça por 8 a 9 kilometros quadrados; abaterei porém só metade desta superficie, em attenção a que é destes calcareos que se alimentam as nascentes permanentes da Matta, Mãe de Agua Velha e da ribeira do Castanheiro, ficando a superficie de absorção reduzida a 11,5 kilometros quadrados, sobre a qual cahe o volume annual de 5.175:000^{m³} de aguas, correspondente á media diaria de 14:361^{m³}; e, tanto pelos motivos expostos no fim do primeiro calculo relativo ao total da bacia ao N do parallelo d'Agualva, como pelas considerações que acabamos de fazer a pag. 80 a 81, tomarei o volume de 7:180^{m³} para representar a quantidade de agua, que poderá obter-se diariamente na maior estiagem.

Vejamus agora qual é a porção de aguas que se encontra dentro da superficie indicada, e o modo por que estas aguas podem ser aproveitadas e recebidas pelo aqueducto projectado.

As aguas da ribeira de Valle de Lobos desde a Tapada e alto dos Gafanhotos até á Matta, podem entrar na origem do aqueducto, por lhe estarem superiores. Estas aguas vertem todas á borda do valle e das pregas ou barrancos affluentes, por grande numero de pequenas nascentes que rebentam do 4.º grupo, que guarneece as margens da ribeira a montante da Matta até á sua origem. Aqui não ha grandes perdas, porque, abaixo do correjo não existe nenhuma solução de continuidade das camadas, e se a houvesse, ainda assim as perdas não poderiam ser grandes em consequencia da natureza das rochas argilo-marnosa; e porque, desde a Matta e Tapada para O e para NO vai este 4.º grupo metter por baixo dos calcareos e marnes do 3.º, sendo sómente cortado além da divisoria de aguas, e depois que as camadas teem mudado de inclinação para outro ponto do horizonte. A plaga junto ao alto dos Gafanhotos, onde tem a sua origem um dos ramos desta ribeira, não só pela sua fórma e largura, como pelas erupções trappicas que alli afilloram, dá lugar á apparição de uma grande quantidade de agua, que rebenta por muitos pontos do sólo. O estreito barranco por onde desce o outro ramo que vem da Tapada, deixa tambem ver uma grande copia de aguas, brotando pela maior parte das secções produzidas pelos dikes trappicos: toda esta agua re-unida, mas mal aproveitada, põe em movimento cinco azenhas, distribuidas na extensão de 2 kilometros proximamente a contar da origem da ribeira. O volume desta agua, antes de se juntar com a das nascentes da Matta, foi estimado em setenta anneis ou 1855^{mc} diarios em Novembro do anno findo, e antes da queda das chuvas outonaes. Este volume pôde ainda ser augmentado por meio de pequenas explorações dirigidas até á plaga, e topando nos dikes trappicos, e talvez não seja impossivel eleva-lo a 2500^{mc} na maior estiagem. Simillhantes explorações devem porém ser conduzidas com toda a prudencia, e tendo sempre em vista que aquellas camadas, pertencentes ao 4.º grupo não podem dar mais agua do que recebem; e que se se pretendesse entrar com galerias na margem esquerda da plaga, encontrar-se-hiam os calcareos do 5.º grupo, que afilloram no alto dos Gafanhotos, os quaes nesta parte devem ser estereis.

Já dissemos em outro lugar que as nascentes da Matta debitaram em Novembro findo, 954^{mc}; tambem já lembrámos o perigo que haveria em tentar o augmento deste volume por meio de explorações,

que podem dar em resultado a sua diminuição no Estio. Se estas aguas repuchassem na occasião da maior estiagem, e este phenomeno fosse constante, então a tentativa poderia justificar-se; mas sendo um simples affluxo á superficie do sólo é claro que os seus depositos não teem um nivel muito superior ao da sahida, e que qualquer augmento de vasão, deve empobrecel-os na maior estiagem. Não pôde dizer-se o mesmo a respeito da nascente da Matta de baixo, porque esta, por se alimentar de uma cañada superior ás que alimentam as nascentes da Matta de cima, seccar todos os Estios, e não ter uma grande secção de vasão, pôde admittir algum trabalho de exploração, com tanto que seja conduzido com toda a cautela, por causa da já notada contiguidade em que se acha com estas ultimas; mas como esta tentativa me não merece grande confiança, não aconselharia similhautes trabalhos, receiando occasionar despesas infructuosas.

O novo aqueducto projectado pôde por tanto receber na sua origem as aguas de Valle de Lobos, e as das nascentes da Matta, cujo volume montará no Outono, e na maior estiagem a 2809 ^mc. Desde a Matta até ao ribeiro de Molhapão não ha aguas conhecidas, que se possam aproveitar, e do exame exterior do terreno intermedio, não se conclue que seja conveniente emprehender ali alguma exploração; e posto que junto ao alveo da ribeira de Valle de Lobos se devam encontrar aguas, especialmente nas proximidades da Matta de baixo, onde ha um affloramento de diorite que rompeu as camadas do grés do 4.º grupo (Fig. 10), como o seu nivel é muito inferior ao do aqueducto, estas aguas não poderiam ser aproveitadas. Na margem esquerda, o terreno acha-se sobranceiro ao aqueducto, porém como as camadas tem a disposição indicada na figura 10, não pôde ali esperar-se a existencia e muito menos a permanencia de aguas. Na margem direita, só se poderiam aproveitar algumas das aguas de Pecheligaes e do ribeiro das Enguias ou da Baratam, por meio de um aqueducto ramal de 2 ou 3 kilometros querendo tambem aproveitar as que brotam dos calcareos do 5.º grupo no Algueirão; mas como, pela altitnde do aqueducto, não poderiam receber-se as que estivessem deste lado da ribeira a um nivel mais inferior seria um grave erro, construir um ramal desta extensão para adquirir apenas 300 ^mc diarios de aguas ¹.

¹ É pena na verdade que o aqueducto da Matta não possa receber as aguas destas localidades, porque em todo o valle da ribeira da Baratam, desde o Recoveiro até á divisotia de aguas no Algueirão, formado das camadas do 4.º grupo, e d'ahi até a

Em Molhapão recebe o aqueducto as aguas do Tanquinho, que brotam das camadas arenosas do 4.º grupo, na altitude de 192^m, que em Novembro forneciam 3440^m diários. Parte destas aguas verte por infiltração das camadas que convergem da montanha do moinho da Matta, e de algumas collinas a N e Nascente formando uma plaga onde se reúnem as aguas denominadas do Tanquinho; o volume destas aguas pôde ser augmentado, limpando e reparando as minas existentes e abrindo novas galerias sobre a camada argilosa, em que as mesmas aguas correm; não se conte porém que estes trabalhos hão de aproveitar todas as aguas das camadas de grés, desde a linha da sua convergencia até ás cuniadas das collinas que circumscrevem a referida plaga, porque para além das referidas cuniadas, tem as mesmas camadas de alimentar parte das nascentes de Valle de Lobos, a montante da Matta, e as que fornecem as aguas para a Abetureira e plaga da Carregueira, e se a posição de nivel permittisse escolhas pela plaga de Molhapão, necessariamente escasseariam naquelles pontos: por tanto, o mais que se deve esperar por similhantes trabalhos, é o dobro proximamente da que hoje dão as nascentes do Tanquinho. isto é, 688^m diários.

Além destas aguas poderá, também o aqueducto receber outras da plaga da Abetureira, onde concorrem os marnes do 3.º grupo com os grés do 4.º, deixando ver algumas pequenas nascentes, em um terreno alagadiço, devido ás camadas de marnes cubertos pela terra vegetal, e cuja agua se escoará logo que se abram algumas valetas de descarga. Creio porém que se a zona de contacto dos dous grupos for atacada subterraneamente na origem da plaga, hão de encontrar-se ali aguas que possam vir ao aqueducto; não devem contudo ser em grande quantidade, porque o nivel em que tem de procurar-se hade ser necessariamente superior ao do aqueducto, ficando por isso mui limitado o seu campo de absorção. Emfim, o traçado neste local deixa abaixo do seu nivel pontos importantes para a aquisição de aguas no ribeiro de Molhapão, como é a parte do valle, que se comprehende entre a sua foz, na ribeira de Valle de Lobos e a quinta de Molhapão: as camadas de grés inclinam ali para o valle, sendo para elle também que desechem as aguas contidas no terreno que se estende até á plaga deste ribeiro, a montante do Tanquinho, como fica ponderado em outro lugar.

Granja da Santa Cruz, onde também entram os calcareos do 3.º grupo, apresenta o sólo boas condições para se poder esperar d'elle não pequena quantidade de agua.

O aqueducto da Matta não pôde receber aguas desde o Valle de Molhapão até ao subterraneo das Pedras Vermelhas: transitando por cima dos calcareos do 3.º grupo, completamente aridos em toda a extensão da Tapada dos Coelhos e collina do Carrascal, só nelles encontraria aguas se descesse até ao nivel da ribeira de Valle de Lobos, o que é impraticavel. A mesma esterilidade de aguas se observa no terreno adjacente; não se encontra ali uma linha d'agua, uma fonte, nem, sequer, a menor disposição favoravel do sólo, que pudesse contribuir para enriquecer, pouco que fosse, o volume das aguas transportadas pelo aqueducto.

O subterraneo das Pedras Vermelhas virá a funcionar como galeria filtrante desde a zona de contacto dos grés do 2.º grupo com os calcareos do 3.º. O contacto destes dois grupos deve encerrar uma camada aquifera em consequencia das camadas impermeaveis dos calcareos e argilas marnosas do 3.º grupo, e das rochas arenosas da base do 2.º: com effeito ella aflora por baixo do moinho do Victoriano, na descida para o Casal de Sant'Anna; mas como o subterraneo a corta em pequena extensão, pouca agua poderá colher, por isso que a camada inclina para S. Na parte mais alta da collina estão os grés bastante alterados pelo metamorphismo, tendo perdido parte da sua estructura, e é de crêr que assim se encontrem no subterraneo, ou mesmo atravessados por alguma injecção trappica; e qualquer dos casos que se dê será favoravel á filtração das aguas, por isso que a concorrência da rocha nos dois estados, e com estruturas diversas, contribue para o apparecimento de maior volume de aguas. Um pouco mais adiante d'aquelle ponto o subterraneo corta a camada aquifera donde brota a fonte publica do Grajal, 2 a 5^m abaixo do seu respectivo afloramento, porém o accrescimento d'aguas adquirido por esta secção será pequeno, e quando muito attingirá uns 200, ^{mc} visto que é tambem pequena a dimensão da dita secção por estar dependente da espessura e inclinação da camada aquifera; nem mesmo se conseguirá maior vantagem praticando galerias de avanço sobre esta camada, porque as aguas convergem pelo Poente para a ribeira de Valle de Lobos, e descem pelo Nascente para o pequeno ribeiro, que atravessa a quinta do Grajal.

O traçado sahindo á superficie, corre sobre ella na extensão de 200 a 300^m e torna a entrar no solo: neste curto trajecto pôde receber a agua das nascentes da quinta do Grajal denominadas do Cedro e da Conserva que darão de 20 a 30^{mc}, mas deixa abaixo do seu nivel duas prégas, que apesar de pequenas brotam bastante agua que vai

reunir-se á das tres nascentes do Grajal para formar o ribeiro deste nome. Este ribeiro nasce da plaga formada pela junção destas prégas com as suas margens, para a qual convergem por consequencia as aguas; e como as camadas do lado do SE dentro da mesma quinta, são cortadas abruptamente por effeito de uma deslocação parcial; se estas prégas se explorarem abaixo dos seus corregos, por meio de galerias absorventes, recolher-se-ha talvez um volume d'aguas de 200 a 400^{me} ajuizando pelas que correm superficialmente as quaes excedem 100^{me}.

O segundo subterraneo ou da Venda Sêcca, que, como fica dito, tem 1100^m de comprido, atravessa a assentada de calcareos interstratificados no 2.^o grupo e tambem uma grande extensão de rochas arenosas e argilosas deste mesmo grupo, quasi todas metamorphicas e com caracteres de trappes, indo passar em um nivel inferior de 5^m ao poço do Pimenta, e de 15,^m3 ao poço do Lagar. A quantidade d'agua que o aqueducto pôde receber da assentada de calcareos não excederá 100^{me} diarios, como se depreheende do exame da localidade, aonde se vê que é muito estreita a parte da camada aquifera contida entre o traçado e o respectivo afloramento; e portanto para aproveitar melhor as aguas desta camada conviria que o poço do Pimenta fosse comprehendido no traçado, praticando-o tão afastado e com uma cota tão baixa como o permittirem as condições do mesmo traçado, se elle se puder prestar nesse ponto a esta modificação.

Não pôde formar-se juizo seguro ácerca da quantidade d'agua fornecida pelas rochas metamorphicas, que o segundo subterraneo atravessa por causa da estructura variada e semi-cristallina destas rochas: conhecem-se dezeseite poços e mais algumas nascentes na Venda Sêcca, que segundo as informações obtidas nunca seccam¹: observa-se que ha frequentes transições, em pequenos espaços, de grés e argilas para a rocha metamorphica, sendo mui permeaveis á superficie do sólo em consequencia do seu estado de alteração pelos agentes exteriores; nota-se tambem que o terreno entre os ribeiros do Grajal e do Lagar descahe para este local em condições favoraveis, e todos estes factos dão probabilidade de encontrar copiosas infiltrações e mesmo nascentes de alguma importancia, derivadas da totalidade da massa que se eleva além do nivel do subterraneo até aos flancos da montanha do Suimo; aguas que augmentarão muito mais se a massa sobre o norte for ex-

¹ Diz-se que o poço do Lagar é inexgotavel com o emprego de uma nora e quatro bois trabalhando consecutivamente.

plorada por galerias de travessia levadas até uma extensão rasoavel.

Não devo porém dissimular a quasi certeza de que o subterraneo encontre as diorites ou as rochas metamorphicas em tal estado de conservação que torne, senão impossivel, ao menos immensamente difficil e despendiosa a abertura do subterraneo nesta porção do trajecto, e uma vez que não se empreguem esforços extraordinarios não será em seis annos que elle se concluirá. No Casal do Pelão, sobre a margem esquerda da ribeira de Carenque ha, além d'outros exemplares para conhecer a natureza da rocha que deve encontrar-se no indicado subterraneo, um pelo qual se vê que a rocha sendo molle e tratavel á superficie, torna-se durissima e intratavel a um ou dous metros de profundidade, aonde os agentes exteriores ainda a não alteraram completamente.

Já fóra do subterraneo, e na depressão de Polvaraes por onde passa o ribeiro do Lagar, abrindo uma galeria filtrante dirigida pelo correjo desta mesma depressão até á plaga da vertente SE do Snimo, tendo aos lados alguns ramaes poderão recolher-se as aguas das differentes camadas aquosas que alimentam as fontes do Côxo, e Almarzes, e obter um volume que, em relação á superficie aproveitavel a montante do aqueducto, póde attingir 300^m diarios.

De Polvaraes dirige-se o aqueducto ao valle da ribeira do Jardim, onde póde receber tambem as aguas da plaga, ou Cêrea da Carregueira. Estas aguas deverão ser recolhidas do mesmo modo por uma galeria subterranea, que começando nos calcareos do 3.^o grupo, vá cortar as camadas do 4.^o á maior profundidade que for possivel. Desta fórma aproveitar-se-hão parte das nascentes que vem da Cêrea da Carregueira, e que se perdem pelas rupturas dos calcareos do 3.^o grupo, e enclugar-se-ha a plaga onde cahem as primeiras aguas que vão á ribeira do Jardim. É provavel que desta exploração se possa colher para alimentação do aqueducto uns 400^m diarios.

Atravessando o massiço que separa os valles do Jardim e do Castanheiro, poucas são as aquisições que o aqueducto póde fazer nas camadas aquiferas de grés, que affloram desde o Casal do Machado até á quinta do Bomjardim. A posição elevada destes affloramentos, tendo aos lados as depressões ou valles ultimamente nomeados, torna impossivel obter quantidades de agua, que compensem as expropriações e as despezas da exploração.

Das visinhanças do Casal do Machado até entroncar no aqueducto das Aguas Livres, desce o traçado ao valle do Castanheiro, passando depois junto á foz do ribeiro de Sapos. Do valle do Castanheiro re-

cebe as nascentes dos calcareos do 3.º grupo no volume de 120^{mc}, e mais as que se poderem obter das explorações que se fizerem na camada aquifera do 4.º grupo, que atravessa o valle na altura da Carregueira. Nas nascentes dos calcareos não deve mecher-se, com a intenção de augmentar o seu producto, sem primeiro verificar a sua posição de nivel em relação aos differentes pontos da mesma camada aquifera nos valles de Careuque e do Jardim; mas nos grés do 4.º grupo pôde fazer-se um ramal de galeria filtrante, que corte á menor profundidade possivel todas as suas camadas até chegar aos calcareos do 5.º grupo. Esta exploração com alguns ramaes de avanço para a parte anterior e E do signal geodesico dos Penedos Pardos, deve produzir grande copia de aguas, e talvez, segundo as superficies comprehendidas entre os afloramentos e a linha de interessão, cerca de 200^{mc}.

Finalment as ultimas aguas que o aqueducto da Matta pôde receber, são as das nascentes do ribeiro de Sapos, desde Valle de Figueira até á plaga a E do signal dos Penedos Pardos, exploradas no 2.º grupo por meio de uma galeria filtrante, que suba pelo corrego do ribeiro até ao 3.º grupo, podendo tambem receber por um tubo as aguas que afloram naquella plaga. Estas aguas montarão a 300^{mc}.

A somma de todos os volumes de agua, que tenho indicado como susceptiveis de alimentar o aqueducto da Matta em toda a sua extensão, é pois de 5778^{mc} ou de 5800^{mc} em numero redondo. Se juntarmos a este volume o producto das nascentes das Aguas Livres, cujo volume mediante diversos melhoramentos, e novas explorações pôde elevar-se na quadra do Estio a 60 anneis ou 1600^{mc} ter-se-ha um total de 7400^{mc}, que talvez possa ainda subir a 8000^{mc} contando com a agua que poderá recolher-se no subterraneo da Venda Sêcca: volume um pouco superior á cifra calculada a pag. 83 para a quadra da maior estiagem, deduzindo todas as perdas provaveis. E para reunir todas estas aguas e lançal-as no aqueducto geral será necessario, além do traçado proposto do aqueducto da Matta, na extensão linear de 8,2 kilometros executar um redenho de galerias, canos e tubos de conducção com um desenvolvimento de 10 kilometros, para poder receber as aguas de Valle de Lobos, Mollhapão, Abeturreira, Grajal, Almarzes, Carregueira, Jardim, ribeira do Castanheiro e ribeiro de Sapos.

Inconvenientes do traçado da Matta. — Á primeira vista é na verdade seductor e esperançoso o traçado de um aqueducto que corta de Nascente a Poente, tres linhas de agua, que descem de N para S

abrangendo uma superficie hydrographica com muitas e copiosas nascentes em altitudes superiores aos pontos mais altos de Lisboa.

Com effeito se a linha divisoria de aguas do massiço occidental estivesse mais avançada para o N, e se as camadas calcareas não fossem tão fendidas e em geral tivessem mais continuidade do que effectivamente tem: se os valles das ribeiras de Carenque, Castanheiro, Jardim, e Valle de Lobos fossem valles de origem e com os corregos muito pouco inferiores aos pontos mais elevados das margens: se o andar de Bellas encerrasse dessas camadas aquiferas por excellencia compostas de arêas ou de grés incoherentes, alternando com camadas impermeaveis tornadas verdadeiras e espessas laminas de agua, e que além disso occupassem, sem solução de continuidade grandes extensões; o traçado estaria em excellentes circumstancias, e proporcionaria o resultado a que se deseja chegar; mas não acontece assim: estas prodigiosas laminas de agua não existem; os calcareos fendidos do 3.º e 5.º grupos deixam diffundir e escapar abaixo dos planos de nivel do aqueducto grandes quantidades de agua; o sólo é cortado por valles fundos, e ao N do aqueducto inferiormente áquelles planos de nivel, na meia encosta, no sopé e no leito de cada um destes valles, deixa ficar numerosas nascentes e pontos de exploração que não podem aproveitar-se; a linha divisoria passa perto do traçado e a superficie de absorção, já proporcionalmente pequena para satisfazer ás condições do problema, fica muito reduzida em consequencia das causas precedentes; de modo que o aqueducto da Matta apenas póde aproveitar as aguas mais superficiaes, isto é, recolher tão sómente as aguas dos afluxos cujas cotas de nivel pouco exceedem em geral ás cotas do traçado desde a Matta até ao valle do Castanheiro. Taes são as razões por que o aqueducto da Matta com todo o seu cortejo de obras accessorias, cujo custo é orçado por Mr. Mary em 2.760:000 francos não tem donde receba na estiagem um volume diario d'agua superior a 5:800^m; cifra que junta á que se pode obter do actual aqueducto das Aguas Livres depois de fazer alli novas acquisições, ficará ainda muito longe de 11:300^m de agua diarios offerecidos na proposta da Empreza; e por mais forte razão quando a capital tiver de prover-se de maiores volumes de agua, não querendo a Companhia fazer o supprimento com as aguas do bairro oriental, que são de qualidade potavel inferior ás do bairro occidental, e tem de elevar-se por machinas desde o nivel do Tejo até aos pontos a abastecer com ellas, ver-se-ha forçada a construir outro aqueducto, ou a apprehender obras analogas tão desinvolidas ou mais do que as do

aqueducto da Matta para aproveitar quaesquer das aguas mencionadas na 5.^a secção.

Meios lembrados para augmentar o volume das aguas que o aqueducto da Matta pôde receber. — Dir-se-lia que o volume de aguas de entrar no aqueducto da Matta poderá elevar-se auxiliando os meios de que a natureza usa nos phenomenos de absorção e conservação dos depositos aquiferos, com o fim de accumular maiores volumes nos terrenos onde o emprego de taes meios pôde ser posto em acção. Eu julgo porém muito insufficientes similliantes recursos para o caso em questão, como será facil conhecer pela exposição dos referidos meios, que são: 1.^o a plantação de florestas em todas as encostas e cumiadas das collinas e margens das ribeiras: 2.^o a abertura de valetas, seguindo as curvas de nivel, em toda a superficie cuberta pelas rochas arenosas. Este ultimo meio é lembrado por Mr. Polonceau, para attenuar o elleito das cheias, e favorecer as irrigações com o augmento das nascentes.

Ha ainda outro meio que Mr. Dumas na sua obra *La science des fontaines* denomina, das fontes naturaes, que consiste na abertura de vallas de 2^m,5 de profundidade e 0^m,5 de largura nas depressões, plagas, valeiros, planuras, e finalmente em todas as localidades em que o terreno se presta, e em altura conveniente em relação ao ponto que se deseja alimentar; estas vallas devem ter o fundo impermeavel, por meio de revestimento de pedra ou de argila; e as paredes revestidas de pedra sêca até a altura de 0^m,5, tendo nesta altura um capramento, convertendo-se desta arte em canos subterraneos, que são depois cobertos com as terras tiradas das escavações. Estes canos praticados na disposição a que melhor se prestar o sólo, devem communicar com alguns de maior secção, a fim de recolher ali as aguas de todos os outros, quando se queira lançar esta agua em uma bacia reguladora (especie de tanque ou cisterna) donde se derivará para a alimentação quando, e na proporção que se desejar. As aguas recolhidas nestes canos são as aguas pluviaes infiltradas pela superficie do sólo, cujo volume dependerá da quantidade que cahir na localidade, deduzidas as perdas da evaporação.

Este systema pôde de certo dar em muitos casos um excellent resultado, e abastecer povoações privadas de agua nas suas vizinhanças; e teria uma utilissima applicação em muitos pontos das nossas provincias: porém quando se trata de supprir ao abastecimento de uma cidade populosa como Lisboa, isto é de fazer a aquisição de grossas massas d'agua, este systema não pôde deixar de ser insufficiente; no entanto poderia ser empregado em alguns lugares onde a

fôrma e natureza permeavel do sólo o permittisse, no intuito de reforçar a alimentação do projectado aqueducto. Estes lugares seriam a plaga e depressão do ribeiro de Molhapão; a da Abetureira; a da Carregueira; a de Polvaraes e Almarzes; a do ribeiro de Sapos; e todos os grés do 2.º e 4.º grupos.

Na falta de uma planta na devida escala, para calcular as superficies a aproveitar pelo systema de Mr. Dumas, estimei a totalidade dellas em 1:000:000 metros quadrados, que a razão de 0^m,6 de chuva media annual, e dando 0,^{mc}3 para evaporação, produz 420:000^{mo} de agua annual ou 1444^{mc} diarios, empregando, bem entendido, todos os meios para que as aguas não vão ás ribeiras, nem soffram quaesquer outros desvios além do da evaporação: incluindo-se tambem neste volume uma parte que foi levada em conta quando fiz as apreciações relativas ao aproveitamento das aguas daquellas mesmas localidades.

Se ainda se quizesse levar o systema de Mr. Dumas até á ribeira de Carenque, onde seria possível empregal-o ao N do paredão mourisco, poderia ainda, por um calculo semelhante ao precedente, suppondo que a superficie a considerar fosse de 200:000 metros quadrados, recolher-se 50:000^{mc} d'agua, que juntos aos 420:000.0^{mc} somariam 470:000.^{mc} Dando porém 170:000^{mc} para as perdas inevitaveis, e para os descontos dos volumes já apreciados, ficaria esta quantidade reduzida a 300:000^{mc}; e admittindo que o numero dos dias de menor estiagem e por consequencia daquelles em que seria necessario lançar mão destas aguas, era de cem, poder-se-hia dispôr nesta quadra de um volume de 3:000^{mo} diarios: entretanto para a aquisição desta quantidade d'aguas, seria necessario construir perto de 2:000 kilometros de canos.

Considerações sobre as aguas artesianas do massiço Occidental.—

* Observarei em ultimo logar que pela descripção e considerações feitas nesta Memoria ácerca do relevo orographico da parte do massiço que fica a montante do traçado projectado para o novo aqueducto, se mostra a impossibilidade da existencia de aguas artesianas, em condições de poderem entrar no mesmo aqueducto. Direi mais que apesar da possibilidade de se explorarem em Lisboa e suas immediações as aguas artesianas dos terrenos secundarios, que ficam entre o Tejo, e a cordilheira de montes que vai de Alhandra a Torres Vedras, ha tanta difficuldade na escolha dos pontos onde se devem buscar, e nos meios de execução dos trabalhos, que julgo seria imprudente tentar um semelhante genero de exploração.

9.ª SECÇÃO.

AQUEDUCTO D'AGUALVA.

Considerações geraes. — Convencido pois dos inconvenientes ponderados e da inefficacia do aqueducto da Matta dirigi a attenção para outro systema de aquisição d'aguas, e para outro traçado mais em harmonia com as fórmas e constituição physica do sólo occupado pelas tres ribeiras de Carenque, Castanheiro e Valle de Lobos, cujo projecto satisfará, a meu vér aos interesses do municipio e da empreza, assegurando o futuro abastecimento da capital.

Aguas que devem alimentar a zona superior. — Antes porêem de expor o meu projecto, direi, que não podendo as aguas por elle obtidas chegar a Lisboa com uma altitude superior a 100^m terá a zona superior de ser fornecida com as aguas do actual aqueducto das Aguas Livres, que chegam a Carenque com a altitude de 159^m; empregando deste ponto em diante, os meios de conducção e de recepção lembrados no projecto de Mr. Mary. O volume destas aguas, que por si só bastará para provêr ás necessidades dos habitantes da parte mais elevada da cidade, poderia, se fosse necessario, ser ainda augmentado pela exploração das aguas do ribeiro de Sapos até á plaga dos Penedos Pardos, e pela aquisição das nascentes das quintas da Torre e da Baleia, cujas nascentes podem ser recebidas no prolongamento do aqueducto dos Carvalheiros, que no seu transito recolheria ainda por infiltração mais algumas aguas.

Fundamentos do novo systema d'aquisição d'aguas. — Para comprehender os fundamentos do systema que proponho é preciso ter presente quanto deixámos dito ácerca da fórma geral do massiço occidental, e do seu relevo orographico, com especialidade no que toca á parte da bacia hydrographica commum ás tres ribeiras de Valle de Lobos, Castanheiro e Carenque, situada ao N do paralelo de Agualva, e que com relação ao projecto e systema que offereço resumem-se nos seguintes factos:

1.º A porção de bacia que se considera, comprehende a parte mais avançada para o N, e mais elevada (á exceção da serra de Cintra) de todo o massiço occidental.

2.º A superficie de apanhamento de aguas desta porção de bacia

occupa um espaço correspondente a 42,7 kilometros quadrados, sendo a sua capacidade aquifera de 43:750^{mc} diarios.

3.º Todo o terreno deste massiço tem uma inclinação geral para o S.

4.º A maior parte do massiço é composta de grupos alternantes de rochas calcareas com marnes, e de rochas arenaceas e argilosas, cujas camadas inclinam, em angulos de 5 a 20,º para o S.

5.º Todas as camadas indicadas no n.º antecedente, são cortadas de N para S por valles de denudação, por onde descem as aguas para o Tejo, cujos valles interrompem em partes as camadas abaixo dos respectivos correjos.

6.º Alem da inclinação geral para S que affecta o terreno, tem este tambem, em partes, um ligeiro pendor para o quadrante de SO, que encaminha as aguas subterraneas para o Oceano.

7.º Todas as nascentes que existem dentro da bacia, qualquer que seja a sua altura sobre os correjos pertencem a determinadas camadas aquosas, que, em geral, mergulham indefinidamente para o interior do sólo, e no sentido de N a S, communicando mais ou menos prompta e directamente com as aguas do Tejo ou do Oceano.

8.º As aguas subterraneas, nos grupos de grés, tem um movimento lento, em quanto que nos grupos calcareos se movem com mais liberdade, e por consequencia se escôam com maior brevidade.

9.º Quasi todas as nascentes, grandes e pequenas, que brotam dos calcareos, estão situadas junto aos leitos das ribeiras, sendo mui raras as que affloram na parte alta do sólo; e as que vertem dos grupos arenaceos, affloram indistinctamente nos leitos das ribeiras, nas encostas e nas partes elevadas do sólo.

Isto posto: se imaginarmos um plano horizontal indefinido que passe na altitude de 105 metros (cota do correjo da ribeira de Valle de Lobos em Agualva, junto á foz do ribeiro do Grajal), este plano irá cortar todas as camadas aquiferas que affloram nesta parte do massiço occidental, em profundidades crescentes até á grande linha divisoria de aguas que vai do alto da Piedade ás alturas de Caneças; e todo o volume d'aguas contido na parte interceptada de uma dada camada aquifera, se comporá da porção de agua pluvial que recebe em um anno, e que despende pelas nascentes que della vertem á superficie do sólo, sendo substituida pela que cahe no anno seguinte, e mais a porção comprehendida entre o nivel destas nascentes, e o do dito plano. Portanto se sobre este plano se praticarem galerias de S para N, cujos eixos estejam nos planos verticaes dos correjos das ri-

beiras de Valle de Lobos, Jardim, Castanheiro e Carenque; as aguas das camadas aquiferas que se cortarem precipitar-se-hão para estas galerias, mais ou menos rapidamente, segundo a grandeza da secção de cada uma, a inclinação das camadas interceptadas, e a natureza calcarea ou arenosa das mesmas camadas. E se em lugar de fazer estas galerias horizontaes, se lhes der uma posição ascendente, mas paralela aos leitos das indicadas ribeiras; é certo que as camadas aquosas, mesmo depois de seccarem as nascentes que brotam á superficie do sólo, continuarão a descarregar as suas aguas para as mesmas galerias.

Em todos os terrenos stractificados nas condições em que se acham os do massiço occidental, o estabelecimento de galerias subterraneas, correspondendo ás linhas de agua, é o meio mais efficaç e simples, para obter dos mesmos terrenos a maxima quantidade d'aguas que delles se póde extrahir. Sendo esta asserção uma consequencia natural das leis da physica, depois dos factos que ficam estabelecidos, não tem outra demonstração senão o exame dos mesmos factos. Resta saber qual será a quantidade de agua que se poderá obter em uma dada extensão de galerias abertas abaixo dos corregos das ribeiras de Valle de Lobos, Jardim, Castanheiro, e Carenque.

A ribeira de Valle de Lobos, em Novembro do anno findo, depois de receber as aguas das nascentes da Matta, corria a jusante dellas com 110 anneis: mais abaixo augmentada com as aguas dos ribeiros de Molhapão, das Enguias ou de Baratam, e com as de Pecheligaes e Meleças, elevava-se acima de 150 anneis: de modo que em Aguálva, accrescida com o producto de diversas nascentes do 1.º, 2.º e 3.º grupos do andar de Bellas, talvez que o seu volume não fosse inferior a 250 anneis diarios ou 6625^{m^o}, se se não trasvasasse pelas rupturas e fendas do leito; supponhamos porém que fossem só 5500^{m^o} que alli chegavam. As aguas das duas ribeiras reunidas do Jardim e do Castanheiro apreciadas alguns dias depois da observação da precedente ribeira corriam com o volume de seis telhas ou 2544^{m^o}; mas como a este tempo já tinham apparecido as primeiras aguas do Outono, tomarei sómente 22 anneis para a ribeira do Castanheiro e 16 para a do Jardim ou 1007^m, que foi o volume estimado perto de Bellas, antes daquellas primeiras chuvas. A ribeira de Carenque fornecia junto a Queluz depois daquellas chuvas 8 telhas d'agua, porém no mez antecedente proximo á Gargantada dava 3 telhas ou 1272^{m^o}. E' pois o volume total das aguas despendidas por estas ribeiras, 7779^{m^o}. Adicionando a este volume a agua que corria no aqueducto das Aguas Livres em Caren-

que, que eram 48,5 anneis ou 1285^{mc} e mais a quantidade de agua que serve á alimentação das povoações dentro da bacia a N da Aqualva, e a dos poços que não tem sabida acima dos alveos das ribeiras, ainda aquella cifra seria consideravelmente augmentada; mas por cautela suporei que aquelle volume representante das aguas que affloram acima dos alveos das quatro ribeiras na maior estiagem não excede a 9000^{mc}.

De Junho a Setembro pouca agua levam estas ribeiras, porque são desviadas para as regas, mas nem por isso o producto das aguas affloradas á superficie do sólo, que deviam correr nas mesmas ribeiras, deixa de ser muito maior, como deve ser; e se o avaliarmos pelo resultado das medições feitas em 42 nascentes da bacia de que se trata, e mencionadas nos mappas n.ºs 1, 2 e 3, concluiremos que naquella época o producto foi duas vezes maior, isto é, de 18:000^{mc}. Pelo que respeita ao volume medio diario destas mesmas aguas nos mezes de Janeiro a Maio, posto que não haja uma medição que nos guie, parece-me que se o suppozermos duplo deste ultimo numero ou 36:000^{mc} ficará muito inferior á verdade, o que é favoravel ás apreciações que passo a fazer. Temos por consequencia:

150 dias de Janeiro a Maio inclusivè a	36:000 ^{mc} diarios	5.400:000 ^{mc}
90 dias de Junho a Setembro a.....	18:000 "	1.620:000
120 dias de Outubro a Dezembro a.....	9:000 "	1.080:000
		Total... 8.100:000 ^{mc}

o que corresponde á media diaria de 22:500^{mc} pouco mais de metade da cifra calculada a pag. 81; porém é necessario advertir que este volume de 43:750^{mc} diarios tem de satisfazer a diversas perdas, substituir as aguas que vertem pelas nascentes conhecidas, e a que houver de verter das explorações que se fizerem abaixo ou acima dos leitos das quatro ribeiras de que se trata.

Acabei de mostrar que as camadas aquiferas da bacia em questão, fornecem á superficie do sólo a media diaria de 22:500^{mc}, e tenho feito sentir que estas camadas pela sua posição em relação ás margens e leitos das ribeiras, vertem a maior parte daquella agua nos leitos das mesmas ribeiras e dos valleiros lateraes, e a restante brota dos respectivos flancos, porém em niveis pouco elevados, vindo apenas dos pontos mais altos uma porção minima: por outra parte é tambem certo quando no Estio chega a desaparecer uma parte dos affloramentos destas aguas, ou o que é o mesmo, quando chegam a secar as nascentes, nem por isso as camadas deixam de estar satu-

radas ou de conter agua, logo abaixo das aberturas donde vertiam, e, á *fortiori*, abaixo dos leitos das ribeiras e dos valleiros, e nas mesmas condições em que existiam antes das fontes ou nascentes diminuiriam ou seccarem: por consequencia as galerias ou aberturas subterraneas, que se praticarem em toda a extensão das quatro ribeiras, e dos valles lateraes mais importantes, correspondendo aos respectivos correjos podem recolher um volume diario de aguas muito superior a 21:250^{me} (differença entre os numeros ultimamente achados de 22:500 e 43:750), porque neste systema aproveitará muitas aguas que dei em perdas nas deducções feitas a pag. 80 e 81; entretanto para que não pareça exaggeração suporei que aquelle volume não excede a 24:000^m. Consequentemente se se fizerem 30 kilometros de sanjas, canos e de galerias subterraneas, abaixo dos correjos indicados, isto é, 7 na ribeira de Valle de Lobos; 4 na ribeira do Jardim; 5 na do Castanheiro; 4 na de Carenque; e 10 nos valleiros lateraes; ter-se-ha que a media de agua diaria vertida pelo metro corrente será 0,8 do metro cubico. Convém porém advertir que este volume de 0,8 do metro cubico por metro corrente, deve forçosamente variar muito em qualquer extensão de galeria: cortar-se-hão dezenas de metros, que nenhuma ou muito pouca agua produzam, e pontos haverão onde a abundancia será tal que indemnisse aquella falta. Similliantes desigualdades devem sobre tudo apparecer nos lugares occupados pelos calcareos do 3.º e 5.º grupos; devendo tambem concorrer para ellas o maior ou menor angulo de inclinação das camadas, e a grandeza da secção da galeria, como já se disse em outra parte.

Alguem poderia objectar a este systema que as galerias subterraneas que constituem dous ramaes do aqueducto das Aguas Livres, denominados o Aqueducto da Quintã e o Aqueducto dos Carvalheiros, construidos 10 a 20^m abaixo da superficie do sólo, tendo o primeiro 850^m, e o segundo 500^m de comprimento, deram apenas na estiagem de 1856, aquelle 238^{me},5, e este 40^{me} d'agua diarios; estes factos porém não podem collier para o caso em razão das seguintes considerações. Pelo que respeita á galeria da Quintã deve notar-se: 1.º que quasi toda esta obra é aberta nos grés do 4.º grupo, que alli não são os mais favoraveis para darem um grande volume de aguas como fica observado em outro lugar: 2.º que toda a lombra que se levanta do lado do Casal da Quintã para D. Maria, tem pelo S as suas camadas deslocadas por uma falla, que as separa das camadas correspondentes da margem esquerda da ribeira de Carenque proximo á linha denominada do Conde de Redondo (Fig. 6), de modo que a parte do sub-

terraneo que existe neste ponto, e que foi aberto sobre as camadas abatidas, está longe do plano da fallia; e como os topes destas camadas terminam, a poucas centenas de metros, na cumiada da lomba, sendo cortadas pelo mesino subterraneo quasi parallelamente ao seu plano, não pôde este de maneira alguma ser fornecido com uma quantidade de aguas apreciavel. Se este subterraneo estivesse mais baixo e partissem delle duas travessias, uma para o interior da montanha, e outra para a parede da fallia, percorrendo depois encostada a ella, necessariamente recolheria um bom volume de aguas: 3.º as camadas do grés, correspondentes á parte mais septentrional da galeria, tem inclinações para SE e para SSE, e na margem opposta da ribeira, inclinam para NO, para O, e para SO; isto é, as camadas formavam antes da deslocação uma linha anticlinica, e depois della operada, em resultado de diversos movimentos adquiriram posições diversas, quebrando-se e desabando parte para o interior do valle, mergulhando porém as da cumiada e margens em sentido contrario; por consequencia não podem tambem dar uma quantidade de agua que mereça ser mencionada: 4.º as paredes lateraes e o tecto da galeria estão forrados de enxelharia, retendo dest'arte a agua que transuda do grés; agua que não obstante as desvantajosissimas condições em que se achá a galeria, e o revestimento que a estorva, ainda assim regorgita pelas juntas dos enxelhaes, chegando mesmo a alluilos, e fazendo levantar o lagedo do pavimento em uma grande extensão. Pelo que toca ao aqueducto dos Carvalheiros, acha-se situado na zona que limita os calcareos do 5.º grupo com os grés do 6.º, e parallelamente á direcção das camadas, as quaes inclinam para o S; mas como estas camadas são aquellas em que a galeria assenta, e tem os seus afloramentos algumas dezenas de metros a montante da mesma galeria, é claro que mui pequena quantidade d'agua pôde receber; accrescendo ainda o estar todo revestido d'alvenaria, o que lhe aliena a qualidade que podiam ter de galerias filtrantes.

E' para sentir que o aqueducto dos Carvalheiros não esteja 10 a 20^m abaixo do nivel em que se achá; ainda assim, pôde tirar-se delle um menos máo partido abrindo galerias de travessia, que comuniquem com elle, e prolongando-o para o nascente, afim de se lhe introduzir as aguas das nascentes das quintas da Torre e da Baleia.

Não se julgue todavia que o systema de acquisição de aguas que proponho vá esterilisar o sólo da bacia em toda a sua extensão. Todos os poços, fontes, e nascentes que tiverem a sua séde no 2.º, 4.º e 6.º grupos, não situados nos leitos das ribeiras, e valleiros, nenhuma al-

teração podem soffrer no seu volume diario, porque a contextura dos grés não permite que as aguas se movam com liberdade tal, que uma destas camadas aquiferas cortada a 300 ou 400 metros de distancia do seu afloramento, o possa fazer ressentir de um modo prompto e sensível, e para as alimentar lá estão as mesmas conservas que hoje vertem á superficie do sólo os 22:500 ^m que acima se acharam. Outro tanto porém não acontecerá ás nascentes situadas nos leitos e flancos das ribeiras, com especialidade as que pertencem ao 1.º grupo de calcareos; essas devem necessariamente soffrer quebra no seu producto, e para obviar ás contestações futuras que possam derivar deste facto, conviria fazer um mappa cadastral para cada ribeira, e determinar por experiencia as quantidades medias e minimas d'agua de cada poço e de cada nascente. A' empresa conviria talvez appropriar-se de parte destas aguas, fornecendo depois aos proprietarios uma porção equivalente por meio de uma torneira calibrada, o que seria para elles de summa vantagem, mórmente quando a agua fosse de poços, que assim poupariam as despezas da sua elevação; podendo tambem, em alguns casos, ministrar-lha em um nivel superior, que lhes facilitasse um mais vantajoso emprego nas regas.

As vantagens do systema que proponho resumem-se no seguinte: 1.º Não ser necessario completar todas as obras subterraneas nos correjos das ribeiras dentro de um prazo fixo, devendo este trabalho ir avançando conforme as necessidades do abastecimento o reclamassem: 2.º Não estar sujeito ás vicissitudes das grandes sêccas. 3.º Garantir o abastecimento da capital tanto no presente como no futuro: 4.º Serem as aguas potaveis identicas ás que actualmente correm pelo aqueducto das Aguas Livres: 5.º Grande diminuição no numero das expropriações e indemnisações a pagar.

Este systema exige portanto um projecto cuidadosamente elaborado, devendo começar por uma planta topographica da bacia de que se tem tratado, na escala de 1:500 com curvas de nivel espaçadas de 50^m, na qual se vejam marcadas as posições de todos os poços, fontes e nascentes. Nesta planta, ou em uma copia na mesma escala, se desenharão todos os grupos de rochas do andar de Bellas com os seus limites rigorosamente marcados, e bem assim os limites da formação basaltica, e todos os afloramentos de injeções e dikes trappeios, e zonas metamorphicas. Finalmente a planta deverá mostrar com a maior clareza e rigor a posição das diversas camadas aquiferas.

A planta deverá ser acompanhada de perfis ao longo dos correjos, e das lombas que os separam, e de córtes transversaes ou em

qualquer direcção, tantos quantos forem necessários, para dar conta de todos os accidentes, que por sua natureza devam ser minuciosamente conhecidos, taes como falhas, mudanças de direcção, interposição de retalhos de um grupo no meio de outros, etc.

E' sobre a planta assim confeccionada, que se devem traçar as galerias subterraneas que se projectar construir, tendo em attenção os accidentes que affectam as margens e alveos das ribeiras, em ordem a não cahir nos inconvenientes apontados para as galerias da Quintã e dos Carvalheiros. Nas camadas aquosas dos grupos de grés, cumpre addicionar á galeria principal outras galerias de avanço com travessias onde fôr necessario, havendo a cautela de cerrar depois estas communicações por meio de barrages de mina munidas de tubos de descarga, para dar sahida ás aguas aqui recolhidas, quando se julgar oportuno.

O conhecimento do fluxo de todas ou de parte das nascentes, nas maximas, medias, e minimas aguas em cada anno, é não só util mas necessario para a resolução do actual problema. Estes dados dão a conhecer: 1.º Qual a correspondencia ou independencia das nascentes de um mesmo grupo, ou de uma mesma camada; a fim de dirigir as explorações locais com acerto e maximo proveito: 2.º quaes são as nascentes ephemerias, quaes as de maior duração, e qual a lei que segue a sua diminuição. E' só com este conhecimento que se pôde resolver quaes são as que podem e devem ser atacadas, e de que modo, para obter agua dellas na maior estiagem: 3.º qual o numero, situação, e grandeza das secções de descarga para as aguas, que são recebidas, mas que não devem ser conduzidas: 4.º qual a relação entre o producto das nascentes, e as aguas que correm nas ribeiras em determinadas épocas do anno, e lugares, qual a relação da agua absorvida na bacia, com a despeza annual media da agua das nascentes da mesma bacia; e qual a quantidade de agua perdida ou derivada pelos meatos ou conductos que ficam abaixo dos corregos das ribeiras.

Na ribeira de Valle de Lobos pôde começar-se a galeria subterranea a montante da ponte do Cacem, e atravessar a base do 1.º grupo do andar de Bellas, e o 2.º de grés até acima da quinta dos Loyos, ou até ao 3.º grupo; e como os calcareos sejam uma rocha mais difficil de atacar, pôde o trabalho levar-se para o 4.º grupo de grés afim de explorar estas camadas em todo o seu comprimento até ás nascentes principaes da ribeira, incluindo os valles das ribeiras de Molhapão, e da Baratam; e tomando as aguas deste ultimo grupo no extremo S da galeria que descer desde as primeiras nascentes da ribeira

até ao começo do 3.º grupo de calcareo, far-se-hão conduzir por um tubo collocado sobre as camadas deste grupo e resguardado apenas por uma sanja coberta de um capeamento; no contacto do 3.º com o 2.º grupo serão lançadas as aguas na galeria subterranea que se deve prolongar deste ultimo ponto para o S até sair á superficie do sólo; reservando para mais tarde a abertura da galeria correspondente ao mencionado 3.º grupo.

Nas ribeiras do Castanheiro, do Jardim, e de Carenque deveni as explorações tocar proximo ao tecto do 1.º grupo do andar de Bellas na Gargantada, e em Ponte Pedrinha, em consecuencia de ser bastante aquifero desde a sua parte superior. Os trabalhos devem ser morosos por causa das repetidas camadas de calcareo duro, em partes marmoreo, que terão de se atravessar; porém o resultado deve compensar estas difficuldades, além de que depois de explorada a ribeira de Valle de Lobos nos pontos indicados, não será, provavelmente, necessario na primeira quadra, levar as explorações das outras tres ribeiras além da zona de contacto do 1.º com o 2.º grupo.

Todas as aguas exploradas nestas galerias subterraneas, tem de ser recebidas em um aqueducto geral, que as vá lançar no aqueducto das Aguas Livres, para serem levadas á zona media de Lisboa. Este aqueducto, que se projecta, depois de entroncar com o subterraneo de Valle de Lobos a montante da Agualva e com a cota 115 a 120^m, seguirá a superficie do sólo pela margem esquerda da ribeira de Valle de Lobos até ao barranco de Santo Antonio de Torcena; daqui dirigindo-se para o Nascente do mesmo barranco para transpôr a linha divisoria d'aguas das duas ribeiras de Carenque e de Valle de Lobos, atravessará esta linha por uma trincheira de 7 a 2^m de maxima profundidade e 200 a 300^m de comprimento; e vencendo o valle em Queluz com um syphão de 20 a 30^m de flexa subirá por este valle até Queluz de cima para ganhar o correjo do Baleizão, o qual deverá seguir passando proximo dos sitios do Casal Ventoso e Casal velho; e atravessando o collo que separa as aguas dos ribeiros de Carenque e Alcantara com 500 a 800^m de trincheira pouco mais ou menos, e junto ao Casal do Brandão por um tunnel de 300 a 600^m (segundo a cota do ponto de partida) irá entroncar no Aqueducto geral abaixo da Casa da agua da Porcallota.

Comparação das vantagens e inconvenientes dos dous aqueductos da Matta e d'Agualva.—Tal é a indicação do novo aqueducto que proponho, cujas condições passarei a pôr em parallelo com aquellas que respeita ao aqueducto da Matta.

Se se medir sobre a carta corographica da commissão geodesica a extensão linear do Aqueducto d'Agualva seguindo pelos pontos que ficam apontados achar-se-ha que este traçado é de 2,5 kilometros mais desenvolvido do que o do aqueducto da Matta, vindo por consequencia a ter de 10,5 a 11 kilometros de comprimento proximaente; mas os inconvenientes desta differença desaparecerão em face das vantagens que successivamente irci enunciando ao aqueducto d'Agualva. O aqueducto da Matta não pôde dispensar dois tunneis um de 700^m e outro de 1:100^m de comprimento como já se disse; e para isto obriga-se o traçado a seguir com a cota de 174 a 170^m desde as nascentes da Matta até á margem do ribeiro do Castanheiro na extensão de 7200^m afim de não alougar o comprimento destes tunneis, resultando desta condição deixar o aqueducto abaixo do seu plano grande copia d'aguas entre os dois referidos pontos: em quanto que por outro lado sendo immensamente provavel que o subterraneo da Venda Secca tenha de atravessar rochas trappicas, ou pelo menos as rochas sedimentares tornadas taes pelo metamorphismo, o que vem a ser o mesmo como já ponderei, senelliante obra além de muito difficil e dispendiosa não pôde concluir-se no tempo marcado no contracto por ser quasi impraticavel o desmorte de taes rochas em secções fechadas de pequeno perimetro, a menos que não se dê ao subterraneo as dimensões dos tunneis dos caminhos de ferro, proximaente, porque neste caso o ataque ou o descosimento da rocha feito pelas fendas de resfriamento torna-se menos difficultoso. Similliantes embaraços são consideravelmente attenuados na construcção do aqueducto d'Agualva: aqui como deixei dito ha a trincheira de Torcena com a cota de desaterro que oscillará entre 2 e 7^m; o tunnel do Casal do Brandão cujo comprimento pôde variar entre 300 e 600^m, e as trincheiras contiguas a este ultimo com a maxima altura de 9^m pouco mais ou menos. Estes cortes não são tão difficis nem dispendiosos como os precedentes; tanto porque a excavação a ceo aberto pôde sem inconveniente ser mais larga e facilitar o desmorte da rocha, como porque a pedra extrahida será com vantagem empregada na construcção do aqueducto assentando sobre a linha do traçado um carril de ferro que a transporte.

Para o aqueducto da Matta poder transpôr os valles de Molhão, do Jardim, e do Castanheiro tem de empregar-se tres syphões de ramos muito fechados e de grande flexa; outro tanto porém não acontece ao aqueducto d'Agualva, porque deixando muito acima do seu ponto de partida o primeiro valle, e achando-se reunidos em um só, em Queluz, os tres valles de Jardim, Castanheiro, e de Carenque pas-

sará o aqueducto em Queluz com um unico syphão de maior amplitude, e por consequencia em melhores condições de resistencia e de duração. Considerando agora o que respeita ás superficies d'apanhamento e aos volumes que cada uma dellas pôde fornecer, observarei que o aqueducto d'Agualva com o acrescimo apenas de 2,5 a 3 kilometros de comprimento sobre aquelle do aqueducto da Matta envolve uma superficie de absorpção de 49,7 kilometros quadrados em quanto que a relativa áquelle a custo chega a uma terça parte ou 16 kilometros quadrados sómente: desta consideravel differença e das ponderações que a este respeito ficam precedentemente expostas nesta Memoria resulta que a missão do aqueducto da Matta termina completamente logo que tenha recebido na maior estiagem um volume d'aguas igual a 5:800^{mc} diarios, ou 6:000^{mc} com o acrescimo que resultar do subterraneo da Venda Sêcca; em quanto que o aqueducto d'Agualva está habilitado para receber o volume de 30:000^{mc} diarios, e mais se se desejar, sem ter em conta as aguas que podem obter-se das camadas metamorphicas e dos mantos basalticos ao norte do mesmo aqueducto, e relativas a uma superficie de 7 kilometros quadrados. Finalmente o aqueducto da Agualva pôde começar acima da foz do ribeiro do Grajal na altitude que se quizer, passar sem córte no collo de Torcena, e em trincheira sómente no collo do Casal do Brandão; pôde em fim subir de Queluz pelo valle do ribeiro de Carenque e ir entroncar no aqueducto entre a Porcallota e a linha da Roscoeira, abrangendo ainda uma superficie de absorpção duas vezes maior do que a relativa ao aqueducto da Matta; pôde prescindir-se no todo ou em parte do systema de aquisição por infiltração, e funcionar o aqueducto d'Agualva de uma maneira semelhante áquelle a que é destinado o aqueducto da Matta; pôde em ultimo lugar alterar-se este traçado com tanto que não se condemne uma obra desta importancia a receber um escasso volume de aguas como succederá ao aqueducto da Matta se se houver de construir como está projectado no terreno.

E não se pense que o aqueducto d'Agualva com as obras accessorias para receber tão sómente do ribeiro de Valle de Lobos o volume de 9000^{mc} de agua diarios tenha de custar uma somma inuito superior á orçada por Mr. Mary para o aqueducto da Matta, como se deprehenderá da estima seguinte:

11:000 ^m lineares de aqueducto a 180 fr.....	1.980:000 fr.
Um siphão em Queluz.....	200:000 »
5 kilometros de galerias filtrantes nos grés do 2. ^o e 4. ^o grupos tendo 2 ^m de alto por 1 ^m ,5 de largo a 30 fr. o metro corrente ¹	150:000 »
Revestimentos.....	120:000 »
2 kilometros de sanjas nos calcareos a 30 fr. o metro corrente.....	60:000 »
2 kilometros de tubos de 0 ^m ,5 de diametro a 110 fr. por metro corrente.....	200:000 »
Despezas diversas.....	200:000 »
	Somma 2.910:000 »

e depois de construido o aqueducto da Agualva e estabelecidas aquellas obras, não tem outras de grande custo a emprehender para augmentar o volume do abastecimento; á medida que as necessidades forem reclamando esse augmento bastará fazer a abertura das galerias filtrantes pelos correjos dos outros ribeiros e cujo trabalho poder-se-ha ir fazendo pouco e pouco sem o emprego de grandes capitaes em pouco tempo.

Tal é a minha opinião ácerca dos meios a empregar para obter as aguas precisas, para o proximo, e mais remoto abastecimento da cidade de Lisboa. Não tenho a vaidade de suppôr o traçado e o systema de aquisição que proponho isempto de defeitos ou inconvenientes, e que não possam ou não devam ser modificados, e até inteiramente substituidos; porque enfim assumptos desta ordem não podem ser cabalmente estudados em trinta dias dos mais curtos do anno e com a celeridade que me era recommendada, como aconteceu ao presente trabalho; entretanto tal como o apresento, julgo que pôde elucidar a questão, e servir de thema para disenssões importantes, que conduzam ao resultado que todos desejam, que é conciliar os interesses do municipio de Lisboa, com os que legitimamente devem pertencer aos que se abalaçaram a tão util e difficil empreza.

Lisboa 13 de Fevereiro de 1857.

¹ Devo advertir que o preço de 30 fr. o metro corrente de galeria é um pouco exaggerado em relação ao custo das galerias praticadas em camadas de grés muito mais duras e refractarias nas minas de carvão de S. Pedro da Cova, valle de Deão, e de Melres; e bem assim em relação ás galerias abertas em schistos nas minas de cobre do Pindello em Oliveira de Azemeis, e de chumbo no Braçal.

TABELLA.

DAS NASCENTES DE AGUA POTAVEL NA BACIA HYDROGRAPHICA DAS RIBEIRAS DE QUEL-
LUZ, E DE VALLE DE LOROS AO NORIE DO PARALLELO DA AGUALVA, E QUASI
TODAS PERMANENTES NA ESTIAGEM DO ANNO DE 1856.

<i>Natureza dos terrenos donde brota(m).</i>	<i>Designação das nascentes e suas localidades.</i>	<i>Observações.</i>
<i>Basaltos, rochas metamórficas.</i>	<p>Dous poços junto á ponte de Carenque, valle da ri- beira de Carenque.....</p> <p>Tres poços em terras de D. Mariana Baúte, idem. Chafariz da encosta do Pendão, idem.....</p> <p>Bica da Gargantada, idem.....</p> <p>Um poço junto á Gargantada, idem.....</p> <p>Uma mina por detraz da casa de D. Mariana Baú- te, antes da Gargantada, idem.....</p> <p>Tres poços a jusante da Gargantada, valle de Carenque Nascentes em Ponte Pedrinha que vão para o pala- cio de Queluz, valle de Carenque.....</p> <p>Mina na estrada de ponte Pedrinha para o Pendão. Mina junto á casa do Marialva proximo a P.^{1.º} Pedrinha Bica da encosta do Pendão.....</p> <p>Mina das Galegas, ao Norte da Porcalhota.....</p> <p>Nascentes do Exm.^o Conde de Farrobo que vem ter ao aqueducto das Galegas.....</p> <p>Nascentes da linha da Rascoeira.....</p> <p>Nascentes pertencentes a D. Antonia Maria de Jesus, margem esquerda do ribeira de Carenque.....</p> <p>Nascente da Vianna, valle de Carenque.....</p> <p>Nascente do Exm.^o Duque de Palmella, idem.....</p> <p>Nascente dos ex-Mariannos, idem.....</p> <p>Nascente do Exm.^o Visconde de Porto Covo, idem. Nascente abandonada, proximo ao Almarjão.....</p> <p>Nascente do Almarjão, Amadora.....</p> <p>Nascente do Exm.^o Conselheiro Felix Pereira de Ma- galhães, proximo aos moinhos de Carenque.....</p> <p>Nascente do Casal do Papel.....</p> <p>As nascentes da fabrica da polvora, entre Toreena e Massamá.....</p> <p>Exploração acima da mina da Rascoeira, buraco ao pé dos moinhos.....</p> <p>Dous poços junto á linha da Rascoeira.....</p>	

<p>Natureza dos terrenos donde brotam.</p>	<p>Designação das nascentes e suas localidades.</p>	<p>Observações.</p>
<p>1.º Grupo do andar de Bellas, calcareos.</p>	<p>Poço na quinta da Nora proximo a Aqualva..... Nascente que vem para a quinta precedente..... Fonte publica no sitio da Nora proximo a Aqualva. Fonte das Eiras proximo a Aqualva..... Fonte da Idanha..... Nascente em mina proximo á precedente..... Fonte dos Burros proximo á Idanha..... Poço de José Maria Leal proximo á Idanha..... Fonte na fazenda dos Barros proximo á Idanha.... Chafariz de Bellas..... Nascente no paçal do Prior..... Poço ao fundo do mesmo paçal..... Poço na quinta do Miranda ao Sul do Chafariz de Bellas..... Poço defronte da Ermida de S. Sebastião em Bellas. Fonte da Panasca proximo a Rio de Sapo..... Poço na quinta de D. João de Castello Branco, proximo á precedente..... Poço no pomar da chave no valle da ribeira do Castanheiro..... Poço na quinta de Antonio de Oliveira, idem..... Poço na quinta de Manuel Antonio, idem..... Nascente da Malé, idem..... Poço na quinta da Silva, idem..... Poço publico na rua Fria entre Bellas e Pendão, idem..... Poço na quinta do Padre Brotero entre Bellas e Pendão, idem..... Nascente proximo ao portão de ferro, idem..... Dous poços junto á quinta de Gregorio Antunes, idem..... Nascente da Gargantada sobre a ribeira de Carenque. Poço no contacto dos basaltos, idem..... Nascentes que vão para Queluz, idem..... Poço no pomar do Tenente, idem..... Poço na azinhaga que vai para o Olival, valle da ribeira do Castanheiro..... Dous poços junto á ponte da povoação de Carenque. Poço nas terras do Luizinho, ribeira de Carenque. Poço proximo e ao Sul da ponte de D. Faustina, idem..... Poço proximo e ao Norte do precedente..... Dous poços nas terras de Alexandre Gomes, valle da ribeira de Carenque..... Poço proximo e fronteiro ao precedente, idem.....</p>	

<i>Natureza dos terrenos donde brotam.</i>	<i>Designação das nascentes e suas localidades.</i>	<i>Observações.</i>
<i>1.º Grupo do andar de Bellas, calcareos.</i>	<p>Poço em terras de João de Almada, valle da ribeira de Carenque.....</p> <p>Dous poços nas visinhanças das terras do Filippinho, idem.....</p> <p>Poço junto á azenha do Filippinho, idem.....</p> <p>Poço no Casal do Pelão, idem.....</p> <p>Poço nos afloramentos de diorite acima do Casal do Pelão, idem.....</p> <p>Nascente no alto da serra, idem.....</p> <p>Fonte ao fim da fazenda do Biester, idem.....</p> <p>Duas fontes na propriedade precedente, idem.....</p> <p>Nascente de D. Maria da Conceição Barbosa de Araujo, em Casal de Pelão, idem.....</p> <p>Nascentes de Frederico Biester.....</p> <p>Junto á quinta do Letrado abaixo de Aqualva.....</p> <p>Ribeira do Papel em Rocanas.....</p> <p>Em cima da serra e acima da casa amarella na ribeira de valle de Papel.....</p> <p>O Reservedouro junto á casa amarella no Papel.....</p> <p>Nascente no leito do rio junto á ponte de Aqualva.</p> <p>Minas das Galegas, idem.....</p> <p>Nascentes de S. Braz.....</p> <p>Pequeno regato antes de chegar á ponte do Facem.</p>	
<i>2.º Grupo do andar de Bellas, grés.</i>	<p>Fonte do Castanheiro, valle da ribeira do Castanheiro.....</p> <p>Dous poços na quinta da Fonteira, idem.....</p> <p>Charcos formados á custa da agua que verte dos bancos de grés grosseiros, idem.....</p> <p>Nascente do Tanquinho na quinta da Fonteira, idem.....</p> <p>Diversas nascentes abaixo do açude do Castanheiro, idem.....</p> <p>Diversas nascentes no Casal da Fonte Santa, valle de Carenque.....</p> <p>As duas nascentes do Castanheiro.....</p> <p>Nascente ao cimo da quinta do Exm.º Conde de Redondo no valle da Carregueira.....</p> <p>Nascente encanada para a quinta da Nora ao Norte da ribeira Grajal defronte da fonte das Eiras.....</p> <p>Dous poços junto á ponte da Idanha dentro do quintal.</p> <p>Poço no quintal do Padre Carlos.....</p>	<p>Contacto dos grés do 2.º com os calcareos do 1.º grupo.</p>

Natureza dos terrenos donde brotam.

Designação das nascentes e suas localidades.

Observações.

2.º Grupo do andar de Bellas, grés.

- Dito logo immediato.....
- Dous poços acima do poço do Lagar entre Polvoraes e Venda Sêcca.....
- Dous poços abaixo do Lagar jntto a Polvoraes.....
- Poços em Polvoraes.....
- Poço do Lagar.....
- Fonte do Còxo no valle des Almarzes.....
- Chafariz do Còxo.....
- Dous poços em terreno junto ao chafariz do Còxo.....
- Minas do Suimo.....
- Fonte atraz da casa do Suimo.....
- Nascente ao poente da pyramide do Suimo e a meia encosta da montanha.....
- Dezoito poços na Venda Sêcca.....
- Duas nascentes proximas da quinta do Exm.º Visconde de Fornos ao Sul da estrada indo do largo da Venda Sêcca para o Grajal.....
- Um poço junto á quinta do Exm.º Visconde de Fornos.....
- Nascente ferrea junto á dita quinta.....
- Dous poços dentro da dita quinta.....
- Poço do Pimenta proximo e ao Sul da Venda Sêcca.....
- Tres poços no rio do Espinheiro a Oeste do Poço do Pimenta.....
- Nascente do Grajal dentro da quinta deste nome...
- O Cedro, idem.....
- A Conserva, idem.....
- Minas e poço fronteiro á casa do Grajal.....
- Duas nascentes dentro da quinta do Vianna no valle do Jardim por baixo dos moinhos.....
- Fonte do Machado; um poço superior, e outro inferior, ao Norte do traçado e á esquerda da estrada de Mafra logo acima de Bellas.....
- Nascente denominada Rio do Porto proximo á quinta do Exm.º Conde de Redondo, no valle do Jardim.....
- Chafariz fronteiro ao palacio, idem.....
- Fonte de Santa Anna dentro da quinta do Exm.º Conde de Redondo, idem.....
- Fonte de D. José, idem.....
- Fonte ferrea, idem.....
- Um poço, idem.....
- Um poço na quinta do Exm.º Visconde de Extremoz no valle da ribeira do Jardim.....

Contacto dos grés do 2.º com os calcareos do 1.º grupo

<i>Natureza dos terrenos donde brotam.</i>	<i>Designação das nascentes e suas localidades.</i>	<i>Observações.</i>
<i>2.º Grupo do andar de Bellas, grés.</i>	<p>Uma nascente ferrea e outra d'agua commum que vão para a quinta precedente.....</p> <p>Nascente que dá agua para a quinta do Exm.º Conde de Villa Real.....</p> <p>Chafariz do Biester.....</p> <p>As abandonadas explorações do Biester.....</p> <p>Poço proximo da Ermida de S. Mamede.....</p> <p>Nascentes a jusante do valle de Figueira, (valle do ribeiro de Sapos).....</p> <p>Ditas de valle de Figueira, idem.....</p> <p>Nascentes diversas acima da foz do rio dos Sapos até á plaga dos Penedos Pardos.....</p> <p>Poço da quinta da Birroca acima da Agualva....</p> <p>Nascentes ferreas que vão para a quinta precedente.</p> <p>Nascimento que vem do alto da margem esquerda da ribeira de Valle de Lobos, e que passa por um aqueducto a montante da Jarda, valle da ribeira do Valle de Lobos.....</p> <p>Nascente do alto da margem esquerda na quinta dos Loios, idem.....</p> <p>Nascente ferrea na quinta de Molhapão no contacto dos calcareos do 3.º grupo, idem.....</p> <p>Uma nascente junto ao forno da cal na Abitureira..</p> <p>Uma nascente proximo ao caminho, idem.....</p> <p>Dous poços em terras dos Abreus.....</p> <p>Nascente ferrea na quinta do Vianna.....</p>	
<i>3.º Grupo do andar de Bellas, calcareos.</i>	<p>Nascente da Mui de Agua Velha.....</p> <p>Dita da Mui de Agua Nova.....</p> <p>Tres nascentes acima da quinta do Exm.º Conde de Redondo.....</p> <p>Poço na quinta de Santa Anna acima das falsas nascentes da Jarda.....</p> <p>Nascente do Lago dentro da quinta de Molhapão..</p> <p>Agua enxada para a quinta do Minhoto.....</p> <p>Nascente do Carneiro.....</p>	
<i>4.º Grupo do andar de Bellas, grés.</i>	<p>Nascente do Lago na quinta do Exm.º Visconde de Extremoz, valle da ribeira de Valle de Lobos.....</p> <p>Fonte de Meleças, idem.....</p> <p>Poço da quinta do Minhoto, idem.....</p> <p>Fonte publica no Tetbal, idem.....</p>	

<p>Natureza dos terrenos donde brotam.</p>	<p>Designação das nascentes e suas localidades.</p>	<p>Observações.</p>
<p>4.º Grupo do andar de Bellas, grã.</p>	<p>Pequenas nascentes nas margens direita e esquerda da ribeira antes de chegar a Valle de Lobos, idem Frequentes nascentes em Valle de Urze, idem..... Poço na quinta do Paganino, idem..... Nascentes da quinta de D. Luiza Caldas, e Gafanhotos, idem..... Nascentes da Tapada..... Fonte da quinta de Molhapão..... Poço da Quintã..... Mina do Sola, contacto do 4.º com o 5.º grupos. Nascentes em valle de Fornos, proximo ao contacto do 3.º grupo..... Nascentes de Valle de Camara..... Cêrea da Carregueira..... Nascentes de Casaes de Camara..... Dita da Quintã, infiltração..... Fonte ferrea em Casaes de Camera..... Poço na quinta da Talla..... Lago do Exm.º Visconde de Extremoz na Talla... Seis fontes em Valle de Lobos..... Fonte ao cimo da ribeira da Tapada..... Nascente do chafariz na quinta da Matta..... Fonte do Jogo, ribeira de Carenque..... Nascentes dos Penedos Pardos..... Ditas em Valle de Fornos..... Nascente um pouco antes da agua do Solla..... Fonte na baixa da casa da Carregueira..... Nascente na aberta do terreno da Carregueira.... Nascentes do Casal do Brouco..... Ribeira de Valle de Lobos a montante das nascentes da Matta..... Nascente de Antonio Theofilo de Araujo..... Dita de D. Carlota Augusta Ferreira.....</p>	<p>Este ribeiro que na maior estiagem de 1856 deu 2.000^{mc} diarios, reúne as nascentes todas da Tapada, Gafanhotos e quinta de D. Luiza Maria Caldas.</p>

Natureza dos terrenos donde brotam.	Designação das nascentes e suas localidades.	Observações.
5.º Grupo do andar de Bellas, calcários.	<p>As quatro nascentes da Matta.....</p> <p>Nascente um pouco ao cimo de valle de Quintã...</p> <p>Nascentes das Mercéz.....</p> <p>Nascente que alimenta a Bica da Portella de Adabeja.</p> <p>Dita da Quintã.....</p> <p>Dita da Academia Real das Sciencias.....</p>	<p>Que não vi, mas que brotam tanto como as da Matta, segundo fui informado.</p>
6.º Grupo do andar de Bellas, grés.	<p>Chafariz no lugar de D. Maria.....</p> <p>Nascente ao cimo do valle junto á Ernida de D. Maria.....</p> <p>Dita do Salgueiro grande.....</p> <p>Minas do Illm.º João Antonio Lopes Pastor.....</p> <p>Nascentes das Freiras da Estrella.....</p> <p>Ditas do Exm.º José da Silva Carvalho.....</p> <p>Exploração de Lourenço José Peres, á direita dos Carvalheiros.....</p> <p>Diversas nascentes, algumas ferreas, no Casalo Bretão do Illm.º Antonio Vieira Caldas.....</p> <p>Poços de valle de Moura.....</p> <p>Diversos poços superiores ás minas de valle de Moura</p> <p>Tanque das Fontainhas (Caneças).....</p> <p>Salgueiro pequeno.....</p> <p>Fonte da Aranha junto á Piedade.....</p> <p>Um poço e fonte junto a Caneças na direcção das minas dos Carvalheiros.....</p> <p>Poço do Vianna e outros no sitio de Castello de Vide ao cimo de Caneças.....</p> <p>Diversos poços e nascentes no valle que corre de Caneças a D. Maria até ao alto do Brejo, todos abundantes em aguas.....</p> <p>Nascentes dos Cavalheiros.....</p> <p>Fonte de Francisco Dias.....</p>	

NB. A galeria do Salgueiro grande recebe aguas por infiltração nos diferentes ramos e nas paredes das clara-boias, vertendo todas do 6.º grupo: o mesmo acontece na nascente do ramal Fonte Santa, recebendo as aguas do 2.º grupo. O Carvalheiro recebe aguas por infiltração do 5.º grupo: e no encanamento de valle de Moura encontram-se pequenas nascentes em nichos, e agua pendurada da clara-boia fornecida tambem pelo 6.º grupo.

N.º I.

MAPPA DAS AGUAS QUE ALIMENTAM O ACTUAL AQÜEDUCTO DAS AGUAS LIVRES DESDE CANEÇAS E D. MARIA ATÉ AO RIBEIRO DE SAPOS EM GARENQUE, REFERIDO ÁS MÁXIMAS E ÁS MÍNIMAS AGUAS QUE FORAM MEDIDAS NO ANNO DE 1856.

Designação das Nascentes	Natureza dos terrenos d'onde brotam	Epochas das Medições.		Observações.
		3 de Junho 1856.	4 de Novemb. 1856.	
		Productos em 24 ^h m. cub.	Productos em 24 ^h m. cub.	
Fonte Santa	2.º grupo de grés do andar de Bellas	185,5	97,5	
Nascente da Mãe d'agua velha.....	3.º grupo de calceado do andar de Bellas	4219,0	506,8	
Dita da Mãe d'agua nova.....	»	3,3	0,0	
Fonte na linha do Carneiro.....	»	3,3	0,0	
Fonte da mesma linha.....	»	13,2	0,0	
Nascentes dos ex-Mariannos.....	4.º grupo	23,1	13,2	
Ditas das Quinteas.....	»	1272,0	218,1	
Ditas de Camara.....	5.º grupo de calceado	102,6	13,2	As aguas d'infiltração nascem do 4.º grupo, mas as do nascente propriamente dito nascem do 5.º grupo.
Ditas de Valle de Moura, Poço e Olival.....	6.º grupo de grés do andar de Bellas	556,5	66,2	
Ditas do Salgueiro Grande.....	»	636,0	158,5	
Ditas dos Carvalheiros.....	»	159,0	59,17	
Ditas da Fonte de Francisco Dias.....	»	3,3		
Somma.....		4176,8	1143,5	

As medições foram feitas pelo Sr. Joaquim de Santa Anna Kaizerler, empregado a caixa da Exm.ª Camara Municipal de Lisboa.

N.º II.

MAPPA DAS AGUAS DOS PARTICULARES, QUE ENTRAM NO AQUEDUCTO GERAL DAS AGUAS LIVRES, DESDE O VALLE DE D. MARIA ATÉ AO SITIO D'ALMARAÇÃO, REFERIDO ÀS MAXIMAS E ÀS MINIMAS AGUAS QUE FORAM MEDIDAS NO ANNO DE 1856.

Designação das nascentes.	Natureza das terras donde brotam.	Epochas das medições.		Observações.
		3 de Junho 1856 Productos em 24 ^h m. cub.	4 de Novembro 1856 Productos em 24 ^h m. cub.	
Nascente de José Joaquim de Paula...		106,0	0,0	
" Simão da Silva.....		13,2	1,0	
" D. Maria da Conceição Barboza Araujo.....	1.º grupo do andar de Bellas	56,5	1,0	
" Felix Pereira de Magalhães	1.º grupo proximo á zona dos basaltos	16,5	6,6	
" Manoel Moreira Garcia..	"	112,6	6,6	
" Frederico Brestler.....	2.º grupo	19,8	5,0	
" Antonio Theofilo de Araujo	4.º grupo	106,0	53,0	
" Conde do Redondo.....	"	16,5	0,0	
" D. Carlota Augusta Ferreira	"	132,5	29,8	
" Academia Real das Sciencias.....	5.º grupo	13,2	5,0	
" Convento da Estrella....	6.º grupo	79,5	26,5	
" José da Silva Carvalho..	"	79,5	26,5	
" João Antonio Lopes Pastor	"	212,0	33,1	
Somma.....		963,8	194,1	

N.º III.

MAPPA DAS PRINCIPAES NASCENTES CONHECIDAS QUE PODEM ALIMENTAR O AQUEDUCTO DA MATTA REFERIDO ÁS MAXIMAS E ÁS MINIMAS AGUAS QUE FORAM MEDIDAS NO ANNO DE 1856.

Designação das nascentes.	Natureza das terras donde brotam.	Epochas das Medições.		Observações.
		29 de Maio 1856	25 de Outubro 1856	
Rio de Espinheira.....	2.º grupo de grés do andar de Bellas	»	23,4	Venda Sêca
Grajal e Cedro.....	»	»	23,1	Quinta do Grajal
A Conserva.....	»	»	3,3	Idem
Outra fonte dentro da quinta do Grajal	»	»	39,7	Idem
Rio do Porlo.....	»	»	13,2	Proximo á quinta do Jardim
Fonte do Côxo e Almarzes.....	»	»	23,1	Vertente da montanha do Sutilmo
Segundo nascente do rio do Castanheiro	3.º gr. do calcareo do andar de Bellas	»	16,5	Proxioio ao Brouco
Terceiro nascente no mesmo rio.....	»	»	96,0	Idem
Cérca da Carregueira.....	4.º grupo de grés do andar de Bellas	»	29,8	
Molhapaõ.....	»	636,0	244,8	
Primeiro nascente no rio do Castanheiro	»		16,5	Idem
Fonte da Matta propriamente dita.....	5.º grupo	3975,0	768,5	
1.º nascente a montante do precedente		371,	132,5	
1.º dito.....		424,	212,0	
1.º ajósante.....		2344,	19,8	
Ribeira de Valle de Lobos a montante da nascente da Matta.....			2000,0	
Somma.....		7950,	3658,9	

N.º IV.

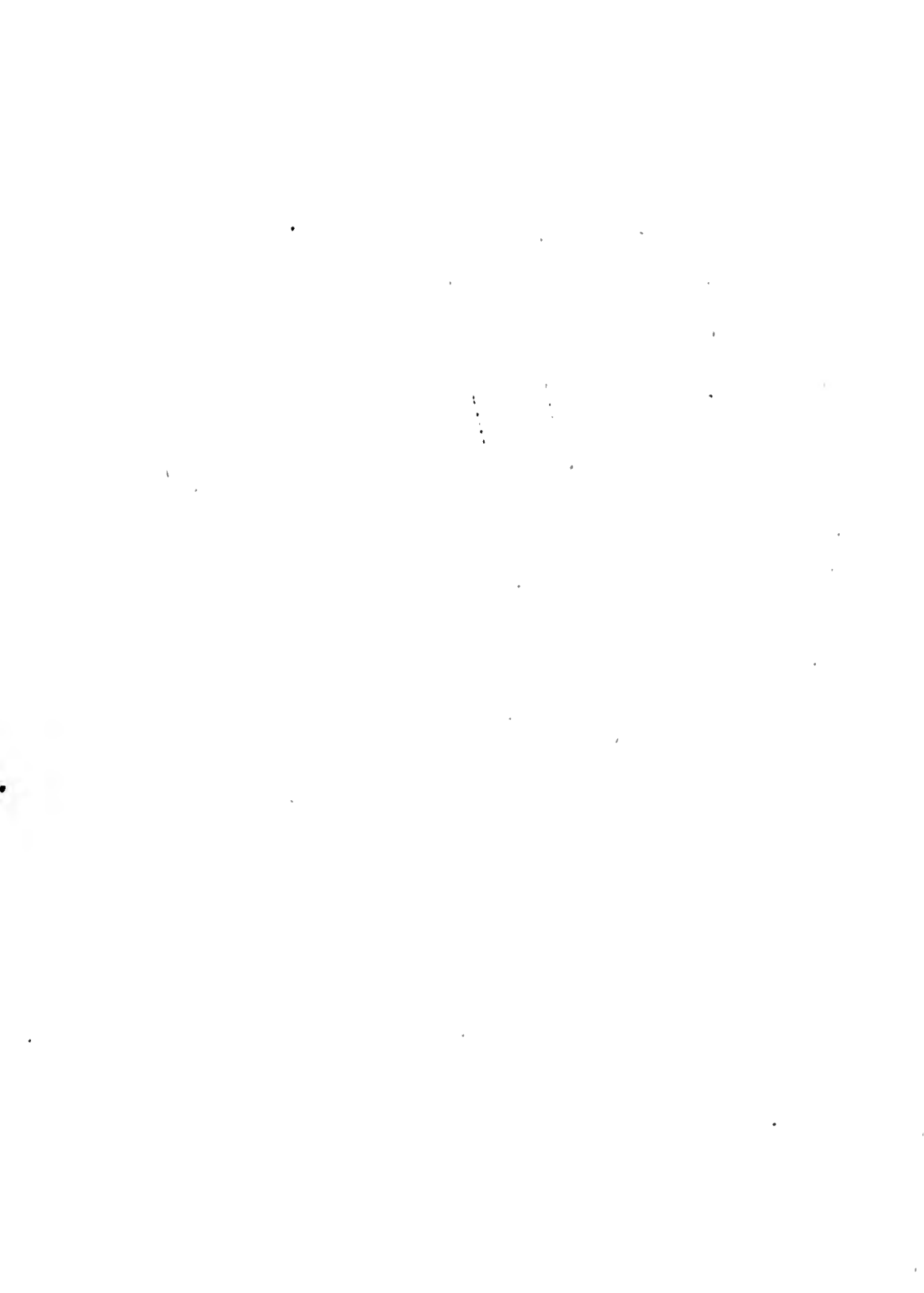
MAPA DE PARTE DAS NASCENTES, FONTES, ARROIOS, E RIBEIROS PERTENCENTES À BACIA HYDROGRAPHICA DA RIBEIRA DE SACAVEM, E DE QUE SE PÔDE TOMAR NOTA.

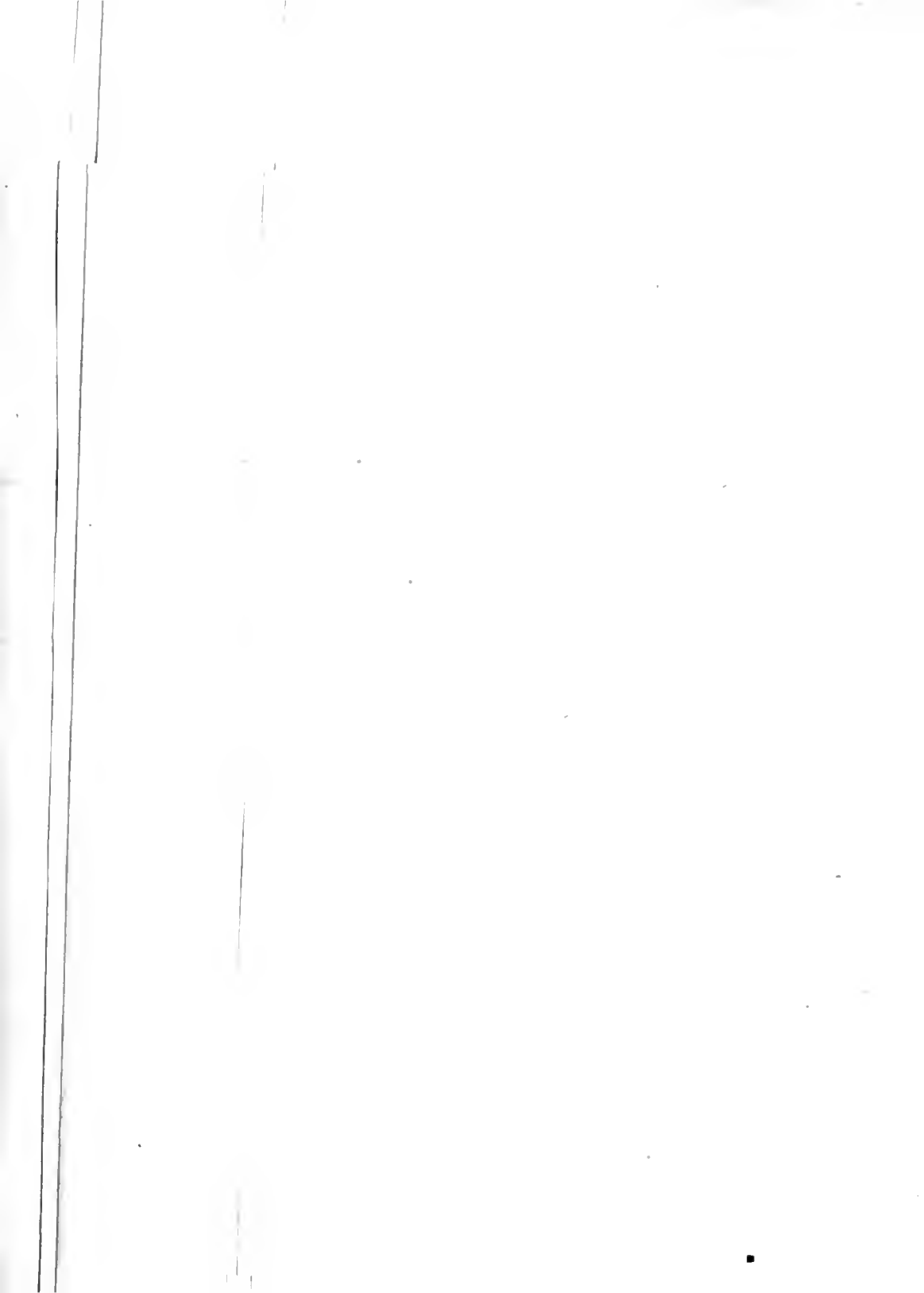
<i>Designação das nascentes, fontes, arroios, ribeiros, e suas localidades.</i>	<i>Natureza do terreno donde brotam.</i>	<i>Datas das medições.</i>	<i>Quantidades em 24^{hs} m. c.</i>	<i>Observações.</i>
Nascente na quinta da Baleia, proximo a Monte-mór.	Diorite	1 d'Out. de 1856	79,5	Ha muita agua desviada, mas que não pode medir-se.
Dita na quinta da Torre contigua á precedente.	Idem	»	53,0	
Ditas em Valle de Nogueira acima da fonte do Ourro	Calcario		159,0	
Fonte do Ourro em Valle de Nogueira.	Idem		36,4	
Fonte de Nogueira no precedente Valle.	Calcarenos metamorphicos		159,0	
Arroio junto ao nascente do Valle de Nogueira	Idem		689,6	
Nascentes da quinta do Exm.º Conde de Valhadaros no sitio dos Catvos.	Basalto		371,0	
Ditas em terreno mais inferior proximo á quinta precedente.	Idem		9,9	
Ditas na quinta do Exm.º Marquez de Fronteira, idem.	Idem		238,5	
Ditas denominadas da Freira.	Idem		848,0	
Ditas proximas e sobranceiras á precedente.	Idem		26,5	
Fonte da Casa do Casal.	Idem		53,0	
Dita no caminho e proximo do Casal precedente	Idem		26,5	
Dita junto ao povo do Almarçom do Bispo.			33,0	Neste sitio já as aguas vertem para a ribeira de Chelhetos.

<i>Designação das nascentes, fontes, arroios, ribeiros, e suas localidades.</i>	<i>Natureza do terreno donde brotam.</i>	<i>Datas das medições.</i>	<i>Quantidades em $\frac{1}{2}$ l. m. c.</i>	<i>Observações.</i>
Nascentes juntas á fonte antecedente.....			6,6	Neste sitio já as aguas vertem para a ribeira de Cbeleiros.
Ditas nas visinhanças das precedentes.....	Basalto	14 d'Out. de 1856	13,2	Idem
Ribeira de Loures na confluencia dos ribeiros dos Calvos e de Palhaes proximo ao Tojalinho.....	Idem	»	3390,0	
Um regato contiguo á confluencia precedente...	Idem	»	371,0	
Arroio proximo á precedente confluencia o que vac a uma arenha.....	Idem	»	1060,0	
Ribeiro de Fanhões na baixa de Pinteus.....	Calcarenos	»	2544,0	Perdem-se mais 130 ^{mc} por infiltração
Fonte de Fanhões á borda do ribeiro.....	Idem	»	485,5	Solhejos das aguas tomadas para regas e outros misteres.
Rio do Boirão á entrada de Bucellas.....	Calcarenos e grés	»	1325,0	
Nascente junto ao moinho, proximo da quinta do Serpa, no sitio do Sardual sobre a estrada de Vialonga.....	Idem	15 d'Out. de 1856	421,0	
Ditas junto á quinta do Exm. ^o Duque de Lafões no sitio do Alpietre.....	Idem	»	212,0	
Ditas ao norte do Palacio do Exm. ^o Marquez de Loulé em Vialonga.....	Calcarenos e grés	»	689,0	
Ditas á entrada da cerca do Convento de Santo Antonio dos Capuchos em Vialonga.....	Grés	16 d'Out. de 1856	238,5	
Fonte no Boirão no leito do rio, adiante da fazenda do Capitão mór d'Arruda.....		»	159,0	
Rio de Palhaes vindo de Louzã, junto á ponte de madeira.....		21 d'Out. de 1856	3350,0	

Designação das nascentes, fontes, arroios, ribeiras, e suas localidades.	Natureza do terreno donde brotam.	Datas das medições.	Quantidades em galões em 24 ^h m. c.	Observações.
Arroio da Morteira.....			371,0	
Ribeira dos Gãos no sitio aonde se junta com a de Valle de Nogueira.....			1272,0	
Ribeira de Valle de Nogueira no sitio aonde se junta com a dos Gãos.....			2544,0	
Rio do Bocal proximo á ponte de Louza de baixo Rio da Louza na mesma localidade.....			530,0	
O mesmo rio medido mais a montante.....			1060,0	
Nascentes em Paz Joannes na vertente nordeste da serra de Monte-mór.....			1696,0	
Dias em posição sobranceira ás antecedentes.....			3,3	
Ribeira do Trancão junto á ponte feita em 1851 no caminho do Tojal por Bucellas.....	Grés		159,0	Observei nesta ribeira uma grande perda d'agua na ponte por onde corre para o 1.º Grupo de calcareos do andar de Belhas
Nascentes no cimo da quinta da Branda no ribeiro denominado rio do Castello Picão.....	Idem		212,0	Esta agua é recebida na quinta da Branda
Dias á borda do precedente ribeiro.....	Idem		294,5	
Fonte proximo ao encanamento que conduz a agua precedente.....	Idem		3,3	
Nascentes em um barranco ao ponte da povoação dos Poles.....			212,0	
Arroio d' Alfarrubeira e que se junta com os precedentes para irem á ribeira de Alverca.....			212,0	
Nascentes da quinta do Exm.º Marquez de Loulé em Vialonga.....			530,0	

<i>Designação das nascentes, fontes, arroios, ribeiros, e suas localidades.</i>	<i>Natureza do terreno donde brotam.</i>	<i>Datas das medições.</i>	<i>Quantidades em 24^h m. c.</i>	<i>Observações.</i>
Poço e nascente no primeiro pomar da quinta das Flamengas. Nascentes jnto ao chafariz da mesma quinta. . . Dita sobreira ao precedente na mesma quinta Fontes na quinta do Exm.º Duque de Lafões. . . Ribeira de Olivellas.	Calcareo Conglomerado e basalto	Dezemb. de 1836	66,6 6,6 9,9 19,8 2650,0	Esta agua toda se perde
O conhecimento de quasi todas as aguas enumeradas na Tabella e na Mappa n.º IV. foi-me fornecido pelo Sr. Joaquim Santa Anna Kaizeler.				





D.M.S.
ESBOÇO D'UMA CARTA GEOLÓGICA
DAZ ILHA DE FONSECA DO REJO

O U E L V O



POBRETT

Y
4
0

Pormenor de
 a. b. c. d. e. f. g. h. i. j. k. l. m. n. o. p. q. r. s. t. u. v. w. x. y. z.
 A. B. C. D. E. F. G. H. I. J. K. L. M. N. O. P. Q. R. S. T. U. V. W. X. Y. Z.
 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100.

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|----------|
| Fig. 1 | Fig. 2 | Fig. 3 | Fig. 4 | Fig. 5 | Fig. 6 | Fig. 7 | Fig. 8 | Fig. 9 | Fig. 10 | Fig. 11 | Fig. 12 | Fig. 13 | Fig. 14 | Fig. 15 | Fig. 16 | Fig. 17 | Fig. 18 | Fig. 19 | Fig. 20 | Fig. 21 | Fig. 22 | Fig. 23 | Fig. 24 | Fig. 25 | Fig. 26 | Fig. 27 | Fig. 28 | Fig. 29 | Fig. 30 | Fig. 31 | Fig. 32 | Fig. 33 | Fig. 34 | Fig. 35 | Fig. 36 | Fig. 37 | Fig. 38 | Fig. 39 | Fig. 40 | Fig. 41 | Fig. 42 | Fig. 43 | Fig. 44 | Fig. 45 | Fig. 46 | Fig. 47 | Fig. 48 | Fig. 49 | Fig. 50 | Fig. 51 | Fig. 52 | Fig. 53 | Fig. 54 | Fig. 55 | Fig. 56 | Fig. 57 | Fig. 58 | Fig. 59 | Fig. 60 | Fig. 61 | Fig. 62 | Fig. 63 | Fig. 64 | Fig. 65 | Fig. 66 | Fig. 67 | Fig. 68 | Fig. 69 | Fig. 70 | Fig. 71 | Fig. 72 | Fig. 73 | Fig. 74 | Fig. 75 | Fig. 76 | Fig. 77 | Fig. 78 | Fig. 79 | Fig. 80 | Fig. 81 | Fig. 82 | Fig. 83 | Fig. 84 | Fig. 85 | Fig. 86 | Fig. 87 | Fig. 88 | Fig. 89 | Fig. 90 | Fig. 91 | Fig. 92 | Fig. 93 | Fig. 94 | Fig. 95 | Fig. 96 | Fig. 97 | Fig. 98 | Fig. 99 | Fig. 100 |
|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|----------|

INDICE.

PRIMEIRA PARTE.

GEOLOGIA.

1.ª SECCÃO.

Configuração physica do sólo.

| | PAG. |
|---|------|
| <i>Descripção geral e divisão em dous massiços.....</i> | 3 |
| <i>Massiço oriental.....</i> | 4 |
| <i>Massiço occidental.....</i> | 4 |

2.ª SECCÃO.

Constituição Geologica do sólo.

| | |
|---|----|
| <i>Divisão dos terrenos.....</i> | 7 |
| <i>Terreno terciario.....</i> | 7 |
| <i>Epocha da formação do conglomerado com fragmentos de basalto</i> | 8 |
| <i>Terreno cretacco.....</i> | 9 |
| <i>Limites.....</i> | 9 |
| <i>Divisão do terreno cretacco.....</i> | 9 |
| <i>1.ª Formação: 1.º andar: 1.º grupo.....</i> | 10 |
| " " 2.º grupo..... | 12 |
| " 2.º andar..... | 13 |
| <i>Divisão do 2.º andar.....</i> | 14 |
| <i>1.ª Parte ou superior.....</i> | 14 |
| <i>2.ª Parte ou inferior.....</i> | 14 |
| <i>Passagem da 1.ª para a 2.ª formação.....</i> | 16 |
| <i>Posição geographica da 2.ª formação.....</i> | 16 |

| | PAG. |
|--|------|
| <i>Andar superior da 2.^a formação — Camadas de Bellas</i> | 16 |
| <i>2.^o Andar da 2.^a formação — Camadas da Ericeira</i> | 16 |
| <i>3.^a Formação, marnes de Safarujó</i> | 17 |
| <i>Deposito terciario lacustre</i> | 19 |
| <i>Deposito alluvial antigo</i> | 19 |
| <i>Arçãs da linha de Costu</i> | 19 |
| <i>Rochas igneas</i> | 20 |
| <i>Granitos da serra de Cintra</i> | 20 |
| <i>Diorites de Monte-mór</i> | 21 |
| <i>Formação basaltica de Lisboa</i> | 22 |
| <i>Aspecto com que se apresentam os basaltos</i> | 22 |
| <i>Basaltos que rompem as rochas sedimentares</i> | 23 |
| <i>Basaltos estendidos em mantos e alteração por elles produzida nas rochas sedimentares</i> | 23 |
| <i>Conclusão</i> | 25 |

3.^a SECÇÃO.

Considerações gerais sobre as mudanças occorridas á superficie do sólo desde a epocha do terreno cretacco até à epocha recente.

| | |
|--|----|
| <i>Movimento do sólo no periodo dos grupos cretaccos superior e medio</i> | 26 |
| <i>Direcção em que obraram as diorites e seus effeitos geracs</i> | 26 |
| <i>Erupção dos basaltos — periodo provavel da sua elevação e seus effeitos</i> | 28 |
| <i>Primeiro delincomento da linha divisoria das aguas</i> | 30 |
| <i>Emersão dos granitos da serra de Cintra</i> | 31 |
| <i>Formação da bacia em que se depositaram as camadas terciarias</i> | 32 |
| <i>Formação de lagos, e diversas deslocações pelas quaes o sólo tomou a configuração que actualmente apresenta</i> | 33 |

SEGUNDA PARTE.

HYDROLOGIA.

4.^a SECÇÃO.

Considerações hydrologicas sobre o massiço oriental.

| | |
|--|----|
| <i>Aguas artesianas</i> | 35 |
| <i>Apreciação do volume d'agua</i> | 38 |

5.^a SECÇÃO.

Reconhecimento hydrologico do valle de Nogueira, e das quatro principaes affluentes da ribeira de Sacavem.

| | PAG. |
|---|------|
| <i>Bacia hydrographica da ribeira de Sacavem.</i> | 39 |
| <i>Ribeira de Odivellas</i> | 40 |
| <i>Ribeira de Lourcs.</i> | 41 |
| <i>Ribeira de Louza.</i> | 43 |
| <i>Ribeira do Trancão.</i> | 44 |
| <i>Ribeira da Granja.</i> | 45 |

6.^a SECÇÃO.

Considerações hydrologicas sobre as aguas do massiço oriental.

| | |
|--|----|
| <i>Aguas aproveitaveis para o abastecimento da Cidade.</i> | 45 |
| <i>Inconveniencia de derivar as aguas da serra de Cintra.</i> | 45 |
| <i>Bacia hydrographica da ribeira de Valle de Lobos e de Queluz.</i> | 46 |
| <i>Exame do sólo ao Norte do parallello da Aqualva donde tem de se derivar as aguas.</i> | 48 |
| <i>Rochas basalticas, metamorphicas, tufaceas e gresiformes</i> | 49 |
| 1. ^o Grupo calcareo do andar de Bellas. | 51 |
| 2. ^o Grupo do andar de Bellas. | 55 |
| 3. ^o Grupo do andar de Bellas. | 59 |
| 4. ^o Grupo do andar de Bellas. | 62 |
| 5. ^o Grupo do andar de Bellas. | 66 |
| 6. ^o Grupo do andar de Bellas. | 70 |

7.^a SECÇÃO.

Relação entre a agua pluvial e a fornecida pelas nascentes da bacia hydrographica descripta.

| | |
|--|----|
| <i>Considerações geraes.</i> | 71 |
| <i>Espessura da lamina de agua pluvial que cahc annualmente em Lisboa</i> | 72 |
| <i>Volume medio das aguas pluvias calidas annualmente na bacia hydrographica das ribeiras de Queluz e de Valle de Lobos.</i> | 73 |

TERCEIRA PARTE.

PROJECTOS DE ACQUISIÇÃO DE AGUAS, E DA SUA CONDUÇÃO PARA O AQUEDUCTO GERAL DAS AGUAS LIVRES.

8.^a SECCÃO.

Aqueductos, systema de aquisição de aguas, e obras accessorias.

| | |
|--|---------|
| <i>Aqueducto da Matta — Descrição do seu traçado e considerações a elle relativas</i> | PAG. 81 |
| <i>Volume de Aguas que póde receber o aqueducto da Matta</i> | 83 |
| <i>Inconvenientes do traçado da Matta</i> | 90 |
| <i>Meios lembrados para augmentar o volume das aguas que o aqueducto da Matta póde receber</i> | 92 |
| <i>Considerações sobre as aguas do massico occidental</i> | 93 |

9.^a SECCÃO.

Aqueducto da Agualva.

| | |
|---|-----|
| <i>Considerações geraes</i> | 94 |
| <i>Aguas que devem alimentar a zona superior</i> | 94 |
| <i>Fundamentos do novo systema de aquisição de aguas</i> | 94 |
| <i>Comparações das vantagens e inconvenientes dos dous aqueductos da Matta e de Agualva</i> | 102 |
| <i>Tabella das naseentes de agua potavel na bacia hydrographica das ribeiras de Queluz, e de Valle de Lobos ao Norte do parallelo da Agualva, e quasi todas permanentes na estiagem do anno de 1856</i> | 106 |
| <i>Mappa N.º 1</i> | 113 |
| <i>Mappa N.º 2</i> | 114 |
| <i>Mappa N.º 3</i> | 115 |
| <i>Mappa N.º 4</i> | 116 |

MEMORIA

SOBRE

A EPIGENONIA OU MOLESTIA GERAL DAS VIDEIRAS

PELO

VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO

SOCIO

Lucy

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

E DE OUTRAS MAIS SOCIEDADES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS.

Tout change dans la nature, tout s'altère,
tout périt.

(*Buffon. - H. N. t. 4.º pag. 336,*
ediz. de Paris - 1769).

Que variaveis casos, que semente
Trariam desusada enfermidade
Nunca vista nos seculos da gente,
Que s'embravece agora em nossa idade
Por toda a Europa, Asia e Libia ardente?
.....

*(Doutrinas das enfermidades venereas, traduzidas do francez
e do inglez por M. J. H. de Paiva. — Lisboa, 1805.)*

INTRODUÇÃO.

A PESAR de terem já escripto sobre esta doença das vinhas alguns sabios da nação, eu vou tambem apresentar ao publico as minhas observações, e modo de pensar ácerca da mesma enfermidade, não obstante ser um simples proprietario agricultor, sem esses profundos conhecimentos das sciencias proprias para uma tão grande empreza; porque, publicando-se pela imprensa o character, aspecto e modificações que a dita doença mostra nas diversas provincias do reino, melhor se conhecerá, e mais facilmente se poderá descobrir a causa desta nociva epidemia, e, talvez, o seu remedio; posto que me pareça isso cousa muito difficil, por não dizer impossivel.

Respeito muito os distinctos nomes dos Autores que me tem precedido; mas não posso conformar-me com as suas opiniões; a contestação siza e de boa fé não póde offender ninguem; a verdade é uma só, ella apparecerá no meio desta contestação, e o tempo mostrará quem tem razão.

Tive noticia desta grave molestia das vinhas pelos jornaes publicados no anno preterito de 1852, dando-lhe o nome de *Oidium Tucherii*, e como desconhecesse o sentido de tão estranhas palavras, não podia fazer uma idéa limpa da ja dita enfermidade; mas tendo

recebido o n.º 9 do Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, pertencente á segunda serie do Tomo 3.º, ali achei uma exacta e scientifica descripção da referida doença e do bolór a que chamavam *Óidium Tucherii*; devo porém a um amigo e collega academico, o Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes, a explicação destas palavras novas, e para mim desconhecidas: a primeira *Óidium* é composta de duas gregas *Oou* ovo e *cidós* semelhança, e quer dizer *semelhança de ovo*, que tem os *sporos* das plantas deste genero composto por *Link*; a segunda *Tucherii* é derivada do nome do cultivador inglez que a descobriu nas videiras das estufas d'Inglaterra, e foi junta para designar a especie dessa mucedinea ou bolór que apparece nas uvas, ao qual se attribue tantos damnos, tanto estrago, como esse que estamos observando e sentindo. Eu não me persuado disto; porque sómente vejo asserções e nenhuma prova; tenho muitas razões para attribuir a dita doença a outras causas mais poderosas: adiante as exporei.

Como este meu escripto é obra muito ordinaria de um lavrador proprietario, destinada para outros lavradores e posta ao alcance de toda a gente, definirei primeiramente o titulo d'elle e depois todas as mais palavras que forem derivadas do latim ou do grego, para todos as poderem entender com clareza. *Epicenonia* quer dizer uma enfermidade geral sobre as videiras; porque *epi* significa *sobre*, e *cenon* videira; *epideyada*, palavra, que muitas vezes empregarei, quer dizer doença sobre as arvores e plantas; porque *dryada* significa a vida dellas personalisada pelos antigos n'uma formosa *nympha*. *Epidemia* diz molestia sobre o povo; *epizootia* sobre os animaes; a medicina porém sómente emprega estas palavras quando reinam doenças geraes que atacam muitos individuos ao mesmo tempo; se estas preludiam e dellas ha poucos casos chamam-se molestias *esporadicus* pela razão de picaem aqui, ali, acolá.

Tem havido grandes questões em distinguir as epidemias dos contagios; não entrarei nellas, e sómente direi que os contagios ditos podem ser mediatos ou immediatos, e que tanto se apegam pelo contacto de individuo a individuo, como pelo intermedio de roupas, fardos, ou quaesquer outros objectos infeccionados; o denominado *rimus* dos sobreditos contagios gera-se espontaneamente, dadas certas circumstancias, e primeiramente póde, algumas vezes, causar as epidemias e depois reproduzir-se e converter-se em contagio permanente. Ficando pois tudo isto bem conhecido, passarei agora a dar conta das observações que fiz desde que a epicenonia appareceu neste concelho até hoje 30 de Setembro de 1853 em que se principiarão as vindimas.

CAPÍTULO I.

OBSERVAÇÕES Á CERCA DA INVASÃO DA *Epicnonia*, SUAS MODIFICAÇÕES, E SEU AUMENTO NESTE CONCELHO DE SABROSA DO DISTRICTO DE VILLA-REAL.

§ 1.º Nos primeiros dias do mez de Julho deste anno de 1853 appareceu nas vinhas do Peso da Regoa, Salgueiral, Jogueiros, Fontelas e outras mais de Penaguião a doença dita com os seguintes symptomas: 1.º Os bagos das uvas estavam quasi todos cobertos do *Oidium* desenvolvido em cima de umas manchas denegridas e pontuadas; as vides ou varas manchadas com umas echimoses denegridas; algumas folhas com pintas amareladas e toda a videira exhalando um cheiro nauseativo; mas nem todas as videiras estavam atacadas; nem o grão da doença era igual. 2.ª As vinhas supraditas foram atacadas irregularmente em grandes malhas, sendo estas mais extensas no Salgueiral, e n'outras partes em que o terreno era mais humoso, e humido. Correu logo a noticia e o susto por toda a parte, e parecia que a epicnonia se propagava rapidamente á maneira dos contagios mais activos da peste e do cholera morbus asiatico: ouvia-se dizer: Já está em Alvações do Corgo; lá appareceu em Goivinhas; ali chegou ao Pinhão etc. Assim foram correndo os dias até 17 do mesmo referido mez de Julho, em que appareceu nesta aldêa de Villarinho de S. Romão, do supradito Concelho de Sabrosa, manifestando-se em tres bardos meus de uma vinha denominada do Assento. Desta foi lavrando (apparentemente) para todas as mais, e só nos ultimos dias do mez chegou ás vinhas da serra.

§ 2.º Com o apparecimento desta nociva molestia começaram os povos a fazer preces, procições de penitencia, e festividades a diversos Santos por todas as freguezias, e não faltou logo quem asseverasse ter passado este castigo dos nossos peccados (como diziam). Mas, indagada a doença, logo se conheceu que não tinha passado, antes sim que se propagava e augmentava cada vez mais; lentamente porém. Então reflecti que a marcha da epicnonia não é marcha nem se assemelha aos contagios, é sim um desenvolvimento da doença se-

gundo os locais, a situação e exposição das vinhas, bem como do augmento da temperatura segundo se adianta a estação, e por isso como foi apparecendo de dia para dia vindo das ribeiras para os altos, simulava a marcha dos contagios. Agora conheço que foi uma fortuna para o Alto-Douro não ter apparecido no mez antecedente esta enfermidade; porque todas as uvas que ella ataeou em agrago tenro perderão-se; as que estavam mais adiantadas, e já com os bagos inchados, deram esperanças de amadurecer; porém depois racharam e seccaram. O desenvolvimento desta epicenonia é lento e vagaroso (salvas algumas excepções), quando della se deu fé no dia 17 acima dito já tinha principiado ha mais tempo (como depois conheci); mas por isso que a novidade do *Oidium*, visto nas uvas pela primeira vez, foi a que mais deu nos olhos, e d'ahi por diante é que todos principiarão a observar as videiras, pareceu que tinha abrandado a molestia; porque mui lenta e vagarosamente ia cobrindo os bagos das uvas: como eu fazia as minhas observações de manhã e de tarde tive occasião de a vêr principiar e lavar pela maneira seguinte. Primeiramente apparecem nos bagos umas nodoas pontuadas e denegridas, que vistas á luz do sol com uma lente deixam vêr distinctamente os miudos pontinhos que as formam, e que me pareceu deverem ser os poros da pellicula; aonde se reúnem muitos destes pontinhos é que se eria o *Oidium* primeiramente, e se desenvolve com mais rapidez; elle é formado de cespedes de filamentos brancos e membranosos, a modo de pegados ou enrodilhados uns aos outros. Passados dias sahem destes cespedes uns caulesinhos ou *tiges* filamentosas mais elevadas, que devem ter na sumidade os *esperos*, *spiculas* ou *sporangios* da sua semente, os quaes eu não pude vêr por falta de um bom microscopio; mas que observaram outros que me precederam. ¹ Estas plantas parasitas criam-se em maior abundancia do lado exposto ao sol e á luz, do que do opposto, e nascem tambem pela mesma fórma sobre o peciolo dos bagos, pedunculos e pé dos cachos; pelas varas nas axillas das folhas, e nas pontas tenras. Quando os bagos estão já inchados vê-se nelles uma transpiração por modo de snor, uma vez que se alimpem da mucelina ou bolor, e que se exponham ao sol por alguns segundos de tempo; fiz numerosas experiencias e mostrei a outras pessoas, algumas das quaes o viram mesmo sem lente: é de presumir que a mesma transpiração terá logar pelos poros do *cangaco* das uvas

¹ Veja-se o Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana n.º 9 da segunda serie do tom. 3.º do anno 1852 pag. 281 e seguintes, e as Considerações do Sr. Dr. Cactano M. F. da S. Beirão deste anno de 1853.

e pelas varas; mas não eheguei a vê-la por falta de um bom instrumento. Se a pellicula dos bagos for levantada com o fio de uma navalha de barba em todas as manchas denegridas já ditas, estas mesmas se descobrem nos tegumentos; mas abaixo destes acha-se o parenchima são; a mucédinea não penetra os tegumentos, nem lhe pude descobrir a mais tenue radícula por mais que examinei com a minha lente; ella adhire tão pouco á pellicula que os cespedes se despegam por si mesmos em sendo muitos: debaixo das ramadas viam-se cair a todo o instante e leva-los o vento. Os elos ou gavinhas das videiras doentes, nas extremidades das vides tenras seccam e despegam-se com o mais leve toque logo no principio da doença; neste primeiro periodo tambem as folhas apresentam algumas nodoas denegridas, e manchas coradas; outras manchas porém se descobrem dentro das folhas atravez da transparencia dellas; mas ainda mui tenues, e para as descobrir é preciso observa-las á luz do sol da manhã, ou do occaso, virando-as e olhando como quem observa por um vidro; estas manchas vem por tempo a fazer-se muito visiveis; nas videiras tintas são de còr avermelhada, e nas brancas fazem-se amarellas: são estas as que destroem as mesmas folhas, e nos grãos mais adiantados da molestia ellas seccam e murcham como se fossem queimadas pelo sol, geadas ou ventos seccos.

§ 3.º Algumas castas d'uvras foram mais atacadas do que outras: taes são—Os muscateis; os abelhaes; os alicantes; os ferraes de todas as qualidades; a malvazia e o gouveio. Os alvarelhões (n'outras partes chamados *lucaias*) apresentaram um phenomeno particular; porque uma grande porção dellles se fizeram tão negros nas varas como se fossem pintados de preto, e as folhas se cobriram de pontuações denegridas, e d'um pó fuliginoso que era carbonho purissimo, e que vi correr com a chuva, tornando-a fuliginosa. Poucos dias depois da invasão da doença em Penaguião, vieram-me de Fontelas algumas uvras e vides das videiras doentes, e outras mais de Goivinhas (concelho de Provezende); todas ellas exhalavam um cheiro nauseativo insupportavel: foi preciso abrir logo as janellas e portas da casa, e nem assim as podia soffrer, de modo que as mandei logo tirar e deitar fóra. As uvras doentes das quintas do Douro e do Pinhão tinham o mesmo má cheiro, e as minhas não; posto que as dos bardos primeiramente invadidas, e outras muitas estivessem cobertas da mucédinea ou *Óidium*: assim se conservaram até o dia 29 de Agosto. Nos dias precedentes 25, 26, e 27 houve trovoadas, e cahiu bastante chuva, que lavou aquelle dito bolor ou mucédinea das uvras; na noite de

28 para 29 pelas 11 horas sentiu-se um tremor de terra com a direcção de oriente para occidente, a temperatura augmentou consideravelmente e no dia 30 já estava a 72° Fahrenheit, estando o thermometro á sombra dentro de casa n'um aposento com janella para o sul, foi então neste dia 30 que se desenvolveu o referido fedor: elle se exhalava dos bardos de videiras doentes em toda a sua extensão e de toda a sua ramagem; sentia-se a quarenta palmos de distancia; mas na proximidade de cinco era insupportavel para mim, e cheirava-me ao bafô das queijarias. Neste tempo já havia muitos bagos rachados, longitudinalmente sendo ovaes, e de travez em muitos dos redondos; por todo o mez de Septembro foram rachando os outros doentes, de sorte que no dia 25 já toda a uva atacada estava perdida nestes sitios, e a muscatel já secca e mesmo hedionda, côr de cinza com algumas grai-nhas á vista; mas tinha perdido o máo elheiro. Ora, a fenda dos bagos parece um golpe feito com uma navalha afiada, e não deita fóra succo nenhum; o parenchima seccou-se e não apodreceu, em razão de ser o anno enxuto e de sol; mas é certo que apodreceria se fosse chuvoso; fiz muitos cortes com navalha de barba em bagos sãos para vêr o seu resultado, que foi o seguinte. Não deitaram succo, uniram-se os labios da ferida a modo de quererem cicatrizar, e não apodreceram nem seccaram. Chamo a attenção dos leitores sobre todas estas miudas observações; porque sobre ellas, e outras mais antigas basearei os meus argumentos. Não darei por acabado este capitulo sem fazer menção de muitas cêpas que foram atacadas e já morreram, tal por exemplo um bardo inteiro de gouveios que tenho no fundo de uma terra de pão de regadio no sitio denominado da Fontinha; varias outras videiras enxertadas ha dois annos, e que pareciam viçosas, e muitas pelo meo das vinhas. Em geral foram mais atacadas aquellas que estavam plantadas em terrenos humosos, e expostos ao meio-dia, ou nascente. A esterilidade das uvas brancas foi muito grande, geralmente fallando, sem comprehender os damnos causados pela epicœnomia; pois nas minhas fazendas vi muitas videiras doentes com as varas todas cheias de echimoses, e as folhas manchadas sem terem um só bago d'uvas; as tintas igualmente falharam á nascença, menos porém que as brancas, e por isso a falta geral de vinho é muito consideravel.

CAPITULO II.

*Causas rerum naturalium non plures admitti
debere quam quæ et veræ sunt et earum
phenomenis explicandis sufficient.*

(Newton. Princ. M. de F. N. pag. 387. Edi-
ção da Sociedade R. de Londres.)

(TRADUÇÃO.)

*Não se devem admittir como causas das cou-
sas naturaes serão as verdadeiras e suffi-
cientes para explicar os phenomenas dellas.*

§ 1.º Segundo esta regra de filosofar eu mostrarei neste capi-
tulo que não devemos admittir como causa da epiceñouia o *Óidium
Tucheri*; porque nenhuma prova ha disso; porque não é causa ver-
dadeira nem sufficiente para explicar os phenomenos da doença, e por-
que elle mesmo é phenomeno e symptoma em vez de ser causa. E'
natural attribuir áquillo que mais dá nos olhos, e que apparece pela
primeira vez sobre as arvores e plantas a causa das suas doenças: as-
sim aconteceu na ilha de S. Miguel quando ali appareceu a epidrya-
da nas lorangeiras, que logo foi attribuida a um insecto que volte-
java de redor dellas, ou pastava nas suas folhas. Logo houve quem
fizesse a historia delle e dissesse que tinha vindo dos Estados Unidos
pegado a um arbusto dali trazido para o Consul respectivo; os pro-
prietarios da ilha requereram ao Governo e ás Côrtes pedindo-lhe a
concessão de um tributo para terem meios de fazer a guerra áquelle
aphide estrangeiro, invasor dos pomares, e foi-lhe concedido tudo na
Camara dos Senhores Deputados; dali passando para a dos Pares em
sessão de 10 de Fevereiro de 1845, eu me oppuz ás expressões, mo-
do e applicação do tributo, concedendo-o porém para ser applicado em

diversos premios a quem descobrisse as verdadeiras causas da molestia, e fizesse extensos viveiros de laranjeiras semeadas convenientemente; o Ex.^{mo} Conde de Lavradio apoiou-me nesta questão; os nossos argumentos não foram combatidos; mas fomos vencidos em votos; a final passou a lei, cobrou-se o tributo, e logo principiam as hostilidades contra os aphides, arrojando-lhe cal em pó, cinza, agua, e até fundagens de azeite misturadas com agua de cinza e cal!..... Apesar porém de tão cruenta guerra continuou a doença; passou para o continente deste Reino, e continúa ainda, destruindo muitas arvores nos pomares das margens do Tejo, do Sado, do Douro e de outros muitos sitios. Applico este caso ao *Óidium Tucherii*, cujo nome adorna uma innocente planta parasita, conhecida até ao presente pelo nome de bolor, e que ha muitos annos anda por ali nas folhas das ervilhas, do verbaseo, das aboboras, da corriola, do dente de leão, das roseiras mosquetas, uvas podres, e até diante de mim tenho um prego, que por ter sido untado de gordura tem a cabeça coberta delle; mais adiante tornarei a tratar desta materia.

§ 2.º A doença em questão, a epicenonia, já tem preluhiado desde o anno de 1850, apparecendo esporadicamente em diversas vindimas, pela maneira que vou a contar. Parece que esta molestia veio de companhia com a epidryada das batatas, dos legumes de todas as qualidades, das arvores, dos arbustos e das hortaliças; mas o que será mais certo, e mais natural é procederem todas estas doenças do mesmo virus; posto que apresentem diversas modificações. A folha de muitas videiras appareceu crestada e cheia de manchas nos primeiros dias de Junho do sobredito anno de 1850, e foram mais atacadas aquellas que estavam expostas ao nascente, nos vales humidos, e junto de aguas correntes; a dita folha caliu, e nasceu outra que se conservou até ao fim do outono; não se desenvolveu ainda o *Óidium* sobre as uvas nem se manifestaram as eclimoses nas vides; mas neste mesmo anno e principio de 1851, pelo tempo das podas, appareceram muitas videiras mortas em numero demasiado, como não tinha nunca acontecido; mesmo depois da arrebentação da primavera, e de terem já deitado os primeiros pimpolhos seccaram ainda muitas outras. Na vindima do sobredito anno de 1851 notei uma grande esterilidade nas videiras brancas, e demasiada quantidade da chamada — passa de S. João — nas tintas; os feitores que mettem os negociantes de vinhos nas vindimas dos particulares, a quem compraram os ditos vinhos em mosto, tiveram immenso trabalho a fazer separar a dita passa nas vindimas das margens do Douro e do Pinhão. Ora, esta denominada passa,

que sempre houve em menor quantidade, não é passa verdadeira por effeito do sol de S. João; porque nesse tempo está ainda o bago por estes sitios apenas limpo e do tamanho de grãos de chumbo miúdo, quando o da sobredita passa indica pela grandeza que tem estar já a pintar, e tambem não pôde ser devida ao effeito do sol; porque na maior parte dos cachos apparecem os ditos bagos passados por entre meio dos sãos, como ás malhas de tres, de quatro etc. Outras vezes é sómente a extremidade dos cachos, ou a parte superior, donde se vê, que não pôde ser isto devido á acção do sol, pois essa devia fazer o seu effeito em todos os bagos, como de facto faz nas verdadeiras passas; de mais a mais uma grande parte dos ditos bagos da passa de S. João encontram-se rachados: por todas estas razões parece que o dito phenomeno só pôde ser devido á doença, ainda incipiente em gráo baixo, e que as videiras já tinham disposição para esta dita doença reinante, ha annos. A vindima do anno passado foi muito chuvosa, e como neste paiz ainda se não fallava na sobredita epizoonia, eu não fiz observação nenhuma nas videiras; mas o Sr. Figueiredo, que é um dos vogaes da Commissão Vinhateira deste Concelho, me disse—«que um seu trabalhador antigo e de muita experiencia lhe mostrára então uma videira doente com os symptomas já descriptos no primeiro artigo.»—O Ill.^{mo} Sr. Deputado Alfonso Botelho, grande e rico proprietario deste Districto, tambem disse nas Côrtes, que a molestia em questão já tinha apparecido nas vinhas ha dois annos; mas de uma maneira pouco sensivel. Á vista do exposto duas cousas ficam demonstradas: a saber—1.^a A epizoonia é uma doença chronica; 2.^a não é causada pelo *Oidium*; mas sim por esse virus geral, que tem atacado as nossas arvores e plantas exoticas de todas as especies, e tambem algumas indigenas, quando aella nellas a predisposição necessaria para o receber. Eu convenho que as plantas parasitas podem fazer seccar algumas arvores e plantas sugando-as tanto que lhe tirem a substancia de que se alimentam; mas é preciso que sejam das especies grandes, como são as aradeiras, ou talvez os musgos que as cobrem até ás ultimas extremidades dos seus ramos; assim mesmo observa-se que as arvores abafadas pelas aradeiras resistem muitos annos, e tiradas ellas promptamente recuperam o seu vigor; mas não acontece o mesmo ás videiras; pois as chuvas do outono e do inverno lavam-lhe todo o *Oidium*; os podadores tiram-lhe a casca velha, e apesar de tudo a doença continúa; algumas morrem logo na arrebentação, outras fazem-se estercis, e todas indicam um virus interior que as faz marasmaticas. O musgo das especies maiores cobre ás vezes os castanheiros até aos

*

ramuseulos de fructo, e assim mesmo dão castanhas, e vivem muito tempo; em Cintra vê-se muita laranjeira e ameixieira coberta de musgo, sem que por isso deixem de produzir. Advirta-se também que as arvores decrepitas criam muito musgo e diversas plantas parasitas, como é o agarico dos carvalhos; enchem-se de vaccas e de outras excrecencias, e nada disto é causa; mas sim effeito da podridão interior do lenho, por terem muitos annos, e por se acharem no fim natural da sua vida. Com que fundamento, com que boa razão se ha de attribuir á fraquissima e microscopica planta do *Oidium* tanto damno, tanto estrago, e talvez a extincção dos vinhagos em todo o velho continente? Chamemos-lhe antes *mucedinea* ou bolor, para que não metta tanto medo, examinemo-lo, e veremos que nem se quer tem raizes, e sómente sugadouros tão debeis, que mal se pôde apegar a um bago d'uvas. A verdade é, que tanto esta especie de mucedinea do genero *Oidium*, como todas as mais, sempre existiram e sempre viveram de qualquer gota de substancia animal, ou vegetal, que principia a decompor-se no contacto do ar; a sua fecundidade é prodigiosa, e os seus invisiveis sporidios enchem a atmosfera nesta camada inferior que nos rodeia, por isso elles entram, não sómente nas habitações, mas até nos armarios, caixas e todas as vasilhas, que não estiverem hermeticamente fechadas; os antigos as viram como nós, e por isso Juvenal disse n'uma das suas satyras—*Mucida cœrulei panis consumere frusta.*

Se a mucedinea ou bolor não tinha apparecido até ao presente nos bagos das uvas, nas varas e folhas das videiras, é porque ellas não tinham adoccido tão gravemente, e não tinham essa anormal transpiração, que lhe vemos agora.

CAPITULO III.

CAUSAS VERDADEIRAS DA EPICÆNONIA REINANTE.

In philosophia experientiali propositiones ex phænomenis per inductionem collectæ, non obstantibus contrariis hypothésibus, pro veris aut accuratè, aut quam proximè haberi debent donec alia occurrerint phænomena per quæ aut accuratiores redantur, aut exceptionibus obnoxie.

(4.ª regra de filosofar da obra de Newton já citada no cap. 2.º)

TRADUCÇÃO LIVRE.

Na filosofia experimental, aquellas observações, que são tiradas por indução dos phenomenos observados, (sem embargo das hypotheses contrarias) devem ser tidas por verdadeiras, ou proximas da verdade, em quanto não apparecerem outros phenomenos, que nos obriguem a reforma-las ou a fazer-lhe excepções.

§ 1.º Tendo sempre em vista a regra precedente, que tanto se ajusta com a razão, direi que os vegetaes e os animaes são semelhantes na vida e nas facultades da reproducção, donde se segue que são mortaes e sujeitos a immensas enfermidades, entre as quaes muito figuram as epidryadas nos primeiros e as epidemias nos segundos; mas nenhuma destas doencas se podem desenvolver sem a concurrencia de duas causas; a saber:—Uma dellas é occasional, e outra predisponente; a occasional está quasi sempre fóra do nosso alcance, é um virus, um

quid divinum (diziam os antigos); mas os modernos, como Mr. Raspail e outros, já conhecem que é um ser organizado, que penetra nos corpos organizados maiores e vai perturbar-lhe a economia animal ou vegetal. Eu tambem sou desta mesma opinião; ¹ mas acrescento, que

¹ Como esta opinião ainda é pouro seguida, devo apoiá-la com algumas provas. A mais terrivel epidemia que sofre o genero humano é a peste que se desenvolve espontaneamente nos lodos do Egypto acarretados pelo rio Nilo, o qual, nascido em *Agous* no reino de *Goyam* pertencente á Abissinia, corre pelo espaço de 32 gr. de latitude septentrional pelas terras comprehendidas entre os dois tropicos atravessando a dita Abissinia, a Nubia e o mesmo Egypto, aonde entra já enriquecido com as aguas do rio *Tacaza*, do *Bahr el Azrak*, e do *Bahr el Abiad*; todos estes rios, engrossados repentinamente pelas chuvas copiosissimas dos tropicos, que ali formam numerosas torrentes, arrastam consigo infinitos insectos mortos, e muitos destroços vegetaes, que formam os lodos acima ditos; desta grande massa é que sahem, provavelmente, os vermes invisiveis, que penetrando nos corpos animaes lhe causam a peste. Ninguem os vio ainda, é verdade; mas nem tudo se póde vêr com os olhos corporeos, tambem se póde descobrir com os do entendimento, como a mesma natureza nos mostra na invasão daquella terrivel doença; pois até se sentem as picadas delles no acto de entrarem pela pelle; eis aqui como se expressa *Henry A. S. Dearborn* a este respeito: «*The symptom first perceived is a painful sensation, resembling the prick of a lancet, or sting of an insect. Soon after an obtuse pain is felt in the head; a fever ensues and in the course of at venti four hours tumours make their appearance in the groins and armpits.*» (Mem. on the Comm. and Navigation etc. of Turken and Egypt. by H. A. S. Dearborn, vol. 4.º pag. 180.) O primeiro symptoma (diz Dearborn) é uma dolorosa sensação semelhante á picada de uma lanceta, ou do ferrão d'um insecto; sente-se logo uma dor de cabeça, vem a febre, e no espaço de vinte e quatro horas principiam a nasecer tumores nas virilhas e nos sovacos dos braços.—Até aqui o A. citado, agora digo eu que esta marcha da natureza é aquella que vemos a cada passo, como por exemplo, quando se nos mette um espinho na pelle e não o podemos tirar; sente-se a dor, vem logo o rubor e a affluencia de liquidos, forma-se uoi pequeno tumor, que passados dias arrebenta e deita fóra com o pus ou materia o dito espinho envolvido nella. Pela mesma maneira o verme ou vermes pestiferos entram, e sentiu-se a dor da sua picada; mas elles como são vivos correrão logo pelo tecido cellular, a natureza acode ali a envolve-los e prende-los em liquidos mucosos, vem a febre; porque esta, segundo o pensar do *Dr. Joseph Guarin* no seu Tratado das febres e das inflammções, é o instrumento de que se serve a mesma natureza para separar os humores impuros dos saos, e deitar fóra aquelles que são nocivos e contrarios á liberdade de suas funcções. Ora, quando os mencionados vermes são poucos, triunfa a dita natureza; porque os envolve e vai arroja-los fóra, ordinariamente, pelos boubões ou tumores das virilhas e dos sovacos dos braços aonde a pelle é mais fina; outras vezes por detrás das orelhas e na testa; mas sendo muitos não póde consegui-lo, e succumbe; pois então elles se propagam rapidamente e causam a morte. Dos corpos infeccionados sahem as novas gerações, e assim principia o contagio. Sabe-se que estes vermes, (aliás o virus pestifero) tem pequeno alcance de duas até tres braças, não sendo ajudados pelo vento ou pelo fumo, e que os cheiros fortes os matam (*strong odours*); melhor ainda as fumigações do enxofre e sobre tudo as fumigações *guytonnianas* e as *smithianas*; os barretes e vestidos de oleado perseveram do contagio, e tem-se observado que os azinheiros lhe resistem. Quem haverá pois, que por tudo isto não conheça que só podem ser insectos vivos a causa da peste? Se assim não fosse como os poderiam embarçar os oleados e o azeite, que unta a pelle dos azinheiros, e que mal lhe poderiam fazer as fumigações? Que estes insectos microscopicos se desenvolvem es-

é um ser organizado com faculdades reproductivas; quando é animal pôde reproduzir-se dentro dos animaes e de alguns vegetaes; quando é vegetal reproduz-se nos vegetaes, e dentro dos animaes pôde em certos casos mudar de natureza, e reproduzir-se tambem; mas isto é raro: taes são os insectos infusivos, a que Mr. de Boufflon chamou *anguilles*, que existem no esporão ou cravagem do trigo e do centeio, os quaes, depois de introduzidos no estomago e no caual alimentar, occasionam o tetano mortal, que no meio das mais cruéis dores faz revirar o espinhaço dorsal para traz a modo de arco; e causa outros mais effeitos ainda peores do que os do cholera-morbus asiatico. (Veja-se a obra de M. P. Orfila, intitulada: Soccorros a dar ás pessoas envenenadas ou

pontaneamente dentro de outros insectos mortos, ainda ha pouco se observou nas crysalidas dos casulos de seda em Valencia, aonde tem causado grandes perdas; porque os ditos vermes invisiveis cortam e picam os delicados fios da mesma seda. (Veja-se o n.º 6.º do mez de Junho de 1851 dos *Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional*, pag 9.) Ora, se apesar de serem os ditos casulos rirandados noite e dia continuamente, e assoalhados tambem, assim mesmo se desenvolvem, como deixará de acontecer o mesmo nessas massas enormes dos lodos do Egypto aonde o calor da zona torrida tanto favorece estas produções? Se esta casta de vermes se communica e propaga os contagios, vindo entre os fardos de seda, lã, vestidos e outras semelhantes cousas, é porque nellas acha o seu alimento e um thalamo proprio á sua propagação. A maior pestilencia, de que tenho noticia, foi a de Utica na Africa aonde morreram trinta mil pessoas, duzentas mil na sua commarca, e oitocentas mil na de Numidia: isto aconteceu pelos annos em que foi tomada pelos Romanos a cidade de Numancia, e foi causada por uma praga de gafanhotos, que cobriam aquellas terras e ali morreram. (Faria e Sousa no seu *Epitome*, pag. 60, edic. de Anvers de 1730.) Como estes insectos tem alguma semelhança com os do sirgo, presumo que delles se desenvolveram muitos milhões de milhões de vermes invisiveis, que foram causa de tão terrivel doença. O cholera-morbus asiatico originou-se nos pantanos ou lodaças do Ganges, que, á maneira do Nilo, atravessa muitos reinos, corre por dilatadas terras desde o pequeno Tibete, aonde nasce, até ao golfo de Bengala, e tambem trasborda e enche periodicamente; por conseguinte é de presumir de tudo isto, que o virus cholericico se compõe tambem de outros insectos semelhantes aos da peste; mas esses fearam permanentes, propagam-se e viajam por todo o mundo, e os da peste morrem com os ventos muito quentes; todavia tornam-se a gerar no Egypto, e nas grandes massas de podridões animaes, principalmente dos insectos. A causa predisponente da peste é a delicadeza da nossa pelle nua, e pôde-se dizer descoberta; porque os nossos vestidos, relativamente a lã pequenos vermes, nada mais são do que umas redes de malhas largas. Pestes ha que vão atacar de preferencia as creanças e os adolescentes por terem a pelle mais tenra: tal foi a de Constantinopla do anno de 1783 para 1785, que arrebatou cem mil creanças e mancebos. (*Dearborn* na obra já citada, vol. 1.º pag. 180.) Parece que os vermes do cholera-morbus asiatico entram pela bocca e vão reproduzir-se no canal alimentar; por isso a causa predisponente é a debilidade causada pela fome, e por todas as mais causas debilitantes. Os bons alimentos, sem passar a demasia; a limpeza do corpo; dos aposentos; das ruas e praças; e o moderado uso das cigarrilhas de canfora verdadeira, são meios de evitar a doença; mas sobre tudo o que deve metter a maior attenção do governo é o cuidado que deve haver com os navios, passageiros, e mercadorias vindas de portos contagiados, e dentro do reino com o barbaro uso dos enterros nas igrejas.

asphixiadas. Edição de Paris de 1818 pag. 106 e 107). Estes insectos reproduzem-se, e de um, que em poucos segundos toma o seu natural desenvolvimento, principiam a sahir milhares d'outros. São em tudo e por tudo terriveis e singulares; porque depois de desenvolvidos n'uma infusão aquosa, se esta infusão se fizer seccar, tornam ao estado vegetativo, ficando inactivos como os embriões das sementes por mezes e por annos, e se passados elles se tornarem a dissolver em agua, tornam a tomar a sua actividade animal! Não é menos admiravel o caso que traz Buffon no tom. 11.º da edição de Paris pag. 46 e seguintes.—Rhedi anatomisou um moleiro, logo depois da sua morte (ocasionada por uma molestia singular e desconhecida talvez), e achou-lhe o estomago, o colon, o cæcum, e todas as entranhas cheias de uma prodigiosa quantidade de vermes muito pequenos, que tinham a cabeça redonda e a cauda aguda, inteiramente semelhantes aos infusivos da farinha, e dos grãos de trigo: bem se vê nisto, que teve por causa semelhante molestia o diuturno uso da comida de papas, e a introdução do pó da farinha pela inspiração. Tambem os habitantes do deserto da Ethiopia, quando são reduzidos a nutrir-se unicamente de saltões ou gafanhotos, gera-se-lhes por fim no seu corpo uma tão grande quantidade de insectos alados, que lhes causam a morte, e os devoram (Buffon tom. 6.º edição em 31 volumes, pag. 216).

§ 2.º A introdução dos esporidios ou sementinhas invisiveis dos vegetaes, tambem pôde, em certos casos, ser muito nociva no estomago dos animaes, como por exemplo a da rubigo; a da nigela, ou alforra dos trigos; porque as plantas, que lhes dão naseimento a estas sementinhas, são microscopicas, e tem na sua substancia as mesmas qualidades dos fungos denominados *bexigas de lobo*; qualidades, digo, anesteticas, e venenosas, como lhes tem achado varios chimicos, principalmente *Sir Joseph Banks*. Eis aqui pois um ser organico vegetal, que é nocivo aos vegetaes e aos animaes.

§ 3.º Mas de todos os fungos, de todas as plantas parasitas cryptogamas, e agamas, não ha no meu entender nenhuma tão prejudicial como essa que se eria nas raizes podres pela contágio radical, a que chamarei *urêdo*, por lhe não saber outro nome, e que é um fungo bem singular, que vou descrever. É semelhante ás siliquas da herva denominada *bolsa de pastor*, pegado á raiz podre por um pé como o dos figos, o qual é cõr de cêra em quanto está tenro; depois faz-se cõr de terra, assim o mesmo fungo, tem este de comprimento desde tres a quatro linhas comprehendendo o pé, e de largura duas a tres; é deprimido na sua summitade, e a sua secção transversal é eli-

ptica; nasce muito aglomerado na parte mais grossa das raizes, e mais raro nas delgadas; abre-se quando está maduro por quatro suturas, duas dellas são lateraes e correspondentes ás extremidades do eixo menor elliptico, e as outras duas ás do eixo maior. Reduzida á quadratura a área seccional elliptica achei-lhe 13,105 pontos lineares de lado (termo medio entre todas)—e arbitrando quatro esporidios a cada ponto, vem a ter por lado 52,420, e na cubatura—144:042,632488, ou proximaente 144:043 (em numeros redondos cento e quarenta e quatro mil), e como as raizes que observei eram de ervanços, nellas achei desde 25 a 36 destes fungos, pelo que bem se póde orçar o termo medio, entre os examinados e por examinar em vinte cinco, cujo numero sendo multiplicado pela cifra dos esporidios—144:000, vem a produzir 3.600:000; á vista do que não nos podemos admirar que elles possam infeccionar grandes extensões de vinhas, pomares, hortas etc.; porque assim como nascem nas raizes pódras dos ervanços, tambem podem nascer nas de outros muitos vegetaes, e depois sahirem dali, encherem o ambiente, e atacarem todas as plantas em que acharem uma causa predisponente para as epidryadas. Este meu calculo é feito sobre bases tomadas muito a esmo, por mais não poder ser; porque não tenho microscopio, não sei se o parenchima dos fungos observados é todo composto de esporidios, como se vê nos da especie maior denominados *fungões*, ou se é dividido em cellulas, e tem grande parte de substancia inactiva; era tambem preciso descontar a grossura da pelle, e calcular mais aproximadamente quantos esporidios se comprehendem em cada ponto cubico; mas estas miudezas talvez nunca se poderão chegar a conhecer com precisão e rigor mathematico: parece-me que fiz um calculo diminuto; mas assim mesmo mostrei a prodigiosa propagação destas plantas. Ha tres annos que andei a fazer diligencias para as achar, e só neste as pude descobrir, tendo recommendado ao meu hortelão, que me dêsse parte logo que visse nos ervanços os primeiros signaes do *urdo*; elle assim o fez, e me avisou no dia 7 de Junho pela manhã; fui logo vê-los, e fiquei admirado e estatico a contempla-los, só por vêr a energia daquelles invisiveis esporidios. O ponto em que tocam na sua entrada faz-se logo livido, e se é n'um ramo tenro cahe para o lado; sendo mais duro vê-se-lhe a nodoa livida, e quebra por ali o dito ramo com o mais leve toque, e mesmo com o vento: a picada do aspide e da cobra de cascavel não é mais venenosa nos animaes. Se os ervanços são atacados de manhã, á tarde já tem a folha amarella, e no outro dia tão secca è queimada como se fosse pela geada, vento secco ou lavareda; em poucos dias apodrece-lhe o

caule, e na raiz se desenvolvem os fungos; eu tive occasião de os mostrar a todos os membros da Commissão vinhateira deste Concelho, ao Secretario da Camara e a um primo d'elle, o Sr. Moreira, que é alumno da Escola Medico-Cirurgica do Porto, dotado de grande talento, e que dá grandes esperanças á sua familia e seus amigos. O *uredo* ataca todas as plantas, arvores e arbustos, sem exceptuar os vegetaes ácreos e os venenosos; pois até vi os seus effeitos na cegude (*conitum maculatum*). Os ervanços porêem são os que mais padecem por terem (segundo penso) as folhas e ramos untados de um certo oleo, em que, pela analyse chimica, se tem achado acido oxalico, e que por isso mancha os vestidos de chita. São mais atacados aquelles que foram semeados em terrenos fortes e humidos, principalmente expostos ao meio dia.

§ 4.º Aqui tem os leitores uma causa occasional das epidryadas, a mais poderosa que eu conheço, e totalmente fóra do alcance das forças humanas; porque ninguém pôde andar a procura-la nos seus esconderijos debaixo da terra para extirpa-la, e muito menos pelo ar: o seu modo de invasão é o seguinte: Os fungos abrem-se mesmo soterrados, quando a terra sécca na força do verão, e derramão ali os seus esporidios; depois o arado e a enxada do lavrador levanta-os á superficie da mesma terra, e ali ficam invisiveis até assoprar um vento secco de leste na primavera ou no verão, que possa levanta-los e leva-los em turbilhões a seu capricho, para os derramar por cima das arvores e das plantas; os frios e as geadas não lhes fazem mal nenhum; porque tambem o não fazem ás miudas sementes da margaca, e de outras muitas hervas silvestres, que as sofrem todo o inverno, e depois nascem na estação propria. Nisto que digo dos ventos seccoos de leste vejo eu a razão de serem mais atacadas as vinhas expostas ao nascente e meio dia, do que as das outras exposições; porque os ditos ventos são dominantes na primavera e no verão, quando todas as plantas desabrochão ou tem ainda os seus pimpolhos tenros.

§ 5.º Ha tambem uma grande quantidade de insectos, que podem causar gravissimos prejuizos ás plantas, e mesmo epidryadas em certos casos, como adiante mostrarei, taes foram as lagartas que destruíram as hortaliças em 1851, tanto no continente do Reino como nas Ilhas dos Açores; este anno appareceu outra praga de lagartas de especie maior, que devoraram os batataes e os feijões na proxima freguezia de Seleirós, em Taboço, e por outras partes; nas lezirias de Lisboa desenvolveu-se, ha annos, uma tal quantidade de moscas destruidoras do trigo em quanto está em leite, que causaram grave pre-

juízo aos lavradores. As videiras sempre tiveram muitos inimigos; mas o insecto mais temivel, que pôde causar grande estrago nos vinhedos, é o *Pyral* (*P. vitis*) ou *Pyrillhã*; o *Rinchnitis-baceus* da especie maior deposita-lhe os seus ovos nas raizes, as suas lagartas fazem-lhe buracos, e por esta causa seccão; as especies menores, ou besouros verdes, avermelhados etc., fazem muito mal aos pimpolhos e á flor; iguaes damnos causam varias especies de gorgulhos, como são: o *Eumolplus*; o *Crypto cephalus*; o *Crysomeles* etc. Alem destes não deve esquecer o *Acridium* ou rocin; as tinhas, e as aranhas. Todavia, a presente *Epicenonia* não se pôde attribuir aos insectos; porque estes nunca atacaram os vinhedos de todo um Reino, quanto mais os de toda a Europa, ilhas do Mediterraneo e do Oceano, parte da Asia menor, e talvez muitas outras terras, de que não tenho ainda noticia; por conseguinte a causa occasional de semelhante doença sómente a posso attribuir ao *uredo*; porque este sempre existiu em grande abundancia por toda a parte, e sempre fez o mesmo effeito nas arvores ou plantas, que atacou; dahi lhe vem o nome derivado do verbo *uro*, que significa queimar. Se a *Epicenonia* é uma doença tão geral e mesmo universal, é porque a sua causa predisponente é tambem geral e universal: eu vou declara-la.

§ 6.º Causas predisponentes são todas essas, que diminuem as forças vitaes de todos os corpos organisados vegetaes ou animaes; porque estas forças dependem da harmonia organica, e se esta se desarranjar, diminuem-se aquellas: tambem pôde haver causas predisponentes na mesma estrutura dos ditos corpos organisados; mas isto é mais raro; não ha porém materia mais abstrusa, nem mais difficil de explicar, do que a presente, e por isso lhe darei maior extensão, e me servirei de muitos argumentos de analogia. A natureza deu aos homens a razão, os conhecimentos scientificos, e a faculdade da locomoção; aos animaes o instinetto, os sentidos mais apurados, e mais facil locomoção para se poderem livrar das causas das epidemias, e do perigo dos contagios: bem sabido é que os passaros fogem dos logares apestados, e não voltam a elles senão depois de ter passado a peste. As arvores e as plantas defendeu-as perfeitamente bem dos virus epidryacos, e dos insectos microscopicos, que podem entrar na mesma denominação, revestindo-as de uma couraça, para elles bem resistente, que é a sua epiderme composta de *silex* (pederneira) e de uma substancia lenhosa, sem vasos sevosos, para que não entrasse nada por ella que pudesse embaraçar as funcções vitaes; plantas ha, como a *rotanga* (especie de juncos ou fetos), cuja epiderme é tão forte, que fere fogo

com o fuzil, ou roçando com força dois pedaços de *caule* um contra o outro. (Vejam-se os Elementos de Chimica Agricola de Sir Humphry Davy, traduzidos por A. D. Vergnaud, edição de Paris do anno 1838 pag. 37) As folhas são defendidas pela parte superior por um verniz, que umas vezes é luzente e outras baço, conforme as especies, segundo elle, é composto de rezina, ou de cêra, ou da mistura de ambas; a parte inferior das sobreditas folhas é defendida por um cotanillo, que serve de filtro para coar os gazes e vapores, que por ali entram para a nutrição vegetativa, e para não dar entrada aos esporidios de plantas nocivas, nem aos vermes microscopicos; o verniz tem o mesmo destino, e nelle desembocam os vasos respiratorios, que permittem a sahida do gaz oxygeneo puro, e fecham-se a todos os corpuseculos estranhos: as folhas da Magnolia são modelos de perfeição, tanto no verniz luzente, que as reveste, como no cotanillo, que parece um finissimo tecido de casemira còr de canela; as flores defendem-se dos aphides com o aroma; pois é venenoso para elles, como se vê nas roseiras, aonde sobre as folhas ha milheiros, e nem um só nos petalos das rosas; tambem no fundo da corola existe uma substancia semelhante ao mel, que prende os pequenos insectos, ou corpuseculos nocivos, que ali cahirem: podem os insectos maiores destruir as flores, porque dahi não vem grande prejuizo; mas por nenhuma parte podem entrar nos vegetaes os esporidios ou vermes, que lhes possam inquinari a seva, uma vez que elles estejam vigorosos e perfectos; pois a natureza, attendendo á falta de locomoção, defendeu-os, como dito fica; as folhas de todos os vegetaes, seja qualquer que for a sua figura, são orgãos essencialissimos á vida vegetativa. Malpighi lhe chamou *raizes arecas*; mas em realidade são os pulmões das plantas aonde a seva se apura á semelhança da hemathose do sangue nos bronquios animaes; a differença consiste em que o sangue absorve nestes o oxygeneo, e larga o carbonho, que traz de mistura, e a seva, pelo contrario, absorve o carbonho, e larga o oxygeneo: admiravel disposição da natureza; para que se conserve sempre a atmosfera no seu estado normal, e proprio para conservar a vida vegetativa, e a vida animal! . . .

Os leitores curiosos podem vêr a figura 11.^a da estampa 3.^a da obra acima citada, Elementos de Chimica Agricola, em que se representa um pedaço de uma folha de videira aberto por um córte transversal, e visto ao microscopio; ali verão as helices das trachéas, as nervuras etc. de tão delicadas, e tão essenciaes organizações.

§ 7.^o Ora, como a mesma natureza, a mãi universal, dotou os seres vegetaes da facultade reproductiva por meio das sementes un-

nuaes, fez os generos perpetuos, e as especies mortaes e variaveis, razão por que o Plinio francez disse: *Tout change dans la nature, tout s'altère, tout périt*; isto é, tudo muda na natureza, tudo se altera, e tudo morre. Algumas plantas e arvores tem uma vida muito longa (fallo das especies) talvez devida á dureza do seu lenho, e á sua incorruptibilidade depois de chegar ao estado de perfeição: a videira ¹ e a oliveira entram neste numero, são filhas predilectas; mas assim mesmo são mortaes: causa bastante admiração que os descuidadissimos agricultores não tenham attendido a isto, antes se obstinassem a propaga-las sempre por botão, bacelleiro, enxerto ou estaca, o que tudo vem a ser o mesmo, e presentemente estejam em circumstancias de as perderem totalmente. A propagação por botão faz muita differença da de semente; pois aquella conserva as qualidades da planta mãi boas ou más no estado em que ella se acha, e a semente regenera, renova, infortalece, varia, e produz novas especies, como adiante mostrarei mais explicitamente. O botão nada mais é que um deposito de moleculas organicas elaboradas e aggregadas nas folhas, depois amoldadas ao molde interior, e dispostas a formarem novos pimpolhos, ou raizes: se os ditos botões se acharem mettidos na terra desenvolvem-se em raizes, e se ficarem no contacto do ar e do sol, em ramos e folhas; as mesmas raizes conservam esta natureza; porque muitas vezes deitam rebentões e folhas, que sahem fóra da terra. O methodo de agricultura das vinhas, mais seguido geralmente, tem sido o da propagação por botão; os primeiros homens que acharam as videiras, cortaram-lhe alguns ramos para plantar, e com este córte já ficou morto o lenho interior e a medulla ², que é um órgão essenciaesissimo; o al-

¹ A estatua de Jupiter da cidade de Populonia (segundo diz Plinio) foi feita do lenho de uma cepa de vide; as columnas do templo de Juno em Metaponto tambem eram destas madeira, e tambem no famoso templo de Diana em Efeso havia uma escada deste mesmo pão; tudo isto mostra que elle é durissimo e incorruptivel; porque os antigos só faziam estatuas dos seus deuses de materias incorruptiveis.

A oliveira tambem é incorruptivel, e por isso tambem os antigos estatuarios se serviam della, como se colhe de uma passagem e referencia a Herodoto, que se acha no livro 3.º de Polidoro de Virgilio, fol. 121, em que diz = e que os habitantes da cidade de Epilauro, aconselhados pela Pythonisa, foram pedir aos Athenieuses a mercê de lhe deixarem cortar nas suas terras uma oliveira para fazerem estatuas a Damia e Auxesia, suas divindades, a fim de aplacarem a sua cólera, e cessarem de os castigar com a fome e esterilidade dos campos. O que digo, porém, ácerca da incorruptibilidade destas madeiras, deve-se entender depois de cortadas e livres das injurias do tempo; porque ficando mortas sobre o pé, apodrecem.

² Linnæu comparava a medulla dos vegetaes com a cerebral e dorsal dos animaes, e attribuia-lhe a sensibilidade; M. Knight, extirpando a dita medulla a muitos vegetaes, e vendo que elles continuavam a viver, concluiu destas experiencias, que tal órgão de-

burno vegeta, cresce, e vai cobrir a extremidade superior e inferior, que foi cortada; mas nem sempre o consegue, e como traballia lentamente, e só uma parte do anno desde a primavera até o fim do estio, entra-lhe pela ferida a humidade, o ar, e muitos corpos estranhos, que vão dar origem á podridão, donde resulta (como vemos todos os dias) apodrecerem os troncos das videiras postas de bacellada dentro em vinte e cinco annos, e muitas vezes menos; forma-se uma nova vara de cada pimpolho, que pouco a pouco vai engrossando e vive com apparencias de vigor; mas essa vida já é achacada, e semelhante á dos animaes, que tem sirros no interior do seu corpo. As videiras, e bem assim todas as mais arvores, que se propagam da mesma fórma, alem desta lesão ficam sujeitas a muitos insultos dos agentes exteriores, que tendem a destrui-las: vem a saraiva de Maio, quando a nova vide ainda está mui tenra, e faz-lhe pisaduras, que lhe deixam varios pontos mortos, tanto no liber, ou entrecasco, como no mesmo lenho, os quaes, tornados sirrosos, tendem á podridão, e perturbam a corrente da sêva; os gêlos causam as falsas cascas, outros pontos mortos; os vermes fazem-lhe varios furos, e por esta fórma a saude e vida vegetativa enfraquece continuamente; tiram-se novas estacas, bacelleiros, pluma etc. destes vegetaes enfraquecidos, e nellas vai já um gráo menos de vida, e muitos achaques, de modo que, pela continuação repetida desta maneira de propagação, necessariamente ha de adoecer e morrer a especie. Não sómente se vê isto nas arvores e arbustos, tambem nas plantas, que por muitos annos se propagam seguidamente por cebolas, bolbos, raizes e tuberculos, como são as tulipas, as anemonas, os rainunculos e as batatas; estas degeneraram por tal modo em França no Ducado das duas pontes e no Palatinado (nomes antigos) que se fizeram totalmente estereis sem produzirem nada mais, do que raizes e ramos. (Memoria de *Mr. Parmentier*, lida na Sociedade R. de Agricultura no anno de 1786.) Quanto ás tulipas já tive uma especie dobrada de flores amarellas com riscas escarlates, que lhe deu a contágio radical, e perderam-se todas sem poder salvar nenhuma. Por conseguinte a velhice das especies, e o enfraquecimento causado pela repetição diuturna da propagação por botão, é uma causa predisponente para as epidryadas, uma tal causa, que por si só bastaria para lhe cau-

nada servia senão de conservar alguma humidade; mas=*experientia fallax judicium incertum*. = Este Autor esqueceu-se de que os novos pimpolhos regeneram a medulla, e por isso vivem. Alem disto as plantas tem sensibilidade, como agora se tem conhecido com a applicação do chloroformio á sensitiva, e para haver sensibilidade é forçoso haver um centro della.

sar a morte; mas neste estado de fraqueza e desorganisação *incipiente* nem os vegetaes podem elaborar com perfeição a sua sêva, nem revestir-se de uma epiderme capaz de os defender, nem ajuntar nas folhas aggregações de moleculas organicas para crear no futuro anno fruetos e pimpolhos; por conseguinte ficam imperfeitas as extremidades, e por *tampas*, entram por ellas os vermes e os esporidios das parasitas, principia a podridão das raizes, e nestas se geram espontaneamente (as mais das vezes) esses vermes, que as roem, e que levam as culpas de causarem a morte das arvores e plantas, quando elles em realidade não são a causa; mas sim o effeito do marasmo vegetal, e da velhice. Á vista do que deixo exposto, não culpemos a natureza em crear o *uécdo*; porque parece ser elle um executor das suas economicas disposições, e destinado a pôr um termo ás existencias morbosas, e muito inuteis; porque em ultima analyse nem do mesmo lenho das ditas arvores se poderia tirar proveito depois de mortas sobre o pé, e por esta maneira, ou serão a tempos e horas cortadas para madeiras, ou deixadas á discrição da mesma natureza apodrecem, cahem por terra, e tornando-a humosa e fertil, vão nutrir outros vegetaes viçosos. Alem desta causa predisponente, que fica dita, ha outras muitas, como por exemplo a demasiada humidade dos terrenos, em que se plantam arvores proprias de montados altos e seccos; porque as raizes se embebem de agua demasiada, e adoecem; algumas ha, como são as amoreiras, em que se observa esta causa de doença com tanta clareza, que se não pôde duvidar della; pois as folhas até fazem morrer o sirgo que as come. Os carvalhos, e traves de castanheiro dos parreirões do Minho, tem morrido atacados pela epidryada, em razão de estarem plantados pelas bordas de regatos e lameiros. As castinçearas de corte para arcos e vergueiros, adoeceram por serem successivamente por muitos annos cortadas na força da corrente da sêva. perdem as folhas quasi todas, não tem meios de aperfeçoar e poder elaborar aquella que absorvem as suas raizes, e por isso necessariamente adoecem; os ditos arcos e vergueiros sómente deveriam ser cortados depois da queda natural das folhas; alem desta causa tambem lhes falta a livre circulação do ar por estarem plantadas muito espessas; esta circulação e ventilação é essencialmente precisa á vida vegetativa; porque nas correntes do ar é que vai o gaz acido carbonico que a pôde conservar, e nestas mesmas correntes deve sair o oxygeneo puro, que as arvores e plantas respiram. Segundo o testemunho do Presidente de *La Tour de Aigues*, que vem na sua Memoria de Maio de 1787, inserta na collecção das da Academia de Paris, houve

em *Lintz* na Allemanha uma epidryada nos matos de madeira branca, que se parecia com a sarna dos animaes; nascião-lhe sobre a casca borbulhas sarnosas, que arrebetavam e formavam umas pustulas penetrantes até ao liber, e faziam morrer os individuos atacados. No mesmo tempo houve outra em *Brunswick* nos pinhaes do Hartz, que foi attribuida ás lagartas do *Dermestes typographus*, que appareciam em grande numero debaixo da casca dos pinheiros mortos; em fim os salgueiros do mesmo Auctor tambem morreram da epidryada, então reinante, sem que nestes apparecessem vermes. Tendo pois mostrado já varias causas predisponentes das epidryadas, vou examinar se as especies conhecidas e actuaes das nossas videiras estarão nos termos de se lhes poder attribuir, com bons fundamentos, a causa da velhice, como causa predisponente da epicænonia que as ataca, e que parece lhes causar a morte.

§ 8.º As videiras são antiquissimas e mesmo antidiluvianas; pois nos diz a Escriptura, que Noé plantára uma vinha logo que sahio da Arca.—*Capitque Noé vir agricola exercere terram et plantavit vineam.*—Ora, para poder plantar uma vinha era preciso que houvesse videiras donde se colhessem bacelleiros, e tambem por esta mesma passagem da Escriptura se conhece que o modo de propagação era plantar bacello, e não semear; porque a letra diz—*plantavit*—e não—*seminavit*.—Como porém estas cousas se passaram em mui remotas eras, e como, seculos depois, sabemos pela historia que os homens tornaram a servir-se das videiras labruscas, ou silvestres para crearem vinhedos, é preciso vir a estes tempos mais proximos. Polidoro de Virgilio nos diz na sua obra intitulada—dos Inventores de todas as cousas—que Oresthéo filho de Deucalião, reinando na Sicilia, achára por acaso perto do volcão do Etna uma videira silvestre, da qual o seu cão chamado *Ænon* esgaçára um ramo, que elle o fizera plantar, e deste se propagaram as primeiras videiras. (Veja-se a predita obra livro 3.º fol. 119 verso.) Não é impossivel nem absurda esta historia; porque Oresthéo veio da Thessalia, aonde talvez já fosse conhecido aquelle arbusto; como quer que seja, o nome de *Ænon* permaneceu entre os gregos até os nossos tempos significando o vinho, e as videiras em que se eria. Da Sicilia passaram para a Italia estas utilissimas plantas em questão, e da Italia passaram para França pelas informações de *Arunte*, homem nobre, que tinha emigrado da sua patria. Tambem as colonias Phocienses, que vieram da Phocéa, situada na costa occidental da Asia menor, e fundaram a cidade de *Massilia*, hoje Marsellia, na era de 600 antes de Christo, trouxeram consigo as

videiras; mas hoje não é possível conhecer que especies eram. Plinio, porém, no liv. 14 traz o nome das conhecidas no seu tempo, e farei menção d'algumas: a saber=*Aminca* ou *Aminca*, cujos bagos parecem cobertos de uma ligeira flor de farinha; esta especie distingue-se bem pelo signal caracteristico que lhe deu a natureza, é a nossa *nevocira*, n'outras partes chamada *padeiro*, ou *moleiro*, d'ella disse Virgilio nas Georgicas=*Sunt etiam amincae vites firmissima vina.*=Ora, *amincaum* era um certo logar da Italia, e o nome quer dizer: =videiras de *amincaum*, como quem dissesse: videiras de Covas, Ventozelo, Bateiras etc. *Apia uva*, ou *uva apiana*, isto é, uvas das abelhas; esta especie ainda conserva o mesmo nome entre nós, e se chama *Abelhal*, ou *Abelhaes*; porque as abelhas a preferem a todas as mais; os muscateis de vinha, ou cepa baixa, são uma variedade da mesma especie, muito semelhantes no gosto e nas folhas, e que tambem as abelhas muito procuram. *Stephanides*, ou uvas coroadas, tinham uma coroa de folhas na parte superior dos cachos; não conheço nenhuma das nossas que tenha este signal, apenas os *bastardos* deitam algumas folhas por entre os bagos, e porque tem algumas semelhanças com as supraditas, ainda que muito degeneradas, talvez por isso lhes pozessem este nome *bastardos*; mas isto, que digo, não passa de uma conjectura pouco fundada.

A *uncial* romana tinha este nome; porque pesava uma onça cada bago; esta especie é a nossa ferral tamara; pois estando em boa terra e sitio quente, ainda produz bagos semelhantes. As *monospermes* só tinham uma semente em cada bago; agora não conheço nenhuma analoga. As *bumastes* são as nossas ferraes, denominadas corações de gallo; o nome latino é derivado do grego, bumastos, que significa o dito coração de gallo. Virgilio na Georgica 2.^a dizia: *Transierim Rhodia et tumidis, Bumaste, racemis.* As *dactilas*, ou dedos, conservam entre nós o mesmo nome, e são as ferraes brancas, denominadas dedos de dama. As *eugénias*, ou uvas nobres, bem nascidas, uvas de casta, eram, como entre nós dizemos, varias especies distinctas pelo seu merecimento para dependurar *em redeas* e guardar: ainda hoje os vinhateiros usão da mesma expressão, *as uvas de casta amadurecerão bem este anno; as uvas de casta são muito procuradas para embarque etc.* As Rhodianas são os *alicantes*, de que se fazem excellentes passas, que se exportam de Alicante e tambem de Rhodes; em fim as *libianas* dos latinos, são hoje as nossas *mouriscas*; um e outro nome indica a origem africana.

§ 9.º No anno do mundo 3996, ou 38 annos antes da era

christã, aconteceu a divisão do Imperio Romano entre Marco Antonio, Marco Lepido, e Cesar Octaviano, a quem pertenceu a Hespanha, e necessariamente foram os conquistadores romanos que nos trouxeram as videiras mencionadas; visto que ellas conservam os caracteres distinctivos daquelles nomes latinos, que ditos ficam; por conseguinte estas especies não podem ter menos de dois mil annos de idade, attendendo a que já tinham bastante na Italia antes de virem para a Hespanha. Ora, como poderia acontecer que estas ditas especies romanas fossem aquellas que mais adoecessem na Ilha da Madeira, em Lisboa, e no Douro, se não houvesse uma causa inherente a ellas? . . . Esta causa é a velhice; nem é muito que ás videiras aconteça o mesmo, que se observa nas outras especies de vegetaes de vida mais curta; porque ellas não são eternas: *Natura simplex est semper sibi consona, et superfluis rerum causis non luxuriat* (Newton); isto é, a natureza é simples e concorde sempre consigo mesma; não emprega causas superfluas. Para confirmar esta doutrina apontarei os seguintes exemplos de outras especies de arvores extinctas pela mesma causa da velhice. *Sexto Papinio* trouxe para Roma as primeiras macieiras que ali se conheceram, as quaes eram de duas especies denominadas *Zizifas* naturaes da Africa, e *Turmas* da Syria; isto aconteceu quasi nos ultimos annos do imperio de Augusto Cesar, e de taes especies, já ha muitos seculos, se perdeu a casta totalmente, ficando só os nomes na historia. Segundo o testemunho de *Sir Humphry Davy* (El. de Chim. Agr. pag. 164) houve antigamente na Inglaterra outras duas especies de macieiras muito estimadas, que se chamavam a *Calvilha* vermelha, e a *Mail*; ambas eram muito especies para fazer a cidra; mas a velhice extinguiu-as sem que fosse possível salva-las por meio da enxertia; porque a planta ou pluma tirada das arvores velhas pegava e vegetava dois ou tres annos, e depois morria. *M. Knight* fez numerosas experiencias desta enxertia para se confirmar deste facto, e veio a conhecer que é verdadeiro; porque a pluma da arvore caduca leva consigo a molestia da mãe, e não pôde viver. Advirto, porém, que *M. John Davy* é de outra opinião; mas não estava bem informado; pois as minhas proprias experiencias confirmam as de *M. Knight*. Eu tinha duas pereiras, que muito estimava, denominadas *marquezas*, ou de *bom christão*, e regressando a esta terra, depois de vinte e quatro annos d'ausencia, achei-as decrepitas, e mandei logo tirar dellas pluma, e fazer enxertos no anno de 1847; pegaram estes muito bem, e conservaram-se até o de 1852; mas na primavera passada morreram; uma das pereiras mães morreu tambem ha dois an-

nos, e a que restava acabou neste. Lembro-me de ter lido, sem que me recorde agora do Auctor, que esta casta de peras viera da França no reinado de Luiz XIV com o nome de *poire de bon crétien*; porque naquelle tempo renasceram, desgraçadamente, as odiosas distincções de bons e máos christãos, alludindo aos hugonotes. Outra especie de pereiras antigas é a denominada de *Francisco Ribeiro*, da qual não sei a origem; mas a tradição attesta a sua antiguidade: eu tenho outras duas arvores desta especie, já na ultima decrepidez, tenho tentado renova-las por enxerto, mas de balde; porque tem morrido todas, e até fazem seccar os chamados *carvallos* (catapreiros) em que se enxertam. Por conseguinte parece-me que não pôde haver duvida nenhuma sobre este ponto importantissimo da velhice das especies vegetaes, e que ellas se extinguem infallivelmente decorridos aquelles annos marcados pela natureza, que são proprios da sua existencia. É preciso, porém, não confundir a velhice dos individuos de qualquer especie com a velhice da mesma especie; porque esta apenas se conhece pelos effeitos, como são os vícios organicos da sua achacada progenie, a predisposição para as doenças, principalmente epidryacas, e finalmente pela extensão e generalidade das mesmas epidryadas, apesar da differença dos climas; a velhice dos individuos tem signaes muito distinctos: eriam vaccas sobre a casca assim que tiverem o lenho interior podre, cobrem-se de musgo e de outras plantas parasitas, fazem-se estereis, e os seus ramusculos curvam-se para a terra. As melhores especies de macieiras modernas foram introduzidas na Inglaterra pelo jardineiro de Henrique VIII, e quando escrevia *Sir Humphry Davy* os seus *El. de Chimica Agricola*, estavam já nos ultimos periodos da sua velhice (Veja-se a obra citada pag. 165); por esta passagem se infere que a vida das sobreditas macieiras apenas poderia chegar a trezentos annos; as pereiras, segundo *M. Knight*, podem durar quatrocentos; os castanheiros e carvalhos mil; a idade das videiras ainda se não sabia; mas talvez esta universal *epucnonia* a venha determinar; pois o que sabemos com certeza é que já passam de duas mil todas as suas especies, que geralmente se tem propagado por botão, quero dizer, buccelleiros, parugeus, barbadas etc.

§ 10.º Alem das especies romanas, já mencionadas, temos outras muitas de nomes triviaes e variaveis de um para outro districto, como são por exemplo, o *tinto cão*; a *boca de mina*; a *espadeira*; a *tinta amarella*; a *castelôa*; o *mureto*; o *viosinho*; o *folgazão*; o *azal* ou *souzão*; a *alvarassa*; o *alvarelhão* etc. É evidente, que por taes nomes se não pôde conhecer a sua origem; mas sempre observarei que o

nome *azal* me parece de origem persica, composto do artigo *al*, que é arabe, e do nome *zual* persico; porque designa a qualidade mais característica das uvas desta especie, que é a de serem negras como o carvão; *zual* significa isto, e *al* é, como disse, o artigo *a*, ou *o*, dos arabes, de modo que a palavra *azual* na sua origem persiana devia significar *o carvão*; por conseguinte achio-lhe bastante propriedade, e mui pouca alteração no vocabulo, apesar de ter sido transmittido oralmente. Os dois nomes *alvarelhão* e *alvarassa* tem origem arabe decididamente, segundo as regras que nos deixou Fr. João de Sousa nos *Festigios da Lingoa Arabica em Portugal*, pag. xii do Prologo e Explicação; por conseguinte talvez nos viessem da Arabia e da Persia; todas as mais tem vindo do Oriente e da Italia; algumas tambem da França, como por exemplo, a tinta denominada *tinta de França*, em que não póde haver duvida, e muitas tintas novas, que presentemente se cultivam no Douro, foram mandadas vir dali pelo proprietario fundador da quinta de Roriz, que era um Irlandez; mas já sabemos que as videiras francezas, introduzidas pelas colonias Phociences, são tão antigas como as romanas; aquellas que trouxeram os cruzados da Palestina no seculo 12.^o e que deram origem ás vinhas do Rossilhão, igualmente são antiquissimas como as vinhas donde se cortaram os bacelleiros; neu se alterou esta idade das sobreditas videiras pelo edito de *Domiciano*, que as mandou arrancar nos dois annos do seu imperio desde 96 a 98 (era de Christo), nem pelo outro edito de *Probo*, que tornou a permittir a sua plantação nos annos que decorreram desde o de 276 até 282; porque foram plantadas de bacelleiros tirados de algumas videiras antigas escapadas á perseguição, e não consta da historia que fossem sementeas. Tambem não consta que neste Reino se fizessem nunca alfobres de videiras; apenas Vicencio Alarte, no seu Tratado da Agricultura das Vinhas, faz menção de duas ditas, que parece nasceram de semente por acaso, e que lhe deram uvas tão excellentes n'uma parreira, que elle denominou, Reaes; mas é possível que tanto na França, como na Italia, ou por outras partes tenha havido mais acasos, como esse de Alarte, que a natureza, sempre solícita na conservação dos generos vegetaes, tenha conseguido perpetuar este de que tratamos, e que tanto estimamos, por meio de algumas sementes salvas da tyrannia da mão humana, e se assim for, as novas especies vindas por semente hão de resistir á epidryada geral, e hão de servir para renovar as nossas vinhas: não estará mui longe o tempo de conheccermos isto.

CAPITULO IV.

CAUSAS QUE FAZEM RACHAR OS BAGOS DAS UVAS, E APPARECER NELLES E NAS VARAS OU VIDES AS NODOAS DENEGRIDAS.

Dans le règne végétal en vie il faut considérer la forme extérieure, et la constitution intérieure.

(Lições de Ch. Agr. pag. 37)

§ 1.º É preciso, (diz esta epigraphe) considerar não sómente a fôrma exterior dos vegetaes; mas tambem a sua constituição interior. Eis aqui o que eu fiz para chegar a conhecer a verdadeira causa deste phenomeno das echimoses ou nodoas denegridas nas varas e bagos das uvas, e de elles racharem. Nas minhas observações do 1.º Capitulo descrevi os primeiros symptomas da doença, essas nodoas pontuadas compostas de pontinhos denegridos etc; a transpiração de uma especie de suor sevososo, muito visivel nos bagos; a pontuação negra das folhas; e o pó negro que fazia fuliginosa a agua da chuva; por onde conheci que elle era carbono puro. Ora bem. No estado actual da chimica, e das sciencias naturaes, não se conhecem mais de cincoenta e quatro elementos; quarenta e dois destes são metaes; sete são corpos inflammaveis; cinco umas substancias, que se unem aos metaes, e aos corpos inflammaveis, para formarem os acidos; os alcalis; as terras, e outros compostos analogos. Estes elementos ditos estão sujeitos ao poder da attracção chimica, e debaixo deste poder elles se combinam em diversas aggregações mais simples, produzindo as combinações cristalinas, que se distinguem pela regularidade constante das suas fôrmas, e que se chamam *sacs*. Os mesmos elementos se combinam tambem n'outras aggregações mais complicadas, e constituem as substancias animaes e vege-

taes. Por meio da influencia do calor, da luz, e da electricidade forma-se uma serie continua de mudanças; a materia organica toma novas fórmas por maneira que, *a destruição de uma ordem de seres organicos faz a conservação d'outra ordem*: a dissolução, a consolidação e a renovação formam a cadeia infinita da natureza, e por isso, em quanto fluctuam em continuas mudanças uma parte das moleculas organicas, a boa ordem, a harmonia e o todo do systema universal ficam inalteraveis.

§ 2.º Dos elementos acima ditos apenas sete ou oito entram na organização vegetal; destes mesmos sómente tres, e raras vezes quatro, são os que formam toda essa immensa variedade dos seus productos, segundo são combinados os seus atomos em maiores ou menores porções, ora de uns, ora de outros desses ditos tres ou quatro elementos: por esta maneira vemos formados os acidos; o assucar; as gommasete. como vou provar; pois não ha nada mais admiravel, nem que demonstre com a maior evidencia que, *a mais leve desorganisação dos vegetaes necessariamente ocasionará grande alteração nos seus productos*. O acido oxalico (natural ou vegetal) compõe-se de 7 partes de carbono, 8 de hydrogenco, e 12 de oxygenco. O acido tartarico de 3 de carbono, 6 de hydrogenco, e 4 de oxygenco. O acido acético de 18 de carbono, 22 de hydrogenco, e 12 de oxygenco. O assucar de 3 de carbono, 8 de hydrogenco, e 4 de oxygeneo. O amido de 11 de carbono, 20 de hydrogenco, e 10 de oxygenco. A gomma arabica de 11 de carbono, 20 de hydrogenco, e 10 de oxygenco. Eis aqui já bastantes exemplos para mostrar a diversidade dos productos das combinações de tres elementos; apontarei um das combinações de quatro, que são mais raras. A albumina vegetal compõe-se de 9 partes de carbono, 32 de hydrogenco, 5 de oxygenco, e 2 de azoto: as amendoas tem bastante albumina; mas o succo do *gombout* (*hibiscus esculentus*) tem tanta quantidade, que, na Ilha de S. Domingos se servem d'elle para clarificar o assucar em logar das claras d'ovos. As proporções definidas dos elementos acima ditos, são tiradas das avaliações feitas por *MM. Gay Lussac e Thenard*. (Lições de Ch. Agr. pag. 71 e seguintes.) A seiva das videiras, alem dos elementos, já mencionados, carbono, hydrogenco, e oxygeneo, contem uma substancia analoga ao coalho do queijo, que foi descoberta, modernamente, por *Dejeux*. Em fim, tendo estabelecido os principios em que me fundo, passarei ás explicações dos phenomenos desenvolvidos pela *epicenonia*. A debilidade fisica das videiras, o desarranjo da harmonia organica, sem duvida nenhuma procedido da sua extrema velhice, da cultura prolongada por botão, isto

é, bacelleiro, barbadas, enxerto etc. como já disse em outro logar; da conservação, muitas vezes secular, no mesmo terreno, em vinhas espessas; e talvez da introdução de seres organicos reproductivos na sua economia vegetal, faz com que uma boa parte da seva transpire em vapores invisiveis pelas varas e folhas, e visiveis e sensiveis pelos bagos, formando sobre a pellicula delles um suor anormal. Ora, tanto os vapores como o suor decompõe-se no contacto do ar, da luz e do calor, evolum-se os gazes menos condensaveis, e deposita-se o carbono sobre a epiderme, como se vê nas folhas, e no orificio dos póros; como se observa nos bagos, nos peduncullos delles, nas axillas das preditas folhas, e na pelle das vides, ou varas: esta transpiração, o suor, e a carbonisação, parecem-se muito com o phenomeno da ferrugem das oliveiras, a qual, pôde ser que tenha as mesmas causas; como porêem alguma parte da seva das videiras, depois de extravasada, fica adherente no exterior sem chegar a carbonisar-se, cria o outro phenomeno do *oidium*; porque esta planta parasita nasce facilmente aonde quer que ache algumas substancia de que se alimente, como já ponderei n'outra parte. A mesma seva, principalmente depois de concentrada, é pegajosa por causa da materia sacharina della componente, e por esta causa unindo-se ao carbono depositado na pelle dos bagos da parte do sol e da luz, tanto na epiderme como na derme e mais tegumentos, fa-los endurecer, e tira-lhes a propriedade de poderem dilatar-se e crescer na devida proporção em que o bago vai crescendo, e bem assim a pelle do lado opposto ao sol; por conseguinte a turgencia dos succos faz com que elle rache justamente pelo sitio em que a pelle está offendida; pela mesma razão a polpa do parenchima, augmentando de volume do sobredito lado da sombra, impelle as grainhas ou sementes a sahirem para fóra da parte rachada, dando aos cachos um aspecto hediondo. As nodoas das folhas procedem da extravasação da seva por baixo da epiderme atravez da substancia parenchimosas delias: eu as vi principiar no dia 30 de Agosto deste corrente anno, como fica dito no capitulo 1.º Desta extravasação, que lentamente vai invalidando quasi toda a capacidade das folhas doentes, é que procedem os maiores estragos; porque a dita seva se decompõe, e se deseca a ponto de fazer-las crespas e murchas, como se fossem lezadas pelos ventos seccos e ardentes, ou pelas geadas, e assim se despegam e cahem das videiras extemporaneamente. É nestes órgãos essenciaes á vida vegetativa, aonde se aggregam as moleculas organicas que vão depois depositar-se nas cellulas do liber ou entrecasco para no futuro anno criarem novos pimpollos, flores e fructos; é nos mesmos ditos órgãos

ou polmões vegetaes, que durante a Primavera, Estio e Outono se elabora o sangue vegetal (a seiva), que ha de nutrir e criar os ditos pimpolhos, flores e fructos, e como poderá faze-lo uma vez que a séde da doença parece ser, essencialmente nos mesmos polmões vegetaes? Esta molestia é um *marasmo* verdadeiro, e no meu entender, leitores, acredito que a de um anno prepara outra peor para o vindouro. Mas aonde irá isto parar? Eis ahi o que eu não posso dizer; pois ignoro se a natureza terá meios de a fazer cessar; não cessando, necessariamente mata as cépas, como já tem feito a muitos centos dellas. O phenomeno do máo cheiro exhalado das videiras, no gráo mais elevado da doença, só póde ser devido á transpiração morbifica dellas; porque tendo a sua seiva essa substancia vegeto-animal, semelhante ao coalho do queijo, nella deve haver azoto, e talvez que este combinado com algum dos outros gazes forme novas combinações, donde resulte aquelle insupportavel fedor. Á vista do que deixo exposto, inuteis serão todos quantos remedios se tentarem; porque nenhum delles póde tirar a causa predisponente da epicenonia, isto é, a extrema velhice das especies de videiras cultivadas; pertender que ellas sejam eternas, parece-me um absurdo, e fazer a guerra ao *Oidium*, uma puerilidade; o remedio, pois, que será infallivel e seguro para renovar as vinhas, está nas sementeiras feitas com muito conhecimento de tão importante materia, tirando as sementes de videiras sãs, e de sitios em que não reine ainda a doença: desenvolverei esta importante materia no capitulo seguinte.

CAPITULO V.

THEORIA DA GERAÇÃO VEGETAL, DA FECUNDAÇÃO DAS SEMENTES,
E MANEIRA DE AS ESCOLHER.

..... *Et vidit Deus quòd esset bonum et ait: Germinet terra herbam virentem, et facientem semen, et lignum pomiferum faciens fructum juxta genus suum, et facientem semen juxta genus suum, cujus semen in semetipso sit super terram. Et factum est ita.*

(Genesis, Cap. 1.º v. 11.)

(TRADUÇÃO.)

E viu Deus que isto (que tinha creado) era bom, e diz=Produza a terra herba verde, que dê a sua semente; e produza arvores fructíferas, que dêem fructo, segundo a sua especie, e que contenham a sua semente em si mesmas para a reproduzirem sobre a terra. E assim se fez.

§ 1.º Duas cousas muito importantes temos a considerar no texto citado das Sagradas Escripuras; uma destas é o *mandato* do Creador. «Produza a terra herba verde, que dê a sua semente e produza arvores fructíferas, que dêem fructo, segundo a sua especie, (attentè videte) e que contenham a sua semente em si mesmas para a reproduzirem sobre a terra.» A segunda é a execução da natureza, o artificio organico e admiravel, que ella empregou para o conseguir, e que nos deixou coberto de um veu mysterioso. Tudo isto se encerra naquellas palavras: *Et factum est ita.*

§ 2.º Quanto á primeira parte direi que, se a Divina Sabedoria não conhecesse a necessidade da reproducção por sementes, escusado fôra determina-lo assim tão explicitamente; porque mais simples cousa seria a reproducção por botão, como se vê em muitas plantas e arvores; mas era então preciso que as especies vegetaes fossem eternas e indestructiveis, cousa impossivel, que o mesmo Deus não podia fazer; pois elle só é eterno. Como isto, porém, pertence á metaphysica, não serei mais extenso, a fim de me occupar da parte physica, isto é, da geração vegetal. Mas será possivel, e será licito entrar no santuario da natureza, e levantar, ao menos, uma ponta do veu com que nos occulta o mysterio já dito da geração? Parece-me que sim, porque se tracta de cousas materiaes; quanto ao possivel, faremos as diligencias.

§ 3.º Entre a vida vegetativa e a vida animal ha tantos pontos de contacto, e na faculdade reproductiva tanta semelhança, que não será fóra de proposito comparar a geração dos animaes e dos vegetaes uma com a outra, nem servir-me dos exemplos de analogia, que poder aproveitar dos primeiros ditos. A este respeito já disse Mr. de Buffon. . . . « et plus on fera d'observations; plus on se convaincra, qu'entre les animaux, et les végétaux le Créateur n'a pas mis de terme fixe, que ces deux genres d'êtres organisés ont beaucoup plus de propriétés communes, que de différences réelles, que la production de l'animal ne coûte plus, et peut-être moins à la nature que celle du végétal, qu'en général la production des êtres organisés ne le coûte rien et qu'enfin le vivant et l'anime, au lieu d'être un degré metaphysique des êtres, est une propriété physique de la matière. » (Historia Natural de Buffon, tom. 3.º pag. 24.) Traducção. Quantas mais observações se fizerem; maior convicção haverá, que entre os vegetaes e os animaes não poz o Creador um termo fixo; que estes dois generos de seres organisados tem mais propriedades communs do que diferenças reaes; que a producção do animal não custa mais, e póde ser que menos á natureza do que a do vegetal; que em geral a producção dos seres organisados não lhe custa nada, e que em fim tudo aquillo que é vivo ou animado, em lugar de ser um gráo methaphysico dos seres, é uma propriedade physica da materia. Por consequinte, fundado em tão respeitavel auctoridade, como é a de Buffon, eu vou mostrar os esforços do espirito humano desde tempos muito remotos, para chegar a saber alguma cousa em nossos dias; mas serei brevisimo, attendendo aos estreitos limites desta Memoria.

§ 4.º Platão, esse grande filosofo da antiguidade, engolfando-se

na metaphysica, dizia—«Que a essencia de toda a geração consistia na harmonia do numero tres; ou do triangulo, isto é, *o que gera; aquelle que é gerado; e o donde foi gerado.* Que a successão dos individuos nas especies não é mais do que uma imagem fugitiva da eternidade immutavel desta harmonia triangular, prototypo universal de todas as gerações. . . . Se o leitor percebe o que isto quer dizer, cu por mim confesso que nada entendo, e deixarei fhear em paz o illustre Auctor com o seu triangulo e com a sua harmonia. Hippocrates, se tivesse um bom microscopio talvez descobrisse a verdade; pois a sua opinião era a seguinte: «Que o esperma animal do sexo masculino era uma secreção das partes mais fortes e mais essenciaes do corpo humano. Esta idéa já é de um filosofo de bom senso, e tudo o mais que elle imaginou ácerca do feminino e da maneira por que se gera o feto, etc. denotam um grande talento. Aristoteles, empregou o seu tempo e vasto engenho em fazer numerosas investigações ácerca da geração, e dellas concluiu que, sómente o esperma masculino era aquelle que continha o principio prolifico, e que o feminino nada produz, que se possa reputar como tal. Averroes, Avicena, e muitos outros philosophos da escola de Aristoteles, negaram tambem ao animal feminino a faculdade prolifica, e com taes razões, que por muitos annos ficou prevalecendo aquella doutrina. Harvey ou Harveu, a quem devemos a primeira descoberta da circulação do sangue, pertendia, que tanto o homem como todos os animaes viviparos e oviparos procediam ou se geravam dentro de um ovo: esta opinião tambem teve sequazes, e se conservou longo tempo. Malpighi, tendo observado com a maior attenção a cicatricula dos ovos de gallinha não gallados, e comparando-os com os gallados e fecundados, achou que a cicatricula dos primeiros nada mais era do que uma mancha irregularmente circumscripta, e que no centro desta se distinguia um corpo globuloso, como uma mole, que não encerrava cousa nenhuma organisada; nos ovos fecundados, pelo contrario, a dita cicatricula era maior; o ponto branco de Harveu (o ponto fecundado) assemelhava-se a uma bolsa com o feto dentro, o qual se distinguia bem por causa de ser a membrana do amnios transparente; passadas seis horas de incubação já se via distinctamente a cabeça do embrião pegada á espinha dorsal etc. . . . Neste estado de cousas foi quando o aperfeiçoamento dos microscopios fez descobrir os animalculos spermaticos.

§ 5.º Appareceu Bullou, como um astro luminoso das sciencias naturaes, o qual logo fez numerosas experiencias e descobriu as seguintes cousas, a saber: 1.ª No esperma de todos os animaes desco-

briu com o microscopio uns filamentos á semelhança de ramos vegetaes sem folhas cheios de nós, e destes nós sahiam para fóra, e se despegavam um globulos vivos, que se moviam com muita rapidez. 2.^a Estes mesmos globulos divisou o sabio Auctor na infusão dos pimpolhos de mais de vinte especies de vegetaes, e referindo o que então lêra no Jornal dos Sabios, pertencente ao mez de Agosto do anno de 1678, diz « Que Mr. Huguens vira os mesmos animalculos infusivos na pimenta; na seva dos olmos, e na semente dos coentros. (Historia Natural de Buffon, tom. 3. pag. 352.) 3.^a Fez mais o distincto Naturalista varias infusões de carne, e nellas descobriu os mesmos animalculos; elle (Buffon) e M. Necdham, para se enganarem se aquelles ditos pontos vivos seriam destruidos pelo calor, assaram uma pouca de carne, e depois fizeram infusões della, e viram novamente os mesmos animalculos. (Dito tom. 3. pag. 378 e seguintes.)

§ 6.^o Eis aqui pois as moleculas organicas da natureza, indestructiveis e sempre vivas, tanto nos corpos animaes como nos vegetaes; tanto na seva destes como na semente; a electricidade anima-as, e como que lhes dá uma vida nova. M. Cross em Inglaterra, com a sua pilha voltaica de colossaes dimensões, quando applicava o fio do conductor positivo, ou do fluido positivo ¹ ás superficies de muitos corpos inertes, como a terra, as telhas, tijolos, pedras de granito etc. fazia desenvolver as moleculas vivas, levantavam-se, moviam-se, mis-

¹ A palavra *electricidade* deriva-se do grego, ou do termo, *electron*, que significa Alambre; porque primeiramente se observou, que esfregando-o sobre um estofa attrahia as arestas e miudos filamentos; depois se descobriu que esfregando com a mão um lenço de seda bem secco, um tubo de vidro, o lacre, o azeviche e a resina, tambem nestes corpos se desenvolvia a mesma electricidade; a qual attrahia primeiramente os ditos corpos tenoes, arestas, filamentos etc. e depois os repellia. *Franklin*, para explicar estes phenomenos, suppoz que um corpo muito carregado do fluido electrico se devia chamar *positivamente* carregado, e que neste caso attrahia aquelles que tinham menor porção do mesmo fluido, os quaes se deviam denominar *negativos* ou menos carregados; outros físicos denominaram o mesmo fluido *vitreo*, quando era mais forte, e resinoso, sendo mais fraco; *Dufay* suppoz que todos os corpos tem sobre a sua superficie um fluido electrico natural composto dos dois fluidos, positivo, e negativo, ou por outro nome, vitreo, e resinoso; ora, se o vidro, convenientemente isolado, como está nas machinas electricas, for esfregado com força entre cochins de couro cobertos de uma amalgama metallica, desenvolve a electricidade vitrea, e se lhe aproximarem outro corpo qualquer sómente com o seu fluido natural, a parte deste, que é resinosa, se accumulará em frente do vidro por influencia, e será decomposta, recebendo fluido vitreo. Em quanto o recebe ha attracção; mas depois disto, o dito fluido natural do corpo aproximado fica tambem vitreo, e segue-se a repulsão por serem ambos os fluidos da mesma natureza. Esta hypothese de *Dufay* pouco differe da de *Franklin*, e não passa de uma hypothese, só é verdade indubitavel a existencia do fluido electrico, e que elle umas vezes attrahie, outras repelle os corpos, que se approximam do vidro electrizado.

turavam-se etc. á maneira de resurgidas, e tanto que desviava dellas a corrente galvanica, amorteciam-se, e ficavam inactivas. Eu não tenho presente a obra ou Memoria de M. Cross, que em Lisboa me emprestou o meu intimo amigo, e illustre Collega, o Sr. M. J. M. da C. e Sá, hoje falecido, por quem sempre conservarei as mais saudosas recordações: não posso, pois, fazer uma exacta citação; parece-me que me recordo bem; mas como a memoria é labil, tambem é possível enganar-me em alguma cousa, sem que por isso deixe de ser exacto o phenomeno observado. Quando li aquellas observações de se descobrirem as moleculas vivas e organicas em materias inertes e seccas, só podia conceber semelhante resultado lembrando-me que ellas poderiam estar mettidas nos poros daquelles corpos, ou pegadas á poeira adherente a elles; porque de facto *Leavenhoek* descobriu na infusão da materia barrenta e pegajosa, que adhire ás telhas dos caleiros dos telhados os mais notaveis animaleculos rotiferos, que se podem imaginar; pois tem duas e ás vezes quatro rodas dentadas unidas á cabeça, e que rodam sobre os seus eixos, como as das carruagens. Assim que se evapora a agua da infusão, elles (ditos animaleculõs) ficam dormentês, e assim podem permanecer por annos, e tornar a reviver em outra nova infusão. (Veja-se a *Physica Recreativa* de M. Julia de Fontenelle, quinta edição de Paris do anno de 1836.) Já que toquei neste objecto, e para melhor expôr a minha opinião, referirei a noticia, que dá a mesma obra citada, de outros animaleculos infusivos; a saber: Os grãos de pimenta infundidos na agua por alguns dias, e vistos com um microscopio acromatico, deitam fóra de si uns animaleculos semelhantes ás centopéas com uma infinidade de pés, e com umas sedas compridas em fórmula de cauda; na infusão da avêa, e da palha descobrem-se outros animaleculos semelhantes na figura aos ovos das formigas, e alguns com fórmulas de garrafas, outros de bexigas; e não obstante não terem pés nem barbata-nas, movem-se com rapidez, e rodam sobre si mesmos dando mais de cem voltas por minuto, outras vezes tomam o movimento progressivo. N'outras infusões vegetaes ou animaes descobrem-se outras especies destes animaleculos denominados *prothecos*, em razão de variarem de fórmula a todo o momento; igualmente apparecem os *volvox*, os *brachions*, e os *vorticelles*. No pó da casca do queijo, ou codea, e na das fructas seccas, vê-se, por meio do microscopio solar, uma multidão dos sobreditos animaleculos, bem organisados, e muito vorazes, de modo que os mais fortes comem os mais fracos: eu tive occasião de os ver muitas vezes em Lisboa; tem quatro pés, e nas pernas trazeiras trazem sempre apegados alguns ovos, os quaes vão largando ao passo

que vão andando; destes sahem logo novos animalculos; estes crecem em poucos instantes, ajuntam-se a tres e a quatro, e devoram os paes; mas logo produzem a sua geração, que bem de pressa os devora a elles; toda esta scena se passa em menos de cinco minutos. Não ha illusão nenhuma nisto que digo; porque o microscopio os figurava da grandeza de um feijão, e os ovos bem grandes como aljofares miudos: o dito microscopio solar, em que vi esta maravilha, e outras muitas; a circulação do sangue com distincção do fio de globulos vermelhos, e outros brancos em separada feira; a cristalização dos saes etc., esteve patente ao publico por muito tempo na Praça do Pelourinho em Lisboa, aonde muitos espectadores viram o mesmo que eu vi.

§ 7.º De tudo isso, que deixo escripto, deduzirei os seguintes corollarios. 1.º Não se póde duvidar da existencia das moleculas organicas; nem de serem ellas vivas, indestructiveis, e tendentes a aggregarem-se e combinarem-se entre si, por lei eterna do Todo Poderoso, para formarem toda a qualidade de seres organicos vegetaes e animaes, que poderem existir e propagar-se, bem como os rudimentos destes mesmos seres, que não chegam a formar especies novas e permanentes. 2.º Estas mesmas moleculas já são aggregações dos atomos elementares. 3.º Os animalculos infusivos não passam de rudimentos de animaes a maior parte das vezes; mas em muitos casos, se acharem thalamos convenientes ao seu desenvolvimento, e pasto apropriado á sua existencia, formam especies vivas ou animadas, que ficam adornando este admiravel mundo. O conde de Buffon era de opinião que, havendo excesso de moleculas organicas dentro do corpo dos animaes, estas podiam aggregar-se e dar nascimento ás tenias, ás escaurides e aos vermes, que se tem achado nas veias, no figado, ² e nos senos do cerebro; o mesmo Auctor dizia (pag. 451 do tom. 3.º) que as ditas moleculas organicas, ou animalculos dos espermas, mudavam de fórma, fazendo-se cada vez mais pequenos até ficarem sómente uns pontos vivos, e que, *quanto mais pequenas eram, mais activas se tornavam*; que por isso podiam ser causa das fermentações; dos venenos; da hydrophobia etc., e que de facto a infusão das drogas vegetaes veneno-

² Estes animaes faziam (com razão) admirar Christiano Theophilo Selle, e por isso elle escreveu o seguinte «Multæ etiam adhuc aliæ adsunt rationes opinioni vulgari contradicentes, e quibus nam mihi dumtaxat liceat adferre, scilicet, vix esse credibile hæc extrinsecus in corpus delata ova absque omni noxa concoqui sanguinique assimilari posse, quod tamen fieri oporteret, quem experientia evincant multos vermes extra cavalem intestinorum, e. gr. in hepate, in cerebro morari, atque in infantibus jam recens natis, quin in abortibus ipsis habitare!..» (Christiani Theophili Selle, Medicina Clinica. Edição de Hamburgo de 1788).

sas mostravam uma infinidade destes pontos vivos; por conseguinte a existencia desta materia viva fica bem demonstrada; vejamos agora como se formam os novos seres, os fetos, e as sementes vegetaes.

§ 8.º Estamos em fim chegados ao ponto mais importante, a que eu pertendia conduzir o leitor. Na especie humana, e nos animaes de maior perfeição organica, logo que o seu corpo tem chegado ao estado de sufficiente crescimento, antes mesmo deste se completar, principia a haver grande abundancia, e mesmo excesso, de substancias organicas, e dessas moleculas que as formam; estas são levadas continuamente pela torrente da circulação a todas as partes interiores e exteriores do mesmo corpo, sem nenhuma excepção, por mais delicadas e tenues que sejam, e cada molecula organica nova deita fóra outra das antigas, e fica no seu lugar; aquellas que são deslocadas sahem fóra do organismo pela transpiração insensivel, vão metter-se na massa universal da materia viva do *macrocosmo* (grande mundo) para logo entrarem na organisação d'outros seres animaes ou vegetaes. Estas substancias ditas são muito consideraveis; *Sanctorius* as descobriu por meio das suas experiencias, que repetiu pelo espaço de trinta annos, e assim mesmo não pôde chegar a todo o rigor da exactidão, a que depois as levaram *Dodard* na França; *Keyl* na Inglaterra; *Bryan*, *Robertson*, e *Rye* na Irlanda; em fim *Lavoisier* e *Seguin* foram, segundo parece, aquelles que primeiramente distinguiram as emanações da pelle daquellas que são pulmonares, e avaliaram a quantidade das primeiras. Resulta pois das suas importantissimas experiencias, que o *maximum* das substancias derramadas no ar ambiente por individuo humano, e por termo medio em cada vinte e quatro horas, sómente pela acção da transpiração cutanea, é de 1:699 milligramas por minuto; o *minimum* de 589; o medio de 1:144, e nas predictas 24 horas 1:647 gramas (mil seiscientos e quarenta e sete gramas) ou do nosso peso portuguez arrateis 3:580, ou em números redondos tres e meio. Ora, sendo as moleculas organicas tão miudas, que passam a travez dos poros do nosso corpo sem nós sentirmos nada nem as vernos, quantos milhares de milhões de milhões é preciso que saiam para fazer o peso de tres arrateis e meio? E não se diga que são vapores essas substancias, que perdemos pela transpiração insensivel; são partes corporeas naquelle estado de pontos vivos já previsto por *Bullon*, e por isso um veneno activissimo logo que se accumularem n'um espaço confinado, ainda mesmo com bastante ar, como se prova dos seguintes factos. O Vice-rei de Bengala tendo aprisionado a guarnição de uma feitoria ingleza, que se compunha de cento e cinco homens, e uma mu-

lher, todos fatigadissimos, e alguns feridos, mandou encerra-los n'uma prisão de dezoito pés de largura, e outro tanto de comprimento, fechada com fortes muralhas, e que só tinha duas janellas abertas; o ar corrompeu-se logo; o calor augmentava de minuto a minuto; aquelles que estavam mais desviados das janellas perderam logo a respiração, e entraram n'um delirio furioso, queixando-se de sede insaciavel, e pedindo agua com grandes alaridos; deram-lha em pequena quantidade, e sobre ella se lançaram em tamanho tumulto, que muitos delles ali morreram abafados; em menos de tres horas falleceu a terça parte dos outros; os que restavam entraram n'uma desesperação horrivel, indicando-a pelos seus gritos e gemidos; em fim abriram-lhes a porta, e sahiram daquelle carcere infernal vinte e tres pessoas, resto das cento quarenta e seis que lá tinham mettido! No anno de 1559, por occasião de sentenciar uns criminosos n'um tribunal de Oxford, ³ aonde havia grande aperto de concorrentes, muitos destes, e os proprios juizes, morreram subitamente; a mesma cousa aconteceu em Tauton, segundo refere *Limerman* no seu Tratado da Experiencia, tom. II. pag. 371. *M. Spalanzani*, em suas observações ácerca dos animaes e vegetaes encerrados no ar, cap. 3.º pag. 280, e depois de ter demonstrado, que a diminuição da elasticidade do mesmo ar não é, nem póde ser, a causa da morte dos mesmos animaes fechados em local confinado; observando tambem a promptidão com que elles morrem expostos aos vapores mephiticos, suspeita (fundado em muitas experiencias) que esses vapores, actuando como um subtil veneno, vão atacar todo o systema nervoso, e lhe destroem a sua energia repentinamente. Em fim, por meio da regeneração continua, consegue a natureza fazer viver o homem, o corvo e o elefante, com annos, ás vezes, e poderiam durar milhares delles, se ella mesma lhe não pozesse limites na dureza ou petrificação dos ossos, que faz obliterar as veias, que os nutrem, e desarranjar assim a harmonia do organismo. Nos vegetaes a dureza do lenho, e a sua podridão, é a causa da sua morte, na maior parte dos casos das especies maiores; arvores e arbustos. Se ha tantas doenças, que abreviam a vida dos homens, a ignorancia delles é a causa disso, mettendo-se nas igrejas infeccionadas pelos cadaveres das sepulturas, sem a necessaria ventilação, apinhoando-se ali sem reflexão, nem consideração nenhuma; atulhando os theatros, aonde tambem a falta d'arte ac-

³ Veja-se a traducção dos Elementos de Medicina Pratica de *Cullen*, vol. 1.º edic. de Paris do anno de 1785, pag. 59, e nesta o additamento ou nota de *Mr. de Bousquillon*.

causa os architectos em quasi tudo quanto ali se vê; mettendo-se nas embarcações em demasiado numero; accumulando-se nos andares sobrepuestos das habitações das grandes cidades; em fim, ajuntando-se nos exercitos em grandes massas, e por isso de tudo isto se originam immensas enfermidades, principalmente as febres typhoides, que devoram tanta gente. A mesma ignorancia humana vai tambem ser nociva aos animaes domesticos, encerrando-os em estreitos curraes e lojas sem o ar necessario á sua existencia; nem os arvoredos escapam, semeando-os ou plantando-os tão espessos que, por falta da ventilação precisa, se desenvolvem nelles as epidryadas já descriptas antecedentemente.

§ 9.º Ora, daquellas moleculas organicas, que por via da precisa e admiravel regeneração continua, acima dita, vão sahindo de todos os órgãos corporeos (sem excepção de nenhum) e que vem amoldadas ao molde interior, reserva a natureza uma abundante porção para os espermas animaes, tanto nos individuos masculinos como femininos, e as deposita em reservatorios adequados ao seu fim, aonde não podem permanecer por muito tempo em razão de serem vivas e activissimas: primeiramente se aggregam e formam esses animalculos microscopicos, já ditos acima, e depois desagregam-se e convertem-se em pontos vivos, que pela sua actividade podem causar, e de facto tem causado, gravissimos incommodos, doenças, e até a mesma morte. O artigo, que se acha na Hist. N. de Buffon, tom. II, pag. 98 dos seus Additamentos sobre a puberdade, é digno de ser lido; principalmente para prova da opinião que sigo, e de que vou occupar-me ácerca de ser a electricidade *o agente que mais figura nos actos da geração*. Não estranhe o leitor de tratar eu tanto por niudo da geração animal, quando tenho por objecto a vegetal; faço isto para daqui tirar provas e argumentos; porque a natureza emprega os mesmos meios n'uma e n'outra, pelo que respeita á parte essencial da formação do feto, e do embrião. Embora *Aristoteles, Averroes, Avicena*, e muitos filosofos um pouco mais modernos, neguem ao animal feminino a faculdade prolifica, eu digo que não só a tem; mas que era absolutamente impossivel formar-se o feto se a não tivessem; os argumentos delles são subtilis; mas sophisticos, e o mais forte é o seguinte. Dizia *Aristoteles* ¹

¹ Mr. de Buffon, querendo refutar os argumentos de Aristoteles achou-se embaraçado com o seu sophisma, (que aliás me parece feito de boa fé, e sem maliciosa intenção de enganar os leitores); pelo que apenas disse «que o facto de ser prolifico o esperma feminino era uma questão de facto.» Acontece isto algumas vezes aos mesmos grandes talentos e grandes filosofos, como era o Auctor dito, apesar de haver os mais fortes argumentos contra a erronea doutrina de Aristoteles.

« que se o animal feminino tivesse a faculdade prolifica, elle geraria por si mesmo o feto, visto ter-lhe a natureza concedido o fluxo menstrual para o nutrir, e o utero para o encerrar e conter. » O soplisma está em passar por alto, sem dizer nada ácerca dos meios por que a dita natureza faz aggregar as moleculas precisas para crear um novo ente semelhante ao pai e á mãe, não sómente nas fórmas exteriores; mas até nas interiores, e como lhe communica os defeitos de organismo e as doenças de geração. Este, que é o ponto importantissimo da questão, não foi tocado, e compete-me explica-lo. As moleculas organicas do esperma masculino devem, necessariamente, estar electrizadas em *mais*, ou *positivamente*, e as do feminino em *menos*, ou *negativamente*; por esta maneira, quando se encontram umas com as outras, a molecula pertencente a cada órgão corporeo, e que o representa por estar amoldada a elle, attrahe com toda a energia electrica a molecula correspondente feminina, e depois da combinação repelle todas as mais; porque esta é a lei da electricidade. Por esta fórma a geração é instantanea, e semelhante á cristallisação dos saes, a qual podemos ver com os nossos olhos corporeos; nesta o poder da attração chimica é sufficiente para uma molecula da base salinavel attrahir a correspondente do acido com tanta regularidade, que sempre conservam a mesma fórma propria e respectiva a cada uma das especies conhecidas: assim o hydroclorato de soda cristallisa em cubos agrupados, formando pyramides quadrangulares e concavas algumas vezes; o acido citrico cristallisa em romboides bem pronunciados; o oxalico em prismas quadrilateros com faces ou panos alternativamente largos e estreitos, etc. Se pois a affinidade chimica é sufficiente para fazer esta obra admiravel; por que razão o não será a affinidade electro-chimica? A natureza não faz milagres, serve-se de meios physicos sujeitos ás leis eternas do Todo Poderoso; e que outros poderá empregar melhores que a electricidade? As provas que posso dar, de ser isto assim como digo, são todas tiradas por inducção de muitos factos observados; mas não são temerarias nem absurdas, são admissiveis em filosofia, como já fica declarado na quarta regra de filosofar do grande *Newton*, que serve de epigraphe a um dos capitulos antecedentes desta Memoria: A electricidade latente excita-se e desenvolve-se na superficie dos corpos, quando se aproximam a outros electricos de diversa denominação, isto é, aquelles que tiverem electricidade positiva excitam-se na presença e proximidade dos que a tiverem negativa, principalmente intermediando um liquido apropriado: tudo isto se acha nos espermas animaes. Muitos dos actores racionais, masculinos e femininos, tem visto e sentido

interiormente no acto da geração flammulas luminosas e faiscas electricas nos seus olhos; o brilhar extraordinario dos mesmos olhos dos animaes masculinos irracionaes no sobredito acto indica tambem o desenvolvimento electrico; e naquellas especies que a natureza dotou de uma grande faculdade prolifica, como são os gallos, mostra a sua curta vida e frequentes apoplexias, que a medulla cerebral se arruina por causa das mui repetidas excitações electricas. Por conseguinte de tudo isto se infere que a natureza tinha absoluta necessidade de crear o animal feminino e de o dotar de tantas graças, nas especies racionaes, para fazer essa bem conhecida impressão repentina nos nervos opticos do ente masculino, e produzir as excitações electricas, que se lhe seguem. Parece que, entre as especies irracionaes, é o animal masculino aquelle que a natureza escolheu e dotou de maior belleza e formosura para causar as impressões preditas no feminino. Poderá causar alguma duvida esta minha hypothese no animo dos fisiologistas, quando considerarem sobre a formação dos órgãos sexuaes masculinos e femininos com as suas dependencias; mas uma excepção que ali ha confirma ainda mais a mesma hypothese; a saber: Quando a molecula organica, amoldada ao molde interior das partes componentes de cada um daquelles órgãos, não encontra a sua analoga correspondente no acto repentino da formação do feto, ella por si só fórma o nueleo, e attrahe os sobejos, e já indifferentes, da massa organica geral para completar os ditos órgãos; ás vezes, em casos muito raros, ha seu erro nesta organização, talvez por excesso ou por excitação diminuta, ajuntam-se as moleculas dos dois sexos, e por isso apparecem os hermaproditos, nos quaes se observa que nenhum dos órgãos sexuaes é perfeito.

§ 10.º Resta-me ainda provar com varios factos que, *de cada órgão ou parte animal corporca sahe com effeito uma molecula organica, amoldada ao molde interior*: eu provarei esta minha asserção com as minhas proprias observações, e tambem com alguns outros factos bem conhecidos de toda a gente. Existiu no caes do Pinhão um homem, que era feitor dos armazens da Companhia dos vinhos, e que se chamava por alcunha o *sem dentes*; porque nunca os teve; casou, e teve um filho, que tambem sahiu sem dentes como seu pai; houve nesta freguezia de Villarinho de S. Romão um individuo do meu conhecimento, chamado João de Barros Chierena, o qual teve as bexigas naturaes, e destas ficou cego do olho direito por causa de uma nevoa espessa que nelle lhe ficou, e as palpebras deste mesmo olho lhe ficaram tambem um pouco defeituosas; casou, e teve duas filhas e um

filho, que ainda são vivos. Maria, uma das filhas ditas, sahiu de nascimento com as palpebras pegadas nas extremidades, tendo sómente uma pequena abertura no centro; um habil cirurgiãõ de Lamego fez-lhe uma operação, e ficou sem o defeito dito; a outra filha, chamada Anna, sahiu tambem de nascimento com o olho direito cego de uma nevoa, como tinha seu pai, e o filho, chamado Antonio, tem os olhos perfectos. N'uma freguezia, visinha e distante desta uma legoa, conheci um abbade, que teve uma creada ou ama rapariga, e passados alguns mezes achou-se gravida; ella accusava o abbade; este negava, e poz fóra de sua casa a nova Agar; em fim, ella deu á luz um menino, que sahiu com seis dedos em cada mão, como tinha o dito abbade, o qual ficou assim convencido de ser seu pai. Todos sabem que os cães de perdiz *sanocos* (de rabo cortado) castiçando com cadellas *sanocas* geram cachorros *sanocos*. Todos conhecem que varias molestias, como a gota, a elephantia, a tísica, o virus venereo, e outras muitas, se communicam pela geração, e até mesino os defeitos da surdez e da gagueira. Ora, como poderia tudo isto acontecer, se não sahisses de cada parte do corpo humano as moleculas amoldadas a essa parte? Pelo que respeita á concurrencia do animal masculino e feminino para a geração do feto, claramente se vê nos mulatos filhos de paes, um branco e outro negro; nos animaes domesticos pela mistura das côres tanto do pello, como das pennas das aves; e nos *ibridos* pela mudança de especie, e de fórma de corpo. Parece-me que disto ninguem pôde duvidar. Uma prova, porém, das mais fortes que pôde haver, para confirmar a minha hypothese da geração instantanea pelo effeito da attracção electro-química, é essa excepção dos hermaphroditos, de que fiz menção no §. antecedente: eu, e meu amigo e collega Manoel Gonçalves de Miranda, já falecido, tivemos occasião de ver um menino *androgino* em Sines no anno de 1824 a 23 de junho; o dito menino ainda era de leite, e teria nove mezes de idade; elle tinha a vulva bem configurada, e nos labios della mettidos no interior os dois testiculos, que se conheciam apalpando com os dois dedos pollegar e index; a via estava mettida por baixo da pelle, e sahia a glande duas pollegadas abaixo do embigo; por esta é que urinava, e por isso nos pareceu que predominava o sexo masculino. Se não houvessem estes abortos não conheceriamos com toda a certeza, que o esperma feminino é tão prolifico como o masculino, e que a geração do feto é instantanea, donde procede algumas vezes, ou por demasiada electricidade positiva masculina, ou por falta della, predominar a feminina, e virem algumas moleculas daquelles orgãos aggregar-se confu-

samente. A natureza, porém, tende sempre á perfeição: os andróginos e os híbridos ² não propagam; as molestias e os defeitos de organisação pouco a pouco se vão annullando, uma vez que algum dos animaes geradores esteja perfeito e são; porque as moleculas dos órgãos perfectos se misturam com as amoldadas nos defeituosos, e assim vão reduzindo a menos os ditos defeitos até os destruirem totalmente.

§ 11.º De tudo quanto deixo escripto ácerca da geração animal podemos applicar a parte mais essencial á dos vegetaes, não sómente pela boa razão; mas ainda porque assim o aconselha o intelligente *Newton* na sua segunda regra de filosofar, dizendo: *Idcoque effectuum naturalium ejusdem generis eadem assignande sunt causæ, quatenus fieri potest.* (Traducção. Pelo que, ao effeito natural do mesmo genero se devem assignar as mesmas causas, tanto quanto poder ser.) Por conseguinte a parte mais essencial da geração vegetal é a necessidade absoluta da concurrencia do pollen masculino com o pollen feminino para a formação do embrião vegetativo, e por argumento de analogia, tirado da antecedente doutrina, direi, que tambem o agente principal desta geração é a attracção electro-quimica, a fim de que o acto da predita geração seja instantaneo; aliás, se as moleculas seminaes cahissem no pistillo, e fossem ter ao germen confusamente, produziriam uma mola informe, nunca um embrião perfeito. Os antigos já tinham observado, que as palmeiras tinham flores de diversas qualidades, e que umas eram masculinas e outras femininas, donde se seguia não produzirem o seu fructo quando estavam separadas em grande distancia; não passaram, porém, desta observação: veio *Malpighi*, e observou muitos outros factos analogos em outros vegetaes; *Crew*, continuando estas investigações, foi o primeiro que reconheceu e generalisou a todas as flores das plantas o mesmo systema da necessidade dos órgãos masculinos e femininos, com a differença de serem algumas dioicas, isto é, de terem sómente uma qualidade dos ditos órgãos, e de ser preciso que haja n'outras flores, ou da mesma planta, ou da mesma especie, os órgãos sexuaes de diversa denominação para serem fecundas. *Linneu* foi aquelle que tractou scientificamente deste importante objecto, e que fundou o systema sexual botanico; hoje ninguem duvida da existencia das predictas flores dioicas, nem de que ha outras monoicas, em que se acham os órgãos masculinos e os fe-

² Algumas excepções ha, mas rarissimas, nesta regra geral; porque se tem visto algumas mulas gerarem; deve-se entender tambem, que a dita regra geral comprehende sómente as especies dos mameas, e dos oviparos de sangue quente; porque nos insectos ha muitos andróginos, como são os caracoes, outros que por si só propagam etc.

minimos dentro da mesma corolla: o pistillo, que está no centro, é o órgão feminino; os estames coroados de antheras, e que o rodeiam, são órgãos masculinos. Mas eu disse acima, que a necessidade da concurrencia do pollen masculino com o feminino era absoluta, e vou agora prova-lo com um facto acontecido recentemente em Lisboa n'uma *Araucaria excelsa*, que existe no jardim do Duque de Palmella ao Lumiar. Esta arvore era dioica e feminina, bem como outra que ha no mesmo jardim, produzia amentilhos femininos, que se convertiam em pinhas bem configuradas; mas inuteis, porque as sementes não eram fecundadas. No mez d'Abril do anno proximo preterito desenvolveu amentilhos masculinos, e tornou-se monoica; o mesmo caso tinha acontecido no jardim botanico da Universidade de Coimbra n'outra *Araucaria brasiliense*, plantada ali pelo Doutor Brotero. (Veja-se o Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, segunda serie, tom. iv. Maio, n.º 5, pag. 152 e 153.) Ora, este esforço da natureza prova bem o systema que sigo; porque, se não fosse necessaria, absolutamente, a concurrencia dos dois pollens masculino e feminino, podia a natureza applicar o seu esforço a que as pinhas dessem sementes productivas, assim como faz aos botões dos ramos de certas arvores, que pegam de estaca; mas assim não se podiam preencher os seus altos fins de propagar os generos até ao fim do mundo ³ por meio dos embriões; de crear novas especies; de melhorar e annullar as doenças que adquirirem os entes vegetaes, e de chamar a attenção dos Sabios sobre estes admiraveis phenomenos, para lhes mostrar as cousas que elles ignoram. Eu não posso provar com tão fortes argumentos, como provei na geração animal, os effeitos da attracção electro-quimica, na formação dos embriões; mas sendo evidente, e já provado, que para esta formação é precisa a concurrencia das moleculas organicas do pollen masculino e feminino, segue-se, necessariamente, que existe um agente fisico proprio e capaz de produzir a afinidade electiva, e a repentina organisação dos sobreditos embriões; porque

³ Eu fallo do mundo animado e do vivo, isto é, dos animaes e dos vegetaes; porque, logo que o nosso globo terraqueo perde $\frac{1}{25}$ (um vinte e cinco avos) do calor que tem; a agua se gelará e não poderá ter logar nem a circulação do sangue nos ditos animaes, nem a da seiva nos vegetaes; ora, o abatimento da linha inferior das neves permanentes, que é progressivo, indica um resfriamento igualmente progressivo, que é devido á irradição continua do calorico, muito excedente á absorção dos raios calorificos do sol, e dos mais planetas do seu cortejo. Por ora, o calor emanado da terra durante o estio é maior do que o do sol vinte e nove vezes, com pouca differença, no paralelo de París, e quatrocentas noventa e uma vezes maior que o do sol dito, na estação do inverno. (Memorias da Academia Franceza para o anno de 1765).

não sendo repentina converter-se-hiam em molas informes; por conseguinte, não sendo ainda conhecido outro agente melhor do que o fluido electrico, e sendo elle capaz de organizar o feto animal, pede a boa razão, que se assignem as mesmas causas a effeitos identicos. *Sir Humphry Davy* diz, que elle achára, por meio das suas experiencias, que o trigo crescia mais depressa na agua electrisada positivamente pela bateria voltaica, do que na electrisada negativamente, e que por outras experiencias feitas sobre a atmosphera se tem conhecido estarem as nuvens, ordinariamente electrisadas negativamente; donde se segue, que a electricidade da superficie da terra é positiva, e que ella representa o mais importante papel nas scenas da natureza, tanto no crescimento das plantas e desenvolvimento dos seus pimpolhos, como nos actos da geração. *M. John Davy*, fazendo em Malta por muitos mezes as suas experiencias ácerca da electricidade, achou tambem que a das nuvens era quasi sempre negativa, e a da terra positiva, mesmo em tempo sereno, havendo sómente alteração disto em tempos de trovoadas; o objecto das experiencias era um composto gelatinoso de iodureto de potassa e de amido, e o dito iodureto era sempre precipitado sobre um fio de platina posto em communicação com a terra, salvos os casos de tempestade.

§ 12.º Tendo pois demonstrado, que os embriões se formam pela concurrencia das moleculas organicas do pollen masculino e feminino, como acima disse, mostrarei agora, e prova-lo-hei com numerosas experiencias, propriamente minhas, que as sementes não são filhas, unicamente, da arvore ou planta em que se criam; mas sim da republica das arvores ou plantas da mesma especie, que formam os pomares, olivae, soutos, pinhaes, searas, hortas, jardins etc. O pollen masculino ou feminino, creado nas antheras das flores, é tão abundante, que enche o ambiente proximo dellas, e vai mesmo a consideravel distancia de mais de seiscentas varas ajudado por um vento favoravel; quem passar por debaixo de um souto de castanheiros no tempo das suas candêas de flores, ha de conhecer pelo cheiro o dito pollen, e o mais é que se assemelha ao que tem o esperma animal humano! Nos campos de milhão despegam-se as antheras das bandeiras, e voão com o vento por cima de todos os *gricaios* (cannas ou hastes do dito milhão) cahindo por cima das folhas para fecundar as espigas; as abelhas, moscas, borboletas e besouros tambem o levam pegado ao seu corpo, e vão fazer diversas misturas n'ontras flores. Na minha mocidade entretinha-me a castigar os cravos para crear novas especies, e tive-as lindissimas. Plantava craveiros meio dobrados da

especie rixa em vasos, por serem muito fecundos, e plantava tambem n'outros vasos cravos dobrados grandes das especies vermelhas, brancas, amarellas, etc. os quaes não dão semente por terem o pistillo abafado com os petalos da corolla; mas tem antheras prolificas. No tempo da florificação, mandava mudar estes vasos para um local muito desviado do jardim, collocava os vasos de cravos roxos no centro, e rodeava-os dos outros vasos de cravos grandes dobrados, *ou tunantes*; por fim colhia as sementes dos cravos roxos, e dellas fazia grandes alfobres. Consegui por este meio ter cravos dobrados muito bellos; ás vezes, na mesma haste de um cravo havia quatro e cinco todos diversos entre si no variegado das suas riscas; tive tambem tunantes vermelhos com um segundo cravo por cima. Mas observei sempre, que por uma duzia de cravos dobrados especiaes, a natureza produzia centenas de outros singelos; pelo que fiquei conhecendo que a sua tendencia é para erear plantas ou arvores robustas e fecundas, e que as flores dobradas, e os pomos grandes, e de exquisito sabor, são umas excepções raras. Ha mais de quarenta annos fiz uma grande sementeira de caroços de pecegueiros denominados gilmandes, meracotões, paviás, calvos, e abrecaroço, tirando-os de excellentes pecegos creados na ribeira de Paradelinha; desta sementeira apenas obtive uma especie nova optima, a que puz o nome de *pecegos lobos*, por ser o meu appellido; outra sofrivel dos calvos, que sahiu com cheiro e sabor á canella, e todos os mais eram vulgares e semelhantes aos que ha pelas vinhas da sobredita ribeira. No anno de 1847, depois de regressar de Lisboa, achei nesta quinta, em que assisto, derrotadas as minhas arvores fructíferas; mas vi muitos pecegueiros e ameixieiras novas nascidas de semente á discrição da natureza; dei ordem para que fossem cultivadas, e já lhes gózo os fructos, que sahiram meliores em geral do que os da antiga sementeira; entre estes veio um pecegueiro, paviá, que é uma mistura de gilmande, e de paviá amarella; é especialissimo, e digno de pôr a par dos *pecegos lobos*. Entre a multiplicação das ameixieiras degeneradas para abrunhos, appareceu uma especie nova e estimavel, por ser muito temporã e gostosa, a que puz o nome de ameixa moscatel. Neste mesmo anno acima dito de 1847, estragaram-se as hortaliças por causa da estação lhe não correr favoravel; espigaram extemporaneamente os repolhos, que não deviam espigar, como é bem sabido, e delles guardei a semente com o fim de ver as misturas e degenerações que della sahiriam, porque floreceram no mesmo campo em que havia espigadas e florecidas as tronchas, as saboias, os broculos, e as couves gallegas. Com effeito o seguinte anno,

entre 800 couves procedentes daquelle semente, só obtive duas especies novas dignas de estimação; uma destas era de tronchas (ou tronchudas) muito melhoradas na grandeza e no gosto; pesavam desde 22 até 24 arrateis cada uma; a outra especie era de coivões da casta chamada couve gallega, os quaes excediam a altura de um homem, chicios de folhas muito largas e vistosas; todas as outras especies degeneraram muito, e não prestavam; mas nellas se viam singulares misturas de broculos e tronchas, saboias etc.

§ 13.º As plantas, arbustos e arvores transmittem pela semente as suas doenças, as suas boas e más qualidades, e até mesmo os habitos adquiridos. Um caso de doença transmittida, que tenho ainda actualmente em dois malapeiros dos chamados de *tres em ramo*, (porque sempre criam tres malapios juntos no mesmo pedunculo) é digno de memorar-se. Havia nesta minha quinta um destes malapeiros entre uma vinha n'um valle humoso, e donde no inverno brota um bolhão de agua; é provavel que por causa da demasiada humidade lhe apodrecesse alguma raiz, ou a parte interior do tronco, donde procedeu a doença de se fazerem bichosos os malapios, que produzia, de modo que as pevides, e toda a cavidade em que ellas se encerram, creavam os vermes da fructa, vulgarmente chamados carneiros; por acaso havia um ou outro em que isto não acontecesse. Desta maneira ninguém fazia caso daquelles malapios, cahiam pelo chão, e ali apodreciam; por fim seccou o malapeiro, e nasceram dois novos daquelles fructos abandonados, que ficavam pela terra; um destes ficou no sitio em que nasceu, e ali dá fructo ha annos, o outro foi transplantado para terreno enxuto e muito bom, aonde tambem dá fructo; mas os malapios de ambos os irmãos tem a mesma doença do pai, não se podem comer, e servem unicamente para dar aos cevados. Ha varias cousas a notar ainda: o dito malapeiro velho, que adoeceu, produzia antes da doença excellentes malapios gostosos, e sem deficit; depois da doença não houve mudança na fórma exterior delles; mas sim na interior, fazendo-se o parenchima ou polpa desgostosa e dura. As macieiras da Siberia, habituadas a um verão muito curto, brotam na Inglaterra com os primeiros dias amenos, que ali ha algumas vezes, e depois as geadas da primavera queimam-lhes os novos rebentões. Tenho uns lameiros n'um valle da quinta, aonde o sol entra um pouco tarde durante Maio, e no Estio já dá a sombra pelas tres horas da tarde; o milho, que ali se cultivava, sendo seguidamente semcado do mesmo que se produz, degenera e faz-se cada vez mais serodio, de modo que não amadurece senão em Novembro, e por isso custa muito

a secçar, e as canas fazem-se tão altas, que chegam a ter 18 a 20 palmos de altura, em razão de irem procurar o sol. Já por tres vezes me tenho visto obrigado a mudar as sementes, mandando vir de Sobrados milhão de veiga do denominado orelha de lebre, porque espiga baixo, é mais temporão, e cria também canas mais baixas; isto tem dado causa a duas observações ácerca dos habitos das plantas; a saber: 1.ª O dito milhão de veiga conserva por dois annos os seus habitos, e por isso produz pouco nos lameiros; depois vai mudando, e por espaço de cinco até sete produz bem; mas dali por diante degenera, e adquire o vicio supradito de se fazer serodio. 2.ª O milhão viciado, ou serodio, sendo semcado em terras altas, conserva também os seus habitos, e pouco produz nos primeiros annos; depois vai-se amoldando ao novo local, e perde a qualidade de produzir canas muito altas, e de ser serodio.

§ 14.º Tudo quanto deixo escripto nos paragrafos antecedentes deste capítulo, tem por fim duas cousas muito importantes; a saber: 1.ª A necessidade de recorrer ás sementeiras bem feitas, e com todos os necesarios conhecimentos proprios de tão interessante objecto, para regenerar as vinhas, se por acaso as perdermos, e mesmo ainda que ellas venham a sarar; para também regenerar os pomares de lorangeira, os de pevide e caroço; os oliveas, e até as scaras. 2.ª Para acautelar o caso muito possível (se as vinhas morrerem) de virem os viveiristas estrangeiros trazer-nos navios carregados de videiras novas dos seus alfobres, levar-nos muito dinheiro, e deixar-nos plantas doentes. Isto que digo póde acontecer, ou por ignorancia dos viveiristas, ou por dolo e malicia; porque as videiras semeadas só dão os seus fructos depois de doze annos de idade, e por isso, quando se chegasse a conhecer o engano, que remedio lhes haviam de dar os enganados? Semear alfobres com as sementes das videiras doentes desta epicænonia actual, vinha a ser o mesmo, que fazer uma nova colonia de casaes de gente tysica e leprosa. Para que haja bom resultado destas novas sementeiras, que eu tanto aconselho aos leitores, será indispensavel fazer o seguinte: Averiguar se haverá ainda alguma vinha no mundo, aonde se não tenha manifestado esta doença, para de lá mandar vir as sementes; lembro-me, que talvez ainda não terá apparecido no Cabo de Boa-esperança, em razão de ser ali o terreno muito adusto. Na Palestina talvez aconteça o mesmo, e digo isto por ver que as videiras adoeccem mais nos terrenos frios e humidos; eu estou convencido pelas theorias que sigo, de que nenhuma vinha escapará; mas póde ser que venham a adoeccer mais tarde, aquellas que

são indígenas ao paiz em que estiverem plantadas. Se não houver já nenhuma vinha sã, é preciso recorrer ás labruscas, e até me parece este meio mais seguro. É muito provavel, que na provincia do Minho appareçam algumas destas videiras nascidas por entre as silvas e arbustos dos combros das fazendas, em razão de as semearem por ali os passaros; tambem pôde acontecer o mesmo nas outras provincias, e chegamos ao tempo de dever fazer estas indagações com muito cuidado e boa diligencia. Se apparecerem destas videiras, é preciso cortar-lhes algumas *parugens* ou bacelleiros, se os tiverem, e planta-los em bom terreno, desviado uma millia pelo menos de todas as vinhas, ou parreiras doentes; em elles pegando (no segundo ou terceiro anno) devem ser enxertados das suas proprias vides; porque assim se melhoram muito, e por fim observar o fructo que dão, o qual pôde ser muito bom ou degenerado; mas á força de diligencias, e de grande numero de plantações de diversas videiras labruscas, algumas hão de sahir de boa especie: em conseguindo isto, procede-se ás sementeiras, das quaes necessariamente se hão de obter especies novas dignas de serem propagadas por bacelleiro e por enxertia.

§ 15.º A oliveira, esta princeza das arvores fructiferas,ahi se apresenta na ultima decrepidez da sua especie, cobrindo-se de luto para mostrar aos descuidadissimos cultivados, que ella está proxima do termo final, que lhe tem marcado a natureza. É bem difficil agora achar sementes sãs, que se possam semear sem nenhum escrupulo; mas pôde ser que ainda haja algum olival aonde não tenham adoecido, aonde nunca entrasse a ferrugem, e pôde ser tambem que nos paizes donde ellas são originarias, isto é, na Arabia, ou no territorio de Jerusalem, ou na Palestina, haja algumas arvores perfeitamente sãs para dali tirar sementes: estas investigações excedem as posses dos individuos particulares, e sómente um governo illustrado, e cuidadoso do augmento da riqueza publica, é que podia faze-lo, ou alguma sociedade agricola. A oliveira é tão antiga como a videira, a velhice é que lhe causa aquelle achaque de perder a seva transpirada atravez dos póros da sua casca, a qual se carbonisa no contacto do ar e da luz; bem sei que muita gente, e até graves AA., tudo attribuem ao insecto que ali apparece; mas não tratarei d'isso; digo sómente e aconselho aos agricultores, que poderem colher alguma azeitona de oliveiras perfeitamente sãs, que a dêem a comer aos perús encerrados n'uma paliçada, ou pateo, ou cercado, ou cousa similhante, e que depois aproveitem os caroços de mistura com o lixo dos mesmos perús, afim de fazerem alfobres de oliveiras em locaes apropriados para isso,

defendidos dos gados, e bem desviados dos olivae doentes: os caroços de azeitona, passando pela digestão animal, perlem o azeite, que lhes obstrue os póros, são penetrados pela humidade da terra, e por isso a sua pevide interior pôde germinar; as oliveiras de semente dão fructo aos doze annos de idade, e segundo a regra geral de todas as sementeiras, algumas sahirão especiaes no meio de centenares de outras degeneradas; mas dessas especiaes tira-se pluma para enxertar as outras. A maior parte das nossas lorangeiras tambem adoecem da contagião radical, pela mesma causa de terem sido propagadas por botão; nestas, porém, ha muitas excepções de outras, que tem nascido de semente, e que são bellissimas; aquella, que havia no claustro do convento de Santo Thyrso, é um exemplo do que digo; pois nunca vi nesta especie mais formosa arvore: asseveraram-me os religiosos do sobredito convento, que ella dava cada anno tres a quatro milheiros de laranjas; quanto á qualidade, affirmo eu que nunca as comi melhores, nem tão succosas, nem de pelle tão fina. Se esta lorangeira ainda existe (como é provavel) não se devia deixar perder uma só pevide daquellas que produzisse; porque está isolada, não se mistura o pollen de suas flôres com outras de ruim casta, e por isso ha toda a probabilidade que a sua descendencia sahirá semelhante a tão distincta progenitora; ad-virto, porém, que ja passa de quarenta annos que a não vi, nem tornei a entrar no sobredito convento; ignoro se depois ali terão plantado no mesmo claustro mais alguma lorangeira ou limoeiro; porque neste caso ha misturas, e não se deve então aproveitar a semente sem tirar primeiro as novas, ou chapota-las antes de florecerem. Quando alguma lorangeira nascida de semente estiver em companhia de outras lorangeiras sãs e de boa casta, sem mistura de limociros, ou de lorangeiras azedas, e muito longe de outros pomares, tambem se pôde aproveitar a sua pevide para semear; esta preciosa arvore dá fructo desde os doze annos de idade por diante; algumas vezes aos dez: devem ser semcadas as suas pevides em cestos de verga cheios de terra humosa das hortas adubada com estrume velho de folhas apodrecidas, principalmente de buxo, que é o melhor adubo vegetal, que eu conheço.

§ 16.º Quantas searas de trigo tenho visto no Alentejo, na Extremadura, na Beira, Minho, e nesta provincia de Traz-os-Montes, estão degeneradas, e cheias de varias doenças, como são a *alforra* e o *murrão*; esta porém é a mais geral, e que mais prejuizos causa; pois até se comunica dos grãos infeccionados aos sãos dentro dos celleiros; estas doenças tambem se communicam pelas palhas, e pelos estrumes;

pois são causadas por miudíssimas plantas parasitas das espécies dos cogumelos, que tem uma propagação prodigiosa. Embora algumas leis antigas (barbaras por certo e mal pensadas) imponham penas cruéis aos lavradores, que queimarem as palhas nos seus próprios campos, eu digo que todos os rastolhos das searas deveriam ficar mais altos do que se pratica, e depois deitar-lhes o fogo para destruir assim aquellas nocivas plantas parasitas. Em todos os estrumes, que fossem destinados para searas, também se devia deitar alguma cal em pó; mas em pequena quantidade; como por exemplo $\frac{1}{16}$ do alqueire para cada cesto; depois remexer muito e espalha-lo sobre a terra. Mas como os mesmos grãos de trigo, quer seja do temporão, chamado *molle* ou *barbella*, quer do serodio, denominado *trigo rijo*, estão degenerados, é necessario em geral regenerar as sementes mandando-as vir do norte da França; porque a experiencia tem mostrado, que as ditas sementes, vindo de paizes mais frios para outros mais quentes melhoram muito; isto, porém, deve ter limites, e deve-se entender, que esses paizes frios não sejam tanto que não produzam trigos perfeitamente bem maduros. Ora, cada uma das espécies de trigo, ou seja do temporão, que semcamos em Outubro; ou do serodio, que deitamos á terra no principio de Março, devem ser semcadas á parte em terrenos bem preparados, e muito desviados das outras searas, a fim de obter uma colheita sã, para depois ir propagando pouco a pouco até conseguir a regeneração total. Os trigos do norte da França ja andam crusados; mas não seria máu tornar ainda a crusa-los com os de Odessa, sem confundir as espécies; isto é, crusar o temporão com temporão, e o serodio com serodio. Também ha outro modo de crusar as sementes de trigo misturando as espécies temporãas e serodias do mesmo paiz, com tanto que sejam escollidas, sãs e muito perfeitas: deste cruzamento obtem-se muito bons resultados (Vide as *Transacções Filosóficas para o anno de 1799*). As batatas (precioso succedaneo do pão) igualmente adoecceram pela mesma causa da continua reprodução por botão; a este respeito posso agora affirmar aos leitores, que ja tenho uma pequena colheita deste genero obtida de semente, e sahiram todas as novas espécies muito boas, e muito gostosas: ellas estão ja no quinto anno; porque antes de terem quatro de idade não tem gosto, nem estão perfeitas. As arvores de fructo, macieiras, pereiras, ameixieiras, gingeiras, nogeiras, e outras muitas espécies, também adoeceu da mesma epidryada.

§ 17.º A vista de tudo isto não se póde, nem se deve occultar, que uma grande calamidade está sobre nós, e que ella merece a mais

seria attenção do Governo, das Côrtes, e de todos os particulares. Segundo a estatística da producção dos vinhos em Portugal, por Claudio Adriano da Costa, e publicada em 1842, sabe-se que a producção é de seiscentas sessenta e quatro mil duzentas e vinte e duas pipas (664:222) isto é, de vinho maduro e verde; aguardente, e vinagre, que paga subsidio; porque a dita estatística foi composta pelo referido A. á vista dos mappas do arrolamento do anno de 1840, donde se infere que a dita producção não pôde ser exagerada, antes sim diminuta por causa do muito vinho e aguardente sonogada para não pagar direitos. A importancia ou valor desta producção foi avaliada pelo mesmo A. em dez mil réis a pipa de vinho maduro; quatro mil e oitocentos a do verde; dous mil e quatrocentos réis o almude da aguardente; dez mil réis a pipa de vinagre, tudo por termo medio, donde resulta um valor total, sómente no continente do Reino, de cinco mil duzentos e quatro contos trezentos e onze mil réis (5.204:311\$000) ou um pouco mais de treze millhões de crusados, que viremos a perder, se progredir a doença das vinhas. Esta provincia de Traz-os-Montes era em tempos antigos um mar de azeite, veio a ferrugem, e foi lentamente destruindo os olivae, e augmentando de intensidade, e malignidade, de modo que neste presente anno ha lavradores, que possuem oliveiras capazes de lhes render vinte pipas do dito genero, e não chegarão a colher uma! Por conseguinte, faltando os mais valiosos productos da nossa agricultura, como poderá haver renda publica, como se poderão pagar os tributos; como poderá florescer o commercio; como poderá existir a industria fabril? A mesma grandeza do mal faz conhecer, que nem as Côrtes, nem o Governo lhes podem dar remedio; mas pelo menos tirem-nos os tropeços e as pêas, que nos embaraçam, ponham de parte a enfadonha politica, para se occuparem dos interesses materiaes do Paiz, sacrifiquem sobre o altar da Patria os odios e ambições de partido, lembrem-se de nós e de si proprios; porque se não houver cultivadores de terra, tambem não pôde haver Côrtes, nem magistrados, nem exercito, nem marinha, nem paz, nem ordem, nem Governo. Os monopolios, os monopolios! . . . e a prisão das terras, é que fizeram escacear os capitaes circulantes necessarios á agricultura; a escacez destes gerou a usura, esta produziu a *agiotagem*, ambas de duas a miseria publica. Ainda não estão enxutas de todo as lagrimas, que fez verter neste paiz do Douro o monopolio da Companhia dos Vinhos, flagello precursor deste que se lhe seguiu da epicenonia actual: a lei de 21 de Abril de 1843, foi logo calcada aos pés pelos influentes daquela Companhia, e pôde-se dizer, que nenhum

dos seus artigos deixou de ser sophisticado, tanto pelo regulamento, como pela arbitrariedade absoluta daquelles monopolistas. A imprensa gemeu continuamente com os innumeraveis escriptos das queixas dos lavradores; crearam-se associações agricolas para fazerem representações ao Governo e ás Côrtes; queixou-se o commercio portuguez, e reclamou o estrangeiro, até que por fim acabou a tutoria, ficando em seu logar um simulacro que de nada serve, senão de prejudicar e ave-xar ainda a lavoura com delongas, dependencias, e embaraços. Acabou sim, mas depois de nos moer e fazer soffrer um cativoiro de uma novena de annos, depois de ter feito abater o preço da aguardente a trinta mil réis a pipa, e o do vinho a tres mil réis, exceptuando apenas uma quinta parte da produção total da demarcação, que se vendia por muito menos diuileiro, do que eram d'antes as maiorias sobre as taixas; acabou depois de deixar exhaustos os lavradores, e muitos delles empenhados, e sem meios de poderem cultivar as suas fazendas: eis o prototypo, e a medida por onde se podem avaliar todos os monopolios! Ali existe ainda o denominado das saboarias ¹, que faz comprar um genero de primeira necessidade por quarenta por cento mais do que o seu valor venal; que prejudica a industria economica das familias, fazendo-lhes desperdiçar na roda do anno aquillo de que poderiam fazer o seu sabão; que tolhe a agricultura, embaraçando-a de poder cultivar nesses immensos e desertos areas da costa as plantas proprias para tirar a barrilha; que sustenta milhares de malsins para devassarem continuamente a casa do cidadão, sem nenhum respeito aos lares familiares; uma tropa de vadios, que perdem o habito do trabalho, que se afazem a receber peitas e viver dellas, e que subindo mais um grão na escala da desmoralisação ficam ladrões d'estrada. Ali vêmos tambem o monopolio do tabaco, fazendo pagar aos consumidores o duplo daquillo que recebe o Thesouro, para sustentar um exercito de fisceas, e guardas de terra e mar; para ter dentro do Reino milhares de estanqueiros privilegiados, que vem a ser outra grande contribuição; para fazer sahir para os paizes estrangeiros, em numerario, todo o valor da folha e do rolo, que empregam os monopolistas; para embaraçar a agricultura nacional de lançar mão desse pequeno recurso da cultura da nicociana no meio das suas calamidades; deu-nos Deos um clima, e um territorio analogo ao da Virginia, e tolhe-nos a lei!!! É preciso fazer pausa, quando se

¹ Depois de estar escrita esta Memoria, foi apresentada nas Côrtes uma proposta do Governo para a extincção deste monopolio: hõra lhe seja feita.

escrevem semelhantes vexames; porque a pena cahe da mão! E falta ainda dizer alguma cousa, ácerca do peor, do mais nocivo; do mais odioso de todos os monopolios, que é *o das terras, o dos vinculos*. As terras cultivadas de uma nação, representam a grande massa dos seus mais valiosos, e mais permanentes capitães; porque n'ellas se empregaram seculos de trabalho para as reduzir á cultura, e muito dinheiro para edificar os edificios ruraes; para as terras se conservarem sempre cultivadas é preciso, que sejam tão livres como o curso do numerario; mas vinculando-as amorteece-se logo todo o valor do capital fixo, e dispõe-se tudo para que voltem ao estado inculto, e a crearem mato e silvas. A lei dos morgados suppõe duas cousas impossiveis, e n'ellas se basêa: a 1.^a é, que as colheitas das terras vinculadas, nunca hão de ter a menor falla: a 2.^a, que o administrador faça milagres! . . . Quanto á 1.^a é evidente, que não podendo dispor o administrador senão dos rendimentos, se estes fallarem não tem meios de viver, nem de cultivar as suas fazendas, e por isso empobrece, arruína-se e toda a sua familia; pelo que respeita á 2.^a é preciso, que faça milagres para poder sustentar-se a si, aos seus filhos, e a seus irmãos, pagar os tributos, e de mais a mais os encargos pios. Para provar os effeitos de semelhante lei, basta apontar com o dedo para essas fazendas incultas, ou muito mal cultivadas, que se encontram por todo o Reino; para esses edificios e cereas desmoronadas, e para essas capellas denegridas, e cobertas de aradeiras; pois tudo isso são casas vinculadas! E se isto acontecia no regimen antigo, que posto fosse muito máo, pelo menos era harmonico entre as suas diversas partes; o que não acontecerá agora neste actual regimen meio velho, e meio novo, em que se extinguiram os conventos e ficaram os vinculos? Os conventos eram o asylo, ou antes o paradeiro dos filhos segundos das familias de morgados; ali uma contribuição disfarçada, e coberta com o manto religioso; as doações regias, e dos particulares; em ultima analyse o suor do povo laborioso é que os sustentava; mas agora que meios hão de ter para poderem subsistir? E por que razão hão de ser condemnados a não ter partilha na herança paterna, e a ficarem sómente a servir de peso ao morgado para o arruínam, e ficarem tambem arruínados? Com effeito nas sociedades humanas nunca houve, nem poderá haver, um absurdo maior! Se existem ainda por excepção algumas terras de vinculos bem cultivadas, é isso devido a estarem unidas a outras allodiaes, ás heranças que tiveram as casas desses morgados, ou aos capitães monetarios provenientes do commercio, e dos empregos. Á vista da citada estatística de Claudio

Adriano da Costa, e segundo os seus calculos, ali desenvolvidos no verso do seu mappa, ha em todo o Reino dezenove mil seiscientos e oitenta e sete millhões e quinhentas mil braças quadradas de terreno; do qual estão empregadas na cultura do vinho quatrocentos e quinze millhões cento e trinta e oito mil setecentos e cincoenta ditas braças (415.138:750); ora destas, ametade, talvez, é terreno vinculado, e se as videiras morrerem, como poderá o administrador fazer as despesas de as converter n'outra cultura, se elle não póde vender uma parte da terra para salvar o resto, nem hypoteca-la a dinheiro de juro, nem negocia-la de nenhuma fórma? Não é mesmo preciso, que morram as vinlias, basta que se esterilizem por alguns annos, já elle não tem meios de viver, nem de cultivar. Se os proprietarios soffrem esta calamidade, ponderada, que já lhe bate á porta, ficarão tambem sem trabalho e sem pão milhares de braços, que revolviam a terra e cultivavam as vinhas ditas, e que é o que naturalmente se seguirá daqui?

FIM.

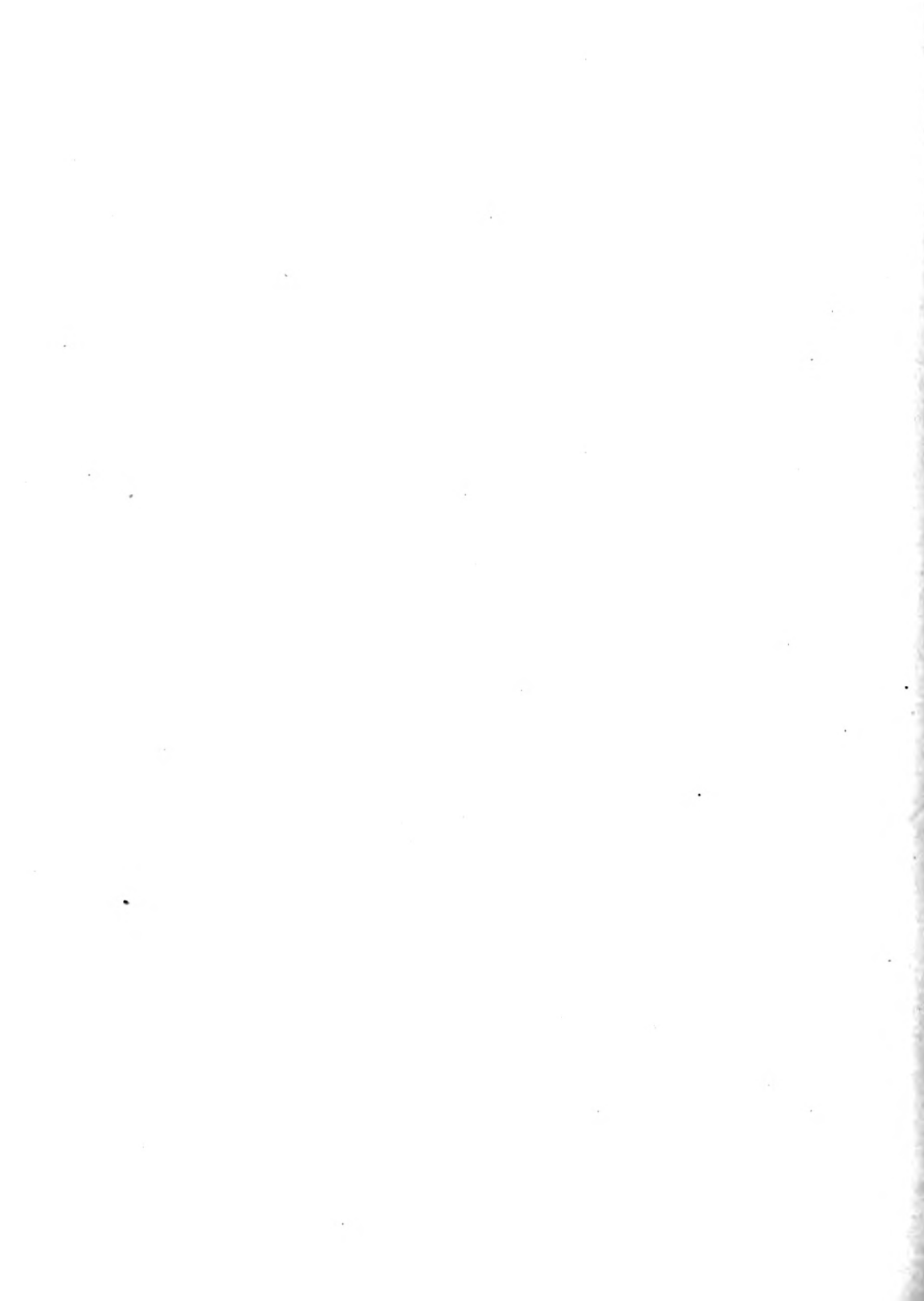


ERROS MAIS NOTAVELIS DESTA MEMORIA SOBRE A EPIGENONIA
OU MOLESTIA GERAL DAS VIDEIRAS.



| ERROS. | EMENDAS. |
|--|-------------------------|
| Pag. 8 lin. 8 bafio | bafio. |
| “ 13 “ 6 podem | pode |
| “ 20 “ 6 segundo elle, é composto | segundo elle é composto |
| “ 23 “ 6 tampas | tampar |
| “ 27 “ 32 duas mil | dous mil |
| “ 46 “ 2 (nota 3. ^a) perde | perder |
| “ 54 “ 20 <i>accrescente-se depois da palavra anno</i> = 1853 — 1854 | |





INFORME

SOBRE LA MINERÍA DE LA PROVINCIA

DE

MÁLAGA

EN 1848

Y NOTICIAS GEOLOGICAS DE SU SUELO.

POR EL

INGENIERO 1.º DEL CUERPO DE MINAS

D. JOSÉ DE ALDAMA.

2007 11 27

INFORME SOBRE LA MINERIA

DE LA

PROVINCIA DE MÁLAGA

(EN 1848.)

Y

NOTICIAS GEOLÓGICAS DE SU SUELO.

DIFÍCIL es ocuparse de una materia á la que han dedicado sus tareas personas que nos merecen la mas alta reputacion por su saber y amor á la ciencia, y pocas ó ninguna son las ideas que se han eludido á su prolijo y entendido axamen; mas como quiera que se han hecho con posterioridad varios trabajos que nos facilitan el estudio ó examen del terreno á causa de haber tomado la explotacion de minas algun incremento, por euanto que la naturaleza inorganica se muestra agradecida á los afanes del minero, prometiendo recompensarlos con mano pródiga, será procedente el ocuparnos en manifestar los progressos mas notables de la misma y sus esperanzas para lo futuro, no menos que de los fenómenos que la rodean, escollos que á su rápido progreso se oponen, y medios de vencerlos, con lo demas que tienda á dar una clara idea y esponer con la mayor sencillez que nos sea dable, su estado, importancia y beneficios que rinde al pais ya directa, ya indirectamente.

Con el fin de que reine un órden necesario en todo trabajo de este género, por escaso que sea su interes, y tomando por base la antigüedad de los productos minerales útiles á las artes é industria de que consta el distrito, y consistiendo estos en *grafito, hierro, plomo, plomo argentifero, cobre y niquel* los trataremos por el mismo órden.

GRAFITO.

A mediados del pasado siglo se remonta la antigüedad de su descubrimiento en el criadero conocido por el cerro de Natias, pues en el año de 1740, unos vecinos del inmediato pueblo Juzcar, llamados los Gonzales los moros, hallaran estas minas, trabajándolas sin mas reglas ni cortapisa que su capricho, vendiendo el mineral donde y como mejor les era posible y á precios convencionales, se bien es muy de creer que los árabes, dueños de estos terrenos por tantos años, las explotasen.

Su complicada historia se halla (como veremos) enlazada con la del reyno, desde principios del siglo y corriendo su suerte. El sabio decreto de 4 de Julio de 1825 las declaró por su artículo 32, condicion 6.^a de propiedad y reservadas al Estado, con todas las demas del partido de Marbella que á la sazón lo componian los pueblos de Ogen, Ystan, Benahavis, Missas, Benalmadena y Estepona.

Desde esta época á la actual se ha pensado por todos los inspectores del Distrito, bajo cuya vigilancia y dirección se hallan las referidas minas, no obstante los permisos concedidos en los años, 27, 28 y 29, en rehabilitar sus trabajos y fomentar el decaido comercio de los grafitos, basando los principales proyectos para conseguirlo en dos principios; cuales son, el arrendamiento de la finca bajo ciertas condiciones ventajosas al Estado y particulares, rebajando á estos los derechos y exigiendo de los mismos algunos trabajos con los que se obtendrá á cierto tiempo su restablecimiento y el que sean susceptibles de un ordenado laboreo o explotación; y su enagenacion en pública subasta á particulares emancipándolas del Estado á quien se hallan reservadas el que nunca reportará utilidades de estos criaderos de grafito á no dejar que el interes particular disponga de ellas, pues solo el de asociacion puede remover las rémoras que se oponen á su desarrollo y progresivo aumento, eliminando para siempre el esteril é inproductivo metodo de contratas ó arrendamientos que no hacen mas que aumentar los males y acrecentar las dificultades.

En prueba de lo espuesto, en 1845 se arrendaron á una compañía titulada *Nrã. Srã. de Balbanera* establecida en Ronda, con condiciones arregladas casi en su totalidad al actual estado del criadero y no obstante los resultados que se han obtenido han sido mílos, pues

la espresada sociedad se fundó sin antecedentes del negocio y durante el frenesí mineró que dominó á la provincia, muy persuadidos de que sin grandes trabajos obtendrian pingues productos y al primer escollo con que tropezaron se encontraron sin medios metálicos, industria ni valor para vencerlo, reduciendose cuanto han hecho en cuatro años á desatorar una galeria de trecientas varas de longitud y estraer mil trecientos quintales de grafito de todas clases sin poder cumplir con ninguna de las cláusulas del contrato. Tan raro y escaso producto así como tan necesario y apreciado por sus aplicaciones á las artes, se presenta en una estension de dés á doce leguas de longitud desde los términos de Estepona á Coin, por cuatro ó cinco de latitud desde la costa al centro de la Serrania á que dá nombre la ciudad de Ronda, conocida nas generalmente bajo la dominacion de Sierra Bermeja por su color rojizo de oxido de hierro que la recubre en toda la superficie: tiene de estension desde la ribera ó region hidrográfica del rio Guadiaro, limite occidental de esta provincia hasta muy procsimo al Guadalorce ó sea de Málaga, es decir, sobre desanove leguas, corriendo de E. á O. ó paralelamente al mar, con varias inflexiones y encurvamientos en su arista y estribos que naciendo de ella mueren en el Mediterraneo ó á sus inmediaciones; su mayor altura se halla en las cuspides llamadas del Real sobre Estepona, que ascenderá aproximadamente de 2400 á 2900 piés castellanos sobre el nivel del mar: la constituyen rocas que en nuestra opinion corresponden á la formacion del trappe formando en algunos puntos escalones y grandes masas tabulares mas salientes unas que otras fuertemente influenciadas por la roca plutonica Serpentina que es la que commovido á la mayor parte de las del distrito de Málaga, presentándose en capas delgadas ó de poco espesor atravesando y siguiendo las estratificaciones del terreno á que ha alterado, abundando principalmente los porfidos arcillosos, hornabléndicos ó augiticos y ferruginosos que ocupan la parte superior sin órden determinado de estratificaciou, como es consiguiente á rocas hipogénicas como las que hemos nombrado, presentandose tambien pizarras dioriticas talcosas, y hermosas variedades de amianto teñido de un matiz rojo y color de rosa, conteniendo como minerales beneficiables hierro y cobre de que luego hablaremos y el grafito ó hidro-percarburo de hierro que nos ocupa, que se presenta en masas aisladas esféroidales, vetas y venas y en habas ó riñones, bien siguiendo la junta de dos estratos, bien aislados, sin órden ni regularidad alguna y he aqui la razon de lo aventurado de los trabajos de indagacion y justificada en alguna manera la irregularidad de las la-

bores de explotación: las principales minas sitúan en el cerro llamado de Natias a nueve leguas N. O. de esta ciudad término de Benahavis, montaña titulada de la Mora, que es uno de los varios estribos que se desprenden de la cordillera, de los de mayor elevación y que marcha en progresivo descenso de altura, precisamente paralelo á varias otras normalmente al mar viene á morir en una lengua de tierra antes de llegar á aquel, formando una planicie de poca latitud y nueve leguas de longitud, surcada por varios arroyos que en invierno se convierten en ríos por el aumento de los afluentes que como ellos descienden de la serranía y terminan en el Mediterráneo: casi en el punto culminante de este estribo se hallan los trabajos de estas minas cuyo nombre es Europeo, de las que se han extraído largos productos de tan apreciable sustancia que ha surtido por medio siglo las necesidades de la industria nacional y extranjera, reducidas hoy á las ruinas de tan bastos trabajos, causando dolor su lamentable estado, limitado en la actualidad á varios desmontes ó trabajos á cielo abierto mal ejecutados y sin cuidarse de las prevenciones y reglas que aconseja la ciencia, siendo los demás infinidad de galerías á trancos ú otros trabajaderos de naturaleza difícil de describir por estar abiertos entre los estratos del terreno siguiendo sus inflexiones y cambios de dirección, escabando lo más feble y abandonándola al menor hundimiento con eminente riesgo de los mineros, por no usar clase alguna de fortificación, ni precaución de especie alguna.

Dan en el país á estas labores una denominación muy propia cual es el de *Cuevas*. Entre este cúmulo de ruinas y laberínticas escabaciones, está, según tradición del país y datos que obran en esta Inspección la llamada mina honda ó de S. José y también la antigua por ser la primera que trabajaron los Gonzales en 1740 y que luego dirigió científicamente el Ingeniero, Inspector de este distrito Sr. D. Enrique Schuellenbuhel con bien entendidas fortificaciones y reservas que destruyeron los del país en 1812 juntamente con los edificios para albergue de operarios y empleados, habiendo rendido en abundancia productos de un mineral de excelente calidad que acreditó este producto de nuestro suelo en los mercados extranjeros y que por la ambición de los especuladores, remesando minerales inferiores así como por los sobrecargados derechos de exportación que pesaban sobre él á consecuencia de un sistema añejo de mal entendida economía política, se ha desacreditado y por no pagarlo á tan subido precio se han explotado las minas de el Austria superior, e Inglaterra, no siendo difícil que vuelva á adquirir su primitiva estima, tanto por

que las susodichas minas estan agotadas y á mucha profundidad, cuanto por que las circunstancias políticas del continente favorecen en la actualidad á nuestra trabajada patria.

A pesar del ruinoso y poco lisongero estado de las minas de Nativas es tiempo todavia de sacar partido de ellas por dar la feliz coincidencia de que todas las labores ademas de ocupar un corto espacio superficial que no pasa de 300:000 varas cuadradas superficiales por setenta á ochenta de profundidad: estan situadas en la parte superior de la misma cima de la montaña, dando lugar este mismo estado á aprovechar con auspicios favorables de muy buenos resultados la apertura de dos galerias socabones que partiendo de la falda comuniquen al centro viniendo á romper con la mina Honda; debiendo abrir-se uno de ellos en la parte de Levante por debajo del camño que conduce á la Venta que toma su denominacion del cerro, para que pasando por la parte inferior de los desmontes y trabajos antiguos llamados *mina vieja* registre este terreno que tan felices resultados tiene dados en época no muy remota. El otro debe tener principio en el extremo Sud por permitirlo así el terreno y con el objeto de investigar-lo. La realizacion de estos dos socabones nos evita los inmensos gastos de atacar el criadero rehabilitando lo antiguo, muy difícil sino imposible de reorganizar por la falsa posicion de una capa de escombros de algun espesor causada por los desmontes, siendo inmensos los peligros de trabajar por largo tiempo entre labores arruinadas sin un ligero croquis que nos guie esponiendonos á encontrar aguas colgadas y mil otros escollos y sobre todo que es terreno ya explotado, pudiendo con la enunciada labor reconocerlo á la par que preparar el campo para la ordenada y económica explotacion que debe reinar en toda mina y muy principalmente en las reservadas al Estado.

Fuera de la demarcacion de aquel hay tambien varias otras minas de este mineral en los terminos de Puguerra, Fuocar, Igualaja, Estapona, Coin etc., implantados en igual formacion y armando de la propia manera, cuyos trabajos aunque muy modernos no carecen de interés habiendo producido 1082 quintales de grafito de todas clases en el procimo pasado año de 1848, y siendo digno de elogio el celo é interes del activo industrial que las posee, no escasea medios de reanimar el comercio de grafitos.

Segun un analisis de los grafitos de este distrito hecho por el sabio Mr. Schraeder contienen:

| | | | |
|------------------|---|------------------|-----------------------|
| 100 granos | } | 89 | Carbon |
| | | 7 | Oxido negro de hierro |
| | | 1 $\frac{1}{2}$ | Terra silicea |
| | | 1 $\frac{1}{19}$ | Alumina |
| | | 1 $\frac{1}{2}$ | Oxido de cobre |
| | | 1 | Oxido de titano |

Las variedades que facilmente se distinguen en el pais son, á saber: al grafito blando de grano mas fino puro y de la mejor calidad, *Habas de 1.^a*: al que le sigue en bondad ya mas duro y el grano tan fino ni superior, *Habas de 2.^a*: á los trozos mas pequeños y en los que abunda mas el hierro oxidado en parte, encontrándose así mismo en su composicion el azufre formando sulfatos y en mas facil estado de descomposicion que las clases anteriores, se denominan *granzas de 1.^a* y *granzas de 2.^a*; y finalmente se distingue una última especie de grano pequeño é inferior á que llaman *perdigones*. Aun cuando el grafito se espnde en su estado natural al comercio, necesita antes sufrir una preparacion mecánica algun tanto complicada. la que se egecuta en el pais con alguna destreza por sus naturales: se reduce á la monda ó segregacion de particulas estrañas que egecutan en mesas hijas, en suo todo iguales á las que se emplean en Alemania usændo iguales herramientas: seguidamente verifican el *espurgue* ó sea la subdivision de clases, inmediatamente despues la llamada operacion del raspado que consiste en quitar al mineral la parte terrosa y estraña que se halla pegada á sus paredes ó en sus hoquedades, lo que obtienen valiendose de una cuchilla bien afilada parecida á las facas de zapatero con punta redonda. Seguidamente le abrittan, bien sacándole lustre con las manos, bien rozando unos trozos con otros, y lo menudo lo criban para eliminarlo del polvo que contiene y finalmente embarrilado en cubetas de pino de flandes lo exportan al extranjero.

HIERRO.

La provincia que nos ocupa ha sido altamente favorecida por la naturaleza con este precioso don, que forma la base de la actual civilizacion, pues por do quier de su suelo se halla hierro diseminado, y existen en la misma notables criaderos de una abundancia y bondad

sorprendentes que forman la base de cuatro suntuosos establecimientos para su elaboracion y empleo á los diversos usos á que destinan las artes á esta materia de primera necesidad, cuyas aplicaciones llegan al infinito. Empero campean ó descuellan en primer orden tres; uno sito á la procsimidad de esta ciudad, que no halla rival en el Continente y el otro al extremo N. O. de su jurisdiccion en los montes llamados del Robladal estribos de la Sierra Bermeja, quedando limitado el postrero á los terminos de Benalmadena, Mijas y Monda.

El primero que llamaremos de Marbella no obstante á hallarse en termino de Ogen, situa á media legua al N. E. y armas en el transito de la formacion caliza metamórfica de la Sierra Blanca al grupo de la grauvaca ó sean terrenos estratificados fosiliferos primarios ó grupo siluriano de *Lyell* que se estiende por los montes de las Chapas hasta morer en el Mediterraneo y que luego estudiaremos: consta de varios potentes bancos de hierro oxidulado ó magnético interpuestos ó separados por capas de pizarra doritica y talcosa que corren de S. E. á N. O. buzando de 50 á 68° al N. E. Su riqueza en hierro es grande y varía poco de un 60 á 70 por ciento término medio: los mas ricos egemplares se dejan rayar facilmente y se presenta de grano fino, así como la variedad gris es muy dura y se presentan láminas ú hojitas muy finas, siendo mas pobre; en este mismo criadero, aun cuando la mena predominante es la magnética, se presentan en sus capas grandes riñones de tritoxidos de hierro ú ocre amarillo y encarimado, como tambien espático y sulfuro, con varias sales de cobre y hierro. Su explotacion es á ciel abierto formando escalones ó bancos de cantera y por presentarse el criadero á la superficie en tau colosal abundancia, se descuida algun tanto su riguroso laboreo. Los bancos no se limpian y ordenan bien, y las exigencias de los fundidores y demasiadas economias que establecen los propietarios hacen que no se depuren todas sus clases, iendo solo explotando lo mejor, sin cuidarse de lo futuro en que les pesará el abuso que hacen de la bondad del criadero, que segun su marcha llegará á internarse en la montaña por debajo de la caliza en estratificacion discordante con ella, y entonces será tardio el arrepentimiento; para dar una idea del sistema que reina, basta esponer que todos los inviernos arrastran las aguas infinitos miles de arrobas de mineral, de los vaciaderos donde se hallan aglomeradas las partes de escaso tamaño, que desprecian hoy por creer lo inagotable. Pocos son los operarios que entretienen estas minas pertencientes en su totalidad á las empresas ferrerias del Angel y Concepcion que se hallan á legua y media

al occidente de las minas; pero en cambio son muchos los arrieros y bestias de carga que hallan ocupacion en el transporte del mineral que lo verifican al módico precio de 6 mar. el qt. así que en su vista han desistido los fabricantes de la construccion de un ferro-carril, cuyo trazo está marcado en el terreno y hechos los trabajos de gabinete necesarios por cuanto les es mas económico ó beneficioso el sistema establecido, que ademas reune la ventaja de sostener una porcion de familias. Con estos minerales se alimentan los seis altos hornos de Rio-Verde y los dos de Málaga, y como quiera que desde 1829 se gastan sus minerales, la imaginacion mas atrevida retrocede al cálculo de los quintales que han producido y pueden producir.

En 1782 empezó á beneficiarse por cuenta de S. M. la mina del Robledal cuando se establecieron las famosas fábricas de Artilleria de Ximena sobre el rio Guadiaro y que se abandonaron despues de haber gastado unos doce millones de reales de vellon: el mineral es hierro magnético ú oxidulado que ha producido en ensayos hasta un 75 por ciento presentándose en colosal abundancia á la superficie formando gruesos bancos: en el punto llamado de los perdigones cerca del pueblo de Tuzcar (Serrania de Ronda) hay una poderosa capa de hierro de aluvion en cantos rodados, hierro pardo de acarreo: esta mina se benefició con fruto en el siglo pasado por una compañía de estrangeros que estableció la fábrica de hoja de lata titulada de S. Miguel.

Fáltanos bosquejar los hierros de Sierra de Mijas que son de la clase de los llamados hidratados y se usan como fundentes en las ferrerías ya enunciadas por ser mas fusibles. Se presenta en masas aisladas ó bolsas entre la caliza dolomítica sacaroidea ó sea *metamórfica* de los términos de Monda, Mijas Benalmadena y Ogen en donde se ha descubierto últimamente en el sitio llamado Cala Barranca un criadero que se presenta formando una capa de vara y media de espesor corriendo de N. á S. aproximadamente y reconocida en 180 varas con una labor á cielo abierto de 80 á 90 varas de longitud por 4 de latitud, con visos de proseguir en bonanza y varias bolsadas y capas en su proximidad de menor importancia hasta ahora.

NEVADA.

Las primeras minas de esta clase parece ser fueron las de los términos de Nerfa, Competa y Irigiliana especialmente en la sierra nombrada como la primera de estas villas: seguidamente se trabajaron varias con buen éxito en la nombrada Sierra Blanca, que comprende jurisdicciones de esta ciudad y las villas de Ogen é Yustan y las mas modernas si bien las de mas entidad en la actualidad y en su consecuencia de mas importancia, son las de la titulada sierra de Mijas y á su costado E. en término de Alhaurin de la Torre, partido judicial de Málaga. Ambas á tres sierras presentan asimilidad en los caracteres de composicion de las masas que las pueblan, en su posicion ó identidad de sus productos, no menos que en formas topográficas y circunstancias mineralógicas.

La primera que corre por el estremo oriental de la provincia, es continuacion de otras, que partiendo del foco principal ó sea de Sierra nevada, en la provincia de Granada, se fracciona en varias como la Contraviesa, Lujar, Casulas, Almjara y Tejea, que és la que nos ocupa, formando cadena unas en pos de otras que, concretándonos á la provincia de Málaga, marea, con algunos cambios de direccion y fuentes de presiones y protuberancias, por los pueblos de Canillas, el Colmenar, Alforrate etc., del N. de Velez al M. de Antequera y Carratraca, en cuyas cereanias por la parte de Casarabonca y Junquera empalma con la descrita de Sierra Bermeja, cuyas diferentes partes forman la renombrada Sierra de Ronda, que subdividida en diversos ramales descende al mar, formando los costados de ambas cadenas de montañas los dos estremos de la provincia que recorren, trazando un arco aproximado cuyo centro está en el Mediterraneo, pudiendo considerarse á la costa Malagueña como la cuerda del mismo.

La roca que sirve de caja á las minas de Nerja, que se hallan en el sitio llamado lomas llanas á tres leguas de distancia, es la caliza cristalina con cantos conglomerados por cemento de igual clase, presentándose con granos gruesos de colores blanco amarillento y tambien con tintas azuladas y fractura desigual: entre las capas de estas rocas, que podremos llamar marmoles groseros se encuentran algunas de sulfuro de plomo ó galena y de carbonato de la misma sustancia, de una riqueza de cincuenta á seicenta por ciento en plo-

mo de buena calidad aunque escaso en plata de la que solo contiene vestigios; se presentan tambien criaderos en bolsas y riñones con algunas ráfagas ó venillas de mineral, que desde la superficie que es donde asoman suele á veces conducir á las bolsadas y capas ya enunciadas, las muchas minas que en diversos sitios se han trabajado ha sido por gente proletaria que llaman en el paiz rebuscadores, pues las pocas compañías que para su disfrute se han formado han contado con escasos recursos pecuniarios, poca inteligencia y menos constancia, de modo que en este canton lo mismo que en el de Marbella tenemos que lamentarnos de los escasos capitales que se emplean en el beneficio de los minerales que se hallan encerrados en su corteza; siendo digno de atencion que en el año proximo pasado cuya estadística termina este trabajo, por gente mercenaria, sin labores de consideracion y puede decirse sin mas que rasguñar la superficie de la tierra pasan de 25000 arrobas de plomo las que se han embarcado para el vecino distrito de Adra, ademas de alimentar la fábrica del Rey en término de Competa y la de Otivar, que corresponde á aquel y sin contar lo mucho que fraudulentamente se vende á los alfareros en su estado natural. Una de las medidas que reclama imperiosamente la actual situacion de estos criaderos, es, que por una compañía de fondos ó varias reunidas se profundice el terreno, por cuanto que hasta de hoy las minas de mas nombre, que son las llamadas S. Antonio, Buena fé, S. José, y S. Quintin no alcanzan á 30 varas con sus trabajos mas hondos, siendo esencial esta medida, no tan solo para investigar en regla terrenos, que presentan tan buenos vestigios á la superficie, si que para desterrar la fatal preocupacion que sostienen los mineros de que los criaderos no prosiguen á profundidad, sin razones en que apoyar tal asercion, indefinible hasta llevar á cabo la labor que se proyecta.

En los años 35 y 36 se laborearon varias en la ya citada Sierra Blanca, que dista media del mar, la que marcha en direccion de E. á O. proxicamente lo mismo que sus bancos y capas que constan de estratos bien regularizados buzando de 55 á 60° al N. O. Su distancia longitudinal no llega á duas leguas por $\frac{1}{4}$ de latitud, siendo su principal altura el pico denominado de Fuana, que no debe pasar de 1500 pies castellanos sobre el nivel del mar: se halla constituido en casi su totalidad por la caliza dolomítica cristalina sacaroidea fuertemente alterada por las serpentinas que la rodean por N. NO. y E. habiendo logrado metamorfizarla de tal manera, que se distingue en ella perfectamente bien las teorías del sabio Liell donde se hallan estratos

mas alterados unos que otros, observandose en el arroyo llamado del Iuebrigo algunos tal delgados, que podemos llamar foliaceos en alternancia con planchas de serpentina, encontrándose en el resto de la montaña venillas de cuarzo y halino y capas de pizarra talcosa y asbesto. El color predominante es el blanco brillante, que aumenta con la fractura que es granuda, siendo este de diversos tamaños aun cuando en lo general fino, hay trazos de un color amarillo claro por su superficie y blanco en el interior, rara vez presenta medias tintas ni oscuras siendo sorprendentes las grutas y cuebas que contiene tapizadas de hermosas estalactitas formando juguetes fantásticos.

Varias son las minas abiertas en ella y hoy casi abandonadas en su totalidad á escepcion de cuatro ó seis. Las de mas fama por sus productos han sido la Campana, S. Marcos, Buena-vista, S. Cristian, S. Bernabé, Santa Maria, Isabel 2.^a etc. en todas ellas solo dos son las clases de mineral que se han presentado, aun cuando todas de un producto abundante en plomo de superior clase de un seicenta á setenta por ciento, siendo las variedades la galena y el carbonato de plomo en abundancia, y otro mineral que llamaremos galena descompuesta.

Estos minerales tienen su yacimiento de la propia manera, que los de sierra de Nerja, aun cuando aquí abundan mas las capas y las bolsas que talvez no sean mas que capas fracturadas; pero que para distinguir bien su formacion la explotacion debe estar mas adelantada.

Las minas que hoy estan en mas apogeo, son las de la loma de en medio tituladas Emilia y S. Francisco, que explotan por medio de galerias y labores á trancos una capa de buen mineral, que se presenta por lo general á granos sueltos en los puntos febles de la union de dos capas á que llaman los prácticos blanduras.

Por último, restanos decir algo sobre el canton que en la actualidad cifra las esperanzas de varias empresas y forma la base de especulaciones algun tanto beneficiosas ó sea de la sierra de Mijas, que corre desde la orilla del mar en términos de Torremolinos, Benalindena y Fuengirola hasta cerca de Ogen y puerto de la junta de las veredas y Monda, formando con la sierra Blanca de Marbella, las Chapas y sierra Bermeja un vistoso anfiteatro de montañas, cortado por diversos arroyos que descienden al mar sin dejar mas planicie que las vegas de Fongirola y Marbella, su direccion aproximada es de NE. á SO. la roca que mas abunda en su formacion es la ya repetidas veces nombrada caliza cristalina, que se emplea como marmol para algunos

usos como baños, pavimentos etc. alterna con planchas de mica, se halla también descompuesta y formando una arena gruesa y también conglomerados, por el Norte forma algún tránsito á la formación sobre que yace que como la sierra Blanca es el grupo de la gravaca, así que presenta pizarras y areniscas disminuyendo la masa principal de caliza que la forma casi en su totalidad en la parte S.: ni en esta ni en las anteriores hemos hallado resto alguno que nos indique la preexistencia de seres que en ellas hayan habitado ó nos demuestre las especies de que algún día se vió poblada, lo que nos hace inferir que las rocas constitutivas han sufrido un gran cambio en su composición á efecto sin duda de las erupciones plutónicas que la cercan y las dioríticas de la parte de Málaga.

Las minas se hallan á la parte del E. en el llano llamado de la plata y cerro de la Mezquita, estando demarcadas sobre 12 á 14 y siendo las mas principales las tituladas El Niño, S. José, Como-quieras, Carolina, Buen criadero, Observacion, Su madre, los Angelitos, Guillermina Gorgrana etc.; nos ocuparemos de las mas importantes empezando por El Niño, antes Santa Rita. Sus labrados consisten en varias galerías, con distintas denominaciones, tales como Caño del Ingles, del tío Martinez etc. teniendo el primero bobedas de ladrillo con ramales y enjutas de lo mismo, que honra á su Director, abiertos sobre el criadero y siguiendo su direccion á distintos niveles y un poco separados, viniendo á formar líneas paralelas entre sí; pero siguiendo el buzamiento de los minerales ascendiendo en clase á 4 que con algunos recodos y registros en diversos puntos en busca de aquellos y el gran caño denominado del Sordo, que en direccion de NE. á SO. atraviesa la demarcacion en sentido diametralmente opuesto á los anteriores y el pozo lumbrera, constituyen los labrados de la mina, de cuya naturaleza y orden pasamos á ocuparnos. Se han abierto con el fin de explotar una capa filon de potencia variable y por término medio de 0,30 á 0,50 de vara, que marcha constantemente de NO. á SE. con una fuerte inclinacion de 50 á 55.° al O. constituido en su totalidad por un mineral poco comun y variable en sus caracteres oritognósticos hasta el infinito, cual es el carbonato de plomo mezclado fuertemente con oxidos de hierro que le dá un color rojo en diversas tintas y le desfiguran predominando también el hierro arcilloso ó hidratado que con el plomo carbonatado toman un marcado y raro aspecto escoriforme, y otras veces un fuerte color rojo oscuro y negro á lo que los operarios llaman requemado, expresion perfectamente bien acomodada á los caracteres exteriores de tan singular variedad;

así mismo se presenta el sulfuro de plomo ó galena de hoja ancha y de grano de diversas magnitudes aunque no con abundancia. Llaman los operarios chimeneas á la parte feble de terreno en que la dolomia no se presenta en roca consistente, sino muy por el contrario formando tierras sin coherencia alguna, por lo que es indispensable el mas esmerado cuidado en fortificar convenientemente tales puntos por que el menor descuido atraeria consigo males y desgracias sin cuento.

S. José. Cuanto llevamos espuesto puede con pocas escepciones aplicarse á esta mina cuyo mineral difiere del de la anterior notablemente, el que si bien marcha en la misma direccion es de naturaleza diversa consistiendo en sulfuro de plomo de grano regular y fino, bastante compacto y de un color gris claro, llevando por ganga ó matriz la caliza que sirve de caja al criadero, sus labores consisten en dos pozos, principal y lumbrera no distantes entre sí y 4 galerias, que marchan de NO. á SE. estinguendo el mineral en roca consistente que evita fortificaciones. Cuantas minas hay en este punto adolecen de igual falta, cual es que no se han cuidado de investigar ó explorar el terreno á profundidad, y por el contrario han forzado demasiado las explotaciones en direccion.

Como quieras. La capa que disfruenta esta, marcha en igual direccion que las anteriores, siendo las mismas sus circunstancias á escepcion de la naturaleza del mineral que es mas rico y en su consecuencia contiene mas cantidad de plomo que los demas del proprio terreno.

Para su beneficio se han abierto varias labores, no con el mayor acierto, acinando pozos sin orden, metodo ni ventajas que justifiquen su oportunidad.

De las varias minas de este circulo se han estraido en todo el pasado año sobre 50:000 arróbas de mineral y 10:400 arróbas de buen plomo en las fábricas de S. José en Málaga y Mesquitas de Reini en el cerro del mismo nombre al pié de las minas.

Hay varias otras salpicadas, digamoslo así, por diversas partes del distrito, en su generalidad de escaso interés con trabajos de investigacion sobre indicios de minerales mas ó menos ventajosos; siendo la principal de esta clase la denominada Trinidad en la Ieza de la villa de Casares, conocida tambien bajo el epitetto de la del Cura de Cortes por haber sido uno de los Señores Curas de este pueblo el primero que las trabajó (en 1826) con resultados algun tanto satisfactorios, siendo hoy su propietaria la compañía llamada del Sol estable-

cida en la plaza de Gibraltar, digna de toda consideracion por su asiduidad y perseverancia en los trabajos haciendo gastos de entidad, cifrando hoy sus conatos en tropezar con los minerales que la pública tradicion dice dejó en abundancia el cura de cortes, y para cuyo fin son varias las labores que lleva practicadas, tanto de investigacion cuanto de rehabilitacion, dejando al descubierto las antiguas y reconstruyendo sus fortificaciones. Tiene que luchar con la debilidad ó poca consistencia del terreno (pizarra carbonosa algun tanto descompuesta) por cuanto se halla situada en el mismo transito de la formacion trápica de sierra Bermeja á cuyo pie situa con la de transicion sobre que yace, habiendo destrozado notablemente el terreno en el que hasta hoy solo se hallan nodulos ó riñones de galena y piritita de cobre, y algunas vetillas de escasa potencia.

La titulada S. Manuel, que está en el arroyo de Galica á legua y media al E. de la ciudad de Málaga, tiene su porvenir en una veta de 3 á 4 pulgadas de potencia de marcha constante y de un mineral selecto por su pureza, aun cuando para utilizarle tiene que aumentar en potencia siguiendo constante su calidad.

La de S. Gabriel ó Jesus Nazareno, en el cerro de Santopita término de la misma ciudad, prosigue con laudable constancia, el gran socabon ó caño de deságue, que alcanza 390 varas de longitud y está procsimo á comunicar con los trabajos antiguos, en los que hay un filon respetable, segun la opinion de los que lo han examinado.

PLOMO ARGENTIFERO.

Este producto se halla limitado al canton denominado de las Chapas de esta ciudad, por cuanto que los minerales que contiene son argentiferos. Las minas que lo constituyen, notables por mas de un concepto, y que en breve estudiaremos con toda estencion, son varias, que se trabajan con mas ó menos constancia, ó se abandonan y vuelven á denunciar etc.; pero las que se elaboran sin interrupcion y con una constancia que honra á sus dueños, son las pertenecientes á las sociedades Virgen del Rosario de Jerez de la Frontera, Legalidad de Gibraltar, Estrella de Cadiz, y S. Juan Bautista de Jerez á las que pertenecen las minas Consuelo, Santa Rosa y Rosario, Si produce se continuará, y Trabajaras y hallaras si hay, ó sean la Romana y S. Pablo, Estrella, Jesus, Maria, y Virgen del Carmen.

Situadas en el arroyo de los Linarejos, término de la villa de Ogen y en los montes llamados de las Chapas de Marbella á dos leguas al NE. de esta ciudad, los que aun cuando de poca elevacion forman barrancos y quebradas, por la descomposicion de las rocas que los constituyen y su posicion y naturaleza, que en general son las pizarras arcillosas de fractura astillosa, color gris pardo y negro con transitos á las carbonosas y esquistos micaceos, sustituyendo en algunos casos á la mica los granates, aunque no muy pronunciados, formando pizarras granatíferas; alternando las capas con estratos de cuarzo y otros de arenisca cuarzosa correspondiente á la formacion, que es el grupo llamado de transicion, y tambien con la caliza dolomítica cristalina, que asoma sus blancas capas en las depresiones del terreno etc., todo sublevado por las serpentinas con su color general y sin mineral alguno característico en su masa sino su composicion natural, que en capas de poca potencia ó bien sigue los planos de estratificacion, ó bien los corta en distintos angulos: la direccion ó posicion general de los estratos aunque alterada por casos especiales y en general bien involucrada es de SO. á NE. aproximadamente. Esta formacion que tan mareada observamos en este punto se halla desarrollado en una grande estencion de la provincia, bordando las sierras calizas, que ya hemos descrito anteriormente y aun formando su base como la de la Blanca, Mijas, Bermeja etc., y otras veces por si solo forma montes de alguna elevacion, como los de la Romera y Lagares de Málaga, Almogia, Olia, Totalan, Cutar, Velez etc., ereando los detritos de las pizarras arcillosas de capas delgadas, porque su suelo se seca pronto y se calienta muelo las tierras en que mejor prosperan los grandes viñedos, que son la riqueza agricola del pais. La misma formacion se halla asimismo alterada por la verdosa serpentina á quien sustituye á levante del distrito la diorita, que se presenta predominando el anfíbol.

En el círculo que describimos atraviesan la estratificacion general del terreno varios filones, ó sea de SE. á NO. formando la base de explotacion de las indicadas empresas, es que se estiende por la falda del llamado cerro de Carillo, y corre hasta la margen derecha del indicado arroyo de Linarejo, en una estencion de 600 varas en que se halla reconocido por su superficie, y en 200 por su interior, inelina muy pocos grados al N. es de potencia variable, por término medio 275 varas, y compuesto de galena de grano de diverso tamaño y hojosa, sulfuro de zinc, hierro oxidado, y piritas, feldespato procedente de la descomposicion de la serpentina, caliza, abundando

la galena con bastante blenda en la cabeza del filon y á profundidad, mas pura esenta de otros cuerpos, y de grano mas fino.

Para su disfrute se han hecho varios trabajos, que para describirlos con mas claridad nos circunscribiremos á cada mina dando principio por la mas adelantada é importante ó sea el Consuelo.

Consisten en una galeria principal ó sea socabon de entrada que corre 95 varas fortificadas en su mayor parte con boveda corrida de medio punto, construida con ladrillo así como sus ramales, en cuyo sitio corta el filon presentandose bastante esteril, y para reconocerlo á profundidad se siguió con el pozo Consuelo, que cuenta 22 varas. Poco antes de terminar el socabon marcha una galeria titulada de S. Juan fortificada convenientemente con buenas portadas hasta enlazar con el limite de la demarcacion en su union con la colindante Romana, y al SE. donde hay un pozo de 18 varas, que toma igual nombre, fortificado de entivacion convenientemente y con su bajada de escala con descansillos al efecto. Estas y varias otras labores de muy escaso interes forman lo que podemos llamar primero piso. Constituyendo el segundo una larga galeria, que dejando al descubierto el filon une los dos pozos y sigue algunas varas mas, con el nombre de Santa Rosa, hasta que aquel esteriliza algun tanto: á las 29 varas del pozo Romano hay un gran anchuron donde se ha presentado en mayor potencia ó sea de 9 varas, habilita el pozo de Santa Cecilia, que tiene 32 de profundidad hasta su caldera, que es el punto mas avanzado de la mina; á los 150 de su brocal parten en direccion del filon ó por su centro ó sea al NO. y SE. dos galerias Encarnacion y S. José, avanzando la primera 26 varas, cortando ó estinguendo un mineral selecto, y la segunda 12 varas de mineral inferior: á las 30 ó sean 15 de estas se han emboquillado asi mismo otras dos galerias paralelas á aquellas Rosario y Santa Isabel, que deben cortar buen mineral á juzgar por analogia. El filon al SE. y á las 56 ó 60 varas del limite de la demarcacion por el costado S. parece ser forma una inflexion brusca mas á profundidad por la interposicion de una masa de serpentina muy descompuesta, que lo corta en un angulo de 45 á 50.°

Con estas labores quedan flanqueados dos grandes primas ó maizas de mineral los que esplotados con el orden, economia y buen metodo tan necesario en toda esplotacion de minas y tanto mas en las que ocurren circunstancias como en la presente con un terreno tan dislocado como desde luego se deja conocer por la reseña de la clase de formacion en que arma el criadero, y tanto mas los terrenos ó puntos cuyos presiones debemos vencer á la inmediacion del filon.

el que por su mucha potencia y origen, que en nuestro sentir es posterior á la formacion y desde luego á las serpentinis puesto que las ha alterado y descompuesto hasta el estremo de que por salvandas conserva esta roca en un estado de destruccion estrema y cual si huviera sufrido una accion plutónica muy viva, en que los terrenos presentan resistencia al barreno, por lo que los trabajos son paulatinos ó gastan mas tiempo, si bien una vez perforados y espuestos á las influencias atmosféricas se agrietan y destruyen con facilidad, sin duda por la presion y gran fuerza de gravedad de la roca: los trabajos son mas dificeles por estos accidentes así que los de fuera del filon necesitan fortificaciones, marehando en lo general con labor de conquista, no obstante dar la feliz coincidencia de no abundar las aguas subterranas y sí en las labores altas debido á las filtraciones del exterior. Con la explotacion de estos macizos y los que luego se flanqueen preparando bien el campo de labor y beneficiando la mina bajo un sistema ventajoso y una administracion rigurosa, los productos que rinda ademas de premiar dignamente los afanes de los interesados, haran que la mineria del distrito adquiera confianza en algunos puntos de su privilegiado suelo y un rapido vuelo que la eleve á la altura de que es digna prodigando al pais sus beneficios. Estos deben dejarse sentir en breve por cuanto la sociedad Virgen del Rosario ha contratado con una casa estrangera, que tiene fundiciones ó sea oficinas de beneficio de plomo y platas en el litoral la venta de 100:000 quintales de minerales procedentes de sus propiedades en las Chapas.

Santa Rosa y el Rosario, que tienen su demarcacion al NO. del Consuelo y sobre el filon no tienen labores bastante avanzados á profundidad para juzgar por ellas de su importancia, por mas que su posicion es ventajosa y su explotacion se presenta con buenos auspicios.

La Romana consta de una galeria socabon de entrada en igual sentido que la de su vecina, caminando al S. y aprovechando para su apertura la falda de la montaña que gana 90 varas en longitud labor hecha antiguamente en que se trabajó por varias empresas de pocos fondos y que la abandonaron por la dificultad de fundir sus menas á consecuencia de la mucha blenda que contiene, la actual empresa ha formado un anchuron y pozo á su limite que tiene 50 varas de profundidad, colocado en mala posicion y á un costado del filon abierta muy mal; á las 20 varas rompe con el una galeria y lo recorre en 21 por medio de la titulada de S. Francisco abierta en su casa, que se presenta en este punto muy esteril por lo que la socie-

dad con un celo y teson remarcables se ocupa en corregir los grandes errores del pozo y fortificarlo de manera que permita profundizarlo convenientemente hasta el nivel oportuno para volver á practicar otra galería de rompimiento al filon y ver si á profundidad ha ennoblecido como es natural, pues la posición de esta demarcación no puede ser mas satisfactoria, por cuanto se halla en el centro del criadero, sino que como estos tienen tantas variaciones en dirección, inclinación, riqueza, potencia, etc. puede muy bien suceder que aun cuando el punto atacado por la galería de S. Francisco sea estéril, no por eso hay que juzgar desfavorablemente, hasta no examinarlo en otros.

San Pablo. Se halla en análoga posición y circunstancias de Santa Rosa y Rosario, colocada su demarcación en punto diametralmente opuesto á ella, ó sea al extremo SO. aun cuando no se haya trabajado sobre el filon en sus escasas labores, reducidas á una galería de entrada y á un pozo de 16 varas, se presentan varias venillas ó rafagas de un mineral superior.

Estrella. Explota una veta al parecer ramificación del filon principal, que corre en dirección de E. á O. aprosimadamente, de potencia variable y por general 0, 20 á 0, 30 de vara, compuesto de galena brillante de grano fino y algo antimoniosa y la mas argentífera hasta hoy de todas las del canton, conteniendo por término medio de los diferentes trozos que se han ensayado de 60 á 70 por ciento de plomo y dos onzas cumplidas de plata por quintal de mineral y los del Consuelo de 50 á 60 por término medio y dos onzas escasas de plata por quintal de mineral: las labores que se han hecho para su disfrute consisten principalmente en la galería de entrada, que en dirección S. 20.º O. recorre 13 varas y dando un recodo al E. 19.º N. á las 5 varas termina en un anchuron del que desciende un pozo que profundiza 30, á cuyo plan se han abierto dos galerías de reconocimiento y disfrute en dirección. En la parte superior, parte del anchuron una galería á levante terminando en el pozo Anibal, que está atorado á efecto de los grandes hundimientos que han sobrevenido por el desorden y falta de fortificación, que reinó en la explotación primitiva, siendo el terreno de esta mina mas alterado aun que el de los demas por los muchos lisos ó resvalamientos de roca que tiene. La explotación no ha sido la mas acertada ni ventajosa, porque el mineral que han extraído ha sido rebajando la galería alta hasta el punto en que el terreno manifestó peligro y rellenando la hoquedad con tierras y piedra. El sistema que al parecer se presenta mas favorable-

mente en esta mina es el de galerías y pozos inclinados, puesto que la veta buza mas de 25.º al N. ir dejando macizos cortos, y llaves de roca y mineral explotándolos invertidamente en las galerías paralelas, omitiendo así gastos, por cuanto no hallandose el criadero bien determinado y poco investigado y aun en tan limitado campo, parece ser que disminuye de potencia y aumentan las aguas que no deben prodigarse, ni mucho menos aventurar capitales, siendo así que no obstante puede sacarse fruto de ella guardando gran economía y sumo acierto, siendo lamentable que las disidencias y poca sensatez de algunos de sus accionistas entorpezcan y aun imposibiliten su beneficio.

A Levante de esta hay otra llamada Beduina cuyo porvenir esta en el mismo criadero que la atraviesa por estar situada en su dirección pero que con trabajos paralizados por largos intervalos no ha avanzado todavía lo suficiente para augurar de su suerte.

Ademas de las citadas ha habido varias otras colocadas al S. E. del criadero con mayores ó menores probabilidades de disfrutarla, que hoy se hallan abandonadas, aun cuando facil es pronosticar que no tardaran en trabajarse nuevamente con mayor furor en vista de los resultados de las sociedades que han permanecido constantes en sus tareas.

Restanos unicamente nombrar las minas Virgen del Carmen y Jesus y Maria pertenecientes á la Sociedad de S. Juan Bautista de Jerez que estan á la misma margen del arroyo al E. del foco que hemos ya nombrado, teniendo por objeto de sus trabajos reducidos á dos socabones y un pozo, en terreno muy consistente, reconocer un filon que aparece en la superficie con regularidad en su marcha, de buena potencia, compuesto de cuarzo, oxido de hierro e algunas habas ó granos de galena argentifera.

Por lo que resulta que este canton es el de mas interes del distrito en todos conceptos, tanto por su posición cuanto por el interes que inspiran sus filones ó criaderos y los capitales de las personas interesadas en ellas, congratulándonos de que formará la base de las explotaciones bien entendidas de la provincia y será el elemento que desarrolle otros que hoy no se elaboran por falta de confianza y medios; pero estos no escasearan en una industria que cuenta con elementos fijos para proporcionarles sus correspondientes renditos.

COBRE.

Varios son los criaderos y de interes que encierra en su seno la provincia de Málaga de tan precioso y utilísimo mineral, por mas que circunstancias desgraciadas y doblemente sensibles por la riqueza que permanece oculta en las entrañas de la tierra, en vez de desarrollar uno de los mas poderosos elementos de bien estar y felicidad, haga que se trabajen con languidez y poco exito las minas que de esta clase se hallan registradas en la Inspeccion, contribuyendo á ello el mal que tantas veces hemos lamentado de falta de capitales en las personas que por lo general se dedican á su beneficio, y sabido es que sin tan poderosa palanca ayudada por la inteligencia no es posible poner en juego los elementos de la industria.

Las primeras minas que se descubrieron son las tituladas Herumbrosa y Marjal del Foro en término de Genalguacil y Cibeles en la cuesta del Pino, término de Pugerra que se han trabajado por diferentes sociedades, siendo la titulada Esperanza la que disfrutó parte de las ricas muestras que presentan de cobre gris y abigarrado, pirritas e carbonatos de una riqueza notable; posteriormente se han denunciado por varias otras, siendo escasos los trabajos hechos que en la época que los visitamos estaban hundidos y anegados, dejando no obstante descubrir en el astial de uno de los socabones un filon de gran potencia compuesto de arenisca, oxidos de hierro y las sales de cobre indicadas, implantada en la formacion de Sierra Bermeja ya dicha, en cuya parte occidental está el pueblo á cuyo término pertenece. La Cibeles presenta mayor abundancia de cobres carbonatados y pirita, distando tres leguas de las anteriores mas al centro de la Serrania. Para beneficiar sus productos que consideramos de interes por mas que hoy sera fuerza emplear algunas sumas en la rehabilitacion de las labores antiguas, se construyó una oficina de beneficio en las margens del rio Guadalnaza, término de Venahavis, reedificando otra antigua que en el propio punto existia, la que constaba de un horno de calcinacion, otro de fundicion, un reverbero para el cobre negro y el de afinacion adoptándose el metodo de *Falun* en Suecia, se hicieron varios ensayos obteniendo hasta un 20 por ciento de cobre afinado en rosetas. Se abandonó establecimiento tan adelantado por haberse agotado en estas obras los escasos recursos de la em-

presa no obstante seguir las minas en bonanza aun cuando siempre habia que luchar con dos grandes inconvenientes que no se tuvieron presentes al establecer la oficina de beneficio, á saber, la distancia de las minas, á tres la Cibelas, y á seis leguas las restantes con caminos casi intransitables, y la insalubridad del sitio por la abundancia de calenturas intermitentes que desde Junio á principios de Noviembre las hacen inevitables, siendo otro gran mal la escasez de agua en algunas temporadas para la fuerza motriz de la fábrica que tenia dos trompas hidráulicas y no suele haber bastante agua para alimentar una.

Últimamente se han hecho investigaciones y calicatas en los términos de Venalavis, Cartagina y Tuscar, que presentan notables muestras de cobres grises y abigarrados, que en otro pais en que la minería estubiese mas arraigada se considerarían descubrimientos de alta importancia, y pronto fueran objeto de especulaciones que con tan favorables indicios se presentan, probablemente ni aun se encontrará en la Serrania quien trate de reconocer terrenos tan interesantes.

En término de Málaga á dos leguas y sitio llamado del Lagar del Boticario, sobre la izquierda del camino de Granada se hallan las minas Cleo y Patra que explotan un filon de 0,50 de vara de potencia de pirita y carbonato de cobre y se dirige de N. á S. buzando al O., reconocido en veinte varas de longitud por medio de una galeria inclinada á trancos, dos horizontales y dos pozos para estraer los minerales y zafras, uno, y el otro contiene un sistema de bombas para extinguir las aguas que abundan mucho hasta que no se atravesase el titulado arroyo Honda donde estan hoy los minados que no carecen de interes, maxime si prosigue el filon tan constante como hasta de aquí. En varios otros puntos endereador se presentan entre las capas de pizarra alteradas por las dioritas y en vetas de cuarzo lechoso y areniscas, indicios de cobre.

Luego vemos que en la Serrania de Ronda hay eriajeros importantes que esperan y necessitan capitales que se empleen en su beneficio, y en Málaga se presenta otro é indicios de varios mas.

NIQUEL.

En el camino de Casarabonela de Carratraca y sitio llamado cuesta de los Garabatos en término del último pueblo á que dan fama sus

renombrados baños se ha descubierto entre la serpentina alterada y pizarras talcosas minerales de sulfuro-arseniuro y oxido de níquel que se presentan en nodulos ó granos esferoidales de diversos tamaños, desde el de una nuez á bolsas ó esferas grandes que partidas presentan en su centro mayor pureza y asimilan una radiacion del centro á la circunferencia, de color rojo de cobre algo pálido que en ensayos ha dado de un 10 á 15 por ciento de níquel agrio. Las labores hechas sobre este criadero son escasas, é insuficientes para darnos idea de la consideracion de un descubrimiento notable por la rareza ó singularidad de tan escaso mineral, que se reducen á un pozo de catorce varas y una galeria socabon de veinte e nove con dos ramales de iguales dimensiones y longitud.

OFICINAS DE BENEFICIO.

Ademas de las fábricas de hierro de esta y de Málaga que van indicadas en los estados finales con la clasificacion de los aparatos y máquinas de que constan y gente que ocupan, sobre las que se ha escrito por varios sugetos con alguna estension, por mas que fueran necesarios varios tomos para dar una idea de las operaciones que en ellas se verifican y descripcion de hornos y aparatos de viento, motores, receptores etc., pues se halla recopilado lo mejor que en esta parte de la metalurgia se ha inventado, y baste decir que son establecimientos que rivalizan hasta con ventaja con los mejores del extranjero, honrando la industria nacional: hay cinco en pequeño dedicadas al beneficio de las menas de plomo usando en todas ellas los métodos españoles que se inventaron en la prosima provincia de Granada de donde son los maestros que han hecho los hornos y los que dirigen y verifican las operaciones conseqüentes á su beneficio, obteniendo productos de muy buena calidad y teniendo por aparatos de viento las pavas, á escepcion de la situada en el arroyo de Quejga en Sierra Blanca que tiene una trompa hidraulica que produce buen efecto á lo que se presta muy bien el terreno en cuya eleccion no pudieran estar mas acertados por reunir ventajosamente cuantas circunstancias son favorables á su objeto.

RESUMEN.

Recopilando cuanto llevamos espuesto obtendremos por consecuencia que si rica y celebrada es la provincia de Málaga por su posición geográfica é interesante topografía y productos agrícolas é infinitas variedades zoológicas y botánicas, no es menos notable en el reino mineral materias de que se compone su suelo y disposición de las mismas, presentando á las observaciones del naturalista un vasto campo de estudio y al interes particular medios y objetos donde emplear sus capitales con beneficio propio y del país, siendo notable que en el distrito minero mas limitado del reino se presenten los minerales mas útiles á las artes por su necesidad y aplicaciones, tales como el hierro, plomo y cobre y á la par nos presente así mismo dos muy raros ó escasos en la naturaleza y de útiles aplicaciones, el grafito y níquel.

Que la minería del distrito prosperará rapidamente, cual se vé por los estados comparativos que obran al fin, pues si no existe el furor ó vertigo que se apoderó de sus hijos en época no muy lejana, queriendo encontrar metales por doquiera, las explotaciones fundadas hoy sobre bases mas fijas prometen resultados propicios y aun riden utilidades que iran en aumento, siendo notable que en el año procsimo pasado del que nos ocupamos, cuando la minería del resto de la Peninsula ha sufrido menoscabo y paralización en sus tareas por la crisis comercial que nos ha afligido y mas principalmente por la revolucion y acontecimientos de la vecina Francia se hayan trabajado 239 minas, siendo de ellas productivas 96 que han dado ocupacion á 436 operarios. Que ademas de las cuatro ferrerías que han estado en actividad ocupando 1350 operarios y 670 caballerías, sin contar la gente de

mar empleada en los transportes, han estado en marcha por diferentes épocas, tres fábricas de plomo entreteniendo 50 operarios y 80 caballerías con 30 arrieros, habiendo obtenido :

| MINERAL | QUALIDAD | ARROBAS | LIBRAS |
|--------------------------------------|-------------------------|---------|------------------|
| Arrobas 1:500.000 . | Plomo | 20.672 | » |
| | Hierro colado | 627.600 | » |
| | Id. maleable | 564.720 | » |
| | Grafito | 5.028 | » |
| Quintales 98 $\frac{1}{2}$ | Cobre negro | 24 | 37 $\frac{1}{2}$ |
| | Niquel | 100 | » |

Marbella 1.º de Julio de 1849.

José de Aldama.

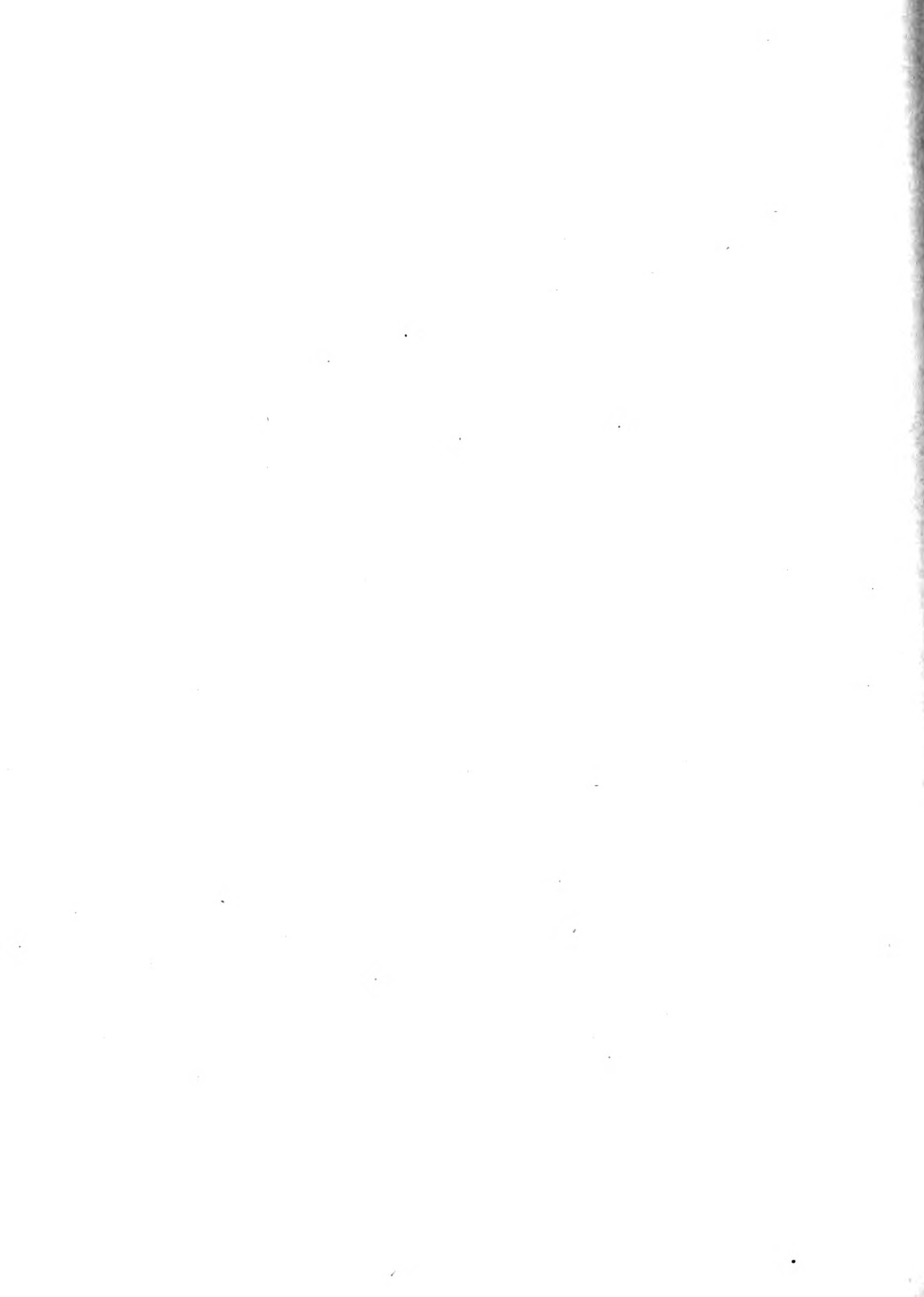
Nota aproximada de los minerales plomizos que en el año de 1848 se han obtenido en las minas del distrito de Malaga con expresion de sus procedencias y destinos.

| PROCEDENCIA | Minerales beneficiados en este distrito | | Minerales exportados á otros puntos para su beneficio | | Minerales vendidos en su estado natural | | Minerales existentes en la boca de las minas | | TOTAL | |
|--|---|-------|---|-------|---|----|--|---|--------|-------|
| | q | £ | q | £ | q | £ | q | £ | q | £ |
| | Del Canton minero de Nerja..... | 19272 | — | 16000 | — | — | — | — | — | 35272 |
| " " " Alhaurin de la Foxa..... | 25964 | — | 4000 | — | — | — | 16000 | — | 45964 | — |
| " " " las Chapas..... | — | — | 416 | — | — | — | 16000 | — | 16416 | — |
| " " " Marbella..... | 1296 | — | — | — | 1189 | 12 | 5000 | — | 7485 | 12 |
| De otros diferentes puntos del Distrito..... | 46332 | — | 20416 | — | 1189 | 12 | 3000 | — | 108137 | 12 |

NOTA.

Se observará entre los resúmenes estadísticos del espresado año de 1848, y presente extracto aprocsimado una notable diferencia; lo que consiste: en que aquellos fueron formados con los datos rendidos por las empresas y á los que se ha alentada esta Inspeccion en un todo; y el presente se verificado ademas de con dichos datos, tambien con noticias y antecedentes filidignos adquiridos en las distintas vistas practicadas por el que suscribe, durante las que se han procurado fijar una idéa bastante exacta de los productos de la mineria en la provincia para mayor exactitud en los sucesivos documentos.

J. DE ALBARRA.



DE MALAGA.

7.

| Minas registradas ó denunciadas durante el año | Cobalto y níquel | Valor del 10 p. % de arrendamiento de líneas del Estado | Cantidad cobrada para dicho concepto | MINERALES ESTORTADOS DURANTE EL AÑO | | |
|--|------------------|---|--------------------------------------|-------------------------------------|---|---|
| | | | | Q. ^{ts} | @ | £ |
| 46 | 250 | 603-29 | 1437-16 | Grafito..... 141 | 2 | 2 |
| | | | | Níquel..... 290 | — | — |
| | | | | Plomo..... 691 | 3 | — |

| Oficinas de beneficio con las duras el año. | Valor del 5 p. % los minerales beneficiados | Cantidad cobrada por dicho concepto durante el año. | PRODUCTOS ESPORTADOS DURANTE EL AÑO | | |
|---|---|---|-------------------------------------|---|---|
| | | | Q. ^{ts} | @ | £ |
| 2 | 818 - 25 | 1569 - 18 | Plomo..... 534 1/2 | — | — |

IAS DE BENEFICIO.

| MO, COBRE Y ESTAÑO | | | NOTA. |
|--------------------|----------|-------------------------|--|
| Hornos de cinación | Boliches | Hornos de manga ó pabas | |
| 3 | 4 | 3 | Ademas de los aparatos espresados existen en la ferreria de la Constancia de Málaga 12 hornos con sus calderas de vapor, 13 hornos ó estufas para varios objetos, 1 horno para alambre, 3 reverberos para hoja de lata, 8 hornillos para estañac, y en su dependencia llamada ferreria de la Concepcion en término de Marbella 3 aparatos ó estufas para calentar el viento con los gases sobrantes de los hornos y en fin diferentes máquinas de vapor y ruedas hidráulicas con aplicacion á distintos objetos. |
| | | | |

INSPECCION DE MINAS DEL DISTRICITO DE MALAGA.

RESUMEN ESTADISTICO DEL AÑO DE 1877.

RAMO DE LABOREO.

| Minas registradas ó denunciadas durante el año | Minas abandonadas durante el año | Minas de marcas durante el año | Minas en labor ó en solicitud | Número de las denunciadas | Número de las productivas | Minas en frutos | FUERZA DE SANGRE OCUPADA | | | Cantidad cobrada durante el año por dicho concepto | PRODUCCION EN QUINTALES CASTELLANOS | | | | | Valor del 10 p. 100 de arrendamiento de líneas del Estado | Cantidad cobrada para dicho concepto | MINERALES ESPORTADOS DURANTE EL AÑO | | | | | | | |
|--|----------------------------------|--------------------------------|-------------------------------|---------------------------|---------------------------|-----------------|--------------------------|---------|-------|--|-------------------------------------|-------------------|------------------|-----------|------------------|---|--------------------------------------|-------------------------------------|------------------|---------|--------|-------|-----|---|---|
| | | | | | | | Personas | Bestias | | | Grafito | Mineral de hierro | Mineral de plomo | Antracita | Carbon de piedra | | | Cobalto y níquel | Q. ^{rs} | @ | £ | | | | |
| | | | | | | | | Fero | Carga | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 56 | 63 | 12 | 266 | 72 | 91 | 44 | 379 | — | 134 | 7214-22 | 4689-4 | 378 | 158888 | 2294 | 151174 | 1029 | 250 | 603-29 | 1437-16 | Grafito | 154 | 2 | 2 | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | Níquel | 290 | — | — | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | Plomo | 691 | 3 | — |

RAMO DE BENEFICIO.

| Oficinas de Beneficio construidas durante el año. | Oficinas abandonadas durante el año. | Oficinas existentes en fin de año. | Número de las que están en actividad | FUERZA DE SANGRE OCUPADA | | | PRODUCCION EN Q. ^{rs} CASTELLANOS | | | Valor del 5 p. 100 de los minerales beneficiados | Cantidad cobrada por dicho concepto durante el año. | PRODUCTOS ESPORTADOS DURANTE EL AÑO | | | |
|---|--------------------------------------|------------------------------------|--------------------------------------|--------------------------|---------|-------|--|--------------------------|---------|--|---|-------------------------------------|---------|---|---|
| | | | | Personas | Bestias | | Hierro malleable | Hierro colado ó molotado | Plomo | | | Q. ^{rs} | @ | £ | |
| | | | | | Fero | Carga | | | | | | | | | |
| 2 | 1 | 11 | 7 | 1792 | — | 580 | 116649 | 483818 | 746 1/2 | 818-25 | 1569-48 | Plomo | 534 1/2 | — | — |

HORNOS Y APARATOS PRINCIPALES EXISTENTES EN LAS OFICINAS DE BENEFICIO.

| PARA HIERRO Y ACERO | | | | | | | PARA PLOMO, COBRE Y ESTAÑO | | | | | NOTA.
Además de los aparatos expresados existen en la ferrería de la Constancia de Málaga 12 hornos con sus calderas de vapor, 13 hornos ó estufas para varios objetos, 1 horno para alambre, 3 reverberos para hoja de lata, 8 hornillos para estañar, y en su dependencia llamada ferrería de la Concepcion en término de Marbella 3 aparatos ó estufas para calentar el viento con los gases sobrantes de los hornos y en fin diferentes máquinas de vapor y ruedas hidráulicas con aplicación á distintos objetos. |
|-----------------------|--------------|---------------------------|--------------------------|--------------------|---------------------------|-------------------|----------------------------|-----------------------|------------|---------|-------------------------|--|
| Hornos de calcinacion | Altos hornos | Reverberos para molideria | Cubilotos para molideria | Hornos de macedoze | Reverberos para afinacion | Herrerías comunes | Hornos para acero natural | Hornos de cementacion | Reverberos | Bolches | Hornos de manga ó pabas | |
| 3 | 9 | 3 | 4 | 7 | 23 | 34 | — | 1 | 2 | 4 | 3 | |

MALAGA.

| Minas registradas ó denunciadas durante el año | Minas abandonadas durante el año | Abalotuel | Valor del 10 p. % de arrendamiento de fincas del Estado | Cantidad cobrada por dicho concepto | Valor del 5 p. % de minerales espendidos en bruto | Cantidad cobrada por dicho concepto | MINERALES ESPORTADOS DURANTE EL AÑO | | | |
|--|----------------------------------|-----------|---|-------------------------------------|---|-------------------------------------|-------------------------------------|------|---|---|
| | | | | | | | Q. ^{ta} | @ | £ | |
| 31 | 22 | 25 | 2146-16 | 914-30 | 1630-17 | 1466-17 | Grafito. | 1257 | 1 | 5 |
| | | | | | | | Plomo. | 164 | — | — |
| | | | | | | | Argentífero | 100 | — | — |

| Oficinas de Beneficio construidas durante el año. | Of. de minerales beneficiados | Cantidad cobrada por dicho concepto durante el año. | PRODUCTOS ESPORTADOS DURANTE EL AÑO | | |
|---|-------------------------------|---|-------------------------------------|------|-----|
| | | | Q. ^{ta} | @ | £ |
| 1 | 545 | 10651 - 31 | Plomo | 1823 | — — |

DE BENEFICIO.

| COBRE Y ESTAÑO | | |
|-----------------------|-------|-------------------------|
| Hornos de calcinacion | Aches | Hornos de manga ó pabas |
| 3 | 4 | 3 |

Ademas de los aparatos espresados existen en la ferreria de la Constancia de Málaga 12 hornos con sus calderas de vapor, 13 hornos para varios objetos, 2 hornos para alambre, 3 reverberos para hojas de lata, 8 hornillos para estañar; y en su dependencia llamada ferreria de la Concepcion en término de Marbella, 3 aparatos para calentar el viento con los gases sobrantes de los hornos y un horno para fundir bronce y crisoles y hacer ensayos, máquinas de viento de doble accion, 1 rueda hidráulica con fuerza de 25 caballos, otra de 14 y otra de 8, máquina de vapor de presion de 18 caballos de fuerza.

INSPECCION DE MINAS DEL DISTRICTO DE MALAGA.

RESUMEN ESTADISTICO DEL AÑO DE 1878.

RAMO DE LABOREO.

| Minas registradas ó denunciadas durante el año | Minas abandonadas durante el año | Minas demarcadas durante el año | Minas en labor ó en solicitud | Número de las demarcadas | Número de las productivas | Minas en frutos | FUERZA DE SANGRE OCUPADA | | | Contribucion de pertenencia devengada durante el año | Cantidad cobrada durante el año por dicho concepto | PRODUCCION EN QUINTALES CASTELLANOS | | | | | Valor del 10 p. 100 de arrendamiento de fincas del Estado | Cantidad cobrada por dicho concepto | Valor del 5 p. 100 de minerales espendidos en bruto | Cantidad cobrada por dicho concepto | MINERALES ESPORTADOS DURANTE EL AÑO | | | | | | | | | |
|--|----------------------------------|---------------------------------|-------------------------------|--------------------------|---------------------------|-----------------|--------------------------|---------|-------|--|--|-------------------------------------|-------------------|------------------|---------------------|------------------|---|-------------------------------------|---|-------------------------------------|-------------------------------------|------------------------|---|---|---------------------|---|---|-----------------|---|---|
| | | | | | | | Personas | Bestias | | | | Grafito | Mineral de hierro | Mineral de plomo | Mineral argentífero | Mineral de cobre | | | | | | Cobalto y níquel | | | | | | | | |
| | | | | | | | | Tiro | Carga | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 31 | 22 | 16 | 235 | 80 | 96 | 60 | 496 | — | 200 | 8184 1/2 | 7412 1/2 | 1257-40 | 2879-26 1/2 | 9183 | 100 | 93 1/2 | 25 | 2156-16 | 914-30 | 1630-17 | 1466-17 | Grafito 1257 | 1 | 5 | Plomo 164 | — | — | Argentífero 100 | — | — |

RAMO DE BENEFICIO.

| Oficinas de Beneficio construidas durante el año. | Oficinas abandonadas durante el año. | Oficinas existentes en fin de año. | Número de las que estan en actividad | FUERZA DE SANGRE OCUPADA | | | PRODUCCION EN Q. ^{ts} CASTELLANOS | | | Valor del 5 p. 100 de los minerales beneficiados | Cantidad cobrada por dicho concepto durante el año. | PRODUCTOS ESPORTADOS DURANTE EL AÑO | | |
|---|--------------------------------------|------------------------------------|--------------------------------------|--------------------------|---------|-------|--|--------------------------|-------|--|---|-------------------------------------|---|---|
| | | | | Personas | Bestias | | Hierro maleable | Hierro colado ó modelado | Plomo | | | | | |
| | | | | | Tiro | Carga | | | | | | | | |
| 1 | — | 12 | 7 | 1356 | 20 | 900 | 14181 3/4 | 15859 | 4218 | 11545 | 10651-31 | Plomo 1823 | — | — |

HORNOS Y APARATOS PRINCIPALES EXISTENTES EN LAS OFICINAS DE BENEFICIO.

| PARA HIERRO Y ACERO | | | | | | | PARA PLOMO, COBRE Y ESTAÑO | | | | | Ademas de los aparatos espresados existen en la Ferrería de la Constancia de Málaga 12 hornos con sus calderas de vapor, 13 hornos para varios objetos, 2 hornos para alambre, 3 reverberos para hojas de lata, 8 hornillos para estañar, y en su dependencia llamada ferreria de la Concepcion en término de Marbella, 3 aparatos para calentar el viento con los gases sobrantes de los hornos y un horno para fundir bronce y crisoles y hacer ensayos, máquinas de viento de doble accion, 1 rueda hidráulica con fuerza de 25 caballos, otra de 14 y otra de 8, maquina de vapor de presion de 18 caballos de fuerza. |
|-----------------------|--------------|--------------------------|-------------------------|--------------------|---------------------------|-------------------|----------------------------|-----------------------|------------|---------|-------------------------|--|
| Hornos de calcinacion | Altos hornos | Reverberos para molteria | Cubilotos para molteria | Hornos de macceage | Reverberos para alinacion | Herrerias comunes | Hornos para acero natural | Hornos de cementacion | Reverberos | Balidos | Hornos de manga ó pabas | |
| 3 | 11 | 3 | 4 | 7 | 23 | 35 | 1 | — | 2 | 4 | 3 | |

PARECER DA COMMISSÃO

COMPOSTA DOS SOCIOS EFFECTIVOS

OS D.^{os} FRANCISCO ANTONIO BARRAL, BERNARDINO ANTONIO GOMES,
CAETANO MARIA FERREIRA DA SILVA BEIRÃO

SOBRE A ESCOLHA DO MELHOR LOCAL

PARA UM MATADOURO EM LISBOA.



A SECÇÃO de Medicina da Academia Real das Sciencias foi enviada a portaria do Ministerio dos Negocios do Reino, com data de 21 de Setembro do corrente anno, acompanhada com o officio do Governador Civil de Lisboa, de 20 de Julho, e resolução de 15 do mesmo mez da Camara Municipal de Lisboa, na qual esta corporação opta pelas terras que decorrem desde o chafariz da Cruz do Taboado até á casa chamada do Deserto para localidade de um matadouro de gado, que deve fornecer a carne a toda a capital, e juntamente acompanha a dita portaria uma consulta do Conselho de Saude Publica do Reino, de 9 de Setembro, na qual o mesmo Conselho opta pela localidade das quintas do Coxo, da Madre de Deus, e dos Apostolos, no Alto do Varejão para o mesmo fim, localidade que tambem já tinha sido preferida pela mesma Camara Municipal em resolução de 20 de Fevereiro do presente anno; e ordena Sua Magestade, que sendo este negocio examinado na secção das Sciencias Medicas da primeira classe da mesma Academia, consulte o que a tal respeito parecer mais conveniente.

A secção, para dar cumprimento ás ordens do Governo, nomeou uma commissão composta dos Drs. Francisco Antonio Barral, Bernardino Antonio Gomes, e Cactano Maria Ferreira da Silva Beirão, para estudar o assumpto, e emittir a sua opinião ácerca delle, opinião que foi convertida em parecer da secção das Sciencias Medicas, em sua sessão de 7 do corrente mez. (Novembro de 1854.) Esta commissão declarando primeiro que tudo que só trataria o objecto com referencia á salubridade publica, e debaixo do ponto de vista hygienico, passou logo a visitar e estudar as duas localidades tanto da Cruz do Taboado, como da Calçada das Lages, a fim de poder formular uma opinião conscienciosa, e baseada sobre factos da sua propria observação; mas ainda assim condições existem que a commissão não pôde verificar por si, mas teve de se socorrer a informações officiaes, pela maior parte, da Camara Municipal, a qual tem andado neste negocio, como em todos da sua competencia, com aquella vontade de acertar e de ser util ao municipio, que todos lhe reconhecem. As informações, por exemplo, sobre a quantidade da agua fornecida pelos poços das quintas da calçada das Lages e outras, estão neste caso.

A commissão visitou aquellas localidades no dia 24 do mez de Setembro, e eis-aqui o resultado do exame e estudo a que procedeu. As terras chamadas da Cruz do Taboado compõem-se de um solo argilo-calcareo, que corre junto da face oriental do aqueducto das aguas livres desde o chafariz da Cruz do Taboado até ao palacete chamado do Deserto, fazendo no meio uma cova, ou rebaixo bastante consideravel, e limitado pela outra parte fronteira ao aqueducto pela azinhalga, ou entrada das Picoas, e alguns quintaes de particulares.

Este terreno tem a sua maior extensão lançada de O.E.N. para S.E.; nas direcções de O.E.S.—S.E.—S.S.O.—e O.E. as povoações ficam a uma grande distancia deste local; porém na direcção S. e S.O. existem habitações bastantemente proximas, e ainda muito mais proximas na direcção O.—O.E. e N.E.; ficando o mencionado terreno n'uma altura superior a de todas estas localidades, excepto á de O.E.

É necessario notar que a agua do aqueducto corre n'um nivel pouco superior ao do ponto mais baixo da cova ou valle que existe no meio destas terras.

A menor distancia deste terreno ao cano da limpeza da calçada de S. Sebastião será de 40 metros aproximadamente: a inclinação deste cano, desde Santa Joanna até ao Tejo, é muito pouco sensível, e a sua capacidade, até ás Portas de Santo Antão, bastantemente aca-nhada.

A comissão depois de examinar este local passou a visitar as quintas dos Apostolos, do Meio, ou do Coxo e a da Madre de Deus, situadas no Alto do Varejão ao lado occidental da Calçada das Lages; as quaes todas reunidas constituem um dos terrenos destinados para local do matadouro da cidade.

Estas quintas, cujo solo é nos altos argilo-silicioso, e nos valles quasi humifero, correm na sua maior extensão na direcção de N. a S. com diversos accidentes de terreno, a uma exposição no nascente.

Ao S. destas quintas apparece o Téjo, e algumas casas muito ao longe n'um plano muito mais inferior; ao S.O. as povoações ainda ficam muito mais longe, e muito mais baixas; e por todos os outros lados só apparecem casas a longa distancia.

Ao N.N.E. fica o cemiterio denominado do Alto de S. João. Entre o extremo N. da quinta do Meio e aquelle cemiterio fica a quinta dos Apostolos, que nesta direcção tem entre 380 a 420 metros, interpondo-se entre a dita quinta do Meio e o cemiterio um outeiro pertencente á quinta dos Apostolos que interrompe as correntes de ar que decorrerem na direcção dos dois estabelecimentos. Este mesmo pequeno monte faz com que nem do cemiterio se avistem as quintas do Meio e da Madre de Deus, nem destas se devasse aquelle. A comissão insiste nestas circumstancias de posição relativa do cemiterio e das duas quintas, porque hão de ser necessarias para algumas considerações que adiante tem de fazer.

Existem nestas quintas tres poços e uma cisterna. A cisterna construida na parte mais elevada da quinta dos Apostolos junto de uma casa apalaçada póde conter tres mil pipas de agua, segundo a consulta do Conselho de Saude Publica do Reino.

Quanto á profundidade dos tres poços, quantidade de agua por elles fornecida em 24 horas, e probabilidade de sua abundancia, a comissão acceita os dados que lhe fornecem tanto o parecer de 18 de Fevereiro de 1854, do Sr. Fancisco Antonio Pereira da Costa, como o auto de vistoria feita por ordem da Camara Municipal de 13 de Julho, e 7 de Novembro do mesmo anno: destes documentos se collige que o poço da quinta do Meio póde fornecer em 24 horas quarenta e oito pipas de agua aproximadamente, e o da quinta da Madre de Deus tresentas e oitenta e seis no mesmo tempo, e isto no mez de Julho, e duzentas e sessenta em Novembro, que é o mez em que as nascentes produzem menos aqui em Lisboa; e finalmente que o da quinta dos Apostolos está sécco. O Sr. Costa declarando no seu parecer que os dois poços podem fornecer dois anneis de agua por dia;

acrescenta que as aguas destes poços provêm de uma camada areosa da formação terciária de Lisboa, a mesma que dá origem ás abundantes aguas do Valle de Chellas, e ás que brotam na parte correspondente da margem direita do rio, que estas aguas têm uma extensa superficie de absorção, que é o fundo do Valle Escuro e suas dependencias. É igualmente opinião do Sr. Costa, que uma galeria praticada na direcção e em toda a espessura da camada aquifera, que partindo do fundo do poço se prolongasse para nordeste, evitaria que as aguas procurassem ponto do nivel mais inferior, por onde saíssem, e por consequencia faria aproveitar uma grande parte das que se perdem no rio; porém acrescenta o Sr. Costa, que esta obra teria de ser dispendiosa, mas que só se deveria tentar quando se demonstrasse praticamente a sua necessidade.

A comissão passou depois a examinar a agua do poço da quinta da Madre de Deus, e achou-a limpida, inodora, e com a temperatura de 16° C, sendo a temperatura exterior á sombra de 21° C. Não lhe percebeu sabor desagradavel, nem de raizes, mas um fraco sabor salino, que não é o da agua salobra. Não deposita sedimento algum nos vasos em que é guardada, dissolve bem o sabão e cose os legumes. No local em que nasce fazem uso della para beber, sem que dahi se tenha seguido inconveniente algum, antes pelo contrario é reputada a melhor daquelles sitios.

As experiencias que se fizeram com os reagentes chimicos, e o exame comparativo, a que se procedeu, comparando esta agua com as dos chafarizes de El-Rei, de Dentro, e da Praia, que alguns suppõem ter a mesma origem, levaram a comissão a crer, que aquella agua tem uma composição analogá ás dos ditos chafarizes, mas com mais abundancia de saes terreos.

O areometro de Prout, e o pesa-agua deram para todas a mesma densidade; os papeis reagentes deram igualmente em todas quatro a mesma reacção alcalina; o acido sulphurico desenvolveu em todas, pequenas mas numerosas bolhas de acido carbonico. Porém, o precipitado pelo azotato de prata foi na agua da quinta da Madre de Deus alguma cousa mais abundante, e escureceu mais rapidamente. Tambem foi nesta agua mais abundante o precipitado com o oxalato de ammonia. Os precipitados obtidos com a baryta, azotato de baryta, e acetato de elumbo foram iguaes em todas ellas. Com o gaz sulphidrico, e sulphidrato de ammonia não se notou alteração alguma. Com o ferro-cyanato de potassa, e com a tintura de galha não appareceu reacção que denunciase quantidade de ferro apreciavel. O acido oxa-

lico, e a ammonia desenvolveram nas quatro aguas uma perturbação nublada com pequeno precipitado branco.

Tudo isto levou a commissão a acreditar que a agua do poço da quinta da Madre de Deus é agua potavel, não da primeira qualidade, nem tão boa como a dos chafarizes de El-Rei, de Dentro, e da Praia, porém, mais que sufficiente para todos os usos, para que póde ser empregada no futuro matadouro; tendo além disso a agua da cisterna, que pela sua posição e qualidade muito póde servir para os diversos misteres do estabelecimento.

Para se obterem dados mais positivos sobre a exacta composição desta agua, a commissão recorreu ao nosso collega o Sr. Julio Maximo d'Oliveira Pinintel para apresentar uma analyse quantitativa, que correspondesse mais cabalmente ao assumpto, e que ao mesmo tempo podesse servir para illustrar a questão da identidade das aguas, que correm desde o Valle de Chellas até ao bairro oriental de Lisboa; e o digno Socio, correspondendo ao desejo da commissão, procedeu a esse trabalho, que com o maior prazer fica consignado neste parecer, e é como se segue:

Analyse da agua do poço da quinta da Madre de Deus, na calçada das Lages

Um litro contém

| | | | | | |
|------------|---|----------------------------|---|---------|----|
| Gazes..... | { | Ar 24 ^{cc} | { | O..... | 6° |
| | | | | Az..... | 18 |
| | | Acido carbonico livre..... | | | 81 |

Materias fixas em um litro.

| | |
|--|---------------|
| Bi-carbonato de cal..... | 0,3136 |
| —————de magnesia..... | 0,0233 |
| Silica, alumina, e oxido de ferro..... | 0,0580 |
| Sulphato de cal..... | 0,0094 |
| —————de magnesia..... | 0,0439 |
| —————de soda..... | 0,0165 |
| Chlorureto de calcio e magnesia..... | 0,0280 |
| —————de sodio..... | 0,2221 |
| Azotato de potassa..... | 0,0027 |
| Ammonia..... | 0,0003 |
| Materia organica..... | indeterminada |
| | 0,7170 |

A comissão encarando, como prometteu, o assumpto simples e exclusivamente pelo lado hygienico, e com referencia á saude publica da capital, poderia declarar que fazia suas e adoptava um grande numero das considerações scientificas do Conselho de Saude Publica do Reino, exaradas na sua consulta de 9 de Septembro do presente anno; mas querendo fundamentar a sua opinião, e além disso destruir quaesquer apprehensões, que se tenham suscitado contra a preferencia dada ao local do Alto do Varcção sobre o das terras da Cruz do Taboado para a edificação de um matadouro de todo o gado, que se consome em Lisboa; vae por consequencia apresentar as suas considerações e reflexões neste sentido. E posto que diffira nesta escolha da ultima opinião da Camara Municipal de Lisboa, tomada a 15 de Julho do corrente anno, nem por isso entende que d'ahi possa vir desaire ou desconsideração para a mesma Camara Municipal; por quanto, como esta respeitavel corporação teve em vista, para a resolução da questão, razões economicas e administrativas além das hygienicas, bem podiam aquellas fazer mais forte impressão no animo de quasi todos os Vercadores, nos quaes todos a comissão reconhece o maior zêlo e desvelo pelos interesses do municipio.

A comissão entende que as duas localidades não devem ser comparadas debaixo do ponto de vista da capacidade necessaria e indispensavel para a edificação das officinas essenciaes de um matadouro; escolhido e preferido qualquer local a expropriação daria a qualquer das localidades as dimensões necessarias. Os locais portanto têm de ser comparados entre si debaixo dos pontos de vista de—ventilação—escoamento conveniente—distancia das habitações—abastecimento e qualidade das aguas.

Ventilação. O exame das observações meteorologicas, feitas por alguns annos em Lisboa, demonstram que os ventos do quadrante do Norte a Este reinam aqui na capital na proporção de 7:1 em referencia a todas as outras direcções dos ventos; se applicarmos este facto dado pela observação ás circumstancias especiaes das duas localidades, ver-se-ha que na Cruz do Taboado, a não se fazer um grande aterro, a cova, ou valle destas terras, onde pela planta apresentada deve ficar o matadouro, difficilmente receberá a acção dos ventos deste quadrante; e se acaso se fizer o aterro então o nivel das aguas do aqueducto ficará muito abaixo do da superficie das officinas do matadouro; o que constituirá um outro defeito tambem importante para o futuro matadouro.

Pelo contrario a ventilação das quintas da calçada das Lages será

a mais ampla e desafogada que se pôde imaginar nos tres quadrantes de N.E. a S.E. e S.O.

Mas na ventilação dos matadouros ainda ha uma outra circumstancia, talvez mais importante do que estas que vem ponderadas, e é a de saber sobre que povoações correm os ventos, que, depois de terem passado pelo interior de suas officinas, devem ir impregnados, senão de particulas insalubres, e verdadeiramente miasmaticas, pelo menos de emanações summamente incommodas. E debaixo deste ponto de vista é incontrovertida a vantagem que a localidade do Alto do Varejão leva sobre a da Cruz do Taboado; aqui as correntes de ar levarão essas emanações sobre as habitações que ficam nas direcções de S. — S.O. — O. — O.S.E. — e N.E. que lhe ficam muito proximas, e sobre as de S.O. especialmente, que constituem o coração da cidade, em quanto que nas quintas da calçada das Lages as habitações ficam a muito maior distancia, n'um nivel muito inferior ao do local do matadouro, e apenas nas direcções de S.O.

Esta circumstancia da ventilação e do arejamento parece ter perdido bastante da sua importancia para aquelles que suppoem uma innocuidade absoluta nas emanações dos matadouros: e os factos publicados pelos Drs. Warren, e Parent-Duchâtelet, parecem que collocam a profissão dos carnicheiros ao abrigo de todos os damnos, que os cercam! mas tão longe estão esses factos de provarem contra a necessidade da ventilação, que elles mesmos a justificam no entender de Mr. Levy; por quanto, diz este distincto hygienista, que a expansão das emanações animaes em um ar muito livre, e alem de outras circumstancias, o grau de limpeza das officinas, são os verdadeiros preservativos, que resguardam e protegem os empregados dos matadouros; e se por ventura essas emanações não são nocivas, são, pelo menos, summamente incommodas. Consequentemente um matadouro mal ventilado é um delicto de lesa-higiene: e a preferencia de um local para o matadouro menos bem ventilado do que outro é uma contravenção das leis desta sciencia.

Escoamento conveniente para as aguas da limpeza, e detrictos provenientes das diversas officinas do matadouro. Haverá por ventura alguem que queira fazer a comparação das duas localidades designadas para o matadouro, debaixo deste ponto de vista? A commissão acredita sinceramente que não; mas ainda assim não quiz deixar de acrescentar algumas considerações a respeito desta importantissima circumstancia, a que vê dar um grande pêso na construcção de estabelecimentos desta ordem.

Felizmente esta questão está estudada á saciedade nos paizes mais cultos da Europa, e o trabalho em Portugal reduz-se, não a fazer tentativas inuteis, mas sim applicações prudentes e meditadas.

Fazer absorver as aguas da lavagem dos matadouros pelo solo, em fossos onde se lançavam pedras calcareas, conduzi-las para o rio por canos abertos, ou por canos fechados, e finalmente faze-las correr para poços artesianos de grande profundidade, são os tres meios que a commissão encontrou mais geralmente seguidos para este fim; mas o maior numero dos hygienistas tendo attenção á nocividade, sobretudo, das materias chymosas meias digiridas e penetradas dos sucos gastricos preferem sem hesitação o esgoto feito por canos muito fechados, mas muito espaçosos que vão desaguar nos grandes rios: estes canos devem alem disso ter de inclinação, pelo menos, dois centimetros por metro.

Ora poder-se-ha comparar o local das quintas do Côxo ou do Meio e Madre de Deus, a 540 metros de distancia do Têjo, e a uma grande altura sobre o rio, com o da Cruz do Taboado, cujas aguas da limpeza não podem deixar de atravessar toda a largura da cidade, quer venham conduzidas pela rua dos Anjos, quer pela de S. Sebastião e S. José, por canos acauhados e insufficientes com muito pequena inclinação desde Santa Joanna até ao Têjo, abertos a cada momento pelas sargetas lateraes, e em communicação directa com milhares de casas, pelos canos parciaes, contra todos os principios da sciencia e da salubridade publica? A secção de Medicina intende que é tal o zelo e interesse que a Camara Municipal toma pela vida, saude, e commodos de todos os habitantes da capital, que de certo não quererá que continue o inconveniente e repugnante estado actual de esgoto e limpeza do matadouro e officinas da triparia, continuando a expôr voluntariamente, senão a saude, pelo menos os commodos dos mesmos habitantes a tão desagradavel estado! E a ter de se fazer uma canalisação especial para o matadouro, a simples inspecção das duas localidades mostrará a vantagem decidida da posição da calçada das Lages sobre a da Cruz do Taboado.

Estas providencias quanto ao esgoto das materias liquidas, e dos detrictos animaes do matadouro, intende a secção que devem subsistir em quanto não forem convenientemente aproveitadas, sem risco de infecção, para servirem de estrumes liquidos na Agricultura, aos quaes são comparados pelo Conde de Gasparin, e que em Portugal são totalmente despresados.

Distancia do matadouro ás povoações. Quando a secção de Medi-

eina tratou da ventilação do matadouro declarou logo que não só era necessario que o matadouro fosse bem ventilado para não prejudicar a saude dos empregados deste estabelecimento, e para não danificar as carnes, que hão de servir de alimento a uma grande população; como tambem para não incommodar os habitantes das vizinhanças do matadouro, que têm o incontestavel direito de gosarem de um ar puro, e salubre, para nos servirmos da expressão de um celebre hygienista inglez. E para attender a este fim, as correntes do ar, e a maior ou menor proximidade das habitações no matadouro são o assumpto que se deve estudar.

Ora por pouco que se reflecta na descripção apresentada pela secção das duas localidades, logo se percebe que as terras da Cruz do Taboado estão cercadas immediatamente pelo S.O., pelo N.E. e pelo S. com habitações, e que os ventos do quadrante do N. e E., que são os mais constantes em Lisboa lançarão sobre as povoações que ficam a S.O. todas as emanações do matadouro; e essas povoações que ficam a S.O. das terras da Cruz do Taboado são nada menos que os bairros mais populosos da cidade; em quanto que as quintas do Alto do Varejão ficam muito superiores e muito distantes das povoações, e os ventos de quadrante de N. e E. arremeçarão principalmente sobre o Têjo todas as emanações, que possam arrastar consigo do matadouro, caso elle se construa nas quintas do Meio ou do Côxo, e da Madre de Deos, como é opinião da secção de Medicina. Havendo alem de todas estas circumstancias a montanha da Penha de França, que interrompe todas as correntes de ar, que poderiam accarretar sobre a cidade as imanações do matadouro. Logo tambem debaixo d'este ponto de vista o local das quintas da calçada das Lages é preferivel ao das terras da Cruz do Taboado para a edificação do novo matadouro de gado.

Nem se diga que este assumpto debaixo do ponto de vista hygienico não mercee a attenção do Governo, ou da Camara Municipal de uma cidade.

As lições de hygiene feitas actualmente por Fleury, um dos mais distinctos professores desta especialidade, tratando deste assumpto referem as leis de 14 de Janeiro de 1815, e de 15 de Abril de 1838, posterior ao trabalho, e ás considerações de Duchâtelet, as quaes classificam os matadouros entre os estabelecimentos industriaes insalubres. incommodos ou perigosos de primeira classe, isto é « Industrias, cujos estabelecimentos devem ser afastados das habitações particulares, posto que possam ficar no recinto das cidades: » e a designação do lo-

cal para os matadouros, acrescenta o célebre hygienista, deve ser escolhida, entre outras, pela circumstancia da direcção da corrente dos ventos mais constantes nessa localidade (4.^a Livraison pag. 430.)

Natureza e quantidade das aguas indispensaveis para o matadouro. — É talvez debaixo deste ponto de vista que tenham parecido a algumas pessoas as terras da Cruz do Taboado preferiveis ás quintas do Alto do Varejão para a edificação de um matadouro. A commissão sabia que a contentar-se só com as aguas que são conduzidas pelo aqueducto das aguas livres, o qual passa junto das ditas terras, não se podia acreditar que dellas se podessem distralir sem grave prejuizo do abastecimento da cidade as sufficientes para o grande consumo, que é indispensavel n'um matadouro; por quanto se a Camara Municipal se vê na dura necessidade de regular durante o verão certas restricções quanto ás distribuições das aguas na capital, (Edital de 22 de Agosto de 1854) como se argumenta com a abundancia de agua na Cruz do Taboado, sendo necessario tirar por dia para o matadouro entre 90 a 100 mil litros de agua, segundo o calculo do Conselho de Saude Publica? não é possivel receber este modo de argumentar: póde dizer-se que junto á Cruz do Taboado passa um optimo aqueducto, mas que elle póde fornecer a quantidade de agua sufficiente para o matadouro, isso não póde a commissão nem a propria Camara Municipal acreditar.

A commissão para não deixar nada a desejar sobre este importante objecto, visitou depois o actual matadouro ou curral do campo de Santa Anna, julgando que a agua que corresse para esse matadouro do aqueducto geral das aguas livres seria a mesma de que se queria dispôr para o novo matadouro da Cruz do Taboado, e deste modo não vinha a subtrahir-se do consumo da cidade essa grande porção de agua necessaria para todas as officinas de um matadouro; mas com que surpresa não viu a commissão que para dentro do actual matadouro não corre uma só gotta da agua do aqueducto? a limpeza do curral é feita de dias a dias com alguns baldes de agua tirados de um poço! Esta circumstancia por si só caracteriza sufficientemente a policia deste estabelecimento em Lisboa. É verdade que as officinas de triparia são externas ao matadouro, dirigidas por empresas particulares, que mandam buscar agua em barris aos diversos chafarizes da cidade, e que consomem para cima de vinte pipas diarias; mas parte da agua que estes estabelecimentos consomem é salobra e fornecida de poços que existem nestes diversos estabelecimentos particulares. Consequentemente se toda a agua que se ha de consumir no

matadouro das terras da Cruz do Taboado ha de sahir da do aqueducto, é necessario contar com o gasto ordinario de 90 a 100 mil litros de agua, e regular-nos pela base adoptada pelo Conselho de Saude Publica do Reino. Póde, durante o verão, dispensar-se do aqueducto esta enorme quantidade de agua? a commissão intende que não; e por consequencia o argumento tirado da abundancia da agua a favor da preferencia dada ao local da Cruz do Taboado é insubsistente. Antes de construir um matadouro, diz Parent-Duchâtelet, é necessario ter em vista dois objectos importantissimos—obter agua para os diversos interesses, e construir esgotos para a limpeza das officinas.

N'uma cidade como a de Lisboa, em que a agua apenas chega para os objectos de maior necessidade, na qual cada habitante tem apenas cinco canadas por dia, ou a oitava parte daquella que compete a cada habitante de Londres, distrahir, sem urgente e absoluta necessidade, uma porção dessa agua para o serviço do matadouro, que póde ser preenheido de outro modo, seria um desperdicio que se não poderia justificar.

Servirá por ventura tudo isto para justificar o pensamento daquelles, que julgam que a questão do abastecimento da capital, de aguas potaveis, devia antepor-se á da construcção de um novo matadouro? Talvez: e a secção de Medicina se fosse consultada neste sentido era muito provavel que resolvesse o problema de um modo affirmativo.

Pelo contrario a qualidade e quantidade da agua dos poços das quintas da calçada das Lages, segundo o testemunho tão competente do Sr. Costa, é mais que sufficiente, ainda mesmo antes de se abrir a galeria lembrada por este distincto geologo, para o abastecimento de todas as officinas inherentes ao matadouro; pois que quatrocentas trinta e quatro pipas de agua por dia, ou cento setenta e tres mil e seiscentos litros em Julho, ou trezentas e oito pipas, ou cento vinte e tres mil e duzentos litros em Novembro, segundo as vestorias officiaes da Camara, a fóra a que se póde conter na cisterna da quinta dos Apostolos, e a que poderá vir a fornecer o poço da mesma quinta, que está inutilizado; intende a secção que é agua mais que sufficiente para todos os misteres do matadouro da capital. Será, porém, constante esta quantidade de agua em todos os annos, e em todas as estações do anno? A secção de Medicina para responder a este reparo só lembra que estas observações sobre a quantidade da agua nos poços das quintas do Alto do Varejão, foram feitas durante os mezes em que as aguas dos poços costumam ser mais escassas, isto é, em

Julho a Novembro, e por isso devem representar o minimo da força da nascente; e em segundo logar pertencendo a agua destes poços á camada aquifera do lado oriental de Lisboa, segundo o parecer do mesmo Sr. Costa, não deve por isso haver receio algum de que venha a faltar. Nesta parte, comtudo, a secção acceita, como já declarou, os dados que lhe forneceram as notas officiaes da Camara Municipal, e pensa que todos os exames e indagações a este respeito são necessarios e indispensaveis, antes de se emprehender obra tão util, mas tão dispendiosa.

Porém, a secção de Sciencias Medicas reconhece que contra a localidade das quintas da calçada das Lages para matadouro de gado existe a prevenção da sua proximidade ao cemiterio do lado oriental de Lisboa, chamado do Alto de S. João: a secção não julga dever ser totalmente desattendida esta prevenção; mas fará algumas considerações para demonstrar quanto ella é infundada.

Se o respeito e veneração que todos os povos têm pela habitação dos mortos, foi quem suscitou aquella apprehensão, desejando os habitantes de Lisboa que a proximidade do matadouro publico não vá devassar e profanar o logar onde seus amigos e seus pais dormem o somno da morte; a secção lembra que, apesar de respeitar tão louvaveis sentimentos, os dois estabelecimentos ficarão a quatrocentos metros de distancia um do outro, e que a sua collocação respectiva será tal, que nem do cemiterio se avistará o matadouro, nem deste se devassará aquelle, em consequencia da colina da quinta dos Apostolos, que isola completamente as duas localidades.

Se por ventura as apprehensões provêem do receio de que as correntes de ar arrastem do cemiterio do Alto de S. João as emanações, que possam vir damnificar as carnes dos animaes mortos no matadouro do Alto do Varejão; a secção reflectindo que esta apprehensão não póde partir dos homens de sciencia e intelligentes, todavia lembra que na França, onde estas questões estão estudadas, e resolvidas praticamente, o decreto de 7 de Março de 1808 permite, que além de cem metros dos cemiterios se possam construir habitações; já se vê que além desta distancia a legislação franceza reputa innocentes todas essas emanações, ou outras quaesquer influencias dos cemiterios; ora havendo mais de quatrocentos metros de distancia entre a localidade destinada para as officinas do matadouro, e o cemiterio do Alto de S. João; fica por consequencia o matadouro muito além dos limites marcados pela lei franceza e pela sciencia, para a

edificação de habitações particulares, e por isso a apprehensão é infundada.

Se finalmente se teme que a infiltração das aguas atravez dos terrenos subjacentes ao cemiterio do Alto de S. João possa ir inquinar a camada aquifera, que fornece as aguas dos poços da quinta do Meio, e da Madre de Deus; a secção responderá, que a camada aquifera passa com tanta differença de nivel do cemiterio, que não seria possível tal infiltração: differença de nivel que não só provém da profundidade dos poços, mas tambem da differença da altura dos dois locaes; mas ainda que tivesse algum peso esta consideração, a secção de Medicina lembra que essa circumstancia não tem sido considerada tão desvantajosa, como poderia suppor-se á primeira vista. Mr. Guerard, n'uma visita que fez com seus collegas ao cemiterio de Oeste, em Paris, teve occasião de examinar as aguas do poço aberto no meio do terreno do mesmo cemiterio: esta agua em lugar de ser salobra, como o pedia a natureza calcarea do terreno, era limpida, inodora, de bom gosto, dissolvia o sabão, e cosia bem os legumes. Barruel, que fazia parte daquella commissão, julgou que a agua filtrando-se atravez de um terreno impregnado de saes ammoniacaes, como os dos cemiterios, o sulphato calcareo, que ella contivesse, deveria ser decomposto, e por consequencia que essa agua deveria conter saes de ammonia. E a analyse chimica confirmou depois a indicação daquelle sabio! E finalmente pelo citado decreto de 7 de Março de 1808 a legislação franceza permite a abertura de poços a cem metros dos cemiterios; e por isso fica tambem destruido esse escrúpulo.

Consequentemente a secção de Medicina da Academia Real das Sciencias entende que debaixo do ponto de vista hygienico, não ha motivo algum, pretexto, ou apprehensão, se quer, que possa fazer com que se não prefira entre os dois locaes propostos para a edificação de um matadouro publico o do Alto do Varejão ao da Cruz do Taboado, ficando as officinas todas circumscripitas nas quintas do Meio ou do Côxo, e a da Madre de Deus.

Attendendo, porém, a que a população de Lisboa cresce de anno para anno; attendendo ao modo por que a cidade está lançada n'uma grande extensão pela margem direita do Tejo; attendendo a que a calçada das Lages fica na extrema oriental desta grande extensão: e attendendo, finalmente, a que o caminho de ferro ha de trazer á capital uma população fluctuante considerabilissima, como nos outros paizes em que elles existem; a secção de Medicina entende que muito conviria construir dois matadouros publicos, a saber: o do Alto do

Varejão para a parte oriental de Lisboa, e outro na outra extremidade para a parte occidental da mesma cidade. Esta é a opinião da secção, a 7 de Novembro de 1854. »—*Francisco Antonio Barral.*—*Bernardino Antonio Gomes*—*Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão.*

DOCUMENTOS

RELATIVOS À ESCOLHA DO MELHOR LOCAL PARA UM MATADOURO EM LISBOA.

NOTA SOBRE O PARECER DO CONSELHO DE SAUDE PUBLICA DO REINO A RESPEITO DA ESCOLHA DO MELHOR LOCAL PARA UM MATADOURO DE CADO, APRESENTADA Á ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA PELOS SOCIOS EFFECTIVOS DA MESMA ACADEMIA, JOÃO DE ANDRADE CORVO, E DR. THOMAZ DE CARVALHO.

A influencia incontestavel, que em nossos dias a sciencia exerce sobre a sociedade, deve-a á boa fé que emprega nas suas indagações, ao interesse sincero com que busca servir o bem publico, á conscienciosa candura com que proclama as suas duvidas, e confessa os seus erros, á elevação, emfim, com que, desprezando paixões e esquecendo interesses pessoaes, examina todos os problemas, que lhe são confiados, e os resolve do modo mais conveniente para a felicidade e progresso das nações. O egoismo é um sentimento indecoroso que a verdadeira sciencia não conhece; toda a individualidade, por mais elevada que seja, é para a sciencia de menos valor do que a verdade. A verdade é o fim a que tende toda a sciencia; é a sua força, o unico e constante principio de sua existencia: á verdade pois devem exclusivamente attender, não só os homens que á sciencia se dedicam, mas

as corporações que oficialmente a representam; com a certeza de que, buscando e dizendo desassombradamente a verdade, por toda a parte hão de encontrar estima, respeito, e sympathia.

O homem de sciencia, collocado pela altura do seu espirito n'uma região superior, tem por isso mesmo o dever, não sómente de ensinar a verdade em toda a sua singeleza, mas de dar exemplos de severidade no raciocinar, de exactidão no deduzir, de clareza no estabelecer princípios, de imparcialidade no comparar argumentos, de boa fé em não alterar os factos, e muito menos em os omitir; cumprindo observar, que este dever não ha de ser tomado menos em conta pelo homem da sciencia, do que o estudo da verdade; porque taes exemplos exercem uma poderosa influencia sobre o vulgo, não preparado por longos estudos para taes indagações.

É á confiança que a sciencia merece á sociedade, e que ella perderia de certo, se alguma vez faltasse ás indispensaveis condições de sua existencia, que é devido o louvavel zélo, com que a cada momento os poderes publicos lhe vem pedir conselhos, e, o que é mais, força para levarem por diante as reformas que a lei do progresso está continuamente a exigir. A sciencia póde dar força, porque ella propria é uma grande potencia, a maior que por ventura existe; a sciencia é uma como divindade que espalha com mãos largas sobre as nações a riqueza e a felicidade; mas a sciencia falla pela boca dos que a cultivam; e se estes sacerdotes da nova divindade, em vez de esperarem pelas inspirações que só ella lhes póde e deve dar, imprudentemente proclamarem como verdades as illusões do seu espirito, ou as tradições inexactas que ficaram nos livros de epochas em que a sciencia ainda não havia revelado os seus segredos, então esses sacerdotes imprudentes ou serão abandonados pela nova deusa, ou terão de confessar o seu erro, o que provará sinceridade, e honrará os que assim fizerem; sendo para lamentar que por mais de uma vez tenha recaído sobre a sciencia a desconsideração e abandono publico, que sómente mereciam os que a calumniaram.

A medicina é a sciencia que mais de perto influe na sociedade, porque acompanha, como a religião, o homem, do berço até á sepultura: é ella que nas horas da dor e de angustia allivia os que padecem; que nas horas desuvidosas do prazer desvia os incautos do perigo, e que n'uma região mais alta, em mais vasto campo, se colloca ao lado dos governos, para d'ali vigiar pela nutrição, abrigo, bem estar, grandeza, saude, e desenvolvimento moral dos povos. O medico exerce um duplo sacerdocio, o da sciencia, e da philantropia. Tem

uma dupla responsabilidade, e um duplo dever: possuir a sciencia que professa, e uma impeccavel probidade; devendo notar-se que em relação ao medico a probidade deve ser considerada na sua mais larga e genuina accepção. É inutil dizer, todos o sabem, que o medico não pôde mentir á sua consciencia; mas a probidade exige mais d'elle; quer que não tenha nunca opiniões precipitadas, que se não deixe arrastar, nem pelas paixões que actuam no coração, nem pelas illusões que actuam na intelligencia; nem pela sympathia, nem pelo enthusiasmo; nem mesmo, sacrificio doloroso de certo, pelo capricho de fazer prevalecer a sua opinião, quando ella não for de incontestavel evidencia.

Os physicos, os naturalistas, e os chymicos, podem defender um paradoxo brilhante; d'ahi só resultará a discussão, e da discussão a luz; o medico, logo que sáe das questões puramente especulativas, não pôde ser senão o escravo da verdade, e isto por uma razão bem clara. A medicina é uma sciencia de applicação directa ao homem, e á sociedade; os seus erros, mesmo as suas illusões, prejudicam sempre os individuos ou as massas. Qual é o medico que não sentiria tremer-lhe a mão ao applicar qualquer agente, cujo effeito sobre a economia lhe fosse completamente desconhecido; ou sendo-lhe conhecido, qual ousaria applical-o n'um caso para que não estivesse indicado, unicamente por contradizer a opinião de um seu adversario? Nenhum que mereça a honra de pertencer a tão nobre profissão. Assim como ao lado de cada familia está sempre o medico, que, cada dia consultado, vem cada dia como um protector afastar della, pelo poder da sciencia, os incommodos e enfermidades, assim ao lado dos governos, dessas grandes familias denominadas nações, está uma corporação de medicos cujo dever é afastar do povo os perigos, enfermidades, e incommodos que possam affectal-o na saude e nos interesses. A essas corporações, a esses medicos da sociedade, os erros e as illusões não são mais permittidos do que ao medico da familia. Este errando pôde matar um homem; aquelles podem matar muitos individuos, e fazer perigar os interesses publicos: o medico errando perde o seu credito; a corporação errando desacredita a medicina; o medico exagerando as idéas theoricas da sciencia pôde, quando muito, desconsiderar-se a si; a corporação lançando-se nas exagerações pôde tornar ridicula a sciencia. Ora, a medicina para ter authoridade, e concorrer assim para o bem publico, precisa captar o respeito de todos, ser rigorosamente exacta em todas as suas asserções, cercar-se de argumentos lucidos e

incontestáveis quando afirma, e não hesitar em mostrar-se perplexa quando estiver em duvida.

As questões de hygiene publica são as que mais difficuldades apresentam, e por isso tambem aquellas que mais reclamam a sua attenção, prudencia, bom juizo, e imparcial apreciação dos factos.

Quasi sempre complexas necessitam para a sua resolução do concurso de muitos estudos, o conhecimento das estatísticas, a exacta ponderação das razões medicas e das razões administrativas. Em cada caso particular de applicação da hygiene publica, o exemplo dos casos analogos deve servir para esclarecer e guiar o medico, mas não póde considerar-se como motivo para resolver a questão como as outras analogas foram resolvidas em outras localidades, em outras circumstancias, e sobre tudo em epochas diversas, porque seria dar a problemas com dados inteiramente differentes uma resolução identica, e absurda por consequente. As questões de hygiene publica são daquellas em que os erros podem ter as mais funestas consequencias: um mau conselho, dado em nome desta sciencia, causa prejuizo a tantos individuos que necessariamente se fazem sentir na sociedade. A hygiene é a luz da administração em todas as questões de salubridade dos povos, e como nenhum erro é indifferente em administração publica, o medico hygienista tem de ponderar com igual criterio, assim as razões administrativas e economicas, como as da sciencia que professa. Os tratados geraes de hygiene e os dictionarios não ministram todos os dados sufficientes para resolver uma questão qualquer.

Os auctores, pará darem prova de erudição, conservam nesses livros proposições, que foram admittidas n'outros tempos quando as industrias estavam atrasadas, e cuja falsidade a simples observação hoje demonstra. Alem disto as illusões reflectidas dos livros são vulgares nos homens, cuja vida não é a indagação da verdade, a resolução dos problemas que ainda estão por decidir. Aquelles todavia a quem cumpre aconselhar os governos com juizo e prudencia não podem ser permittidas similhantes illusões.

É o que nos parece succeder actualmente na questão do matadouro, que o Governo, apesar do parecer do Conselho de Saude Publica do Reino, mandou a esta Academia, desejando que fosse por ella estudada e consultada. Nos livros de hygiene publica são classificados os matadouros entre os estabelecimentos que necessitam regulamentos especiaes, no intuito de obviar aos inconvenientes que por ventura delles podessem resultar. Surprehede a contradicção manifesta que se encontra nos auctores entre a opinião que elles emitem, a

descripção que fazem dos matadouros modernos, e as tabellas administrativas, a que todos se reportam ; e se esta contradicção surpreheude, mais perplexo fica ainda o espirito, quando vê a opposição que existe entre as experiencias dos homens que mais particularmente estudaram o objecto, e a rotina que leva a administração a considerar os matadouros como devendo ser incluídos na classe dos estabelecimentos insalubres.

Na classificação dos estabelecimentos industriaes, feita pela administração franceza, e que parece estar adoptada pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, estão os matadouros collocados na primeira classe de estabelecimentos insalubres, incommodos ou perigosos. A primeira cousa, pois, a examinar, é se effectivamente ahi devem estar classificados.

Não é difficil provar que esta classificação, no estado de perfeição a que têm chegado os matadouros, é inteiramente contraria aos factos, e opposta á opinião dos hygienistas mais celebres, e que mais dignos são de confiança. É inutil demonstrar que os matadouros não são perigosos, porque ninguem de certo põe em duvida que não ha nelles mais occasiões de incendios, havendo as cautelas necessarias e regulamentos adequados, do que em outros estabelecimentos onde se fabrique com o emprego de fogões e machinas de vapor. Explosões, essas são impossiveis onde não existe substancia explosivel. Passaremos, pois, a provar que os matadouros não são insalubres.

Nos authores modernos não se encontra affirmacão clara, segura, positiva de serem os matadouros insalubres, antes todos mais ou menos denunciam uma certa hesitação em admittir os quadros das tabellas administrativas. E essa hesitação é perfeitamente fundada, porque os factos provam sempre, e em toda a parte, que taes estabelecimentos nenhuma acção funesta exercem sobre a saude, não só das pessoas que vivem em habitações proximas, senão tambem daquellas que dentro delles passam a vida, na preparacão das carnes, deventres, etc., etc. Os que sobre as condições hygienicas de um matadouro houverem de emittir opinião, não devem esquecer o estado de aecio dos matadouros modernamente construídos, perfeição nos processos, e natureza dos productos que ali se preparam ; e tendo em consideracão todos estes pontos, não se póde de certo concluir que os matadouros sejam focos de infeccão. Admittindo mesmo que n'um matadouro existem todos os defeitos e a falta de limpeza que, por exemplo, se nota no de Lisboa, ainda assim é erro affirmar que seja foco de infeccão. Nas visinhanças do actual matadouro, cercando-o por

todos os lados, ha muitas habitações onde moram numerosas familias; deste matadouro infecto, e das não menos infectas officinas onde se preparam os deventres, etc., exhala-se um cheiro por extremo desagradavel; dentro desse matadouro e dessas officinas vivem bastantes pessoas, e é certo comtudo que nem naquellas familias, nem entre os operarios se manifestou até hoje alguma epidemia, nem para elles a vida é mais curta do que para os individuos que exercem outros misteres.

Este argumento pôde talvez não levár ao espirito de todos a convicção que em nós produz; esperâmos, porém, que aquelles, que não admittirem como prova sufficiente os factos que cada dia estão passando debaixo de nossos olhos, julgarão dignas de attenção e consideração como rasão bastante para não reputarem um matadouro, mesmo imperfeitamente construido, como um foco de infecção, cuja proximidade das povoações pôde causar graves prejuizos, julgarão, repetimos, rasão sufficiente para levantarem aos matadouros a terrivel excommunhão, as opiniões do mais celebre, do mais illustre dos hygienistas francezes, de Parent Duchatelet. Não são as opiniões de Duchatelet sobre os matadouros que nós citaremos aqui, mas sim as que emette sobre estabelecimentos onde se chassinam animaes, onde se conservam muitos dias os seus despojos, e se fazem passar por operações muito variadas.

Parent Duchatelet, fallando das chassinas de Montfaucon, para onde eram levados todos os cavallos mortos em Paris, e onde a carne, o sangue, os intestinos e outras visceras destes animaes, cujo numero subia a mais de dez mil por anno, eram abandonadas, pela maior parte, sobre o solo á putrefacção espontanea, fallando deste estabelecimento horrivel e repugnante, e que parecia dever considerar-se como um foco de infecção em roda do qual todas as doencas pestilenciaes teriam irresistivel poder, diz: — *A observação, que nós proseguimos ha quatorze ou quinze annos, ensinou-nos que por maior que seja o horror das chassinas de Paris, apesar da intensidade dos gazes putridos e das emanações infectas que se exhalam destas officinas não prejudicam a saude daquelles que habitualmente respiram os vapores que d'ali emanam.* Alguem procura explicar esta falta de acção deletéria das exhalações de taes estabelecimentos, sobre os operarios que nelles trabalham, pelo habito que estes têm de as respirar. É certo, porém, que nenhum exemplo que nos seja conhecido prova que a proximidade das chassinas de Paris haja sido nociva para as pessoas não habituadas que se estabelecessem perto dellas; pelo contrario, Pa-

rent Duchatelet dizia aos que consideravam Montfaucon, como sendo indubitavelmente uma causa de epidemias de typhos, etc., que antes de affirmarem deviam indagar a razão por que causas, em apparencia tão prejudiciaes, e segundo elles tão perigosas, não impediam na Villette um augmento constante da população. Um facto notavel, citado tambem por Duchatelet, servirá de nova prova ao que acima affirmámos. Conta elle, que um sujeito desejando fazer uma experiencia sobre transformações de materias animaes, fundando-se para empreehender a sua experiencia em idéas falsas de chimica, lançou n'uma vasta piscina defronte de Anteuil quatrocentos cavallo cortados em pedaços, e ali os conservou durante dois ou tres mezes, sem que resultasse inconveniente para a saude dos habitantes da visinhança daquelle grande deposito de substancias em putrefacção. N'uma memoria em que buscou determinar a acção das emanações putridas, provenientes da decomposição das materias animaes sobre as substancias alimenticias, Parent Duchatelet prova por um numero consideravel de observações e experiencias, que essa acção é inteiramente nulla.

Será por ventura necessario accumular mais citações para mostrar a inocuidade das emanações que resultam da decomposição putrida, feita ao ar livre? Por que? Póde por ventura comparar-se um matadouro, mesmo o de Lisboa, ás chassinias de Montfaucon? E se essas não produziam epidemias, nem alteravam a saude dos operarios que nellas viviam, como se affirma que o matadouro é um estabelecimento insalubre? E admittindo mesmo — o que os factos contradizem — que o matadouro actual é insalubre, como se póde fazer, de baixo do ponto de vista hygienico, a comparação entre este matadouro e os construidos em París ou Rouen? Ha, entre o actual matadouro de Lisboa e um matadouro bem organizado, muito maior differença do que as antigas chassinias de París e aquelle pessimo estabelecimento; ora, se as chassinias se não podiam considerar focos de infecção, se nas visinhanças do Campo de Santa Anna se não tem passado facto algum que possa authorisar qualquer medico a attribuir-lhe acção nociva sobre a saude dos que respiram as emanações do matadouro, como se póde receiar que o estabelecimento que a Camara Municipal deseja construir, aproveitando todos os progressos da industria moderna e todos os conselhos da sciencia, possa vir a ser um foco de destruição? Discutir por mais tempo uma opinião tão pouco fundada, parece-nos inteiramente superfluo. Quando os que a defendem se apoiarem em factos, disenti-la-hemos então, e veremos se elles foram observados.

com a siseudeza que a sciencia exige e que só pôde dar authoridade a quem affirma qualquer proposição scientifica.

Em verdade era quasi superfluo, tratando da construcção de um novo matadouro, discutir esta questão da insalubridade, porque basta ter idéa do modo por que no presente são os matadouros organisados, para perceber immediatamente que não podem ser insalubres. Demais, é na propria tabella administrativa, em nome da qual os matadouros são expulsados para longe das habitações pelos hygienistas meticolosos, que nós achámos um forte argumento de authoridade para provar que elles não são insalubres. Nella vem taes estabelecimentos collocados na primeira classe, e na indicação summaria dos seus inconvenientes unicamente esta simples phrase—mau cheiro. Se hesitassemos ainda, depois de ter lido as palavras de Parent Duchatelet, em considerar os matadouros como não insalubres, a indicação da tabella administrativa franceza bastaria para acabar com a nossa perplexidade, para nos assegurar na opinião de que por toda a parte se podem estabelecer matadouros sem inconveniente algum para a saude publica.

Provado, pois, que os matadouros não são insalubres, vamos agora ver se elles se podem considerar incommodos. Qual é o inconveniente que levou a administração franceza a collocar os matadouros entre os estabelecimentos que devem estar sujeitos a certas prescripções hygienicas? O seu mau cheiro. Haverá este inconveniente nos matadouros perfeitamente construidos e bem administrados? Para responder a esta pergunta devemos recorrer ao testemunho dos homens competentes de França, visto que em Portugal não existe nenhum matadouro que se possa comparar com os daquelle paiz.

Transcreveremos primeiro aqui algumas palavras de Parent Duchatelet, não a respeito dos matadouros, mas sobre uma fabrica de Mrs. Salmon e Payen, para onde eram transportadas as carnes e outros despojos de animaes mortos em Montfaucon, e ahí tudo aproveitado para diversos usos industriaes. Foi na nossa presença, diz o celebre hygienista, que alguns cavallos foram preparados no estabelecimento de Mrs. Salmon e Payen, e não podémos perceber na fabrica cheiro desagradavel. E n'outro logar. — Acabámos de affirmar que nas experiencias numerosas, feitas na fabrica de Mrs. Salmon e Payen, quer em nossa presença, quer em presença de muitas outras pessoas, não podémos reconhecer, durante as operações, cheiros infectos; devemos dizer que o cheiro, nullo durante a cocção das substancias, só se fazia sentir durante a compressão e dessiccação das materias, mas

que então era similhante ao que deita a agua de lavagem das cossinhas. — De uma outra fabrica para a preparação de substancias de animaes (carnes, ossos, etc.) o Prefeito, o Conselho Municipal, muitos Maires de Paris, grande numero de agricultores, de sabios, de membros do Instituto, depois de haverem por muitas vezes estudado os processos de fabricação e o modo por que era dirigida a fabrica, affirmaram que sem inconveniente se podiam praticar as mesmas operações no meio dos bairros mais populosos da cidade de Paris.

Eis-aqui a opinião de homens de elevada authority ácerca de estabelecimentos, que antes das descobertas da industria moderna se poderiam considerar como insusceptiveis de tão grandes aperfeiçoamentos. Ora, se nestas fabricas nem mesmo existe cheiro incommodo, como se pôde receiar que n'um matadouro o haja? Fallando ainda das fabricas de productos animaes a que acima nos referimos, diz Parent Duchatelet, provâmos que o ar não seria viciado pelas emanações que saissem da fabrica projectada, e que existiam em Paris estabelecimentos analogos (os matadouros) *que não causavam incommodo na visinhança*. Depois desta citação, haverá quem duvide que a opinião do consciencioso observador era que os matadouros não se devem considerar estabelecimentos incommodos? . . .

Não terminaremos esta parte da nossa exposição sem citarmos o que ácerca do matadouro de Ruão diz Girardin, o mesmo, cujas opiniões foram nesta questão citadas para provar os suppostos perigos de se edificar o matadouro na Cruz do Taboado. Girardin, que pelas suas observações sobre as materias chymosas tanto influiu na opinião do Conselho de Saude Publica do Reino, diz n'uma carta a Mr. Chevalier: — O matadouro de Ruão é um modelo de aceio. Ha agua em abundancia, mesmo durante os maiores frios. As casas em que se mata o gado estão perfeitamente arrançadas; nas ruas do matadouro, não se vê uma *gotta de sangue*, não se sente cheiro algum desagradavel. Todas as aguas sujas circulam por baixo do chão, e vão metter-se n'um poço, que é coberto, de modo que sobre este e durante os calores mais intensos se não sente cheiro algum.

Havendo provado que um matadouro bem construido e administrado, como a Camara de Lisboa deseja edificar, não é um estabelecimento perigoso, nem insalubre, nem mesmo incommodo; poderiamos dar por concluida esta exposição. Julgamos porém, antes de terminar o nosso trabalho, dever examinar os argumentos apresentados contra a escolha que a Camara fez das terras da Cruz do Taboado para nellas estabelecer um novo matadouro.

Não nos parece necessario discentir se nas terras da Cruz do Ta-boado ha espaço sufficiente para nellas construir um matadouro com todas as accommodações exigidas por uma officina desta natureza: para quem pôde expropriar, e tem meios para o fazer, nunca falta espaço. Esta questão é puramente economica, e a hygiene nada tem com ella. Couo tanto que o matadouro novo seja igual em accio, em bom arranjo, em vastidão proporecionalmente ao numero de rezes que nelle se hão de abater, em condições hygienicas aos melhoes estrangeiros, pouco importa ao hygienista qual foi o numero das expropriações que se fez, e qual a sua importancia. Não foi sobre a parte economica da questão que o Governo consultou o Conselho de Saude e a Academia, e por isso nem uma nem outra destas corporações tem sobre tal ob-jecto que interpor parecer algum. É nem se podia dar uma opi-nião razoavel sem se terem presentes todos os dados necessarios para isso.

Á vista do pavor que aos hygienistas ultra-melindrosos causam os matadouros que elles consideram como lançando de si emanações *senão verdadeiramente miasmaticas pelo menos summamente incommodas*; á vista, repetimos, de tal pavor não nos admiramos de vêr ligar uma extrema importancia á sua ventilação.

Provado, como está já, que os matadouros modernos não são insalubres, nem lançam de si emanações algumas; provado pelo testemunho de Parent Duchatelet, das authoridades de París, e do proprio Girardin, que nem mesmo dentro desses estabelecimentos se sente cheiro algum desagradavel, fica tambem provado que é indiffè-rente que os matadouros fiquem ao Norte ou ao Sul, a Leste ou a Oeste das povoações, e que não é a ventilação que importa ao hygie-nista, mas sim a aeração do estabelecimento, é, a renovação constante do ar, dentro do edificio, que unicamente deve occupar a sua atten-ção. Ora o ser bem ou mal arejado qualquer edificio, depende do mo-do por que as aberturas para a entrada e saída do ar e os focos de ca-lor estão dispostos no interior d'elle: *não são os ventos* que passam pelo interior das officinas, mas sim correntes de ar, que, sendo bem construido o matadouro ou a fabrica, as percorrem em todas as di-reções, seja qual for o rumo e velocidade do vento fóra dellas. De-veremos nós insistir ainda na demonstração de que os matadouros não têm nem mesmo mau cheiro? Quem duvidar do testemunho de ho-mens tão serios, tão altamente collocados pela sua posição scientifica e administrativa, lêa com attenção a descripção dos matadouros de París e de Ruão, e perceberá não ha nelles cousa alguma que possa

mesmo incommodar as pessoas que vivem em casas pegadas ás officinas do estabelecimento.

Queremos contudo por uma condescendencia summa com os que temem o risco de correrá a saude publica, no caso *não esperado do estabelecimento do matadouro nas terras da Cruz do Taboado*, admitir que o futuro matadouro será tão mal construido como o actual, o que é impossivel; nesse caso ainda perguntaremos em que raio em volta do matadouro do Campo de Santa Anna, se fazem sentir essas emanações com as quaes periga a saude publica? Quaes são esses perigos, e que provas ha de que elles existem. Até que distancia chegam, não as emanações insalubres, mas as emanações incommodas, fetidas, do actual matadouro? As observações de Parent Duchatelet responderam a uma objecção analoga, e pomo-las aqui para poupar aos vogaes do Conselho de Saude Publica do Reino, o incommodo de fazerem a experiencia no Campo de Santa Anna. Diz Duchatelet « Os que têm frequentado Montfaucon, sabem que os montes de materia animal em putrefacção espalham n'aquelle logar um cheiro muito repugnante; este cheiro porém dissemina-se e dissolve-se, por assim dizer, facilmente no ar. Assim o cheiro destas materias deixa de ser perceptivel a alguns centenares de passos. Ora se o cheiro de montes de materia animal em putrefacção não é sensivel a poucos centenares de passos, a que distancia se estenderá o cheiro das materias animaes que nem se accumulam em montes, nem chegam ao estado de putrefacção? Como é que as emanações fetidas do futuro matadouro hão de incommodar, arrastadas pelos ventos, os bairros mais populosos da cidade, se taes emanações não existem, e se os bairros mais populosos estão a um kilometro proximamente da Cruz do Taboado?! »

Procurou-se provar que pela direcção mais constante dos ventos em Lisboa era da maior inconveniencia construir o matadouro na Cruz do Taboado! e uns dizem que os ventos do Norte e do Oeste são os que mais geralmente reinam na cidade, outros que são os mais frequentes os do quadrante de Norte para Este. Esta ultima asserção é a verdadeira; porém della resulta que só os ventos Norte, e os das direcções mui proximas ao Norte é que, passando pela Cruz do Taboado, vem a passar tambem sobre o bairro alto e a parte da cidade que fica para o lado occidental deste bairro, e que todos os outros ventos deste quadrante irão, depois de correrem sobre as terras onde se pretende edificar o matadouro, encontrar a porção menos habitada dos altos de Buenos Ayres, ou caminharão mesmo por fóra da cidade. Os que affirmam que os ventos reinantes são os do Norte e Oeste,

judgaram provavelmente que a roza dos ventos se tinha mudado só para dar força aos seus argumentos: esta mudança porém da roza dos ventos, adoptada pelo Conselho de Saude Publica para provar que ás quintas do alto do Varejão se devia dar preferencia para local do matadouro, não sendo admittida, segue-se que os ventos do quadrante de Norte a Este, os ventos reinantes, e principalmente os ventos entre a direcção Nordeste e a direcção Este, arrastariam grande parte do anno as emanações, se as houvesse, do matadouro collocado no alto do Varejão, não para o Tejo, mas para o bairro mais oriental de Lisboa.

Para provar que o matadouro, collocado nas quintas dos Apostolos e do Coxo, ficaria constantemente lavado de todos os ventos, diz-se que seria edificado na collina que avista todos os pontos do horizonte, e depois affirma-se que a collina da quinta dos Apostolos abrigaria o matadouro das emanações do cemiterio do Alto de S. João, e interceptaria a vista entre elles, tão pouco proprios para estarem em tão proxima visinhança. É pois certo que a edificar-se o matadouro nas quintas do alto do Varejão, seria collocado na parte mais baixa, nem isso podia deixar de ser, attenta a posição dos poços daquellas quintas; e por conseguinte difficil é neste caso perceber como os que votam por esta localidade acham tão graves inconvenientes n'uma ondulação que o terreno apresenta na Cruz do Taboado, ondulação que provavelmente os atterros indispensaveis para o nivelamento do solo, farão em grande parte desaparecer. A contradicção é manifesta; e nós, sem lhe ligarmos mais importancia do que ella merece, concluiremos, lembrando qual é a posição que occupam os cinco matadouros de Paris, e deste modo acabaremos com os escrúpulos dos timoratos hygienistas que tanta importancia ligam á posição do matadouro. O de Montmartre está situado ao Norte de Paris; o de Roule nos bairros de Oeste, o de Grenelle no quadrante de Sul a Oeste, o de Villejuif no quadrante de Sul a Este; e finalmente o matadouro de Menilmontant, a Leste da cidade. Está pois cercada Paris por medonhos focos de infecção, preza n'uma cadeia de matadouros, exposta a que todos os ventos arrastem sobre ella essas emanações, com as quaes *corre tão grande risco a saude publica*. A caridade ordena que salvemos Paris dos perigos a que está sujeita: não deixemos por mais tempo dormir a moderna Babilonia, não sobre um vulcão (não é esta a occasião propria para empregar a fraze de que vulgarmente se usa para indicar os grandes perigos) mas sim debaixo de uma chuva de miasmas pestilenciaes!

Passemos agora a indagar se nas considerações, que ácerca do abastecimento das aguas do matadouro se têm feito para provar a inconveniencia de o construir na Cruz do Taboado, ha motivo que nos leve a modificar a nossa opinião. Sem agua não é possível estabelecer um matadouro com as condições hygienicas necessarias, neste ponto todos estão de accordo, nem póde haver questão. Mas das aguas empregadas nos matadouros parte é destinada para a limpeza das officinas, e parte para macerações, cocções, etc. É o emprego da agua na limpeza que interessa o hygienista; a outra importa ao fabricante que neste caso é a Camara de Lisboa. Não se podem nem devem confundir estas duas cousas; e para lavagens a Camara tem agua em abundancia em qualquer dos dois locais designados, sem desfaltar a que pertence ao abastecimento da cidade. Como é porém intenção da Camara aproveitar o aqueducto das Aguas-livres para fornecer o matadouro de toda a agua necessaria, tanto para lavagens, como para fabricação, devemos examinar se neste caso d'ahi póde vir inconveniente para os habitantes de Lisboa. Primeiro que tudo determinemos qual é a quantidade de agua necessaria para o matadouro da capital. Affirma-se que a quantidade da agua necessaria para todos os misteres, é de 90 mil litros (212 pipas), e a razão por que isto se affirma é, porque em cada um dos matadouros de Paris se gasta esta quantidade de agua. A agua porém de que um matadouro carece é proporcional ao numero e especie das rezes que nelle se matam; antes pois de concluir dos matadouros de Paris para o de Lisboa, vejamos se n'um e n'outro se mata a mesma quantidade de gado.

O numero de cabeças de gado que entrou em Paris para o seu abastecimento em 1844 foi :

76:561 bois
 16:450 vaccas
 78:630 vitellas
 439:808 carneiros

611:449 cabeças de gado.

Suppondo que estes 611:449 se distribuiram igualmente por todos os cinco matadouros de Paris, segue-se que em cada matadouro se abateram e prepararam 122:289 rezes. Em Lisboa o numero de rezes que annualmente se abatem é de

| |
|----------------------|
| 18:890 bois e vaccas |
| 3:000 vitellas |
| 6:000 carneiros |
| 27:890 rezes. |

Em cada matadouro de Paris são abatidas 122:289 rezes, em Lisboa 27:890; suppondo, porém, que em cada matadouro de Paris se abatem só 120:000 rezes, e no de Lisboa 30:000, temos que a relação dos dois numeros é de 4 : 1, relação que deve ser a mesma na quantidade de agua gasta n'um matadouro de Paris, e no novo matadouro de Lisboa. Ora, se naquelles são necessarios 90:000 litros de agua, aqui devem ser necessarios só 22:500 litros; ou em pipas proxivamente 53.

São, pois, 22:500 litros de agua os necessarios para o matadouro, e não 90:000 litros como se quer fazer suppor. Determinada a quantidade de agua necessaria para o novo matadouro, já podemos ver se o inconveniente, que se julga resultar de para elle se tirar a agua do aqueducto, é digno de attenção. Mas antes disso diremos alguma cousa a respeito dos poços das quintas do Alto do Varejão. Nas tres quintas dos Apostolos, do Coxo, e da Madre de Deus ha tres poços: um delles (o da primeira quinta) está sêcco, como para avisar os incautos do que pôde succeder a qualquer dos outros; os dois restantes tem communicação directa, de modo que, quando se tira do inferior (quinta da Madre de Deus) a agua durante horas, o de cima dá muito menos. Destes dois poços diz-se que o da quinta do Coxo fornece 48 pipas em 24 horas, e o outro no mesmo tempo 260; não está, porém, provado que os dois possam, nas mesmas vinte e quatro horas, produzir cada um a quantidade de agua que se lhe attribue, antes é certo, como deixámos dito, que um prejudica o outro. Nós que já agora sabemos que para o matadouro bastam 53 pipas de agua, não pomos em duvida que os dois poços, ou antes o poço com duas aberturas das quintas do Alto do Varejão, dê actualmente agua de sobra para o matadouro; mas não podemos deixar de ter em consideração, que para tirar a agua daquelles poços se carece de uma machina de vapor e de importantes despezas de custeamento; que a existencia da agua naquelles poços é contingente, como o prova a existencia de um poço actualmente sêcco, mesmo dentro das quintas do Alto do Varejão; e que se a veia subterranea que alimenta os dois poços for

desviada por alguma mudança na disposição das camadas entre as quaes caminha, ou por outra qualquer causa, d'ahi póde resultar para o municipio a perda de quasi todos os valores empregados na construcção do matadouro; ou pelo menos esse accidente possivel trará consigo a necessidade de fazer novas buscas de agua, de abrir novos poços, e de mudar a posição das machinas.

Não julgamos necessario insistir mais sobre este objecto; se o emprego das aguas do aqueducto no matadouro não trouxer inconveniente para o abastecimento das aguas da cidade, parece-nos que a questão fica reduzida a uma simples questão administrativa, e que á Camara e ás authorities pertence resolver o que melhor convier aos interesses economicos do municipio.

Como já vimos, a quantidade de agua necessaria diariamente para o matadouro, suppondo que em vez de 27:000 rezes se matam 30:000, e que nos differentes misteres se gasta mais agua do que em Paris, é de 53 pipas. Estas 53 pipas serão empregadas em lavagens das officinas e nas preparações dos deventres, etc., etc. Quando estas ultimas preparações se fizerem dentro do matadouro, está claro que deixam de ser feitas em officinas particulares, onde hoje estão; ora, nessas officinas, segundo affirma a commissão medica desta Academia, gastam-se *para cima de 20 pipas diarias*; logo, das 53 pipas que se hão de tirar do aqueducto para o matadouro, ha a subtrahir as 20 pipas que *agora se mandam buscar* em barris aos chafarizes para se empregarem na preparação dos deventres, preparação que passa a fazer-se toda dentro do novo matadouro, e em vez de 53 pipas de agua temos só 23 a tirar a mais do aqueducto. Durante oito mezes em cada anno ninguem dirá que 23 pipas de agua de menos no aqueducto fazem falta a Lisboa: resta ver se nos outros quatro mezes essa diminuição se tornará sensivel. Admittindo que Lisboa tem 200:000 habitantes, e dividindo por elles a agua que se lhes vae subtrahir, terá de menos cada habitante por dia, durante quatro mezes, uma quantidade proximamente igual a onça e meia; isto é, rouba-se por este modo a cada habitante de Lisboa a agua que elle póde conter na concha de uma mão. Ninguem agora terá susto, depois das cousas reduzidas ás suas verdadeiras proporções, de que os habitantes de Lisboa morram á sêde por se construir o matadouro na Cruz do Taboado.

Sabemos que nos objectarão a este nosso calculo, apesar de simples e claro, que a Camara Municipal no seu projecto destina dois anneis de agua (128 pipas) para o matadouro; mas esta objecção não tem força nem significação, porque é evidente que a Camara pediu,

não a agua de que actualmente carece, mas a de que talvez pôde vir a carecer no futuro, quando Lisboa crescer em população e em riqueza, quando a estatística já não tiver a consignar a escassez da alimentação mais substancial que padece o habitante de Lisboa e de todo o Portugal. É excessiva a quantidade da agua pedida pela Camara Municipal; e para o provar basta ver que, suppondo que se matam 30:000 rezes por anno em Lisboa, em vez de 27:890 que dá a estatística, vê-se que por dia se matau 82 rezes, donde se conclue, que por cada rez morta se gastaria, sendo exacto o calculo da Camara Municipal, mais de pipa e meia de agua, quando em Paris se gastam, termo medio, 335 litros, ou, proxinamente, tres quartos de pipa.

Objectar-se-ha tambem, que, crescendo a população, crescerá tambem o consumo, e com elle o da agua; deseçamos e esperámos que tudo isto mude; mas antes disso Lisboa estará amplamente provida de agua, por haver a Camara Municipal apprehendido e executado alguma dessas grandes obras que estão em projecto, e que devem pôr termo a todos os receios dos que temem ver esta capital perder á mingoa de agua.

Admittamos, por um momento, que tenham razão os que receiam a falta de agua; admittamos que são fundados os seus receios, admittamos que o ter de menos onça e meia de agua por dia, durante os quatro mezes em que escasseia, faz muita falta aos habitantes de Lisboa, não é isso tudo uma razão para se não edificar, convindo ao municipio, o matadouro nas terras da Cruz do Taboado, porque ali mesmo, nesse terreno limitado pela travessa do Sacramento e pela estrada das Picoas, pegado quasi com o logar onde se quer fazer o matadouro, existe um poço com muita e excellente agua; e em todas as quintas que cercam este local existem poços que dão muita agua todo o anno, em todo aquelle trato de terreno que vem do alto dessas terras da Cruz do Taboado até ao Campo de Santa Anna. Basta cavar algumas braças para achar agua em abundancia.

Desappareceu, pois, o terrivel argumento das aguas, diante da simples observação dos factos. O matadouro pôde estabelecer-se na Cruz do Taboado, aproveitando ou não as aguas do aqueducto. No matadouro pôde gastar-se, proporcionalmente, tanta agua como se gasta nos matadouros de Paris, e tira-la toda do aqueducto, sem que em Lisboa haja diminuição sensivel na porção que cabe a cada individuo.

Depois do abastecimento da agua o que ha de mais necessario n'um matadouro é a existencia de um meio prompto e facil para es-

coamento dos liquidos que tiverem servido ás lavagens e á preparação das substancias animaes. Isto é uma verdade que ninguem contesta. Quando dos bons livros se copiam proposições desta natureza, pôde-se ficar certo de que não haverá contrariedade. Não basta contudo repetir o que dizem os auctores de credito, é necessario, nos casos particulares, saber comparar bem os factos com as doutrinas da sciencia, e dessa comparação, e só della, concluir positiva e terminantemente em cada caso particular, se os principios geraes, a que a observação conduziu os homens competentes, são ou não contrariados. Affirma-se que, nas quintas do Alto do Varejão, o matadouro terá um escoamento prompto para as suas aguas; que da Cruz do Taboado o escoamento é difficil, e que da passagem das aguas do matadouro pelos canos geraes da cidade *resultará o augmentarem a um ponto desesperante as febres intermittentes e typhoides que ha tempos se observam em Lisboa*. Magoa-nos dizer a impressão que esta phrase em nós produziu; mas obriga-nos a consciencia, e á consciencia os homens honestos não sabem desobedecer. Esta phrase que se lê no relatorio do Conselho de Saude é a expressão de uma grande falsidade; é um abuso da authoridade scientifica que dão os estudos medicos, e uma posição elevada na administração; não servindo senão para assustar os homens ignorantes, e para com o susto lhes irritar as paixões ruins. Acreditâmos, dizemo-lo com sinceridade, acreditâmos que estas palavras se escreveram sem se pensar na importancia, na significação, nas funestas consequencias que podiam ter; mas isto não é uma justificação, porque o medico, porque a authoridade deve maduramente pesar todas as palavras que diz, todas as phrases que escreve. Em que se fundam os facultativos que affirmam deverem augmentar *sem duvida* as febres acima designadas, se ás immundicies dos canos da cidade se juntassem as aguas do matadouro?

Discutamos esta questão gravemente porque vale a pena.

1.º Nenhuma observação, nenhuma experiencia prova que as emanções das aguas com que se lavam os matadouros e se fazem as macerações, cocções, etc., tenham o poder de produzir as febres typhoides e intermittentes; affirmar taes factos sem provas é expor a sciencia a ser desmentida a cada instante.

2.º No matadouro actual lançam-se *alguns baldes de agua* para lavar as officinas; e por isso mesmo que estas são lavadas poucas vezes e mal, a agua deve ficar muito carregada de particulas animaes, que tendo estado por dias expostas á acção da atmosphera, devem achar-se em putrefacção. No novo matadouro as lavagens hão de fa-

zer-se todos os dias cuidadosamente e com agua em abundancia; nessas aguas, pois, a materia animal vem muito mais diluida e não putrefacta.

3.º No matadouro actual porções consideraveis dos deventres, da gordura, da pelle, do sangue, etc., dos animaes, são arrastadas por essa agua de lavagem; no novo matadouro as aguas de lavagem devendo, antes de entrar nos canos, passar por uma ou mais redes metallicas, como succede em Ruão, onde fiquem retidas as materias solidas; e estas, assim como o sangue devendo ser tudo aproveitado com grande cuidado, segue-se que aquellas aguas trarão pequena quantidade de materia organica e nenhuns fragmentos solidos.

4.º As operações de triparia fazem-se em officinas fóra do matadouro, e com menos perfeição do que serão feitas no que está projectado. Nessas operações empregam-se mais de vinte pipas de agua. No novo matadouro a agua empregada nessas operações não póde ser em quantidade superior á que actualmente se emprega, porque o numero das cabeças de gado morto por dia em Lisboa, não augmenta por se fazer um bom matadouro, visto que com este estabelecimento não augmenta nem a população nem a riqueza da capital (e esta consideração não se deve nunca perder de vista na presente discussão). E' verdade que as preparações serão mais bem feitas e mais multiplicadas, mas isso é compensado pela economia que resulta de se fazerem em grande escala.

5.º A porção pouco consideravel de aguas de lavagem carregadas de grande quantidade de substancia organica, e arrastando partes solidas, isto é, tendo todas as condições que podem difficultar o escoamento, as aguas empregadas nas triparias (mais de vinte pipas diariamente) e em outros misteres da mesma ordem, arrastando tambem por incuria, e falta de policia, partes solidas; todas essas aguas em fim, que segundo se affirma no relatorio do Conselho de Saude, e é exacto, apodrecem com summa rapidez, ou entram nos canos geraes, ou ficam ensopando o solo nos arredores do matadouro. As aguas do que está projectado mais abundantes, e por consequente correndo com mais rapidez pelos canos, menos carregadas de materias organicas, por isso mesmo que são em maior quantidade, não arrastando fragmentos de tecidos animaes, hão de entrar nos canos publicos por conductos bem construidos.

Agora perguntaremos por que é que sem *duvida hão de augmentar a um ponto desesperante* as febres em Lisboa, quando se construir o matadouro na Cruz do Taboado? Que rasão para haver mais

febres do que actualmente? E agora mesmo pôde attribuir-se ás aguas do matadouro e das forçureiras, uma acção mais funesta sobre a saúde publica do que ás outras imundicies que atulham os canos? A quantidade de materia animal que vem actualmente para o encanamento do matadouro e annexos, e a que ha de vir do novo matadouro sobre tudo terá uma relação apreciavel com a materia organica que lançam diariamente para o encanamento geral os canos das casas? A agua do matadouro novo, mais abundante que a do actual, e correndo em enchurrada para o cano da rua de S. José, um dos mais largos de Lisboa, em vez de augmentar a immundicie delle, contribuirá muito para o lavar; de modo que o perigo indicado será pelo contrario um bom serviço feito á limpeza da cidade. Cincoenta e tres pipas de agua passando diariamente por um cano não o sujam, lavam-no; isto ninguem ignora: e se em vez de 53 pipas se gastassem, no matadouro de Lisboa, 90:000 litros que se dispendem no matadouro de Paris, então a lavagem tornar-se-ia das mais completas. De mais se a Camara em vez de lançar as aguas para os canos as quizer aproveitar em parte na fabricação de estrumes liquidos inodoros, achará de certo consumidores para esses estrumes nas quintas da Bemposta e outras que ficam proximas da Cruz do Taboado; e deste modo desapareceria o grande perigo, se perigo existisse de entrarem as aguas do matadouro nos canos da cidade.

Ha entre os argumentos que se apresentam ácerca do escoamento das aguas, para provar a inconveniencia de escolher para o matadouro o local da Cruz do Taboado, um argumento que é digno de citar-se. Diz-se que daquelle local até ao Têjo os canos não têm o declive necessario para correrem as aguas. O alto da Cruz do Taboado onde se quer edificar o matadouro, está a 85 metros acima do nível das aguas do Têjo, e no maior desenvolvimento dos canos fica a 1900 metros do rio. O declive exigido para o escoamento das aguas nos canos é de dois centímetros por metro; e suppondo, pois, que a distancia daquelle terreno ao Têjo, seguindo a direcção dos canos, é de 100 metros mais, isto é, igual a 2000 metros, vê-se que o declive medio dos canos corresponde a quatro centímetros por metro, o dobro do que se exige. Se os que se mostram receosos de ver augmentada a quantidade de immundicies nos canos da cidade, recommendassem á Camara que cuidasse da limpeza delles, de lhes dar a conveniente construeção, de tratar de dispor agua para os lavar abundantemente, de tirar ás sargetas toda a communicação directa e immediata com o ar exterior, nós juntaríamos a nossa voz á delles; con-

fundir, porém, essa necessidade urgente para a hygiene publica de Lisboa, com a questão do matadouro e afirmar que de S. Sebastião até ao Tejo não ha o declive de dois centímetros por metro, é querer embarçar questões distinctas, e por este modo tornar difficil todo o melhoramento. Ninguém ignora que em Portugal para se fazer alguma cousa util é preciso obrigar a convergir todas as forças; a authoridade ajudada procura acertar; contrariada pelos que a deviam aconselhar hesita, recceia mover-se, e acaba por cair na mais completa inacção. A historia da administração publica ali está para o provar.

Temos demonstrado que os matadouros bem construidos não são nem perigosos, nem insalubres, nem incommodos.

Que os argumentos tirados da direcção dos ventos, geralmente reinantes em Lisboa, apresentados pelos que julgam perigosa a collocação do matadouro na Cruz do Taboado, são contradictorios e infundados.

Que o matadouro de Lisboa, onde se abatem 27:890 rezes por anno, não carece de 90:000 litros de agua por dia, mas só de 22:500 litros.

Que essa agua pôde ser tirada do aqueducto, porque subtrahindo vinte pipas, parte da que actualmente se gasta nas officinas de triparia, o resto só faz para cada habitante de Lisboa e durante quatro mezes no anno, uma differença para menos, na sua ração de agua, de onça e meia proxivamente.

Que não se querendo empregar a agua do aqueducto, na Cruz do Taboado em contiguidade com o local destinado para o matadouro se encontram poços com agua potavel e abundante.

Que o escoamento das aguas do matadouro se pôde fazer pelos canos geraes sem inconveniente, antes com vantagem para a limpeza delles.

Que os recceios em vista dos perigos que pôde correr a saude publica, são exageradamente infundados.

Poderíamos agora discutir os argumentos administrativos que se apresentaram para provar a conveniencia de construir o matadouro no Alto do Varejão. Poderíamos fazer sobresair a contradicção entre dizer-se que não ha inconveniente em ficar o matadouro no Alto do Varejão, apesar de distar um quarto de hora de caminho do alto da Cruz do Taboado no centro da cidade, e achar que ha inconveniente neste ultimo local por se achar distante o mesmo quarto de hora do caminho de ferro; provando-se unicamente por estas duas affirmacões, que a distancia entre os dois locaes é mais curta para os homens

do que para os animaes, ou que um quarto de hora de caminho póde deteriorar a saude de um boi, ou finalmente que se argumentou com grande leviandade.

Poderíamos mostrar a conveniencia economica que resulta para os particulares e para o municipio da proximidade do matadouro á parte mais central da cidade. Poderíamos calcular tambem o valor das terras a expropriar, e das construcções a fazer no Alto do Varejão e na Cruz do Taboado. Poderíamos lembrar que não é para desatender a circumstancia de ficar no Alto do Varejão o matadouro mui proximo do cemiterio, não porque as emanações deste possam prejudicar as substancias alimenticias, mas porque o decoro publico, o respeito que se deve á memoria dos que já foram, a intima veneração que todos sentimos pelos mortos, esta como adoração que cada homem consagra á sepultura dos seus, tudo está aconselhando que do cemiterio se afaste o mais possivel toda a mundanidade, tudo o que póde perturbar as orações dos que choram sobre os sepulchros.

Não o faremos, porém, porque foi só sobre as condições hygienicas das duas localidades escolhidas para em uma dellas se edificar o matadouro que a Academia foi consultada e só da parte hygienica julgámos dever occupar-nos nesta nota.

Concluimos pois :

1.º Um matadouro bem construido não sendo nem perigoso, nem insalubre, nem incommodo, póde ser edificado em qualquer dos dois locaes, Alto do Varejão, ou Alto da Cruz do Taboado.

2.º A Academia na sua consulta deverá recommendar á Camara Municipal que empregue toda a diligencia e efficacia para que o matadouro seja perfeitamente construido, e em tudo igual, pelo menos, aos melhoes do estrangeiro.

3.º As rasões economicas e administrativas são as unicas que devem dirigir a Camara Municipal na preferencia de um ou outro dos locaes propostos.

Lisboa, 9 de Novembro de 1854.

PARECER DA SECÇÃO DE MEDICINA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
E DOCUMENTOS RELATIVOS.

A secção medica foi mandada, pela primeira classe da Academia, a nota dos seus dignos socios, os Srs. João de Andrade Corvo e Thomaz de Carvalho, sobre a escolha do local para um novo matadouro em Lisboa, para que a secção dêsse sobre ella o seu parecer, que deverá ser discutido em reunião de classe conjuntamente com o parecer da secção medica, já anteriormente apresentado sobre o mesmo assumpto.

A secção examinou attentamente a dita nota, e deve já começar por dizer á classe, que ainda que a sua opinião não seja em alguns pontos conforme com a dos authores da nota, entretanto achou que os principaes pontos, sobre que versa a questão da escolha de local para o novo matadouro, foram pelos ditos seus collegas examinados com uma critica severa e illustrada, que lançou sobre alguns delles bastante luz, de que a secção muito se aproveitou. Restringindo-se, porém, agora a dar o seu parecer sobre as conclusões a que chegaram os illustres authores da nota, e que se reduzem a tres pontos principaes, a secção tem a declarar que, estando perfeitamente conforme com os seus collegas no que respeita á segunda conclusão, e desejando mesmo reunir os seus votos aos dos authores da nota, para que se recomende á Camara Municipal que empregue toda a diligencia e efficacia para que o matadouro seja perfeitamente construido, e em tudo igual pelo menos aos melhores do estrangeiro, não está igualmente conforme no que diz respeito á primeira e terecira conclusão.

Na primeira conclusão dizem os illustres authores da nota, que um matadouro bem construido, não sendo nem perigoso, nem insalubre, nem incommodo, pôde ser edificado em qualquer dos dois locais: Alto do Varejão, ou alto da Cruz do Taboado.

A secção de medicina não duvida que um bom matadouro não deva hoje ser considerado como perigoso, ou como insalubre. Podê-lo-ha ser algumas vezes por descuido, negligencia, ou desprezo das

regras hygienicas. Porém, pelo que diz respeito á terceira designação, salvo o respeito devido a tão illustres collegas, a secção julga dever classificar o matadouro publico, que se projecta fazer em Lisboa, como estão classificados pela legislação franceza os cinco matadouros de Paris, e o de Ruão, com os quaes deseçamos que elle muito se pareça, isto é, na primeira classe dos estabelecimentos incommodos, ou daquelles que devem ficar distantes das habitações, sem que contudo seja necessario que fiquem fóra da cidade.

Os argumentos apresentados pelos nossos collegas para provar que um bom matadouro não é incommodo, e que não deve por consequente ser de tal maneira classificado, são ;—1.º As experiencias e observações feitas por Parent Duchatelet nas fabricas de Mrs. Salmon e Payen, e de Mr. Jouan et Poissant, fabricas em que se praticavam, com materias animaes, operações mui similhantes ás que se praticam nos matadouros ;—2.º As expressões de Parent Duchatelet, notando que existiam em Paris estabelecimentos analogos a esses (os matadouros), que não causavam incommodo na visinhança ;—3.º As expressões de Girardin em uma carta dirigida a Chevalier, em que elogia o estado em que achou o matadouro de Ruão, onde, alem de outras condições boas, se não sentia cheiro algum desagradavel.

As experiencias e observações de Parent Duchatelet, feitas nas fabricas acima mencionadas, e repetidas por muitas vezes diante de pessoas as mais respeitaveis e authorisadas, não podem deixar de ser por nós recebidas e sê-lo-hão por todos. Ellas fizeram tão geral impressão na epocha em que foram publicadas, que o nosso Conselho de Saude Publica do Reino, em 1838, imprimiu nos seus annaes uma especie de noticia dando conta dellas, e ali se faziam votos para que entre nós se estabelecessem fabricas dessa ordem. Mas sem pretender lançar desfavor sobre a importancia desses factos, em cuja observação e publicação Parent Duchatelet teve o maior merecimento, e que provam evidentemente a possibilidade de conduzir essas operações sem incommodo notavel ; a commissão medica deve confessar, que não é tanto sobre o que se passou durante essas observações nas fabricas acima mencionadas que ella quereria assentar o seu juizo, como sobre o que se está passando nos cinco matadouros de Paris e no de Ruão, no seu trabalho ordinario, regular e aturado durante todo o decurso do anno. A administração franceza teve conhecimento dessas observações, e de tudo o que se disse e escreveu então sobre esse objecto, que foi muito ; porém, a legislação sanitaria conservou esses estabelecimentos na primeira classe dos estabelecimentos perigosos, insalubres

e incommodos, e ainda lá os conserva hoje. Estas observações acham-se publicadas no vol. 13.º dos Annaes de Hygiene, anno de 1835, e o decreto de 15 de Abril de 1838, publicado tres annos depois, conserva os matadouros nessa mesma classe. Esta disposição ainda se mantem hoje e contra ella não vemos que os hygienistas modernos, que consultámos, reclamem.

Ambrosio Tardieu, fallando daquelle genero de estabelecimentos acima mencionados, exprime-se do seguinte modo (Dice. de Hygiene, 1852, vol. 1.º, pag. 536.): « Les chantiers d'equarissage sont rangés « dans la premiere classe des établissements insalubres. Cependant il « est hors de dout aujourd'hui, depuis les observations de Parent Du- « chatelet, que leurs émanations ne sont aucunement nuisibles à la « santé même des enfants qui s'èlevent dans ces lieux infectes; la ve- « getation voisine ne peut même qu'y gagner. Mais la puanteur que « degagent ces établissements, quelques précautions que l'on emploie, « le spectacle hideux qu'ils présentent toujours et jusqu'aux rats qui « s'y multiplient d'une maniere prodigieuse, tout rend impossible « qu'aucune habitation existe dans le voisinage. » E se meditarmos nas condições e regulamentos a que os conselhos de salubridade, em França, sujeitam estes estabelecimentos, facilmente veremos que grandes são os receios que ainda hoje se tem delles. Uma destas condições é não ter nenhuma habitação a 150 metros de distancia.

As expressões de Parent Duchatelet, que vem na citada memoria, a respeito dos matadouros de Paris, saídas da penna de um homem tão respeitavel e tão competente, tem para nós bastante força, mas ellas vem isoladas, e nós não sabemos que qualidade de informações, ou de provas levaram Parent Duchatelet áquella convicção. E o mesmo diremos a respeito de Girardin, que comtudo é muito mais positivo e formal na sua affirmativa a respeito do matadouro de Ruão. Porém, estâmos nós certos que as cousas se passam sempre assim como nas occasiões em que estes dois homens conspicios e verdadeiros fizeram as suas visitas e indagações? O que se passa em certos estabelecimentos na presença das authoridades, e mesmo dos homens da sciencia mais competentes, pôde representar a possibilidade do perfeito e desejado andamento do estabelecimento, mas está bem longe, muitas vezes, de representar o seu trabalho ordinario.

Serão as observações de Parent Duchatelet, feitas nas fabricas de Mrs. Salmon et Payen, e de Jouan e Poissant, provas equivalentes a uma demonstração clara e evidente de que os matadouros de Paris, no seu trabalho ordinario, não incommodam ou podem incommodar

os habitantes visinhos? Pensâmos que não. Serão as expressões eitadas de Parent Duchatelet a respeito dos matadouros de Paris, e as de Girardin a respeito do matadouro de Ruão, motivos sufficientes para que por elles só, em materia tão importante e melindrosa, nos decidamos a declarar os matadouros estabelecimentos que podem estar junto ás habitações, ou entre ellas, contra o que determina a legislação franceza? Julgâmos que não. E tambem não encontrâmos, nos hygienistas mais modernos, provas, ou a affirmação clara e decidida de que os matadouros bem construidos não devem ser collocados na primeira classe dos estabelecimentos insalubres, incommodos e perigosos, ou de que possam estar collocados entre as habitações, e supponmos que os nossos collegas, apesar da sua extrema lição, não foram mais felizes. Por outro lado, quando lemos, mesmo nos hygienistas mais modernos, os processos e operações que se passam nos actuaes matadouros e estabelecimentos annexos e analogos, os cuidados e regras a que precisam estar sujeitos, e os inconvenientes que se devem seguir de qualquer descuido, ou desvio dessas regras, não nos admira de os achar assim classificados.

É possível que haja um matadouro, cuja construcção e sobre tudo cujo trabalho ordinario seja regulado tão cuidadosamente, que se possa considerar como estabelecimento que pôde estar junto das habitações e entre ellas; mas a legislação e as regras que regulam taes estabelecimentos não podem ser formuladas pelo que se passa excepcionalmente; contam com o mais ordinario, com o mais provavel. Nas fabricas de Mrs. Salmon e Payeu, e nas de Jouan e Poissant, durante as operações observadas e seguidas por Parent Duchatelet, e por muitas pessoas conspicias e authorisadas, não se passou nada desse cheiro notavelmente incommodo. Supponhamos que nestas fabricas no seu trabalho ordinario e regular, e durante todas as vicissitudes por que estabelecimentos dessa ordem passam, ellas nunca incomodaram a vizinhança; deveria por ventura o Governo declarar os estabelecimentos deste genero não incommodos de primeira classe, e permittir que estivessem junto das habitações, ou entre ellas? Ouçamos ainda o que nos diz Tardieu desta ordem de estabelecimentos na actualidade. Depois de ter descripto os melhoramentos que neste ramo se tinham introduzido, continúa: « Il s'en faut de beaucoup que les chantiers « d'équarissage aient subis toutes les améliorations qui auraient du « entrainer dans leur installation des progrès aussi considérables; la « plupart ont conservé un aspect propre à inspirer l'horreur et le dé- « gout »; e mais para diante segue o paragrapho que já citâmos.

A legislação franceza sobre policia sanitaria é liberal, progressiva e scientifica, nem nos consta que em outro paiz haja um codigo mais completo de medidas de salubridade publica; ellas são o resultado de trabalhos muito longos e de mui illustradas discussões e experiencias dos homens de sciencia, meditadas e combinadas depois com uma consummada prudencia e segurança. E os Governos, quando encontram duvidas ou divergencia entre as opiniões dos homens da sciencia, tomam o partido mais cauteloso, aquelle que offerece menos perigo e inconvenientes.

Miguel Levy, na sua hygiene, no artigo habitações publicas, diz o seguinte: « Voieries, charniers ou lieux d'equarissage, abattoirs « boyauderies, dépôts de matières fécales, fabriques de poudrette, etc., « tous ces établissements infimes, mais nécessaires, doivent être placés « à une certaine distance des villes et orientés de telle manière que « les vents predominants de la contrée n'apportent point leurs exhalaisons aux habitants. Les substances putrides qui s'entassent dans « ces lieux de dégoût n'exercent certainement pas à l'air libre toute « l'influence deletère qu'on leur attribue; leurs émanations, divisées « par les courants atmosphériques, brassées par les vents, dispersées « dans toutes les directions, perdent leur efficacité; les ouvriers qui « travaillent et couchent dans ces cloaques jouissent d'une bonne santé; « et même ils sont en possession d'une certaine immunité; mais l'odeur « infecte qui repandent ces établissements suffit pour motiver leur re- « legation loin des villes, et l'adoption de tous les procédés industriels « qui corrigent cet inconvenient et transforment les matières putrides « en produits précieux pour l'agriculture. »

Um hygienista inglez, que pela sua posição official e experiencia nos merece muito conceito, John Simon, em uma obra que acaba de publicar em Londres (Reports relating to the sanitary condition of the city of London by John Simon. London 1854), no primeiro relatorio em que falla dos matadouros que ahí são estabelecimentos particulares em grande numero, e sujeitos a severas condições e a serem processados seus proprietarios e condemnados no caso de incommodo causado á visinhança em vista de accusação promovida pelas authorities, ou mesmo só por dois visinhos donos de casa, diz o seguinte: « Eu julgo dever dizer que considero a matança das rezes « dentro da cidade como directa e indirectamente prejudicial á população; directamente, porque carrega o ar com effluvios de materia « animal em decomposição, não só na immediata visinhança de cada « matadouro, mas igualmente ao longo da linha de escoamento das

«lavagens e líquidos immundos; indirectamente, porque varios officios incommodos e nocivos (offensive and noxious) estão em estreita dependencia com a matança das rezes; collocados á roda do incommodo primario do matadouro, e tão perto como as circumstancias o permitem, invariavelmente se encontram os concomittantes, e ainda maiores incommodos (nuissances) da preparação das tripas, de coser os ossos, de derreter as gorduras, de ferver os estomagos, etc.»

Se a authority destes homens respeitaveis na sciencia, escrevendo na actualidade, se a tenacidade reflectida da legislação sanitaria franceza não for bastante para produzir a convicção, parece-nos que deverá ser menos sufficiente para crear a duvida. E á vista de tudo isto iremos nós, agora inexperientes, declarar, na primeira construcção desta ordem que intentâmos, que os matadouros não são estabelecimentos incommodos de primeira classe, e que podem estar collocados entre as habitações, ou junto dellas, contra o que determina a legislação franceza? Teremos nós a esperança ou a probabilidade de que o nosso projecto do matadouro será um modelo de perfeição na sua construcção e no seu andamento, e que todas as operações ali serão conduzidas com a escrupulosa regularidade que se exige? Estâmos nós costumados a essa exactidão na execução das nossas medidas de salubridade?

Se a classe julgar que nos faltam informações bastantes para poder assentar um juizo seguro sobre o modo porque se faz o trabalho ordinario dos matadouros de Paris e de Ruão, e que é preciso sobre este assumpto colher novas informações, a commissão nesta parte une seus votos ao da classe. Porém, se a classe pretende desde já dar sobre esta questão um voto e um conselho ao Governo, a commissão é de parecer que, seguindo a legislação franceza, os matadouros publicos sejam considerados como estabelecimentos incommodos de primeira classe, que devem estar em distancia das habitações, sem que comtudo seja necessario que se colloquem fóra da cidade.

Os nossos collegas, authores da nota, julgando que um bom matadouro não é um estabelecimento incommodo e que pôde estar junto das habitações, ou mesmo entre ellas, concluíram que debaixo deste ponto de vista o projectado matadouro poderia estar tanto no Alto do Varejão, como na Cruz do Taboadó. Mas a commissão medica, partindo de outro principio, julga sobre este ponto o local do Alto do Varejão preferivel ao da Cruz do Taboadó. Se no matadouro aqui collocado houver algumas vezes, mau cheiro, o que a commissão julga provavel, elle se fará sentir aos habitantes da Travessa do Sacramento,

da Travessa dos Carros, de parte da Calçada de S. Sebastião, das casas ao pé da Igreja, e de algumas outras dispersas á roda do matadouro, segundo a direcção dos ventos. Este cheiro, em um estabelecimento bem construído e bem regulado, não será talvez muito incommodo, e não chegará muito longe, mas se houver descuido na remoção das materias infectas, falta de accio, e imperfeição nos processos e operações, aproximar-se-ha mais ou menos do que exhala o actual matadouro. Entretanto a commissão pensa que em um matadouro bem construído na Cruz do Taboado, ainda mesmo commettendo-se algumas irregularidades e descuidos, o cheiro nunca será tão infecto como no actual matadouro, e só incommodará as habitações mais proximas; e se nos regularmos pelo que acontece nesse actual matadouro o cheiro não deverá chegar ao Largo do Chafariz de Andaluz. E ainda que emanações do matadouro corram sobre o centro da cidade, ellas ali chegarão já tão diluidas e dispersas que não serão sensiveis ao olfato. No Alto do Varejão, o matadouro mais isolado das habitações, melhor exposto e ventilado, não fará provavelmente sentir o seu mau cheiro, quando o haja, em nenhuma parte da cidade. A commissão medica, comtudo, não se atreve a assegurar que neste mesmo local, apesar das suas melhores condições, o cheiro não possa em algumas occasiões chegar ao sitio de Santa Apollonia. Em uma das nossas visitas ao Alto do Varejão, estando na quinta do Coxo, percebemos fortemente o cheiro do tabaco que se queimava na fabrica, cuja distancia ao ponto em que nos achavamos não nos pareceu differir muito da que vac do mesmo ponto a Santa Apollonia.

Se a Camara Municipal collocar um bom matadouro na Cruz do Taboado, faz uma boa obra se o compararmos com o actual matadouro. O cheiro que houver de exhalar será em todo o caso muito menor do que o que agora se sente, as emanações não irão tão longe, e serão dispersadas e diluidas mais facilmente pelo vento. Se fôr collocado mais para o lado das Picôas, ainda o incommodo será menor, e salvar-se-hão a repugnancia e apprehensões que ha de causar a proximidade do matadouro do aqueducto das aguas livres. Mas quando se pergunta se o matadouro estará tão bem collocado na Cruz do Taboado, como no Alto do Varejão, debaixo do ponto de vista de estabelecimento incommodo de primeira classe, a secção medica, respeitando muito a opinião de seus illustres collegas, authores da nota, afasta-se comtudo della, e responde que será melhor collocado no Alto do Varejão.

A terceira conclusão da nota constitue a sua proposição princi-

pal, e o fim a que tendem todas as reflexões dos seus authores, assim como tudo que se acha nos relatorios da Camara Municipal, do Conselho de Saúde Publica do Reino, e da secção medica. São os dois locaes igualmente apropriados para estabelecimento do matadouro com relação ás condições de salubridade? É a differença tão pequena que não valha a pena de ser tomada em linha de conta? Deve um ser completamente excluido e o outro decididamente elegido?

Sobre esta terceira conclusão da nota, julga a commissão medica dever apresentar algumas considerações em referencia aos fundamentos que os illustres collegas tiveram para julgar que não ha rasões para preferir, por motivos de salubridade, um local ao outro, e que por conseguinte a Camara Municipal deve escolher um delles como lhe parecer, tomando só em consideração as outras rasões economicas e administrativas que para isso tiver.

Já se vê, pelo que dissemos a respeito da primeira conclusão, que, partindo nós do principio que os matadouros devem ser considerados como estabelecimentos incommodos de primeira classe, e que não devem estar collocados junto ás habitações, ou entre ellas, julgamos que em quanto a este quesito a collocação é melhor no Alto do Varejão, do que na Cruz do Taboado, onde os habitantes mais proximos da Travessa do Sacramento, da Travessa dos Carros, da Calçada de S. Sebastião, do pé da Igreja, e de algumas outras casas dispersas á roda do matadouro, receberão o cheiro desagradavel dos effluvios que ali possam haver, ou quando os houver, e isto mais ou menos, segundo o modo pelo qual as operações forem conduzidas, e segundo os ventos reinantes. Este incommodo não existirá no Alto do Varejão, não havendo na proximidade se não poucas habitações isoladas, e só mais ao longe casas agglomeradas no sitio de Santa Apollonia, que provavelmente já não participarão desse cheiro. Passamos aos outros quesitos, que foram considerados pelos authores da nota, e que o são em geral pelos hygienistas quando se trata da collocação de estabelecimentos desta ordem.

Os nossos collegas julgam que o bom arejamento destes estabelecimentos dependendo da sua construcção, tanto pôde o matadouro ser bem arejado na Cruz do Taboado como no Alto do Varejão. Adoptando esta boa doutrina ajuntaremos comtudo que, em um local mais bem exposto e ventilado, as emanações do estabelecimento serão mais facil e promptamente dispersas pela atmosphera em maior espaço, e causarão menos incommodo nas habitações visinhas. A exposição do Alto do Varejão é melhor, segundo nossa opinião, do que a da Cruz

do Taboado; a ventilação deve ali ser mais effectiva. Entretanto a commissão não pensa que o local da Cruz do Taboado deva ser excluído por falta de boa ventilação e exposição, só julga que n'este ponto é inferior ao Alto do Varejão. Segundo os illustres collegas, como as emanações de um matadouro bem construido e regulado não são insalubres, pouco importa que essas emanações corram sobre este ou aquelle ponto da cidade. Esta doutrina, que até certo ponto admitimos, não pôde passar contudo sem alguma reflexão da nossa parte. Ainda que muitas observações nos levam a essa convicção, entretanto nós com Miguel Levy e Simon julgámos prudente não fazer correr sobre as povoações emanações de decomposição animal ou vegetal, todas as vezes que isso for possível. Nas cidades ha muitos elementos de insalubridade que não é facil seguir na sua acção sobre o organismo, e marcar a parte que cada um desses elementos toma na frequencia de certas molestias e na mortalidade das povoações. Algumas vezes é possível reconhecer e determinar essa acção pelo modo por que se manifesta e por que se combate, como acontece com o elemento paludoso levado a algumas povoações pelos ventos; outras vezes pôde ser suspeitada mas não demonstrada. Evitar, quanto possível, a desenvolvimento dessas emanações nas grandes cidades, ou que ellas venham de fóra arrastadas pelos ventos, não nos parece que seja medida para desprezar. E nós vemos novamente as emanações animaes consideradas como causa poderosa de molestias endemicas, e como predispondo para o maior desenvolvimento das epidemias. Na obra já citada de João Simon, impressa em Londres, lê-se o seguinte: « Ainda que es-
« tamos certos que a decomposição organica é uma poderosa causa de
« molestias, contudo a molestia pôde não se achar na immediata pro-
« ximidade da origem do mal. O escoamento por baixo do chão e as
« correntes do ar por cima levam os materiaes da decomposição a dis-
« tancia, e se os matadouros particulares estiverem collocados em ele-
« vação no meio da cidade, de modo que o seu escoamento seja effec-
« tivo, e a sua ventilação completa, então a sua influencia deverá ser
« procurada não tanto no especial augmento da mortalidade, como em
« certos remotos resultados da sua diffusa emanação, effeitos que se
« descobrirão ao longo das linhas de escoamento e ventilação, e nas
« variadas consequencias de uma atmosphera altamente zymotica em
« toda a cidade. »

No Alto do Varejão os ventos só levarão as emanações sobre algumas habitações isoladas, e em grande distancia sobre a ultima extremidade oriental da cidade, sitio de Santa Apolonia. No alto da

Cruz do Taboado as emanações correrão sobre as habitações visinhas, e irão sobre o centro da cidade. Mas ainda que as considerações que sobre este ponto se podem fazer não sejam para desprezar, não pretendemos com isto dizer que por esta consideração se deva excluir o local da Cruz do Taboado para a construcção de um novo matadouro; pelo contrario, pensámos que em relação a este quesito não existe a differença entre os dois locaes que encontrámos em outros quesitos. Um bom matadouro, collocado no Alto da Cruz do Taboado, poderá ser incommodo para as habitações visinhas, mas não nos parece que possa ser causa de manifesta insalubridade para a cidade.

Continuando a examinar outros pontos que foram tratados pelos illustres collegas, para comparar os dois locaes e estabelecer a sua terceira conclusão, encontrámos um que elles muito esclareceram com as suas judiciosas reflexões, e é um dos principaes, e que por si só dava grande motivo de preferencia ás quintas do Coxo e da Madre de Deus, é o fornecimento da agua. A Camara Municipal no seu parecer não marcou a quantidade da agua que precisava para gasto do futuro matadouro; o Conselho de Saude calculou esta quantidade em 90:000 litros, tomando como fundamento a quantidade de agua que se gasta em cada um dos matadouros de Paris, e a relação da população entre as duas cidades, Paris e Lisboa. Foi desta base que partiu a commissão medica, e muito peso lhe fazia que se tirassem do aqueducto duzentas e tantas pipas de agua cada dia para o matadouro durante o verão, em uma cidade em que toca a cada habitante, nessa estação, quatro canadas de agua, ou a oitava parte da que é reputada necessaria e da que tem um habitante de Londres, ou de Paris. Por outro lado os dois poços da quinta do Coxo, e da Madre de Deus, sem fallar da cisterna da quinta dos Apostolos, fornecem agua em qualidade e quantidade mais que sufficiente para os usos para que se pretende. A differença e vantagem do Alto do Varcção sobre o local da Cruz do Taboado neste ponto era evidente. Porém, os dignos authores da nota adoptaram outra base para o seu calculo, e parece á commissão que esta base deve ser mais segura do que a anteriormente adoptada pelo Conselho de Saude. Calculando o gasto da agua no futuro matadouro, não em relação á população de Lisboa comparada com a de Paris, mas em relação ao numero de rezes que effectivamente se matam no actual estabelecimento, comparada com o numero de rezes que se matam nos cinco matadouros de Paris, os nossos collegas acharam que a quantidade de agua que o futuro matadouro deve consumir será apenas cincoenta e tres pipas, e deduzindo ainda desta

quantidade vinte pipas que a vossa commissão achou que se gasta já nas officinas annexas ao actual matadouro, fica o consumo provavel da agua no projectado matadouro reduzido de duzentas e tantas pipas a trinta e tres mais do que já se gastava neste serviço. Esta quantidade não é muita, e não fará uma grande falta na cidade. Entretanto fica sendo certo, que nas quintas do Alto do Varejão existe agua em bastante abundancia e de boa qualidade para o serviço que se exige, ainda mesmo quando o numero das rezes mortas venha a augmentar muito para o futuro; e que na Cruz do Taboado, além de vinte pipas de agua que já diariamente se tiram para serviço das officinas annexas do matadouro, e que não se tirariam se o matadouro passasse para o Alto do Varejão, se extrahirão mais trinta e tres pipas, fazendo ao todo a differença de cincoenta e tres pipas diarias em um aqueducto que fornece agua com tanta escacez aos habitantes da capital durante o verão. A quantidade de agua que se consumirá no futuro matadouro será a que toca a 3:975 habitantes de Lisboa durante os mezes do verão e principio do outono. No que respeita ao emprego que se pôde fazer da agua dos poços da Cruz do Taboado, que os nossos collegas tambem lembram, a commissão medica tem a dizer, que as informações officiaes obtidas sobre este ponto a levam a crer que será melhor não metter esse elemento em linha de conta, porque a agua desses poços durante o verão diminue muito, ou falta completamente, e é de pessima qualidade. Vê-se, pois, que a grande vantagem que o Conselho de Saude e commissão medica achava em quanto a este quesito no Alto do Varejão sobre o local da Cruz do Taboado, se reduz a muito menos depois das judiciosas reflexões feitas em a nota.

Mas se por este lado a commissão medica não vê hoje, na collocação do matadouro no Alto do Varejão, tão grande vantagem como lhe parecia ver antes das rasões acima ponderadas, não acontece o mesmo em relação ao escoamento das aguas.

O escoamento das aguas nos matadouros, e em geral em todas as fabricas e officinas em que se traballia com carnes, ossos, gorduras e outras substancias animaes, é considerado por todos os hygienistas e pelos regulamentos sanitarios como um dos pontos mais importantes e capitaes em estabelecimentos dessa ordem. É absolutamente exigido que as aguas mais ou menos impregnadas das substancias animaes, e que serviram ás variadas operações que ali se praticam, tenham prompta e rapida saída e que não incommodem na sua passagem até ao local em que ellas se devem perder.

Considerados sobre este ponto de vista os dois locais Alto do Varejão e Cruz do Taboado, a secção de medicina não pôde julgar que elles sejam igualmente elegiveis. Ainda que os illustres collegas nos dizem, que tomada a altura da Cruz do Taboado sobre o nível do rio (1:900 metros, e a distancia ao rio 400 metros) a inclinação por metro seja mais de 4 centímetros e por conseguinte uma inclinação superior á minima que se exige para os canos; entretanto, é certo que esse declive é muito desigual nas diferentes porções do trajecto, e que em Lisboa os canos se acham contendo uma tal quantidade de matérias excrementicias que diminuem a sua capacidade, ou mesmo ás vezes completamente os obstruem, e em casos menos desfavoraveis sempre retardam as aguas e as devem empoçar. Não é assim em Paris onde se exige por minima dois centímetros de declive por metro, ou em Londres onde se exige um quarto de pollegada por pé.

Em todo o caso é fóra de duvida que o escoamento da quinta do Coxo e da Madre de Deus para o rio terá maior declive, será muito mais curto, tudo o que vae de 1:900 metros a 400 ou 500, e não será necessario que communique com as casas.

Na Cruz do Taboado a maior parte da canalisação que ha, não tendo capacidade para poder ser vigiada e tratada, é sujeita a obstrucções até ás Portas de Santo Antão. E nós não sabemos como se poderá fazer o serviço do matadouro quando alguma dessas obstrucções tiver logar. Se se pretende fazer uma canalisação nova, como seria necessario para esse caso, ella será aqui muito mais dispendiosa do que na quinta do Coxo e da Madre de Deus, e tanto na canalisação actual como na que se vier a construir debaixo de melhores regras, o cano geral, communicando com as casas e exhalando as suas infectas emanacões pelas sargetas, será na nossa opinião, pelo menos, mais um incommodo para os habitantes visinhos. Os illustres collegas, authores da nota, julgam que as aguas do matadouro não serão tão nocivas e incommodas como se pretende inculcar, e que mesmo ajudarão a propellir as matérias contidas nos canos. Mas a secção medica, vendo as operações que ali se passam, os detritos animaes que ellas devem conter, o summo cuidado que ha nas recommendações dos hygienistas e nos regulamentos sanitarios, em relação ao escoamento dessas aguas, não as pôde considerar senão como mais um elemento infecto e incommodo que se introduz na canalisação da cidade e que deve ser prompta e rapidamente eliminado. Ambrosio Tardieu, fallando destas aguas na sua obra impressa em 1852, diz: « Quelque

« soit, du reste, le soin que l'on apporte à leur entretien, les égouts
« des abattoirs dans lesquels pénètrent des debris de matières anima-
« les, des bruts d'intestins, du sang et surtout ces matières chiueuses
« à moitié digerées et penetrées des sues gastriques, repandent tou-
« jours une odeur beaucoup plus mauvaise et exposent les hommes
« que les nettoient à plus de dangers que les égouts ordinaires. Ainsi
« Parent Duchatelet recommande - t - il de fermer hermetiquement
« toutes les ouvertures par lesquelles l'eau de l'abattoir se rend à
« l'égout, à l'aide de cuvettes à la Déparcieux, qui auraient de plus
« l'avantage d'empêcher les rats de pénétrer dans l'établissement ; et
« de les faire curer très fréquemment. » A opinião de Simon sobre a
acção dessas aguas dos matadouros na saude dos habitantes mostra o
conceito que della fórma. Mesmo no matadouro de Ruão, que hoje é
citado como modelo do genero, antes da construcção do poço artesiano
que actualmente absorve as aguas do matadouro, quando o escoamento
dessas aguas se fazia em cano aberto para o Sena, as queixas eram nu-
merosas, ainda apesar do desaguamento se fazer só durante a noite.

Por esta occasião a commissão medica julga tambem dever de-
clarar que ainda se aparta do parecer dos seus collegas, quando a
nota applica a expressão *crime* á opinião do Conselho de Saude sobre
as molestias que deverão resultar da mistura das aguas do matadouro
com as immundicies da actual canalisação. Sem pretender discutir
nem defender a opinião ou phrase do parecer do Conselho de Saude,
a que se allude, e não tendo mesmo para isso os documentos que a
sua posição official lhe póde ministrar, a commissão lembra que os
canos mal construidos, cheios de immundicies, que pelas aberturas
nas ruas e communicação com as casas exhalam um cheiro pestilento,
podem dar logar em certas circumstancias a molestias graves. Não é
esta uma opinião particular do Conselho. Se a isto se juntar a agua
dos matadouros impregnada de materias animaes em decomposição,
que pelo menos é incommoda, e que na opinião do Conselho e de ou-
tros é insalubre, correndo por uma muito maior extensão da cidade
e com muito maior numero de aberturas de communicação com as
casas e com as ruas, não admira que na proximidade de uma epide-
mia devastadora, e com tudo o que a este respeito se tem ultima-
mente escripto, uma corporação, a cujo cargo está vigiar pela saude
publica, receie que as molestias augmentem e tomem grande incre-
mento. Tal opinião do Conselho poderá ser mal fundada, poderá o
Conselho no seu zêlo pelo bem publico, e no seu desejo por ver re-
mediar os inconvenientes da actual canalisação, exagerar estes receios,

mas a comissão medica não vê em tudo isto nem um crime nem um acto que possa merecer tão aspera censura.

Vê-se, pois, por tudo o que fica dito, que a comissão aproveitando da nota dos dignos collegas as idéas luminosas que ella contém, e modificando muito o seu parecer em quanto á maior vantagem que poderia ter o local do Alto do Varejão em relação á quantidade de agua precisa para o futuro matadouro, acreditando mesmo que o matadouro na Cruz do Taboado possa ser convenientemente arejado e ventilado, não pôde comtudo deixar de se separar da opinião final dos seus respeitaveis collegas, em julgar os dois locaes igualmente elegiveis, pois ainda vê differença em quanto a dois quesitos importantes; distancia das habitações e facilidade no escoamento das aguas, e nestes dois pontos pelo menos o local do Alto do Varejão lhe parece superior ao da Cruz do Taboado.

A comissão medica, fazendo esta differença entre os dois locaes, não pertende com isso dizer que o local da Cruz do Taboado deva ser absolutamente excluido; não ha um local em Lisboa, e talvez em outra qualquer cidade, em que todas as condições exigidas para matadouro se encontrem na perfeição, e que não apresente algum inconveniente. Se o matadouro se collocar mais para o lado das Picôas, um dos seus provaveis inconvenientes diminuirá, e as difficuldades para um bom e prompto escoamento de aguas serão dispendiosas mas não são invenciveis.

Em respeito á proximidade do cemiterio do Alto de S. João, do local onde se pretende collocar o matadouro na quinta do Coxo e da Madre de Deus, a comissão medica continúa a pensar, que pela parte hygienica não ha nada que receiar; nem a nota dos seus collegas contrariaria esta asserção. Além disso a comissão medica pensou que, em referencia ao decoro, recato e decencia que se deve á morada dos mortos a quatrocentos metros de distancia, e a circumstancia dos dois estabelecimentos se não verem, seriam condições bastantes para satisfazer todas as exigencias; porém ella confessa, que sobre este ponto a Camara Municipal é melhor e mais competente juiz do que a comissão medica, e se esse motivo é bastante poderoso para excluir o local do Alto do Varejão, e a Camara Municipal não tem outro local alem dos apontados, então a escolla está feita, e a questão não deveria vir á Academia como questão de salubridade.

A comissão medica julga não dever terminar este parecer, que deve tambem servir de additamento, ou mesmo de reforma e modificação do seu parecer anterior, agora illustrado pela nota dos seus

collegas, sem declarar francamente á classe que, apesar dos seus esforços e da sua boa vontade para esclarecer esta questão de um modo seguro e vantajoso, não encontrou em si os elementos necessários para a boa resolução de todas as duvidas já suscitadas sobre este objecto, e de todas as que para o futuro se hão de suscitar. Uma empresa desta importancia, em que se vae dispendir uma somma tão avultada em um estabelecimento que deverá servir de modelo para outras cidades do Reino, e em que se pretende obter o mais perfeito, vale bem a pena de ser estudada mais especial e praticamente. Ha nestes objectos exames, inspecções, observações pessoais, que nada pôde supprir. A Academia deve aconselhar ao Governo e á Camara Municipal, que antes de tomar resoluções definitivas para levar á execução este mui louvavel projecto, mande fóra, e principalmente a Paris, Ruão e Bruxellas, e mesmo a Londres, uma pessoa já instruida nesta materia e nestas discussões, a quem além disso se dê um programma adequado ao fim que se pretende, para que, examinando tudo que ha connexo com os estabelecimentos desta ordem, possa dar sobre elles todos os esclarecimentos e informações que de outro modo só se obtem muito duvidosa e incompletamente. Esta idéa é essencial e logica, e sobre tudo é economica para o bom andamento desta empresa. Nem nos parece que simillhante obra possa ir bem, e sem tentativas e ensaios perdidos e infructuosos, em quanto esta proposta não for adoptada. Este conselho da Academia dever-se-ha repetir sobre outros muitos pontos em que não temos experiencia e observação proprias, e mesmo neste momento existem outros projectos sobre estabelecimentos de salubridade publica, para que esta viagem scientifica se poderia aproveitar.

A commissão a final julga dever concluir este parecer dizendo:— 1.º, que o trabalho dos nossos collegas, authores da nota, é digno de louvor e agradecimento da parte da classe, e que muito presta para esclarecer differentes pontos da questão pendente;— 2.º, que differindo em alguns pontos essenciaes o parecer da commissão da opinião emittida na nota, o parecer que se deve dar ao Governo deverá ser formulado por uma commissão nomeada pela classe depois da discussão e votação, e em conformidade com essa votação;— 3.º, que para dirigir essa votação pôde muito bem servir a mesma ordem em que estão dispostas as tres conclusões da nota.

Lisboa, 24 de Novembro de 1854. = *Dr. Bernardino Antonio Gomes* = *Cactano Maria Ferreira da Silva Bcirão* = *Dr. Francisco Antonio Barral*.

CONSULTA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

A 1.^a classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa foi presente a portaria de 21 de Setembro de 1854, em que Vossa Magestade Ha por bem Ordenar, que a dita 1.^a classe da Academia consulte sobre a conveniencia da escolha feita ultimamente pela Camara Municipal de Lisboa do local da Cruz do Taboado para a construcção de um novo matadouro.

A 1.^a classe tomou conhecimento, pelas copias que do Ministerio do Reino lhe foram remettidas, dos officios do Governador Civil, e da Camara Municipal de Lisboa, assim como da consulta feita, sobre o objecto sujeito, pelo Conselho de Saude Publica do Reino; e depois de haver maduramente pesado todos os argumentos apresentados nesses documentos a favor e contra a preferencia dada ultimamente pela Camara ao local da Cruz do Taboado, sobre o anteriormente escollido no Alto do Varejão, depois de haver estudado os dois locais, depois de haver lido as opiniões manifestadas em extensos trabalhos scientificos por alguns dos seus membros, e discutido largamente durante algumas sessões; decidiu, em conformidade com as ordens de Vossa Magestade, dirigir muito respeitosa e a Vossa Magestade a presente consulta.

Para resolver a questão da preferencia a dar a um dos dois locais, Cruz do Taboado, ou Alto do Varejão, para a construcção de um matadouro, a 1.^a classe da Academia vê a necessidade de se attenderem a muitas circumstancias, algumas das quaes são puramente administrativas, outras verdadeiramente hygienicas; das primeiras não julgou a classe dever occupar-se, e por isso limitou o seu estudo ás segundas.

Considerados pelo ponto de vista hygienico, ha antes de tudo, nos estabelecimentos em que se preparam materias animaes, duas cousas a estudar: 1.^o Serão esses estabelecimentos insalubres? 2.^o Serão esses estabelecimentos incommodos?

Em referencia aos matadouros, e particularmente ao matadouro que a Camara Municipal projecta construir, buscou a Academia es-

tudar as duas questões que acima se acabam de mencionar; porque da sua resolução dependia principalmente o parecer a dar, sobre qual seja o melhor local para a construção do dito matadouro.

A 1.^a classe da Academia foi de opinião, que um matadouro construído conforme as prescrições da hygiene, e perfeitamente administrado, não é um estabelecimento insalubre. As razões que levaram a classe a adoptar esta opinião são por tal modo obvias e simples, estão tanto de accordo com os factos, que ella julga inutil expô-las aqui.

Pelo que respeita ao segundo quesito, isto é, se os matadouros devem ser considerados estabelecimentos incommodos, a classe reconhece que estes estabelecimentos, satisfazendo completamente ás duas condições de perfeita construção e administração, podem perder o caracter de estabelecimentos incommodos, podem não exhalar cheiro infecto; e de facto alguns excellentes matadouros tem sido observados por homens competentes, que nelles não têm encontrado cheiro algum repugnante. Como, porém, um qualquer desleixo no modo de administrar os matadouros, mesmo bem construídos, pôde, uma ou outra vez, fazer com que elles se tornem incommodos, por isso a 1.^a classe entende, que os matadouros podem ser collocados dentro das cidades, mas não nos bairros mais centraes e populosos; e que devem ficar sempre a tal distancia das habitações, que a estas não possam chegar as exalações mal cheirosas, quando as haja; devendo marcar-se para essa distancia um minimo, proximoamente, de 150 metros.

Estabelecidas estas preliminares e indispensaveis preposições, a 1.^a classe da Academia julgou dever dirigir-se por considerações de outra natureza na opção de um dos locais designados, Alto do Varedão e Cruz do Taboado, para nelles se edificar o novo matadouro; por isso que não sendo estes estabelecimentos nem insalubres nem incommodos—quando bem construídos, bem administrados, e postos a razoavel distancia das habitações—qualquer dos dois locais apresentava as condições convenientes para nelle se fazer a edificação, por estarem ambos fóra dos bairros populosos da cidade.

Para o regular andamento, accio, e boas condições hygienicas de um matadouro, são indispensaveis duas cousas: agua em abundancia, e que não falte em época alguma do anno; e um esgoto facil e rapido para as aguas que servirem no matadouro á lavagem e aos outros misteres. Era pois necessario comparar os dois locais debaixo destes pontos de vista; e é o que fez a 1.^a classe da Academia.

Para segurança desta comparação no que respeita ao forneci-

mento das aguas, é necessario determinar positivamente qual a quantidade de agua necessaria para o matadouro de Lisboa, e ver depois como cada um dos dois locais pôde ser abastecido della.

A quantidade de agua necessaria em um bom matadouro, como a Academia está certa que deve ser o novo matadouro de Lisboa, pôde calcular-se, por comparação, pela que se emprega no de Ruão: ora, neste matadouro a agua empregada é perfeitamente proporcional ao numero de rezes que nelles se matam e preparam, e por isso é tambem pelo numero de rezes mortas no matadouro de Lisboa, e não pela grandeza da população desta cidade, que o calculo da quantidade de agua necessaria se deve fazer. Tomando este ponto de partida, que é o unico perfeitamente justo (como o reconheceram todos os membros da 1.^a classe presentes á discussão) acha-se que no matadouro de Lisboa são mais que sufficientes 53 pipas de agua diarias, porque com estas 53 pipas o nosso matadouro ficará tendo proporcionalmente mais agua do que qualquer dos bons matadouros citados.

Para se abastecer de agua um matadouro collocado no Alto do Varejão ha de tiral-a por meio de uma machina apropriada para esse fim, e necessariamente dispendiosa, dos poços que se encontram neste local.

Na Cruz do Taboado o matadouro receberá immediatamente agua do aqueducto das aguas livres. A 1.^a classe da Academia não duvida que actualmente os poços do Alto do Varejão dêem toda a agua necessaria, e mesmo uma quantidade superior á necessaria no matadouro de Lisboa; mas a classe reconheceu tambem que as experiencias feitas por ordem da Camara Municipal, para determinar a quantidade de agua daquelles poços, não podem dar completa certeza de que esta se conserve durante todo o anno em sufficiente abundancia, uma vez que nos poços se houver estabelecido uma machina, que lhes faça continuos e consideraveis desfalques. Além disto, á classe faz grande peso a idéa de que um dia, por qualquer modificação na posição das camadas por onde passa a veia fluida subterranea que alimenta os poços das quintas do Coxo e Madre de Deus, por qualquer obstaculo interposto entre o lugar em que se acham estes e o valle onde se faz o apanhamento; enfim, por qualquer incidente geologico pôde desaparecer aquella agua; (como desapareceu já a do poço da quinta dos Apostolos) este acontecimento, de cuja impossibilidade nenhuma rasão poderosa dá completa segurança, seria, succeder elle, depois de no Alto do Varejão se achar construído o matadouro, uma verdadeira calamidade para esse estabelecimento, por não haver na-

quelle local nenhum meio facil e prompto de o abastecer de agua, tirada de outra origem.

Na Cruz do Taboado o matadouro receberá agua do aqueducto, e por consequente ha a certeza de que ella lhe não faltará nunca. Sobrevem contudo aqui uma nova consideração, apresentada já pelo Conselho de Saude Publica do Reino, e que merece que della se faça menção. A agua de que carece o matadouro, sendo subtrahida do aqueducto, ha de necessariamente diminuir a já diminuta porção de agua que em Lisboa cabe a cada habitante, e essa diminuição deve trazer inconvenientes. Para apreciar a importancia desta objecção apresentada contra a escolha do local da Cruz do Taboado, a 1.^a classe da Academia recorreu a um simples calculo, que passa a expor aqui em poucas palavras. — Suppondo que no novo matadouro se matarão 30:000 rezes por anno, em vez de 27:890, que hoje se abatem, e comparando este numero com o das rezes mortas em qualquer dos matadouros de París ou de Ruão, acha-se que a quantidade de agua necessaria no matadouro de Lisboa, não pôde exceder a 53 pipas, para ser proporcionalmente igual, ou antes um pouco superior á exigida naquelles estabelecimentos que nós devemos tomar por modêlos. Ora, sendo a despeza diaria de agua não de dois annos (128 pipas), mas só de 53 pipas, e destas devendo-se subtrahir a quantidade de agua que actualmente se dispênde nas officinas de triparia annexas ao actual matadouro, quantidade que se calcula em 20 pipas, vê-se que a despeza da agua tirada do aqueducto é realmente de 33 pipas diarias, e dividindo esta diminuição na agua do aqueducto pelo numero dos habitantes de Lisboa, vê-se que para cada um haverá um desfalque verdadeiramente insignificante, e que poderá facilmente ser supprida pela compra e introdução no aqueducto de uma quantidade de agua equivalente. Ha pois vantagem, em quanto ao abastecimento de agua seguro, constante, e economico, no local da Cruz do Taboado sobre o Alto do Varejão.

É a classe de opinião que não existe igual vantagem na Cruz do Taboado pelo que respeita ao escoamento das aguas, porque este se pôde fazer por meio mais seguro e prompto no Alto do Varejão, por causa da sua maior proximidade do rio, do mais rapido declive que se pôde dar aos canos, e da sua posição fóra inteiramente do povoado. Os inconvenientes, porém, que para o escoamento das aguas apresenta a Cruz do Taboado, podem minorar-se muito, e até fazer-se desaparecer de todo, por uma boa construcção de canos até ao Tejo, ou até um cano geral de tal grandeza, declive, e desintupimento, que

as aguas do matadouro não possam encontrar, até se perderem no Tejo, nenhum impedimento ao seu curso; e pela collocação, á entrada dos canos no matadouro, de redes metallicas que não deixem passar fragmentos de materia solida, pelo mesmo modo por que essas redes se acham dispostas no matadouro de Ruão.

As rasões que rapidamente ficam expostas, e as considerações economicas apresentadas no officio da Camara Municipal, de que a 1.ª classe da Academia tomou conhecimento, e que ella não pôde deixar de attender, apesar dessas considerações serem estranhas á parte propriamente hygienica da questão, sobre a qual a classe principalmente desejava consultar, levaram esta a votar, que, apesar de algumas condições parecerem mais vantajosas para a construcção do matadouro no Alto do Varejão, a classe entendia que a Camara Municipal devia dar preferencia á Cruz do Taboado.

Como se vê pelo que fica exposto, a 1.ª classe, obrigada a escolher entre os dois locaes, Alto do Varejão e Cruz do Taboado, optou por este ultimo, mas não incondicionalmente. Para a construcção do matadouro no logar preferido pela Camara Municipal não ter inconvenientes, é preciso:

1.º Que a sua construcção seja igual á dos melhores matadouros modernamente edificados.

2.º Que no esgotamento das aguas haja o maior cuidado, para que elle se faça rapida e perfeitamente, e sem que as exhalções dos canos possam espalhar-se pela atmosphaera da cidade, e, sobre tudo, introduzir-se, pelas ramificações dos canos geraes actualmente existentes, nas casas e estabelecimentos particulares.

3.º Que o matadouro seja edificado a uma distancia tal das habitações, que nestas se não possa sentir o mau cheiro que no estabelecimento se pôde desenvolver, quando haja incuria da administração.

4.º A classe julga tambem dever recommendar com instancia, que o esgotamento das aguas do futuro matadouro, a ser elle construido na Cruz do Taboado, se faça de modo que se evite toda a possibilidade de infiltrações, que possam chegar ao aqueducto das aguas livres; convindo por isso edificar o matadouro a alguma distancia desse importante encanamento das aguas.

Antes de terminar esta rapida exposição das suas idéas sobre o assumpto em que foi consultada, a Academia pede muito respeitosa-mente a Vossa Magestade licença para lembrar a grande conveniencia, o muito proveito que so poderia colher de mandar a Camara Municipal de Lisboa, antes de tomar resolução alguma definitiva para a

execução do importante projecto de construir um matadouro, uma pessoa já instruída nesta materia e nestas discussões a Paris, a Ruão, a Bruxellas, e mesmo a Londres, para que examinando ali tudo que tem connexão com os estabelecimentos desta ordem, possa depois dar sobre todos elles os esclarecimentos e informações que por qualquer outro modo, que não seja este que a Academia indica, só se obtêm muito duvidosa e incompletamente.

Questões destas, em que interessa uma cidade tão populosa e importante como Lisboa, só com pleno conhecimento se devem decidir; e esse conhecimento completo não se póde colher dos livros unicamente. A Academia recommenda com muita instancia á Camara Municipal de Lisboa, que não poupe esforços nem despezas para que a construcção do novo matadouro seja perfeita, e a sua administração igual á dos melhores estabelecimentos deste genero. Só uma boa construcção e uma administração regular podem tirar aos matadouros todos os inconvenientes de que os hygienistas os têm accusado: inconvenientes que no estado actual da industria não devem nem podem ser tolerados, e que seria vergonhoso encontrar em um matadouro construido hoje. A Academia tem tal confiança no bom juizo, no zêlo e probidade da Camara Municipal de Lisboa, que não duvida um instante de que os seus conselhos hão de ser attendidos, e seguidos em tudo que nelles houver de justo e de util.



INDICE DAS MATERIAS

QUE SE CONTEM NO TOMO 2.^o PARTE 1.^a DA NOVA SERIE DAS MEMÓRIAS
DA CLASSE DE SCIENCIAS MATHEMATICAS, PHYSICAS E NATURAES
DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

HISTORIA DA ACADEMIA.

Elogio Historico do Socio effectivo Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, recitado na Sessão Publica de 19 de Novembro de 1856 pelo Socio effectivo Julio Maximo de Oliveira Pimentel.

Noticia da vida e trabalhos scientificos do Medico Bernardino Antonio Gomes, pelo Socio Emerito Bernardino Antonio Gomes.

MEMORIAS DOS SOCIOS.

Nota sobre a applicação do Subazotato de Bismutho em alta dóse, pelo Dr. Francisco Antonio Barral, Socio effectivo.

Discussão dos caracteres distinctivos da familia das Paronychiaceas; classificação, e diagnose dos generos que a compõem, pelo Socio effectivo Isidoro Emilio Baptista.

Memoria sobre a produção do sulphato de soda no volcão da Ilha do Fogo no Archipelago de Cabo Verde, pelo Socio effectivo Julio Maximo de Oliveira Pimentel.

Memoria sobre a Cabra-montez da Serra do Gerez, pelo Socio José Vicente Barbosa du Bocage.

Memoria Academica. — Algumas considerações ácêra das restricções, a que é necessario suguitar a cultura do arroz em Portugal para conciliar o maximo proveito d'esta industria agricola com o menor risco possivel da saude dos povos. Lida nas sessões da primeira classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e mandadas im-

primir em 8 de Janeiro de 1856. Pelo Dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão, Socio effectivo da mesma Academia.

Reconhecimento geologico e hydrologico dos terrenos das visinhanças de Lisboa com relação ao abastecimento das aguas d'esta Cidade, pelo Socio effectivo Carlos Ribeiro.

Memoria sobre a Epiconomia ou molestia geral das videiras, pelo Visconde de Villariinho de S. Romão, Socio da Academia.

Informe sobre la mineria de la Provincia de Málaga em 1848 y noticias geologicas de su suelo. Por el Ingeniero 1.º del Cuerpo de Minas D. José de Aldama, Socio Correspondente Estrangeiro.

Parceer da commissão composta dos Socios effectivos os Drs. Francisco Antonio Barral, Bernardino Antonio Gomes, e Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão sobre a escolha do melhor local para um matadouro em Lisboa.

4 MAY 1889

